Instituto Geogr. e Hist. do Amazonas
Offerta da Snr.ª Zinah M. de Souza.
26-7-1938.
CX. 34

Relatorio

DA

Directoria da Instrucção Publica

APRESENTADO

AO EX.mo SR.

MAJOR PEDRO FREIRE

SECRETARIO DOS NEGOCIOS DO INTERIOR

POR

Francisco Antonio Monteiro

Director geral da Instrucção Publica

AMAZONAS

Directoria Geral da Instrucção Publica, Manáos, 30 de maio de 1899.

Cidadão Secretario dos Negocios do Interior:

Na vossa circular de 3 de fevereiro do anno corrente me pedistes um relatorio circumstanciado da repartição a meu cargo.

Venho, hoje, depor nas vossas mãos esse trabalho, pelo qual ficareis sciente do estado geral do ensino publico e particular do Amazonas, no periodo decorrido de 1 de outubro ultimo passado a 31 de março do presente. Commissionado por S. Ex.ª o Snr. Governador, conforme me communicastes em officio sob o n.º 61, de julho, para na Europa — fazer alguns estudos necessarios a uma reforma no ensino escolar, de modo a eleval-o ao seu maior grau de desenvolvimento e proveito —, deixei a Directoria Geral, quando já se achavam terminados os trabalhos escolares, e, para cumprir a missão com que espontaneamente me honrara S. Ex.ª, tomei passagem, com destino a Lisboa, no paquete *Ré Umberto*, na sua viagem de 23 do mesmo mez.

Infelizmente não poude ser completo o desempenho da minha commissão tive de ceder a motivos imperiosos, imprevistos, independentes de minha vontade.

Estive em Portugal e em França, não me sendo possivel ir á Italia e á Suissa por se terem aggravado os meus incommodos de saude. Prohibido de supportar a acção de baixas temperaturas e attendendo a conselhos medicos regressei ao se fazerem sentir as primeiras manifestações da estação invernosa. Cheguei a esta Capital a 6 de dezembro e a 11 reassumi a Direcção Geral da Instrucção Publica.

A unica importancia que se fez mister e de que lancei mão por conta do Estado, para occorrer ás despezas d'esta incompleta commissão, foi a de dois mil francos, recebidos em um cheque que me remetteu o Snr. Aw. Gustavo Gavotti

No pouco tempo, porem, que me foi dado estar no extrangeiro, vi, observei e estudei o modo por que lá está estabelecida e ministrada a instrucção primaria.

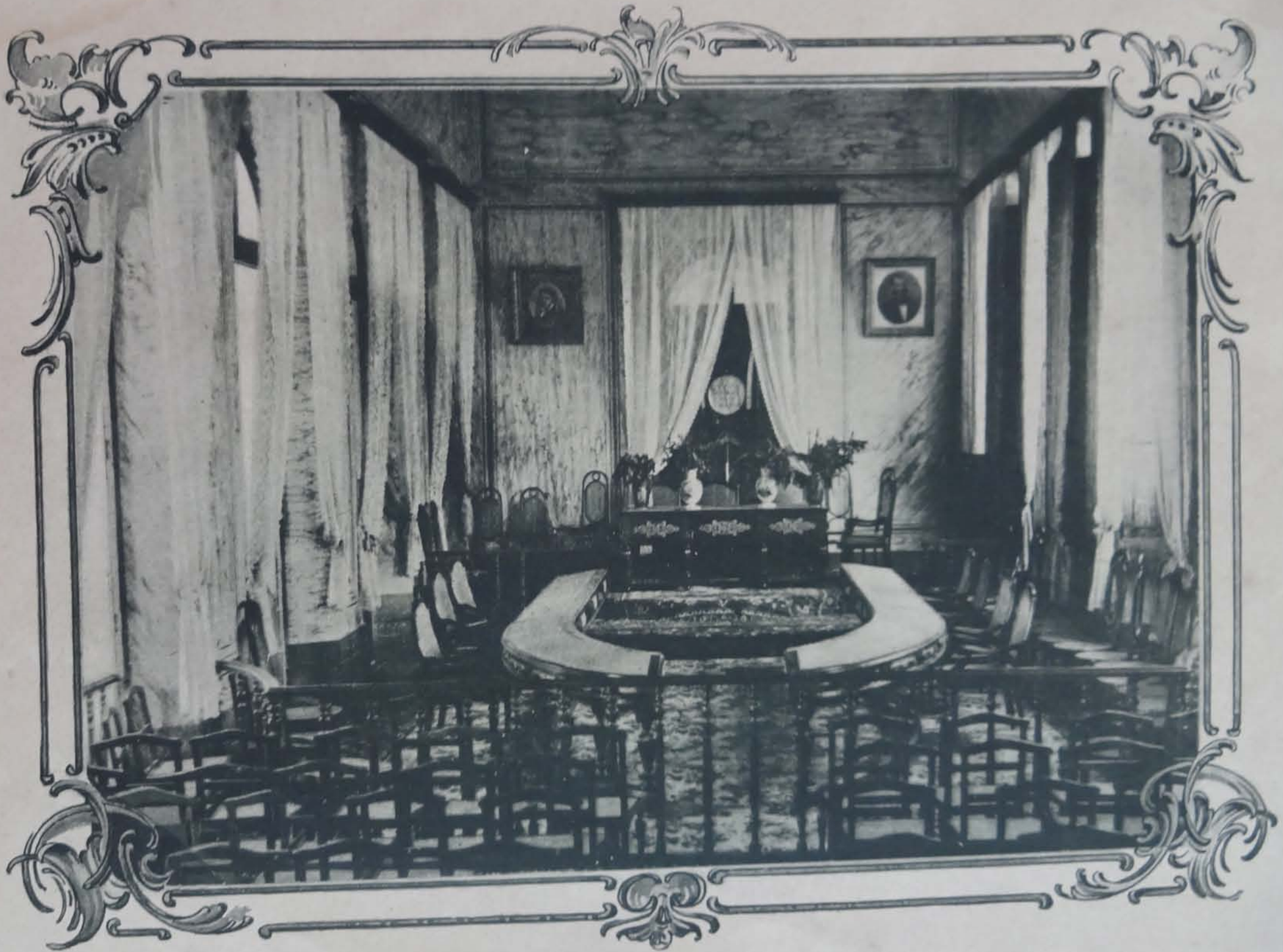
No trabalho que ora vos apresento vereis quaes as medidas e reformas que me parecem proveitosas ao melhoramento do ensino.

As necessidades pedagogicas mais salientes, essas medidas e reformas que tenho a honra de submetter á apreciação da vossa esclarecida intelligencia, são aconselhadas não só pela observação e minucioso exame nos resultados praticos da applicação da lei vigente, reguladora do ensino, em nosso meio escolar, como tambem pelo rapido estudo feito a respeito do que vantajoso e util vae sendo alcançado com a organisação pedagogica do ensino primario n'aquelles paizes.

Sem descer a todas as minudencias e descripções impertinentes e de nenhuma utilidade para o fim almejado, fallo d'essa organisação somente nas suas partes mais importantes e essenciaes.

Assim, a explanação da organisação das escolas de ensino primario, em Portugal e em França, constitue a primeira parte do relatorio.

Na segunda, me occupo do estado actual do ensino publico e particular do Amazonas e, na ultima, do que se faz preciso em favor do desenvolvimento d'este importante ramo de serviço a cargo do Estado.



SALÃO DA CONGREGAÇÃO DO GYMNASIO AMAZONENSE

GYMNASIO AMAZONENSE

Parte I

Organisação das escolas do ensino primario em Portugal e em França

PORTUGAL

O decreto organico de 22 de dezembro de 1894, approvado pelas Côrtes e convertido na lei de 18 de março de 1897, contem as disposições que regem actualmente a instrucção primaria até então entregue ás municipalidades.

Por este decreto centralisador, passou para o Ministerio dos Negocios do Reino a administração directa d'este serviço, ficando as camaras municipaes com a obrigação de concorrerem em grande escala para a manutenção do que inteira e completamente é dirigido pelo Estado.

E tanto é assim que, segundo o resumo do fundo de instrucção primaria para o exercicio de 1898-1899, no orçamento d'esse ministerio, verifica-se que as camaras municipaes despenderão no referido exercicio 1.058:560$083 reis, emquanto que ao Estado ficará o pequeno encargo de 230:249$277 reis.

D'entre os homens que se interessam pela elevação da cultura mental do povo portuguez, muitos ha que garantem não ser possivel um parallelismo entre o actual serviço de instrucção primaria com o que tivera logar no chamado — periodo aureo escolar —, no tempo em que o ensino esteve descentralisado.

J. Simões Dias, distincto professor do Lyceu de Lisboa, um dos mais decididos criticos do mencionado decreto, referindo-se a esse decreto diz:

"A analyse d'esse documento, baseado no principio da centralisação, demonstra a toda a evidencia que em vez de se ampliar o numero das conquistas liberaes, obtidas para a escola primaria, quasi todas se perderam; que sob o pre

texto da mais apertada fiscalisação e da mais seria e efficaz assistencia, por parte do Estado, ficaram annulladas muitas vantagens concedidas por leis anteriores tanto á escola como aos seus agentes; e que, em resumo, a legislação actual em vez de significar um progresso, representa, pelo contrario, um calamitoso retrocesso se a compararmos com as leis que desdê 1835 a 1878 se fizeram para a instrucção primaria."

A critica do illustre professor não é até certo ponto descabida e apaixonada.

Os professores publicos primarios, portuguezes, incontestavelmente na sua maioria cheios de competencia pedagogica e de zelo no cumprimento de seus deveres se não peioraram de condições, pode-se tambem affirmar que não melhoraram.

Estavam mais ou menos satisfeitos com as vantagens economicas que lhes dera o antigo regulamento e sentiam-se tranquillos nos seus cargos. Já em 1891 o professor brazileiro, Luiz A. dos Reis, commissionado por Benjamin Constant, para estudar a instrucção primaria na Europa, dizia com criterio em seu relatorio, referindo-se ao professorado de Lisboa e do Porto:

"As suas condições melhoraram muito, segundo elles mesmos me affirmaram, depois que o ensino primario foi confiado á municipalidade, pois até então a politica influia sobre o animo do professor e sobre as escolas de uma forma altamente perniciosa.

"O que seria para nós, brasileiros, uma verdadeira infelicidade, um verdadeiro desastre—a entrega do ensino primario ás municipalidades, attentas as condições de vida d'essas corporações, que todos nós conhecemos, teem sido para aquelles professores um melhoramento á sua posição pecuniaria e á sua posição social."

A nova organisação do serviço de instrucção primaria creou como auxiliares immediatos da Directoria Geral os commissariados da instrucção primaria.

Presentemente existem 21 commissariados distribuidos em diversos Concelhos e assim constituidos:

1 Commissario (o reitor do Lyceu);

1 Chefe da Secretaria;

1 Amanuense.

A antiga inspecção permanente, feita por visitadores escolares, foi substituida pela inspecção extraordinaria casual.

Somente as escolas de Lisboa estão sujeitas a uma inspecção permanente feita por alguns officiaes do exercito que já eram visitadores e continuam a exercer as mesmas funcções.

Dois factores importantissimos, se não principaes, concorrem para tornar proveitoso o desenvolvimento racional, logico, scientifico da cultura elementar de um povo:—o professor primario e a fiscalisação escolar.

Desde que estes dois factores não são perfeitos, suas funcções são viciosas e os resultados se não são nullos deixam de satisfazer ao *desideratum* que se procura realisar.

O professor mal remunerado não pode ser um bom professor desde que se vê na contingencia de se distrahir da escola para agenciar os meios com que possa viver mais desembaraçadamente.

A inspecção escolar que não é feita com assiduidade e competencia technica, a qual não se adquire com a leitura de livros e sim na pratica da boa execução, deixa de ser inspecção.

* * *

O ensino elementar em Portugal foi regulamentado em 18 de junho de 1880 e acha-se dividido em:

a) Ensino elementar;
b) Ensino complementar;
c) Ensino normal.

As escolas estão classificadas em parochiaes e centraes.

Ensino elementar

O ensino elementar é dado em dois graus: o do 1.º grau em tres classes e o do 2.º grau em quatro.

Ministra-se em escolas centraes; em escolas de um só professor; em cursos nocturnos; em cursos dominicaes; em cursos temporarios ou escolas moveis; finalmente, em escolas infantis.

A instrucção elementar do 1.º grau é obrigatoria para todas as creanças de um e outro sexo desde os 6 aos 12 annos.

Nas escolas centraes ha 4 classes ascendentes: as 3 primeiras para o ensino elementar do 1.º grau e a 4.ª para o do 2.º.

Podem ser regidas por dois, tres e quatro professores.

Cada classe ou grupo de classes regidas por um professor funcciona em sala propria.

Nas escolas de quatro professores cada um tem a seu cargo a regencia de uma das quatro classes; nas de tres, um d'elles rege a 1.ª classe, outro a 2.ª e 3.ª, e outro a 4.ª; nas de dois, um se encarrega da 1.ª e 2.ª, e o outro da 3.ª e 4.ª.

Podem os professores ter ajudantes ou monitores; e no caso dos alumnos de uma classe serem em numero elevado de modo a tornar-se impossivel accommodal-os n'uma só sala, desdobra-se a classe em outras parallelas ou ascendentes.

Estas novas classes ficam com a mesma denominação d'aquellas de que provêm.

Se o edificio não comportar o numero de escolares, são estes divididos em dois turnos, leccionados em duas sessões diarias de 3 horas cada uma. Uma commissão composta de professores de escolas centraes, designados pelo commissario, divide pelas 4 classes as disciplinas do programma.

Os modos, methodos e processos de ensino são da livre escolha do professor e as horas dos exercicios escolares são designadas pelo commissario sob proposta dos professores, segundo convem melhor ás condições especiaes da localidade a que a escola pertence.

Estas escolas funccionam sob a fiscalisação de um dos professores, o qual é considerado regente ou professor proprietario com a obrigação de visitar as classes dirigidas pelos outros professores, sem prejuizo das suas obrigações, visar os mappas de frequencia de cada classe, propor ao commissario as providencias que julgar convenientes, distribuir e dirigir os serviços do pessoal menor (porteiros, serventes).

Escolas de um só professor. — Como nas escolas centraes, as de um só professor podem trabalhar com quatro classes e estão sujeitas ao mesmo regimen d'aquellas, na parte referente ao desdobramento das classes e exercicios pedagogicos.

As do sexo masculino são regidas por professores ou professoras, as do sexo feminino e as mixtas por professoras.

Quando, porem, as do sexo masculino são convertidas em mixtas podem n'ellas continuar os professores desde que tenham na sua familia uma senhora habilitada para o magisterio, a quem seja entregue a educação dos mesmos e o ensino dos trabalhos de agulha e de lavor. N'estas escolas ha separação dos sexos.

Cursos nocturnos. — N'estes cursos são ministradas a adultos e a rapazes de mais de 12 annos as disciplinas do ensino elementar. Estabelecidas, nas escolas centraes ou de um só professor são, em Lisboa, regidas pelos regentes, nas centraes; e pelos respectivos professores diurnos, nas de um só professor. O tempo lectivo para estes cursos principia em outubro e finda em abril, salvo em casos excepcionaes.

A duração dos trabalhos é de 2 horas por noite.

Cursos dominicaes. — São destinados para o sexo feminino. As aulas são dadas aos domingos e dias santificados.

Cursos temporarios ou escolas moveis. — Estes cursos realisam-se no periodo de cem dias uteis para cada freguezia ou grupo de freguezias.

A sua abertura faz-se na epoca do anno de mais conveniencia á população d'essas localidades e comprehendem o ensino da leitura, da escripta, da doutrina christã e das quatro operações fundamentaes da arithmetica, de accordo com o programma do ensino do 1.º grau.

Obedecendo ás condições especiaes da localidade podem funccionar de dia e á noite.

Escolas infantis. — N'estas casas de educação infantil dão entrada as creanças de 3 a 6 annos, de um e outro sexo.

Em cada escola ha uma professora e tantos monitores quantos forem os grupos de vinte creanças, com frequencia regular, e mais um porteiro e serventes.

O mobiliario e material de ensino obedecem ao fim a que se destinam estas escolas.

Pelo art. 89.º do regulamento em vigor, o programma comprehende:

a) Cuidados com o asseio, a saude e tudo que respeite ao bem estar da creança na escola;

b) Exercicios de linguagem, lições sobre objectos, contos e narrações apropriadas á intelligencia das creanças, e que sirvam, quanto possivel, á sua educação intellectual e moral;

c) Exercicios de canto, jogos, brinquedos, entretenimentos instructivos ou simplesmente de recreio, exercicios physicos aconselhados pela hygiene e que satisfaçam á necessidade do movimento das creanças, etc.

O pessoal docente é provido por concurso.

Os programmas do ensino elementar são destinados a indicar simplesmente a ordem, a extensão e intensidade que se deve dar ao ensino de cada uma das disciplinas dos respectivos cursos.

O 1.º grau comprehende: leitura, escripta, operações fundamentaes de arithmetica e noções de systema legal de pesos e medidas, desenho, doutrina christã e moral, trabalhos manuaes e gymnastica.

O 2.º grau comprehende as primeiras materias do 1.º, ensinadas com as ampliações necessarias para o desenvolvimento gradual dos alumnos e mais elementos de chronologia, de geographia e de historia patria e geometria elementar.

Ensino complementar

Este curso completa-se em dois annos e é feito nas escolas chamadas complementares de um e outro sexo, creadas nas sédes dos lyceus e nas cidades e povoações que tenham mais de 4.000 almas, e seu pessoal em regra é constituido por um professor ou professora e um ajudante.

As disciplinas que formam o plano de estudo são as seguintes:

a) Lingua portugueza: exercicios desenvolvidos de escripta, redacção, leitura e recitação;

b) Arithmetica e geometria elementares e suas applicações; noções de contabilidade e escripturação;

c) Moral, direitos e deveres dos cidadãos, e noções de economia;

d) Noções de physica e chimica e de historia natural, applicaveis á agricultura, á industria e á hygiene;

e) Chronologia, geographia, historia patria e historia sagrada;

f) Desenho linear e de ornato, calligraphia;

g) Gymnastica e musica;

h) Lavores para o sexo feminino.

elementares, só podem matricular-se os alumnos approvados em exame de instrucção primaria elementar do 2.º grau.

N'ellas tambem se acham estabelecidos os cursos de habilitação para o magisterio primario.

Para estes cursos, feitos em dois annos de conformidade com os programmas do ensino complementar, haverá um pessoal docente composto de um professor de pedagogia, que será o director da Escola; de tres professores de ensino complementar e de um do ensino elementar.

Escolas normaes

Na forma do art. 23.º, as escolas normaes têm por fim instruir e educar professores tanto para o 1.º e 2.º graus, como para o ensino complementar e podem ser estabelecidas com internatos ou sem elles.

O seu pessoal docente é de:

1.º Quatro professores ou professoras effectivos;

2.º Tres professores ou professoras auxiliares;

3.º Dois professores ou professoras especiaes para o ensino de musica, canto choral, lavores e gymnastica.

Dois são os cursos ministrados n'estes estabelecimentos: um de 2 annos para habilitação de professores de ensino elementar; outro de 3 annos para os de ensino complementar.

O plano de estudos d'estes estabelecimentos é o seguinte:

a) Portuguez e noções de litteratura portugueza.

b) Arithmetica, noções de geometria elementar e suas applicações mais usuaes; escripturação commercial e industrial;

c) Geographia, chronologia e historia;

d) Moral; direitos e deveres dos cidadãos, noções de economia;

e) Pedagogia e legislação relativa ás escolas primarias;

f) Noções de physica, de chimica e de historia natural, e suas applicações á agricultura e á hygiene;

g) Lingua franceza;

h) Canto choral;

i) Trabalhos de agulha e lavores (para o sexo feminino);

j) Gymnastica.

Em cada uma das escolas normaes haverá uma escola annexa para a pratica dos methodos e processos pedagogicos, regida por um professor ou professora elementar.

As escolas normaes admittem duas classes de alumnos: pensionistas e não pensionistas.

A admissão d'aquelles faz-se mediante concurso de provas praticas, que consiste em um exame superior ao de admissão nos lyceus; segundo a classificação feita pelo jury, elles ficam com direito a 7$000 reis mensaes, livres e isentos de

Os não pensionistas são obrigados ao pagamento de propinas de abertura e encerramento de matricula e ao de emolumentos pelos diplomas.

O pessoal administrativo resume-se em um director, um secretario e um bibliothecario; e o pessoal menor em um porteiro e dois serventes.

*

* *

Não se pode avaliar bem a nova organisação do ensino primario, em Portugal, nos seus effeitos e resultados praticos por não haver sido executada a lei em todas as suas partes.

Uma das principaes condições para o bom funccionamento da escola é o predio escolar, com todas as accommodações necessarias para os exercicios das classes, que devem ser feitas de accordo com os conselhos da boa pedagogia e da hygieniense escolar.

Em Portugal as escolas, em sua grande maioria, funccionam em predios particulares, arrendados pelo Governo. Na propria capital do Reino, 11 escolas centraes e 47 parochiaes estão installadas em predios particulares, muitas das quaes sem ar e sem luz, mal comportam as classes.

Alem das casas escolares adquiridas com os 144 contos de reis deixados para este fim pelo Conde de Ferreira, são em pequeno numero os predios do Estado destinados ao serviço da instrucção primaria.

Houve, recentemente, um concurso de projectos para edificios escolares. O premio offerecido foi de 750$000 reis. Creio que devido á insignificancia do premio apresentou-se um unico concorrente.

E' realmente para lamentar, dizia a imprensa local, que os architectos e engenheiros portuguezes não fossem mais solicitos em interpretar o lucido programma elaborado pela Associação dos Engenheiros; com superior criterio, e só podemos attribuir o facto á mesquinhez dos premios, na verdade pouco compensadores.

O unico concorrente que appareceu apresentou trabalhos completos comprehendendo alçadas, plantas, córtes e detalhes de varios typos de escolas e quarenta orçamentos, relacionando esses typos com as principaes localidades do Reino e ilhas adjacentes. Um jury composto do director geral de Instrucção Publica, do inspector de edificios publicos, do presidente da Associação dos Engenheiros Civis, do lente de architectura da Escola do Exercito, do professor de architectura de Bellas Artes e do lente de hygiene da Escola Medica de Lisboa, tinha de julgar o referido projecto.

Até ao momento em que me retirei de Lisboa nada havia sido resolvido sobre o assumpto.

Os exames de instrucção primaria revelam por sua vez que a escola ainda se resente da acção prejudicialissima da rotina, que continua a embaraçar os pro-

cessos intuitivos empregados como instrumentos racionaes na cultura da intelligencia da infancia.

Assisti a alguns d'esses exames realisados no Lyceu, feitos pelos alumnos do ensino elementar do 2.º grau, das escolas publicas e particulares de Lisboa, perante os jurys organisados pelo modo estabelecido no regulamento.

Estes jurys são compostos de dois professores officiaes de instrucção primaria, de um professor official de instrucção secundaria ou de instituto de ensino especial dependente do Ministerio do Reino.

As provas a que ficam sujeitos os examinandos são escriptas e oraes. As primeiras precedem as segundas e constam de:

a) Dictado de um trecho até 10 linhas;

b) Pratica de uma multiplicação ou divisão de numeros inteiros e decimaes;

c) Copia em papel quadriculado ou ponteado de uma das figuras dos exemplares adoptados para o ensino do desenho.

As provas oraes resumem-se em:

a) Leitura em voz alta de um trecho do livro adoptado para os exercicios de leitura na 4.ª classe;

b) Exercicios praticos de analyse, dentro do respectivo programma;

c) Exercicios praticos no quadro preto e interrogatorio sobre arithmetica, geometria, systema metrico, chronologia, geographia e historia patria, acompanhado de indicações no mappa de Portugal ou nos quadros adoptados para o ensino d'estas materias.

Estas instrucções regulamentares provam que o fim do legislador outro não foi senão o de substituir o abuso do exclusivo cultivo da memoria pelos processos intuitivos.

Mais de dois mil alumnos de um e outro sexo fizeram exames no lyceu Central e muitos talvez não poderam produzir provas publicas de suas habilitações nas materias do 2.º grau, por falta de recursos pecuniarios.

Apezar da instrucção elementar ser gratuita, os alumnos que terminam o curriculo escolar ficam obrigados aos pagamentos de papel sellado e propina, no valor de 2$700 reis se desejam submetter-se ás provas de habilitação para poderem obter a carta de exame primario.

Terminados esses exames, sobre o valor delles manifestou-se a imprensa lisbonense.

Em 26 de agosto, por exemplo, *O Seculo*, em suas columnas de honra, deu publicidade a um artigo sob a epigraphe "Exames de instrucção primaria", no qual, apreciando-os, na sua forma e resultados, fez severa critica:

"São pasmosas as revelações que nos trazem os exames de instrucção primaria sobre as imperfeições dos programmas e a inconsciencia com que em geral é feito o ensino.

. . . . . .

"Nos exames, uma creança enfia um trecho de leitura, como um sacerdote uma missa rezada á pressa. Ninguem a entende, nem ella entende o que lê.

"Não ha o indicio de educação de voz, nem de exercicio intellectual sobre o trecho lido.

"Applicação pratica das contas, pouca, muito pouca. Em compensação, porem, as creanças dão brilhantemente uns saltos mortaes das medidas de peso para as de capacidade, e dizem coisas transcendentes sobre o mechanismo da numeração.

"Sabem muito bem traçar um rectangulo; mas, se lhes perguntarem qual é a forma geometrica de uma porta, ficam caladas, ou são capazes de dizer que é a de uma esphera."

São os fructos da rotina; mas, manda a justiça que se diga haver em Lisboa algumas escolas dignas de serem apreciadas sob o ponto de vista da pedagogia moderna.

Dentre estas destaco duas que durante muitas horas vi funccionar, quando tive a honra de receber minuciosas informações e ser acompanhado nas visitas ás escolas por um dos mais illustrados professores do Lyceu Central, o Ex.mo Snr. Caetano Pinto, digno secretario geral do Commissariado de Lisboa.

Refiro-me a duas escolas centraes, uma n.º 6 e outra n.º 9; aquella do sexo masculino sob a direcção do illustre professor normalista Luiz Propicio da Silva Sampaio; esta sob a da Ex.ma Snr.a D. Felismina Machado, professora tambem diplomada pela Escola Normal.

Em ambas haviam cinco classes, desde a elementar do 1.º grau até a superior do 2.º.

Cada uma das classes se achava a cargo de um professor ou professora.

Ordem, asseio, boa disciplina e applicação de excellentes methodos de ensino foi o que encontrei e vi n'estes dois estabelecimentos que attestam incontestavelmente o preparo profissional e zelo dos preceptores que n'elles funccionam.

Em poucas escolas ha exercicios de gymnastica e os trabalhos manuaes, pode-se affirmar, acham-se ausentes das escolas, em sua totalidade.

Das escolas infantis de que falla o regulamento, existe apenas uma, a Escola Frœbel, situada no bello e aprazivel Jardim da Estrella.

O edificio é elegante, confortavel e moderno, apropriado ao meio physico.

No tempo em que o ensino esteve descentralisado, esta escola infantil foi julgada superior ás congeneres da Hespanha, da França e da Belgica.

Em 1890 a frequencia d'essa escola foi de 218 alumnos, e, alem da directora, que era e continua a ser a Ex.ma Snr.a D. Carlota Sophia de Brito Freire, formavam o corpo docente quatro professoras, uma professora substituta, um professor de canto choral e quatro jardineiras. Havia tambem uma vigilante, um porteiro e uma servente.

Infelizmente, encontrei a Escola Frœbel, do jardim da Estrella, em decadencia. A matricula, até ao momento em que o estabelecimento foi por mim visitado, era de 18 alumnos, e o pessoal docente constava d'aquella professora e de uma adjunta.

A mobilia frœbeliana já estava bastante usada e as collecções eram muito reduzidas e incompletas.

Assisti a algums exercicios dirigidos pela distincta directora; e, não posso

deixar de confessar que, vendo-os, comparando-os, tive saudades da classe infantil do Instituto Benjamin Constant, do Amazonas.

Quatro escolas normaes existem actualmente, para um e outro sexo: duas em Lisboa e duas no Porto. Estas estão organizadas sob preceitos modernos, necessarios aos estabelecimentos destinados á educação e instrucção do professor primario.

Sem vantagem e dispensavel me parece uma analyse, aqui, sobre o plano de estudos d'estas escolas normaes e das districtaes, onde se faz a habilitação para o magisterio elementar.

Antes de terminar esta resenha sobre a instrucção primaria de Portugal, cumpre-me dizer que um facto importante se está dando n'este paiz, qual o da iniciativa particular em favor da instrucção gratuita da infancia portugueza.

Associações formam-se, pode-se dizer todos os dias, para proteger a infancia contra os males da ignorancia.

Este modo de proceder do povo portuguez é digno e louvavel. Officialmente sabe-se que a população do Reino é 5.049:729 e que os analphabetos alcançam a elevada cifra de 4.000:957. Deante d'esta estatistica, comprehende-se que não é bastante somente a acção do Governo para melhorar o desenvolvimento intellectual e moral d'aquelle povo, é preciso o concurso dos capazes, dos competentes; por isso digo ser digno e louvavel o procedimento dos que se associam, já sob a denominação de "Escolas moveis pelo methodo de João de Deus", já sob a de "Instituto de 19 de Setembro", já, finalmente, sob a de muitas outras, com o patriotico e humanitario fim de abrir escolas.

FRANÇA

Em poucas palavras direi o que seja n'estes ultimos tempos a organisação do ensino primario em França.

Não farei certamente o historico da evolução patriotica porque ha passado este serviço nacional; nem repetirei o que se sabe haver feito a favor d'ella Jules Simon, Jules Ferry, Paul Bert, Spuller, Gréard, Buisson e tantos outros que souberam e sabem honrar a sua patria, devotando-se de corpo e alma á causa da instrucção do povo.

O moderno ensino primario da França, resultado de porfiado trabalho produzido n'estes ultimos dezoito annos, pode e deve ter alguns defeitos, que nenhuma reforma de instrucção publica fica isenta de falhas e até de erros.

"Alguns acreditam que a obra do ensino primario n'este paiz está feita e perfeita.

"Tem havido grandes esforços, grandes sacrificios e grandes progressos; cego o que negasse e culpavel o que lamentasse.

"Mas resta uma parte da tarefa, muito grande, muito difficil, a mais difficil de todas a concluir, e eu deveria dizer a emprehender e a resolver seriamente; é a obra moral."

Foram estas as primeiras palavras que Mr. Spuller, ministro da Instrucção Publica, dirigiu aos delegados do ensino primario, na recepção de 30 de dezembro de 1893.

Referia-se á educação civica feita nas escolas e por isto aos mestres e mestras elle disse:

"Se alguem em França pode ter a nobre ambição d'essa especie de *magistratura de costumes*, que não pode ficar vacante em uma grande democracia, sois vós que o deveis pretender, educadores leigos, mensageiros e apostolos da educação nacional."

As novas leis de reorganisação da instrucção primaria, não se pode contestar, visaram o desenvolvimento physico, moral e intellectual da creança, dando-lhe uma educação methodica, desde a escola maternal até á escola primaria superior; procuraram dar na escola moderna os conhecimentos indispensaveis para que os futuros cidadãos saibam desempenhar os seus deveres e exercer os seus direitos; occuparam-se seriamente do melhoramento das condições de vida, moral, economica e social do professorado.

D'ahi, os cuidados scientificos aconselhados para as construcções escolares; novos planos de estudos e engenhosos programmas para as escolas maternaes, infantis, primarias e normaes; e, a par de uma administração competente, a mais severa e cuidadosa fiscalisação.

Da administração e inspecção

A inspecção do ensino primario publico e particular acha-se a cargo dos inspectores geraes de instrucção publica, dos reitores e inspectores de academia, dos inspectores do ensino primario, dos membros do Conselho departamental, finalmente, do *maire* e delegados cantonaes.

O Ministro da Instrucção Publica, grão-mestre da Universidade, é a autoridade superior do ensino.

E' auxiliado por um Conselho superior de instrucção publica, encarregado de dar parecer sobre os programmas, methodos de ensino, regulamentos administrativos e disciplinares referentes ás escolas publicas.

Este Conselho superior tambem funcciona como tribunal superior para decidir sobre materia disciplinar julgada pelos Conselhos departamentaes.

Dividido o paiz em academias ou circumscripções escolares, fica cada uma d'essas academias sob a autoridade de um reitor, que por sua vez é auxiliado por tantos inspectores de academia quantos os departamentos da sua circumscripção.

Estes inspectores têm a incumbencia do que se refere propriamente ao ensino, isto é, methodos, programmas, organisação pedagogica e, mais ainda, a elles incumbe, sob a autoridade do Prefeito, o que concerne á nomeação do pessoal do ensino. Em cada departamento ha um Conselho departamental com attribuições, alem de outras, para:

1.º Fixar o numero dos adjuntos de cada escola;

2.º Determinar a organisação pedagogica das diversas cathegorias de escolas primarias;

3.º Redigir o regimento interno e fiscalisar a applicação dos programmas e methodos das mesmas escolas;

4.º Applicar aos professores as penas legaes da sua competencia.

Em cada departamento a vigilancia das escolas primarias é feita pelo inspector de academia, pelos inspectores de ensino primario, pelo *maire*, pelos delegados cantonaes e pelos inspectores departamentaes.

Especial, porem, é a organisação do serviço no departamento do Sena. Na cidade de Paris ha duas especies de inspecções: uma pedagogica; outra administrativa e financeira.

A inspecção pedagogica está confiada aos inspectores do ensino primario, subordinados ao director municipal, que é o director do ensino primario do departamento; as inspectoras de escolas maternaes; aos inspectores e inspectoras especiaes do ensino de desenho, do ensino de canto, do ensino de gymnastica; a um inspector e um sub-inspector de trabalhos manuaes; finalmente, a uma inspectora de contabilidade e linguas vivas nas escolas do sexo feminino.

A inspecção administrativa e financeira é feita por um inspector principal, (chefe do serviço), por um inspector principal adjunto, encarregado da verificação das despezas escolares; e, mais: cinco inspectores para as escolas do sexo masculino; seis inspectoras para as do sexo feminino e tres inspectores para as escolas maternaes.

O director do ensino primario do Sena é auxiliado por um sub-director e, sob as suas ordens, se exerce a acção administrativa.

Cinco são as repartições que a elle estão subordinadas: Secretariado; primeira repartição (repartição central); segunda, terceira e quarta repartição.

Cada uma d'estas repartições tem uma funcção especial referente quer aos negocios reservados, correspondencias particulares, bibliotheca e museus escolares, organisação material e pedagogica das escolas; quer ao movimento do pessoal docente, aos exames, aos concursos, aos processos e orçamentos, etc.

Em auxilio da municipalidade, representada pelo Prefeito e pelo Conselho municipal de Paris, trabalha em cada um dos 20 districtos, uma commissão formada pelo *maire* e alguns adjuntos.

Tem o *maire* importantissimo papel na fiscalisação, pois a elle, como magistrado local, pertence conhecer os interesses dos seus administrados na escola e communicar á administração central as necessidades do ensino primario, seja para melhorar os trabalhos escolares, seja para pedir a creação de novas escolas, quando as existentes na localidade não bastem; seja, emfim, para transmittir á autoridade competente as queixas formuladas contra os professores.

Cooperando ainda em favor do ensino primario elementar, gratuito e obrigatorio, ha as commissões municipaes escolares e as caixas escolares; aquellas instituidas pela lei de 28 de março de 1882; e estas, pela de 10 de abril de 1867.

*
* *

A lei de 30 de outubro de 1896 sobre a nova organisação do ensino primario determinou que este ramo de instrucção publica continuasse a ter logar nas escolas maternaes e classes infantis; nas escolas primarias elementares; nas classes complementares; nas escolas de ensino primario superior, e nas escolas de aprendizagem de trabalhos manuaes.

Escolas maternaes. — As actuaes escolas maternaes substituem as antigas salas de asylo de Paris, cujas primeiras installações se realisaram em 1829 como uma consagração aos esforços de Madame de Pastoret, presidente que foi, em 1826, do humanitario *comité* de senhoras, destinado a fundar estabelecimentos de caridade para as creanças desvalidas.

Modificando-se pouco a pouco durante um periodo de mais de 60 annos, ellas, as salas de asylo, se transformaram em escola maternal "essa irmã mais nova do Jardim Frœbel", e cujo fim é dar ás creanças de um e de outro sexo a educação de que precisa a primeira idade infantil.

N'estes estabelecimentos as creanças se acham divididas em tres secções, conforme as idades, e em classes distinctas, e ahi recebem o ensino, ministrado de accordo com os respectivos programmas.

A cada escola maternal está annexa uma classe infantil.

Escolas primarias elementares. — O ensino n'estas escolas é dividido em tres cursos:

Curso elementar, curso medio e curso superior.

Pelo art. 10.º da lei actual a duração dos estudos se divide em:

a) Secção infantil: um ou dois annos, segundo a idade das creanças (6 ou 5 annos);

b) Curso elementar: dois annos, creanças de 7 a 9 annos;

c) Curso medio: dois annos, de 9 a 11 annos;

d) Curso superior: dois annos, de 11 a 13 annos.

A forma de ser d'estes tres cursos é obrigatorio em todas as escolas, independente do numero das classes e dos alumnos.

As escolas podem ter desde uma até seis classes. O numero dos alumnos em cada classe não pode ser superior a 50 para as classes do curso elementar, 45 para as do curso medio e 40 para as do curso superior.

Nas escolas de dois professores, um encarregar-se-á dos cursos medio e superior e o outro do curso elementar; nas de tres professores cada curso forma classe distincta; nas de quatro professores o curso elementar consta de duas classes e os outros dois de uma classe cada um; nas de 5 professores o curso elementar é feito em duas classes e bem assim o medio; o superior, em uma; nas de seis professores a cada curso devem corresponder duas classes.

A divisão dos cursos, tal como se acha feita, não é nova em França; já em 1868 Mr. Gréard a estabelecia como natural, tendo em vista o desenvolvimento intellectual que pode adquirir a creança e o seu normal desenvolvimento physico.

A passagem brusca das escolas maternaes para a escola primaria foi a causa principal de se crear classes infantis annexas a esses estabelecimentos, escolas infantis propriamente ditas, e, ultimamente, secções infantis nas escolas primarias elementares.

Obedecendo ao fim da escola elementar o plano de estudos, os programmas de ensino, o emprego do tempo, tudo foi intelligentemente preparado e previsto a fim de que a organisação escolar seja mais ou menos perfeita.

Julgo importantes os programmas de ensino das escolas primarias elementares, cuja synthese abaixo se segue.

I

Educação Physica

FIM E METHODO

A educação physica tem um duplo fim:

Por um lado fortalecer o corpo, vigorar o temperamento da creança, collocal-a nas condições hygienicas mais favoraveis ao seu desenvolvimento physico.

Por outro lado, dar-lhe logo nos primeiros annos de sua vida, o geito, a agilidade, a destreza, a promptidão e segurança de movimentos tão necessarios aos alumnos das escolas primarias, destinadas, em sua maioria, para trabalhos e profissões manuaes.

A escola primaria, sem se transformar em officina, sem perder o seu caracter de estabelecimento de educação, pode e deve fazer exercicios de força proprios para dispor e preparar os rapazes para os futuros trabalhos de operarios e de soldados, e as meninas para os cuidados domesticos e para os trabalhos proprios de mulheres.

SEGUNDO METHODO

Os exercicios de corpo distrahem ao mesmo tempo dos trabalhos escolares das lições, e é facil obter que os alumnos sejam attrahidos para elles e os considerem um verdadeiro recreio.

Os exercicios de trabalhos manuaes para os alumnos dividem-se em dois grupos: o primeiro consta de diversos exercicios destinados de um modo geral a desligar os dedos e a fazer adquirir a destreza, a rapidez, a agilidade e a precisão dos movimentos; o segundo comprehende os exercicios de modelagem como complemento ao estudo de desenho.

O trabalho manual das alumnas comprehende exercicios de costura e corte

Educação intellectual

FIM E METHODO

A educação intellectual, na escola primaria publica, é facil de caracterisar.

Dá apenas um limitado numero de conhecimentos. Conhecimentos escolhidos que possam assegurar á creança a sciencia pratica, de que ella terá necessidade na vida, e aperfeiçoar as suas qualidades.

Conhecimentos que possam firmar o espirito, cultivando-o, desenvolvendo-o e constituindo uma verdadeira educação.

O ideial da escola primaria não é ensinar muito, mas ensinar bem; a creança que sae d'ella sabe pouco, mas sabe bem; a instrucção que recebe é restricta; mas não é superficial.

Não é uma meia instrucção, e aquelle que a possue não se tornará um meio-sabio, porque, o que faz uma instrucção completa ou incompleta não é a extensão mais ou menos vasta do dominio, que ella cultiva, é a maneira porque ella cultivou.

O fim do ensino primario, como muito bem se tem dito, não é abranger diversas materias, nas quaes se trate de tudo quanto é possivel saber, mas aprender bem em cada uma d'ellas o que não é permittido ignorar.

SEGUNDO METHODO

Estando assim definido o fim do ensino, o methodo a seguir é imposto por si mesmo; não pode consistir em uma serie de processos mechanicos, nem em uma só aprendizagem d'estes primeiros instrumentos de communicação: a leitura, a escripta, o calculo e muito menos em uma fria serie de lições tendentes a explicar aos alumnos os differentes capitulos de um curso.

O unico methodo que convem ao ensino primario é aquelle que faz intervir o professor e os alumnos alternativamente e que provoca entre elles uma continua troca de idéas, sob formas variadas, engenhosamente graduadas. O professor parte sempre do que os alumnos sabem e, do conhecido para o desconhecido, do particular para o geral, do facil para o difficil, leva-os pelo encadeiamento de questões oraes ás verdades mais simples e mais fundamentaes; pratico, elle não perde de vista que os alumnos da escola primaria não se devem distrahir com discussões inuteis, com theorias scientificas, com curiosidades escolasticas, e que cinco ou seis annos de frequencia escolar não é tempo excessivo para que elles fiquem possuidores de um pequeno thesouro de idéas de que necessitam para a vida pratica.

O ensino na escola deve ser collectivo e simultaneo. O professor não deve dedicar-se a um, porque se deve a todos; é pelos resultados geraes da classe, e não pelos resultados parciaes de alumnos escolhidos, que o trabalho pedagogico é apreciado.

Quaesquer que sejam as desigualdades de intelligencia dos alumnos, o ensino deve desenvolver aptidões e communicar conhecimentos a todos, salvo excepções muito raras.

III

Educação moral

FIM E METHODO

A educação moral distingue-se da educação physica e intellectual pelo seu fim e pelos caracteres essenciaes:

Fim e caracteres essenciaes d'este ensino. — E' destinado a completar, a ligar, a levantar e ennobrecer todo o ensino da escola. Emquanto cada um dos estudos desenvolve aptidões especiaes e dá conhecimentos uteis, o ensino moral tende a desenvolver o homem no proprio homem, quer dizer, um coração, uma intelligencia, uma consciencia.

Esta educação é differente da outra, ella não tem por fim fazer *saber*, mas fazer *querer;* commove mais do que demonstra. Devendo actuar sobre um ser sensivel, falla mais com o coração do que com o raciocinio. Não procura analysar todas as razões do acto moral; e sim, primeiro do que tudo, produzil-o, repetil-o, fazer d'elle um habito. Na escola primaria não ha sciencia, ha a arte de inclinar a vontade livre para o bem.

Deveres do professor n'este ensino. — O professor, como representante da sociedade secular e democratica, tem um interesse directo em que todos os seus membros sejam iniciados o mais cedo possivel, e por meio de lições inexqueciveis no sentimento de sua dignidade, e no sentimento, não menos importante, de sua responsabilidade pessoal.

A sua missão, pois, é bem definida. Ella consiste em fortificar, em fazer crear raizes na alma de seus alumnos, as noções essenciaes de moralidade humana, communs a todas as doutrinas e necessarias a todos os homens civilisados.

Pode cumprir esta missão sem adherir ou fazer opposição a qualquer das crenças confissionaes a que os seus discipulos misturam os principios geraes de moral.

O professor deve acceitar as creanças taes como lh'as entregam, com as suas idéas e a sua linguagem, com as crenças trazidas do lar, e só deve ter o cuidado de aproveitar de tudo isso o que for precioso sob o ponto de vista social, isto é, os preceitos de uma alta moralidade.

A unica obrigação a que se deve cingir, compativel com o respeito por todas as crenças, é a de observar o desenvolvimento moral dos seus discipulos, com a mesma solicitude com que segue os seus progressos escolares. Deve fazer pela educação do seu caracter o mesmo que faz pela educação de sua intelligencia; e, só assim, o professor deve julgar-se quite com os seus discipulos; — e, só assim, pode merecer o titulo de educador e a instrucção primaria o nome de educação liberal.

* *Trad. dos "Nouveaux programmes des écoles primaires", par M.M. Brouard et Defodon. 1896.*

Esta synthese dos programmas de ensino das escolas primarias elementares é um pequeno cathecismo pedagogico em que se acham compendiados, attendendo ao triplice fim do ensino elementar, os mais preciosos preceitos da pedagogia moderna, tantas vezes esquecidos pelos que estão na posse do melindrosissimo encargo de educar e instruir a infancia. Em França, as instrucções pedagogicas attinentes ao methodo de estudos, á applicação detalhada dos programmas, tem dado excellentes resultados; sob a impertinencia de constantes *instrucções e direcções* pedagogicas, sob a força de um continuado doutrinamento, a escola primaria vae libertando-se da rotina.

Verdadeiro modelo de pratica escolar, o **Methodo de estudos** nas escolas primarias de Paris enfeixa as disciplinas dos planos de estudos dos tres cursos, inclusive os da classe infantil.

Da classe infantil ao curso superior as disciplinas vão sendo ministradas com ampliações successivas, sem saltos e sem fadiga para os escolares. Ao contrario, dia a dia, gradualmente, elles vão sendo surprehendidos com agradaveis e novos conhecimentos das materias que já lhes são familiares.

A classe infantil. — Recebe a educação moral, faz os primeiros exercicios de leitura e escripta, de calculo e systema metrico, de geographia, historia e elementos de sciencias physicas.

O curso elementar. — Consta de instrucção moral, leitura, escripta, calculo, calculo mental (ou systema metrico), grammatica, ditados (exercicios francezes), recitação, historia, geographia, lição de cousas, canto, desenho, trabalho manual ou de costura (para as meninas), gymnastica.

O curso medio. — Instrucção moral e civica, leitura e recitação, escripta, desenho linear, arithmetica e systema metrico, sciencias physicas e naturaes, lingua franceza, historia, geographia, trabalho manual, gymnastica, costura, canto.

O curso superior. — Instrucção moral e civica, leitura e recitação, escripta, desenho linear, arithmetica e systema metrico, sciencias physicas e naturaes, historia, geographia, lingua franceza, hygiene e economia domestica, desenho d artes, canto, trabalho manual, gymnastica, exercicios militares, costura.

O emprego do tempo util por semana é de 32 ½ horas para cada um dos cursos — elementar e medio —; no curso superior elle é de 37 ½ horas para as alumnas e de 35 para os alumnos.

O estudo dos elementos de sciencias physicas e naturaes, que principia na classe infantil com as simples noções elementares do corpo humano, sobre plantas e animaes conhecidos, sobre pedras e metaes de uso commum, sobre o vapor de agua nuvem, chuva, neve, gelo, etc., etc.; no curso elementar é mais ampliado, abrange em maior extensão as lições de cousas; no curso medio vae até aos elementos de agricultura e horticultura, comprehendendo as principaes especies dos solos, estrumes, instrumentos usuaes de lavoura; e, no curso superior, completa-se com o conhecimento de trabalhos agricolas, utensilios de lavoura, estrumes naturaes e artificiaes, cultura das arvores, enxertos, etc., etc.

N'estes ultimos tempos o ensino da agricultura nas escolas da cidade de Paris, nas escolas ruraes, tem merecido especial attenção dos ministros de instrucção publica, os quaes, em circulares, chamam a attenção das demais autoridades do ensino primario, afim de que os escolares aprendam as noções essenciaes ao preparo de futuros estudos sobre este importante ramo da actividade humana.

Por ser longo, sinto não poder transcrever o methodo de estudos nas escolas elementares de Paris, com os seus programmas detalhados e as respectivas divisões mensaes.

*

* *

As escolas primarias elementares comprehendem na sua organisação material os melhoramentos aconselhados pela **pedagogia, physiologia** e **hygiene.**

Os edificios escolares obedecem a um plano em que estão bem discernidas as condições geraes referentes ao terreno, á construcção, ás divisões internas, principalmente ás salas das classes, ás destinadas para os trabalhos manuaes, aulas de desenho, bibliotheca escolar e habitação do professor.

Para as classes, a sala tem a forma rectangular e sua superficie é calculada na razão de 1m,25 por alumno —, a altura não pode ser inferior a 4 metros.

O comprimento é de 8 metros e a largura de 7 metros.

A sala de desenho, nas escolas de 4 classes, por exemplo, tem uma superficie de 1m,50 no minimo para cada alumno. Junto a esta sala acha-se um gabinete para deposito dos modelos. A alpendrada tem de superficie por alumno 1m,25, é destinada a abrigal-os, podendo servir para ser dado n'ella o ensino de gymnastica, na falta de sala especial.

O pateo de recreio é calculado na razão de 5 metros, no minimo, por alumno, e em geral possue um pequeno jardim.

A habitação do professor deve occupar uma superficie de 80 a 100 metros quadrados e comprehende uma sala de jantar, dois quartos, um gabinete de trabalho, um pequeno quarto para creado, uma cava e retretes.

Nenhuma communicação directa é permittida entre as classes e os aposentos do professor.

A mobilia e o material de ensino constam para cada classe do seguinte:

Uma carteira e uma cadeira magistraes, bancos-carteiras, em numero sufficiente para os alumnos da classe, um quadro negro, um methodo de leitura em quadros para as classes mais atrazadas, um quadro de systema metrico, cartas geographicas, museus escolares, espheras terrestre e armillar, instrumentos e collecções para os trabalhos manuaes, apparelhos de gymnastica.

Os bancos-carteiras são para um ou dois logares, preferindo-se sempre aquelles a estes.

Apresentam-se sob cinco typos de grandeza differente, accommodaveis ás diversas creanças em idade escolar.

Typo I, para creanças de 1m a 1m,10.

Typo II, para creanças de 1m,11 a 1m,20.

Typo III, para creanças de 1m,21 a 1m,35.

Typo IV, para creanças de 1m,36 a 1m,50.

O quinto typo é para os alumnos cujo talhe excede a 1m,50.

Os professores medem seus alumnos uma vez por anno, na epocha em que elles entram para a classe.

Nos quadros seguintes acham-se as dimensões d'estes bancos-carteiras:

Mesas	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Altura acima do solo	0m,44	0m,49	0m,55	0m,62	0m,70
Largura de traz para diante	0m,35	0m,37	0m,39	0m,42	0m,45
Comprimento da mesa-banco de um só logar	0m,55	0m,55	0m,60	0m,60	0m,60
Comprimento da mesa-banco de dois logares	1m,00	1m,00	1m,10	1m,10	1m,10

A inclinação do bordo posterior para o anterior varia de 15.º a 18.º.

O banco fixo levemente inclinado para traz tem as seguintes dimensões:

Bancos	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Altura acima do solo, tomada no meio do banco	0m,27	0m,30	0m,34	0m,39	0m,45
Largura de diante para traz	0m,21	0m,23	0m,25	0m,27	0m,30
Comprimento do banco de 1 logar	0m,50	0m,50	0m,53	0m,55	0m,55
Comprimento do banco de 2 logares	0m,90	0m,90	1m,00	1m,00	1m,00

O encosto consiste em uma travessa de 0,10 centimetros de largura, recta, com as arestas arredondadas e tem as seguintes dimensões:

Encosto	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Altura da aresta superior acima do assento á	0m,19	0m,21	0m,24	0m,26	0m,28
Comprimento igual ao do banco para os bancos-carteiras de 1 logar.....	0m,50	0m,50	0m,55	0m,55	0m,55
Idem para os de 2 logares	0m,90	0m,90	1m,00	1m,00	1m,00

Não ha interrupção entre o banco e o encosto.

A mesa pode ser movel ou fixa, para um e outro caso ha regras que devem ser observadas.

BANCO-CARTEIRA COM MESA MOVEL

Situação em que ella é approximada do alumno:

	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
A vertical cahindo da aresta da mesa deve encontrar o banco a uma distancia do bordo anterior do mesmo banco á	0m,03	0m,05	0m,06	0m,05	0m,04
O intervallo entre a aresta da mesa e do encosto é de	0m,18	0m,18	0m,19	0m,22	0m,26

Situação em que ella deve achar-se afastada do alumno:

	Typos				
	1.º	2.º	3.º	4.º	5.º
Entre a vertical e o bordo anterior do banco, o intervallo é igual á	0m,09	0m,10	0m,11	0m,12	0m,13

Banco-carteira com mesa fixa.—A vertical cahindo sobre a aresta da mesa deve encontrar o bordo anterior do banco; quer dizer, a distancia entre o banco e a mesa é nulla.

Nas classes de desenho, as mesas são simples e para dois logares: tem 1m,30 de comprimento sobre 0m,65 de largura e 0m,85 de altura.

São horisontaes e têm no bordo opposto ao alumno uma mesa horisontal fixa, de 0m,12 de largura e com uma elevação acima da mesa, de 0m,07.

Estas mesas recebem em seu meio e sobre o bordo anterior uma taboa de 0m,20 de largura sobre 0m,48 de altura, que serve de supporte aos modelos de desenhos geometricos ou de arte.

Nestas escolas o ensino de desenho, canto e gymnastica é dado pelos professores do curso elementar e do curso medio.

No curso superior estas disciplinas são ministradas por professores especiaes sob a fiscalisação de inspectores tambem especiaes.

Quanto aos trabalhos manuaes, são elles ministrados por um pessoal technico, competente. Methodico, abrange o seu ensino elementos graduados e exercicios syntheticos. Serve-lhe de base o desenho e á vista dos respectivos desenhos dos objectos são estes executados pelos alumnos.

Nas escolas são prohibidos espectaculos theatraes, loterias, jogos, subscripções e castigos que possam ir alem de maus pontos, censuras, privação parcial de recreio, detenção depois da classe, imposição de um trabalho em casa e exclusão temporaria.

Divide-se o seu pessoal em classes de professores titulares e professores praticantes, recrutados em concursos, salvo casos especiaes previstos em lei.

Todos os aspirantes ao magisterio primario elementar só podem ser admittidos a concurso apresentando-se com o competente diploma.

Habilitados que sejam em concurso passam a occupar os logares de praticantes no pessoal docente, percebendo apenas uma gratificação.

Se no prazo de dois annos não são nomeados effectivos deixam de fazer parte do magisterio publico.

Divide-se ainda o pessoal docente em directores, professores adjuntos e professores supplentes, e todos, por sua vez, dividem-se em classes.

As promoções feitas, realisam-se tomando-se em consideração o tempo e os bons serviços.

Eis, em rapida synthese, a organisação primaria elementar nas escolas simples ou nos grupos escolares, comprehendendo os cursos feitos nas suas tres principaes divisões.

A classe infantil é incontestavelmente de grande importancia, estabelecida como se acha n'estas escolas. Venham as creanças das escolas maternaes ou das casas de familias, recebem nas classes infantis os elementos continuadores da sua primeira cultura physica, moral e intellectual. Suavemente, passam das classes inferiores para as superiores e, sem embaraços, sem difficuldades, fazem methodicamente o curriculo escolar.

Escolas primarias superiores. — Passo a occupar-me das escolas primarias superiores, limitando-me a dizer resumidamente o que seja a sua organisação pedagogica na parte referente a seu plano de estudos.

Creadas por lei, em 1833, como um serviço de interesse publico, cujo caracter

ninguem melhor do que M. Guizot soube definir, soffreram profundos golpes com a lei de 15 de maio de 1850, a ponto de se annullarem.

Duruy, mais tarde, deu ao ensino primario superior novo impulso. O antigo plano de estudos não satisfazia as exigencias do presente; foi preciso desenvolvel-o, alargal-o com mais algumas disciplinas e a essa reforma adaptar novos programmas.

Antigamente este ensino era dado em escolas especiaes; mas, em attenção a excesso de despezas, é elle, hoje, ministrado não só em algumas escolas primarias superiores, completamente isoladas, como tambem em cursos complementares annexos ás escolas elementares.

N'estes, os estudos são feitos em um anno; n'aquellas, pelo menos, em dois.

A condição principal para a matricula consiste na apresentação do certificado de habilitação nos estudos do ensino primario elementar.

"Reconheceu-se já em França que é insufficiente o ensino pratico d'estas escolas, que é preciso mais alguma cousa,—dar-lhe um accentuado caracter profissional—.

Melhor dizendo, a transformação da escola primaria superior em escola profissional, industrial ou agricola é a ideia predominante entre os que lidam pelos progressos da instrucção."

E esta ideia tem feito caminho, removendo obstaculos, em favor do futuro cidadão, a quem ella quer armar com os elementos indispensaveis para fazel-o entrar na lucta pela vida com a nitida comprehensão do seu papel nas sociedades modernas.

A cidade de Paris, só com as suas escolas primarias superiores, despende perto de 1.800:000 francos, sem que n'esta despeza sejam contemplados o Collegio Chaptal e a Escola J. B. Say, que absorvem perto de 2 milhões.

O plano de estudos d'estas escolas abrange:

a) Educação moral;

b) Instrucção civica;

c) Lingua franceza e noções de litteratura franceza;

d) Historia nacional e noções de historia geral, especialmente dos tempos modernos;

e) Geographia da França e das colonias, noções de geographia geral, especialmente de geographia commercial, industrial;

f) Linguas vivas;

g) Noções de direito commum e economia politica;

h) Elementos de arithmetica e suas principaes applicações ao commercio;

i) Elementos de calculo algebrico e geometria, e regras de contabilidade e de escripturação commercial.

Pelo plano de estudo que acaba de ser transcripto vê-se qual o fim do ensino primario superior e suas vantagens.

Escolas profissionaes. — Os exercicios manuaes que principiam nas classes infantis vão sendo gradualmente ampliados até chegarem ás escolas profissionaes, onde se completam.

Em Paris estas escolas, creadas e mantidas pelo municipio, vão dando resultados merecedores de applausos; justificam a existencia da util e bella instituição, que custa ao municipio não pequenos sacrificios pecuniarios.

Sirvam de exemplo as escolas Diderot, Bernard Pallissy, Estienne e muitas outras: umas com os seus trabalhos de ferro e madeira; outras com as suas applicações ás artes de desenho: estas destinadas ás industrias de mobiliario; aquellas ás industrias de livros, etc., etc.

*
* *

A ligeira exposição que acabo de fazer, referente á organisação do ensino primario em França, deixa bem evidente a evolução por que ha passado, n'estes ultimos annos, a escola primaria franceza.

Desde o plano e construcção dos edificios escolares até o moderno mobiliario e material pedagogico; desde o plano de estudo, o programma geral, as divisões dos cursos, até o habilitado pessoal docente, com os seus importantes deveres e vantajosos direitos; finalmente, desde a inspecção geral e especial até á administração; — tudo revela o invejavel progresso da escola primaria alcançado n'este paiz, como uma resultante dos esforços empregados pelo Estado, pelo municipio, pela iniciativa particular.

Conhecida a organisação d'este ensino em Portugal e em França, passo a occupar-me da segunda parte d'este relatorio.

Parte II

Estado actual do ensino publico e particular do Amazonas

O ensino publico do Estado, em seus tres ramos — primario, secundario, technico ou profissional —, tem sido ministrado, gratuitamente, obedecendo na sua movimentação ao regimen estabelecido nos respectivos regulamentos. Quando em 1.º de setembro do anno passado esta directoria vos apresentou o relatorio, attinente aos trabalhos do anno lectivo de 1897-1898, procurou tanto quanto lhe foi possivel esclarecer-vos, quer sobre a marcha regular e resultados que tivera o ensino em geral, quer sobre as medidas consideradas uteis e imprescindiveis para o melhoramento das condições do importante serviço que ha sempre merecido da vossa parte admiravel solicitude, intelligente e patriotica cooperação.

N'esse documento official encerram-se os principaes elementos pelos quaes se pode ajuizar da boa ou má funcção pedagogica das escolas primarias e estabelecimentos de instrucção secundaria e profissional.

Por elle verifica-se que n'aquelle periodo escolar os resultados obtidos em favor da educação e instrucção da infancia e mocidade amazonenses, se não provocam enthusiasmos, geram, entretanto, esperanças de que não serão infructiferos os esforços produzidos pelo governo e seus auxiliares, afim de, em proximo futuro, tornar-se uma realidade em seus resultados praticos a instrucção que corre por conta do Estado.

Tem-se alcançado pouco, mas já se tem feito muito.

Na antiga provincia, como no novo Estado do Amazonas, nos tempos da monarchia como nos dias da Republica, dois interessantes problemas — alimentação publica e instrucção publica —, nas suas resoluções, preoccuparam e preoccupam o Governo.

O pão do corpo e o pão do espirito constituem entre nós as duas questões de maior valor para a administração publica.

Se a primeira se apresenta com grande somma de probabilidades para uma solução prompta e definitiva, logo que sejam removidos certos e determinados obstaculos, a segunda, por isso que encerra multiplos e variados elementos, cujas funcções especiaes no tempo e no espaço devem ser estudadas com criterio e minudencia, não pode ter facil, prompta e definitiva resolução, como seria para desejar-se.

Repito hoje o que disse hontem: "Não ha quem de boa fé ignore que nenhum outro ramo do publico serviço, tanto como a instrucção publica, precisa de tempo e porfiado trabalho para a sua organisação ou reorganisação."

"E' muito mais facil aos poderes publicos, em pleno dominio da Republica, dotarem em pouco tempo os Estados com todos os melhoramentos materiaes, animarem todas as forças da vitalidade social, que, de uma só vez, removerem os entraves, aniquillarem os vicios, corrigirem os erros que desde o tempo do regimen decahido embaraçam a instrucção do povo."

Felizmente para o Amazonas, pode-se affirmar que n'estes ultimos annos o serviço do ensino publico mereceu uma nova e edificante orientação, de modo a libertal-o dos liames creados pelas falsas conveniencias politicas, partidarias, muitas vezes exigentes e sempre prejudiciaes.

Semelhante proceder manifestou-se como energica reacção contra o aferrado systema centralisador do ensino, tão cheio de prejuizos, tão cheio de erros e injustiças.

Quebrar, pois, os velhos moldes em beneficio da collectividade, sem ouvir a grita infrene dos prejudicados em seu antigo poderio despotico, sem attender as pretenções indebitas de uns, nem aceitar conselhos inanes de outros, tem sido n'estes ultimos tempos para o poder publico do Estado, nos dominios da instrucção, tarefa digna de applausos para todos quantos se interessam pelo futuro do Amazonas.

A exposição detalhada que se segue deixa claro-videntes as razões que possuo para dizer-vos que estão a melhorar as condições do ensino.

Ensino secundario, technico ou profissional

1898-1899

Outubro a Março

Depois da ultima reforma do ensino e mudança do anno lectivo, o "Gymnasio Amazonense" principiou a funccionar com regularidade, se bem que n'elle não estejam ainda competentemente organisados os gabinetes de physica e historia natural, o laboratorio de chimica e as salas de estudos.

Annexas ao "Gymnasio Amazonense", funccionam sob o mesmo regimen e

direcção, com o mesmo pessoal docente, em sua maioria, os cursos "Normal" e "Commercial".

Tenho acompanhado de perto o funccionamento geral do ensino dado n'este estabelecimento, confiado á direcção de um intelligente e estudioso filho do Amazonas, o Snr. professor Antonio Monteiro de Souza.

E assim hei procedido, não só em desempenho do cargo que occupo, como porque encarregado de elaborar o projecto da referida reforma, desejo certificar-me da sua utilidade e dos seus defeitos.

Infelizmente, a reforma não tem sido completamente observada em alguns de seus pontos mais importantes.

A creação do logar de vice-director e da classe de lentes substitutos, a organisação scientifica de laboratorios e gabinetes pedagogicos, de salas de estudos e bibliotheca, o funccionamento do curso secundario e dos cursos annexos em horas differentes, de modo a evitar-se a promiscuidade dos alumnos em aulas, que não as correspondentes ao curso em que estivessem matriculados, — foram os seus pontos mais importantes.

A vice-directoria, immediata auxiliar da administração do estabelecimento, está hoje provado, era uma necessidade.

A classe dos substitutos, tal como devera ser instituida logo no inicio da applicação da reforma, estou convencido, traria vantajosos resultados não só sob o ponto de vista disciplinar, como tambem em relação ao desenvolvimento intellectual dos alumnos.

Dar ao ensino um caracter pratico, correspondente ao fim a que se destina cada um dos cursos, foi o que tive em vista quando ao lado dos lentes cathedraticos colloquei os substitutos.

Foi assim que, no officio de remessa do projecto, disse: Para sanar as irregularidades, muitas vezes prejudiciaes, das nomeações de pessoas extranhas ao estabelecimento para interinamente substituirem os lentes cathedraticos nos seus impedimentos, e, mais ainda, em favor do ensino pratico e experimental, apparece no projecto a classe dos substitutos brazileiros ou extrangeiros; aquelles nomeados e estes contractados.

Esses funccionarios terão a seu cargo os laboratorios, os gabinetes, as salas de estudo, onde farão os cursos praticos, e na pratica do ensino mais se habilitarão para com vantagem preencher temporaria ou effectivamente as cadeiras de suas secções.

Com a classe dos substitutos ficaram, na verdade, sanadas algumas irregularidades; mas, esses funccionarios não foram, até o momento presente, nomeados effectivos ou contractados.

Considero mais prejudiciaes as interinidades na classe dos substitutos do que as dos cathedraticos.

O ensino pratico deve obedecer a um plano logico e scientifico, sem interrupção e constantes modificações; deve correr parelhas com o ensino theorico, sem o que ficará burlado em seus resultados.

As interinidades dos substitutos podem acarretar deficiencia para o ensino e irregularidade na disciplina do estabelecimento.

Folgo de reconhecer em alguns d'esses funccionarios interinos competencia profissional e zelo no cumprimento de seus deveres; outros ha, porem, que soccorrendo-se da propria posição que lhes dá a interinidade, sem garantias e vantagens, não correspondem ás exigencias do cargo.

Da falta de gabinetes, laboratorios e salas de estudos, cuja completa organisação, creio, será em breve realisada, pois já estão por vossa ordem encommendados no extrangeiro o material scientifico e pedagogico, e, do mais que ahi fica dito, referente ao assumpto, — comprehende-se não poder apresentar-se muito regular e proveitoso o ensino pratico d'este estabelecimento.

O illustre director, no ultimo relatorio trimensal que me enviou, expressa-se pelo modo seguinte sobre as salas de estudos:

"As salas de estudos têm dado algum resultado, não só quanto ao aproveitamento dos alumnos, como á disciplina interna do estabelecimento; comtudo, ainda não pude fazel-as attingir ao seu verdadeiro fim, devido a não se acharem preenchidos effectivamente todos os logares de substitutos e lentes, pois aquelles têm de ser muitas vezes occupados em trabalhos theoricos extranhos ao serviço das salas de estudos; entretanto, os resultados obtidos já são satisfatorios e promissores de maiores vantagens."

O plano de estudo do ensino secundario, no Gymnasio Amazonense, modificou-se com os vae-vens da sorte do Gymnasio Nacional. Depois da reforma por que passou aquelle Gymnasio, duas vezes foi preciso alteral-o para adaptal-o ás novas reorganisações que soffreu o estabelecimento federal, ao qual o do Amazonas se acha adstricto para poder gosar as regalias concedidas pelo decreto organico centralisador d'este ensino.

De reforma em reforma e sempre ameaçado de novas reformas, o ensino secundario no Estado soffre profundamente na sua movimentação pedagogica.

A suppressão e creação de disciplinas, obrigando a extincção e a creação de cadeiras, e, conseguintemente, a uma modificação no pessoal docente que adquiriu garantia de direitos definidos em lei, dão logar, muitas vezes, a um excesso de despezas improductivas e a não pequeno atropello nas classes do curso.

Os prejudiciaes resultados d'esta instabilidade no plano de estudos e nos programmas não se fazem esperar, e, mais se revelam no desanimo dos escolares; consequentemente, no decrescimento das inscripções.

"Nada ha, li algures, que mais prejudique a boa execução de qualquer lei, como a certeza de sua imminente revogação; para logo desapparecem o ardor e o enthusiasmo com que a principio foram acceitas as ideias n'ellas contidas, para ter logar o desanimo dos seus executores.

"Se ella tem disposições relativas a fins que só se conseguem lentamente, com a acção do tempo e pela accumulação gradual dos esforços, estes nem chegam mais a ser iniciados, porque sobrevem o temor de que em meio da jornada a lei nova declare inutil todo o cabedal adquirido."

Em verdade, por melhor que seja a reforma de ensino no nosso Gymnasio, ella será esteril, senão prejudicial, desde que lhe falte tempo bastante para manifestar-se.

Conhecedor das mutações porque ha passado o ensino secundario, e sciente

de que o Estado mantendo-o é obrigado a ter um corpo docente capaz de corresponder ás necessidades do ensino creadas por lei federal, não hesitei, por occasião de elaborar o projecto de reforma, em annexar ao Gymnasio Amazonense o Curso Normal e o Curso Commercial.

Comprehendo perfeitamente que são differentes os fins a que se destinam cada um dos tres cursos.

E, o curso normal, mais do que nenhum outro, precisa de uma organisação esmerada, especial.

Mas, attendendo que a matricula do curso secundario, tão resumida como é, não podia por si só justificar a grande despeza feita com o estabelecimento, preferi á este annexar os dois cursos, para assim aproveitar o mesmo pessoal administrativo, docente e auxiliar, a ver mais tarde o Estado na contingencia de abandonar o ensino secundario.

A condição essencial, repito, era a de não funccionarem promiscuamente os tres cursos.

Uma organisação de Escola Normal, obedecendo rigorosamente a todos os preceitos estatuidos pela pedagogia moderna, vantajosamente ensaiada nos paizes mais adeantados em instrucção, requer um pessoal competentissimo com a technica adquirida na pratica do ensino.

Esse pessoal, certo, não poderia ser encontrado facilmente no Brazil, pois que, só depois do advento da Republica é que se tem procurado levantar sob uma nova organisação as nossas Escolas Normaes.

Assim, esse novo pessoal docente ou teria de ser recrutado nos paizes extrangeiros, entre os individuos diplomados, de reconhecida competencia, que tivessem em tirocinio pratico adquirido o cabedal indispensavel para o difficil preparo dos que se destinam a ensinar nas escolas primarias, ou teria de ser recrutado mesmo no paiz.

No primeiro caso, a acquisição d'este pessoal crearia grandes despezas que talvez não fossem compensadas pelos resultados, pois, como sabeis, nos achamos em condições muito especiaes, e, o nosso regimen escolar primario deve satisfazer as necessidades do momento, deve accommodar-se ás nossas condições mesologicas, aos nossos habitos e costumes; no segundo, em nada adeantaria a acquisição de um novo pessoal docente pelo conhecido processo dos concursos.

A pratica de ensino mais desenvolvida na Escola Normal do que no proprio Gymnasio, me leva a affirmar ter o corpo docente d'este estabelecimento competencia sufficiente para ministrar as disciplinas do curso normal, se for auxiliado por professores especiaes de outras disciplinas enfeixadas no plano de estudo d'este curso.

Outras razões me levaram a annexar o curso normal ao Gymnasio; annexação esta que será temporaria, devendo desapparecer logo que as circumstancias o meio o permittam.

Como bem comprehendeis a Escola Normal por vir deverá ser installada em predio apropriado, que reuna as precisas condições hygienicas e pedagogicas, e actualmente, nenhum outro edificio publico do Estado se acha em condições mais favoraveis que o do Gymnasio.

Mais ainda, a co-educação escolar nos estabelecimentos de ensino normal é uma questão de grande importancia, muito contravertida entre as mais abalisadas autoridades pedagogicas.

No meio social em que vivemos precisa ser estudada com o maior cuidado possivel. Jamais as matriculas da antiga Escola Normal do Amazonas e do novo curso annexo ao Gymnasio, mostraram equilibrio entre as inscripções de um e outro sexo.

Sempre a inscripção das alumnas foi superior á dos alumnos.

Se attender-se para estas inscripções nos ultimos annos decorridos, ver-se-á que a dos alumnos no curso normal tende a desapparecer.

Esse abandono das Escolas Normaes pelos rapazes, quando se dá a co-educação, não é um facto peculiar ao Amazonas, elle se manifesta em quasi todos os Estados da União.

Não é somente nas inscripções que se nota esta differença, mesmo depois de diplomados, os normalistas do Amazonas preferem ao exercicio do magisterio o de uma outra profissão.

Se todos não abandonam definitivamente as suas escolas os poucos que ficam soccorrem-se das licenças, muita vez, sem vencimentos, e vão empregar a sua actividade em meios que lhes garantam melhores vantagens.

Do que acabo de vos dizer, parece-me, resalta quanto é difficil, no presente, o problema do ensino normal, completo e moderno no Amazonas, ao passo que justifica-se, presentemente, a annexação do referido curso ao estabelecimento de ensino secundario do Estado.

*

* *

Recebem n'este estabelecimento a instrução secundaria e profissional 119 escolares:

CURSO SECUNDARIO

1.º anno

Alumnos matriculados	14	
Ouvintes	4	
		18

2.º anno

Alumnos matriculados	5	
Ouvintes	7	
		12

4.º anno

Ouvinte	1	
Total		31

CURSO NORMAL

1.º anno

Alumnos matriculados	47	
Ouvintes	6	
	53	
2.º anno		
Alumnos matriculados	15	
Ouvintes	5	
	20	
Total		73

CURSO COMMERCIAL

1.º anno

Alumnos matriculados	8	

2.º anno

Alumnos matriculados	4	
Ouvintes	2	
	6	
3.º anno		
Alumno matriculado	1	
Total		15

A presente matricula dos alumnos do curso secundario corrobora o que eu vos acabei de affirmar quando me referi ás constantes reorganisações d'este ensino feitas pelo Governo Federal.

A matricula do curso normal é mais animadora e a do curso commercial será mais elevada quando este ensino profissional for dado á noite, como judiciosamente pondera o Snr. Director Monteiro de Souza.

O curso normal subordinado a um plano de estudos comprehendendo: Portuguez e elementos de latim, Francez, Mathematica elementar, Geographia e Cosmographia, Historia, (especialmente do Brazil) elementos de Physica e Chimica, elementos de Historia Natural e Hygiene escolar, Pedagogia e educação civica, Desenho, Calligraphia, Musica, Trabalhos de agulha e Economia domestica, (para as alumnas) Gymnastica e jogos escolares,—corresponde, por emquanto, ás necessidades do regimen escolar, determinado no regulamento de ensino primario de 9 de Setembro de 1897.

De accordo com dispositivo regulamentar, a congregação elaborou os programmas das diversas disciplinas, distribuindo-as pelos annos, observadas as ampliações progressivas, aconselhadas pelo methodo intuitivo.

Os alumnos d'este curso exercitam-se nas classes das duas escolas, auxiliar e primaria, reunidas em grupo escolar, no mesmo estabelecimento.

Nos exercicios praticos são dirigidas e fiscalisadas pela professora de Pedagogia, que por natural exigencia da lei deve applicar methodos e processos differentes, para comparal-os, critical-os nas suas vantagens e desvantagens, afim de dar aos alumnos boa orientação na pratica do ensino.

Instituto Benjamin Constant

Destinado a receber e amparar por conta do Estado a infancia desvalida, o Instituto Benjamin Constant vae cumprindo sua humanitaria missão.

No fim do anno lectivo passado presidi ao acto dos exames das asyladas, e fiquei satisfeito com as provas produzidas, sobre as materias do curso superior.

A classe infantil instruida de accordo com o systema froebeliano, modificado, tambem manifestou admiravel desenvolvimento em leitura, escripta, calculo, noções de sciencias physicas e naturaes, canto choral e gymnastica.

O mappa infra mostra a matricula e frequencia das escolas deste estabelecimento, no presente anno lectivo e bem assim o programma das disciplinas:

Designação das aulas	Numero de ordem das matriculadas	Frequencia media	Observações
1.ª Classe	56	50	A 1.ª classe foi separada das outras, formando uma aula, por terem as alumnas do jardim de infancia passado depois dos exames, que foram realisados em 13 de janeiro de 1898, para a 1.ª cadeira, e como ficasse esta com um numero elevado de alumnas, a Regente de accordo com o Coronel Director do Estabelecimento separou-as, ficando a 1.ª Classe a cargo das Irmãs e a 2.ª e 3.ª Classe a cargo da Professora. Da 1.ª cadeira passaram para a 2.ª e 3.ª cadeiras 5 alumnas da 3.ª classe que eram aptas. Na aula de musica 13 alumnas estudam Piano, 2 Bandolim e 2 Harpa. Seis menores ainda não estudam de janeiro a junho de 1898.
1.ª Cadeira	32	32	
2.ª e 3.ª Cadeira	12	12	
	100	94	
Musica	17	17	
Prendas domesticas	77	71	
Costura	23	23	
	100	94	

Aulas	Classes	Materias
2.ª Cadeira	1.ª classe	Calligraphia, Dictado, Leitura, Nomenclatura, Principios de musica, Arithmetica, Desenho e Historia.
1.ª Cadeira	2.ª classe	Escripta copiada, Leitura do 4.º livro, Paleographo e Taboada.
1.ª Cadeira	3.ª classe	Escripta dictada, Leitura, Grammatica do 1.º anno, Arithmetica, Geographia, Historia, Geometria e Lições de cousas.
2.ª Cadeira	4.ª classe	Escripta dictada, Grammatica do 2.º anno, Geographia, Historia e Analyse grammatical.
2.ª Cadeira	5.ª classe	Escripta dictada, Principios de composição, Grammatica 2.º anno, Analyse logica, Geographia e Historia.
3.ª Cadeira	4.ª classe	Arithmetica e Geometria theorica.
3.ª Cadeira	5.ª classe	Arithmetica, Systema metrico, Geometria e Principios de physica.
Musica	1.º anno	Estudo de Bandolim, Theoria explicada, escripta e Solfejos.
Musica	1.ª classe	Theoria musical explicada, escripta e Solfejos sem som.
Musica	2.ª classe	Theoria musical explicada e escripta, Solfejos com sons e sem sons e Estudo pratico de Piano.
Musica	3.ª classe	Theoria musical explicada e escripta, Solfejos com som e sem som e Estudo pratico do Piano.
Prendas	1.ª classe	Os diversos pontos de costura. Pontos de crochet e theoria.
Prendas	2.ª classe	Repetição dos pontos de costura, diversos pontos de crochet, rede, labiryntho cheio, etc., e theoria.
Prendas	3.ª classe	Repetição dos pontos de costura, crochet, rede, pontos em lã, os primeiros pontos de bordado a branco e theoria.
Prendas	4.ª classe	Bordados, a branco e de côr, a ouro, applicação, etc.
Costura	5.ª classe	Tomar medidas, cortar ou talhar, alinhavar, costura a mão e a machina.

Instituto de Artes e Officios

Não funccionam, presentemente, as aulas d'este Instituto.

Pelo decreto n.º 309, de 25 de janeiro, d'este anno, ficaram suspensos os trabalhos das aulas e officinas até que se concluam as obras do novo edificio.

Ensino primario

O ensino primario ministrado por conta do Estado á juventude amazonense nas escolas primarias e auxiliares, isoladas ou em grupos,—tem-se desenvolvido e produzido algum beneficio; espero vel-o mais avantajado logo que sejam tomadas em consideração algumas medidas por mim propostas, feitas as reformas iniciadas na ultima parte d'este trabalho.

Escolas

Nos quatorze districtos escolares em que foi dividido o Estado estão distribuidas 141 escolas: 19 primarias e 122 auxiliares.

O quadro que abaixo se vê mostra descriminadamente não só a cathegoria e sexos a que pertencem, como tambem o numero d'ellas em cada districto:

Districtos	Numero de escolas	Cathegorias		Sexos		Mistas
		Primarias	Auxiliares	Masc.	Fem.	
1.º	29	15	14	7	10	12
2.º	16	—	16	—	—	16
3.º	14	—	14	3	3	8
4.º	3	2	1	1	1	1
5.º	17	—	17	4	4	9
6.º	9	—	9	2	2	5
7.º	10	—	10	3	3	4
8.º	11	1	10	3	3	5
9.º	1	—	1	—	—	1
10.º	14	1	13	3	3	8
11.º	14	—	14	4	3	7
12.º	1	—	1	—	—	1
13.º	1	—	1	—	—	1
14.º	14	—	1	—	—	1
	141	19	122	30	32	79

Nas tres secções do 1.º districto funccionam 5 grupos escolares: 2 para o sexo masculino e 3 para o feminino.

Plano do ensino.—O curso das escolas primarias é feito em quatro annos e comprehende as seguintes materias:

a) Leitura e principios de grammatica;

b) Calligraphia e escripta;

c) Calculo arithmetico sobre numeros inteiros e fracções;
d) Geometria pratica;
e) Systema metrico decimal;
f) Desenho á mão livre;
g) Moral pratica;
h) Educação civica;
i) Noções de geographia geral e cosmographia;
j) Chorographia do Brazil, especialmente do Amazonas;
k) Noções de physica, chimica e historia natural, nas suas applicações mais simples;
l) Historia do Brazil e leitura sobre a vida dos grandes homens;
m) Leitura de musica e canto;
n) Exercicios gymnastico e militares, trabalhos manuaes applicados á idade e ao sexo.

O curso das escolas auxiliares é dado em tres annos e comprehende:

a) Leitura;
b) Noções de desenho;
c) Calligraphia e escripta;
d) Principios de calculo;
e) Noções de geographia geral e do Brazil.

Estudando-se este plano de ensino comprehende-se logo que as disciplinas das escolas auxiliares são insufficientes para uma cultura elementar capaz de fornecer á infancia os elementos indispensaveis de que mais tarde precisará na vida pratica.

Deve-se ampliar o quadro das disciplinas de modo que os alumnos, approvados no exame do curso auxiliar, fiquem livres de difficuldades e surpresas desagradaveis quando tenham de continuar os seus estudos no curso primario.

Divisão do curso geral.— Nas escolas primarias o curso geral se divide em tres cursos parciaes: elementar, medio e superior.

As escolas auxiliares abrangem apenas os dois primeiros.

Esta divisão de curso geral é semelhante á das escolas primarias de França com a grande differença de que n'aquelle paiz o alumno entra para a classe d curso elementar depois de habilitado na classe infantil; aqui, porém, a creança, e geral, entra em lucta (sem ter a educação dada nos jardins de infancia ou cla ses infantis) com as difficuldades dos programmas d'este curso, praticados muit vezes sem comprehender-se o delicado e importante papel da intuição, no trabalh da cultura mental da infancia.

O curso elementar é dado em duas classes, o medio em tres e o superior e quatro.

Programmas dos cursos.— Os programmas adoptados pelo Conselho Sup rior e postos em execução acham-se em suas disciplinas distribuidos pelos di uteis da semana como mostram os seguintes quadros:

Dias da Semana

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sabbado
	Disciplinas	Disciplinas	Disciplinas	Disciplinas	Disciplinas	Disciplinas
1.ª classe ou 1.º anno	Leitura e escripta.	Leitura e escripta; exercicio de syllabas: exercicio de prosodia.	Escripta; leitura e exercicio sobre algarismos.	Leitura e escripta e systema metrico.	Leitura e escripta.	Escripta.
2.ª classe ou 2.º anno	Leitura e escripta; exercicios de prosodia.	Taboada; escripta; calculos e exercicios de contabilidade no quadro preto.	Escripta; trabalhos de prendas para as meninas e exercicios de trabalhos manuaes para os meninos.	As mesmas da terça-feira e systema metrico.	Escripta; noções de geometria pratica sobre pontos, linhas.	Escripta por aposta; argumento sobre as materias estudadas.
3.ª classe ou 3.º anno	Dictado de phrases faceis; grammatica e geographia; exercicio de leitura; exercicio com mappa e globo.	Escripta copiada; exercicios de taboada e de calculos;—problemas sobre as quatro operações fundamentaes.	Escripta dictada e o mais como acima.	As mesmas da terça-feira e systema metrico.	Escripta dictada; analyse grammatical; exercicio de geometria pratica e de desenho.	Como acima ou exercicio sobre as materias estudadas durante a semana.
4.ª classe ou 4.º anno	Escripta dictada; grammatica; exercicios de leitura; geographia com exercicio de mappa e globo.	Escripta copiada; arithmetica—exercicios de calculos; historia do Brazil.	Escripta dictada e noções de physica e chimica e historia natural.	As mesmas da terça-feira e systema metrico.	Como acima e mais desenvolvido; analyse logica.	Como acima.

Classes	Leitura	Escripta e calligraphia	Lingua nacional	Arithmetica e contabilidade	Geometria pratica	Systema metrico	Desenho	Historia	Geographia	Educação moral e
1.ª	1.º livro.	Primeiros exercicios.	Conversação e correcção de vicios da pronuncia.	Algarismos arabicos e romanos (conhecimentos).		Conhecimento pratico das medidas e pesos.	Conhecimento das linhas e suas applicações á escripta.			
2.ª	2.º livro.	Exercicios por traslados.	Revisão e ampliação do programma anterior.	Ler e escrever numeros de muitos algarismos. Taboada de sommar e diminuir. Operações de sommar e diminuir.		Multiplos e submultiplos das unidades principaes. Pratica de addição e subtracção de quantidades metricas.	Revisão do programma anterior e desenho de figuras planas.			
3.ª	3.º livro.	Exercicios por traslado e dictado de phrases faceis.	Principios de grammatica.	Ler e escrever numeros de muitos algarismos. Taboada completa. Operações sobre numeros inteiros e fracções ordinarias.	Noções concretas.	Operações sobre quantidades metricas.	Principio de copia de formas dos corpos. Desenho de objectos usuaes.	Leitura de biographia de brazileiros illustres e conhecimento das datas dos principaes factos.	Noções de Geographia geral e do Brazil.	Leitura d vros apro dos.
4.ª	Selecção litteraria. Vida pratica e coração.	Escripta dictada.	Grammatica. Analyse grammatical. Analyse de orações faceis. Descripções. Redacção e estylo.	Revisão do programma anterior, calculos e problemas sobre fracções ordinarias e decimaes.	Problemas sobre linhas rectas e curvas. Areas e volumes.	Revisão do programma anterior. Reducções metricas.	Desenho por copia e á mão livre.	Conhecimentos da historia do Brazil desde a sua descoberta até a proclamação da Republica.	Noções de Geographia geral e cosmographia do Brazil, especialmente do Amazonas.	Cursos p cos.

A leitura de musica e canto, os exercicios de gymnastica e os trabalhos manuaes (para os meninos) existem, é verdade, no plano de ensino; mas, estão ausentes das escolas pelos motivos que passo a expor.

O canto choral, geralmente admittido nos paizes civilisados como parte integrante do ensino primario, deve ser praticado, ensinado pelos que conhecem a musica precisa para o fim a que se destina esta parte da educação physica.

A maioria do pessoal docente das nossas escolas, exceptuando os normalistas, não possue conhecimentos de musica, acha-se impossibilitado de dar execução a esta parte do programma escolar.

Aos candidatos ao magisterio primario pede-se em concurso, segundo as instrucções que estão em vigor, provas de habilitação nas materias do plano de ensino, com excepção de musica, gymnastica e trabalhos manuaes.

Demais, póde-se ter habilitações pedagogicas para o bom desempenho da funcção escolar sem possuir-se conhecimento de musica, gymnastica ou trabalhos manuaes.

Mesmo nos paizes mais adeantados em materia de ensino elementar, estas disciplinas ficam a cargo de professores especiaes, se são ministradas nas classes superiores.

A falta de predios escolares accommodaveis a todas as exigencias do ensino é mais uma razão justificante da impraticabilidade da gymnastica nas nossas escolas de um e outro sexo.

Mobiliario e material pedagogico.—As escolas da capital, das cidades e villas foram dotadas com a mobilia e material pedagogico escolhidos pelo Conselho Superior.

Consta a mobilia de carteiras e cadeiras magistraes, bancos-carteiras do modelo americano da National School Furniture Company Triumph, Dovetailed Dersks, modificado pela Marcenaria Brazileira.

Estes bancos-carteiras, commodos, hygienicos, fortes e de facil concerto, têm, todavia, o inconveniente de pertencer a um unico typo.

Em cada uma d'essas escolas, além da mobilia ha material pedagogico moderno necessario para a applicação do methodo racional.

De outubro a março o almoxarifado forneceu para diversas escolas o seguinte:

Mobilia, material pedagogico, livros e mais objectos	Quantidade
Banco-carteira de vinhatico para 2 alumnos	145
Bancos de vinhatico para 4 alumnos	4
Bancos de cedro para 4 alumnos (escolas dos povoados)	80
Carteira de vinhatico para o professor	9
Carteira de cedro para o professor	14
Cadeira magistral, de vinhatico	14
Cadeiras simples de vinhatico	55
Banco para talha	7
Cabides	22
Relogio americano	4

Mobilia, material pedagogico, livros e mais objectos	Quantidade
Lavatorio de ferro e pertences	10
Quadro preto	16
Esphera terrestre	7
Lousas pequenas	6
Collecções dos 3 reinos da natureza	3
Armario pequeno para as collecções	3
Armario de vinhatico	7
Estrado de pinho	3
Tympano	28
Espanadores	24
Mappa do Amazonas	22
Escrivaninha	12
Quadro do systema metrico Level	4
Regua	25
Tinteiro de vidro	22
Talha	18
Copos de vidro	38
Bandeja	6
Escarradeira de ferro esmaltado	14
Pucaro de ferro esmaltado	23
Canivete	2
Toalha	45
Vassouras	30
Livro para matricula	31
Livro para exames	25
Livro para correspondencia	26
Livro para ponto diario e notas	24
Livro para termos de visitas	19
Livro para inventario	25
Regulamento	41
Regimento	41
Mappas mensaes impressos	300
Cartas de A B C	624
Cartilha nacional H. Ribeiro	669
Segundo Livro de H. Ribeiro	582
Terceiro livro de H. Ribeiro	550
Quarto livro de H. Ribeiro	255
Taboadas	868
Grammatica de João Ribeiro (1.º anno)	480
Arithmetica Trajano	496
Geographia Gœtz de Carvalho	107
Historia do Brazil, Carlos Pinho	382
Desenho Linear de Abilio	294
Geometria, Olavo Freire	55
Vida Pratica, Felix Ferreira	185
Festas nacionaes	148
Coração, de Amicis	204
Geographia Carlos Novaes	253
Paleographo de Freitas	410
Canetas	827
Caixas com penas	113
Lapis	621
Botijas com tinta	116
Resma de papel	114
Folhas de papel mata-borrão	153
Esponjas	56
Giz	17k,100
Enveloppes	649
Cadernos de Calligraphia	16
Livros de historia natural	16
Arithmetica de Monteiro de Souza	36

O respectivo fornecimento feito pelo almoxarifado d'esta repartição, n'estes ultimos dois annos, denuncia a situação em que se achavam muitas escolas e mostra ao mesmo tempo a solicitude empregada para de prompto minorar o pessimo estado material em que encontrei-as.

Em grande parte esse melhoramento é devido ás informações fidedignas dos Snrs. inspectores escolares que em seus relatorios foram solicitos em scientificar á Directoria Geral, da precaria situação d'essas escolas.

Os quadros annexos mostram o movimento do almoxarifado.

Matricula e frequencia.—A matricula n'este anno lectivo alcançou a cifra —3:912— sendo:

Sexo masculino 2:064 } 3:912
Sexo feminino 1:848 }

A media de frequencia é representada pelo numero —2:252.

No presente quadro tanto esta como aquella estão distribuidas separadamente pelas escolas de cada um dos quatorze districtos.

Districtos	Numero de escolas	Matricula			Media de frequencia
		Masculino	Feminino	Total	
1.º	29	429	710	1:139	595
2.º	16	193	163	356	192
3.º	14	106	65	171	105
4.º	3	30	44	74	42
5.º	17	369	227	596	378
6.º	9	160	115	275	172
7.º	10	173	115	288	181
8.º	11	161	65	226	141
9.º	1	14	12	26	14
10.º	14	240	179	419	246
11.º	14	162	124	286	168
12.º	1	9	10	19	12
13.º	1	18	19	37	13
14.º	1	Vaga	—	—	—
	141	2:064	1:848	3:912	2:259

Desdobramento escolar.—A 2.ª escola do sexo feminino do bairro dos Remedios e a escola mixta de Ayapuá, foram desdobradas de accordo com o dispositivo do art. 6.º do regulamento em vigor.

Predios escolares.—De propriedade do Estado existem 13 predios destinados ás escolas publicas, sendo 5 no 1.º districto, 2 em Manicoré, 1 em Parintins, 2 na Labrêa, 1 em Codajáz, 1 em Canutama e 1 em Maués.

Deixo de incluir no numero de predios escolares o de Manacapurú e o da rua Ramos Ferreira; aquelle, por ter desabado; e este, por haver sido entregue ao Director do Instituto Benjamin Constant.

Movimento do Professorado.—Nomeações effectivas.—Foram nomeados:

Em 21 de outubro, o cidadão Miguel Archanjo de Maria Ramos, para reger a escola do sexo masculino de Canutama; em 7 de dezembro, D. Daria Alvarenga Carneiro, para reger a escola mixta de Cacáo-Pereira; D. Raymunda de Amorim Alvarenga, para a escola mixta de Pedras; e D. Margarida de Amorim Alvarenga, para a escola mixta de Massauary; em 14 de janeiro, cidadão Raymundo de Magalhães Cordeiro para a escola do sexo masculino de Fonte-Boa; em 1 de abril, cidadão Antonio Telles de Souza, para a 1.ª cadeira do sexo masculino do 3.º Grupo escolar da Capital, e D. Thereza Georgina Pires, para a do sexo feminino de Canutama.

Estas nomeações foram feitas depois dos respectivos candidatos habilitarem-se em concurso, o qual realisou-se perante a Directoria Geral e de conformidade com o estatuido no regulamento.

Nomeações interinas.—Pela Directoria Geral foram feitas 24 nomeações interinas para diversas escolas auxiliares e primarias.

O mappa annexo indica a data das nomeações e as respectivas cadeiras.

Designações.—Foram designados: em 6 de outubro, a professora da escola mixta de Terra Vermelha, D. Izabel de Freitas Pinto, para reger a escola do sexo feminino do bairro dos Remedios; em 26 de outubro, o cidadão Manuel Thomaz Pinto Ribeiro, professor do Careiro, para em commissão reger a 2.ª cadeira do 1.º Grupo escolar; em 12 de novembro, a professora da escola do sexo feminino de Humaythá, para ter exercicio na escola mixta da Estrada Cearense; em 28 de novembro, a professora, em disponibilidade, D. Optaciana de Carvalho Queiroz, para ter exercicio na escola mixta de S. Raymundo; em 28 de dezembro, a professora, em disponibilidade, D. Josepha Minervina Alvares Affonso, para ter exercicio na escola mixta de Ressaca.

Remoções.—Foram removidos: em 10 de outubro, o professor normalista, Thomaz José de Aguiar, da cadeira do 3.º Grupo escolar para a do sexo masculino de Manacapurú; em 21 de outubro, o professor normalista Agnello Bittencourt, da 2.ª cadeira do 1.º Grupo escolar para a escola do sexo masculino de Ayapuá; em 26 de novembro, a professora D. Eutalia Barroso da Silva Ramos, da escola mixta de S. Raymundo para a nova escola resultante do desdobramento da 2.ª cadeira do sexo feminino do bairro dos Remedios; em 28 de novembro, a professora D. Phylomena Ferreira Gomes, da escola mixta de Cacáo-Pereira para a de igual cathegoria no Cambixe; em 9 de janeiro, o professor José Bertholdo de Sá Monteiro, da escola do sexo masculino de Fonte-Boa para a de igual cathegoria na Labrêa.

Disponibilidade. — Foi posta em disponibilidade, em 21 de outubro, a professora da escola do sexo feminino de Manicoré, D. Phylomena Maria da Silva Mello.

Licenças. — De 3 de outubro a 24 de março obtiveram licença 29 professores. O quadro annexo menciona a data e o tempo das licenças e os nomes dos respectivos funccionarios.

Aposentadoria. — Por acto de 7 de novembro foi aposentada a professora normalista, D. Maria Orminda Pinto Marques.

Demissões. — Foram demittidos: por portaria de 9 de novembro, a pedido, D. Izabel Thomazia Belem, do cargo de professora da escola mixta do Paraná do Arary; por portaria de 12 de janeiro, do cargo de professor do ensino mixto de Baêtas, o cidadão Maximiliano da Trindade; em 26 de janeiro, a pedido, do cargo de professor de Canumã, o cidadão Sebastião Monteiro de Medina Ribeiro; em 8 de fevereiro, a pedido, do cargo de professora do ensino mixto de Nogueira, D. Maria de Oliveira Almeida; em 20 de fevereiro, do cargo de professor de Thomar, o cidadão Antonio de Lima Verde; em 27 de fevereiro, a pedido, D. Angelica Ferreira Ventilari, do cargo de professora de Acajutuba.

Inspecção escolar

No meu relatorio de 1897 occupei-me largamente da inspecção escolar. Procurei demonstrar a inutilidade da inspecção feita pelos antigos Conselhos escolares e pelos agentes de segurança publica.

"Urge, disse eu, que seja pelo poder competente votado o credito preciso para o preenchimento, quanto antes, dos quatorze logares de inspectores; tantos são os que se acham vagos."

O que tive a honra de lembrar foi tomado em consideração, e o trabalho de inspecção fez-se regularmente. Obteve então a Directoria Geral importantes informações, conheceu de perto as necessidades das escolas e dos professores e procurou ao alcance de suas forças melhorar o serviço.

Os professores, certos de que estavam sob uma seria fiscalisação, cumpriram com os seus deveres, deram aos senhores inspectores os mais minuciosos informes, orientando-os quanto á população escolar nas sédes de suas respectivas escolas, quanto ás boas ou más condições em que funccionavam.

Foram zelosos na remessa dos mappas de matricula e frequencia, a ponto da Directoria ficar na posse de dados seguros para poder organisar a estatistica geral do ensino publico primario.

O Congresso Estadoal, porém, na sua ultima reunião, sem reduzir o numero de inspectores, votou apenas verba para cinco.

Ao findar o exercicio financeiro, vos officiei, consultando-vos, e em 10 de

janeiro me communicastes a resolução do Governo, dispensando os que excedessem áquelle numero.

Foram aproveitados os cinco mais antigos.

O quadro annexo mostra o movimento d'estes funccionarios.

Auxiliam, actualmente, a Directoria Geral, na inspecção do ensino, os Snrs. Coronel Francisco Publio Ribeiro Bittencourt, professor Ramiro Ramos e Silva, pharmaceutico Samuel Chaves e Dr. José Candido Martins Trindade.

Por melhor que seja a vontade d'estes funccionarios posta ao serviço da causa publica, bem se vê ser impossivel inspeccionar-se 144 escolas em pontos differentes, ora marginaes, ora centraes, em um Estado cuja população, inteiramente disseminada, está provavelmente na razão de 0,1 por kilometro quadrado.

A instituição dos inspectores escolares, levantou a grita entre os defensores da antiga inspecção. Logo aos primeiros effeitos do seu funccionamento, appareceram descabidas accusações, severas criticas sobre o modo de proceder dos inspectores, quando dentro da esphera de suas attribuições agiram em favor do ensino.

Fiscalisadores dos trabalhos escolares, conseguintemente, obrigados a syndicar e censurar os actos dos professores transviados das normas legaes, elles contrariavam aos que haviam-se acostumado ao desrespeito da lei.

Então, accordaram-se, em poucos, felizmente, as susceptibilidades *ad-rem* exaggeradas para chamar a odiosidade sobre o novo systema de inspecção. Tive algumas vezes de apurar a verdade de factos trazidos ao meu conhecimento e em todos os casos verifiquei estar a razão do lado do inspector.

A mais impertinente das accusações que se tem feito aos inspectores escolares é a de não visitarem todas as escolas centraes do Estado.

Confesso, nem todas poderam ser visitadas, devido ás difficuldades do transporte.

Mas, porque algumas d'essas escolas não foram inspeccionadas, deve-se concluir ser a actual inspecção má e prejudicial?

E' incompleta, reconheço; ainda assim, tem servido de valioso auxilio á administração superior do ensino.

Para a irregularidade forçada, que acabo de mencionar, encontro prompto remedio, não na reducção do numero de inspectores ou na sua extincção; sim, no preenchimento completo dos quatorze logares e na facilitação de meios que superem as difficuldades de transporte, muita vez penoso, aos pontos onde estão situadas algumas escolas centraes.

Os mais intransigentes adversarios do serviço de inspecção a cargo dos inspectores, affirmam ser ella uma sinecura para os amigos do Governo.

Em tal affirmativa ha dois peccados: um, contra os factos; outro, contra a logica.

Os termos de visitas lançados nos livros das escolas da capital e do interior, os mappas de matricula e frequencia e os pedidos de material escolar, visados pelos inspectores, emfim, a estatistica escolar, as minuciosas e verdadeiras informações, contidas nos relatorios apresentados por estes funccionarios; tudo prova assiduo trabalho, exacto cumprimento de deveres inherentes ao cargo que occupam.

Se o cargo de inspector escolar no Amazonas, fosse uma sinecúra, como dizem alguns inimigos da actual inspecção, isto é, um emprego rendoso, sem trabalho para os amigos do Governo, é obvio, os quatorze logares, pelo menos, estariam preenchidos, vantagens de ordem mais elevada não deveriam minguar aos que suppõem viver sob tão bons auspicios.

Ensino particular

Existem na capital 12 estabelecimentos de ensino primario e secundario, n'elles estão matriculados 372 alumnos e a frequencia media é de 323.

O quadro seguinte indica o numero, a denominação, o nome dos directores, o local em que estão situados, a data de sua fundação, a matricula e a media de frequencia.

Numeros	Denominação	Directores	Local	Fundação	Alumnos	
					Matriculados	Media de frequencia
1	S. José	Conego Hyppolito Costa	Praça 15 de novembro	1848	—	—
2	Santa Maria	D. Elvira de P. Ribeiro.	General Osorio	15-1-91	50	45
3	Perseverança	D. Carlota A. Muniz.	Dr. Moreira	Idem	40	30
4	Boa Esperança	D. Raymunda C. Magalhães . .	Rua 24 de maio	8-5-93	19	17
5	Santa Rita	D. Joanna B. Langbeck.	Rua Henrique Martins	1880	60	56
6	Santa Catharina	D. Maria Mendonça Lima. . . .	Idem	4-2-95	70	65
7	N. S. Conceição	D. Maria Ribeiro G. Valle. . . .	Rua Dr. Moreira	10-1-98	35	32
8	Santa Clara	D. Ignez Vidal de Albuquerque	Oriental	Idem	18	14
9	15 de Novembro	Benjamin Mello	Rua dos Barés		20	16
10	Escola primaria	D. Angerica R. Silva.	Rua do Progresso	8-1-94	17	14
11	Idem	Euclides Pinheiro.	Rua Epaminondas	6-7-98	43	31
12	N. S. Lourdes	D. Etelvina M. de Mello.	Rua Marcilio Dias			
					372	323

Associação Amazonense propagadora das Bellas Artes

O estabelecimento creado e dirigido por esta associação foi convertido em estabelecimento publico, pelo decreto n.º 324 de 26 de abril de 1899. Funcciona sob a denominação de "Academia Amazonense de Bellas Artes" com os seguintes cursos:

a) Musica;
b) Leitura, recitação e declamação;
c) Desenho e pintura;
d) Esculptura, plastica e toreutica;
e) Architectura.

Ha para o curso academico 11 cadeiras e 6 para o curso annexo.

A sua matricula era de 123 alumnos, sendo 87 do sexo feminino e 36 do sexo masculino.

Asylo Orphanologico dos Artifices e Lavradores

Este estabelecimento, sob a direcção dos Padres missionarios da ordem do Espirito Santo, situado na foz do rio Teffé, é destinado especialmente á educação artistica e agricola dos meninos pobres e desvalidos.

O ensino primario, n'esta casa de educação, abrange:

Instrucção religiosa, Grammatica portugueza, Calligraphia, Historia e Chorographia do Brazil; Arithmetica pratica e applicada, Systema metrico, Geometria applicada, Escripturação mercantil e elementos de Algebra.

O ensino profissional abrange as artes mechanicas e especialmente a lavoura.

Trinta e cinco são os educandos, presentemente, no estabelecimento, a saber:

Pobres do municipio	15
Do ex-Instituto de Manáos	3
De Manáos	13
De outros logares	2
Pensionistas	2
	35

O Asylo Orphanologico, sob a direcção dos Padres missionarios pode dar magnificos resultados, se for bem dirigido.

O Estado subvencionando internatos d'esta ordem ou creando-os em pontos apropriados, em alguns dos seus importantes rios, provavelmente, auferirá proveitoso resultado, correspondente aos necessarios sacrificios pecuniarios feitos por elle para os manter.

*

* *

Resumo da matricula geral

Gymnasio	31
Curso normal	73
Curso Commercial	15
Escolas publicas	3:912
Instituto "Benjamin Constant"	100
Academia Amazonense de Bellas Artes	123
Collegio e escolas particulares	372
Asylo Orphanologico de artifices lavradores	35
	4:661

Conselho Superior

Está constituido e ha funccionado na forma do regulamento o Conselho Superior.

Na sua primeira reunião foram eleitos os membros das tres secções:

1.ª Secção.— Professor Gœtz de Carvalho e professora D. Elvira de Paula Ribeiro;

2.ª Secção.— Professor Vicente Telles de Souza e professora D. Francisca Raposo Fernandes;

3.ª Secção.— Dr. Placido Serrano e Dr. Leonidas e Sá.

No impedimento do Snr. professor Vicente Telles de Souza, convidei para substituil-o a Snr.ª professora D. Amanda de Carvalho Cavalcante.

*

* *

Os exames do ensino primario realisar-se-hão em julho.

Espero este anno obter melhor estatistica de approvações, tanto nos exames de classe, como nos finaes ou definitivos.

Eis o que me occorre dizer-vos sobre o estado actual do ensino publico e particular do Amazonas.

*

* *

Annexo encontrareis o quadro do movimento da Secretaria, cujos empregados, me desvaneço em dizel-o, procuram de accordo com as suas habilitações auxiliar a Directoria Geral. D'entre elles, manda a justiça que eu saliente o almoxarife cidadão Vicente Leite d'Oliveira, funccionario que pelo seu zelo e aptidão faz jús á estima e louvor dos seus superiores hierarchicos.

Parte III

Depois da exposição contida na segunda parte d'este trabalho, pela qual se pode conhecer o estado do ensino publico e particular do Amazonas,—cumpre-me lembrar ao poder publico as medidas e reformas que me parecem favoraveis ao desenvolvimento do ensino.

No desempenho do dever, a mim imposto pelo cargo difficil e espinhoso confiado á minha incompetencia, de propor o que for mister para melhorar a situação do mais importante de todos os serviços publicos, nutro a esperança, se não a certeza, de que mais uma vez a causa do ensino terá a seu favor a vossa benefica influencia, se o que vae indicado merecer a vossa approvação.

*

* *

Obrigatoriedade do ensino elementar.—No espirito dos que mais de perto estudam as causas perturbadoras do progredimento de nosso ensino elementar e mais se interessam pelo prompto desapparecimento das mesmas,—está a convicção de que a obrigatoriedade d'este ensino apresenta-se como uma medida inadiavel contra o analphabetismo.

Julgo ocioso additar novas razões e provas ás que externei em documentos publicos quando por mais de uma vez me referi a este assumpto.

Nada obstante, em auxilio da causa da obrigatoriedade do ensino, me occorre transcrever, com a devida venia, algumas palavras da mensagem de S. Ex.ª o Snr.

Governador do Estado, em julho de 1898, e a vossa franca opinião manifestada no vosso relatorio do mesmo anno.

"A população escolar, disse S. Ex.ª, é diminuta; o numero de creanças que frequentam as escolas do Estado apresenta uma insignificante porcentagem sobre o numero de menores existentes n'esta zona.

"Paes e tutores de creanças, sedentos de cedo obter o trabalho d'estas, levados da ignorancia, não mandam seus filhos e tutellados ás escolas, condemnando os pobres infantis ao analphabetismo.

"Para evital-o, parece que a unica medida a adoptar seria a da obrigatoriedade do ensino, obrigando os pais, tutores e protectores de menores a fazel-os frequentar as escolas, sob pena no caso de infracção."

E S. Ex.ª lembrou ao Congresso Estadoal o alvitre aconselhado pela observação dos factos concernentes á infrequencia escolar.

"Assim como foi preciso tornar a vaccina obrigatoria, dissestes vós, como medida prophylatica contra a epidemia da variola, julgo necessario, em nome da civilisação, decretar a obrigatoriedade do ensino como unica medida prophylatica contra a ignorancia.

"A não ser por meio d'esta medida extrema, creio que nada se conseguirá em proveito do desenvolvimento da instrucção publica."

Basta examinar-se a relação existente entre a matricula e frequencia dos escolares no periodo de Outubro a Março para chegar-se á conclusão de que os motivos allegados em favor da obrigatoriedade do ensino continuam a persistir.

Façamos um ligeiro exame, comparando as inscripções e frequencia nos ultimos annos lectivos:

Anno	Matricula	Media de frequencia
1896	3:109	2:660
1897	3:242	2:422
1898	3:296	1:976
1899	3:912	2:252

Estes algarismos demonstram que a matricula mais elevada é a de 1899.

O augmento de inscripção prova o augmento da população em idade escolar, e, a diminuição de frequencia justifica a necessidade immediata de ser decretada a obrigatoriedade do ensino elementar. Se compararmos a frequencia das escolas da Capital, n'este anno lectivo, com a frequencia nas escolas do mesmo districto, em cada um dos dois ultimos annos, veremos:

1.º districto

Anno	Numero de escolas	Matricula	Media de frequencia
1897	26	1:409	907
1898	28	1:252	682
1899	29	1:139	595

Deixando á parte o anno de 1897, visto como por falta de immediata inspecção a matricula e a frequencia foram até certo ponto ficticias, n'esse anno,— somos, entretanto, obrigados a concluir, haver a favor da matricula de 1898 uma differença de 113 inscripções, e a favor da frequencia do mesmo anno—87.

Tomemos, ainda ao acaso no mappa de matricula e frequencia d'este anno, o movimento das escolas das tres secções do districto da Capital e comparemol-o com o movimento das do 5.º districto (Baixo Amazonas).

Districto	Numero de escolas	Matricula	Media de frequencia
1.º	29	1:139	595
2.º	17	596	378

Estes algarismos fallam a favor das escolas do 5.º districto.

Emquanto a media de matricula para as escolas do 1.º é de 39 e a frequencia 20, a media de matricula para as escolas do 5.º é de 35 e a frequencia 22.

Na Capital do Amazonas as escolas estão mais abandonadas; ha menos comprehensão sobre as vantagens da educação e ensino que em um dos districtos do interior!

O resultado do recenseamento escolar em Manáos, feito o anno passado, mostrou a existencia de 1897 creanças em idade escolar, das quaes 703 não frequentavam escolas publicas ou particulares!

Admittindo-se não ter havido augmento n'essa população escolar, e em vista da actual matricula—1:139—, pode dizer-se, com probabilidade, que o numero de creanças em idade escolar entregue ao analphabetismo tornou-se mais elevado.

E nem se affirme que abandonaram as escolas publicas pelas escolas particulares.

N'estas, manifesta-se o mesmo phenomeno: em 1897, nos dez estabelecimentos de ensino particular da Capital, a matricula attingiu a 644 e a frequencia a 432; em 1898, a matricula desceu a 301 e a frequencia a 232; em 1899, aquella acha-se representada pelo n.º 372 e esta por 323.

A crise por que passou, na Capital, a saude publica justificou em parte a infrequencia escolar no 1.º districto, nos dois ultimos annos; mas, no anno lectivo proximo a findar-se, as condições de salubridade de Manáos melhoram consideravelmente. Não ha razões justificativas da actual frequencia escolar, a não ser o desleixo dos que voluntaria ou involuntariamente condemnam filhos e tutellados á ignorancia.

Predios escolares. — Sem bons professores, sem boa inspecção, sem predios escolares subordinados ás exigencias do ensino e ás regras da boa hygiene, será impossivel resolver-se o problema da instrucção primaria.

A estabilidade da escola não depende somente dos mestres e dos programmas modernos; depende principalmente da casa apropriada, situada em pontos convenientes.

Sujeitar a funcção escolar nos caprichos dos proprietarios de predios particulares é annullar todo o trabalho produzido para melhorar o ensino.

A instabilidade da escola concorre poderosamente para a sua infrequencia, maximé, em um Estado novo como o Amazonas, em que as difficuldades sobem de ponto na acquisição de moradias particulares.

Não procurarei demonstrar a urgencia de predios estadoaes para n'elles serem installadas as escolas publicas, quer na Capital, quer nas cidades e villas.

Sei que a alta administração publica envida os meios para satisfazer esta necessidade do ensino. (*)

Emquanto, porém, não é ella satisfeita, penso ser de conveniencia o Estado tomar de arrendamento casas mais confortaveis, mais hygienicas, melhor situadas do que as actuaes alugadas na Capital por 80$000 réis mensaes e nas cidades e villas por 25$000 réis.

Com alugueres tão reduzidos é muito difficil obter-se casas reunindo mais ou menos os requisitos aconselhados pela pedagogia. (*)

Mobilia escolar. — A existente no almoxarifado não basta para satisfazer a precisa organisação das escolas do interior.

Os bancos-carteiras do modelo americano modificado pela Marcenaria Brazileira e admittido nas escolas do 1.º districto são de um só tamanho, o que é inconveniente, e são para dois logares.

Na Capital Federal está admittido o banco-carteira do systema Adriano Nogueira. Este systema apresenta-se sob quatro typos, a saber:

1.º para classe infantil;
2.º
3.º " escolas elementares;
4.º " escolas normaes.

(*) *Nota.* — *Na Capital estão sendo construidos tres predios para Grupos-escolares: um na Praça do Rio-Branco, outro na rua Costa Azevedo e outro nos Tócos.* (Projecto do engenheiro Dr. Olavo Ferreira, modificado em parte pela Repartição de Obras Publicas.)

(*) *Nota.* — Na nova lei do orçamento, para 1900, está consignada verba para alugueres de casas, na razão de 100$000 réis mensaes para as da Capital e 35$000 réis para as das cidades e villas.

São isolados, e os pés de ferro batido.

Se achardes conveniente, depois de recebidas as amostras que pedi ao fabricante, far-se-á acquisição de 500 d'esses bancos-carteiras e a mobilia que está servindo nas escolas do 1.º districto será distribuida pelas das cidades e villas. (*)

Plano de estudo. — Precisa ser ampliado o plano de estudo das escolas auxiliares. O actual não satisfaz, não completa a educação elementar. D'elle estão ausentes algumas disciplinas essenciaes. Assim, o art. 3.º do regulamento vigente deverá soffrer alteração.

Classe infantil. — Quando me referi a organização do ensino primario na França salientei as vantagens d'esta classe. É uma lacuna nas nossas escolas primarias a não creação da classe infantil. A creança deve logo na primeira idade exercitar-se progressivamente no trabalho como no pensamento.

Tudo que existe no homem, como muito bem diz Ch. Dilon, forças motrizes, organicas, instinctos, faculdades, existe na creança em estado de germem, esperando seu desenvolvimento da natureza e da educação. Esta deve desenvolver o ser por inteiro com todas as forças organicas, sem exclusão, sem desproporção, com ordem e harmonia.

O methodo intuitivo não deve ter solução de continuidade. D'ahi, a creação racional da classe infantil, traço de união entre a familia e a escola.

Pelos methodos e processos de Pestalozzi e de Frœbel, modificados, nacionalisados, a classe infantil fará exercicios e trabalhos, durante um ou dois annos. Depois, as creanças irão occupar a 1.ª classe do curso elementar, onde continuarão a desenvolver os exercicios e trabalhos já principiados.

Desenho, canto e gymnastica. — Em todas as classes dos cursos de ensino primario deve fazer-se o estudo do desenho. Principiando na classe infantil desenvolver-se-á gradualmente e será a base racional da escripta e do ensino de trabalhos manuaes, para um e outro sexo. Como o desenho, deverá cuidadosamente ser dado o ensino de musica e de gymnastica.

Nas primeiras classes, se encarregarão de o ministrar os professores auxiliares, habilitados, os primarios ou directores dos grupos escolares; nas classes superiores, ficará a cargo de professores ou professoras especiaes, uma vez por semana, em cada escola. Poder-se-á na falta d'esses professores obrigar á matricula, nas aulas de desenho e canto da Academia Amazonense de Bellas Artes, os alumnos da quarta classe.

(*) *Nota* — Lavrou-se (em Novembro de 1899 na Secretaria do Interior) contracto com o representante da Marcenaria Brazileira, para fornecimento de 400 bancos-carteiras do modelo Americano, para creanças de 5 a 12 annos, 3 tamanhos, 100 de cada; 300 Carteiras Carvalho, systema Universal-mesas e cadeiras magistraes, armarios, lousas, bancos para filtros, mobilias para os salões da Directoria e Conselho Superior, etc., etc.

Trabalho manual. — Na Europa como na America o ensino primario completa-se associado aos exercicios de trabalho manual. No plano de estudo da nossa instrucção primaria figura esse trabalho que não tem sido praticado nas escolas do sexo masculino, por motivos já externados.

Se fôra possivel o Estado organizar no 1.º districto uma escola especial para os exercicios do trabalho manual, certo, com ella muito lucraria a juventude.

Dirigida por pessoal competente, especialista, n'ella praticariam não só os alumnos das classes mais elevadas do curso primario, como tambem os do "Curso Normal".

Essa escola não seria uma aggregação de officinas; não. Deveria ser, como pensa a maioria dos modernos pedagogistas, destinada a fornecer aos meninos uma educação dos orgãos visuaes e da mão, analoga á educação geral que elles recebem na escola primaria. "Seria para desejar, dizia judiciosamente o Dr. Götze, que nenhum menino entrasse na vida pratica sem haver adquirido antecipadamente uma certa habilidade geral da mão. A officina escolar não se propõe a formar, especialmente obreiros; ella tem por missão desenvolver nos meninos a destreza manual e a justeza dos orgãos da visão."

Muitos Congressos pedagogicos, discutindo o assumpto, consideram o trabalho manual na escola primaria, ministrado pelo systema do Slöyd Sueco ou outro equivalente, um complemento da educação integral.

Julgo de utilidade o Estado fazer acquisição dos modelos em madeira da serie fundamental da Escola Normal de trabalhos manuaes de Nääs (Nääs Slöjdlärareseminarium).

Certificado de habilitação. — Considerando de maus effeitos para o ensino a nomeação interina de pessoa inteiramente estranha ao magisterio, para reger as escolas vagas ou substituir os funccionarios effectivos em seus impedimentos, e, mais as difficuldades que encontra a directoria geral no preenchimento provisorio das escolas mixtas do interior, — apresento o alvitre de conferir-se um certificado de habilitação ás alumnas do Instituto "Benjamin Constant", que houverem terminado o tempo de educação n'este estabelecimento e tenham obtido boas approvações nas materias do curso primario superior.

O ensino dado n'esse Instituto, principiando na classe infantil, terminando nas aulas de mathematica elementar e sciencias physicas-naturaes, comprehendendo a gymnastica escolar, a musica, o trabalho manual, é sufficiente para dar direito a esse *certificado de habilitação.*

As alumnas que o possuirem deverão ser aproveitadas na regencia das classes infantis, do curso elementar e medio; e, sempre que for possivel, substituirão os professores effectivos nos seus impedimentos.

O não aproveitamento no magisterio, dentro de trez annos a contar da data da expedição do *certificado,* dará logar á perda das vantagens e direitos n'elle concedidos.

Gratificação extraordinaria.—A gratificação estatuida pelo § unico do artigo 36.º é tão pequena que não pode ser considerada como um premio de emulação.

A gratificação deve ser concedida na razão dos bons serviços prestados pelo professor.

Esses bons serviços devem patentear-se, principalmente, nos exames finaes.

Julgo de bom aviso dar-se uma gratificação ao professor por cada alumno aproveitado em exame final.

Perda de gratificação.—Se os que trabalham são premiados é preciso haver um correctivo para os que pouco se interessam com as funcções do cargo. Assim, será preciso tomar-se uma medida contra os professores que durante annos consecutivos deixam de apresentar alumnos a exames.

E, afigura-se-me como mais proveitosa a perda da gratificação dos vencimentos do professor, no periodo das ferias, quando não tenha elle em dois annos seguidos dado alumnos preparados para exames finaes.

Creação de Cursos nocturnos. — Decretada que seja a obrigatoriedade do ensino primario trará vantagens a creação de *Cursos nocturnos* ministrados sob o mesmo regimem e programmas do ensino primario nas escolas do sexo masculino que funccionam em proprios do Estado.

Os respectivos professores diurnos ficariam encarregados d'esses cursos, mediante uma gratificação.

Inspectores escolares. — O preenchimento dos logares de inspectores correspondentes ao numero de districtos escolares é uma medida de grande urgencia para garantir as escolas do Estado. (*)

Pelo art. 21.º do regulamento em vigor os inspectores são nomeados dentre os professores jubilados ou cidadãos graduados em qualquer faculdade ou escola scientifica reconhecida na Republica, que já tenham servido cargo no magisterio publico primario, secundario ou superior.

Esta exigencia do regulamento crêa embaraços para o preenchimento d'esses logares.

Sou da opinião dos que querem a inspecção feita pelos diplomados nas escolas normaes, dos que a querem como um desdobramento do professorado. É impossivel, porem, na actualidade achar-se pessoal em taes condições.

Para remover estes embaraços poder-se-á abrir concurso para julgar-se das habilitações dos candidatos que não possuam os requisitos exigidos pelo referido artigo.

As provas de habilitação produzidas, de accordo com instrucções elaboradas pelo Conselho Superior, seriam, em tal caso, julgadas pela Congregação do estabelecimento de ensino normal.

(*) *Nota*—O Congresso estadoal em sua ultima reunião (Julho de 1899) votou verba para inspectores.

Outras vantagens, que não a de uma simples commissão, devem ser concedidas aos inspectores escolares.

Seria de justiça que elles fossem considerados funccionarios effectivos no fim de tres annos de bons serviços.

Regulamento de instrucção primaria. — O regulamento em vigor, omisso em muitos pontos, como verifica-se na sua applicação, precisa ser alterado.

As licenças de professores nos dois ultimos mezes do anno lectivo e as renuncias das mesmas nos primeiros dias do periodo de ferias, os continuados pedidos de remoção feitos pelos professores normalistas, — vão transformando-se em abusos que só desapparecerão sendo previstos e prohibidos por disposições regulamentares.

*

* *

As escolas do interior necessitam de um estudo minucioso. Precisam de melhoria as condições de seu actual funccionamento. Nada, entretanto, se poderá fazer sem um recenseamento geral da população escolar.

Conclusão

Correm por conta de minha incompetencia as lacunas e os defeitos do trabalho que ora vos apresento sem methodo, sem estylo.

Escripto, é verdade, em meio de circumstancias, para mim, bem especiaes, me foi impossivel lograr larga explanação sobre todos os pontos do assumpto.

Deprehende-se, entretanto, do que ficou dito, a prova da existencia de algumas vantagens conseguidas á custa dos meios postos em pratica propicios á escola primaria, a qual está destinada a occupar o primeiro logar no progresso da civilização d'este grandioso Estado.

O augmento da matricula nas escolas do interior, a substituição da rotina pelos novos methodos e processos, os ultimos exames de classe e finaes, a disciplina do pessoal do magisterio, — justificam o asserto concernente a melhoria da instrucção primaria.

O trabalho da reorganização do ensino, trabalho que demanda paciencia, tempo e continuada observação, não deve ser interrompido, desprezado, condemnado, pelo facto de nos primeiros dias de seu inicio deixar de produzir os melhores resultados. Quando mesmo esses resultados se manifestem, o trabalho deverá continuar, que a instituição escolar em vez de ser uma obra definitiva assemelha-se a uma grande arvore, cujo crescimento e vigor dependem da reorganização dos tecidos de seu organismo. Não ha demasia nas medidas e necessidades que, ao presente, demandam prompta solução.

Decretar a obrigatoriedade do ensino primario, dar fixidez á escola em logares de reconhecida conveniencia, dotar as escolas com o moderno material pedagogico, entregal-as a professores habilitados, methodisar o ensino creando a classe infantil, promover o ensino pratico do trabalho manual, da musica, da gymnastica, da agricultura: em fim, melhorar a inspecção, preenchendo todos os logares de inspectores com um pessoal idoneo, competente, — será uma recrudescencia de esforços em favor do futuro do Amazonas.

Concluindo, peço para as lacunas e defeitos deste relatorio a vossa benevolencia; para a causa da instrucção, o vosso valioso influxo e o beneficio de vossas luzes.

Francisco Antonio Monteiro

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de outubro a dezembro de 1898

(Continuação)

Numero	Districto	Categoria das escolas	Sexo	Séde	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia						Observações
						Masculina	Feminina	Total	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média Mensal da Frequencia	Dias de aula	
				Interior											
29					Transporte	385	538	923	457	530	573	1560	518	518	
1	2.º	Auxiliar	Mixta	Janauary	João Antonio Coelho	30	6	36	21	28	32	81	27		Effectivo. Concurso.
2	»	»	»	Cacáo Pirêra	D. Philomena Ferreira Gomes	8	7	15	8	10	12	30	10		Idem idem. Removida para o Cambixe.
3	»	»	»	Taruma Miry	D. Izabel de Souza	7	8	15	8	9	12	29	9		Interina.
4	»	»	»	Paricatuba	D. Guilhermina M. das Neves	6	9	15	9	11	12	32	10		Effectiva. Concurso.
5	»	»	»	Acajutuba	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
6	»	»	»	Lages	D. Maria Rania da Silva	9	11	20	13	15	15	43	14		Idem idem.
7	»	»	»	Purnaquaquara	D. Maria Pia Marques	14	14	28	14	17	18	49	16		Idem.
8	»	»	»	Jatuarana	Feliciano Soares da Cunha	17	5	22	2	6	6	14	4		Interino.
9	»	»	»	Paraná da Terra Nova	Vaga da data do desdobramento	—	—	—	—	—	—	—	—		Desdobrada da Costa da Terra Nova em 7 de dezembro d
10	»	»	»	Costa da Terra Nova	D. Maria Carolina d'Oliveira	9	9	18	9	9	11	29	9		Interina.
11	»	»	»	Tabocal	D. Emilia Soares Lopes	8	10	18	8	10	11	29	9		Idem.
12	»	»	»	Carvéiro	D. Maria Martins Freire	11	9	20	10	9	10	29	9		Idem.
13	»	»	»	Cambixe	D. Philomena Ferreira Gomes	9	12	21	9	11	12	32	10		Effectiva. Concurso. Removida de Cacáo Pirêra em 16-11
14	»	»	»	Janauarí	D. Veronica Gomes d'Andrade	8	16	24	8	12	11	31	10		Idem. Concurso de adjuncta. E' professora interina D. Laura da Conceição Pereira.
15	»	»	»	Colonia de Janauarí	Antonio Teixeira Monteiro da Costa	10	19	29	10	13	15	38	12		Idem. Concurso.
16	»	»	»	Terra Vermelha	D. Izabel de Freitas Pinto	9	16	25	9	13	14	36	12		Idem. Concurso de adjuncta. E' professora interina D. Margarida C. dos Santos
16					Somma	155	151	306	138	173	191	502	161	161	
1	3.º	Auxiliar	Mixta	Tauapessassú	Odilon Pinto Bandeira	14	4	18	13	12	12	37	12		Interino.
2	»	»	Masculino	Moura	Antonio d'Oliveira Horta	17	—	17	9	10	12	31	10		Effectivo. Concurso.
3	»	»	Feminino	Idem	D. Thomazia Campos de B. Lacerda	—	14	14	6	8	10	24	8		Idem idem.
4	»	»	Masculino	Ayrão	Manoel Cavalcante de A. Vasconcellos	24	—	24	10	17	19	46	15		Idem idem.
5	»	»	Feminino	Idem	D. Thereza da Cunha Mendes	—	10	10	7	6	8	21	7		Interina.
6	»	»	Mixta	Carvoeiro	Octaviano Cordeiro da Cunha	12	—	12	9	12	12	33	11		Idem.
7	»	»	»	Barcellos	D. Tertulina Campos d'Oliveira	5	1	6	2	3	3	8	3		Effectiva. Concurso.
8	»	»	»	S. Joaquim	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
9	»	»	»	Moreira	Idem	—	—	—	—	—	—	—	—		
10	»	»	Masculino	S. Gabriel	Eleuhas do Nascimento Luz	18	—	18	10	12	13	35	11		Effectiva. Concurso.
11	»	»	Feminino	Idem	D. Hildebrandina d'Aguiar	—	17	17	9	10	11	30	10		Interina.
12	»	»	Mixta	Marabitanas	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
13	»	»	»	Thomar	Cosme da Costa Moreira	9	10	19	10	11	14	35	11		Interina.
14	»	»	»	Castanheiro	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
14					Somma	99	56	155	85	101	114	300	98	98	
59					Transporta	639	745	1384	680	804	878	2362	777	777	

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de outubro a dezembro de 1898

Numero	Districto	Escolas	Categoria das escolas	Ordem	Sexo	Séde	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Media trimestral das escolas	Um dia de exercicio	Observações
								Masculina	Feminina	Total	Outubro	Novembro	Dezembro	Total			
						Capital											
1	1.º	1.ª	1.º grupo	1.º	Masculino	Rua Leovigildo Coelho	Vicente Telles de Souza	53	—	53	27	26	41	94	31		Normalista pelo Amazonas.
2	"	"	Idem	2.º	Idem	Idem	Vaga	28	—	28	18	16	19	53	17		Serve interinamente Raymundo do N. Moraes.
3	"	"	2.º grupo	1.º	Feminino	Rua José Paranaguá	D. Julia G. Vieira Marinho	—	28	28	16	22	17	55	18		Normalista pelo Pará.
4	"	"	Idem	2.º	Idem	Idem	D. Maria O. Pinto Marques	—	46	46	25	41	35	101	37		Idem idem. Aposentada em 9 de outubro de 1
5	"	"	3.º grupo	1.º	Masculino	Rua Guilherme Moreira	Lourenço Ferreira da R. Thury	46	—	46	30	33	36	99	33		Idem pelo Amazonas.
6	"	"	Idem	2.º	Idem	Idem	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		Serve interinamente Henrique Sergio de Faria
7	"	"	4.º grupo	1.º	Feminino	Rua Municipal	D. Custodia Carneiro de Lima	26	44	70	50	57	50	157	52		Normalista pelo Amazonas.
8	"	"	Idem	2.º	Idem	Idem	D. Aurora Barroso de Sá	—	—	—	—	—	—	—	—		Idem idem.
9	"	"	5.º grupo	1.º	Idem	Rua Affonso de Carvalho	D. Francisca R. Rapozo Fernandes	—	9	9	—	—	7	7	7		Idem idem.
10	"	"	Idem	2.º	Idem	Idem	D. Enthalia B. da Silva Ramos	—	2	2	—	—	2	2	2		Effectiva. Concurso.
11	"	"	Primaria	—	Idem	Rua dos Remedios	D. Maria Telles da R. Monteiro	—	28	28	21	10	16	56	18		Normalista pelo Amazonas.
12	"	"	"	—	Idem	Estrada 7 de Dezembro	D. Elvira Pereira	26	63	89	52	53	56	161	53		Idem idem.
13	"	"	"	—	Mixta	Idem	D. Raymunda Telles de Souza	2	19	21	9	10	11	30	10		Idem idem.
14	"	"	"	—	Idem	Idem	D. Arya Firmina da Silva	17	46	63	24	27	35	86	28		Idem idem.
15	"	"	"	—	Idem	Rua de S. Vicente	D. Maria A. d'Oliveira Araujo	14	18	32	14	10	12	36	12		Normalista pelo Pará.
15							Somma	212	303	515	286	314	337	937	318	318	
1	1.º	2.ª	Primaria	—	Mixta	Rua Bittencourt	D. Amelia Bentes Ayres	9	8	17	7	8	9	24	8		Normalista pelo Pará.
2	"	"	Auxiliar	—	Idem	Rua V. de Porto Alegre	D. Sarah H. da Cunha Ferreira	15	26	41	26	28	30	84	24		Effectiva. Concurso.
3	"	"	"	—	Idem	Praça Floriano Peixoto	D. Thereza Monte Mayorga	17	17	34	24	22	24	70	23		Idem. Concurso de adjuncta.
4	"	"	"	—	Masculino	Colonia Oliveira Machado	Saint-Clair de Carvalho Lobo	22	—	22	9	10	11	30	10		Idem. Concurso.
5	"	"	"	—	Feminino	Idem	D. Amanda A. de Carvalho Cavalcante	7	46	53	13	22	25	60	20		Idem idem.
5							Somma	70	97	167	79	90	99	268	85	85	
1	1.º	3.ª	Auxiliar	—	Mixta	Rua 10 de Julho	D. Palmyra Ribeiro Alves Maya	16	37	53	18	21	23	62	20		Effectiva. Concurso.
2	"	"	Primaria	—	Idem	Estrada Epaminondas	D. Elvira Corrêa de M. Lima	8	26	34	17	20	23	60	20		Normalista pelo Amazonas.
3	"	"	Auxiliar	—	Masculino	Idem	Manoel C. Ribeiro de Menezes	21	—	21	3	16	17	36	12		Effectiva. Concurso.
4	"	"	"	—	Idem	Praça General Osorio	Lauro Tavares da Cunha Mello	20	—	20	9	12	11	32	10		Idem idem.
5	"	"	"	—	Mixta	S. Raymundo	D. Optaciana de Carvalho Queiroz	9	7	16	7	9	10	26	8		Idem idem.
6	"	"	Primaria	—	Idem	Mocó	D. Sarah B. Braule Pinto	7	8	15	6	8	9	23	7		Normalista pelo Amazonas.
7	"	"	Auxiliar	—	Feminino	Rua Dr. Moreira	D. Lourença V. G. de Carvalho Veiga	9	35	44	13	15	17	45	15		Effectiva. Concurso.
8	"	"	"	—	Mixta	Lalór	D. Anna Canavarro d'Almeida	13	25	38	19	25	27	71	23		Idem idem.
9	"	"	"	—	Idem	Giráo	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
9							Somma	103	138	241	92	126	137	355	115	115	
29							Transporta	385	538	923	457	530	573	1:560	518	518	

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de outubro a dezembro de 1898

(Continuação)

Numero	Districtos	Categoria das escolas	Sexo	Séde	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Média mensal das escolas	Idem dos districtos	Observações
						Masculino	Feminino	Total	Outubro	Novembro	Dezembro	Total			
					Transporte.....	1:144	1:085	2:229	1:153	1:333	1:442	3:928	1:291	1:291	
88				Rosarinho	Francisco Xavier de Abreu Galvão.....	29	7	36	13	25	23	61	20		Effectivo. Concurso.
1	7.º	Auxiliar	Mixta	Canumã	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		Por fallecimento do professor effectivo.
2	"	"	"	Borba	Alexandre da Fonseca.....	52	—	32	20	24	27	71	23		Effectivo.
3	"	"	Masculino	Idem	D. Ignacia da Fonseca Coutinho.....	—	26	26	19	20	22	61	20		Interina.
4	"	"	Feminino	Aripuanã	D. Raymunda de Souza Bentes.....	14	7	21	10	12	16	38	12		Idem.
5	"	"	Mixta	Manicoré	Euclides Antonio de Moraes Reis.....	35	—	35	12	24	29	65	21		Effectivo. Concurso.
6	"	"	Masculino	Idem	D. Julia Naveca Nunes.....	4	21	25	9	12	14	35	11		Interina.
7	"	"	Feminino	Humaythá	Tarquinio Marques de Oliveira.....	25	—	25	11	13	17	41	13		Effectivo. Concurso.
8	"	"	Masculino	Idem	D. Maria Amalia Sampaio.....	—	23	23	9	11	14	34	11		Effectiva. Concurso de adjunta. Acha-se em commissão na
9	"	"	Feminino	Baêtas	Maximiliano da Trindade.....	25	21	46	33	39	38	110	36		Interino.
10	"	"	Mixta												
10					Somma.....	164	105	269	136	180	200	516	167	167	
1	8.º	Auxiliar	Mixta	Berury	Miguel Rodrigues de Moraes.....	21	4	25	11	13	14	38	12		Effectivo. Concurso.
2	"	Primaria	Masculino	Ayapuã	Agnello Bittencourt.....	39	—	39	27	29	31	87	29		Normalista pelo Amazonas.
3	"	Auxiliar	Feminino	Idem	D. Tertunilla Mello.....	—	28	28	19	23	21	63	21		Effectiva. Concurso.
4	"	"	Mixta	Itapá	D. Maria Joanna de Menezes.....	10	7	17	7	9	11	27	9		Interina.
5	"	"	Masculino	Canutama	Miguel A. de Maria Ramos.....	15	—	15	8	10	12	30	10		Effectivo. Concurso.
6	"	"	Feminino	Idem	D. Jovita Alves Pereira.....	22	14	36	12	19	20	51	17		Interina.
7	"	"	Mixta	Nova Colonia	D. Maria do Carmo de Menezes.....	19	3	22	11	9	13	33	11		Idem.
8	"	"	Masculino	Labrea	Manoel Freire.....	26	—	26	11	12	16	39	13		Idem.
9	"	"	Feminino	Idem	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
10	"	"	Mixta	S. Luiz do Cassianã	Julio Ramos de Medeiros.....	21	4	25	10	13	15	38	12		Interino.
11	"	"	"	Realeza	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
11					Somma.....	173	60	233	116	137	153	406	134	134	
1	9.º	Auxiliar	Mixta	Floriano Peixoto	D. Delphina Pinto de Macedo.....	11	9	20	8	12	14	34	11	11	Interina.
1	10.º	Primaria	Masculino	Manacapurú	Thomaz José de Aguiar.....	42	—	42	23	25	29	77	25		Normalista pelo Amazonas.
2	"	Auxiliar	Feminino	Idem	D. Anna Virgina Bezerra Agra.....	—	50	50	27	35	24	86	28		Effectiva. Concurso.
3	"	"	Mixta	Idem	D. Sebastiana C. Bezerra Rocha.....	6	25	31	24	26	22	72	24		Idem idem.
4	"	"	"	Arapapá	D. Cezarina Felicidade Berger.....	9	10	19	7	9	12	28	9		Idem idem.
5	"	"	"	Boa Vista	Francisco Pinto Ribeiro.....	8	9	17	7	11	16	34	11		Interino.
6	"	"	"	Conceição	D. Raymunda Candida de Souza.....	19	2	21	7	8	13	28	9		Idem.
7	"	"	"	Manaquiry	Antonio Gonçalves dos Reis.....	22	4	26	9	11	13	33	11		Effectivo. Concurso.
8	"	"	Masculino	Anamã	José Bernardo Affonso.....	20	—	20	8	12	13	33	11		Idem idem.
9	"	"	Feminino	Idem	D. Olimpia Candida de Mattos.....	—	12	12	5	6	6	17	5		Interina.
10	"	"	Mixta	Anory	D. Clementina Pinheiro de Souza.....	32	13	45	22	23	25	70	23		Effectiva. Concurso.
11	"	"	Masculino	Codajás	José Collaço Véras.....	24	—	24	11	13	14	38	12		Idem idem.
12	"	"	Feminino	Idem	D. Anna Assis.....	—	20	20	9	11	12	32	10		Interina.
13	"	"	Mixta	Badajós	D. Secundina Corrêa da Costa.....	9	9	18	7	9	13	29	9		Idem.
14	"	"	"	Paraná de Badajós	D. Laura Pessôa Rodrigues Pará.....	7	9	16	6	9	12	27	9		Idem.
14					Somma.....	198	163	361	172	208	224	604	196	196	
124					Transporta.....	1:690	1:422	3:112	1:585	1:870	2:033	5:488	1:799	1:799	

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de outubro a dezembro de 1898

(Continuação)

Numero	Ordem	Categoria das escolas	Sexo	Séde	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia						Observações
						Masculina	Feminina	Total	Outubro	Novembro	Dezembro	Total	Média mensal dos trimestre	Média diaria do trimestre	
					Transporte.....	639	745	1:384	680	804	878	2:362	777	777	
59					Francisco Julião d'Aguiar.....	19	—	19	11	10	12	33	11		Normalista pelo Amazonas.
1	4.º	Primaria	Masculino	Boa Vista	D. Ambrosina Emilia d'Aguiar.....	—	32	32	18	15	19	52	17		Idem idem.
2	"	"	Feminino	Idem	D. Izolina Meirelles da Silva.....	8	9	17	8	11	12	31	10		Interina.
3	"	Auxiliar	Mixta	Apparecida											
					Somma.....	27	41	68	37	36	43	116	38	38	
3															
						50	—	50	42	41	43	126	42		Effectivo. Concurso.
1	5.º	Auxiliar	Masculino	Itacoatiara	José Estacio da Silva.....	—	42	42	24	23	20	67	22		Idem idem.
2	"	"	Feminino	Idem	D. Francisca G. de Lima Verde.....	10	19	29	11	11	11	33	11		Interina.
3	"	"	Mixta	S. José do Amatary	D. Maria José de Menezes.....	19	—	19	16	16	18	50	16		Effectivo. Concurso.
4	"	"	Masculino	Silves	Raymundo Farias d'Almeida.....	—	18	18	9	9	9	27	9		Interina.
5	"	"	Feminino	Idem	D. Anna Garcia de Leiros.....	14	3	17	11	16	13	40	13		Idem.
6	"	"	Mixta	Boa Esperança	Victorio Alves Monteiro.....	26	19	45	32	34	35	101	33		Effectiva. Concurso.
7	"	"	"	Ressaca	D. Josepha M. Alvares Affonso.....	60	—	60	15	35	34	84	28		Idem idem.
8	"	"	Masculino	Urucará	Adalberto Cunha.....	—	16	16	9	9	8	26	8		Idem idem.
9	"	"	Feminino	Idem	D. Raymunda M. d'Oliveira Simões.....	10	20	30	10	11	15	36	12		Idem idem.
10	"	"	Mixta	Urucurituba	D. Maria José Rodrigues.....	23	4	27	16	19	20	55	18		Idem idem.
11	"	"	"	Apipica	Amancio Rocha da Costa.....	32	10	42	22	24	29	75	25		Idem idem.
12	"	"	"	Pantaleão	D. Leonilia Muniz de Moraes.....	11	11	22	9	11	13	33	11		Interina.
13	"	"	"	Paraná do Arary	D. Benedicta Coelho de Meirelles.....	16	7	23	12	15	16	43	14		Idem.
14	"	"	"	Paraná do Limão	J. Macario Pereira do Lago Junior.....	21	6	27	19	23	23	65	21		Idem.
15	"	"	"	Paraná do Bôtto	D. Santina d'Albuquerque Prado.....	46	—	46	24	24	25	73	24		Idem.
16	"	"	Masculino	Parintins	João Gualberto Abbade das Mercês.....	—	33	33	22	23	22	67	22		Effectiva. Concurso.
17	"	"	Feminino	Idem	D. Francisca d'Assis G. dos Santos Roiz..										
					Somma.....	338	208	546	303	344	354	1:001	329	329	
17															
						31	—	31	19	14	22	55	18		Effectivo. Concurso.
1	6.º	Auxiliar	Masculino	Barreirinha	Manoel Octavio de M. Beltrão.....	—	28	28	12	17	17	46	15		Idem idem.
2	"	"	Feminino	Idem	D. Maria T. de Magalhães Cordeiro.....	32	—	32	26	28	27	81	27		Idem idem.
3	"	"	Masculino	Manés	Manoel Alfredo d'Oliveira.....	—	28	28	12	14	15	41	13		Interina.
4	"	"	Feminino	Idem	D. Clara Carneiro Monteiro de Lyra.....	14	11	25	12	14	16	42	14		Idem.
5	"	"	Mixta	Andirá	Adrião Xavier d'Oliveira.....	16	4	20	11	13	15	39	13		Idem.
6	"	"	"	Pedras	D. Maria Fortunata Vanderley.....	14	9	23	14	17	18	49	16		Idem.
7	"	"	"	Massauary	D. Izabel Martins de Lemos.....	16	7	23	13	16	18	47	15		Idem.
8	"	"	"	Apuruitana	D. Maria d'Oliveira Almeida.....	17	4	21	14	16	19	49	16		Idem.
9	"	"	"	Abacaxys	Antonio José Ribeiro Guimarães.....										
					Somma.....	140	91	231	133	149	167	449	147	147	
9															
					Transporta.....	1:144	1:085	2:929	1:153	1:333	1:442	3:928	1:291	1:291	
89															

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de janeiro a março de 1899

Numero	Districto	Secção	Categoria das escolas	Cadeira	Sexo	Séde	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Media trimestral das escolas	Media diaria da frequencia	Observações
								Masculina	Feminina	Total	Janeiro	Fevereiro	Março	Total			
						Capital											
1	1.º	1.ª	1.º grupo	1.ª	Masculino	Rua Leovigildo Coelho	Vicente Telles de Souza	42	—	42	28	19	14	61	20		
2	»	»	Idem	2.ª	Idem	Idem	Vaga	32	—	32	12	20	15	47	15		Normalista pelo Amazonas. Licenciada em 16 de fevereiro de 1899.
3	»	»	2.º grupo	1.ª	Feminino	Rua José Paranaguá	D. Julia G. Vieira Marinho	—	42	42	19	27	24	70	23		Serve interinamente Raymundo do N. Me
4	»	»	Idem	2.ª	Idem	Idem	D. Raymunda Telles de Carvalho	—	44	44	29	26	29	84	28		Normalista pelo Pará.
5	»	»	3.º grupo	1.ª	Masculino	Rua Guilherme Moreira	Lourenço Ferreira da R. Thury	73	—	73	52	42	46	140	46		Normalista pelo Amazonas.
6	»	»	Idem	2.º	Idem	Idem	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		Idem idem. Licenceado.
7	»	»	4.º grupo	1.º	Feminino	Rua Municipal	D. Custodia Carneiro de Lima	—	118	118	39	49	39	127	42		Serve interinamente Henrique Sergio de
8	»	»	Idem	2.ª	Idem	Idem	D. Aurora Barroso de Sá	—	—	—	—	—	—	—	—		Normalista pelo Amazonas.
9	»	»	5.º grupo	1.ª	Idem	Rua Affonso de Carvalho	D. Francisca R. Rapozo Fernandes	—	40	40	17	19	28	64	21		Idem idem. Licenceada.
10	»	»	Idem	2.ª	Idem	Idem	D. Euthalia B. da Silva Ramos	—	—	—	—	—	—	—	—		Normalista pelo Amazonas.
11	»	»	Primaria	—	Idem	Rua dos Remedios	D. Maria Telles da R. Monteiro	—	26	26	12	13	16	41	13		Effectiva. Concurso.
12	»	»	»	—	Idem	Estrada 7 de Dezembro	D. Elvira Pereira	32	72	104	61	60	61	182	60		Normalista pelo Amazonas.
13	»	»	»	—	Mixta	Idem	D. Raymunda Telles de Souza	12	28	40	20	23	26	67	22		Idem idem.
14	»	»	»	—	Idem	Idem	D. Arya Firmina da Silva	22	42	64	33	42	32	107	35		Idem idem.
15	»	»	»	—	Idem	Rua de S. Vicente	D. Maria A. d'Oliveira Araujo	16	17	33	18	20	17	55	18		Idem idem.
15							Somma	229	429	658	340	358	347	1:045	343	343	Normalista pelo Pará.
1	1.º	2.ª	Primaria	—	Mixta	Rua Bittencourt	D. Amelia Bentes Ayres	2	15	17	10	8	14	33	141		
2	»	»	Auxiliar	—	Idem	Rua V. de Porto Alegre	D. Sarah H. da Cunha Ferreira	17	30	47	24	29	31	84	28		Normalista pelo Pará. Licenceada.
3	»	»	»	—	Idem	Praça Floriano Peixoto	D. Thereza Monte Mayorga	14	19	33	22	27	22	71	23		Effectiva.
4	»	»	»	—	Masculino	Colonia Oliveira Machado	Saint-Clair de Carvalho Lobo	32	—	32	18	21	20	59	19		Idem. Concurso de adjuncta.
5	»	»	»	—	Feminino	Idem	D. Amanda A. de Carvalho Cavalcante	6	43	49	29	22	24	75	25		Effectiva. Concurso.
5							Somma	71	107	178	103	108	111	322	106	106	Idem idem.
1	1.º	3.º	Auxiliar	—	Mixta	Rua 10 de Julho	D. Palmyra Ribeiro Alves Maya	21	44	65	35	9	15	59	19		
2	»	»	Primaria	—	Idem	Estrada Epaminondas	D. Elvira Corrêa de M. Lima	9	26	35	23	27	30	80	26		Effectiva. Concurso. Licenciada. Serve a professora D. Francis
3	»	»	Auxiliar	—	Masculino	Idem	Manoel C. Ribeiro de Menezes	18	—	18	14	11	10	35	11		Normalista pelo Amazonas.
4	»	»	»	—	Idem	Praça General Osorio	Lauro Tavares da Cunha Mello	26	—	26	13	13	15	41	13		Effectivo. Concurso.
5	»	»	»	—	Mixta	S. Raymundo	D. Optaciana de Carvalho Queiroz	8	8	16	9	8	9	26	8		Idem idem.
6	»	»	Primaria	—	Idem	Mocó	D. Sarah B. Braule Pinto	21	30	51	29	25	18	70	23		Idem idem.
7	»	»	Auxiliar	—	Feminino	Rua Dr. Moreira	D. Lourença V. G. de Carvalho Veiga	14	43	57	23	29	27	76	25		Normalista pelo Amazonas.
8	»	»	»	—	Mixta	Ladór	D. Anna Canavarro d'Almeida	12	23	35	22	22	21	65	21		Effectiva. Concurso. Licenceada.
9	»	»	»	—	Idem	Girão	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		Effectiva. Concurso. Licenceada em 1
9							Somma	129	174	303	168	134	145	452	146	146	
29							Transporta	429	710	1:139	611	600	603	1:819	595	595	

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia médias das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de outubro a dezembro de 1898

(Continuação)

Numero	Districto	Categoria das escolas	Sexo	Sede	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Media proporcional dos sexos	Meia dita dos districtos	Observações
						Masculina	Feminina	Total	Outubro	Novembro	Dezembro	Total			
124					Transporte.....	1:690	1:422	3:112	1:585	1:870	2:033	5:488	1:799	1:799	
1	11.º	Auxiliar	Masculino	Coary	Benedicto Edelberto de Goes.....	21	—	21	13	15	16	44	14		Effectivo. Concurso.
2	"	"	Feminino	Idem	D. Silvina Maria Pereira Guimarães.....	—	18	18	5	5	5	15	5		Idem idem.
3	"	"	Mixta	Camará	D. Roza Ramos.....	8	8	16	8	6	11	25	8		Interina.
4	"	"	"	Japurá	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		Transferida de Bairro Alto.
5	"	"	Masculino	Teffé	Antonio Monteiro da Silva.....	42	—	42	12	21	16	49	16		Effectivo. Concurso.
6	"	"	Mixta	Idem	D. Bellarmina de Carvalho Serradell.....	—	18	18	10	11	13	34	11		Idem idem.
7	"	"	"	Nogueira	D. Maria d'Oliveira Almeida.....	8	7	15	6	9	11	26	8		Interina.
8	"	"	"	Caiçara	D. Candida de Carvalho Corrêa Lima.....	8	14	22	9	12	16	37	12		Effectiva. Concurso.
9	"	"	"	Uarinv	João Deocleciano da Silva.....	9	2	11	7	8	7	22	7		Interino.
10	"	"	Masculino	Fonte Boa	José Bertholdo de Sá Monteiro.....	18	—	18	8	9	11	28	9		Effectivo. Concurso.
11	"	"	Feminino	Idem	D. Capitulina Tercia de Dacia.....	—	19	19	9	11	12	32	10		Idem idem. Normalista pelo Pará.
12	"	"	Mista	Tonantins	D. Maria da Costa Britto.....	10	10	20	10	12	15	37	12		Interina.
13	"	"	Masculino	S. Paulo de Olivença	Demetrio Torres Cordeiro.....	30	—	30	8	10	28	46	15		Effectivo. Concurso.
14	"	"	Feminino	Idem	D. Maria Sebastiana de Castro.....	—	19	19	7	11	16	34	11		Interina.
14					Somma.....	173	115	288	110	142	177	429	138	138	
1	12.º	Auxiliar	Mixta	S. Felippe	D. Maria Pires da Matta.....	9	8	17	7	9	14	30	10	10	Interina.
1	13.º	Auxiliar	Mixta	Foz do Jutahy	D. Maria da Purificação Ribeiro.....	13	9	22	13	15	17	45	15	15	Effectiva. Concurso.
1	14.º	Auxiliar	Mixta	Remate de Males	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Por fallecimento do professor interino.
141					Grande total.....	1:885	1:554	3:439	1:715	2:036	2:241	5:992	1:962	1:962	

Secretaria Geral da Instrucção Publica do Amazonas em Manáos, 30 de abril de 1899.

Servindo de Secretario,

Theophilo de Carvalho.

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de janeiro a março de 1898

(Continuação)

Numero	Ordem	Categoria das escolas	Sexo	Sede	Nome dos professores	Matricula			Frequencia				Numero de alumnos presentes no dia da inspecção	Media da frequencia	Observações
						Masculina	Feminina	Total							
59					Transporte.....	728	938	1:666	870	907	960	2:737	892	892	
1	4.º	Primaria	Masculino	Boa Vista	Francisco Julião d'Aguiar.....	21	—	21	12	13	15	40	13		Normalista pelo Amazonas.
2	»	»	Feminino	Idem	D. Ambrosina Emilia d'Aguiar.....	—	34	34	17	18	20	55	18		Idem idem.
3	»	Auxiliar	Mixta	Apparecida	D. Izolina Meirelles da Silva.....	9	10	19	8	11	14	33	11		Interina em 10 de outubro de 1896.
3					Somma.....	30	44	74	37	42	49	128	42	42	
1	5.º	Auxiliar	Masculino	Itacoatiara	José Estacio da Silva.....	52	—	52	42	41	44	127	42		Effectivo. Concurso.
2	»	»	Feminino	Idem	D. Francisca G. de Lima Verde.....	—	44	44	21	21	20	62	20		Idem idem. Licenceada.
3	»	»	Mixta	S. José do Amatary	D. Maria José de Menezes.....	10	19	29	14	15	16	45	15		Interina em 16 de fevereiro de 1894.
4	»	»	Masculino	Silves	Raymundo Farias d'Almeida.....	19	—	19	10	15	15	40	13		Effectivo. Concurso.
5	»	»	Feminino	Idem	D. Anna Garcia de Leiros.....	—	15	15	13	13	12	38	12		Interina em 28 de maio de 1897.
6	»	»	Mixta	Boa Esperança	Victorio Alves Monteiro.....	17	5	22	17	18	18	53	17		Idem.
7	»	»	»	Remanso	D. Josepha M. Alvares Affonso.....	28	23	51	42	46	48	136	45		Effectiva. Concurso.
8	»	»	Masculino	Urucará	Adalberto Cunha.....	62	—	62	29	35	33	97	32		Idem idem.
9	»	»	Feminino	Idem	D. Raymunda M. d'Oliveira Simões.....	—	16	16	6	5	4	15	5		Idem idem.
10	»	»	Mixta	Urucurituba	D. Maria José Rodrigues.....	17	17	34	21	14	23	58	19		Idem idem.
11	»	»	»	Apipica	Amancio Rocha da Costa.....	23	4	27	20	23	21	64	21		Idem idem.
12	»	»	»	Pantaleão	D. Leonilia Muniz de Moraes.....	32	10	42	21	16	18	55	18		Idem idem.
13	»	»	»	Paraná do Arary	D. Benedicta Coelho de Meirelles.....	14	11	25	10	12	13	35	11		Interina em 9 de novembro de 1897.
14	»	»	»	Paraná do Limão	J. Macario Pereira do Lago Junior.....	13	13	26	13	14	17	44	14		Idem em 13 de outubro de 1894.
15	»	»	»	Paraná do Bóto	D. Santina d'Albuquerque Prado.....	32	15	47	42	41	39	122	40		Idem.
16	»	»	Masculino	Paristins	João Gualberto Abbade das Mercês.....	50	—	50	28	29	35	92	30		Idem.
17	»	»	Feminino	Idem	D. Francisca d'Assis G. dos Santos Roiz..	—	35	35	23	25	24	72	24		Effectiva. Concurso.
17					Somma.....	369	227	596	372	383	400	1:155	378	378	
1	6.º	Auxiliar	Masculino	Barreirinha	Manoel Octavio de M. Beltrão.....	42	—	42	27	25	29	81	27		Effectivo. Concurso.
2	»	»	Feminino	Idem	D. Maria T. de Magalhaes Cordeiro.....	—	30	30	17	16	18	51	17		Idem idem.
3	»	»	Masculino	Maués	Manoel Alfredo d'Oliveira.....	32	—	32	16	17	18	51	17		Idem idem.
4	»	»	Feminino	Idem	D. Clara Carneiro Monteiro de Lyra.....	—	29	29	14	15	17	46	15		Interina.
5	»	»	Mixta	Andirá	Adrião Xavier d'Oliveira.....	17	14	31	14	16	17	47	15		Idem.
6	»	»	»	Pedras	D. Raymunda d'Amorim Alvarenga.....	29	15	44	34	37	35	106	35		Effectiva. Concurso.
7	»	»	»	Massauary	D. Margarida d'Amorim Alvarenga.....	9	8	17	11	12	13	36	12		Idem idem.
8	»	»	»	Apuhitaua	D. Maria d'Oliveira Almeida.....	14	15	29	14	16	18	48	16		Interina.
9	»	»	»	Abacaxys	Antonio José Ribeiro Guimarães.....	17	4	21	19	16	19	54	18		Idem em 10 de dezembro de 1897.
9					Somma.....	160	115	275	166	170	184	520	172	172	
68					Transporte.....	1:287	1:324	2:611	1:445	1:502	1:593	4:540	1:484	1:484	

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de janeiro a março de 1899

(Continuação)

Numero	Districto	Categoria das escolas	Sexo	Sede	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Media mensal das escolas	Numero dias das aulas	Observações
						Masculino	Feminino	Total	Janeiro	Fevereiro	Março	Total			
				Interior											
29					Transporte.....	429	710	1:139	611	605	603	1:819	595	595	
1	2.º	Auxiliar	Mixta	Janauary	João Antonio Coelho.....	32	6	38	33	32	34	99	33		Effectivo. Concurso.
2	"	"	"	Cacáo Pirêra	D. Daria Alvarengo Carneiro.....	7	9	16	8	10	12	30	10		Idem idem.
3	"	"	"	Taruma Miry	D. Izabel de Souza.....	8	8	16	7	9	13	29	9		Interina.
4	"	"	"	Paricatuba	D. Guilhermina M. das Neves.....	7	8	15	11	9	10	30	10		Effectiva. Concurso.
5	"	"	"	Acajutuba	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
6	"	"	"	Lages	D. Maria Bania da Silva.....	8	11	19	13	14	16	43	14		Effectiva. Concurso.
7	"	"	"	Puraquequara	D. Maria Pia Marques.....	13	14	27	14	16	17	47	15		Idem idem.
8	"	"	"	Jatuarana	Feliciano Soares da Cunha.....	17	5	22	14	12	15	41	13		Interino.
9	"	"	"	Paraná da Terra Nova	D. Adelaide Teixeira Lima.....	19	10	29	—	9	17	26	8		Idem. Nomeada em 11 de fevereiro de 1899.
10	"	"	"	Costa da Terra Nova	D. Maria Carolina d'Oliveira.....	10	12	22	7	13	15	35	11		Idem. Nomeada em 8 de outubro de 1898.
11	"	"	"	Tabocal	D. Emilia Soares Lopes.....	9	9	18	8	9	12	29	9		Idem. Nomeada em 3 de novembro de 1898.
12	"	"	"	Careiro	D. Maria Martins Freire.....	11	10	21	11	12	15	38	12		Idem. E' professor effectivo Manoel Thomaz P. Ribeiro.
13	"	"	"	Cambixe	D. Philomena Ferreira Gomes.....	22	9	31	10	12	15	37	12		Effectiva. Concurso.
14	"	"	"	Janauacá	Antonio Teixeira Monteiro da Costa.....	13	15	28	11	13	16	40	13		Idem idem.
15	"	"	"	Colonia do Janauacá	D. Veronica Gomes d'Andrade.....	8	19	27	10	12	11	33	11		Idem. Concurso de adjuncta. E' professora interina D. Luiza da Conceição Pinheiro.
16	"	"	"	Terra Vermelha	D. Izabel de Freitas Pinto.....	9	18	27	11	13	14	38	12		Idem. Concurso de adjuncta. E' professora interina D. Margarida C. dos Santos.
16					Somma.....	193	163	356	168	195	232	595	192	192	
1	3.º	Auxiliar	Mixta	Tanapessassú	Odilon Pinto Bandeira.....	13	5	18	10	12	13	35	11		Interino.
2	"	"	Masculino	Moura	Antonio d'Oliveira Horta.....	18	—	18	10	12	14	36	12		Effectivo.
3	"	"	Feminino	Idem	D. Thomazia Campos de B. Lacerda.....	—	17	17	8	9	12	29	9		Idem. Concurso.
4	"	"	Masculino	Ayrão	Manoel Cavalcante de A. Vasconcellos....	26	—	26	11	17	19	47	15		Effectiva.
5	"	"	Feminino	Idem	D. Thereza da Cunha Mendes.....	—	12	12	8	10	12	30	10		Interina em 10 de janeiro de 1898.
6	"	"	Mixta	Carvoeiro	Octaviano Cordeiro da Cunha.....	14	—	14	11	12	12	35	12		Idem em 21 de abril de 1898.
7	"	"	"	Barcellos	D. Tertulina Campos d'Oliveira.....	6	2	8	4	3	5	12	4		Effectiva. Concurso.
8	"	"	"	S. Joaquim	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
9	"	"	"	Moreira	Idem.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
10	"	"	Masculino	S. Gabriel	Elesbão do Nascimento Luz.....	19	—	19	11	12	14	37	12		Effectivo. Concurso. Licenceado.
11	"	"	Feminino	Idem	D. Hildebrandina d'Aguiar.....	—	17	17	8	9	11	28	9		Interina em 17 de setembro de 1898.
12	"	"	Mixta	Marabitanas	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
13	"	"	"	Thomar	D. Florinda Barboza d'Azevedo.....	10	12	22	10	11	13	34	11		Interina em 20 de fevereiro de 1899.
14	"	"	"	Castanheiro	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
14					Somma.....	106	65	171	91	107	125	323	105	105	
59					Transporta.....	728	938	1:666	870	907	960	2:737	892	892	

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia media das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de janeiro a março de 1899

(Continuação)

Numero	Entrancia	Categoria das escolas	Sexo	Séde	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Media frequencia das escolas	Ano lectivo das escolas	Observações
						Masculino	Feminino	Total	Masculino	Feminino	Total				
124					Transporte.....	1:875	1:695	3:570	2:602	2:065	2:257	6:924	2:066	2:066	
1	11.ª	Auxiliar	Masculino	Coary	Benedicto Edelberto de Goes.....	23	—	23	15	13	16	44	14		Effectivo. Concurso.
2	«	«	Feminino	Idem	D. Silvina Maria Pereira Guimarães.....	—	20	20	9	8	11	28	9		Idem idem.
3	«	«	Mixta	Camará	D. Roza Ramos.....	9	8	17	9	8	13	30	10		Interina.
4	«	«	«	Japurá	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
5	«	«	Masculino	Teffé	Antonio Monteiro da Silva.....	54	—	54	25	21	24	70	23		Effectivo. Concurso.
6	«	«	Mixta	Idem	D. Bellarmina de Cardoso Serradell.....	—	18	18	11	10	15	36	12		Idem idem.
7	«	«	«	Nogueira	Vaga.....	—	—	—	—	—	—	—	—		
8	«	«	«	Caiçara	D. Candida de Carvalho Corrêa Lima.....	9	15	24	10	12	15	37	12		Effectivo. Concurso.
9	«	«	«	Uarany	João Deocleciano da Silva.....	10	10	20	7	9	13	29	9		Interino.
10	«	«	Masculino	Foste Boa	Raymundo de Magalhães Cordeiro.....	16	—	16	11	—	—	11	11		Effectivo. Concurso. Licenciado.
11	«	«	Feminino	Idem	D. Capitulina Tercia de Dacia.....	—	20	20	8	13	17	38	12		Idem idem. Normalista pelo Pará.
12	«	«	Mixta	Tonantins	D. Maria da Costa Britto.....	11	12	23	11	14	16	41	13		Interina.
13	«	«	Masculino	S. Paulo de Olivença	Demetrio Torres Cordeiro.....	30	—	30	19	23	26	68	22		Effectivo. Concurso.
14	«	«	Feminino	Idem	D. Maria Sebastiana de Castro.....	—	21	21	13	12	17	42	14		Interina.
14					Somma.....	162	124	286	148	143	183	474	161	161	
1	12.ª	Auxiliar	Mixta	S. Felippe	D. Maria Pires da Matta.....	9	10	19	10	12	14	36	12	12	Interina.
1	13.ª	Auxiliar	Mixta	Foz do Jutahy	D. Maria da Purificação Ribeiro.....	18	19	37	11	13	17	41	13	13	Effectivo. Concurso.
1	14.ª	Auxiliar	Mixta	Remate de Males	Vaga durante o trimestre.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
141					Grande total.....	2:064	1:848	3:912	2:171	2:233	2:471	6:875	2:252	2:252	

Secretaria Geral da Instrucção Publica do Amazonas em Manáos, 30 de abril de 1899.

Servindo de Secretario,

Theophilo de Carvalho.

Quadro demonstrativo da matricula e frequencia média das escolas publicas do Estado do Amazonas no trimestre de janeiro a março de 1899

(Continuação)

Numero	Entrancia	Categoria das escolas	Sexo	Sede	Nomes dos professores	Matricula			Frequencia				Media frequencia nos quarenta	Um dos dez maiores	Observações
						Masculina	Feminina	Total	Janeiro	Fevereiro	Março	Total			
88					Transporte	1:287	1:324	2:611	1:445	1:502	1:593	4:540	1:484	1:484	
1	7.ª	Auxiliar	Mixta	Rosarinho	Francisco Xavier de Abreu Galvão	29	6	35	25	16	19	60	20		Effectivo. Concurso. Licenciado.
2	"	"	"	Canumã	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		Por fallecimento do professor effectivo.
3	"	"	Masculino	Borba	Alexandre da Fonseca	35	—	35	23	29	26	78	26		Effectivo.
4	"	"	Feminino	Idem	D. Ignacia da Fonseca Coutinho	—	28	28	23	23	19	65	21		Interina.
5	"	"	Mixta	Aripuanã	D. Raymunda de Souza Bentes	15	7	22	10	8	13	31	10		Idem.
6	"	"	Masculino	Manicoré	Eudyces Antonio de Moraes Reis	39	—	39	13	23	30	66	22		Effectivo. Concurso.
7	"	"	Feminino	Idem	D. Julia Naveca Nunes	—	29	29	12	19	21	52	17		Interina.
8	"	"	Masculino	Humaythá	Tarquinio Marques de Oliveira	26	—	26	14	11	20	45	15		Effectivo. Concurso. Licenciado.
9	"	"	Feminino	Idem	D. Maria A. Sampaio Braga	—	25	25	11	13	19	43	14		Effectiva. Concurso de adjunta. Acha-se em commissão na Capital.
10	"	"	Mixta	Baetas	D. Francisca da Trindade	29	20	49	32	37	40	109	36		Interina.
10					Somma	173	115	288	163	179	207	549	181	181	
1	8.ª	Auxiliar	Mixta	Bernry	Miguel Roiz de Moraes	23	5	28	12	17	21	50	16		Effectivo. Concurso.
2	"	Primaria	Masculino	Ayapuá	Agnello Bittencourt	38	—	38	32	32	29	93	31		Normalista pelo Amazonas.
3	"	Auxiliar	Feminino	Idem	D. Tertuilla Mello	—	29	29	24	23	21	68	22		Effectiva. Concurso.
4	"	"	Mixta	Itapá	D. Maria Joanna de Menezes	11	8	19	10	9	13	32	10		Interina.
5	"	"	Masculino	Cauntama	Miguel A. de Maria Ramos	18	—	18	13	11	14	38	12		Effectivo. Concurso.
6	"	"	Feminino	Idem	D. Maria Perpetua de Mello	—	14	14	10	9	7	26	8		Interina.
7	"	"	Mixta	Nova Colonia	D. Maria do Carmo de Menezes	20	4	24	13	10	15	38	12		Idem.
8	"	"	Masculino	Labrea	José Bertholdo Sá Monteiro	28	—	28	15	14	17	46	15		Effectivo. Concurso. Serve interinamente Oscar Martins Ribeiro.
9	"	"	Feminino	Idem	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
10	"	"	Mixta	S. Luiz do Cassiana	Julio Ramos de Medeiros	23	5	28	15	14	17	46	15		Interino.
11	"	"	"	Realeza	Vaga	—	—	—	—	—	—	—	—		
11					Somma	161	65	226	144	139	154	437	141	141	
1	9.ª	Auxiliar	Mixta	Floriano Peixoto	D. Delphina Pinto de Macedo	14	12	26	13	11	18	42	14	14	Interina.
1	10.ª	Primaria	Masculino	Manacapuru	Thomaz José de Aguiar	59	—	59	34	33	38	105	35		Normalista pelo Amazonas.
2	"	Auxiliar	Feminino	Idem	D. Anna Virgina Bezerra Agra	—	51	51	31	35	30	96	32		Effectiva. Concurso.
3	"	"	Mixta	Idem	D. Sebastiana C. Bezerra Rocha	10	22	32	22	23	26	71	23		Idem idem.
4	"	"	"	Arapapá	D. Cezarina Felicidade Berger	11	11	22	10	9	16	35	11		Idem idem.
5	"	"	"	Boa Vista	Francisco Pinto Ribeiro	21	2	23	13	14	16	43	14		Interino.
6	"	"	"	Conceição	D. Raymunda Candida de Souza	9	8	17	14	16	17	47	15		Idem.
7	"	"	"	Manaquiry	Antonio Gonçalves dos Reis	26	5	31	21	19	23	63	21		Effectivo. Concurso.
8	"	"	Masculino	Anamã	José Bernardo Affonso	22	—	22	11	10	14	35	11		Idem idem.
9	"	"	Feminino	Idem	D. Olimpia Candida de Mattos	—	19	119	10	9	13	32	10		Interina.
10	"	"	Mixta	Anary	D. Clementina Pinheiro de Souza	36	17	53	23	20	28	71	23		Effectiva. Concurso.
11	"	"	Masculino	Codajás	José Collaço Vêras	26	—	26	16	14	17	47	15		Idem idem.
12	"	"	Feminino	Idem	D. Anna Assis	—	24	24	12	11	17	40	13		Interina.
13	"	"	Mixta	Badajós	D. Secundina Corrêa da Costa	11	10	21	9	13	16	40	13		Idem.
14	"	"	"	Paraná de Badajós	D. Laura Pessôa Rodrigues Pará	9	10	19	11	8	14	31	10		Idem.
14					Somma	240	179	419	237	234	285	756	246	246	
124					Transporta	1:875	1:695	3:570	2:002	2:065	2:257	6:324	2:066	2:066	

Mappa demonstrativo do expediente da Direcção Geral de Instrucção Publica no Amazonas, de outubro de 1898 a abril de 1899

Natureza do expediente	Quantidade	Observações
Officios á Secretaria do Interior	129	
Idem ao Thesouro	322	
Portarias	88	
Officios de diversas auctoridades	83	
Idem aos inspectores escolarès	32	
Termo de promessa	35	
Registro de titulo e apostilas	56	
Licenças	26	
Sessões do Conselho Superior	4	
Secretaria:		
Officios aos professores	120	
Idem a diversas auctoridades	24	
	919	

Secretaria Geral da Instrucção Publica, Manáos, 1 de maio de 1899.

Servindo de secretario

Theophilo de Carvalho.

Quadro demonstrativo das escolas publicas do Estado do Amazonas

Districto	Séde	Secção	Sexo			Observações
			Masc.	Femin.	Mixtas	
1.º	Capital	1.ª	4	8	3	Contem este districto 5 grupos escolares.
		2.ª	1	1	3	
		3.ª	2	1	6	
2.º	Proximidades da Capital	—	—	—	16	
3.º	Rio Negro	—	3	3	8	
4.º	Rio Branco	—	1	1	1	
5.º	Rio Amazonas	—	4	4	9	
6.º	Baixo Amazonas	—	2	2	5	
7.º	Rio Madeira	—	3	3	4	
8.º	Rio Purús	—	3	3	5	
9.º	Rio Acre	—	—	—	1	
10.º	Baixo Solimões	—	3	3	8	
11.º	Alto Solimões	—	4	3	7	
12.º	Rio Juruá	—	—	—	1	
13.º	Rio Jutahy	—	—	—	1	
14.º	Rio Javary	—	—	—	1	
			30	32	79	

Secretaria Geral da Instrucção Publica, Manáos, 1 de maio de 1899.

Servindo de secretario

Theophilo de Carvalho.

Quadro dos professores interinos do Amazonas nomeados no periodo decorrido de outubro de 1898 a abril de 1899

Numero	Portaria	Data	Mez	Anno	Nomes	Séde	Sexo	Observações
1	N.º 90	18	Outubro	1898	D. Herondina de Carvalho Martins	Colonia Oliveira Machado	Feminino	
2	" 87	17	"	"	Gustavo da Costa Queiroz	Coary	Masculino	
3	" 103	5	"	"	D. Maria de Oliveira Almeida	Apacuitoana	Mixta	
4	" 84	8	"	"	D. Maria Carolina de Oliveira	Terra Nova	Idem	
5	" 95	27	"	"	D. Guilhermina de Aguiar Bastos	Humaythá	Feminino	
6	" 86	10	"	"	D. Margarida Cortona dos Santos	Terra Vermelha	Mixta	
7	" 94	27	"	"	Henrique Sergio de Farias	Capital	Masculino	
8	" 97	3	Novembro	"	D. Raymunda Candida de Souza	Manacapurú	Mixta	
9	" 96	3	"	"	D. Emilia Soares Lopes	Tabocal	Idem	
10	" 95	3	"	"	D. Maria Martins Freire	Bocca do Careiro	Idem	
11	" 106	17	"	"	Francisco Nazareano dos Reis Curado	S. Gabriel	Masculino	
12	" 102	12	"	"	D. Benedicta Coelho de Meirelles	Paraná do Arary	Mixta	
13	" 105	16	"	"	D. Luiza da Conceição Pinheiro	Janauacá	Idem	
14	" 98	7	"	"	D. Clara Carneiro Monteiro de Lyra	Cidade de Manés	Feminino	
15	" 108	18	"	"	D. Maria da Costa Britto	Tonantins	Mixta	
16	" 109	18	"	"	José Maria Pinto Netto	Humaythá	Masculino	
17	" 116	9	Dezembro	"	D. Delphina Pinto de Macedo	Floriano Peixoto	Mixta	
18	" 115	3	"	"	Oscar Martins Ribeiro	Cidade da Labrea	Masculino	
19	" 114	5	"	"	João Gualberto Abbade das Mercês	Parintins	Idem	
20	" 1	7	Janeiro	1899	D. Maria Perpetua de Jesus	Canutama	Feminino	
21	" 4	10	"	"	Raymundo Nascimento Moraes	Capital	Masculino	
22	" 7	14	"	"	Francisco Rodrigues Chaves Sobrinho	Manés	Idem	
23	" 8	16	"	"	D. Ernestina Deolinda de Luge	Itacoatiara	Feminino	
24	" 18	11	Fevereiro	"	D. Adelaide Teixeira Lima	Paraná da Terra Nova	Mixta	
25	" 20	16	"	"	João Leda	Capital	Masculino	
26	" 23	20	"	"	D. Florinda Barboza de Azevedo	S. Joaquim (Thomar)	Mixta	
27	" 25	23	"	"	D. Florisbella de Lemos Braulio Pinto	Capital (Mocó)	Idem	
28	" 26	27	"	"	D. Virgilina Langbeck Canavarro	Colonia João Alfredo	Idem	
29	" 30	11	Março	"	D. Julia de Mendonça Lima	Capital (Bairro Nazareth)	Idem	
30	" 32	15	"	"	Salustiano Augusto de Vasconcellos	Rosarinho	Idem	
31	" 35	20	"	"	D. Adelaide Serpa de Macedo Siqueira	Nogueira	Mixta	
32	" 47	24	Abril	"	Manoel Avelino de Freitas	Colonia Oliveira Machado	Masculino	
33	" 46	22	"	"	D. Maria da Penha Silva Vilhena	Camará	Mixta	
34	" 16	8	Fevereiro	"	Antonio José de Oliveira	Remate de Males	Idem	

Secretaria Geral da Instrucção Publica, Manáos, 1 de maio de 1899.

Servindo de Secretario

Theophilo de Carvalho.

Mappa do movimento dos Inspectores escolares, de outubro de 1898 a março de 1899

Cathegoria	Nomes	Datas	
		Nomeação	Exoneração
Inspector escolar	Coronel Francisco P. Ribeiro Bittencourt	25 de outubro de 1897	—
"	Dr. Marçal Ferreira da Silva	4 de março de 1898	1 de outubro de 1898
"	Dr. Virgilio Ramos	4 de março de 1898	10 de janeiro de 1899
"	Alexandre Ramos Ramiro e Silva	5 de março de 1898	—
"	Dr. José Candido Martins Trindade	5 de março de 1898	—
"	Simeão Telles	28 de março de 1898	—
"	Pharmaceutico Samuel Chaves	21 de março de 1898	—
"	Dr. Amadeu Martins Machado	28 de abril de 1898	14 de janeiro de 1899
"	Dr. Lourival Alves Munis	17 de junho de 1898	10 de janeiro de 1899
"	Dr. Francisco de Paula F. e Souza	2 de setembro de 1898	10 de janeiro de 1899
"	Dr. João Benicio de Mello	4 de outubro de 1898	10 de janeiro de 1899
"	Dr. José Silva de Souza Gayozo	8 de novembro de 1898	10 de janeiro de 1899
"	Dr. Arthur Lima	23 de janeiro de 1899	28 de fevereiro de 1899

Secretaria Geral da Instrucção Publica, Manáos, 1 de maio de 1899.

Servindo de Secretario

Theophilo de Carvalho.

Quadro dos professores publicos do Amazonas, que obtiveram licenças no periodo decorrido de outubro de 1898 a março de 1899

Numero	Primeira licença					Prorogação de licença				Nomes	Data		
	Motivo da licença	Tempo de licença	Data	Mez	Anno	Tempo	Data	Mez	Anno		Dia	Mez	Anno
1	Tratamento de saude	90 dias	3	Outubro	1898	90 dias	23	Janeiro	1899	D. Maria Telles da Rocha Monteiro	15	Abril	1899
2	„	90 „	7	„	„	90 „	27	„	„	D. Sarah B. Braulio Pinto	20	„	„
3	„	90 „	6	„	„	—	—	—	—	D. Anna Victoria Simpson de Amorim	—	—	—
4	—	90 „	8	„	„	90 dias	14	Janeiro	1899	D. Sarah Henriqueta da Cunha Ferreira	—	—	—
5	Tratamento de saude	90 „	7	„	„	—	—	—	—	D. Raymunda Telles de Souza	6	Dezembro	1898
6	„	90 „	7	„	„	—	—	—	—	D. Mariana Paula Freitas	26	Janeiro	1899
7	—	6 mezes	14	„	„	—	—	—	—	Benedicto Edelberto Goes	—	—	—
8	—	90 dias	18	„	„	—	—	—	—	Elesbão do Nascimento Luz	—	—	—
9	Tratamento de saude	90 „	13	„	„	—	—	—	—	Saint Clair de Carvalho Lobo	1	Janeiro	1899
10	„	90 „	22	„	„	—	—	—	—	D. Amanda Amelia de Carvalho Cavalcante	1	„	„
11	„	90 „	27	„	„	90 dias	22	Fevereiro	1899	Tarquinio Marques de Oliveira	—	—	—
12	„	1 anno	17	Novembro	„	—	—	—	—	D. Aurora Barroso de Sá	—	—	—
13	—	90 dias	19	„	„	90 dias	21	Fevereiro	1899	D. Veronica Gomes de Andrade	—	—	—
14	Tratamento de saude	90 „	7	„	„	90 „	7	„	„	D. Lourença Virginia de Carvalho Veiga	—	—	—
15	—	90 „	7	Janeiro	1899	90 „	25	Abril	„	D. Maria Magdalena de Moraes Queiroz	—	—	—
16	Interesses	30 „	17	„	„	—	—	—	—	José Collaço Veras	—	—	—
17	Tratamento de saude	90 „	13	„	„	—	—	—	—	D. Francisca Gonçalves de Lima Verde	—	—	—
18	—	30 „	13	„	„	—	—	—	—	Manoel Thomaz Pinto Ribeiro	—	—	—
19	Tratamento de saude	60 „	13	„	„	—	—	—	—	Manoel Alfredo de Oliveira	23	Março	189
20	„	60 „	13	„	„	—	—	—	—	D. Amelia Bentes Ayres	3	Abril	„
21	Interesses	60 „	27	„	„	60 dias	14	Abril	1899	Lourenço Ferreira da Rocha Thury	—	—	—
22	Tratamento de saude	90 „	28	„	„	—	—	—	—	D. Palmira Ribeiro Alves Maya	—	—	—
23	„	90 „	11	Fevereiro	„	—	—	—	—	Vicente Telles de Souza Junior	—	—	—
24	„	90 „	21	„	„	—	—	—	—	D. Anna Canavarro de Almeida	—	—	—
25	„	90 „	4	Março	„	—	—	—	—	D. Arya Firmina da Silva	—	—	—
26	„	90 „	9	„	„	—	—	—	—	Francisco Xavier de Abreu Galvão	—	—	—
27	„	90 „	20	„	„	—	—	—	—	D. Adelaide dos Anjos Corrêa	—	—	—
28	Interesses	9 mezes	24	„	„	—	—	—	—	Raymundo Farias de Almeida	—	—	—
29	Tratamento de saude	90 dias	11	„	„	—	—	—	—	D. Raymunda Telles de Carvalho	—	—	—

Secretaria Geral da Instrucção Publica, Manáos, 1 de maio de 1899.

Servindo de secretario,

Theophilo Carvalho.

Quadro demonstrativo de mobilias e mais artigos saidos do Almoxarifado da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Amazonas, durante os mezes de outubro de 1898 a abril de 1899

Data		Séde das escolas	Nomes dos professores	Cadeira de cabedal	Banco cadeira de cabedal	Banco de cabedal	Mesa de cabedal	Cadeira de braço	Cadeira simples	Cabide	Banco para lição	Bilogia de parede	Lousinha	Estrado	Quadro preto	Mesa p/ cabedal	Mesa de cabo	Vasouras	Espiões	Bandeja	Caixa com os 3 regros da taboada	Caixa de madeira	Armario de cabedal	Estrado de madeira	Armario singelo	Cabrestes	Pesos de ferro	Louça pequena
Outubro	11	3.º Grupo Escolar	Francisco Xavier de Lacerda	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	11	Paraquequára	D. Maria Pia Marques	—	—	—	—	1	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	15	Cacáo Pereira	D. Philomena Ferreira Gomes	—	—	—	—	1	—	—	—	1	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	10	Taruma Miry	D. Izabel de Souza	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	10	Paricatuba	D. Guilhermina Maria das Neves	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	5	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	14	Cachoeira Grande	D. Anna Canavarro Almeida	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	14	1.º Grupo Escolar	Vicente Telles de Souza	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	15	Bairro do Mocó	D. Lourença V. G. Carvalho Veiga	—	15	—	—	—	—	8	—	—	1	2	—	—	—	1	—	—	—	2	—	—	—	—	—
"	15	Estrada Epaminondas	Lauro Tavares da Cunha Mello	—	12	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	16	Bairro dos Remedios	D. Elvira Pereira	—	25	—	2	2	4	—	1	1	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	20	Rosariuho	Francisco Xavier Abreu Galvão	—	—	—	—	—	1	1	1	—	—	—	1	1	—	—	—	2	1	—	—	1	1	—	1	—
"	24	Praça F. Peixoto	D. Thereza Montes Mayorga	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	20	Estrada Epaminondas	Manoel Candido R. de Menezes	—	12	—	1	1	3	2	1	—	1	2	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	28	Bairro de Nazareth	D. Adelaide dos Anjos Corrêa	—	10	—	1	1	2	—	1	1	1	2	1	—	—	2	1	1	—	—	—	1	—	1	—
"	31	Rua 10 de Julho	D. Palmyra Ribeiro Alves Maia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	1	1	1	1	—	—	1	—	1	—
Novembro	4	Terra Nova	D. Maria Carolina d'Oliveira Lima	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	10	Colonia Oliveira Machado	D. Herondina de Carvalho Martins	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	10	Bairro de Nazareth	D. Arya Firmina da Silva	—	5	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	11	Colonia Oliveira Machado	Raymundo de Magalhães Cordeiro	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	17	Rua 10 de Julho	D. Palmyra Ribeiro Alves Maya	—	20	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	19	Barreirinha	D. Maria T. de Magalhaes Cordeiro	—	—	—	—	1	2	—	—	—	—	2	1	8	1	1	—	—	—	—	—	1	—	1	—
"	19	"	Manoel Octavio M. Beltrão	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	6	1	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	19	Massanary	D. Izabel Martins de Lemos	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	4	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	19	Andirá	D. Maria Leite da Silva Oliveira	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	1	5	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	19	Manicoré	Euclides Antonio de Moraes Reis	—	—	—	—	—	—	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—
"	19	Manés	Manoel Alfredo de Oliveira	—	—	—	—	1	2	2	—	—	—	—	1	6	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	24	Jananary	João Antonio Coelho	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	25	2.º Grupo Escolar	D. Julia Grana Vieira Marinho	—	—	—	1	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	26	Canutama	Miguel A. Maria Ramos	—	—	—	—	—	3	1	—	—	—	—	—	3	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	30	Teffé	D. Belarmina Carvalho Serradell	—	—	—	1	—	1	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	30	Foz do Jutahy	D. Maria da Purificação Ribeiro	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	6	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	30	Fonte Boa	D. Capitulina Tercilia de Dacia	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	1	6	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Dezembro	2	Manacapurú	Thomaz José de Aguiar	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	6	Tonantins	D. Maria da Costa Britto	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	10	Cambiche	D. Philomena Ferreira Gomes	—	—	—	—	—	1	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	20	Pedras	D. Raymunda A. Alvarenga	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	31	Pantalião	D. Leonilia Muniz de Moraes	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	31	Apipica	Amancio Rocha da Costa	—	—	—	—	—	2	—	—	—	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
1899																											
Janeiro	9	5.º Grupo Escolar	D. Francisca R. R. Fernandes	—	30	—	2	1	5	—	2	1	2	4	2	2	—	—	2	2	2	—	2	2	2	1	2
Fevereiro	22	Bairro de S. Raymundo	D. Optaciana de Carvalho Queiroz	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Março	15	Rua Duque de Caxias	D. Elvira Mattos	—	16	—	1	1	2	—	1	—	1	—	1	—	—	1	—	—	—	—	1	—	—	—	—
"	15	Cacáo Pireira	D. Daria Alvarenga Carneiro	—	—	—	—	1	2	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
"	18	Manés	Manoel Alfredo de Oliveira	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Abril	13	Baêtas	D. Francisca da Trindade	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
"	14	Paraná do Bôto	D. Santina A. Prado	—	—	—	—	—	3	—	—	—	—	—	—	3	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
			Somma	—	145	—	9	13	49	22	7	4	9	14	15	72	12	22	7	6	3	2	7	3	2	1	15

Quadro demonstrativo de mobilias e mais artigos saidos do Almoxarifado da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Amazonas, durante os mezes de outubro de 1898 a abril de 1899

(Continuação)

Data		Nome das escolas	Nomes dos professores	Cadeira de braços	Bancos corridos de encosto	Bancos de encosto	Mesas de professores	Cadeiras de braços	Cadeiras simples	Cadeis	Bancos para meninas	Bancos de gymnastica	Lousas	Estrados	Quadros para lousa	Bancos de 3 ou mais	Mesas de pedra	Estantes	Bancos	Cadeiras e bancos de madeira	Estradas de madeira	Armarios de madeira	Estantes de madeira	Armarios envidraçados	Cabides	Postes de ferro	Outros objectos
Mez	Dia																										
Abril	16	Amory	Transporte....	—	145	—	9	13	49	22	7	4	9	14	15	72	12	22	7	6	3	2	7	3	2	1	15	—
»	24	Bairro dos Remedios	D. Clementina P. de Souza.....	1	—	4	—	1	2	—	—	—	—	—	1	4	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
»	28	Jauanarã	D. Maria T. R. Monteiro.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	6
—	—	Coary	D. Luiza Pinheiro de Souza.....	—	—	—	—	—	4	—	—	—	—	—	—	4	1	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	Careiro	Gustavo C. Queiroz.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—	Teffé	D. Maria M. Freire.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—	3.º Grupo Escolar	Antonio M. da Silva.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—	Foz do Solimões	Lourenço F. R. Thezy.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—	Urucará	D. Maria C. Oliveira Lima.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	Humaythá	D. Raymunda O. Simões.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—		José M. P. Neves.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—	Colonia Oliveira Machado	D. Guilhermina A. Bastos.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	—	—
—	—	Bairro do Mocó	D. Saint-Clair C. Lobo.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—
—	—	Jamarana	D. Guilhermina Cabral.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
			Felliciano S. da Cunha.....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1	—	—	—	—	—	—	—	1	—
			Somma.....	1	145	4	9	14	55	22	7	4	10	14	16	80	14	30	7	6	3	2	7	3	2	2	23	6

Quadro demonstrativo do material e mais artigos escolares, entrados para o Almoxarifado da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Amazonas, durante os mezes de outubro de 1898 a abril de 1899

| Nomes dos fornecedores | Lousas de ardosia | Lapis de A. E. C. | Estojos Redondos de Madeira | Estojos de Madeira | Estojos de Madeira | Estojos de Madeira | Cadernos | Cadernos, 1 pauta de Madeira | Cadernos, 2 pautas de Madeira | Cadernos, Pequeno | Cadernos, A. Machado | Cadernos, Carlos Gomes | Cadernos, Jonathas Serrano | Cadernos, Pedro Affonso | Cadernos, C. Antonio | Cadernos, C. Antonio | Cadernos, C. Antonio

Quadro demonstrativo do material e mais artigos escolares, saidos do Almoxarifado da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Amazonas, durante os mezes de outubro de 1898 a abril de 1899

| Data | | Nome das escolas | Nome das professoras | Taboadas | Taboadas de Bezout | Cartas de Abreu | Cartas de Bezout | Cartas | Cartas de Abreu | Cartas de Bezout | Cartas de Pinto | Cartas de Pinto e Souza | Cartas Abreu | Cartas Bezout | Cartas Pinto | Cartas Souza | Cartas Souza e Pinto | Cartas Abreu | Cartas Bezout | Cartas Pinto | Cartas Souza | Cartas | Cartas com gravuras | Taboas | Taboas | Taboas de Abreu | Taboas de Bezout | Taboas de Pinto | Taboas de Souza | Taboas de Souza e Pinto | Taboas Abreu | Taboas Bezout | Taboas Pinto | Taboas Souza | Taboas com gravuras | Taboas de Abreu | Taboas de Bezout | Taboas de Pinto | Taboas de Souza | Taboas de Souza e Pinto | Taboas Abreu | Taboas Bezout | Taboas Pinto | Taboas Souza | Taboas com gravuras | Taboas | Taboas | Taboas

Quadro demonstrativo do material e mais artigos escolares, saídos do Almoxarifado da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Amazonas, durante os mezes de outubro de 1898 a abril de 1899

(Continuação)

| Mez | Dia | Nome da escola | Nome do professor | | |

Quadro demonstrativo do material e mais artigos escolares, saidos do Almoxarifado da Secretaria Geral da Instrucção Publica do Estado do Amazonas, durante os mezes de outubro de 1898 a abril de 1899

(Continuação)

| Data | | Nomes dos alumnos | Nomes dos professores | Taboadas de Pinto | Taboadas de Bastos | Taboadas de Dias | Taboadas de Pinto | Taboadas de Bastos | Cartas | Cartazes de Pinto | Cartazes de Dias | Cartazes de Bastos

Relatorio

DO

Gymnasio Amazonense

APRESENTADO

AO EX.mo SR.

Secretario dos Negocios do Interior

PELO DIRECTOR

ANTONIO MONTEIRO DE SOUZA

EM

31 DE MAIO DE 1899

AMAZONAS

Illustre Cidadão Major Pedro Freire, digníssimo Secretario dos Negocios do Interior

De accordo com o pedido constante do vosso officio circular de 3 de Fevereiro do corrente anno, venho trazer ao vosso conhecimento em poucas palavras o movimento do estabelecimento de Instrucção a meu cargo, no periodo de tempo decorrido de Janeiro de 1898 até hoje, submettendo ao mesmo tempo á vossa esclarecida apreciação as medidas que julgo poderem concorrer para o seu melhoramento. Tenho a mais plena certeza que chamareis a attenção do Poder Legislativo para este ramo do serviço publico digno do mais acurado estudo, porque n'elle se funda a prosperidade e o futuro do Paiz.

Depois da Instrucção Primaria, deve occupar o primeiro logar na ordem das questões que exigem detido exame e o mais carinhoso cuidado a instrucção secundaria; e, talvez, mesmo, acima d'aquella, o ensino normal, pois d'ahi nasce o pessoal que vae dirigil-a mais tarde — os mestres que irão educar as futuras gerações.

Para mostrar amor á Instrucção, julgo que não basta reformar constantemente os seus regulamentos, e introduzir n'elles as medidas que vão sendo postas em pratica na de outros estados e paizes, sem observação cuidadosa do nosso meio e das condições da nossa sociedade; é preciso dedicar o mais acurado exame nos seus actuaes regulamentos, no sentido de melhorar e ampliar as disposições que a experiencia mostrar necessarias.

E para que estas modificações possam ser productivas e correspondam ás necessidades do ensino, deverão ser ouvidos sempre aquelles que pela sua dedicação a esse ramo de serviço publico são os mais competentes. Estou convencido de que um regulamento, posto em execução durante um certo periodo de tempo assás sufficiente para aquilatar-se das suas vantagens e defeitos dará melhores resultados á instrucção do que duas ou mais reformas, expurgadas de senões, posta em vigor no mesmo periodo de tempo.

Para mostrar-vos que não é debalde que reclamo contra as continuas reformas, vou aprezentar-vos em ligeira analyse, as modificações que desde o anno de 1889, ou depois da proclamação da Republica, tem soffrido o ensino secundario do Estado.

Em 17 de Janeiro de 1890 foi creado o Instituto Normal Superior, depois de extincto o antigo Lyceo e a Escola Normal. Esta reforma, apezar de organisada por um governo que reunia em si todos os poderes, por ser dictatorial, só foi posta em vigor depois de revista pela Congregação dos estabelecimentos extinctos, e, por isso mesmo, foi uma das que melhor rezultado podia dar, apezar de alterar profundamente o antigo systema de ensino. O alumno que obtivesse um diploma fornecido por aquelle Instituto não só estava apto para o magisterio como ficava com uma instrucção solida e bastante para todos os mistéres da vida pratica. O professorado e a direcção tambem gosavam de garantias excepcionaes e agia independente nas questões relativas ao ensino e mesmo em muitas administrativas. Alem d'isso as suas funcções eram tão bem remuneradas que podiam esses funccionarios dedicar-se completamente ao seu nobre sacerdocio.

Infelizmente, mais tarde, tendo começado a reorganisar-se o serviço publico do paiz, de accordo com o novo regimen politico, coube á instrucção secundaria obedecer aos planos de ensino decretados pelo poder federal, para que pudessem os estudantes dos Estados matricular-se nos cursos superiores da União. Em vista d'isso foi em 13 de Outubro de 1893 extincto o Instituto Normal Superior que durante os poucos annos de existencia tão bons rezultados dera, sendo então creado o Gymnasio Amazonense, de accordo com o Gymnasio Nacional, e annexo ao qual se creou um Curso Normal.

Pouco depois de um anno teve o plano de estudos d'este estabelecimento de ser alterado; esta alteração foi decretada em 29 de Novembro de 1894. Mais um anno e poucos dias, de novo foi decretada nova reforma para o regulamento do Gymnasio e Curso Normal annexo. Este decreto foi promulgado em 31 de Dezembro de 1895 e só esteve em vigor durante dois annos, pois a 27 de Dezembro de 1897 foi dado novo regulamento ao Gymnasio e Escola Normal.

N'estas constantes reformas se o plano de ensino do Gymnasio soffria pequenas modificações em virtude de ter de subordinar-se aos planos federaes, já não acontecia o mesmo com o do Curso Normal que era sempre muito alterado.

Durante o antigo regimen tambem havia muitas reformas nos regulamentos do ensino secundario; cada presidente de provincia que assumia o governo quasi sempre promulgava um regulamento, mas isso em nada prejudicava o ensino.

Este não soffria porque o estudo não sendo systematico como actualmente, mas por materias, estas nunca soffriam alteração alguma no seu ensino. As unicas modificações que estas poderiam experimentar eram as provenientes da mudança do professor, o que tambem trazia quasi sempre mudança de methodo.

Assim as constantes reformas eram somente para a parte administrativa, nunca para o ensino propriamente e é por isso que, apezar da maxima boa vontade do professorado secundario ainda não se poude obter no Brazil as vantagens d'aquelle tempo.

O plano de ensino do Curso Normal que baixou na ultima data que citei ainda

é o mesmo actualmente; o do Gymnasio porem já soffreu duas alterações profun-
das. A primeira proveniente do regulamento que baixou com o Decreto federal
n.º 2:857 de 30 de Março do anno findo, adoptado entre nós em Outubro do mesmo
anno, e a segunda resultante do novo Regulamento do Gymnasio Nacional decre-
tado em 8 de Abril ultimo e adoptado aqui pelo Decreto n.º 329 de 12 de Maio
findante.

Possa este manter-se por muitos annos e que os poderes competentes conven-
çam-se que estas constantes reformas são o maior dos males que podem fazer soffrer
nossa patria, e cujos effeitos são por consequencia cada vez mais desastrosos.

Já no meu ultimo relatorio eu solicitava que se désse aos nossos planos de
ensino certa estabilidade, que se alterassem os regulamentos, mas nunca o ensino,
sem que primeiro se pudesse observar os seus effeitos.

E, já que não podemos fazer isso com o Gymnasio por estarmos subordinados
aos regulamentos federaes, ao menos mantenhamos na nossa Escola Normal essa
estabilidade, afim de podermos obter bons professores e por consequencia boa in-
strucção primaria. Como já deve estar em elaboração a reforma d'esta Escola para
satisfação de uma lei do Congresso Legislativo, seria conveniente que uma vez
estabelecida fosse mantida por muitos annos.

No anno lectivo de 1898 entrou em vigor o regulamento que baixou com o
Decreto n.º 213 de 27 de Dezembro de 1897.

Este traz as medidas geraes d'entre as quaes tem de girar a Instrucção Se-
cundaria e Normal, deixando as particularidades, questões sujeitas a modificações,
ao regimento interno.

Sendo este organisado pela Congregação pode ser modificado, sempre que a
experiencia demonstrar ser isso preciso.

Vê-se que dos ultimos regulamentos este contem essa qualidade que lhe po-
derá dar um cunho de permanencia que deveria existir em todas as leis relativas
ao ensino publico.

Entre as boas medidas creadas por esse regulamento devo salientar duas: a
instituição do Vice-Director e a creação da classe dos substitutos. O serventuario
d'aquelle cargo, não como um mero substituto do Director em seus impedimentos,
mas com attribuições especiaes e effectivas o que torna-o um excellente auxiliar
da directoria. Na classe dos substitutos tenho encontrado um forte auxilio já na
manutenção da ordem no estabelecimento, já na boa marcha do ensino. Esta classe
tem a seu cargo a presidencia da sala de estudos e as aulas praticas das disci-
plinas que constituem os cursos do estabelecimento.

Durante a prezidencia de estudos devem os alumnos ser guiados pelos res-
pectivos prezidentes nas composições e exercicios de conversação de linguas, na
rezolução das questões de mathematica, na leitura de bons livros d'entre os que
existem na bibliotheca, etc.; nas aulas praticas devem fazer os exercicios indicados
pelos lentes durante as aulas theoricas.

Os lentes das diversas disciplinas do estabelecimento, tendo de obedecer a
um horario determinado não podiam dedicar o tempo sufficiente ao ensino pratico
de suas cadeiras; assim obtinhamos alumnos com muita theoria porem sem po-
der empregal-a ás necessidades da vida, por faltar-lhes a pratica necessaria.

Com a creação da classe dos substitutos e com as attribuições que lhe são inherentes desaparece esse inconveniente da nossa instrucção secundaria e normal, hoje n'este estabelecimento já se pode perfeitamente harmonizar a theoria e a pratica, facultando aos alumnos uma instrucção solida e real. Esta classe não deverá pois desapparecer, pois corresponde a uma real necessidade do ensino.

Infelizmente ainda não se acham providos effectivamente esses logares devido isto talvez á falta de estabilidade do nosso regulamento. A constante ameaça de reforma privou o estabelecimento de já ter uma excellente classe de substitutos. Ao concurso aberto e prorogado por diversas vezes ninguem tem se inscripto e a falta de verba tem-me prohibido de contractar pessoal competente no estrangeiro como faculta-me o regulamento.

Mas apezar d'essa classe estar servida por funccionarios interinos, pela benefica influencia que já se começa a notar no ensino, espero que uma vez provido por pessoal effectivo ou contractado, pessoal dedicado ao magisterio e com um verdadeiro sentimento de seu papel na obrá da Instrucção Publica, produza os melhores beneficios possiveis ao nosso estabelecimento. Em obediencia a disposições regulamentares a congregação reuniu-se logo que foi promulgada a reforma e organisou o seu regimento interno, ampliando disposições do regulamento, estabelecendo outras que não podiam ser previstas ali, finalmente creando todas as medidas de caracter administrativo e disciplinar.

Este regimento foi promulgado em 5 de Março de 1898 pelo poder competente e ainda está em pleno vigor.

Actualmente uma Commissão da Congregação está procedendo os necessarios estudos no sentido de ver as modificações que a execução tem demonstrado serem precisas no referido regimento.

Uma das necessidades que ha muito se impõe áquelles que tem a seu cargo a educação da mocidade amazonense, é a separação dos dois cursos Normal e Secundario.

Em meu anterior relatorio solicitei esta medida, mais tarde porem vi que isso seria prejudicial ao Estado, pelo menos actualmente, por acarretar um grande augmento de despezas sem uma prompta compensação.

Estou convencido de que mais tarde o Estado seria recompensado dos sacrificios que hoje fizesse, porque cedo ou tarde esta medida fatalmente será adoptada, o progressivo desenvolvimento do Estado virá reclamal-o. Posta em pratica hoje não agradaria áquelles que estão acostumados a encarar superficialmente as questões de ensino publico, os quaes solicitariam a extincção do curso que menor frequencia aprezentasse.

Vereis em outro local d'este relatorio que a frequencia do curso Secundario é em todos os annos menor que a do Normal. Será isso devido á incapacidade do corpo docente do estabelecimento, á sua má organisação, á falta de cumprimento dos deveres do seu pessoal? Não.

A' incapacidade ou falta de cumprimento de deveres do corpo docente, não, porque sendo este o mesmo do curso normal, a matricula deveria diminuir tambem e não augmentar como tem succedido. A' organisação do estabelecimento tambem não pode ser attribuida essa pouca frequencia porque conhecendo diversos

estabelecimentos de educação posso garantir que muito poucos poderão avantajar-se ao nosso.

Penso que subsistem ainda as mesmas causas apontadas em meu ultimo relatorio, as quaes julgo desnecessario repetir aqui.

Esta pouca frequencia não me anima a pedir a separação d'estes dois cursos porque não faltaria quem solicitasse dos poderes do Estado a extincção do curso secundario por ser o que menor matricula aprezenta.

Julgariam que não seria productiva a despeza que fizesse o Estado para manter um estabelecimento especial para 30 ou 40 alumnos existindo outro com 70 ou mais, embora destinados á fins diversos.

Entretanto nunca serão demasiadas as despezas que no prezente fazem os Estados com a Instrucção Publica assim como com a Agricultura e Immigração, porque estes ramos de serviços publicos no futuro produzirão os melhores beneficios que um povo pode obter.

Penso que todos estes inconvenientes desapparecerão com a medida que vou propor-vos, parte da qual pretendo ensaiar no proximo anno lectivo se a Congregação julgar acertada.

Esta medida consiste em conservar o Curso Normal annexo ao Gymnasio com os mesmos professores das cadeiras communs, funccionando porem as aulas separadamente e crear uma escola infantil de acordo com os modernos preceitos da pedagogia, contratando-se no estrangeiro, sendo isso preciso, as competentes professoras especialistas.

Esta separação poderá ser completa ou somente da parte feminina, ficando assim as aulas do Curso normal d'este sexo separadas das do Gymnasio. Esta medida tem sua razão de ser no facto de haver sempre muito maior numero de alumnas do que alumnos a frequentar as aulas d'esse curso.

N'esse caso os alumnos que se destinarem ao professorado emquanto persistirem os actuaes planos, estudarão no Gymnasio até o terceiro anno completo menos Allemão; e no quarto com as materias que o constituem, menos Allemão, Latim e Grego, estudarão na Escola Normal: Noções de Physica e Chimica, idem de Historia Natural, Historia do Brazil, Pedagogia e Exercicios de ensino, Calligraphia, Gymnastica e Musica, para assim obterem o diploma de professores normalistas.

Por esta forma estudarão elles todas as materias que constituem actualmente o Curso Normal e evitar-se-ha a coeducação contra a qual muitos educadores se têm manifestado e que por isso se tem procurado illiminar, principalmente entre os paizes da raça latina.

E visto que, os lentes terão um trabalho dobrado vos peço, uma vez adoptada esta proposta, que solliciteis verba necessaria para que lhes seja arbitrada uma gratificação equivalente á metade de seus vencimentos do Gymnasio.

Esta despeza não poderá ascender a grande importancia e ficará muito áquem da que teria de ser despendida si houvesse a separação completa dos cursos a que me refiro. De facto actualmente despende o Estado conforme a tabella n.º 6 da Lei orçamentaria em vigor a quantia de Rs. 211:208$000 com os trez cursos, [illegible] Director, que sendo de Rs. 3:888$000 ad-

cionada aquella importancia produz Rs. 214:800$000; com a adopção da medida que proponho, o augmento será somente de Rs. 13:200$000 annuaes. A nova tabella n'este caso será a seguinte:

GYMNASIO

14 Lentes	166:800$000
3 Professores	14:400$000
6 Substitutos	36:000$000
1 Director	7:200$000
1 Vice-Director	3:600$000
Rs	162:000$000

CURSO NORMAL

7 Lentes (gratificação)	25:200$000
1 Lente de pedagogia (vencimentos)	7:200$000
3 Professores	7:200$000
2 Professores—Calligraphia e Prendas	9:600$000
1 Regente	4:800$000
Rs	54:000$000

CURSO COMMERCIAL

1 Professor de Escripturação	4:800$000
1 Gratificação ao professor de calligraphia	2:400$000
1 Inspector de alumnos	4:800$000
Rs	12:000$000
Total—Rs	228:000$000

O Lente de Economia Politica e Direito Commercial percebe pela tabella do Gymnasio e ahi já se acha incluido.

A primeira medida—separação das aulas—vou propor á Congregação no proximo anno lectivo, funccionando o Gymnasio pela manhã e a Escola Normal á tarde ou vice-versa.

Para creação porem da Escola Infantil será necessaria auctorisação do poder competente pois acarreta algumas despezas, maximé se tivermos de contractar no estrangeiro pessoal habilitado para a sua direcção.

Estas propostas, submetto-as á vossa esclarecida apreciação, esperando que as estudeis com todo o cuidado sobretudo agora que deveis ter em mãos um projecto de reforma do Curso Normal.

Para a adopção da nova lei do ensino secundario teve de soffrer algumas modificações o corpo docente do estabelecimento com a distribuição das diversas cadeiras que constituem o novo curso.

A cadeira de Historia da Philosophia, a de Geometria Geral e Calculo e as

aulas de musica e gymnastica foram extinctas no Gymnasio Nacional sendo creada a cadeira de Logica.

A de Geometria Geral e Calculo felizmente ainda não estava provida portanto não causou alteração alguma no pessoal docente a sua extincção.

Com a de Historia da Philosophia porém já não aconteceu o mesmo por isso que se achava provida effectivamente e afim de não ficar um lente em disponibilidade, propuz que o funccionario da extincta cadeira fosse aproveitado em uma do curso commercial com todas as vantagens de lente do Gymnasio.

As antigas cadeiras de Meteorologia, Mineralogia e Geologia e de Biologia Botanica, Zoologia e Hygiene, ficaram reunidas em uma só:—Historia natural.

Para aproveitar os dois lentes, evitando a disponibilidade a que tinha de ser submettido um d'elles, solicitei provisoriamente a separação d'esta cadeira em duas, sendo uma de Botanica e Zoologia e outra de Geologia e Mineralogia.

Julgo assim ter evitado um mal ao ensino—o afastamento de lentes dos exercicios escolares durante muitos annos por effeito da disponibilidade.

Com a proposta que fiz e felizmente patrocinastes da manutenção das aulas de musica e gymnastica, extinctas no externato do Gymnasio Nacional, penso ter prestado um beneficio á mocidade do meu Estado. Eu que fui educado no estabelecimento actualmente sob minha direcção, sei o grande beneficio que a nós alumnos d'aquelle tempo prestava a aula de musica, então sob a regencia do inolvidavel maestro Adelelmo do Nascimento e avalio a dos exercicios de gymnastica e evoluções militares e outros meios de educação physica de que então não dispunhamos.

Diz Felix Pecaut: "A musica é um instrumento subtil e poderoso de cultura moral."

"Ella serve para a educação da alma como uma força moral de ordem delicada, mysteriosa e profunda, phenomeno que se sente mas que não se pode quasi analysar e todavia é de uma influencia tão constante e commum que não necessita de grandes experiencias."

Penso que está na consciencia de todos a benefica influencia que esta arte produz nos nóssos sentimentos, comtudo, preciso ainda soccorrer-me da opinião d'aquelle auctor, para justificar a minha proposta.

Diz elle: "A intelligencia não é o sanctuario intimo e ultimo do ser, é preciso ir além, descer mais até chegar a essa região obscura de onde perpetuamente desabrocha a vida, onde se agitam os primeiros germens do sentimento, do pensamento e da acção. E' ahi somente que a educação deve obrar sobre a alma se pretende modifical-a em seu verdadeiro fundo e não superficialmente."

Estes foram os motivos que determinaram a minha proposta da permanencia da aula de musica.

Penso que a sociedade muito terá a lucrar se os poderes publicos empregarem todo o esforço possivel na educação moral do individuo.

Pudesse em cada casa de familia existir um ensino methodico do canto choral, e já teriamos dado um grande passo para aquelle fim; mas emquanto isto não é possivel, mantenhamos o maior numero de aulas de musica possivel, façamos

sentir á mocidade de hoje a importancia d'essa arte, afim de que possa amanhã empregal-a devidamente na educação das gerações vindouras.

Para justificar a proposta em relação á aula de gymnastica parece-me quasi desnecessario apresentar argumentos. Quem é que desconhece hoje a importancia da educação physica? Em quasi todos os paizes do globo o ensino d'esta materia é obrigatorio nas escolas primarias, collegios e lycêos. Hoje se procura quanto possivel harmonizar a educação da intelligencia, do sentimento e do corpo.

A educação moral do individuo deve consistir em um justo equilibrio entre o espirito e o corpo.

Quem ha que desconheça o aphorismo: *Mens sana in corpore sanæ?* Porque razão pois haviamos de supprimir do nosso unico estabelecimento de ensino secundario e normal a aula de gymnastica e evoluções militares?

Sobre tudo nós que tanto descuramos da nossa educação physica, nós que geralmente sacrificamos o corpo ás exigencias dos estudos intellectuaes?

Foi portanto em beneficio da mocidade que se educa sob o tecto d'este estabelecimento que se propoz e foi acceita, acertadamente a permanencia do ensino d'aquellas duas aulas. Com a organisação actual do estabelecimento, os alumnos que vêm n'elle procurar a educação, encontral-a-hão completa e harmonica nos seus trez ramos: physica, intellectual e moral; tem assim o Estado cumprido o seu dever, que o povo cumpra o seu, secundando os esforços empregados.

TRABALHOS ESCOLARES

As aulas no anno lectivo de 1898 tiveram começo em Março e não em Novembro como devera ser por força do art. 1.º do Decreto n.º 188 de 28 de Agosto de 1897.

Esta irregularidade foi devida á circumstancia de acharem-se n'esse lapso de tempo em concertos todos os salões do edificio.

Abriram-se as aulas com 117 alumnos, sendo assim distribuidos pelos trez cursos de que se compõe actualmente o estabelecimento:

CURSO SECUNDARIO

1.º anno	28
2.º „	5
3.º „	—
4.º „	1

CURSO NORMAL

1.º anno	50
2.º „	15
3.º „	—

CURSO COMMERCIAL

1.º anno	18
2.º „	—
Total geral	117

Apesar d'estes cursos só terem funccionado durante trez mezes, devido aos esforços de todo o pessoal docente, as aulas tiveram um regular funccionamento e nos exames que tiveram logar em Julho os resultados foram os mais lizongeiros possiveis, attendendo ao pouco tempo de lições que tiveram os alumnos.

E' assim que os resultados dos exames verificados n'este anno comparados aos do anterior aprezentam uma differença no aproveitamento dos alumnos como podereis ver do seguinte quadro comparativo:

1.º anno

	1897	1898
Compareceram a exames	44	41
Approvados em diversos gráos	20	31
Reprovados	24	10

2.º anno

Compareceram a exames	1	3
Approvados em diversos gráos	1	2
Reprovados	—	1

CURSO NORMAL

1.º anno

Compareceram a exames	82	111
Approvados em diversos gráos	46	73
Reprovados	36	38

2.º anno

Compareceram a exames	19	29
Approvados em diversos gráos	10	20
Reprovados	9	9

CURSO COMMERCIAL

1.º anno

Compareceram a exames		10
Approvados em diversos gráos		6
Reprovados		4

Total:

Entraram em exames	146	194
Approvados em diversos gráos	77	132
Reprovados	69	62

A percentagem das approvações dos alumnos que entraram em exames, foi no anno de 1897 de 52,74 %, em 1898 foi de 68,05 %.

Na ultima sessão que a Congregação realizou este anno, julgou-se tão satisfeita que resolveu manifestar o seu contentamento expresso em um voto de louvor endereçado á Direcção do estabelecimento pelo modo porque se houve na execução do regulamento então posto em vigor á qual não tanto como aos lentes, segundo a minha opinião, cabe a gloria desse feliz resultado.

E' por isso que tenho esperanças de conseguir ainda melhores resultados nos exames proximos.

O estabelecimento no prezente anno lectivo 1898-1899 começou os seus trabalhos escolares na epocha regulamentar, isto é: de 22 de Outubro a 30 a Congregação organisou os horarios e adoptou livros, e tiveram principio os exames de admissão para os candidatos á matricula sendo que em 3 de Novembro abriram-se as aulas.

Requereram matricula n'este anno lectivo 119 alumnos, sendo para o

CURSO NORMAL

1.º anno	51	
2.º »	22	73

Para o

CURSO SECUNDARIO

1.º anno	20	
2.º »	11	31

Para o

CURSO COMMERCIAL

1.º anno	8	
2.º »	6	
3.º »	1	15
Total		119

Tendo notado mais tarde que muitos dos alumnos, que requereram matricula annualmente não comparecem uma só vez ás aulas, diminuindo assim a proporcionalidade entre a frequencia, aproveitamento e a matricula, resolvi baixar uma portaria estabelecendo que fosse condição essencial para a matricula um termo lavrado na secretaria do estabelecimento.

Mandei chamar por editaes todos os requerentes e interessados, que satisfizeram áquella formalidade, ficando definitivamente organisada a matricula com 94 alumnos.

Posteriormente se inscreveram como ouvintes dos diversos cursos 25 alumnos. Acham-se inscriptos nas diversas aulas do estabelecimento 119 alumnos assim distribuidos:

CURSO SECUNDARIO

1.º anno

Matriculados	14	
Ouvintes	4	18

2.º anno

Matriculados	5	
Ouvintes	7	12

4.º anno

Ouvinte	1
Total	31

CURSO NORMAL

1.º anno

Matriculados	47	
Ouvintes	6	53

2.º anno

Matriculados	15	
Ouvintes	5	20
Total		73

CURSO COMMERCIAL

1.º anno

Matriculados	8

2.º anno

Matriculados	4	
Ouvintes	2	6

3.º anno

Matriculados	1
Total	15
Total geral	119

Á excepção das aulas de Calligraphia e Dezenho, as demais funccionam regularmente e segundo os relatorios mensaes dos substitutos muito têm aproveitado os alumnos com os exercicios praticos.

O corpo docente tem sido solicito no cumprimento de seus deveres, todos os lentes e professores são devotados á causa do ensino e n'elles tenho encontrado excellentes auxiliares para a direcção do estabelecimento.

Só no corrente anno pude começar a organisação da estatistica do estabelecimento. Alguns quadros organisados pela Vice-Directoria deixo de juntar a este por tel-os remettido á repartição competente, que naturalmente juntal-os-ha ao respectivo relatorio.

Assim a media da frequencia diaria do estabelecimento só poude ser organisada a partir do mez de Fevereiro ultimo. Foi a seguinte:

FEVEREIRO

Curso secundario	10	alumnos
„ normal	38	„
„ commercial	5	„

MARÇO

Curso secundario	9	„
„ normal	48	„
„ commercial	4	„

ABRIL

Curso secundario	8	„
„ normal	43	„
„ commercial	2	„

Portanto a media da frequencia do estabelecimento foi: em Fevereiro 53 alumnos por dia, em Março 61, em Abril 53; no trimestre 55 alumnos diarios.

Curso Commercial

Infelizmente este curso installado em Maio de 1898 não tem tido a frequencia e não produziu ainda os resultados que eram de esperar. Attribuo isso a não funccionar o curso á noite como era pensamento da Congregação e d'esta Directoria, pois a maior parte dos alumnos que se matricularam por occasião da installação eram empregados, e por isso impossibilitados de frequentar as aulas diurnas. A falta de luz e de verba para esse fim obrigaram-me a não remover esse inconveniente desde então.

Poderia essa despeza correr pela verba—*Expediente e despezas miudas*—porem esta já se acha bastante sobrecarregada e a illuminação do edificio exigia

grande despeza, sendo feita a kerozene, além de muitos inconvenientes que esse systema de luz acarreta. Por isso vejo-me obrigado a esperar que a empreza de Luz Electrica comece a fornecer luz aos edificios particulares e publicos, convindo entretanto, antes que isso se realize, solicitar uma pequena verba para occorrer ás despezas com o custeio da luz necessaria ao funccionamento das aulas á noite. Convem mais outra verba para a gratificação do porteiro e dos serventes, que tiverem de prestar seus serviços extraordinarios á noite; esta não poderá exceder 250$000 réis mensaes.

Estas duas despezas, pequenas, estou convencido, serão perfeitamente compensadas com os beneficios que irão gozar os alumnos, a classe dos empregados do commercio, a quem foi destinado o curso, e portanto o Estado.

A matricula por occasião da abertura do curso foi de 18 alumnos no primeiro anno, tendo entrado em exame 10. D'estes foram approvados em diversos gráos 6 e reprovados 4.

No actual anno lectivo matricularam-se no primeiro anno, 8 alumnos; no segundo, 6; e no terceiro, 1; portanto 15 alumnos ao todo.

Sendo esta Capital uma cidade essencialmente commercial está reservado a este curso, pela primeira vez iniciado entre nós, um prospero futuro, assim o penso, uma vez cessadas as causas que o tem embaraçado na sua marcha.

Exames de preparatorios

Em obediencia á ordem emanada do Sr. Ministro do Interior, com annuencia do Sr. Delegado Fiscal Dr. Arthur Cezar Moreira de Araujo, procedeu-se no mez de Fevereiro ultimo a exames geraes de preparatorios para os candidatos á matricula dos cursos superiores da União.

Inscreveram-se 35 candidatos nas seguintes materias:

Portuguez	3
Francez	6
Inglez	4
Latim	4
Arithmetica	3
Algebra	2
Geometria	2
Trigonometria	1
Geographia	4
Historia	4
Physica e Chimica	1
Historia natural	1
Total	35

D'estes foram approvados 29 e reprovados 3. Deixaram de comparecer 3.

Eis o resultado por materias:

Materias	Approvações			Reprovados	Não compareceram	Total	Observações
	Distincção	Plenamente	Simplesmente				
Portuguez	—	—	1	2	—	3	
Francez	—	2	2	0	2	6	
Inglez	—	1	2	0	1	4	
Latim	—	—	3	0	1	4	
Arithmetica	—	—	3	—	—	3	
Algebra	—	1	1	—	—	2	
Geometria	—	1	1	—	—	2	
Trigonometria	—	—	1	—	—	1	
Geographia	—	1	3	—	—	4	
Historia	—	1	1	1	1	4	
Physica e Chimica	—	—	1	—	—	1	
Historia natural	—	—	1	—	—	1	
	—	7	20	3	5	35	

Os trabalhos que foram presididos pelo respectivo Delegado Fiscal do
verno Federal, correram sem protesto algum, tendo sido as mezas constitu
pelo pessoal docente d'este estabelecimento.

Gabinetes de Physica, Chimica, Historia natural, Desenho e Gymnastica

D'estes gabinetes só existiam os de Physica e Chimica, porém muito incom pletos, com muitos apparelhos estragados por causa das constantes mudanças qu tem soffrido de uns compartimentos para outros do edificio, conforme as necessi dades do serviço.

Ultimamente porém, depois que me fizeram entrega dos salões do paviment inferior concertados, conforme vos exponho em outro local, para lá transferi-os achando-se ahi definitivamente instalados. Para começar a remontal-os tenho qu mandar construir boas vitrines e armarios proprios para a conservação dos appa relhos, alguns bastante delicados que facilmente deterioram-se expostos ao ar poeira, humidade, etc., ou collocados em moveis improprios. Conforme vos solici tei auctorisação em 4 de Abril ultimo, fiz encommenda da Europa dos seguintes objectos, que são os mais necessarios, os quaes deverão achar-se n'esta Capital em Setembro vindouro:

Um cylindro subindo um plano inclinado.

Um cylindro obliquo para mostrar a influencia do centro de gravidade sobre a estabilidade.

Um equilibrista para o mesmo uso.

Um *culbateur* chinez para mostrar o effeito produzido pela deslocação de centro de gravidade.

Um martello d'agua.

Uma machina de Atwood.

Pendulo para verificar a lei dos espaços.

Pendulo para verificar a lei das velocidades.

Uma balança hydraulica montada sobre columnas de cobre, supporte de cremalheira.

Duplo cylindro para demonstrar o principio de Archimedes.

Um apparelho de Aldat.

Um apparelho de Masson.

Um torniquete hydraulico para demonstrar as pressões lateraes dos liquidos sobre os vazos.

Uma figura de esmalte para Ludio.

Um piesometro d'Orstedt para medir a compressibilidade do liquido.

Um apparelho de tubos capillares.

Um apparelho Gay Lussac para marcha dos liquidos nos tubos capillares.

Quatro espheras de cortiça se attrahindo ou se repellindo segundo a natureza de sua superficie.

Um tubo de borracha para machina pneumatica de Bianchi.

Uma bexiga com torneira.

Um baroscopo.

Um irrigador magico.

Um funil magico.

Uma bomba universal de Sibermann.

Uma fonte intermittente de cobre e cristal.

Uma fonte de Heron de cobre e cristal.

Uma fonte de circulação, modelo medio.

Um radiometro.

Um apparelho para determinar o ponto 0 dos thermometros.

Um apparelho de Regnault para determinar o ponto 100 dos thermometros.

Um thermometro de alcool.

Um thermometro de mercurio (de precisão).

Um thermometro padrão.

Um grande thermometro para mostrar a dilatação do liquido e a do envolucro.

Thermometros de differentes liquidos para mostrar a desigualdade da dilatação dos liquidos.

Um apparelho de Hoppe para determinar o maximo da densidade da agua.

Um thermometro differencial de Leslie.

Um thermometro de Rumford.

Um molde de M. Tyndall.

Doze lagrimas batavicas.

Quatro tubos de latão dando accordo perfeito.

Um martello de marfim.

Uma sereia Cagiard de Latour.

Quatro diapasões, Dó, Mi, Sol, Dó, sobre caixas sonoras.

Oito tubos abertos dando a escala.

Palheta vibrante.

Quatro palhetas de aço (vibrações longitudinaes).

Um apparelho que reprezenta o movimento molecular d'uma onda aerea produzida por um som continuo.

Um apparelho que reprezenta o movimento molecular das ondas do ether.
Um apparelho (harpa de Marloye) para as vibrações.
Um vibroscopio de Duhamel.
Um photometro de Rumford.
Um photometro de Rougeur collocado sobre pés separados.
Um apparelho completo com os espelhos.
Um polyprisma composto de quatro materias differentes, com pé.
Um apparelho para demonstrar a composição das forças parallelas.
Um apparelho parallelogrammo das forças.
Um timpano de 0m,16 com pé, tubos de reforço de som.
Trez tubos eguaes em madeira, em cartão e em cobre dando o mesmo som.
Um tubo longo de vidro com piston.
Um cubo de vidro para a refracção, com separação de vidro dividindo-o em duas partes, nos sentidos das diagonaes, pés com parafusos, pequeno modelo.
Um fervedor de Franklin.
Um martello d'agua de Dony para provar que a agua privada de ar não entra em ebullição.
Dois balões com tubos capillares para mostrar a dilatação dos liquidos e dos gazes.
Um hygroscopio.
Um psychrometro.
Um alambique Salleron, grande modelo.
Um galvanometro Nobile, de cobre.
Uma machina de Holtz, com condensadores.
Uma pelle de gato.
Cem bagos de sabugueiro.
Duas figuras de sabugueiro, articuladas.
Meza de Ampère, modificada por M. Bertin, modelo simples com os accessorios seguintes:
1.º Meza com bacia para liquidos com quadro multiplicador e commutador; 2.º Multiplicador manual; 3.º Correntes rectangulares moveis; 4.º Corrente direita; 5.º Corrente sinerosa; 6.º Corrente horizontal; 7.º Solenoide; 8.º Solenoide manual; 9.º Correntes astaticas; 10.º Correntes horizontaes; 11.º Cruzadas; 12.º Apparelhos para as correntes verticaes; 13.º Bacia d'Ampère para a repulsão d'uma corrente sobre si mesma.
Um microscopio, grande modelo, completo.
Vinte e cinco preparações microscopicas.
Uma grande caixa com reactivos para analyses chimicas e ensaios mineralogicos (via secca e humida) de nogueira envernisada, em forma de cofre com caixas de estojos.
Trinta e dois frascos de 60 grammas, cheios; oito frascos com reactivos seccos; um cylindro; uma lampada Berselius; um cadinho; uma capsula; uma lamina; uma spautula de platina; um thermometro de precisão; uma balancinha; um almofariz d'agatha; uma lente; uma agulha imantada com supporte; uma bureta; uma pipeta dividida e tubos.

Um canudo de cobre ponto de platina, com supporte.
Um dissecador Chaucel.
Uma batteria de 6 elementos Trouvé.
Um funil de vidro com tampa hydraulica, com rolha de esmeril.
Seis funis de vidro, forma conica, de 180 grammas.
Quatro funis de vidro, forma conica, de 250 grammas.
Trez funis de vidro, forma conica, de 500 grammas.
Trez funis de vidro, forma conica, de 1:000 grammas.
Trez funis de vidro, forma conica, de 2:000 grammas.
Um supporte de madeira.

Um apparelho de Kippe para a producção de hydrogenio sulfurado, modelo medio.

Um apparelho de M. Saint Clair Deville, para a producção do hydrogenio, frascos de 2 litros.

30gr,0 de fio fino de platina $^{1}/_{20}$, $^{3}/_{4}$.
3gr,0 de fio medio $^{2}/_{10}$.
Uma faca para rolhas, grande modelo.
Uma faca para cortar vidro, pequeno modelo.
Trez limpa-tubos, de crina.
Dois limpa-tubos, de esponjas.
Trez limpa-tubos, com ponta e pincel.
Dois limpa-provete e balão.
Um espanador de haste movel, com escova dupla, grande modelo.
Uma lima universal.
Uma lima.
Duas limas $^{16}/_{1}$ cent. long. $^{19}/_{1}$ cent. long.
Uma lima.
Uma serra, 30 cent. de comprimento.
Uma pinça de aço com ponta de platina.
Uma pinça de maillechort, forma direita.
Uma pinça de aço.
Uma pinça de maillechort, forma curva.
Duas pinças para matraz, em madeira, com parafuzos de pressão.
Duas pinças para matraz, de madeira, grande e pequeno modelos.
Trez pinças para tubos de ensaios, em madeira.
Uma garrafa de $^{1}/_{2}$ litro, gargallo cercado de vime.
Uma garrafa de $^{1}/_{2}$ litro, tubo soldado.
Uma garrafa com bico, para lavagem com agua quente, de $^{1}/_{2}$ litro.

Um apparelho de Hoffmam, para decomposição electrolytica de acido chlorhydrico, da agua e do ammoniaco.

Um apparelho de M. Hoffmam, permittindo separar cada gaz.

Um apparelho de Hoffmam, para demonstrar que um volume de acido chlorhydrico contem meio volume de hydrogenio (com supporte).

Um apparelho de Hoffmam, para demonstrar que um volume de acido chlorhydrico se compõe de $^{1}/_{2}$ volume de d'hydrogenio e $^{1}/_{2}$ de chloro com supporte e provêtas.

Um apparelho de Hoffmann, para demonstrar que dois volumes d'hydrogenio e um volume d'oxigenio se condensam em dois volumes de vapor d'agua, completo.

Uma batteria de **Bunsen de 4 elementos**, cujos polos terminem por laminas de platina, para a producção da corrente electrica necessaria aos trabalhos com os apparelhos de Hoffmann.

Uma bureta Mangon, com supporte.

Uma bureta de Salleron $25^{cm}\ ^{1}/_{10}$.

Uma bureta do Dr. O. Karoffer, novo modelo aperfeiçoado com supporte de porcellana.

Duas buretas de Mohr com pinças $^{10}/_{1}$ com^{c}, $^{25}/_{1}$ cen^{c} $^{1}/_{10}$.

Doze bolas de vidro para cobrir as buretas.

Trez funis para encher as buretas.

Um supporte de altura variavel com pinças para 4 buretas.

Uma pinça dupla, em forma de ferradura, toda de metal, com parafuzos de pressão e mola.

Trez provetes com pés de crystal $^{500}/_{25}$, $^{500}/_{1}$.

Dois provetes com pés e tampa de esmeril para liquidos volateis $^{1}/_{250}$, $^{1}/_{500}$.

Uma garrafa de crystal dividida, 1 litro.

Uma garrafa de crystal dividida, 500 grammas.

Uma garrafa de crystal dividida, 250 grammas.

Seis frascos, forma de pêra, com tampa de esmeril de 100 para um litro.

Seis frasquinhos de fundo chato $^{2}/_{125}$, $^{2}/_{250}$, $^{1}/_{500}$, $^{1}/_{100}$.

Seis pipetas divididas em 2 riscos de 1 centimetro cubico a 5 cm^{3}.

Seis pipetas divididas por fracções de cm^{3} $^{1}/_{1}$ cm^{3} $^{110}/_{2}$, 2 cc $^{110}/_{2}$, 5cc $^{15}/_{1}$ 10 cc.

Doze vidros com pés $^{2}/_{15}$ cc, $^{2}/_{30}$, $^{2}/_{60}$, $^{4}/_{100}$, $^{2}/_{150}$.

Uma placa de porcellana com 12 cavidades para reacções.

Historia natural

Para principiar a montagem do Gabinete de Historia natural que ainda não existia, fiz de accordo com a verba para esse fim destinada, um pedido constante de:

Um homem do Dr. Auzoux de $1^{m},60$ de altura, mostrando de um lado, os musculos e os vasos da camada superficial; do outro lado os musculos, os canaes e os nervos da camada profunda.

Um olho do mesmo auctor, mostrando os musculos, os canaes, os nervos, as membranas, o corpo vitreo, o cristalino, etc., cada parte destacando-se e mostrando além d'isso differentes camadas microscopicas da retina, da coroïde e do iris, indicados pelos anatomistas modernos.

Uma laringe ainda do mesmo auctor (duas vezes a grandeza natural) mostrando as cartilagens, musculos, canaes e nervos, membranas, cordas, voccaes, osso hyoïdeo a trachea arteria e a divisão dos bronchios até ás ultimas ramificações.

Uma collecção de Historia natural contendo um craneo humano articulado, quatro esqueletos de mamiferos, trez esqueletos de passaros, dois esqueletos de peixe, trez esqueletos de reptis, seis mamiferos, dez passaros, quatro reptís, quatro peixes, cem insectos, um herbario de cem plantas, duzentos moluscos e cincoenta mineraes.

Desenho

Para começar o de desenho, mandei vir da Allemanha diversas collecções de modelos methodicos em gesso e madeira, que são empregados nas aulas de desenho d'aquelle paiz.

Gymnastica

Para o de gymnastica, esgrima, evoluções militares, mandei vir um Gymnasio completo, comprehendendo: um portico de plataforma, cordas, escadas, trapesios, argollas, barra fixa, barras com espheras, parallela, trampolina, haltères, etc., e um apparelho de gymnastica de camara para o desenvolvimento de todos os musculos do corpo.

Estes ultimos pedidos:

Historia natural, Desenho e Gymnastica já estão em nossa alfandega, segundo aviso que recebi da casa commercial incumbida da encommenda.

Alem da collecção de Historia natural que mandei vir da Europa, desejava obter uma que servisse para o estudo da fauna amazonense; para isso, aproveitando os serviços de um profissional extrangeiro actualmente n'esta Capital, contractei a acquisição de diversos exemplares, tendo já alguns no gabinete respectivo. Parece-me desnecessario demonstrar a vantagem d'este acto por ser evidente tanto para os estudantes d'este estabelecimento como para os viajantes curiosos de conhecimentos da riquissima fauna amazonense.

BIBLIOTHECA

Ao assumir a directoria d'este estabelecimento, um dos meus primeiros cuidados foi dotal-o com uma bibliotheca. Se bem que alguns dos nossos antigos regulamentos tratassem já do assumpto, comtudo não existia um só livro onde pudesse ser feita uma consulta, quer pelos alumnos, quer pelos lentes, não havendo mesmo diccionarios para as traducções de linguas extrangeiras.

Comprehende-se facilmente que isso era uma lacuna sensivel em um Estado, onde ha poucas obras de valor nas livrarias, só as havendo em uma ou outra bibliotheca particular.

E' verdade que existia uma Bibliotheca Publica, essa porém estava e julgo que ainda hoje está em reorganisação, além de funccionar em local que não se presta a uma consulta repentina não só d'aquelles que aprendem como d'aquelles que leccionam no estabelecimento, não podendo portanto supprir aquella lacuna. O estabelecimento que dirijo não podia prescindir d'esta instituição porque ella é o complemento indispensavel de todo o plano de ensino bem organisado e eu censurar-me-hia mais tarde se não tivesse empregado os esforços que dispendi para a fundação de tão util ramo d'este estabelecimento.

Os serviços que pode prestar a Bibliotheca são incalculaveis á instrucção publica em geral e muito especialmente a este Gymnasio.

A' instrucção publica do Estado é minha convicção que ella ha de prestar um inestimavel auxilio, pois vem collocar á disposição de todos, bons livros de sciencias, de litteratura e de artes e portanto muito concorrerá para o desenvolvimento do gosto pela boa leitura. Para este estabelecimento não são menores os serviços que d'ella advirão, pois tendo os alumnos á mão bons livros, guiados pelos presidentes de estudos verdadeiramente compenetrados de seus deveres, forçosamente preferirão a leitura util á leitura de máos livros, romances mal escriptos e

outros com que as livrarias por baixo preço estragam o gosto de certa classe de leitores que não tiveram uma boa instrucção e educação.

Os professores formados de futuro na nossa Escola Normal saberão que ahi existe uma Bibliotheca onde poderão achar os meios não só de conservar os conhecimentos adquiridos como de augmental-os, sobre tudo no ramo especial relativo aos deveres de sua nobre profissão. Pelo grande numero d'elles não será preciso ennumerar todos os beneficios que poderá obter uma casa de instrucção com uma bibliotheca formada de excellentes livros e posta ao alcance dos alumnos, professores e demais pessoas que tenham desejo de instruir-se. Basta dizer que nem todos poderão formar para si uma bibliotheca com todos os livros necessarios, os quaes só poderão existir em uma mantida pelo Estado. Não serão pois inuteis todos os sacrificios que porventura venha fazer o Estado com esta instituição. Estas idéas foram as propulsoras do meu acto, por isso pouco tempo depois de entrar em exercicio do cargo de director vos solicitei auctorisação para a compra de alguns livros, cuja relação vos enviei então, e os quaes sabia eu existirem no mercado. Concedida a auctorisação e entrados estes primeiros livros fiquei satisfeito, porque adquiridos os primeiros, vi que d'ahi em diante a Bibliotheca do Gymnasio e Escola Normal seria uma realidade. Não me enganei, mais tarde alguns particulares expontaneamente fizeram algumas offertas de bons livros e auxiliado com a vossa boa vontade e a do Ex.mo Snr. Governador do Estado consegui reunir algumas centenas de obras de valor em mais de dois mil volumes.

Aproveitando o periodo de ferias e tendo que ir á Capital Federal imprimir um trabalho meu, solicitei permissão para adquirir ali algumas obras; vós e o Ex.mo Snr. Governador do Estado honrastes-me com uma prova de confiança, commissionando-me para esse fim. D'essa incumbencia desempenhei-me como já vos relatei pelo meu officio n.º 92 de 4 de Maio, o qual vae appenso a este.

O grande numero de volumes que já tenho reunido reclamam um local mais espaçoso e mais arejado do que aquelle em que actualmente funcciona esta Bibliotheca. Mas infelizmente no edificio d'este estabelecimento a unica sala que se prestava a esse fim está actualmente occupada pelo Congresso Legislativo do Estado; por isso mais uma vez vos solicitei as providencias precizas para que sejam desoccupados os salões em que têm logar as sessões d'esse Poder do Estado, afim de que se possa ahi installar a Bibliotheca.

Sem esta medida todos os esforços empregados até hoje serão improficuos porque deteriorar-se-hão os livros existentes com a má accommodação que tem e não se poderá adquirir mais obra alguma por falta de local apropriado para a sua collocação. Além d'isso a sala de estudos tem necessidade de funccionar muito proxima da Bibliotheca para facilitar a consulta de obras e os unicos salões que estão nas condições exigidas são justamente os que venho de reclamar. E' pois uma necessidade palpitante essa para a qual chamo a vossa attenção.

Esta Bibliotheca por ser formada ha poucos dias poderia logo desde o seu inicio ser modelada de accordo com os mais modernos preceitos adoptados nos paizes mais adiantados; infelizmente a falta de verba orçamentaria com que tenho luctado para a sua formação obstou a que ficasse dotada desde logo de todos os melhoramentos aconselhados pelos modernos bibliothecarios da Europa e America;

mas esperançado que o nosso Congresso Legislativo lance suas patrioticas vistas sobre esta instituição, venho apresentar-vos algumas medidas que julgo inadiaveis.

Sobresae a todas as medidas reclamadas a substituição das estantes ora empregadas que foram as unicas que na occasião pude obter. Estas são muito elegantes e dão á Bibliotheca um excellente aspecto, mas são imprestaveis para uma Bibliotheca formada de grande numero de volumes. Estas estantes são construidas de madeira impropria, cedro, fechadas por meio de vidraças, n'um clima muito humido e quente como o nosso, está claro que os livros assim fechados, sem ventilação alguma, humedecidos, em muito pouco tempo estarão todos completamente arruinados.

Seria necessario desarrumal-os pelo menos duas vezes por semana afim de limpar a humidade de que se acham saturados e expol-os ao sol e ar, o que despenderia um trabalho muitissimo difficil de ser executado actualmente e que se tornará impossivel quando augmentar o numero de volumes.

Seria conveniente pois substituil-as por estantes de ferro que offerecem grandes vantagens sobre aquellas, não só quanto á durabilidade e segurança como á facilidade que apresenta quanto á limpeza, ventilação e demais cuidados que exige a conservação dos livros.

Estas estantes deverão ser collocadas parallelamente ás paredes mais compridas do salão de modo que fiquem sufficientemente afastadas para evitar a humidade e facilitar a ventilação e limpeza.

Seria conveniente que para esta parte importantissima do nosso estabelecimento fosse decretada uma verba especial não só para a acquisição das estantes como para compra de livros, assignaturas de revistas, jornaes brazileiros, etc.

A verba votada para o exercicio corrente Rs. 30:000$000, comprehende não só a acquisição de livros como a conservação e compra de moveis para o estabelecimento. De sorte que se eu tivesse de comprar todos os moveis de que tem necessidade o estabelecimento, ella seria insufficiente para esse fim, portanto ficaria impossibilitado de obter livros; por este motivo é que solicito verba especial para a Bibliotheca.

A substituição de estantes e mudança de local são as necessidades primordiaes. Outras, porém, por serem de caracter menos urgente poderão ser mais tarde suppridas á proporção que forem sendo reclamadas pela prosperidade do estabelecimento; assim é que mais tarde será preciso um empregado especialmente incumbido de auxiliar o Vice-Director no serviço da Bibliotheca; mais para diante ainda será conveniente abril-a ao publico em geral durante certas horas do dia ou da noute, afim de que fiquem ao alcance de todos, os livros que possuimos, se bem que já hoje qualquer pessoa desejosa de consultar obras possa fazel-o mediante uma licença d'esta Directoria.

Sou obrigado a lançar mão d'este meio, porque se estivesse aberta ao publico em geral, estando apenas sob a vigilancia de um só funccionario, facil seria a extraviação de obras ou a sua deterioração por parte de leitores menos escrupulosos.

Se o valor de uma bibliotheca se aquilata pelo merito e qualidade das obras que a compõe e não pelo seu numero, posso affirmar-vos que a nossa tem algum

valor e no Estado talvez rivalize com a propria Bibliotheca Publica, apezar d'esta já existir desde 1883 e possuir crescido numero de obras.

Attendendo á exigua verba posta á minha disposição para a compra de obras tenho procurado fazer uma escolha das de maior merito existentes sobre todos os ramos de conhecimentos humanos. E é por isso que ella não se recommenda pelo numero de seus volumes mas pelo valor d'estes.

Poderia aqui citar muitas das de maior pezo scientifico, mas além das que discrimino no relatorio da minha viagem á Capital Federal, só farei menção de algumas ultimamente adquiridas n'esta Capital que as demais vós mesmo podereis avaliar pela relação alphabetica que vae appensa a este relatorio.

Das que por ultimo entraram para esta repartição devo mencionar:

Conferencias e Escriptos, organisados pelo Atheneu de Madrid sobre o mesmo assumpto.

As rarissimas obras sobre o Amazonas:

Compendio das Eras da Provincia do Pará, por Antonio Monteiro Baena. Pará—1838—1 volume.

Diccionario historico topographico estatistico da comarca do Alto Amazonas, pelo capitão-tenente Araujo Amazonas. Recife—1832—1 volume.

A obra não menos rarissima *Trabalhos litterarios* de Tenreiro Aranha, um dos mais primorosos poetas brazileiros e o primeiro litterato amazonense tão pouco conhecido por terem-se perdido as suas obras. Este livro portanto é de inestimavel valor. As obras de M. Toutaine, *Inde Vedique, Les aziatiques.* Herodoto—*Los nueve libros de la historia*, traducção hespanhola; C. de Castilho—*Historia de los reis catholicos;* Moreira Pinto, *Diccionario Geographico do Brazil;* Rocha Pitta, *Historia da America portugueza;* Lesselberg, *In Amazon Lan.*

As demais seria longo enumeral-as, por isso chamo a vossa attenção para a relação já citada.

Jornaes e Revistas

Ainda não pude obter os principaes jornaes brazileiros, apenas tenho os d'esta Capital que são gentilmente cedidos pelas respectivas redacções.

Só agora pude tomar assignatura das seguintes revistas:

PARISIENSES

Bibliotheque Universèle.
Instruction primaire.
Lecture.
Magasin d'education.
Monde illustrée.
Monde Modèrne.
Nature.

Polybiblion.
Revue de deux Mondes.
Revue scientifique.
Revue encyclopèdique.
Revue des Revues.
Vie contemporaine.

AMERICANA

Scientific American.

ITALIANAS

Revista internazionale d'Igiene.
Archivio per l'antropologia.

Só no proximo anno ampliarei esta lista bem limitada ainda.

A Revista Brazileira, da Capital Federal, tem sido gentilmente offertada pelo lente d'este estabelecimento, Dr. Placido Serrano.

Doações

Não me dirijo a particulares para obtenção de obras, porque attendendo ao caracter que desejo imprimir a esta Bibliotheca, não desejava que d'ella fizesse parte toda a especie de livros, mas somente aquelles que mais se recommendassem pelo seu valor scientifico, litterario e artistico. Comtudo, algumas pessoas expontaneamente offereceram diversas obras, entre as quaes muitas são valiosas.

As pessoas que têm offerecido obras são os seguintes senhores:

Arthur Cezar Moreira de Araujo (Dr.).
Antonio Constantino Nery (Dr.).
Alipio Paes de Azevedo.
Antonio Monteiro de Souza.
Francisco Antonio Monteiro.
F. de Queiroz & C.ª.
Goetz Galvão de Carvalho.
Feliciano de Souza Lima.
Henrique Ferreira Penna de Azevedo.
Jorge Ayres de Miranda.
Manoel Dias Barrozo.

Lino Aguiar & C.ª.
Olavo Freire.
Pedro Freire.
Placido Serrano (Dr.).

Movimento da Bibliotheca

A frequencia da Bibliotheca nos mezes de Outubro a Maio recem-findo foi de 230 leitores, que consultaram 298 obras em 315 volumes, sendo:

	LEITORES	OBRAS
Em Outubro	42	53
Em Novembro	20	24
Em Dezembro	32	38
Em Janeiro	23	35
Em Fevereiro	18	29
Em Março	22	31
Em Abril	11	11
Em Maio	62	78
Total	230	298

Essas obras eram escriptas nas seguintes linguas:

Portugueza	207
Franceza	63
Latina	6
Ingleza	21
Hespanhola	1
Total	298

As obras versavam sobre as seguintes materias:

Letras	93
Mathematicas	43
Sciencias physicas	92
Sciencias naturaes	2
Sciencias sociaes	52
Artes	14
Relatorios	2
Total.	298

SALAS DE ESTUDO

Esta creação do nosso actual regulamento, de cujas vantagens já tive occasião de falar em outra local d'este relatorio, ainda não acha-se organisada com todos os requisitos pedagogicos.

Funccionou por emquanto em uma sala pequena e sem mobilia apropriada. Só poderá ser organisada definitivamente depois que estiverem desoccupadas as salas onde funccionou o Congresso do Estado.

Mobilia escolar

Ainda não pude conseguir dotar o estabelecimento com o material pedagogico que requer.

Quando estive na Capital Federal, por falta de autorisação e verba deixei de fazer acquisição da mobilia apropriada, mas visitei diversos estabelecimentos, dedicados á fabricação de moveis escolares e d'estes a Marcenaria Brasileira é a que apresenta os melhores modelos. As obras manufacturadas n'esta fabrica podem rivalisar com as melhores importadas do extrangeiro.

Fiz escolha de alguns modelos que pareceram-me os melhores para serem adoptados entre nós, mas em virtude de ter embarcado com certa urgencia, deixei-os e até hoje ainda não me foram enviados, apesar de ter reclamado diversas vezes.

Infelizmente a falta de communicações rapidas entre esta Capital e a da União, tem-me inhibido de fazer já a encommenda de todo o material escolar preciso a este estabelecimento, de accordo com a verba votada para este exercicio finan-

ceiro. Como experiencia acabo de mandar vir 100 bancas-escolares, do systema Adriano Nogueira, d'aquella mesma Capital.

Estas bancas são bastante solidas e elegantes, tendo os pés de ferro batido e não fundido como a maioria das extrangeiras, assemelhando-se muito ás francezas do modelo Sterry, e hoje estão adoptadas pelo Conselho Superior da Instrucção Publica da Capital Federal.

Estas apenas servirão para mobilar uma sala de aula, ficando pois as outras carecedoras ainda do respectivo material escolar.

A aula de desenho, os gabinetes de physica, chimica, historia natural, salas de estudos, requerem material pedagogico especial, por isso peço-vos que solicite-is uma verba somente destinada a esta compra.

O que actualmente existe, além de improprio já está imprestavel, temos, pois de tudo reformar.

O salão de Congregação tambem carece de mobilia propria.

Congregação

Esta corporação reuniu-se 28 vezes no periodo de tempo de que trata este relatorio, exercendo todas as funcções que pelo regulamento lhe são inherentes.

Entre os seus trabalhos sobresahe a organisação do Regimento interno actualmente em vigor n'este estabelecimento.

Foram submettidos ao seu parecer cinco livros dos quaes trez organisados por membros d'essa illustre corporação e dois por pessoas extranhas.

Os livros apresentados foram: trez compendios de Arithmetica, um de Desenho e um de Escripturação Mercantil.

D'estes, foram approvados, um compendio de Arithmetica e um de Desenho; depende ainda de discussão um de Arithmetica; foi reprovado o de Escripturação Mercantil e um de Arithmetica foi retirado pelo auctor.

Das 28 sessões, duas foram solemnes e funebres para commemorar os passamentos dos seus membros: maestro Adelelmo Francisco do Nascimento, lente de Muzica, e Dr. Joaquim da Cunha Belmont, lente de Sociologia e Moral.

Gratificação de exercicio

Por contar mais de 15 annos de exercicio com zelo e dedicação ao ensino foi em virtude do art. 14.º do Regulamento addicionada aos vencimentos do lente de Physica e Chimica, Francisco Antonio Monteiro, a gratificação de 10 % de seus vencimentos.

E' o primeiro lente que gosa d'esta justa medida creada pelo actual regulamento.

Concurso

Estiveram em concurso todas as cadeiras vagas, tendo sido este prorogado diversas vezes.

Ultimamente encerraram-se estes, estando inscriptos 10 candidatos para os seguintes logares:

Cadeira de Mechanica e Astronomia, Dr. Arthur Cezar Moreira de Araujo e Dr. Benedicto Façanha Sidou.

Substituto da 1.ª secção, Conego José Henrique Felix da Cruz Dacia.

Aula de Desenho, Benjamin Rodrigues de Mello e Salvador Carlos d'Oliveira.

Idem de Calligraphia, Lourenço Ferreira Valle e Salvador Carlos d'Oliveira.

Idem de trabalhos de agulha, D. Ritta da Silva Diniz.

Escripturação Mercantil, João Leandro Hermes de Araujo e Augusto Tribuzy.

Predio

Acham-se quasi terminadas as obras que ao assumir a Directoria solicitei para o edificio onde funcciona o estabelecimento.

Todo o edificio exterior e interiormente foi pintado e concertado; o pavimento inferior soffreu uma grande reforma, tornando-se aproveitaveis grande numero de salas, as quaes foram forradas, ladrilhadas, cimentadas, rebocadas e caiadas. Para dar passagem facil e pelo interior do edificio a esse pavimento solicitei a construcção de uma escada em 29 de Maio, a qual já está prompta, ficando assim estabelecida communicação directa entre a parte onde funcciona este Gymnasio e o referido pavimento.

Mandei ornamentar um dos salões para n'elle terem logar as sessões solemnes da Congregação, e, para a Directoria, aproveitei, depois de feitos os reparos precisos, um dos compartimentos do edificio que não tinha serventia alguma.

O gradil com portões de ferro já se acha collocado em redor de todo o edificio. Agora seria conveniente mandar ajardinar o terreno circundante, para o que espero solicitareis a necessaria verba, caso a Secretaria da Industria não possa desde já fazer o serviço.

Havendo grande distancia entre as diversas salas d'este estabelecimento e a portaria, despendia-se muito tempo para chamar os serventes e bedeis, por meio das campainhas communs; para remover o inconveniente mandei collocar um systema de campas electricas, o que simplifica e torna mais rapido o serviço interno.

Esta obra tendo de ser paga pela verba expediente, exgottou-a quasi completamente. Era um serviço imprescindivel, por isso não o dispensei e senão solicitardes augmento para aquella verba ficarei brevemente embaraçado para custear o expediente do estabelecimento.

Pelas photographias annexas vereis em que estado estão actualmente o edificio e gradil e o salão da Congregação.

Pavilhão de Gymnastica

Não havendo no edificio um local onde pudesse funccionar a aula de gymnastica, esgrima e evoluções militares, cujas lições eram dadas no pateo interno, logar improprio por ser ladrilhado de pedra, e estando a chegar os apparelhos especiaes para gymnastica, que tornaria ainda mais improprio esse local, por ser exposto ao tempo, onde portanto estragar-se-iam, achei conveniente em 30 de Julho solicitar a construcção de um pavilhão em forma de chalet.

A sua construcção, na parte oriental do terreno está quasi a terminar. Uma vez terminado e convenientemente preparado, ahi mandarei collocar os apparelhos que já se acham na Alfandega.

Fica assim esta aula perfeitamente installada.

Junto encontrareis uma photographia do chalet no estado em que actualmente está.

PAVILHÃO DO GYMNASIO AMAZONENSE

DIRECTORIA

Este estabelecimento tem-se conservado até hoje sob a minha direcção.

Durante a minha curta auzencia, nas ultimas ferias, quando retirei-me para a Capital Federal, em commissão, ficou interinamente sob a direcção do Vice-Director Dr. João J. Fernandes Veiga, de 1 de Agosto a 20 de Novembro.

Vice-Directoria

Para exercer este cargo, creado por occasião da ultima reforma do nosso regulamento, foi em 26 de Janeiro de 1898, eleito pela Congregação, o Dr. João J. Fernandes Veiga, tomando posse do cargo em 3 de Fevereiro do mesmo anno, em cujo exercicio ainda continua até hoje por ter sido reeleito em 31 de Outubro ultimo.

N'este funccionario tenho encontrado um excellente auxiliar para a direcção do estabelecimento.

Durante alguns mezes que elle esteve auzente d'este Estado, de 7 de Novembro a 20 de Abril, foi substituido pelo lente Goetz Galvão de Carvalho.

Alterações do corpo docente

1898

No dia 8 de Janeiro foi nomeado para o cargo de substituto interino da segunda secção o Dr. José Maria das Neves; em 12 do mesmo mez os Srs. Conego José Henrique Felix da Cruz Dacia e Dr. Thaumaturgo Sotero Vaz, para a primei

ra, e Drs. João Chrisostomo da Rocha Cabral e Carlos Grey para a terceira secção, todos interinamente.

Em data de 11 foi designado o lente Dr. Leonidas e Sá para reger a primeira cadeira do Curso Commercial—Noções de Economia Politica e Direito Commercial.

Por acto de 12 foram, de accordo com a nova distribuição das cadeiras do Gymnasio e cursos annexos, aproveitados os antigos lentes e professores da maneira seguinte:

Primeira cadeira—Portuguez e Latim, Dr. João José Fernandes Veiga.

Segunda—Portuguez e Litteratura, Dr. João Machado de Aguiar e Mello.

Terceira—Latinidade e Grego, Dr. Geraldo Matheus Barboza de Amorim.

Quarta—Francez, Manoel de Miranda Leão.

Quinta—Inglez e Allemão, Dr. Placido Serrano Pinto de Andrade.

Sexta—Arithmetica, Algebra elementar, Geometria e Trigonometria, Antonio Monteiro de Souza.

Oitava—Geographia e Cosmographia, Francisco Pedro Sampaio.

Decima—Meteorologia, Mineralogia e Geologia, Dr. Domingos José Ferreira Valle.

Decima primeira—Physica e Chimica, Francisco Antonio Monteiro.

Decima segunda—Biologia, Botanica, Zoologia e Hygiene, Dr. Manoel José Ribeiro da Cunha.

Decima terceira—Historia Universal, especialmente do Brazil, Goetz Galvão de Carvalho.

Decima quarta—Sociologia, Moral, Economia Politica, Direito Patrio e Commercial, Dr. Joaquim da Cunha Belmont.

CURSO NORMAL

Oitava cadeira—Pedagogia e educação civica, D. Maria de La Sallete Aguiar Cardozo.

PROFESSORES

Terceira aula—Muzica, Aristides Emygdio Bayma.

Quinta aula—Gymnastica e Jogos escolares, Raphael Alvares Machado.

SUBSTITUTO

Segunda secção—2.º Substituto, Raymundo de Carvalho Palhano.

Em data de 15 foi prorogada por mais 90 dias a licença em cujo goso estava o lente de Francez, Manoel de Miranda Leão.

Por Decreto de 15 de Março foi exonerado a seu pedido do cargo de substituto interino da 3.ª secção o Dr. Carlos Grey, sendo nomeado para substituil-o tambem interinamente o Dr. Jorge de Moraes.

A 20 foram concedidos noventa dias de licença para tratamento de saude ao lente de Sociologia Moral, Economia Politica e Direito Patrio, Dr. Joaquim da Cunha Belmont.

Por Decreto de 28 foi exonerado a seu pedido o substituto interino da 1.ª secção Dr. Thaumaturgo Sotero Vaz.

Por acto de 31 foi concedida uma licença de noventa dias para tratamento de saude, ao Dr. Manoel José Ribeiro da Cunha, lente de Biologia, Botanica, Zoologia e Hygiene.

A 14 e 16 de Abril foi concedida igual licença tambem para tratamento de saude aos lentes Goetz Galvão de Carvalho e Manoel de Miranda Leão, e com data de 20 o professor de Gymnastica e jogos escolares Raphael Alvares Machado, obteve seis mezes de licença para tratar de interesses.

Em execução a lei n.º 29 de 6 de Abril, foi a 30 concedida uma licença de um anno para tratar de sua saude a D. Maria Alexandrina Correia de Araujo, professora de costuras do Instituto Benjamin Constant, addida á Escola Normal.

Para interinamente reger a aula de gymnastica e jogos escolares foi a 7 de Maio nomeado o cidadão Benjamin Franklin Rodrigues de Mello.

Para gosar as ferias fóra do Estado obtiveram permissão os lentes e professores Dr. Placido Serrano Pinto de Andrade e D. Maria de La Sallete Aguiar Cardozo a 18 de Julho; Goetz Galvão de Carvalho, Dr. José Maria Neves e Benjamin Rodrigues de Mello a 20; Francisco Pedro Sampaio e Dr. Geraldo Amorim a 29; Conego José Henrique Felix da Cruz Dacia a 4 de Agosto; Dr. João Chrisostomo da Rocha Cabral e Raymundo de Carvalho Palhano a 12; Dr. Olavo Rodrigues Ferreira a 29 de Setembro.

Para interinamente exercer o cargo do substituto da terceira secção foi nomeado o Dr. Jorge de Moraes, que em Março não havia assumido o exercicio.

Por acto de 21 de Outubro foi prorogada por mais seis mezes a licença em cujo gozo estava o professor de Gymnastica Raphael Alvares Machado e ao substituto Raymundo de Carvalho Palhano foi em 22 concedida uma licença de 90 dias para tratamento de sua saude.

Para interinamente reger a cadeira de Escripturação Mercantil do curso Commercial foi por acto de 7 de Novembro nomeado o cidadão João Leandro Hermes de Araujo.

Por acto de 9 d'este mesmo mez foi nomeado para effectivamente reger a cadeira de Historia da Philosophia, novamente creada no Gymnasio, o lente Dr. Leonidas e Sá.

Ainda n'este mez por acto de 18 foram concedidos 90 dias de licença para tratar de saude ao lente de Latinidade e Grego, Dr. Geraldo Matheus Barboza de Amorim.

Por não ter reassumido o exercicio da cadeira de Dezenho o professor interino Dr. Augusto Olavo Rodrigues Ferreira, que obteve permissão para gosar as ferias fóra do Estado, foi exonerado, sendo nomeado para substituil-o por acto de 19 de Dezembro o cidadão José Avelino de Menezes Cardozo.

Para interinamente reger a cadeira de Calligraphia dos cursos Normal e Commercial, foi por acto de 11 de Janeiro nomeado o cidadão José Machado da Cunha Cavalcante.

Por acto de 16 ainda d'este mez foi nomeado o Dr. Lourival Alves Muniz para o cargo de substituto da segunda secção durante o impedimento do serventuario effectivo.

A seu pedido foi exonerado em 18 de Fevereiro o professor interino de Dezenho cidadão José Avelino de Menezes Cardozo e mandou-se dar exercicio n'ella ao professor do extincto Instituto de Artes e Officios, Arthur Luciani, que se achava addido á Secretaria do Interior.

Para interinamente exercer o cargo de substituto da primeira secção que estava vago, foi nomeado por acto de 10 de Abril o Dr. Alfredo de Araujo.

Por abandono de emprego foi em 19 d'este mez exonerado o professor interino de Calligraphia dos cursos Normal e Commercial, José Machado da Cunha Cavalcante.

Em 29 ainda do dito mez foi prorogada por mais 90 dias a licença em cujo goso se achava o substituto da segunda secção, Raymundo de Carvalho Palhano.

Pessoal da Secretaria

1898

Janeiro, 14—Foi prorogada por mais 90 dias a licença em cujo goso se achava o inspector de alumnos, Manoel Benicio Rôla.

Janeiro, 21—Foram concedidos 90 dias de licença ao porteiro Catharino Pinto e servente Antonio José Falcão.

Fevereiro, 5—Foram transferidos o amanuense d'este Gymnasio, José Cezar dos Reis Carvalho, para igual cargo na Repartição da Hygiene, e o d'esta, Feliciano de Souza Lima, para este estabelecimento.

Fevereiro, 14—Foram concedidos 90 dias de licença para tratamento de saude ao secretario Firmino Ignacio da Silva.

Março, 18—Foi nomeado para interinamente exercer o cargo de amanuense o cidadão Tristão Hercules de Salles.

Abril, 27—Foi prorogada por mais 90 dias a licença em cujo goso estava o porteiro Catharino Thomaz Pinto.

Maio, 11—Foi nomeado para interinamente exercer o cargo de amanuense o cidadão Gaspar de Albuquerque Maranhão.

Maio, 12—Por mais 90 dias foi prorogada a licença que gosava o servente Antonio José dos Santos Falcão.

Maio, 15—Foi prorogada a licença em cujo goso se acha o secretario Firmino Ignacio da Silva, por mais 90 dias.

Julho, 1—Foi removido para esta Repartição o continuo da Directoria de Estatistica, João Baptista de Oliveira Lima, e o d'esta, José Martins da Silveira, para igual cargo no Muzeu.

Agosto, 15—Foi prorogada por mais 90 dias a licença em cujo goso se achava o secretario Firmino Ignacio da Silva.

Setembro, 13—Para o cargo de amanuense interino foi nomeado o cidadão Saturnino Mesquita de Loureiro Marães.

Outubro, 27—Foi nomeado o cidadão José Gomes de Mello, para interinamente exercer o cargo de amanuense.

Novembro, 7—Foram concedidos 60 dias de licença para tratar-se ao bedel Manoel Benicio Rôla.

N'esta mesma data obteve o continuo João Baptista de Oliveira Lima, 90 dias de licença para o tratamento de sua saude.

Novembro, 19—O cidadão Saturnino Mesquita de Loureiro Marães foi nomeado para interinamente exercer o cargo de amanuense.

1899

Março, 11—Ao porteiro Catharino Thomaz Pinto foram concedidos 90 dias de licença para tratamento de sua saude.

Abril, 15—Por abandono de emprego foi exonerado o secretario Firmino Ignacio da Silva.

Abril, 22—Foram cencedidos 90 dias de licença para o tratamento de sua saude ao inspector de alumnos do curso Commercial, Joaquim de Souza Cruz.

Abril, 27—Foi nomeado para effectivamente exercer o cargo de secretario o amanuense Feliciano de Souza Lima, e para interinamente preencher esta vaga foi nomeado o cidadão Antão Souto.

Actos da Directoria

Corpo docente

1898

Março, 21—Foi designado o substituto interino da primeira secção, conego José Henrique Felix da Cruz Dacia, para interinamente reger a cadeira de Francez durante a licença do serventuario effectivo.

Março, 30—Foram concedidos 10 dias de licença para tratamento de sua saude ao lente de Latinidade e Grego Dr. Geraldo Matheus Barboza de Amorim

Abril, 14—O substituto interino Dr. João Chrisostomo da Rocha Cabral foi designado para reger interinamente a cadeira de Portuguez e Litteratura, cujo serventuario acha-se licenciado.

Abril, 19—Foram concedidos 10 dias de licença ao lente de Geographia e Cosmographia, Francisco Pedro Sampaio, para tratar de sua saude, sendo designado para substituil-o o substituto, Raymundo de Carvalho Palhano.

Maio, 6—Para interinamente reger a cadeira de Historia Universal e especialmente do Brazil durante a licença do serventuario effectivo, foi designado o substituto interino, Dr. José Maria Neves.

Julho, 7—Ao professor Aristides Emygdio Bayma foram concedidos 10 dias de licença para tratamento de saude.

Julho, 20—Por terem terminado os trabalhos escolares foram dispensados os substitutos Drs. João Chrisostomo da Rocha Cabral e José Maria Neves, Conego José Henrique Felix da Cruz Dacia e Raymundo de Carvalho Palhano da regencia interina das cadeiras de Portuguez e Litteratura, Historia do Brazil, Francez, Geographia e Cosmographia.

Outubro, 27—Para dirigir os gabinetes de Physica e Chimica foi designado o substituto, Dr. Jorge de Moraes, visto achar-se licenciado o respectivo encarregado.

Novembro, 8—Foram designados os lentes, Dr. Placido Serrano Pinto de Andrade, Francisco Pedro Sampaio e o professor Benjamin Rodrigues de Mello, para regerem provisoriamente o 1.º a cadeira de Portuguez e Latim, o 2.º a de Francez e o 3.º a de Mathematica elementar, por acharem-se impedidos os respectivos lentes substitutos.

Novembro, 10—Para interinamente reger a cadeira de Physica e Chimica, foi designado o substituto interino, Dr. Jorge de Moraes.

Novembro, 14—Foram designados os substitutos interinos, Conego José Henrique Felix da Cruz Dacia e José Maria Neves, para interinamente regerem as cadeiras de Francez e Mathematica elementar.

Novembro, 26—Por ter-se apresentado o serventuario effectivo foi dispensado o substituto Dr. José Maria Neves do exercicio interino da cadeira de Mathematica elementar.

Dezembro, 6—Foi designado o substituto Dr. João Chrisostomo da Rocha Cabral para a regencia interina da cadeira de Portuguez e Litteratura.

1899

Janeiro, 24—Foi dispensado o Dr. Jorge de Moraes da commissão de organisar os gabinetes de Physica e Chimica.

Março, 1—Foi designado o substituto Dr. Lourival Alves Muniz para reger a aula de Desenho até que o funccionario nomeado assuma o exercicio.

Maio, 4—Para tratar de sua saude foi concedida ao professor de Escripturação Mercantil do curso Commercial, João Leandro de Araujo, uma licença de 10 dias.

1898

Janeiro, 21—Foi designado o continuo Antonio Manoel Bacury, para substituir o porteiro durante o impedimento d'este funccionario.

Janeiro, 24—Foi nomeado para interinamente exercer o cargo de servente o cidadão Joaquim Estevão de Andrade.

Janeiro, 31—Foi nomeado interinamente para o cargo de bedel, o cidadão Aarão Cezar de Berredo.

Fevereiro, 16—Foi designado o amanuense Alipio Paes de Azevedo, para substituir o secretario durante a licença d'este funccionario.

Abril, 26—Do cargo interino de bedel foi exonerado Aarão Cezar de Berredo e do de porteiro interino o cidadão Antonio Manoel Bacury.

Maio, 4—Para effectivamente exercer o cargo de bedel foi nomeado o cidadão Jeremias Rodrigues Barbosa.

Maio, 21—A pedido seu foi dispensado do cargo de secretario interino o amanuense Alipio Paes de Azevedo e nomeado para substituil-o o amanuense Feliciano de Souza Lima.

Outubro, 24—Por ter entrado no goso de licença o serventuario effectivo, foi designado para servir interinamente no cargo de secretario o amanuense Feliciano de Souza Lima.

Novembro, 8—Para interinamente servir no cargo de continuo foi designado o servente Antonio José dos Santos Falcão, sendo nomeado para este cargo o cidadão Joaquim Estevão de Andrade.

Novembro, 10—Para durante a licença do respectivo funccionario exercer o cargo de inspector de alumnos, foi nomeado o cidadão Lauro de Araujo Soares.

Dezembro, 31—Para effectivamente exercer o cargo de inspector de alumnos do curso Commercial, foi nomeado o cidadão Joaquim de Souza Cruz.

1899

Março, 10—Foram concedidos 8 dias de licença para tratamento de saude a D. Idalina Gastão, regente de alumnos da Escola Normal.

Abril, 12—Para substituir o porteiro durante o tempo que estiver licenciado, foi designado o continuo João Baptista de Oliveira Lima.

Abril, 12—Do cargo de servente foi exonerado o cidadão Antonio José dos Santos Falcão, sendo nomeado para effectivamente substituil-o o cidadão Joaquim Estevão de Andrade, que já exercia esse cargo interinamente.

Abril, 15—Para substituir interinamente o continuo foi designado o servente Quirino José da Silva.

Abril, 22—Foi nomeado para interinamente exercer o cargo de inspector de alumnos do curso Commercial o cidadão Nuno Botelho da Cunha.

Maio, 1—Para interinamente exercer o cargo de servente, foi nomeado o cidadão Joaquim Francisco de Freitas.

CONCLUSÃO

São estas as occurrencias dadas n'este estabelecimento de 1 de Janeiro de 898 a 31 de Março ultimo e as medidas que julgo poderem concorrer para collo-ar este estabelecimento entre os primeiros existentes na Republica. Estas medi-as que solicito são oriundas das observações e das necessidades actuaes, não pre-dicam portanto quaesquer outras que por ventura desejaes introduzir ou que es-iritos mais esclarecidos em materia de ensino publico venham a propor.

Directoria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 31 de Maio de 1899.

Antonio Monteiro de Souza.

Annexos

Numero da ordem	Titulos das obras	Numero de volumes
	Do Instituto Historico e Geographico	
1	Revista do Instituto, 53 tomos	82
2	Repertorio da mesma revista	1
3	Christovão Colombo e o descobrimento da America, pelo Conselheiro Pereira da Silva	1
4	Obras poeticas e oratorias de Correia Garção	1
5	Colombo — poema do Visconde de Porto Alegre	1
6	Conferencia Politica-Moral, pelo Dr. José Ferraire.	1
7	Commemoração do centenario de Claudio Manoel da Costa	1
8	Vida do padre Estanislão de Campos	1
9	Sessão solemne do Instituto Historico em memoria de Christovão Colombo.	1
10	Homenagem do mesmo Instituto á memoria do Snr. D. Pedro II	1
11	A Grammar and vocabulary of the Tupy language by John Susdak	1
12	Viagens pelo interior de Minas Geraes e Goyaz, pelo Dr. Virgilio Franco.	1
13	Sessão de homenagem do Instituto Historico, do fallecimento do Snr. D. Pedro II	1
14	Memoria sobre o Instituto Historico e Geographico, pelo Dr. Aquino e Castro	1
15	Chile e Brazil — Sessão solemne do Instituto Historico e Geographico.	1
16	Catalogo das cartas geographicas, atlas, vistas, planos, etc., do Instituto Historico	1
17	Catalogo dos livros do Instituto Historico e Geographico	1
18	Catalogo dos manuscriptos do mesmo Instituto	1
19	Chronica dos frades menores da provincia do Brazil, por Fr. Jaboatão	1
	Da Repartição Geral de Estatistica	
20	Recenseamento do Districto Federal em 1890	1
21	Registro civil em 1894	1
22	Synopse do recenseamento do Brazil em 1890 (2 exemplares)	1
23	Recenseamento da comarca de Palmas no Estado do Paraná em 1890	1
24	Annuare Statistico Italiano em 1895	1
25	Statistiches Handbuck der Königlichem Haupt stadt Prag für die Jahre 1887-88	1
26	Statistiches Jahrbuch der Stadt Wien für das Jahr 1888	1
27	Statistiches Jahrbuch für das Dentsche Reich für 1897	1
28	The annual Statistician and economist 1892.	1
29	Monte Pio Geral dos servidores do Estado, pelo Dr. Fernandes da Cunha.	1
30	Relatorio do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, 1890 e 1892	2
31	Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas de 1893, 1895, 1896, 1898	7
32	Relatorios do Ministerio das Relações Exteriores, 1897-1898	3
33	Relatorios do Ministerio da Justiça e dos Negocios Interiores, 1897-1898.	2
34	Relatorio do Ministerio da Fazenda, 1898.	3
35	Relatorio do Ministerio da Marinha, 1898.	1
36	Relatorio do Ministerio da Guerra, 1898	1
37	Relatorio do Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, 1891	1
38	Collecção das leis, 1891.	2
39	Relatorio do Tribunal de Contas, 1898.	1
	Da Bibliotheca Nacional	
40	Annaes da Bibliotheca Nacional desde o anno de 1876 a 1897.	28
41	Relatorio sobre os trabalhos do Jardim Botanico	1
42	A Divina Epopéa de João Evangelista, por F. L. Bittencourt Sampaio.	1
43	Exposição Nacional do Brazil em 1875, por Emilio Zaluar.	1
44	Exposição Internacional de Hygiene e Educação em Londres	1

Relação dos livros obtidos gratuitamente

(Continuação)

Numero das obras	Titulos das obras	Numero de volumes
45	Estudos sobre a 4.ª Exposição Nacional de 1895, por J. Saldanha da Gama . . .	1
46	O Fazendeiro de café em Ceylão — Traducção ingleza por G. Saboardiere. . . .	1
47	Costas do Brazil (1549-1560), por Manoel Nobrega	1
48	O Brazil — Colonisação e Emmigração, por Augusto de Carvalho.	1
49	Recenseamento do Districto Federal, 1890	1
50	Regulamento dos Correios da Republica	1
51	Padre Luiz Vicencio Maminani	1
52	Arte da grammatica da lingua Kiriri	1
53	A Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, por E. Villarba	1
54	Vinte e um mezes ao redor do Planeta, por Custodio de Mello.	1
55	Mensagens do Congresso sobre os serviços da Assistencia dos Alienados . . .	1
56	Organisação Naval, por Arthur Jaceguay.	1
57	O café — Monographia do Padre A. Marcondes	1
58	Instrucção sobre o fuzil Mauser	1
59	Exposição sobre o estado do Jardim Botanico, pelo Dr. J. Barbosa Rodrigues . .	1
60	Poranduba Amazonense, por Barbosa Rodrigues	1
61	Correspondence echangé avec la legation de Portugal sur la remise des rebelles refugiés	1
62	O Partido Republicano Conservador, por Ruy Barbosa	1
63	O attentado de 5 de Novembro	1
64	Prosopopea de Bento Teixeira	1
65	Noticias Historicas, por Amaro Cavalcante	1
66	Reclamação italiana de Pedro Caminada	1
67	Pastoral Collectiva do Episcopado brazileiro.	1
68	Regulamento da Bibliotheca (folheto)	1
	Do Observatorio Astronomico	
69	Annales de l'Imperial Observatoire du Rio de Janeiro — Tomos I, III e IV . . .	4
70	Annuario do Observatorio do Rio de Janeiro dos annos de 1886, 1888 a 1898 . .	12
71	Revista do Observatorio dos annos de 1887, 1888, 1890 e 1891	4
72	Descripção e theoria do Barometro Differencial, pelo director L. Cruls.	1
73	Eclypses du soleil et occullations, idem	1
74	A mesma obra em portuguez	1
75	Esboço de uma climatologia do Brazil, pelo astronomo H. Morize.	1
76	O clima do Rio de Janeiro, pelo Dr. L. Cruls	1
77	Posições Geographicas, pelo mesmo.	1
	De Olavo Freire	
78	Annuario do Ensino	1
79	Quadro comparativo da area de diversos paizes do Globo (1 exemplar)	
	Total.	216

Manáos, 4 de maio de 1899.

Antonio Monteiro de Souza,

Director do Gymnasio.

Directoria em Manáos, 4 de Maio de 1899.

Ao Snr. Major Secretario dos Negocios d
Interior

Tendo sido incumbido por S. Exc.ª o Snr. Coronel Governador do Estado
adquirir na Capital Federal livros para a bibliotheca que tenho em organisação n
Gymnasio Amazonense, venho desobrigar-me d'esse encargo.

Infelizmente, ao chegar áquella cidade, fui accommettido de molestias qu
privaram-me de dar melhor desempenho a essa honrosa incumbencia, tal qual er
o meu desejo, comtudo, mesmo a despeito do pouco tempo que restou-me, pud
conseguir da Bibliotheca Nacional toda a valiosa collecção de seus annaes, em 2
volumes, além de mais 28 obras diversas.

Do Instituto Historico e Geographico, toda a collecção das revistas trimen
saes, em 82 volumes, obra onde se encontra o maior numero de informações pos
siveis sobre a nossa historia, geographia e ethnographia, portanto um valios
archivo para o futuro, e mais 18 obras entre as quaes algumas raras e de valor
como podereis ver da relação junta; do Observatorio Astronomico obtive a collec
ção dos annuarios e outras obras scientificas, como por exemplo: *Eclypses d*
soleil et occultation, por L. Crulz; *Climatologia do Brazil*, por H. Morize, etc.; da
Repartição Geral de Estatistica trouxe tambem 20 obras diversas.

Vereis descriminadamente, da inclusa relação, todas as obras doadas po
aquelles estabelecimentos publicos.

D'estes foram-me promettidas todas as obras que por conta d'elles fossem pu
blicadas de futuro.

Infelizmente a falta de uma apresentação official privou-me de conseguir mais
um grande numero de publicações officiaes, taes como relatorios de ministros, leis,

memorias, obras scientificas, etc., que são dados á publicidade por conta do Governo da União.

Tratava de obter as obras editadas por conta das duas casas legislativas da União e da Imprensa Nacional, quando tive de partir pelo motivo exposto no meu officio n.º 175, de 24 de Novembro do anno passado, a vós dirigido.

Por compra fiz acquisição de 305 obras em 494 volumes, tendo gasto a importancia de 8:792$480 réis.

Com fretes, encaixotamentos, premios de saques, encadernações, etc., despendi a quantia de 477$200 réis, que addicionada á primeira — custo dos livros — prefaz a importancia de 9:269$680 réis, total despendido na compra, não incluindo carretos, despachos, armazenagens, etc., cuja importancia perdi da mente.

Gratuitamente, as obras offerecidas foram em numero de 79, constituindo 216 volumes; por conseguinte, por compra e gratuitamente, entraram para a nossa bibliotheca 384 obras em 710 volumes, sem que o Estado despendesse mais que a importancia de 9:269$680 réis.

Com a limitada importancia de que dispunha, fiz o que pude para enriquecer a nossa bibliotheca com as obras de maior valor scientifico que encontrei, para cujo fim tive de empregar muitos dias na escolha dos livros, pois as livrarias não dispunham de catalogos completos.

Depois de feita a escolha ainda tive de renunciar a muitas por não comportal-as o credito posto á minha disposição.

Entre as obras adquiridas houve algumas de alto preço pela extensão umas, pela raridade outras.

D'entre estas devo salientar as seguintes: *Grande Dictionaire*, de Larousse, em 17 volumes; *Geographie Universelle*, de Elisée Reclus, em 19 volumes; *Histoire Universelle*, de Duruy, em 31 volumes; *Dictionaire de Pedagogie*, de Buisson, em 4 volumes (edição esgotada); *Histoire du dixneuvième siècle*, por Gervinus, em 23 volumes; *Voyage aux regions equinoxielles*, por Humboldt, em 13 volumes; *Grammaire indo europèenne*, por Bopp, em 5 volumes; *France Contemporaine*, por H. Taine, em 6 volumes; *Synopsis plantarum*, por Humboldt, em 4 volumes; *Constitution of the U. States*, por Story, em 2 volumes; *Dictionaire national*, por Bescherelle, em 4 volumes; *Grammaire des langues romanes*, de Diez, em 3 volumes; *Philosophie Positive*, de A. Comte, em 6 volumes; *Le Monde Physique*, de Guillemin, em 6 volumes; *Durch Central Brasilien*, von Der Sternen; *Sauvages du Brézil*, por Gravier; *Voyage au Brézil*, por M.me et M. Agassiz; *Brazil the Amazon*, by Simith; *Exploracion oficial de los vales*, por Michelena (obra rara); *Up the Amazon and Madeira, River* by Mathews; *Zür ethnographic Amerik*, von Martius; *Voyage au Rio Grande*, idem a *Minas Geraes*, idem a *Saint Paul*, por Saint Hillaire; *The naturalist on Amazon*, por Clodd e Bates; *Tree Thousand miles through Brazil*, by Wells; *The Paraná*, by Hutchinson; *Travels of Prince Adalbert of Prussia* (Viagens ao Amazonas e Brazil); *Trois mois dans l'Amerique*, por Pradt; *Brazil and la Plata*, of Stewart; *South American Sketches*, por Hinchcliff; *South Brazil*, por Wither; *Meine Reise*, von Thereze Princess von Bayern (viagem ao Amazonas e Brazil); além de outras cuja enumeração tornar-se-ia fastidiosa, mas que podereis ver na relação junta.

Penso que fiz o possivel para corresponder á honrosa confiança em mim depositada do melhor modo possivel e espero não tel-a desmerecido.

Ao terminar peço a V. Ex.ª acceitar e transmittir ao Ex.mo Snr. Coronel Governador do Estado os meus agradecimentos pela confiança a mim dispensada e desculpar-me se não dei melhor desempenho á commissão.

Feci quod potui faciant meliora potentes.

Saude e fraternidade.

Antonio Monteiro de Souza,
DIRECTOR.

Relação dos livros encadernados

BIBLIOTHÈQUE DE L'ENSEIGNEMENT DES BEAUX-ARTS

Numero do ordem	Titulos	Numero de volumes	Autores
1	Broderie et Dantelles	1	Lefébure
2	Lexiques des Termes d'Art.	1	Jules Adeline
3	L'Art Chinois	1	M. Paléologue
4	La Faïence	1	Théodore Deck
5	La Peinture Espagnole	1	Paul Lefort
6	L'Art Arabe	1	Al. Gayet
7	L'Architecture de la Renaissance	1	Léon Palustre
8	Le Meuble	1	Alfred de Champeaux
9	Monnaies et Médailles	1	Fr. Lenormant
10	L'Archéologie Égiptiénne	1	G. Maspero
11	L'Archéologie Chrétienne	1	André Pératé
12	Histoire de la Musique Allemand.	1	Albert Soubies
13	La Lithographie	1	Henri Bouchot
14	L'Architecture Grecque	1	V. Laloux
15	Les Vitraux.	1	Olivier Merson
16	La Tapisserie	1	Eugène Müntz
17	Manuel d'Archéologie Orientale	1	Ernest Babelon
18	Précis d'Histoire de l'Art	1	C. Bayet
19	L'Architecture Romane	1	Édouard Corroyer
20	Les Procédés de la Gravure	1	Alfred de Lostalot
21	Le Costume en France	1	Ary Renan
22	La Sculpture Antique	1	Pièrre Paris
23	L'Art Indo-Chinois	1	Abb. de Pouvourville
24	Histoire de la Musique	1	H. Lavoix Fils
25	Les Manuscripts et la Miniature	1	A. Lecoy de la Marche
26	La Peinture Anglaise	1	Ernest Chesneaux
27	Les Armes	1	G. R. M. Maindron
28	La Gravure	1	Le C.te Henri Delaborde
29	La Musique Française	1	H. Lavoix Fils
30	Le Livre	1	Henri Bouchot
31	La Mosaique	1	Gerspach
32	Manuel d'Archéologie	1	Maxime Collignon
33	L'Art de la Verrerie	1	Gerspach
34	La Peinture Antique	1	Paul Girard
35	Mythologie Figurée de la Gréce	1	Maxime Collignon
36	La Porcelaine	1	Georges Vogt
37	L'Art Japonais.	1	Louis Gouse
38	Histoire de la Peinture Hollandaise	1	Henri Havard
39	La Composition Décorative.	1	Henri Mayeux
40	L'Art Héraldique	1	H. Courdon de Genouillac
41	Les Sceaux	1	Lecoy de la Marche
42	La Gravure en Pierres Fines	1	Ernest Babelon
43	La Peinture Flamand	1	A. J. Wanters
44	L'Art Persan	1	Al. Gayet
45	La Peinture Française (IX^{e} a XVI^{e} siècles)	1	Paul Mantz
46	L'Art Byzantin.	1	C. Bayet
47	Manuel d'Archéologie	1	Jules Martha
48	La Peinture Italienne	1	Georges Lafenestre
49	Les Styles Français	1	Lechevallier-Chevignard
		49	

Livros obtidos por compra

Ordem	Titulo	Volumes	Autores
	Da casa B. Garnier		
1	Geographie Universelle	19	Elisée Reclus
2	Grand Dictionnaire	17	Larousse
3	Dictionnaire National	4	Bescherelle Aîné
4	Grammaire National	1	Idem
5	Grammaire du Dessin	1	Cernesson
6	History of Brazil	1	Henderson
7	Durch Central Brasilien	1	Von Der Stein
8	Sauvages du Brésil	1	Gabriel Gravier
9	Voyage au Brésil	1	M.me M. Agassiz
10	Constitution of the U. Stats	2	Story
11	Brazil. The Amazon	1	Smith
12	Exploracion de los vales	1	F. Michelena
13	Up. Amazon and Madeira rivers	1	Edward Mathews
14	The Zür Ethnographie Amerika	2	Martius
15	La Rivalutione	1	Fabricatore
16	Confederation Suisse	1	O. Adam
17	Resumé de la philosophie de Spencer	1	Howard Collins
18	Voyage au Rio Grand	1	Saint-Hillaire
19	Voyage a Minas Geraes	1	Idem
20	Voyage a Saint-Paul	2	Idem
21	Au Pays des Amazones	1	Dé Sant'Anna Nery
22	Le Brésil	1	Idem
23	Fork-Lore Brésilien	1	Idem
24	Lettres Physiologiques	1	Carl Vogt
25	Léçons sur l'homme	1	Idem
26	Anatomie Comparée	2	Idem
27	Hommes fossiles et hommes sauvages	1	Quatrefages
28	Races Humaines	1	Idem
29	Races Humaines. Quéstions Générales	1	Idem
30	Race Prussienne	1	Idem
31	Les Pygmées	1	Idem
32	Souvenirs d'un Naturaliste	2	Idem
33	Place de l'Homme	1	Huxley
34	Phisiographie	1	Idem
35	L'Evolution des Espéces	1	Idem
36	Synopsis Plantarum	4	Humboldt
37	Voyages aux Régions Equinoxiales	13	Idem
38	Cent'Ans de République	2	Noailles
39	Antropologie Générale	1	Topinard
40	Logique	2	Stuart Mill
41	Revolution de 1848	1	Idem
42	L'Utilitarisme	1	Idem
43	Correspondence	1	Idem
44	Dégenerescence	2	Max Nordau
45	Mecanique Rationel	2	Paul Appel
46	Histoire de France	1	Anquetil
47	Culture Tropicale	1	Sagot
48	France Contemporaine	6	H. Taine
49	Régime Economique	1	Kovalewsky
50	Sociologie et Politique	1	Gumplowicz
51	Fatigue Intellectuelle	1	Kein

Livros obtidos por compra

(Continuação)

Numero das obras	Titulos	Numero de volumes	Autores
52	Nouvelles Etudes de Mythologie	1	Max Müller
53	Essais sur l'Histoire des Réligions	1	Idem
54	Mythologie Comparée	1	Idem
55	Logique	2	A. Bain
56	Algébre Superieure	1	Weber
57	Grammaire des Langues Romanes	2	Meyer-Lübke
58	The Naturalist on Amazon	1	Clodd Bates
59	Three Thousand Miles Through Brazil	2	Wells
60	Voyage au Brésil	1	L. d'Evreux
61	The Paraná	1	Hutchinson
62	Travels of Prince Adalbert of Prussia	2	
63	Balmaceda	2	Espinosa
64	Grammaire Indo-Europenne	5	Bopp
65	Nature et Science	2	Buchner
66	Force et Matière	1	Idem
67	Lumière e Vie	1	Idem
68	Vie des Bêtes	1	Idem
69	Voyage d'un Naturaliste	1	Darwin
70	The Fécondation Croisée	1	Idem
71	L'Homme	1	A. Zirmmerman
72	Calcul Infinitesimal	2	Duhamel
73	Troisième République	1	Littré
74	Histoire Gouvernamentale	1	Lewis
75	Psychologie Anglaise	1	Ribot
76	L'Heredité psychologique	1	Idem
77	Philosophie de Schopenhauer	1	Idem
78	Maladies de la volonté	1	Idem
79	L'Oiseau — La Mer	1	Michelet
80	Astronomie	1	Aug. Comte
81	Politique Positive	4	Idem
82	Analyse de l'Aeau	1	Ohmüller
83	Trigonometrie	1	Dubois
84	Bibliographie Brésilienne	1	Garraux
85	Gymnastica	1	Lauret
86	La Genèse	1	Lenormant
87	Critique du Jugement	2	Idem
88	Doctrine de la Vertu	1	Idem
89	Critique de la Raison Pure	2	Idem
90	Melanges de Logique	1	Idem
91	Droit Internactional	1	Calvo
92	Manuel du Dessinateur	1	Roret
93	Science et la Conscience	1	Vacherot
94	Le Crime	1	Joly
95	Botanique	1	Cauvet
96	Esthetique	1	Veron
97	Conféderation Helvetique	1	Marsauche
98	Darwinisme	1	Wallace
99	Washington	1	Witte
100	M. Guizot	1	Idem
101	Le Brésil	1	Pradés
102	Washington e sou œuvre	1	E. Masseras
103	Lois Sociologiques	1	Greff
104	Grammaire Historique	1	Brachet

Livros obtidos por compra

(Continuação)

Numero dos obras	Titulos	Numero de volumes	Autores
105	Aide — Memoire d'Anthropologie	1	Girard
106	Trois mois dans l'Amerique	1	Pradt
107	Brazil and la Plata	1	Stewart
108	South American Schotches	1	Hinchleff
109	South Brazil	1	Wither
110	Lengua Guarany	1	Montoya
111	L'Empire du Brésil	1	Barel
112	Les Français en Amazonie	1	Coudreau
113	Personne Humaine	1	Piat
114	Gaspillages	1	Novicow
115	Psychologie du Peuple Français	1	Fouillée
116	Modalité du Jugement	1	Brunschwig
117	Éléments du Caractère	1	Malapert
118	Les Etats Profonds de l'Hypnose	1	Rochas
119	Les Etats Superficiales	1	Idem
120	Dictionnaire de Pedagogie	4	Buisson
121	Histoire de l'Astronomie	1	Hœffer
122	Botanique (Histoire)	1	Idem
123	Mathématique, idem	1	Idem
124	Philosophie, idem	1	Janet
125	Orationes	2	M. T. Ciceronis
126	De Officiis	1	Idem
127	Cornelius	1	M. Monginot
128	Vitæ Agricola	1	Tacitus
129	Opera	1	Tacito
130	Phedræ Fabulæ	1	Talliert
131	De Senectute	1	Cicero
132	De Amicitia	1	Idem
133	Morceaux Choisies	1	Amangand
134	H.ae Profanis Scriptoribus	1	Albert Lecoute
135	Tito Livio Narrationes	1	Rieman
136	Sallusti, Catilina et Jogurtha	1	Chrispi
137	Morceaux Choisis de Metamorphose	1	
138	Comentarii de Cézar	1	A. Legoiz
139	Quinte Curcii	1	G. Lesage
140	Horace	1	A. Waltz
141	Goelzer	1	Virgile
142	H.e Romanæ	1	Eutrope
	Da casa Laemmert & Comp.		
143	Histoire du dix neuvième siècle	23	G. G. Gervinus
144	Histoire Universelle	31	V. Duruy
145	Dictionnaire de l'Administration	1	M Block
146	Progrès de la Science Economique	2	Idem
147	Dictionnaire Politique et Social	1	Idem
148	Précis de Sociologie	1	Glumplowicz
149	La Politique	1	Bluntschli
150	Le Droit Public Générale	1	Idem
151	Théorie de l'Etat	1	Idem
152	De la Colonisation chez les Peuples Modernes	1	Leroy Beaulieu
153	L'Etat Moderne	1	Idem
154	Essais sur la repartition des richesses	1	Idem

Livros obtidos por compra

(Continuação)

Numero das obras	Titulos	Numero de volumes	Autores
155	Traité de l'Economie Politique	4	Leroy-Beaulieu
156	Grammaire des Langues Romanes	3	Diez
157	Dictionnaire des verbes françaises	2	Bescherelle
158	Manuel des Conjugaisons	1	Idem
159	Principes Metaphysiques du Droit	1	Kant
160	Anthropologie	1	Idem
161	Notes sur l'Angleterre	1	H. Taine
162	Philosophie de l'Art	2	Idem
163	Voyage en Italie	2	Idem
164	Histoire de la Litterature Anglaise	5	Idem
165	Jeunesse des Hommes Célebres	1	E. Müller
166	Origines de l'Histoire	3	E. Lenormant
167	Divinité du Christianisme	1	Idem
168	Essais Politiques	1	Macauley
169	Essais Critiques	1	Idem
170	Essais Historiques.	2	Idem
171	La Pathologie de l'Esprit	1	Maudsley
172	Le Crime et la Folie.	1	Idem
173	Cours de Philosophie Positive.	6	Ang. Comte
174	La Vie du Langage	1	Whitney
175	La Famille Primitive.	1	Starcke
176	Lois Scientifiques du Develloppement des Nations	1	W. Bagehot
177	Evolution Individuelle et Heredité	1	Dantec
178	Les Nerfs et les Muscles	1	Rosenthal
179	Introduction á la Botanique	1	De Lanessan
180	Principes de Colonisation	1	Idem
181	La Botanique	1	Idem
182	Les Illusions des Sens et de l'Esprit	1	J. Sully
183	Les Sensations Internes.	1	H. Beaunis
184	La Philosophie Zoologique avant Darwin	1	E. Perrier
185	L'Evolution du Regne Vegetal	2	Saporta et Marion
186	La Photographie et la Chimie de la Lumière.	1	Vogel
187	Descendence et Darwinisme	1	O. Shmidt
188	Les Organs de la Parole	1	D. Meyer
189	Le Cerveau et la Pensée, les Animaux et l'Homme	2	Ch. Bastien
190	La Locomotion Chez les Animaux	1	Pettigrew
191	Introduction á la Science Sociale.	1	H. Spencer
192	Morals de differents peuples	1	Idem
193	Rôle de la Morale de la Bienfaisance	1	Idem
194	Principes de Sociologie	4	Idem
195	Essais Scientifiques	1	Idem
196	Essais sur le Progrés	1	Idem
197	Les Premiers Principes	1	Idem
198	L'Ecrivisse	1	Th. Huxley
199	L'Honne prehistorique	2	J. Lubbock
200	Les Sens et l'Instinct chez les Animaux	1	Idem
201	La Machine Animale	1	J. Marey
202	Les Virus	1	S. Arloing
203	La Photographie et la Photochimie	1	Viewenglonski
204	La Revolution Chimique-Lavoisier	1	Berthelot
205	La Synthese Chimique	1	Idem
206	L'Espéce Humaine	1	Quatrefages
207	Les Emules de Darwin	2	Idem

Livros obtidos por compra

(Continuação)

Nº de ordem	Títulos	Numero de volumes	Autores
208	La Sociologie	1	De Roberty
209	L'Intelligence des Animaux	2	Romanes
210	Phisiologie des Exercices du Corps	1	F. Lagrange
211	Le Petrole, L'Asphalte et le Betume	1	Jaccard
212	Estudos de Direito	1	T. Barreto
213	Sciencia Politica	1	A. Salles
214	Lições de Politica Positiva	1	Lastarria
215	Gymnastica medica, domestica e hygienica	1	Schreiber
216	Grammatica Portugueza Elementar	1	J. G. Lage
217	La Terre Illustrée — Geographie Universelle	1	F. J. C.
218	Tables de Logarithmes	1	Idem
219	Cours d'Arpentage	1	Idem
220	Elements de Mécanique	1	Idem
221	Elements de Arithmetique	1	Idem
222	Elements de Geometrie discriptive	1	Idem
223	Complements de Trigonometrie	1	Idem
224	Exercices de Geometrie	1	Idem
225	Problêmes de Mecanique	1	Idem
226	Direito Constitucional	1	E. Boutmy
227	Fin du Siècle	1	Max Nordeau
228	Mysticismo	2	Idem
229	Paradoxos	1	Idem
230	Mentiras Convencionaes	1	Idem
231	La Vie Americaine	1	Rousiers
232	Etudes sur l'Enseignement et sur l'Education	1	Compayré
233	Organisation Pedagogique	1	Idem
234	Grammatica da Lingua Grega Moderna	1	Lovera
235	Guide-Pratique pour les differents genres de dessin	1	Cassagne
236	Nova Arte de Escrever (raro)	1	A. Y.-Araujo
237	Origines et Develloppement de la Religion	1	Max Müller
238	Amour Allemand	1	Idem
239	La Science du Langage	1	Idem
240	Schiller's Werkes	6	Schiller
241	Exercices du Corps	1	Bonnefont
242	Le Japon	1	Depping
243	Dictionnaire de l'Academie française	2	Institut de France
244	Logarithmes (Tables de)	1	Callet
245	Cosmos	5	Humboldt
246	Les Problêmes de l'Histoire	1	P. Mongeolle
247	L'Ethnographie Criminelle	1	A. Corre
248	La Sociologie	1	Dr. Letourneau
249	La Biologie	1	Idem
250	La Géographie Médicale	1	A. Bordier
251	La Philosophie	1	André Lefévre
252	L'Histoire	1	Idem
253	La Physico-Chimie	1	Dr. Fauvelle
254	La Phisiologie Générale	1	Y. Laemmonier
255	L'Agriculture	1	A. L. B. Labraletrier
256	L'Embryologie Générale	1	Louis Roule
257	La Pedagogie	1	C. Issaurat
258	La Linguistique	1	A. Hovelacque
259	Dictionnaire d'Histoire Géographie et Biographie	1	L. Gregoire
260	Dictionnaire des Sciences, Lettres et Arts	1	Bouillet

Livros obtidos por compra

(Continuação)

Numero de ordem	Titulos	Numero de volumes	Autores
261	Dictionnaire des Mathematiques	1	Sonnet
262	Dictionnaire des Synonimes de la Langue Française	1	Lafaye
263	Géologie	1	Lapparent
264	Cours de Mineralogie	1	Idem
265	Chimie Générale	1	Schutzberger
266	Géometrie Analytique	1	Sonnet & Frontera
267	Géometrie Analytique	1	Fourcy
268	Arithmetique	1	Cirodde
269	Physique	5	Janim & Bouty
270	Arithmetique	1	Combette
271	Géometrie	1	Idem
272	Trigonometrie	1	Idem
273	Mécanique	1	Idem
274	Algébre	1	Idem
275	Traité de Physique	1	Ganot
276	Hygiène Scolaire	1	Riant
277	Astronomie	1	Delaunay
278	La Terre.	1	Fabre
279	Le Ciel	1	Idem
280	Histoire de l'Astronomie	1	Hœffer
281	Astronomie	1	Dubois
282	Theorie des Courbes	1	Boucharlat
283	Arithmetique	1	Bourdon
284	Algébre Superieure	1	Comberousse
285	Arithmetique	1	Degranges
286	Géometrie discriptive.	4	Kiaes
287	Problemes de Mathematique	1	Chevalier et Muntz
288	L'Evolution du Regne Vegetal	2	Saporta & Marion
289	Le Monde Physique — Le Magnetisme et l'Ectrecité.	1	Guillemin
290	Le Monde Physique — La Meteorologie	1	Idem
291	Le Monde Physique — La Lumière.	1	Idem
292	Le Monde Physique — La Pesanteur. Le Son	1	Idem
293	Le Monde Physique — La Chaleur	1	Idem
294	Histoire de la Langue Française	2	E. Littré
295	Études et Glanures	1	Idem
296	L'Eneide	2	Virgilio
297	Les Georgiques.	1	Idem
298	Aug. Comte et le Positivisme	1	Stuart Mill
299	Histoire Ancienne.	1	G. Maspero
300	Diccionario de Educação	3	Campagne
301	Histoire de l'Angleterre	1	C. Lewis
302	L'Origine des Espéces	1	Darwin
303	L'Expression des Emotions.	1	Idem
304	La Descendence de l'Homme	1	Idem
305	Mein Reise in Brazilian Troppen.	1	Thereze Princess von Bayern

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
	A			
1	Anatomie Comparé Pratique	Carl de Vogt et E. Yung	2	1
2	Anthropologie Générale	P. Topinarde	1	1
3	Analyse de l'Eau	Ohlmüller	1	1
4	Anthropologie	Kant	1	1
5	Aide Memoire d'Anthropologie	H. Girard	1	1
6	Analyse Qualitative	Drs. Moraes, Costa e Valle	1	1
7	Anthologia Nacional	F. Barreto e C. Laet	1	3
8	Aug. Comte et le positivisme	Stuart Mille	1	1
9	Amour Allemand	Max. Müller	1	1
10	Annuario do ensino	Olavo Freire	1	1
11	Aïda	G. Verdi	1	1
12	Arte de escrever	Jacintho d'Araujo	1	1
13	Arithmetique (Cours d')	E. Combette	1	1
14	Arithmetique Comm. et pratique	E. Degranges	1	1
15	Arithmetique (Elements d').	Bourdon	1	1
16	Arithmetique (Leçons d')	Ciroddes	1	1
17	Arithmetica	Eduardo de Sá	1	1
18	Arithmetica (Elementos de)	F. I. C.	1	1
19	Arithmetica Elementar	Carneiro	1	1
20	Arithmetica Elementar	Antonio M. de Souza	1	1
21	Arithmetica	J. Adelino Serrasqueiro	1	1
22	Arithmetique (Elements d').	F. J.	1	1
23	Algébre Superieure	Henri Weber	1	1
24	Algébre Elementaire	Combette	1	1
25	Algébre Superieure	De Comberousse	2	1
26	Algébre Elementaire	Idem	1	1
27	Algebra	J. A. Serrasqueiro	1	1
28	Algebra	C. B. Ottoni	1	1
29	Algèbre (Elements d')	F. I. C.	1	1
30	Algebra Elementar	Antonio Trajano	1	1
31	Agrimensura	F. I. C.	1	1
32	Agrimensura (Elementos de)		1	1
33	Astronomie Populaire	Camille Flamarion	1	1
34	Astronomie (Cours d')	Dubois	1	1
35	Astronomie Populaire	Augusto Comte	1	1
36	Astronomie (Cours Elementaire d')	Delammay	1	1
37	Astronomie (Histoire de l').	F. Hoeffer	1	2
38	Agriculture (L')	Alb. Larbalétrier	1	1
39	Annales de l'Observatoire do Rio de Janeiro.	Emm. Liais		
40	Allemão sem mestre (O).	O. Espiney	1	1
41	Analyse Grammatical e Logica	Monteiro Leite	1	1
42	Aventures de Télémaque	Mothe Fenelon	1	1
43	Annual Statistician and Economiste		1	1
44	Annuario Statistico Italiano (95).		1	1
45	Avulsos	Diversos	3	1
46	As sciencias.	Garrigues	1	1
47	Artes e Lettras (Revista)	R. de Lima (Director)	2	1
48	Atlas de Geographie	Delamarche	1	1
49	Atlas de Geographie Moderne.	F. Schrader	1	2
50	Atlas en Relief.	H. Mager	1	2

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
	B			
51	British Classical Authors	L. Herrig	1	1
52	Brasilianischer Sprachen	Wortersammlung	1	1
53	Bibliotheque de l'enseigment maternelle		15	15
54	Brazil and la Plata	Stewart	1	1
55	Brazil and Amazon and the coast	H. Smith	1	1
56	Bibliotheque Scientifique Internationale		30	30
57	Botanique	D. Gauvet	1	1
58	Botanica Brazileira	Mello Moraes	1	1
59	Botanique (La)	Lanessan	1	1
60	Biologie (La)	Dr. Letourneau	1	1
61	Botanique (Histoire de la)	F. Hoeffer	1	1
62	Botanique Elementaire	Leon Souberain	1	1
63	Balmaceda	Julio Bañados	2	1
64	Brézil (Le) en 1889	Sant'Anna Nery	1	1
65	Bibliographie brézilienne	A. Garraux	1	1
66	Brazil Reino	Mello Moraes	1	1
67	Brézil (Le)	Pradez		
68	Bellezas de Chateaubriand	Regnier e Willemin	1	1
69	Bibliotheca (A)	(Revista)	1	1
70	Brazil (O)	Augusto de Carvalho	1	1
	C			
71	Constitution of the U. Stales	Joseph Story	2	1
72	Cent ans de Republique aux Etats Unis	De Noailles	2	1
73	Confederation Suisse (La)	O. Adams	1	1
74	Colonisation chez les peuples modernes (La)	Leroy-Beaulieu	1	1
75	Christovão Colombo	Pereira da Silva	1	1
76	Carthographia	Figueiredo	2	1
77	Cosmos	Humboldt	4	1
78	Cosmographie	F. J.	1	1
79	Constantinopla	E. Amicis	1	1
80	Clima do Rio de Janeiro (O)	L. Cruls	1	1
81	Cours de Geographie	Cotamberg	1	2
82	Curso de Litteratura	Pinheiro	1	1
83	Curso de Litteratura	Mello Moraes Filho	1	1
84	Colombo	Porto Alegre	1	1
85	Contos populares do Brazil	Sylvio Romero	1	1
86	Caramurú	Santa Rita Durão	1	1
87	Chile e Brazil	Almirante Cochrane	1	1
88	Cours de Physique	Jamin & Boutz	5	1
89	Café (O)	P.e Araujo Marcondes	1	1
90	Cours de Mineralogie	A. de Lapparent	1	1
91	Chimie Générale (Leçons de)	Schützemberger	1	1
92	Chimie (Traité de)	R. Engel	1	1
93	Chimica	M. Lobo	1	1
94	Cours Elementaire de Zoologie	P. Gervais	1	1
95	Cours de Physique	A. Ganot	1	1
96	Celef de la Science (La)	Brewer	1	1
97	Chimica Elementar (Tratado de)	R. Nobre	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
147	Dictionnaire de Pedagogie	Buisson	2	1
148	Diccionario de educação	Campagne	3	1
149	Dictionnaire de l'administration française	M. Block	1	1
150	Degenerecence	Max Nordaux	2	1
151	Doctrine de la vertu	Emm. Kant	1	1
152	Droit publique général (Le)	M. Blumtehly	1	1
153	Direito Constitucional	E. Boutmy	1	1
154	Droit international publique (Le)	Charles Calvo	1	1
155	Dictionnaire Universel	P. Larousse	17	1
156	Diccionario da lingua portugueza	Frei D. Vieira	5	1
157	Dictionnaire des Dictionnaires	Paul Guérin	7	1
158	Dictionnaire (Nouveau) Universel	Bescherelle Aîne	4	1
159	Dictionnaire de l'Academie Française	Institute de France	2	1
160	Dictionnaire des synonimes français	B. Lafaye	1	1
161	Dictionnaire des sciences des lettres et des arts	M. M. Bouillet	1	1
162	Dictionnaire de la Langue Latine	N. Theil	2	1
163	Diccionario Portuguez, Francez e Latino	J. J. da Costa e Sá	1	1
164	Diccionario Latino-Portuguez	F. dos Santos Saraiva	1	1
165	Dictionnaire Français Portugais et Portugais Français	Valdez	2	1
166	Dictionnaire Français Latin	Quicherat et Chatelain	2	1
167	Diccionario Latino Portuguez	F. dos Santos Saraiva	1	1
168	Diccionario Completo Illustrado	P. Larousse	1	1
169	Diccionario Contemporaneo	Aulete	4	1
170	Diccionario ethmologico da lingua Portugueza	F. Adolpho Coelho	1	1
171	Diccionario Francez Portuguez e Portuguez Francez	F. et Roquette	2	1
172	Diccionario da lingua Portugueza e Allemã	Michallis	2	1
173	Diccionario Hespanhol-Portuguez	Henrique Marques	2	1
174	Diccionario das Moedas	Raposo Botelho	1	1
175	Diccionario Grammatical	J. Ribeiro	1	2
176	Dictionary	Vyeira	1	1
177	Diccionario (Novo) Portuguez Inglez e Ingl. Portuguez	J. F. Valdez	2	1
178	Divina Epopéa	João Evangelista	1	1
179	Documentos interessantes para a historia e costumes de S. Paulo		24	1
180	Directoria de Estatistica		1	1
181	Droit et Libertés aux Etats Unis	De Chambrum	1	1
182	Diccionario da Lingua Portugueza	B. de Lima	1	1
183	Diccionario Geographico do Brazil	A. Moreira Pinto	5	1
184	Diccionario da Com.ª do Alto Amazonas	L. S. Araujo e Amazonas	1	1
185	Diccionario Historico Geographico do R. Grande do Sul	Dr. Domingos A. e Silva	1	1
	E			
186	Établissement de la z.me Republique (De la)	E. Littré	1	1
187	Essais	Macaulay	1	1
188	Ethnographie Criminelle	A. Corne	1	1
189	Essais Historiques	Macaulay	2	1
190	Etát (L') Moderne	Leroy-Beaulieu	1	1
191	Etudes (Nouvelles) de Mythologie	Max Müller	1	1
192	Exploracion oficial de los valles	F. Michelena	1	1
193	Empire (L') du Brésil	V. L. Baril	1	1
194	Estadista (Um) do Imperio	Joaquim Nabuco	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Nº	Obras	Autores	Volumes	Exemplares
195	Estudos Brazileiros	José Verissimo	1	1
196	Eneida Brazileira	O. Mendes	1	2
197	Estudos Allemães	T. Barreto	1	1
198	Estudos de Direito	Idem	1	2
199	Espumas Fluctuantes	Castro Alves	1	1
200	Etats (Les) Profonds de l'Hypnose	De Rochas	1	1
201	Evolution (L') et l'Origine des espéces	Th. Huxley	1	1
202	Elementos de Chimica	Marques Lobo	1	1
203	Expression (L') des Emotions	Darwin	1	1
204	Etats (Les) Superficiels de l'Hypnose	De Rochas	1	1
205	Embriologie (L') Générale	Louis Roule	1	1
206	Elementos de Physica	Corrêa dos Santos	1	1
207	Eléments de Géometrie Analytique	Sonnet & Frontera	1	1
208	Exercicios de Geometria	F. J.	1	1
209	Elementos de Geometria e Trigonometria	C. B. Ottoni	1	1
210	Elementos de Geometria	F. J. C.	1	1
211	Exercices de Geometrie	Idem	1	1
212	Eléments de Geometrie	F. J.	1	1
213	Eléments de Geometrie Descriptive	Idem	1	1
214	Elementos de Trigonometria	F. J. C.	1	1
215	Eléments de Trigonometrie Rectiligne	F. J.	1	1
216	Escripturação	Outeiro	1	1
217	Elementos de Mecanica	F. J. C.	1	1
218	Eléments de Mecanique	F. J. J.	1	1
219	Eclipses du Soleil et Occulations	L. Cruls	1	1
220	English (The) Student	E. Hanschnecht	1	1
221	Etudes et Glanures	Littré	1	1
222	Eneide (L')	Virgile	12	1
223	Elementos de Grammatica Portugueza	Carneiro Ribeiro	1	1
224	Estrada Suave	James Hewitt	1	3
225	Esprit (L') et le Corps	A. Bain	1	1
226	Etudes sur l'Ensignement et sur l'Education	Compayré	1	1
227	Exercices (Les) du Corps	G. Bonnefont	1	1
228	Essais sur la repartition des Richesses	Leroy Beaulieu	1	1
229	Essais de Morale	H. Spencer	2	1
230	Eléments (Les) du Caractére	P. Malapert	1	1
231	Elementos de Educação Moral e Civica	H. Ribeiro	1	2
232	Esthetique (L')	Eug. Veron	1	1
233	Estado (O) do Ceará na Exposição de Chicago	Th. Pompeu de S. Brazil	1	1
234	Exposição Nacional do Brazil		1	1
235	Etudes Litteraires	Taillandier	1	1
236	Eglise (L') et la Democracie		1	1
237	Ensaio Corographico	Ant.º L. Monteiro Baena	1	1
	F			
238	Famille (La) primitive	C. N. Starcke	1	1
239	Finalidade do Mundo	F. Brito	1	1
240	Fabulas de La Fontaine	Paranapiacaba	2	1
241	Factos do Espirito Humano	De Magalhães	1	1
242	Festas Nacionaes	Rodrigo Octavio	1	1
243	Français (Les) en Amazonie	A. Coudreau	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
244	Fécondation Croisée et Directe	Darwin	1	1
245	Force et Matière	L. Buckner	1	1
246	Fork-Lore Brasilien	De Sant'Anna Nery	1	1
247	Fables.	La Fontaine	1	1
248	Fin du Siècle	Max Nordau	2	1
249	Francez (O) sem Mestre	G. Pereira	1	1
250	Fabularum	Phaedri	1	1
251	Fatigue (La) Intellectuelle	A. Binet — V. Henri	1	1
252	Fronteras (Las) de la Locura	A. Cullerre	1	1
253	Fond de la Mer	Sonel	1	1
	G			
254	Géographie Universelle	Elisée Reclus	18	1
255	Géographie Medicale	A. Bordier	1	1
256	Geographia Geral	Pompeu de Souza Brazil	1	1
257	Géographie Generale	F. Oger	1	1
258	Géographie Physique	A. Geikie	1	1
259	Geographia Primaria	Dr. Carlos Novaes	1	2
260	Geographia	Gœtz de Carvalho	1	10
261	Galeria Historica da Revolução Brazileira	Urias da Silveira	1	1
262	Genése (La)	F. Lenormant	1	1
263	Géologie Elementaire	N. Boulée	1	1
264	Guarany (Opera)	Carlos Gomes	1	1
265	Guide-Pratique du Dessin	A. Cassagne	1	1
266	Grammaire du Dessin	L. Genesson	1	1
267	Geometria	Renê	1	1
268	Geometria Pratica	Duarte	1	1
269	Géometrie Analytique	Lefébure de Fourcy	1	1
270	Géometrie Elementaire Plaine et dans l'Espace	De Comberousse	1	1
271	Géometrie Elementaire	Combette	1	1
272	Geometria	J. A. Serrasqueiro	1	1
273	Grammaire des langues Romanes	W. Meyer-Lübke	2	1
274	Grammaire des langues Indo-Europennes	F. Bopp	5	1
275	Grammaire Nactionale	Bescherelle	1	1
276	Grammaire des langues Romanes	F. Diez	3	1
277	Grammatica Latina	Castro Lopes	1	1
278	Grammaire Grecque	Chassang	1	1
279	Grammatica Allemã	Dr. J. Ph. Austett	1	1
280	Grammatica Portugueza	Oliveira	1	1
281	Grammatica Portugueza Elementar	Gonçalves Lages	1	1
282	Grammaire Historique de la Langue Française	A. Brachet	1	1
283	Géorgiques (Les)	Virgilie	1	1
284	Grammatica de la Lingua Greca	R. Lovera	1	1
285	Grammatica Allemã	Emilio Otto	1	1
286	Grammaire (nouvelle) de la Langue Latine	G. Dutrey	1	1
287	Grammaire	P. Larousse	1	1
288	Grammatica Portugueza (curso primario)	João Ribeiro	1	3
289	Grammatica Historica da Lingua Portugueza	Silva Junior	1	1
290	Grammatica Allemã	Otto Prévôt	1	1
291	Graduated English Reader	James Hewitt	1	1
292	Grammatica Ingleza	Motta d'Azevedo	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
293	Grammar (A) and vocabulary of the Tupi Langage. .	John Luccoch	1	1
294	Grammatica (Postilas de) Geral	Sottero dos Reis	1	1
295	Grammatica de la Lingua Franceza.	J. F. Halbout	2	1
296	Grammatica Portugueza (3.º anno)	João Ribeiro	1	1
297	Grammatica Portugueza (2.º anno)	Idem	1	1
298	Gymnastica	D. G. Schreber	1	1
299	Guerra de los Indios	Flavio Josepho	2	1
300	Glossaria Linguarum Brasiliensium	Von Martius	1	1
301	Godos (Los).	E. Bradty	1	1
	H			
302	Histoire de France	L. P. Anquétil	1	1
303	Histoire Gouvernementale de l'Angleterre	C. Lewis	1	1
304	Homme (L') Préhistorique	J. Luboch	3	1
305	Histoire de l'Angleterre.	C. Lewis	1	1
306	Histoire	André Lefévre	1	1
307	Histoire de Washington	C. de Witt	1	1
308	Histoire Universelle	V. Duruy	31	1
309	Histoire du Dix-neuvième Siècle.	Gervinus	23	1
310	Histoire des Réligions	Max Müller	1	1
311	Historia do Cerco do Porto	S. J. Luz Soriano	2	1
312	Historia Universal.	C. Dreyss	10	1
313	Historia de Roma.	V. Duruy	4	1
314	Historia de Portugal	Schraefer	1	1
315	Histoire de France	J. Michelet	8	1
316	Histoire de la Révolution	Idem	6	1
317	Historia de Portugal	P. Chagas	4	1
318	Historia Antiga.	João Ribeiro	1	1
319	Historia Universal (Antiga, Média e Moderna) . . .	Dr. J. Lacerda	4	4
320	Histoire de la Civilisation	J. Crosals	2	1
321	Histoire de la Civilisation	Ch. Seignobos	1	2
322	Historia Universal.	Gama Berquó	1	1
323	Historia Universal	Moreira Pinto	1	1
324	Histoire de France (moyen âge)	V. Duruy	1	1
325	Historia Universal.	F. Braga	1	1
326	Histoire de France	H. Martin	25	1
327	Homem (O) Primitivo	Louis Figuier	1	1
328	Historia de França	H. Martin	7	1
329	Historia do Brazil.	Joaquim Southey	6	1
330	Historia da fundação do Imperio Brazileiro	P. da Silva	7	1
331	Historia do Brazil.	M. Maia	1	1
332	Historia do Brazil.	M. Macedo	1	1
333	Hollandezes (Os) no Brazil.	V. de Porto Seguro	1	2
334	Historia Geral do Brazil.	Idem	2	1
335	History of the Brazil.	Hendersons	1	1
336	Historia do Brazil.	Villa Lobos	1	1
337	Historia Litteraria	Fernandes Pinheiro	2	1
338	Historia de Portugal.	Herculano	4	1
339	Hommes Fossiles et Hommes Sauvages.	De Quatrefages	1	1
340	Homme (L').	A. Zimmerman	1	1
341	Herédité Psychologique	Th. Ribot	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
342	Historia das Plantas	Peckolt	1	1
343	Histoire de l'Air	A. Lévy	1	1
344	Histoire de la Langue Française	E. Littré	2	1
345	Histoire des Mathematiques	F. Hœfer	1	1
346	Historæ Romanæ	Eutropi	1	1
347	Oratius Flaccus	E. Sonner	1	1
348	Hygiene Scolaire	A. Riant	1	1
349	Histoire de la Litteratura Anglaise	H. Taine	5	1
350	Historia de Portugal	Stefens	1	1
351	Historia da America Portugueza	Da Rocha Pitta	1	1
352	Historia Generale de la España	C. de Castillo	2	1
353	Historia da Guerra do Paraguay	José B. Bormann	1	1
354	Historia das Nações			
355	Historia de los Sarracenos	Gilman	1	1
356	Hungria	A. Vambery	1	1
357	Hollanda	F. Rogers	1	1
358	Historia del Almirante de las Indias, don Cristobal Colon	Don Fernando Colon	1	1
	I			
359	Independencia do Brazil	Mello Moraes	1	1
360	Iliada de Homero	O. Mendes	1	1
361	Introduction à la Science Sociale	Herbert Spencer	1	1
362	Introduction à l'Etude des races Humaines	Quatrefages	1	1
363	Inferno (O)	Dante	1	1
364	Italiano (O) sem Mestre	J. S. Bensabat	1	1
365	Inde Vedique	M. Fontaine	1	1
366	Iraniens (Les)	Idem	1	1
367	Imigration (L')	J. Duval	1	1
	J			
368	Japon (Le)	G. Depping	1	1
369	Jeunesse des Hommes Célebres	M. Müller	1	1
	L			
370	Lusiadas (Os)	Camões	1	1
371	Litteratura Brazileira	Sylvio Roméro	2	1
372	Litteratura Portugueza	T. Braga	4	1
373	Lettres Physiologiques	Carl Vogt	1	1
374	Livre (Le) de la Nature	F. Schœdler	2	1
375	Lumière et Vie	L. Buchner	1	1
376	Leçons sur l'Homme	Carl Vogt	1	1
377	Leis da Republica		2	1
378	Levé des Plans	F. J.	1	1
379	Lengua Guarany	Montoya	2	1
380	Lingua Allemã	Coldschmidt	1	1
381	Linguistique (La)	A. Hovelacque	1	1
382	Lectures Choisies de Chateaubriand	René Nollet	1	4
383	Lælius de Amicitia	Cicero	1	1
384	Livro (O) da Paz	Magalhães Lima	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obra	Autores	Volumes	Exemplares
385	Lições de Coisas	Calkins	1	1
386	Lois (Les) sociologiques	G. de Greff	1	1
387	Lições de Politica Positiva	Lastarria	1	1
388	Logique	Alex-Bain	2	1
389	Lições de Coisas	Dr. Saffray	1	1
390	Livro de Job	Figueiredo	1	1
391	Lois Scientifique des devellopement des Nations	Bagehot		
392	Lingua (A) Portugueza	A. Coelho	2	1
393	Lucta Social	De Ongnella	1	1
	M			
394	M. Guizot dans sa famille	C. de Witt	2	1
395	Mytologie Comparée	M. Muller	1	1
396	Maravilhas do Genio do Homem	A. de Bast	1	1
397	Marrocos	E. Amitis	1	1
398	Marinha (A) d'Outr'Ora	V. de Ouro Preto	1	1
399	Memorias de meu tempo	P. da Silva	2	1
400	Monographias Patrias	Goetz de Carvalho	1	9
401	Monde (Le) Physique	A. Guillemin	5	1
402	Manuel des Cultures Tropicales	P. Lagot	1	1
403	Maladies de les Volontés	Th. Ribot	1	1
404	Mineraux (Les)	F. de Kobell	1	1
405	Manuel du Dessinateur	Boutereau	2	1
406	Manual Mercantil	V. de Carvalho	1	1
407	Methodo de Escripturar os Livros	Degrange	1	1
408	Mécanique Rationelle	Paul Appell	2	1
409	Merveilles Célestes	Flamarion	1	1
410	Manuel des Conjugaisons	Bescherelle	1	1
411	Metamorphoses	Ovidio	1	1
412	Morceaux Choisis de Metamorphoses	Ovidio	1	1
413	Manual de Gymnastica	Lauret	1	1
414	Manual de Gymnastica	Miz. Alarcão	1	1
415	Mélanges des Logiques	Kiant	1	1
416	Morale (La) des differents Peuples	H. Spencer	1	1
417	Mentiras (As) Convencionaes	M. Nordau	1	1
418	Modalité (La) du Jugement	Brunschivigg	1	1
419	Mysticismo (O)	Max Nordau	2	1
420	Magnum Lexicon Novissimum Latinum & Lusitanum	Caberlii & Ramalii	1	1
421	Memoires d'Outre Tombe	Chateaubriand	6	1
	N			
422	Nova Selecta Franceza	Carlos Kunhn	1	1
423	Nature et Science	Buckner	2	1
424	Nature (Revue)	Gaston Tissandier	2	1
425	Narrações do Infinito	C. Flamarion	1	1
426	Nouvelles Narrations Françaises	A. Filon	1	3
427	Narrationes	Tite-Live	1	1
428	Notes sur l'Angleterre	H. Taine	1	1
429	Novo Methodo da lingua franceza	G. H. Ollendorff	1	1
430	Noticia historica do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores			

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Autores	Volumes	Exemplares
431	Novo Orbe Serafico Brazileiro	Fr. Maria Jaboatam	5	1
432	Nuevos (Los) Libros	Herodoto	2	1
433	Nuevo Descubrimento del gran Rio de las Amazonas	Cristobal de Acuña	1	1
	O			
434	Origines de la France Contemporaine	H. Taine	6	1
435	Origines de l'Histoire	F. Lenormant	3	1
436	Origine des Devellopements de la Religion	Max Müller	1	1
437	Oyapoc et l'Amazonie	Caetano da Silva	2	1
438	Obras Posthumas	A. G. Dias	6	1
439	Obras Poeticas	Alvarenga	2	1
440	Obras Completas	Facundes Varella	2	1
441	Obras	Casimiro d'Abreu	1	1
442	Oiseau (L') La Mer	J. Michelet	1	1
443	Origines (L') des Espèces	Darwin	1	1
444	Oeuvres d'Horace	A. Waltz	1	1
445	Officiis (De)	M. T. Ciceronis	1	1
446	Organisation-Pedagogie	G. Compayré	1	1
447	Oeuvres de	Em. Zola	40	1
448	Obras	Luiz de Camões	3	1
449	Oeuvres Complètes	Victor Hugo	19	1
450	Oeuvres Illustrées	Alex. Dumas	15	1
451	Obras Poeticas e Oratorias	Corrêa Garção	1	1
452	Oeuvres Complètes	A. de Musset	5	1
453	Ollendolff Aperfeiçoado	Azevedo	2	1
454	Oeuvres Poetiques	J. Racine	2	1
455	Organisação Naval	Arthur Jaceguay	1	1
	P			
456	Psychologie (La) Anglaise	Th. Ribot	1	1
457	Premiers Principes	H. Spencer	1	1
458	Principes de Colonisations	J. L. de Lanessant	1	1
459	Patria (A) Portugueza	T. Braga	1	1
460	Paraná and South American	Hutchinson	1	1
461	Prince Adalbert of Prussia	E. Taylor	1	1
462	Posições Geographicas	L. Cruls	1	1
463	Pays (Les) des Amazones	De Sant'Anna Nery	1	1
464	Poesias	G. Dias	2	1
465	Parnaso Brazileiro	M. Moraes	2	1
466	Patria Selvagem	M. Moraes Filho	1	1
467	Pastoral Collectiva	Episcopado brazileiro	1	1
468	Paradoxo da Egualdade	Laffite	1	1
469	Pionneering South Brazil	Bigg. Wither	2	1
470	Portugal e Brazil	P. da Silva	1	1
471	Place (De la) de l'Homme dans la Nature	Th. Huxley	1	1
472	Phisiographie	Th. Huxley	1	1
473	Pathologie (La) de l'Esprit	H. Maudsley	1	1
474	Physica Moderna	F. Benevides	2	1
475	Physique Elementaire	Drion & Fernet	1	1
476	Physico-Chimie (La)	Dr. Fauvelle	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
477	Physiologie (La) Générale	Lammonier	1	1
478	Pygmées (Les)	Quatrefages	1	1
479	Physique	E. Grion	1	1
480	Physique	Ganot	1	2
481	Physiologie des Hommes	Révelli-Parisse	1	1
482	Phenomenos da Atmosphera	V. J. C.	1	1
483	Physica Elementar	R. Nobre	1	1
484	Problémes de Mecanique	F. J.	1	1
485	Paradise Lost	Milton	1	1
486	Principios de Pedagogia	A. Coelho	4	1
487	Pedagogia	Charbonneau	1	1
488	Pedagogie (La)	C. Issaurat	1	1
489	Phisiologie des Exercices du Corps	F. Lagrange	1	1
490	Principes de Sociologie	H. Spencer	4	1
491	Précis de Sociologie	Glumplowicz	1	1
492	Politique (La)	Bluntschli	1	1
493	Progrés de la Science Economique	M. Block	2	1
494	Philosophie	Janet & Séailles	1	1
495	Philosophie Positive	A. Comte	2	1
496	Philosophie (La)	André Lefévre	1	1
497	Paradoxos	Max Nordau	1	1
498	Philosophie (La) de Schopenhauer	Th. Ribot	1	1
499	Philosophia Evolucionista	H. Spencer	1	1
500	Problema (O) do casamento	C. Figueiredo	1	1
501	Principes Methaphysique du droit	Kant	1	1
502	Philosophie de l'Art	H. Taine	2	1
503	Problémes (Les) de l'Histoire	P. Mongeolle	1	1
504	Psychologie du Peuple Français	A. Fouillée	2	1
505	Paranduba Amazonense	João B. Rodrigues	1	1
506	Pluralidade (A) dos Mundos Habitados	Flamarion	2	1
507	Parnaso Lusitano		5	1
508	Politique (La) de Leão XIII	R. P. Brandi	1	1
509	Positivismo (O)	Gruber	1	1
	Q			
510	Questão de Limites	Tapajós	1	1
511	Quinti Curtii Rufi	G. Lesage	1	1
512	Questão Grammatical	Julio Ribeiro	1	1
	R			
513	Revolution de 1848	J. Stuart Mill	1	1
514	Race (La) Prussienne	Quatrefages	1	1
515	Rivers Amazons	Bates	1	1
516	Rivoluzione del Brazile	Carlo Fabricatore	1	1
517	Repertorio da Revista Trimensal	Do I. Historico	1	1
518	Registro Civil—1894	R. de Estatistica	1	1
519	Recenseamento da comarca de Palmas	Idem	1	1
520	Recenseamento Geral	Idem	1	1
521	Relatorio	Chefe do Departamento do interior	1	1

(Continuação)

Nº	Obras	Autores	Volumes	Exemplares
522	Relatorio das Repartições de Estatistica e Archivo Publico		1	1
523	Revista Brazileira			
524	Robinson Crusoé	De Foé	1	1
525	Régime Economique de la Russie	Kovalewsky	1	1
526	Rôle Morale de la Bienfaissance	H. Spencer	1	1
527	Resumé de la Philosophie de H. Spencer	Howard Collins	1	1
528	Raças Humanas	L. Figuier	1	1
529	Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas—1895		3	1
530	Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas—1893, 1895 e 1896		3	1
531	Relatorio do Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas—Maio 1898		1	1
532	Relatorio do Ministerio da Agricultura, Commercio e Obras Publicas—1890		1	1
533	Relatorio do Ministerio da Fazenda—1898		2	1
534	Relatorio do Ministerio da Guerra—1898		1	1
535	Relatorio do Ministerio da Marinha—1898		1	1
536	Relatorio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores—Março 1897		1	1
537	Relatorio do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores—Abril 1898		1	1
538	Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores—1898		2	1
539	Relatorio do Ministerio das Relações Exteriores—1897		2	1
540	Relatorio do Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos—1891		1	1
541	Relatorio do Tribunal de Contas—1898		1	1
542	Revista do Instituto Historico		1	1
543	Revista do Observatorio do Rio de Janeiro		86	1
544	Revolução do Rio Grande do Sul		4	1
	S		1	1
545	Scandinavia	Braga	1	1
546	South American	Hinchliff	1	1
547	Suissa (A)	O. Pires	1	1
548	Secção Litteraria	Jansen	1	2
549	Sertanejas	Trajano Galvão	1	1
550	Synopsis Plantarium	Humboldt	4	1
551	Souvenirs d'un Naturaliste	De Quatrefages	2	1
552	Sciencias Physicas e Naturaes	V. Martel	1	1
553	Statistiches Jahrbuch der Stadt Wien		1	1
554	Synopse do Recenseamento (90)	Repartição de estatistica	1	1
555	Solfèges des Enfants	Alexis Garaudé	1	1
556	Science (La) du langage	Max Muller	1	1
557	Selecta Franceza	Moreira de Sá	1	1
558	Selectae et Profanis Scriptoribus	Henzet	1	1
559	Sociologie (La)	Dr. Letourneau	1	1
560	Sociologie (La)	De Roberty	1	1
561	Sociologie et Politique	L. Complowiez	1	1
562	Système de Politique Positiviste	Aug. Comte	4	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Autores	Volumes	Exemplares
563	Sciencia Politica	Alberto Salles	1	1
564	Systhéme de Logique	J. Stuart Mill	2	1
565	Science et la Conscience	E. Vacherot	1	1
566	Schiller (Obras)		62	1
567	Statistiches Handbuch	Jos-Erben	1	1
568	Statistiches Jahrbuch		1	1
	T			
569	Terre (La) Illustrée	F. I. C.	1	1
570	Traducções Poeticas	Pinheiro Guimarães	1	1
571	Theses			
572	Traité de Géologie	A. de Lapparent	1	1
573	Tables de Logarithmes	F. I. C.	1	1
574	Tables de Logarithmes	F. Callet	1	1
575	Trigonometria Espherica	Edmond Dubois	1	1
576	Tarifa das Alfandegas		1	1
577	Theorie des Courbes	Boucharlat	1	1
578	Terres (Les) du Ciel	C. Flamarion	1	1
579	Terre (La)	H. Fabre	1	1
580	Traité de la Science des Finances	Leroy-Beaulieu	2	1
581	Traité de l'Economie Politique	Leroy-Beaulieu	4	1
582	Theorie de l'Etat	Bluntschli	1	1
583	Three Thousand Miles Through Brazil	J. Stuart Mill	1	1
584	Traité d'Hygiene	A. Recquerel	1	1
585	Tradições Populares do Brazil	M. Moraes Filho	1	1
	U			
586	Up the Amazon and Madeira Rivers	E. Mathews	1	1
587	Utilitarisme (L')	John Stuart Mill	1	1
	V			
588	Voyages aux Régions Equinoxiales	Humboldt	14	1
589	Vie (La) Americaine	Paul Rousiers	1	1
590	Vida do Padre Estanislau de Campos		1	1
591	Voyage au Brésil	M. Agassiz	1	1
592	Voyage au Brésil	Saint'Hillaire	2	1
593	Voyage au Province de S. Paul	Saint'Hillaire	2	1
594	Vinte e um mezes ao redor do Planeta	Custodio de Mello	1	1
595	Viagens por Minas e Goyaz	M. Franco	1	1
596	Voyage au Rio Grand du Sud	Saint'Hillaire	1	1
597	Voyage d'un naturaliste	Darwin	1	1
598	Vie (La) Psychique des Bêtes	Büchner	1	1
599	Vade Mecum do Guarda-Livros	M. C. da Rocha	1	1
600	Vie (La) de Langage	Whitney	1	1
601	Virgile	H. Goetzer	1	1
602	Virgile Maronis	Publii	1	1
603	Vita Agricolae	Tacitus	1	1
604	Vida Domestica	Felix Ferreira	1	1

Lista, por ordem alphabetica, dos livros existentes na Bibliotheca do Gymnasio Amazonense

(Continuação)

Numero	Obras	Auctores	Volumes	Exemplares
605	Voyage en Italie	H. Taine	2	1
606	Washington et sou Oeuvre	E. Masseras	1	1
607	Viagem ao redor do Brazil	Fonseca	2	1
608	Vida (La) del Derecho	Giuseppe Carlo	2	1
609	Vida en el Celeste Imperio	E. Tota	1	1
610	Viagens do sertão do Amazonas	Silva	1	1
	Y			
611	Yves D'Evreux	Bibliotheca Americana	1	1
	Z			
612	Zur Ethnographie Amerikás	Martius	1	1

Quadro do Pessoal Docente

Cadeiras	Nomes dos lentes	Data do exercicio interino	Exercio effectivo	Observações
Portuguez e Litteratura	Dr. João Machado de Aguiar Mello..		30 de dezembro de 1894	Os lentes dr. Machado de Aguiar e Francisco Monteiro, foram por acto de 30 de dezembro de 1894, renomeados para suas respectivas cadeiras.
Portuguez e Latim	Dr. João José Fernandes Veiga.....	16 de junho de 1894	24 de julho de 1895	
Latinidade e Grego	Dr. Geraldo Matheus B. de Amorim..	31 de janeiro de 1894	15 de outubro de 1895	
Inglez e Allemão	Dr. Placido Serrano Pinto de Andrade		13 de julho de 1894	
Arithmetica, Algebra, Geometria e Trig.	Antonio Monteiro de Souza.....		27 de março de 1895	
Geographia e Cosmographia	Francisco Pedro de Sampaio.....		20 de novembro de 1896	
Metaphysica, Mineralogia e Geologia	Dr. Domingos José Ferreira Valle...		26 de março de 1897	
Physica e Chimica	Francisco Antonio Monteiro.....		30 de dezembro de 1894	
Biologia, Botanica, Zoologia e Hygiene	Dr. Manoel José Ribeiro da Cunha...	29 de outubro de 1894	21 de março de 1895	
Historia Universal	Goetz Galvão de Carvalho.....	12 de maio de 1894	1 de fevereiro de 1895	
Historia da Philosophia	Dr. Leonidas e Sá.....		9 de novembro de 1898	
Pedagogia	D. Maria de la Salette de A. Cardoso.		19 de abril de 1897	
Francez	Manoel de Miranda Leão.....		15 de maio de 1894	
Substituto da 1.ª secção	Conego José Henrique Felix da C. Dacia	17 de janeiro de 1898		
" " " "	Dr. Alfredo de Araujo.....	10 de abril de 1899		
" " 2.ª "	Dr. Raymundo de Carvalho Palhano.		14 de novembro de 1894	
" " " "	Dr. José Maria Neves.....	17 de janeiro de 1898		
" " 3.ª "	Dr. Chrysostomo da Rocha Cabral...	25 de janeiro de 1898		
" " " "	Dr. Lourival Alves Diniz.....	16 de janeiro de 1899		
Musica	Aristides E. Bayma.....	7 de março de 1896	10 de dezembro de 1897	
Gymnastica	Raphael Alvares Machado.....	2 de junho de 1897	10 de dezembro de 1897	
Escripturação Mercantil	João Leandro Hermes de Araujo...	8 de novembro de 1898		
Trabalhos de agulha	D. Rita Diniz.....	3 de abril de 1897		
Trabalho de agulha addida	D. Maria Alexandrina Corrêa d'Araujo			
Calligraphia	Salvador Carlos de Oliveira.....	10 de junho de 1899		

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Quadro comparativo dos exames verificados no estabelecimento em 1897 e 1898

Annos	Curso secundario						Curso normal						Curso commercial			Observações
	1897			1898			1897			1898			1898			
	Compareceram	Approvados	Reprovados	Compareceram	Approvados	Reprovados	Compareceram	Approvados	Reprovados	Compareceram	Approvados	Reprovados	Compareceram	Approvados	Reprovados	
1.º	44	20	24	41	31	10	82	46	36	111	73	38	10	6	4	O Curso Commercial começou a funccionar em 1898; não houve exames no 4.º anno do Gymnasio e 3.º do curso normal, por estarem os alumnos dependendo de materias do anno anterior, no exame das quaes foram reprovados nns e não entraram outros.
2.º	1	1	0	3	2	1	19	10	9	29	20	9	—	—	—	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Exames verificados no anno lectivo de 1897-1898, no curso secundario

Series	Cadeiras	Approvações			Reprovados	Total	Observações
		Distincção	Plenamente	Simplesmente			
1.º anno	Arithmetica	0	2	6	3	11	Os demais alumnos do 2.º anno deixaram de fazer exame, por estarem dependendo de materias do 1.º, uns, e por já terem exame, outros.
	Portuguez	0	1	2	2	5	
	Francez	0	1	0	1	2	
	Geographia	0	2	1	0	3	
	Desenho	0	0	3	0	3	
	Musica	0	0	2	2	4	
	Gymnastica	0	7	1	0	8	
2.º anno	Arithmetica	—	—	—	—	—	
	Algebra	0	0	0	1	1	
	Portuguez	—	—	—	—	—	
	Francez	0	0	0	1	1	
	Geographia	—	—	—	—	—	
	Latim	—	—	—	—	—	
	Desenho	—	—	—	—	—	
	Musica	0	1	0	0	1	
	Gymnastica	0	1	0	0	1	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Exames verificados no anno lectivo de 1897-1898, no Curso Normal

Series	Cadeiras	Approvações			Reprovados	Total	Observações
		Distincção	Plenamente	Simplesmente			
1.º anno	Portuguez	0	4	10	5	19	Deixou de haver exame de Calligraphia, por não ter sido installada a respectiva aula.
	Latim	0	3	10	4	17	
	Arithmetica	0	8	3	3	14	
	Geographia	0	6	6	1	13	
	Calligraphia	—	—	—	—	—	
	Desenho	0	0	5	11	16	
	Gymnastica	0	0	1	0	1	
	Musica	0	3	3	6	12	
	Trabalhos de agulha	0	4	7	4	15	
2.º anno	Portuguez	0	0	2	1	3	Não houve exame de francez no 2.º anno porque todos os alumnos matriculados, já o tinham feito pelo antigo regulamento no 1.º anno. Não houve exame de arithmetica, por terem faltado alguns alumnos e os outros já terem prestado exame em anno anterior.
	Francez	—	—	—	—	—	
	Arithmetica	—	—	—	—	—	
	Algebra	0	1	2	1	4	
	Geometria	0	0	0	1	1	
	Geographia	0	1	3	0	4	
	Desenho	0	0	1	1	2	
	Historia	0	0	2	3	5	
	Musica	0	0	3	2	5	
	Gymnastica	0	0	0	1	1	
	Trabalhos de agulha	0	0	3	0	3	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Exames verificados no anno lectivo de 1897-1898, no Curso Commercial

Serie	Cadeiras	Approvações			Reprovados	Total	Observações
		Distincção	Plenamente	Simplesmente			
1.º anno	Portuguez	0	0	0	2	2	Alguns alumnos deixaram de comparecer a exames de algumas materias por já o terem feito no Gymnasio e Escola Normal.
	Latim	0	2	1	0	3	
	Arithmetica	0	0	0	2	2	
	Geographia	—	—	—	—	—	
	Calligraphia	—	—	—	—	—	
	Desenho	2	1	0	0	3	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Quadro nominal dos alumnos que frequentam o 1.º anno do Gymnasio Amazonense, com designação dos exames que têm e dos que faltam para completar o respectivo anno

Numero da ordem	Nomes	Materias que constituem o anno					Numero de exames que têm	Numero de exames que faltam	Observações
		Arithmetica	Geographia	Portugueza	Francez	Desenho			
1	Silverio Cyriaco de Carvalho	Tem	Não	Tem	Tem	Não	3	2	Os demais alumnos matriculados têm nenhum exame.
2	Joviano de Araujo Soares	„	Tem	„	„	Tem	5	—	
3	Manoel Dias Barroso Junior	„	„	Não	Não	„	3	2	
4	Theodorico Antonio de Moraes	Não	Não	Tem	„	Não	1	4	
5	José Ferreira da Silva Junior	Tem	Tem	Não	„	„	2	3	
6	José Francisco de Araujo Lima	„	„	Tem	„	„	3	2	
7	Benjamin F. de Araujo Lima	„	„	„	„	„	3	2	
8	Cassiano Gil da Encarnação	Não	Não	„	„	„	1	4	
9	José Antonio de Souza Carvalho	Tem	Tem	„	Tem	„	4	1	
10	Antonio Guimarães	„	Não	Não	Não	Tem	2	3	
11	Adelman Brazil Corrêa	„	„	Tem	„	Não	2	3	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Quadro nominal dos alumnos que frequentaram o 2.º anno da Escola Normal, com a designação dos exames que têm e dos que faltam para completar o respectivo anno

Numero da ordem	Nomes	Materias que constituem o anno											Numero de exames que têm	Numero de exames que faltam	Observações
		Portuguez	Francez	Arithmetica	Algebra	Geometria	Geographia	Desenho	Historia	Musica	Gymnastica	T. de agulha			
1	D. Julia Bittencourt	Tem	Tem	Não	Tem	Não	Tem	Tem	Tem	Tem	—	Tem	8	2	Os demais alumnos matriculados, não têm nenhum exame.
2	D. Thereza L. da Encarnação	"	Não	Tem	"	"	"	Não	"	"	—	"	7	3	
3	D. Brazilina Pedroza	"	Tem	Não	"	"	"	"	Não	"	—	"	6	4	
4	D. Maria de Mello	"	"	"	"	"	Não	"	"	Não	—	"	4	6	
5	D. Catharina Ribeiro Parente	Não	"	"	Não	"	"	"	"	"	—	Não	1	9	
6	D. Ernestina A. Gonçalves	"	"	"	"	"	Tem	"	"	"	—	"	2	8	
7	D. Virgilia Augusta Corrêa	"	"	"	"	"	"	"	"	"	—	"	2	8	
8	D. Anna de Jesus Castro	Tem	"	Tem	Tem	"	"	Tem	"	Tem	—	Tem	8	2	
9	D. Margarida A. de Mattos	"	"	"	"	"	"	"	Tem	"	—	"	9	1	
10	D. Domingas Vianna	"	Não	"	"	"	Não	"	"	"	—	"	7	3	
11	Antonio Telles de Souza	"	"	"	"	Tem	Tem	"	"	"	Tem	—	9	1	
12	Feliciano de Souza Lima	"	Tem	"	"	Não	"	"	"	"	"	—	9	1	
13	João Tobias B. de Amorim	Não	"	Não	Não	"	"	Não	Não	"	"	—	4	6	
14	D. Amancia C. de G. Piteira	Tem	Não	Tem	Tem	"	"	Tem	Tem	"	—	Tem	8	2	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Quadro nominal dos alumnos que frequentam o 1.º anno Commercial, com a verificação dos exames que têm e dos que faltam para completar o respectivo anno

Numero de ordem	Nomes	Materias que constituem o anno						Numero de exames que têm	Numero de exames que faltam	Observações
		Portuguez	Latim	Arithmetica	Geographia	Calligraphia	Desenho			
1	Jovino de Araujo Soares	Tem	Não	Tem	Tem	Não	Tem	4	2	
2	José Antonio de Souza Carvalho	"	"	"	"	"	"	4	2	
3	Silverio Cyriaco de Carvalho	"	"	"	Não	"	Não	2	4	

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Feliciano de Souza Lima.

Orçamento das despezas para o Gymnasio Amazonense

Natureza das despezas	Importancia
Corpo docente do Gymnasio e cursos annexos, de accordo com a tabella annexa n.º 1	228:000$000
Pessoal da secretaria, tabella n.º 2	26:520$000
Expediente e despezas miudas	10:000$000
Conservação dos gabinetes de Physica, Chimica, Historia, Gymnastica, Esgrima e Desenho	35:000$000
Compra de livros para a bibliotheca	20:000$000
Conservação e compra de mobilia	20:000$000
Festas de ensino	4:000$000
Gratificação aos lentes que tiverem mais de quinze annos de exercicio	720$000
Total	344:240$000

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

Gymnasio Amazonense

TABELLA N. 1

Numero	Categoria	Annuaes	Total
	Gymnasio		
14	Lentes	10:800$000	
3	Professores	14:400$000	
6	Substitutos	36:000$000	
1	Director (gratificação)	7:200$000	
1	Vice-Director (gratificação)	3:600$000	162:000$000
	Curso normal		
7	Lentes (gratificação)	25:200$000	
1	Lente de Pedagogia (vencimento)	7:200$000	
3	Professores (gratificação)	7:200$000	
2	Professores de Calligraphia e Desenho (vencimento)	9:600$000	
1	Regente	4:800$000	54:000$000
	Curso commercial		
1	Professor de Escripturação	4:800$000	
1	Professor de Calligraphia (gratificação)	2:400$000	
1	Inspector de alumnos	4:800$000	12:000$000
	Grande total		228:000$000

Secretaria do Gymnasio Amazonense, em Manáos, 16 de junho de 1899.

BIBLIOTECA DIDATICA BRASILEIRA
Série I — A Escola Viva — Vol. 3
SOB A DIREÇÃO DO PROF. AMARAL FONTOURA

F 879

Amaral Fontoura
Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Da Universidade do Estado do Rio. Da Faculdade de Serviço Social do D. F.
Chefe do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciên
Técnico de Educação

F-879

Metodologi
Ensino Prima...

Contendo a matéria dos
2.º e 3.º anos do Curso Normal

INST. GEOG. E HIST. DO AMAZONAS
BIBLIOTECA
Oferta de Dr. Fred Fontura
REGISTRO N.º 682 em 28/2/73

5.ª EDIÇÃO
1959

GRAFICA EDITÔRA AURORA, LTDA.
Rua Vinte de Abril, 16 — C. Postal, 140 — Lapa
RIO DE JANEIRO

OBRAS DE AMARAL FONTOURA:

I) PARA A "BIBLIOTECA DIDATICA BRASILEIRA":

1 Volume 1.º:
"FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO"
(um volume de 342 páginas); Editôra Aurora; Rio

1.ª edição — 1949
2.ª edição — 1952
3.ª edição — 1954
4.ª edição — 1957

2 Volume 2.º:
"SOCIOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 363 páginas); Editôra Aurora; Rio.

1.ª edição — 1951
2.ª edição — 1953
3.ª edição — 1954
4.ª edição — 1956
5.ª edição — 1957
6.ª edição — 1959

3 Volume 3.º:
"METODOLOGIA DO ENSINO PRIMARIO"
(um volume de 478 páginas). Editôra Aurora; Rio.

1.ª edição — 1955
2.ª edição — 1957
3.ª edição — 1957
4.ª edição — 1958
5.ª edição — 1959

4 Volume 4.º:
"PSICOLOGIA GERAL"
(um volume de 472 páginas). Editôra Aurora; Rio.

1.ª edição — 1957
2.ª edição — 1958

5 Volume 5.º:
"PSICOLOGIA EDUCACIONAL"
(um volume de 480 páginas). Editôra Aurora; Rio.

1.ª edição — 1958
2.ª edição — 1959

6 Volume 6.º:
"DIDATICA ESPECIAL DA 1.ª SÉRIE"
(um volume de 88 páginas). Editôra Aurora; Rio.

1.ª edição — 1958

EM PREPARO:

Volume 7.º: "Manual de Testes"
Volume 8.º: "Novos Horizontes para a Educação Rural"
Volume 9.º: "Organização e Administração da Escola Primária"
Volume 10.º: "Nossa Experiência de Educação Rural"
Volume 11.º: "Prática de Ensino"
Volume 12.º: "Instituições Escolares"
Volume 13.º: "Didática da Escola Normal"

"Quando educardes uma criança,
pensai na eternidade."

(RENÉ BETHLEM)

À memória de MILI,
minha dedicada companheira de 15 anos,
uma das grandes educadoras que
o Brasil já possuiu.

As professôras do Rio Grande do Sul,
a cujo espírito progressista
se devem tantas iniciativas interessantes,
que fizeram dêsse valoroso Estado
um dos líderes da

EDUCAÇÃO RENOVADA
no Brasil

ORAÇÃO À MESTRA

GLÓRIA A TI, fôrça eterna e construtora,
Que plasmas a grandeza de uma raça;
Heróica e maternal — educadora —
És a chama divina que perpassa,
Como uma sombra santa e protetora!

GLÓRIA A TI, que o progresso à mocidade
Semeias. E, com tua inteligência,
No apostolado da fraternidade,
Transmudas a ignorância na ciência,
Ensinas o dever e a lealdade.

GLÓRIA A TI, mestra humilde e ignorada,
Pela tua tarefa abençoada,
Pela tua missão de paz e amor!
GLÓRIA A TI, que pregaste à criançada,
O evangelho do Bem e do Labor!

MARLY GUIMARÃES FRÓES
(Professôra da Prefeitura do D. F.)

Índice Geral

PLANO DÊSTE LIVRO:

Introdução: A ESCOLA VIVA.

Parte I — O professor, sua personalidade, seus atributos.
Parte II — Metodologia geral (métodos, processos, modos e formas de ensino; A Escola Nova e os Métodos ativos).
Parte III — Metodologia especial (para o ensino de cada matéria).
Vocabulário de Pedagogia e Metodologia.
Bibliografia geral.

Págs.

Obras de Amaral Fontoura V
Dedicatória VII
Oração à Mestra IX
Índice Geral XI
Índice das *"Notas Práticas"* XV
Índice das figuras XVI

INTRODUÇÃO — A ESCOLA VIVA

A escola primária precisa ensinar a viver — Vivificando a escola normal — Descendo da teoria à prática — Métodos de ensino ativo — Para o seu fichário — Nota final 1

PARTE I — O PROFESSOR

CAPÍTULO I — O PROFESSOR, SUA PERSONALIDADE, SEUS ATRIBUTOS:

Que é ser professor — O professor e o educador — Requisitos do educador — Requisitos do professor — *"Fazei-vos amar e não temer"* — Você é bom professor? — Para o seu fichário — Tópicos para debate. Bibliografia especial 21

PARTE II — METODOLOGIA GERAL

CAPITULO II — METODO, FORMAS E MODOS DE ENSINO

O método, a metodologia e a Didática — Evolução dos métodos — "*A letra, com sangue, entra!*" — Classificação dos métodos — Diferença entre "processos", "formas" e "modos" — A difícil arte de perguntar — Os jogos, pesquisas, debates, experiências, dramatizações e instituições escolares são *formas de ensino* indispensáveis na atualidade — A "Educação Visual" — Plano de trabalho e plano de aula — Tópicos para debate — Bibliografia especial 15

CAPITULO III — A ESCOLA NOVA E OS METODOS ATIVOS

Que é "educação integral" — Revolução copernicíana — Vitalismo — A escola ativa — As escolas novas no mundo — Nem tanto ao mar, nem tanto à terra — Exemplo de projeto — Tópicos para debate — Bibliografia especial 93

PARTE III — METODOLOGIA ESPECIAL

CAPITULO IV — METODOLOGIA DA LINGUAGEM — 1.º) A LEITURA

Conceito, origem e natureza da linguagem — A criança e a linguagem — Os 250 mil vocábulos de nossa língua — 10 métodos diferentes para ensinar leitura — A "Festa do Livro" — Silabação, palavração ou sentenciação? — JOGOS E EXERCICIOS QUE O PROFESSOR PODE FAZER EM AULA — Tópicos para debate — Bibliografia especial 123

CAPITULO V — METODOLOGIA DA LINGUAGEM — 2.º) A ESCRITA

A escrita nos tempos primitivos; nós de corda e conchinhas — Os 250 mil caracteres da escrita chinesa — O imperador não sabia ler — "*Assinar de cruz*" — Processos do ensino da escrita — Aprendizagem da escrita junto à da leitura — "*Termômetro de letras*" — Problemas a resolver — Tópicos para debate — Bibliografia especial 211

CAPITULO VI — METODOLOGIA DA LINGUAGEM 3.º) GRAMATICA, LITERATURA, COMPOSIÇÃO

Nunca "ensinar Gramática" isoladamente — O valor do "Clube de Leitura" — Como fazer funcionar a "Biblioteca Escolar" — Importância do "Correio Escolar" — Tópicos para debate — Bibliografia especial 24

CAPÍTULO VII — METODOLOGIA DA MATEMÁTICA

Págs.

A Matemática e a nova Pedagogia — Psicologia da Aritmética — Partir da experiência da criança — O cálculo mental — Artifícios de cálculo — *Jogos e aparelhos que o mestre pode construir em aula* — Exercícios e problemas — "Problemas sem números" — Tópicos para debate — Bibliografia especial 273

CAPÍTULO VIII — METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Conceito de "Ciências Sociais" — Objetivos: dar "hábitos e atitudes" e não apenas "decorar" livros — Levar o aluno a "fazer coisas" — Aproveitamento do folc-lore — Uso de mapas, cartazes e álbuns — O tabuleiro de areia — O jornal mural — A História não é um catálogo de nomes — Funcionamento do "Centro Cívico" — A dramatização histórica — A Educação Doméstica e a Higiene — Ensinar a "cuidar da casa" — *Jogos que o professor pode fazer em aula* — Tópicos para debate — Bibliografia Especial. 327

CAPÍTULO IX — METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS NATURAIS

A criança se interessa pelo que é *vivo* e *concreto* — Desenvolver o amor à natureza — Como vivem os animais e as plantas — Levar a criança a colecionar — Como fazer um MUSEU VIVO — Importância e vida do Clube Agrícola — O material que o mestre pode construir na escola — *Experiências para serem feitas em classe* — Tópicos para debate — Bibliografia Especial. 395

CAPÍTULO X — METODOLOGIA DOS TRABALHOS MANUAIS E DO DESENHO

Os Trabalhos Manuais não são uma *matéria* a mais, mas servem a tôdas as matérias — Finalidade social e moral dos trabalhos manuais — Função democrática dos trabalhos manuais — Ligação do Desenho e dos Trabalhos Manuais com cada matéria — As "exposições de fim de ano" — Tópicos para debate — Bibliografia Especial 447

BIBLIOGRAFIA GERAL DE METODOLOGIA 483

ÍNDICE DAS "NOTAS PRÁTICAS"

N.º	ASSUNTO
	Introdução — A Escola Viva:
1.	Visitas e excursões
2.	Como fazer "pesquisas"
3.	Funcionamento dos Clubes Escolares
4.	Modêlo de ficha de assunto dado em aula
5.	Ficha de pesquisa sôbre um tópico para debate
6.	Confecção de álbuns.
	Capítulo I — O professor:
7.	O professor e seus atributos
8.	Sôbre a "Pedagogia do Amor"
9.	Os maiores educadores do mundo
10.	Pesquisa dos atributos do professor.
11.	Você é ou será bom professor?
	Capítulo II — Metodologia geral:
12.	Livros sôbre Método
13.	Correção da linguagem
14.	O plano de aula.
15.	Construção do material na escola
	Capítulo III — A escola nova:
16.	O estudo dirigido.
	Capítulo IV — Metodologia da leitura:
17.	Consulta ao vocabulário
18.	O prestígio da silabação
19.	As dificuldades da sentenciação
20.	Orientações metodológicas do INEP
21.	Para o método de contos
22.	O Flanelógrafo
22-A.	Jogos para aprendizagem da Linguagem
23.	Para o método da sentenciação
24.	Para o método da palavração
25.	Leitura em côro
26.	Testes de leitura silenciosa

N.º	ASSUNTO
	Capítulo V — Metodologia da Escrita:
27.	Aprendizagem da escrita
28.	Respeito à personalidade da criança
29.	Escala de escrita
30.	Como fazer ditado
31.	Exercício para melhorar a letra
	Capítulo VI — Composição e gramática:
32.	Descrição de gravuras
33.	Livros com gramática apensa à leitura
34.	Livros para a biblioteca do Clube
35.	Livros para o Clube de Leitura.
	Capítulo VIII — Ciências Sociais:
36.	Livros de viagem
37.	Orientação para desenvolvimento do programa
38.	Livros de folc-lore brasileiro
39.	Material para cartazes e álbuns
40.	Livros de história
41.	Monumentos
42.	Museus no Brasil
43.	Biografias de vultos célebres
44.	Orientação sôbre desenvolvimento do programa
45.	Quadros para a sala de aula
46.	Gravuras históricas
	Capítulo IX — Ciências Naturais:
47.	Orientação para o ensino de Ciências
48.	Material para álbuns e cartazes
49.	Orientação metodológica
50.	Livros sôbre Museus Escolares
51.	Livros sôbre Clube Agrícola
	Capítulo X — Trabalhos Manuais:
52.	Escolinhas de Arte
53.	Imprensa portátil
54.	Clubes Agrícolas.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

Fig.	Assunto	Pág.
1.	Esquema de um centro de interêsse	118
1-A.	Aparelho fonador	137
2.	Quadro mural para o método de palavração	180
3.	Jôgo de dominó	194
4.	Víspora de linguagem	197
5.	Quebra-cabeças de linguagem (I)	200
6.	Quebra-cabeças de linguagem (II)	201
7.	Palavras cruzadas de linguagem	202
8.	Corrida de cavalos	204
9.	Escrita chinesa, egípcia, etc.	220
10.	Exercícios musculares para aprendizagem da escrita	226
11.	"Termômetro de letras"	236
12.	O ábaco ou bolário	299
13.	Jôgo de dados	301
14.	Jôgo da Glória	302
15.	Corrida de automóveis	304
16.	Jôgo das bandeiras	306
17.	Dominó de contas	310
18	Dominó de frações	311

Fig.	Assunto
19.	Víspora de contas
20.	Desenvolvimento do ensin em círculos concêntricos
21.	Mapa de produções do Brasi
22.	Diagrama histórico
23.	Víspora geográfico (I)
24.	Víspora geográfico (II)
25.	Víspora em forma de map
26.	Reconstrução de gravura (mapa)
27.	Reconstrução de gravura (fatos históricos) — (I)
28.	Reconstrução de gravura (fatos históricos) — (II)
29.	Mapa mudo do Brasil
30.	Balança
31.	Lamparina
32.	Anel de Gravesande
33.	Telefone de barbante
34.	Altura do som
35.	Aquário
36.	Higroscópio
37.	Cineminha, visto de frent
38.	O mesmo, visto de fundo

Introdução

A ESCOLA VIVA

Ficha-resumo:

§§

1. **A escola primária precisa ensinar a viver** — Temos que educar o povo brasileiro — A escola está educando pouco — A vida escolar deve articular-se fortemente com a vida do aluno e do meio ambiente.

2. **Vivificando a escola normal** — Ligar a Escola Normal com a vida — A Normal como "Instituto de formação social" — "Acolher o novo sem desprezar fàcilmente o antigo" (PIO XI) — Palestras, excursões, pesquisas — É fazendo que se aprende a fazer — A vida dos Clubes.

3. **Descendo da teoria à prática** — Didática do Ensino Normal — Os "tópicos para debate" — Equipes e fichas — Organização do fichário — Como se faz uma ficha. — Organização de álbuns.

4. **Métodos de ensino ativo** — a) Método de conversação e discussão; b) Método de estudo dirigido; c) Método de exposição oral; d) Método de jôgo; e) Centros de interêsse e projetos. — Sua utilização com prudência e cautela — Dinamizar o Ensino Normal brasileiro.

4-A **Para o seu fichário** — Frases que convém guardar.

NOTA — Apreciação, crítica, consultas, pedidos de orientação serão sempre bem recebidos pelo autor.

Introdução

A ESCOLA VIVA

§ 1.º) A ESCOLA PRIMARIA PRECISA ENSINAR A VIVER

Todos sentem que o Brasil atravessa uma fase perigosa, delicadíssima, de sua existência. Vivemos em crise. Crise política, crise econômica, crise no comércio internacional, crise da família. Crise moral, acima de tudo. A educação, onde repercutem todos os fenômenos sociais (visto que ela própria é um fato social) não poderia deixar de sofrer essa crise.

Más o problema educacional é altamente complexo, porque se a educação, por um lado, sofre as conseqüências dessas desordens sociais, por outro lado ela tem que contribuir vigorosamente para ajudar o Brasil a sair dessa crise. A educação é o doente, que sofre com os erros alheios, mas é ao mesmo tempo o médico (ou pelo menos o enfermeiro) que vai ajudar a tratar da dença. Com efeito, não se aceita mais que "a educação opera milagres" nem que "a educação pode salvar o país". Mas sem dúvida ela pode cooperar para tal salvação.

A escola brasileira — e todos sentem isso — não está cumprindo eficazmente essa missão, de trabalhar pela recuperação e pelo progresso do homem brasileiro. Nossa escola dá instrução, *ensina*, mas pouco *educa*. Ora, se pretendermos *renovar o Brasil*, reforçar nossas estruturas morais, econômicas e sociais, criar melhores condições de vida para o nosso povo, evidentemente temos que *educar êsse povo*. E a escola está educando pouco.

Urge, portanto, fazer da escola, e principalmente a escola primária (pois no Brasil poucos são os jovens ue vão além do nível primário) uma instituição mais linâmica, mais variada e rica de experiências, mais igada à realidade, de tal forma que seus alunos saiam nais capacitados a compreender o mundo e o país, e trabalhar melhor, em benefício próprio e do pro-resso nacional.

A escola precisa estar muito mais profundamente rticulada com a vida. As próprias tarefas mínimas a escola primária — as de ensinar Linguagem, Mate-nática e Conhecimentos Gerais — precisam estar for-emente ligadas à vida do aluno e do meio ambiente. las a escola primária precisa ir muito mais além e rticular-se definitivamente com a vida social, econô-nica, cívica, política, religiosa e artística da nação. m uma palavra, nossa escola primária precisa *ensi-ar a viver*.

Ora, se o problema é melhorar o conteúdo da esco-a, enriquecê-lo, fazer a escola *viver*, então outro pro-lema surge imediatamente — o de preparar mestres apazes para realizarem aquela renovação na vida scolar. Muito se pode esperar da ação dos professôres rimários, por cujas mãos passam anualmente milhões le crianças brasileiras, desde que tais professôres re-ebam formação e preparo adequados à sua relevan-íssima missão.

Daí a alta responsabilidade de nossas Escolas Nor-nais — as escolas que formam tais professôres.

Podemos afirmar, também de forma geral, que as Escolas Normais brasileiras não estão indiferentes a essa responsabilidade. Sua boa vontade e dedicação é mensa. Faltam, às vêzes, é verdade, recursos mate-riais e humanos, para que melhor possam cumprir sua arefa. Faltam, muitas vêzes, orientação e assistência, rovenientes dos órgãos educacionais competentes, que auxiliem e facilitem a execução daqueles objetivos.

§ 2.º) VIVIFICANDO A ESCOLA NORMAL

Eis porque nos propusemos a escrever uma série de livros didáticos, especialmente destinados às Escolas Normais brasileiras, cobrindo todo campo do currículo normal, com o objetivo de *vivificar* o ensino pedagógico no país. Nossa "Biblioteca Didática Brasileira" é despretenciosa, modesta, pobre. Não pretendemos criar teorias nem doutrinas, mas expor, com simplicidade e clareza, o que existe de melhor, nesse sentido da renovação educacional.

a) LIGAR A ESCOLA NORMAL COM A VIDA. — Nosso desejo é apenas mostrar como se pode ensinar com mais ênfase, com mais colorido, com mais *vida* aquilo que já vem sendo de há muito ensinado. O lema dêstes nossos livros poderia ser aquele citado por PIO XI: *nom novum sed novi* — não cousas novas, mas de maneira nova. Vamos ver se podemos ensinar de maneira melhor. Se conseguimos tornar o ensino normal mais objetivo, mais ligado à vida.

Não pretendemos fazer *escola nova*, rompendo com tôdas as tradições seculares. Ainda aqui nos guiamos por PIO XI, quando diz: "*acolhendo, pois, o que é novo (o mestre) terá o cuidado de não abandonar fàcilmente o antigo, demonstrado bom e eficaz pela experiência dos séculos*". Nosso desejo é fazer uma síntese, aproveitando o que há de bom e certo tanto entre os "antigos" como entre os "novos".

Eis porque, em cada um dos capítulos desta "Metodologia", após darmos as doutrinas e os princípios que regem cada assunto e que são mais ou menos "clássicos", apresentamos a "modernização", através de experiências, construção de aparelhos, jogos educativos; normas para a organização de "Instituições Escolares", sugestões para excursões; indicações para fazer um Museu bem vivo e um Clube de Leitura dinâmico; tópicos para debate em classe e, finalmente, bibliografia

já selecionada, que permita a pesquisa dos alunos na Biblioteca e a realização do "estudo dirigido".

b) A ESCOLA NORMAL COMO INSTITUTO DE FORMAÇÃO SOCIAL. — Nessa altura seja-nos lícito, lembrar que também as Escolas Normais poderão, talvez (aquelas que ainda não o fizeram) dar um pouco mais de vivacidade, não só ao seu currículo, mediante o desenvolvimento dos *métodos* ativos, como, em certos casos, à sua própria estrutura, experimentando cautelosamente, processos mais sociais.

A escola normal, diz KERSCHENSTEINER, "deve ser fundamentalmente um acervo social, uma comunidade de vida e de trabalho"... E adiante: um centro de preparação pedagógica deve ser um "*seminário pedagógico*". A palavra *seminário* está aí empregada no seu verdadeiro sentido, de *viveiro*, casa onde se preparam novos sêres. "O que caracteriza, principalmente, a Escola Normal, não é a organização de seu plano de ensino, mas sim o seu *espírito social*, a sua vida interna, pela qual se sentem recìprocamente unidos professôres e alunos. Sòmente a comunidade de vida e de trabalho é que pode transformar uma escola em *instituto de formação social*.

c) PALESTRAS, EXCURSÕES, PESQUISAS. — A Escola Normal precisa tomar conhecimento dos problemas econômicos, sociais e políticos, do seu meio e da sua época. O professor primário, que dela vai sair, e que deverá possuir cultura geral variada, tem que *estar em dia* com tais problemas (pelo menos em suas linhas gerais), pois êle vai ser, precisa ser um *líder social*, capaz de influenciar benèficamente a comunidade e de colaborar no seu progresso.

Assim é aconselhável que a Escola Normal, através de palestras, conferências e seminários, leve para o seu seio homens conhecedores de cada grande problema, que aí o debata com os alunos. Outrossim, por

meio de visitas e excursões, a Escola poderá conhecer *in-loco* muitos dos aspectos da vida social e dos assuntos palpitantes da época (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 1).

Com o objetivo de *levar a vida para dentro da Escola*, de integrar os alunos na realidade da vida que os cerca e de ensiná-los a compreender e analisar essa realidade, são altamente aconselháveis as *pesquisas sociais*, que aliás, despertam enorme interêsse entre os jovens (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 2).

NOTA PRÁTICA N.º 1

Visitas e excursões

Começa a ser compreendida a enorme vantagem da **excursão pedagógica.** Algumas escolas de ensino militar, no Brasil, já realizam ordinàriamente tais excursões como parte integrante de seu currículo. Mas no ensino normal brasileiro também já se inicia êsse salutar movimento. Ocorre-nos lembrar que recentemente a **Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário** (em Minas Gerais) organizou proveitosa excursão, descendo o rio São Francisco, durante vários dias, num célebre "gaiola" (vaporzinho fluvial). Tivemos em mãos os magníficos álbuns, confeccionados pelos normalistas, na volta, documentando essa excursão, que não foi apenas uma aula, mas lhes forneceu **uma nova visão do Brasil!**

NOTA PRÁTICA N.º 2

Como fazer pesquisas

Exemplo de pesquisa magnífica foi a realizada pela Escola Normal "Sagrado Coração de Jesus", da cidade de Araguari (Minas Gerais), sob a direção das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. As normalistas fizeram um interessante "levantamento da comunidade", incluindo as características físicas, sociais, econômicas, administrativas, morais e religiosas da cidade. A pesquisa foi baseada no "roteiro" traçado em nossa "Sociologia Educacional" (volume 2.º da "Biblioteca Didática Brasileira", Editôra Aurora, Rio 6.ª edição, 1959), que aliás apresenta "roteiros" para a realização de 18 diferentes pesquisas sociais.

d) É FAZENDO QUE SE APRENDE A FAZER. — Em nossa longa experiência na supervisão da educação primária, temos verificado que não basta o Inspetor ou Técnico dizer à professôra: modernize suas aulas; faça cartazes álbuns e fichas; habitue os meninos a lerem na Biblioteca; organize um museu; desenvolva as Instituições Sociais e os Clubes entre os meninos; multiplique os trabalhos manuais, organize excursões, construa jogos educativos, ornamente a sala de aula, etc., etc.

De regra geral, honra é dizê-lo, os esforçados professôres primários querem fazê-lo, aceitam imediatamente nossas sugestões mas sentem terrível dificuldade em realizar essas iniciativas, exatamente porque... não aprenderam isso na Escola Normal. Precisamos, portanto, aproveitar também a inigualável boa vontade dos professôres das Escolas Normais a fim de treinar as normalistas, os futuros mestres, a fazerem, desde logo, aquelas cousas que deverão fazer, depois, à frente de suas classes primárias.

e) VIDA DOS CLUBES. — Assume extraordinária importância a existência dos *clubes* e *associações* na Escola Normal, formados e dirigidos pelos próprios alunos sob a orientação segura e constante, porém não ostensiva, do professor. Os clubes podem ser dos mais variados assuntos: Clube Agrícola — Clube de Leitura — Clube dos Amigos da Naturega — Clube de Psicologia — Clube de Sociologia — Clube de Meteorologia, etc.

O clube será simplesmente uma oportunidade para se estudarem os assuntos mais à vontade, sem subordinação a um programa rígido. E o simples fato de ser um "clube" enche os jovens de satisfação, além de lhes proporcionar as vantagens da vida social, de aprenderem a dirigir reuniões, discutir pontos de vista, respeitar a opinião alheia, deixar os outros falarem,

realizar eleições, etc., etc. (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 3).

§ 3.º DESCENDO DA TEORIA A PRATICA

a) DIDÁTICA DO ENSINO NORMAL. — Queremos agora especialmente conversar, aqui em particular, com êsses abnegados professôres do Ensino Normal.

Nenhum professor digno dêsse nome pode limitar-se, hoje em dia, a *dar a matéria, a fazer preleções*, nem muito menos, (oh Santo Deus!) a *ditar pontos* com perguntas e respostas já prontas, para o aluno decorar!

É fundamental, é absolutamente indispensável que o professor faça seus alunos trabalharem, pesquisarem, discutirem, apresentarem relatórios e fichas.

Para êsse fim, nossa "Metodologia" apresenta, ao término de cada capítulo uma série de *tópicos para*

NOTA PRÁTICA N.º 3

Funcionamento dos Clubes

Assistimos a uma sessão do "Clube de Psicologia", certa tarde, na Escola Normal Rural da Fazenda do Rosário, em Minas. A aluna-presidente abriu a sessão e passou a palavra à aluna-secretária, que leu a ata relatando o que se fêz na reunião anterior. A presidente passou, em seguida, a palavra a três diferentes alunas que leram trabalhos sôbre Claparède, Decroly e Montessori. Finalmente fêz-se uma "mesa-redonda" (da qual participamos) sôbre as "vantagens e desvantagens do método de Centros de Interêsse". Depois as alunas mostraram álbuns sôbre assuntos de Pedagogia, por elas confeccionados, bem como quadros e cartazes sôbre Educação, que adornam as paredes da sala.

Note-se que não temos predileção por esta ou aquela Escola Normal, apenas publicamos fatos que são de nosso conhecimento. Teremos o máximo prazer em publicar outros fatos, outras notícias que nos forem enviadas, a respeito de realizações das Escolas Normais brasileiras, dentro dêsse espírito de **vivificação** e **dinamização** do ensino pedagógico, pelo qual tanto nos batemos.

debate, em aula, entre os alunos, ou para que êstes apresentem trabalhos escritos e fichas a respeito. Tais trabalhos devem muitas vêzes ser feitos *em equipe*, para o aluno formar "espírito de grupo", aprender a trabalhar em conjunto, desenvolver o sentimento de solidariedade social, qualidades tão pouco cultivadas na juventude brasileira.

b) EQUIPES E FICHAS. — Devemos ensinar os alunos, no *trabalho de equipe*, a dividirem a tarefa, esforçarem-se igualmente a fazerem, afinal, um trabalho de síntese das várias tarefas parciais, dando-lhes unidade.

Os membros de cada *equipe serão escolhidos livremente* pelos próprios alunos. A equipe tomará um assunto para pesquisar, e, dentro do assunto, como dissemos, cada aluno se incumbirá de uma parte do mesmo. Por exemplo: cada membro da equipe se incumbirá de ler a matéria num livro diferente, na Biblioteca da escola, dentre os prèviamente apontados pelo professor, como tratando melhor do assunto. Em seguida cada membro da equipe escreverá uma ficha, resumindo a parte que lhe coube.

O trabalho final consistirá em reunir os vários trabalhos parciais, as várias fichas. O ideal será a equipe designar um "relator" ou "coordenador", o qual se incumbirá dessa tarefa, dando unidade e apresentando sob forma harmônica o material colhido nas fichas confeccionadas pelos colegas de equipe.

A forma de trabalho é a mais flexível possível: a equipe pode contar com 3 a 5 membros; pode ter ou não um "chefe"; podem os membros trabalhar ao mesmo tempo, ou separadamente; a duração do trabalho pode ser de uma hora ou de uma semana. Pelo menos de dois em dois meses o aluno deve apresentar um trabalho, como membro de uma equipe. É conveniente que, de vez em quando, a constituição das equipes seja modificada, com a saída de uns alunos

e a entrada de outros, para que tôda a turma possa conhecer-se melhor.

Exemplo de trabalho em equipe: o professor sugere que a equipe "A" faça uma pesquisa sôbre o tema "Métodos de aprendizagem da leitura"; um de seus membros vai ler o assunto nos livros de BUDIN, "Metodologia da Linguagem" e ORLANDO CARNEIRO, "Metodologia de Linguagem"; outro aluno pesquisa FIRMINO COSTA, "Como ensinar Linguagem" e MARY PENNEL, "Como se ensina a Leitura"; um terceiro estuda DOREST, "Metodologia da Leitura"; um quarto, que tenha mais facilidade para entender espanhol, lerá FORGIONE, "La Lectura y la Escritura"; e o quinto aluno fará, afinal, a síntese do trabalho, unindo, dando continuidade e conclusão às fichas resultantes das pesquisas daqueles seus colegas.

Para mostrar a flexibilidade dêsse método de trabalho, indicaremos outro caminho: o primeiro aluno lerá todos os citados livros para pesquisar o "método alfabético"; o segundo da mesma forma em todos os compêndios estudará o "método da silabação", o terceiro, o "método da palavração"; o quarto, os "métodos de sentenciação e contos"; o quinto fará o relatório final, baseado nas fichas apresentadas pelos colegas.

c) ORGANIZAÇÃO DO FICHÁRIO. — Temos dito que os alunos devem *fazer fichas* de leitura e de pesquisa. Mas deverão fazê-lo também a respeito dos assuntos dados em aula. Cada ficha será o resumo de um assunto dado pelo professor em classe, sendo em cada aula escolhido o aluno que se incumbirá de confeccioná-la, de maneira que todos trabalharão e ninguém ficará sobrecarregado. À primeira vista parece essa tarefa fora da capacidade dos jovens. Mas se nos lembrarmos que *todos êles* tomam apontamentos de *todos* os assuntos diários, veremos que não é difícil que *um* dêles, além do seu trabalho individual, faça também um para o fichário da Escola.

A própria maneira de tomar os apontamentos poderia ser transformada em ficha individual, de forma que ao fim do ano, em vez de possuir uma série de "cadernos de rascunho", só lidos até a véspera do exame, os jovens teriam cada qual o seu fichário individual, classificado por assuntos, fichário que lhe será da maior utilidade durante tôda sua existência como professor (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 4).

O fichário individual poderá ser indefinidamente aumentado reunindo resumos sôbre todo e qualquer assunto que vá surgindo na vida diária do professor, inclusive e principalmente sôbre os assuntos das aulas que fôr ministrar. As fichas conterão não só o que a pessoa *escrever*, mas também o que *ler* e *escutar* (recor-

---

NOTA PRÁTICA N.º 4

Modêlo de ficha de assunto dado em aula

A CRIANÇA E A LINGUAGEM

1. **Fases do desenvolvimento da linguagem** — Seus 3 estágios: grito-instintivo, grito-sinal e palavra. Na criança: de 0 a 6 meses — grito instintivo. De 6 a 8 meses: grito-sinal ou grito intencional. De 8 a 12 meses: balbucio. A partir de 1 ano: palavra. De 1 a 2 anos: palavra-frase. De 2 a 3 anos: início do vocabulário social. De 3 a 4 anos: idade perguntadora (relações: fase dos "porquês"). Aos 7 anos: linguagem completa.
2. **Vocabulário infantil** — Aos 2½ anos: 360 palavras. Aos 7 anos: 1.700 palavras (experiência de Pernambuco). 3.000 palavras (experiência belga).
3. **Enriquecimento do vocabulário** — Processos: 1) Palestra livre do mestre com as crianças. 2) Composição oral (contar histórias infantis). 3) Decoração de poesias. 4) Dramatizações. 5) Jogos educativos.
4. **Início da leitura** — Mais ou menos aos 7 anos. Verificação prévia da maturidade, pelos testes ABC.

tes de jornais e revistas, frases célebres, conselhos, dados estatísticos, etc.).

As fichas serão de cartolina branca, pautada, sendo preferível o tamanho 13 × 20 cm. (As papelarias já as vendem prontas, aos centos.) Quanto ao fichário, quer o da Escola Normal, quer o do aluno, pde ser feito em caixa de madeira ou de papelão, não sendo necessário os custosos fichários de aço.

É interessante notar que *todos* os assuntos podem ser colecionados e arquivados em forma de ficha: desde Psicologia e Matemática até Esportes, Cinema, Receitas de doce e Endereços de pessoas conhecidas, o que elimina dezenas de cadernos e centenas de papèizinhos (que quando precisamos nunca sabemos onde guardamos). É bastante que na caixa de papelão ou caixotinho coloquemos umas *fichas-guia,* um pouco mais altas que as demais, com a indicação do nome do assunto.

As frases célebres constituem material de alto valor educativo, servindo para meditação e roteiro de vida, bem como para assunto de aula, comentário, etc., desde que introduzidas mediante motivação adequada. Há *frases sínteses* que têm o condão de reunir uma página inteira em 4 ou 5 palavras. Exemplo: a célebre frase de DOM BOSCO:

> *"A escola deve ter muito do lar, um pouco do templo e nada do quartel."*

Essa frase, por si só, resume 4 ou 6 páginas de Pedagogia!

No fim desta Introdução oferecemos uma série de frases para o fichário do futuro professor.

d) COMO SE FAZ UMA FICHA. — Em geral (mas não obrigatòriamente) o assunto na ficha é dividido em parágrafos. Por exemplo: as fichas sôbre os "tópicos para debate" que oferecemos, no fim de cada

capítulo dêste livro, podem ser divididas em 3 parágrafos: *Introdução* — *Desenvolvimento* — *Conclusão*. Tudo isso deve caber nas 32 linhas da ficha. Mas é claro que determinados "tópicos para debate" gastarão apenas 10 linhas e outros se estenderão por 10 fichas, como o citado exemplo do trabalho sôbre "métodos de leitura" (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 5).

e) ORGANIZAÇÃO DE ÁLBUNS. — Outra iniciativa de real valor, que a Escola Normal deve desenvolver bastante é a confecção de álbuns pelos seus alunos. Há dois tipos de álbuns: os sôbre as matérias do currículo e os destinados à escola primária.

Os álbuns do primeiro tipo podem ser sôbre Psicologia, Sociologia, Metodologia, História da Educação, etc. Nêles o aluno colecionará tudo que fôr encontrando de interessante sôbre a matéria: recortes de jornais — páginas de revista — retratos — gravuras

---

NOTA PRÁTICA N.º 5

Ficha de pesquisa sôbre um tópico para debate

— DEVE HAVER AULA DE DITADO?

Introdução — A escola antiga usava largamente o ditado, como processo para as crianças aprenderem ortografia. A escola nova condena o ditado como artifical e inútil.

Desenvolvimento — O ditado, feito automàticamente, sem "motivação", não desperta nenhum interêsse do aluno. Sem interêsse, dificilmente, ou nunca, existe aprendizagem. Logo, tal tipo de ditado é inútil. Além disso rouba imenso tempo da professôra, obrigada a ler 40 cadernos e escrever as palavras que o menino errou. Depois o aluno vai "escrever 10 vêzes cada palavra que errou", naturalmente de má vonade.

Conclusão — Pode haver ditado, se fôr bem **motivado, sôbre** assunto que esteja sendo tratado em aula e interessando aos alunos. O professor deve ler prèviamente o texto a dictar e comentá-lo; perguntar sinônimos e antônimos. O erros devem ser apenas assinalados pelo mestre, para que o aluno tenha a iniciativa de procurar a forma certa no "Vocabulário".

— fotografias de excursões relativas à matéria — trabalhos feitos pelo aluno ou pela equipe, (prèviamente passados para fôlhas de papel almaço, manuscritos ou de preferência datilografados), etc., etc. Tais álbuns constituirão o documentário vivo do que ocorreu em cada cadeira, durante o ano.

Os álbuns do segundo tipo se destinam a dar orientação para o futuro professor organizar idêntica iniciativa nas suas classes primárias. Servem apenas como "roteiro", como "treino" nessa tarefa. Podem ser feitos individualmente ou em equipe. Sua confecção durará uma semana ou seis meses, ou será permanente; cada vez que novo "documento" fôr descoberto, será imediatamente levado para o álbum respectivo (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 6).

— Quem tomará a direção dêsse trabalho? Nos álbuns do primeiro tipo, cada professor orientará a confecção dos referentes à sua matéria. Quanto aos álbuns do segundo tipo, poderão ser supervisionados pelo professor da matéria mais afim, ou pelo professor de Metodologia ou de Prática de Ensino, ou por uma comissão de três professôres que se interessem mais de perto pela Pedagogia Renovada.

NOTA PRÁTICA N.º 6

Confecção de álbuns

Há milhares de motivos que podem ser aproveitados para a confecção de um álbum, como por exemplo: "Os escravos" — "Siderurgia" — "Aspectos da Vida de Jesus" — "Nossa Senhora na Geografia do Brasil" — "Homens célebres" — "O vestuário e as modas antigas" — "Trabalho e progresso de nossa cidade" — "O Brasil no século 19" — "As mais belas lendas" — "História dos transportes" — "Dia da Criança" "Dia das Mães" — "Hortas" — "Alimentação", etc., etc.

O álbum é constituído de fôlhas de cartolina (ou de papel grosso, até papel pardo de embrulho serve), tamanho 33 x 22 cm; as fôlhas são móveis, furadas e prêsas por grampos, podendo ser retiradas à vontade.

§ 4.º) MÉTODOS DE ENSINO ATIVO

A aula "expositiva" do professor, na Escola Normal, se tornará mais eficiente ainda se fôr alterada e completada por outros métodos de ensino, abaixo sugeridos. Naturalmente não preconizamos reformas violentas nem alterações bruscas. Com prudência e tato pode o professor ir aos poucos experimentando alguns dos processos indicados. Talvez uns dêem resultado, outros não. O mestre desprezará êstes e aproveitará aquêles, introduzindo as modificações que sua experiência indicar. Tudo com ponderação e base na experiência.

a) *Método de conversação e discussão*. — Consiste em conversar com os alunos, sôbre o assunto determinado, fazendo-lhes perguntas e estimulando-os para que êles também perguntem ao professor. A aula se transforma num vivo diálogo entre o professor e os alunos. A *discussão* ou *debate* já prevê um estudo prévio do assunto pelos alunos, que em seguida exporão seus pontos de vista. Sempre que possível, o professor *levanta um problema*, para que se formem dois grupos: pró e contra. Exemplo: "deve ser preferido o ensino da leitura pela silabação ou pelo método analítico?"

b) *Método de estudo dirigido*. — O mestre formula problemas, passa tarefas (como, por exemplo, os *tópicos para debate*, que apresentamos ao fim de cada capítulo dêste livro) e os alunos se desempenham trabalhando, fora da hora de aula ou durante a mesma, procurando resolver a questão através da pesquisa em livros, revistas, jornais e o restante material que a escola possua. O professor *dirige* as pesquisas do aluno; daí o nome do método.

c) *Método de exposição oral*. — O autor dêste livro tem conseguido ótimos resultados com seus alunos

de Escola Normal através do método das *aulinhas*: numa primeira aula expõe o assunto, discute, faz diálogo; em seguida solicita que dois ou três alunos se incumbam, no próximo dia, de *devolver a aula;* isto é, êsses alunos é que vão *dar a aula* sôbre o assunto durante um, dois ou cinco minutos. Cada menino escalado dá uma *aulinha* sôbre determinado aspecto da aula anteriormente dada pelo professor. Êsse método é uma "exposição oral" de novo tipo, que o aluno faz com grande encantamento. Para dar maior realidade, o professor convida o aluno a sentar-se na cátedra, enquanto êle, o mestre, se senta entre os meninos. Podemos garantir, por experiência própria, que êsse método desperta o maior interêsse possível entre os educandos. Naturalmente compete ao professor estar atento e intervir assim que fôr necessário, para esclarecer, corrigir ou impedir a desordem.

d) *Método de jôgo.* — Consiste em organizar *jogos educativos* que não só podem servir para ensinar cousas novas, como também para verificar a aprendizagem de cousas já ensinadas. É enorme o interêsse que desperta o *jôgo* entre os alunos: qualquer assunto do programa, transformado num jôgo, entusiasma, atrai e encanta os alunos. Aliás não são só os jovens que apreciam o jôgo, mas a humanidade inteira. — Que outra atividade humana atrai milhões de homens, aciona jornais, revistas e estações de rádio, movimenta milhões de cruzeiros, eletriza as massas humanas senão o *esporte*? Que é o esporte senão um jôgo? Por que temer introduzir o jôgo como método pedagógico? O perigo é *abusar* dos jogos pedagógicos, é transformar o ensino sistemàticamente em jôgo. Êste deve ser uma das *formas* usadas pelo mestre, no meio de tôdas as outras. No decorrer dêste volume apresentamos dezenas de jogos educativos, que podem ser aproveitados pelos professôres, ou servir de sugestão para a organização de outros.

e) *Centros de interêsse e projetos.* — O método de DECROLY (centros de interêsse) e o de DEWEY (projetos) podem com muito proveito ser experimentados pelos professôres das Escolas Normais em suas aulas. Para não alongarmos aqui o assunto, remetemos o leitor ao capítulo III, onde longamente apresentamos êsses métodos, com indicações práticas para sua execução.

*

A aplicação gradativa e cautelosa dêsses métodos até aqui citados, bem como dos recursos pedagógicos já enumerados (pesquisa — trabalho em equipe — fichas — álbuns — excursões — palestras — debates — clubes — dramatizações, etc.), farão com que os alunos se sintam muito mais atraídos pelas aulas, facilitando assim o trabalho dos mestres. Criarão um clima de maior entendimento entre uns e outros, tornando os professôres mais felizes, por se sentirem mais compreendidos por seus discípulos. E, acima de tudo concorrerão decisivamente para *vivificar* e *dinamizar* o Ensino Normal brasileiro, sem que êste nada pêrca de sua alta nobreza e dignidade.

§ 4.º-A) PARA O SEU FICHÁRIO

Frases que merecem ser guardadas

1. "Quando educardes uma criança, pensai na eternidade." (RENÉ BETHLEM)
2. "Perdoa as dificuldades pelas bênçãos que trazem."
3. "A escola deve ter muito do lar, um pouco do templo e nada do quartel." (DOM BOSCO)
4. Educar é formar a personalidade.

5. A educação ou é integral ou não é educação.

6. Educar é cuidar dos 4-H: *head* (cabeça), *heart* (sentimento, caráter), *hand* (atividades manuais), *health* (saúde).

7. "Sem a luta e sem o sacrifício não conseguiríamos medir o alcance de nosso ideal."

8. "Só é útil o conhecimento que nos faz melhores." (SÓCRATES)

9. "O obstáculo é o amigo invisível que nos alerta o entendimento, habilitando-nos para a visão mais clara dos acontecimentos e das cousas."

10. "Queremos a escola da vida para a vida pela vida." (DECROLY)

*

O autor dêste livro se sentirá também muito feliz se os diretores e professôres de Escola Normal lhe escreverem, fazendo consultas sôbre os assuntos aqui expostos, ou enviando sugestões e críticas. Estas últimas serão igualmente bem recebidas e o ponto criticado será reestudado, pois nosso desejo é um só: — *servir, da melhor maneira possível, à educação brasileira.*

Outrossim, estamos sempre à disposição das Escolas Normais e seus professôres para orientá-los a respeito do equipamento destinado a tornar *ativas* as aulas (livros — jogos — revistas — material de ensino — sugestões para realização de pesquisas, etc.).

Gostaremos de receber notícias de trabalhos realizados pelos professôres em suas escolas, com base em sugestões que apresentamos (sôbre jogos, experi-

ências, clubes, atividades da turma, etc.), que com prazer mencionaremos nas próximas edições, para servir de exemplo a uns e estímulo a outros.

*

Antes de terminar esta Introdução, queremos aqui deixar externado os nossos mais sinceros agradecimentos às ilustradas colegas que enriqueceram êste livro com trabalhos de sua autoria, indicação de jogos pedagógicos, sugestões e esclarecimentos preciosos: Alaíde Alves Ferreira — Alzira Pereira — Cinira de Vito Luca — Dinara Leite — Dulce Ferreira de Abreu — Heloísa Raposo Corrêa Lage — Juraci Silveira — Maria Helena Joeira Pinto — Marli Guimarães Fróes — Yolanda Betim Pais Leme e Zuleima Oliveira Faria.

PROF. AMARAL FONTOURA

Enderêço do autor:
Rua Silveira Martins, 76-A, apt.º 5
Flamengo — RIO, D.F.

PARTE I

O PROFESSOR

CAPÍTULO I

O Professor, sua Personalidade, seus atributos

Ficha-resumo:

§§

5. **Que é ser professor** — É ser idealista, não ter grandes ambições materiais, trabalhar **pelos outros**, pela felicidade alheia. Só há ensino quando há aprendizagem. Se os alunos não aprenderam, o professor não é bom.

6. **Professor e educador** — Educar é formar a personalidade. "Formar" é mais importante que "informar". A conduta vale mais que os conhecimentos. Os 4-H: Head, Heart, Health, Hand. A educação ou é integral ou não é educação.

7. **Requisitos do educador** — a) Importância da vocação; b) Amor ao próximo; c) Tato pedagógico; d) Capacidade de compreender; e) Capacidade de formar o caráter; f) Educar é amar; g) DOM BOSCO e a "Pedagogia do Amor"; h) Importância da alegria.

8. **Requisitos do professor** — a) Pesquisa americana; b) Estudo brasileiro; c) Requisitos segundo AGUAYO: um homem inteligente e educado, possuindo certas qualidades e disposições, com um sólido preparo profissional.

8-A **Ficha de avaliação do professor** (organizada por **Amaral Fontoura**).

I) **Qualidades físicas:** saúde — audição — olhar — voz — porte — vestuário:

Ficha-resumo (conclusão):

§§

II) **Qualidades intelectuais:** inteligência — tato — bom senso — capacidade didática — conhecimento da língua — conhecimento da matéria — espírito de liderança — clareza — cultura geral.

III) **Qualidades morais:** espírito religioso — idealismo — amor à criança — bondade — espírito de justiça — boa conduta moral — entusiasmo — companheirismo — alegria — bom humor — auto-domínio — paciência — espírito renovador — cortesia — finura — disciplina — obediência.

8-B **Para o seu fichário:** Frases que merecem ser guardadas.

8-C Tópicos para debate em classe.

8-D Bibliografia especial para êste capítulo.

Capítulo I

O PROFESSOR, SUA PERSONALIDADE, SEUS ATRIBUTOS

§ 5.º) QUE É SER PROFESSOR

a) A VOCAÇÃO. — Cada profissão exige certas qualidades, dos indivíduos que a exercem. Claro que cada pessoa acha "a sua" profissão uma das mais difíceis de ser desempenhada. Basta conversar com um médico ou um vendedor de rua, com um policial ou um operário e ver-se-á cada qual afirmar que "não é qualquer um que pode abraçar esta profissão, não senhor".

E todos têm razão: cada ofício apresenta seus segredos e dificuldades. "É preciso ter jeito", como diz o povo, para realizá-lo a contento. Faz-se mister a *vocação*, dizem os técnicos.

Talvez não haja, no entanto, no mundo, profissão que mais exija *vocação* do que a de professor. E talvez não exista nenhuma profissão onde menos se haja exigido que o candidato tenha essa *vocação!*

b) SEM AMBIÇÕES. — Ser professor é preliminarmente, não possuir grandes ambições materiais, porque o magistério, em todo mundo é uma carreira mal remunerada, sobretudo o magistério primário (salvo raríssimas exceções).

c) IDEALISMO. — Ser professor, em primeiro lugar, portanto, é ser *idealista*, é estar disposto a viver por um ideal. E que alto ideal: o de trabalhar pelo bem da infância, pela felicidade alheia. Ser professor é trabalhar pelo engrandecimento da Pátria brasileira!

d) DIDÁTICA. — Em segundo lugar, ser professor não é apenas conhecer a matéria a lecionar: antigamente se acreditava que um bom geógrafo seria bom professor de Geografia, que todo engenheiro lecionaria bem matemática, que todo padre dava um bom professor de latim... Não. Acima de tudo, ser professor é saber *transmitir*, é saber ensinar, é saber despertar o interêsse de seus alunos pela matéria, é saber tornar suas aulas atraentes. É ter método de trabalho, saber dosar a matéria, explicar de tal maneira que todos entendam. A isso tudo é que se chama *ter didática*, ser *didático*. Se o professor não possui tal capacidade, êle não é *professor*. Pode lecionar, sim, mas não merece o título de professor. (Vide o que dizemos também no § 9.º, f.)

e) ENSINO E APRENDIZAGEM. — "João é bom professor. Os alunos não aprendem porque são vadios mesmo". Esta frase é completamente falsa; seria o mesmo que dizer: "Fulano é bom motorista, só não consegue é guiar bem um carro". Se o professor não *ensina bem*, não é professor. E como sabemos se êle ensina bem? Pelos resultados que alcança, pelo preparo de seus alunos. Pela aprendizagem da turma a seu cargo. Se um aluno ou dois, na turma, não aprenderam, a culpa pode ser dêles, ou não ser de ninguém: ser da natureza, que não lhes deu inteligência suficiente... Mas se a maioria não aprende, então não há dúvida nenhuma de que é o professor que não sabe interessar seus alunos, que não sabe ensinar. Se os alunos não *aprendem*, o professor não é professor. Em suma: só há *ensino* quando há *aprendizagem*.

§ 6.º) PROFESSOR E EDUCADOR

a) QUE É EDUCADOR. — A diferença entre *professor* e *educador* não deverá existir. Todo professor

deverá ser um educador. Quando a Educação tiver atingido regular grau de perfeição, não haverá diferença entre professor e educador. *Educador* é aquêle que educa. E como veremos no capítulo seguinte, educar não é ensinar: é formar a *personalidade* do aluno. Educar é preparar o indivíduo *integralmente* para a vida: preparar-lhe o corpo e o intelecto, o cérebro e o coração, e ainda, prepará-lo para viver em sociedade, para ser um membro da grande sociedade humana, e, especialmente, para ser útil à sua comunidade e à sua Pátria.

No entanto, salientemos que essa "preparação para a vida" não se faz em separado da própria vida. O fenômeno educativo não é como uma viagem, por exemplo em que preparamos a bagagem hoje para viajar amanhã. A vida é uma viagem constante, desde o dia em que nascemos, em direção a objetivos que só Deus sabe. E temos que nos preparar enquanto viajamos.

Em outras palavras: a educação é inseparável da vida. Não podemos nos educar hoje para viver amanhã. Educação é vida. A educação se faz através da vida. (Vide "Vitalismo na educação", § 20, letra d.)

b) CONHECIMENTO E CONDUTA. — O educador cuida da *alma* do aluno. Preocupa-se mais em "formar a personalidade" do que em "transmitir conhecimentos". Em outras palavras, *formar* é mais necessário que *informar*. Aquilo que *somos* é muito mais importante do que aquilo que *sabemos*. Podemos *saber* muita cousa, Português, Matemática, Ciências, e não sabermos *usar* essa instrução. Ou, o que é pior, usá-la mal. O indivíduo pode possuir muitos conhecimentos e ter uma conduta má, reprovável, na vida com os seus semelhantes. A *conduta* vale mais que os *conhecimentos*.

c) OS 4-H — O ideal, evidentemente, é que haja um desenvolvimento harmônico do indivíduo, que êle

tenha bons conhecimentos (ou boa *instrução*, como se diz) e boa conduta. Por isso, a definição de educação sempre se refere à educação *integral*. Os americanos dizem que "educar é formar os 4-H" (os 4-H são as iniciais das palavras *head — heart — health — hand*, ou seja, cabeça, coração saúde, mão). Isso significa que a educação deve cuidar do *cérebro* (preparo intelectual, instrução, ensino), do *coração* (formação dos sentimentos, caráter, conduta), da *saúde* (cuidados com o corpo, alimentação, higiene) e da *mão* (desenvolver o gôsto pelo trabalho; cuidar muito dos trabalhos manuais, das atividades de campo e de oficina).

O educador, portanto, é aquêle que cuida de todos êsses aspectos da vida do aluno. Não esqueçamos jamais esta afirmação:

A educação ou é integral ou não é educação.

Ora, tenhamos a coragem de ser sinceros e verdadeiros: no estado atual da educação no Brasil, ainda é muito difícil fazer de cada professor um educador. Faltam recursos para educar, faltam muitas escolas e falta material para as escolas existentes. Falta apoio moral e administrativo para a obra do educador. Faltam professôres formados em número suficiente, isto é, professôres que tenham os requisitos necessários para serem educadores. Basta lembrar que dos 150.000 professôres primários (*) em exercício no país, 40 %, ou sejam 60.000 não são preparados para a profissão, não têm nem curso primário completo!

Vamos, portanto, contentar-nos em desejar que, por enquanto, os professôres sejam apenas *bons professôres*, e, é claro, *educadores* também, sempre que fôr possível.

(*) Dados do "Anuário Estatístico do Brasil", Ano de 1953.

§ 7.º) REQUISITOS DO EDUCADOR

Quais serão os requisitos necessários para que o indivíduo possa ser bom educador? Muito se tem escrito, para responder a essa pergunta, desde o clássico livro de KERSCHENSTEINER, "El Alma del Educador" até o recente volume de BACKHEUSER, "O Professor" (vide abaixo "Nota Prática" n.º 7).

a) IMPORTÂNCIA DA VOCAÇÃO. — O grande pedagogo KERSCHENSTEINER (1854/1932), cuja obra resumimos a seguir, começa por salientar a importância da *vocação*, na carreira do professor, mostrando que o indivíduo cuja estrutura psíquica não possuir determinados traços, jamais deverá seguir essa carreira: êle não será bom professor nem que o queira, visto que não depende dêle, mas do seu temperamento, da sua constituição psíquica, elementos que estão completamente fora do seu contrôle.

b) AMOR AO PRÓXIMO. — As "condições prévias" para que o indivíduo possa ser educador são a *simpatia e inclinação pelo homem*, isto é, a capacidade de gostar da humanidade. "Quem não saiba viver em

---

NOTA PRÁTOCA N.º 7

O professor e seus atributos

Para que o leitor possa estudar melhor êsse problema — "O professor e seus atributos" — recomendamos a leitura dos seguintes livros:

1. KERSCHENSTEINER — "El Alma del Educador", Editorial Labor; Barcelona, 1928.
2. BACKHEUSER, Everardo — "O professor"; Editôra Agir; Rio, 1946.
3. SANTOS, Teobaldo Miranda — "Manual do Professor Primário", Cia. Editôra Nacional; São Paulo, 1948 (Capítulo I — "O professor primário").

amor com seus semelhantes, pode considerar-se de antemão fracassado como educador." E acrescenta o autor de "El Alma del Educador" que o que fêz de PESTALOZZI um dos maiores educadores da humanidade não foram suas obras, nem sua filosofia, nem sua ciência, mas *sua capaciade de esquecer de tudo para consagrar-se a educação de 70 órfãos, junto aos quais "vivia dia e noite, como professor, bedel, empregado e servente"*.

"A verdadeira natureza do educador faz com que êle não possa encontrar satisfação senão no contato contínuo com a juventude. Sua necessidade primordial não é a comunicação com os adultos, mas o contato permanente com a infância."

c) TATO PEDAGÓGICO. — O segundo característico do educador é o *tato pedagógico*, essa capacidade de aproximar-se ou afastar-se do aluno, conforme a oportunidade, de passar por cima de determinadas falhas, de alternar os elogios e as repreensões."

d) CAPACIDADE DE COMPREENDER. — O terceiro característico é a capacidade de *compreender* a personalidade do aluno, ou como diz KERSCHENSTEINER, a capacidade para o *diagnóstico da personalidade*. É preciso saber ser um "investigador de almas". E tratar igualmente a tôdas essas alminhas em flor: cuidar de tôdas com igual desvêlo. "Nada é mais necessário ao professor que esta divina objetividade que alcança com igual simpatia a todos; que, em primeiro lugar, perdoa, ou melhor ainda, pode esquecer totalmente; que sente maior satisfação ante um pecador que faz contrição, do que ante noventa e nove justos que não incorrem na mais pequena falta."

e) CAPACIDADE DE FORMAR O CARÁTER. — O quarto atributo do educador é a capacidade de influir decisivamente no desenvolvimento do educando. "Pe-

UNIDADE I

O MÉTODO E OS MÉTODOS

§ 2.º) O MÉTODO, A METODOLOGIA E A DIDATICA

a) *Conceito de método*. — Chama-se "método" o caminho determinado para alcançar um fim qualquer (do grego "metas", que significa "caminho"). Mais cientificamente podemos definir o método como sendo "o conjunto de processos que o espírito humano emprega para a investigação e demonstração da verdade".

O método é, portanto, uma investigação, mas uma investigação com um plano prefixado e regras determinadas, capazes de encaminhar ao fim proposto.

LALANDE, no seu famoso "Vocabulaire de la Philosophie", diz: "a idéia de método é sempre a de uma direção definida e regularmente seguida em uma operação do espírito".

Em sentido mais comum, método significa *conjunto de normas*. E podemos definir: método é o conjunto de normas de ação de um indivíduo para atingir determinado objetivo. Ou ainda: método é a maneira de realizar um programa.

b) *Conceito de Metodologia*. — E a ciência que estuda os métodos se chama *Metodologia*. FERRATER MORA diz que "Metodologia é o estudo dos caracteres gerais dos procedimentos metódicos para alcançar o saber em um campo determinado de objetos".

Simplificando essa definição, podemos dizer que "Metodologia é o estudo detalhado dos métodos", ou ainda, que "um conjunto de métodos sôbre determinado campo do conhecimento constitui uma metodologia".

c) *Divisão da Metodologia*. — A Metodologia pode ser dividida segundo dois aspectos diferentes. Conforme sua "extensão" pode ser *Metodologia geral* (aquela que trata dos princípios gerais do método, aplicáveis a quaisquer conhecimentos humanos) e *Metodologia especial* (a que trata dos problemas metodológicos de algum determinado campo de conhecimento; exemplo: Metodologia da Física, Metodologia da Sociologia). Segundo seu "campo", a Metodologia se subdivide em *lógica* ou *científica* e *pedagógica*. Aquela trata dos problemas de método das ciências; esta se ocupa com os métodos a serem aplicados na Educação.

d) *Valor do método na vida*. — O problema do *método*, tomando esta palavra em seu sentido aplicado, imediato, isto é, como "caminho", como "maneira de agir", como "sistematização da conduta" é dos mais importantes que existem na vida humana.

Inúmeras organizações sociais, econômicas, políticas, etc., apesar da grandeza de seus fins, têm fracassado lamentàvelmente, apenas por falta de *método* em seus trabalhos.

Para dirigir algo, seja uma nação ou uma cidade, uma emprêsa industrial ou uma lojinha de comércio, uma instituição científica ou um clube, um movimento político ou o nosso próprio lar, é preciso sempre e sempre possuir *método*, isto é, um programa de ação, e uma forma adequada de realizá-lo, aos poucos. É necessário que os *meios* estejam adaptados aos *fins*. A escolha dêsses *meios* e o seu desenvolvimento adequado é o que se chama o *método*, na vida prática. Precisamos *ter método* em tudo o que fazemos, seja o trabalho, a diversão, a campanha política ou o livro que escrevemos.

É importante *saber*: mais importante ainda é *saber fazer*.

e) *Valor do método na Pedagogia*. — No campo da Educação, sobretudo, o método assume uma tre-

drinho é um menino incrível, mas que é que eu posso fazer?" Quando ouvimos um professor dizer isso, evidentemente não estamos na frente de um educador. O educador tem que possuir capacidade para *formar o caráter* dos seus alunos. Mas para isso, é preciso que êle próprio possua um grande caráter. O mestre de Münich enumera, como traços fundamentais do caráter do educador: fôrça de vontade, poder de bom senso, sensibilidade e entusiasmo.

f) EDUCAR É AMAR. — Enfim, como quinto característico, o educador precisa ter uma grande autoridade sôbre seus alunos. Mas essa autoridade não provém da fôrça, da violência, da austeridade, da "cara fechada" e sim do seu alto valor intelectual e moral. O educador não deve ser um homem "autoritário". Deve dominar seus alunos *pelo amor*. Quando o amor que nutre pelos seus alunos vem acompanhado por uma alta autoridade intelectual e moral, aquilo que o mestre obtém dêsses alunos, de volta, em compensação, não é apenas *amor* mas também *veneração*. E essa é a recompensa máxima que um educador pode aspirar em sua vida: ser *amado* e *venerado* pelos seus alunos.

g) PEDAGOGIA DO AMOR. — Essa "capacidade de amar" foi o fundamento de todo um sistema educativo: o de DOM BOSCO, o grande educador católico, hoje SÃO JOÃO BOSCO (1815/1888). Inúmeras vêzes nos temos referido àquilo que se chamava "o milagre de DOM BOSCO": como se sabe, o humilde cura de aldeia italiano conseguiu conquistar e transformar centenas de pequenos vagabundos e delinqüentes, egressos das prisões italianas, em jovens capazes e direitos. E tudo isso através de um simples trabalho educativo, efetuado em prédios acanhados, sem material adequado...

Quando, atraídas pelo seu sucesso, acorreram à escolinha de Valdoco, perto de Turim, altas autorida-

des do govêrno italiano e lhe perguntaram, espantadas, "em que consistia o segrêdo do seu método", êle respondeu simplesmente: "*no amor*". "Eu amo essas crianças, elas me amam e por isso fazem o que lhes peço."

"Nessuna confidenza senza affezione, nessuna educazione senza confidenza", dizia DOM BOSCO ("nenhuma confiança sem afeto, nenhuma educação sem confiança"). Ou, em outras palavras, é preciso que os alunos *confiem* no mestre, para segui-lo, para atendê-lo. Mas, para *confiarem*, é preciso que o *amem*, e para amá-lo é preciso que se *sintam* amados pelo mestre!

"Vossa autoridade, diz em outra oportunidade DOM BOSCO, será aquela do amor; a autoridade do pai que tem nas mãos o coração do filho."

E para comprovar que o santo educador não apenas "falava" assim, mas que essa era a própria estrutura da sua alma, eis um trecho de uma carta por êle escrita, de Roma, aos discípulos, no dia 10 de maio de 1884: — "Perto ou longe, eu penso sempre em vocês. Um único é o meu desejo: vê-los felizes no tempo e na eternidade"... E adiante: "São palavras de quem os ama ternamente em Jesus"... E em outro trecho: "Vocês são o único e contínuo pensamento de meu espírito".

Que bela lição de Pedagogia nos dá êsse educador, ao confessar que os seus discípulos "são o único e contínuo pensamento de seu espírito"!

Aos seus colaboradores ensinava: "Fazei-vos amar e não temer... Fazei com que, quando vos virem, vos corram ao encontro e não se afastem de vós.. Quem quer ser amado, precisa mostrar o próprio amor" (vide adiante "Nota Prática" n.º 8). Belo lema para todos os professôres inscreverem em seus corações e adotarem como norma de vida:

"Fazei-vos amar e não temer."

h) A ALEGRIA. — Outro requisito fundamental para o educador é a *alegria*. Não que o educador viva a dar gargalhadas nem contar anedotas mordazes. É a alegria suave de quem tem um objetivo. É a alegria de quem se sente em paz consigo mesmo e com os outros. A alegria do dever cumprido.

O educador precisa ser alegre e sorridente, para atrair melhor as crianças porque nenhum garôto gosta de "cara fechada". Nada atrai mais do que um sorriso.

E isso não ocorre apenas na educação, mas em tudo na vida: um sorriso é a melhor introdução para uma conversa política, para uma entrevista internacional ou para o caixeiro da loja que deseja vender algo ao freguês. Os americanos, grandes psicólogos práticos, exigem dos vendedores de lojas: "sorria sempre". E os lojistas fazem campanhas, colocando nas vitrinas êste dístico: "keep your smile" ("conserve o seu sorriso").

A alegria deve ser, pois, um estado d'alma constante no educador, na escola, na sala de aula, nos recreios. A alegria é, até uma condição de santidade: "*um santo triste é um triste santo*", dizem os filósofos católicos, querendo significar que sem alegria até a santidade diminui de expressão.

NOTA PRÁTICA N.º 8

Sôbre a "Pedagogia do Amor"

Sôbre Dom Bosco e a sua obra já existe hoje uma centena de livros publicados! Se o leitor quiser conhecer mais de perto a "Pedagogia do Amor" deverá ler: 1) CALVI, J. B. — "O Bem-aventurado D. Bosco"; Torino, 1929. 2) FASCHIE D. B. — "Del Metodo Educativo di D. Bosco"; Torino, 1927. 3) CALVI, J. B. — "Vida do Bea o D. Bosco"; Torino, 1930; 4) FIERRO, Rodolfo — "El sistema educativo de D. Bosco"; Barcelona, 1914. 6) AUFERAY, C. — "Une Méthode d'éducation", Paris, 1921. 7) CERRUTI, Francisco — "As idéias de D. Bosco sôbre educação"; Torino, 1896.

i) OS MAIORES EDUCADORES. — É muito interessante verificar se há numerosos educadores que possuam tôdas as qualidades acima enumeradas. Quantos grandes educadores terá havido, nessas condições? Quantos grandes educadores terá tido o mundo? Quais são êles? Infelizmente a resposta não cabe neste livro, pois o assunto é mais da História da Educação. Em todo caso, podemos adiantar que vários pedagogos têm procurado responder a essas perguntas. Para KERSCHENSTEINER, o maior educador do mundo foi PESTALOZZI. Para SPRANGER, foi o velho SÓCRATES. Já SCHNEIDER afirma que até hoje só existiu no mundo um educador completo: DOM BOSCO: (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 9).

NOTA PRÁTICA N.º 9

Os maiores educadores do mundo

Aí está um interessantíssimo trabalho que os professôres de Escola Normal poderão propor a seus alunos: estudar a vida dos grandes educadores e escolher qual, na sua opinião, o maior, ou os maiores. Note-se que se trata de escolher entre os educadores aquêles que podem servir como padrão, como modêlo, para os nossos futuros professôres. Não vamos cuidar, pois, dos escritores nem filósofos da Educação, mas daqueles que realmente foram **educadores**, dedicando sua vida a educar crianças e jovens.

A título de sugestão, apontamos aqui alguns, para serem estudados sob êsse ponto de vista da **realização da educação:**

Sócrates — Platão — Aristóteles — Sêneca — Comenius — São João La Salle — Pestalozzi — Froebel — Herbart — Horace Mann — Dewey — Sarmiento — Varela — Anchieta — Tolstoi — Radindraná Tagore — Arnold — Dom Bosco — Sanderson — Demolins — Lietz — Geheeb — Kerschensteiner — Decroly — Montessori.

Os senhores professôres das Escolas Normais podem sugerir a seus alunos outro vultos, e o autor dêste livro ficaria muito satisfeito se tais sugestões lhe fôssem também comunicadas, para acréscimo em futura edição.

§ 8.º) REQUISITOS DO PROFESSOR

Bem. Até aqui falamos dos requisitos do educador. Mas já dissemos que não se pode pretender que todos os 150.000 professôres primários brasileiros sejam possuidores dessas excepcionais qualidades psicológicas e morais, que fazem do verdadeiro educador um vulto impressionante de *apóstolo da criança*.

Quais serão, então, as qualidades mínimas para ser um bom professor?

Várias pesquisas têm sido feitas nesse sentido, ouvindo-se a opinião de centenas, senão de milhares de administradores escolares, professôres, pais de família e alunos.

a) *Pesquisa americana*. — Uma das maiores pesquisas foi a realizada por uma Associação para o Aperfeiçoamento do Professorado, nos Estados Unidos (*"Commonwealth Teacher Training Study"*), que procurou saber de diretores de escola e inspetores escolares quais as qualidades que êles julgavam necessárias num professor. Eis os atributos apresentados como fundamentais:

1. Bom senso
2. Auto-domínio
3. Prudência
4. Entusiasmo
5. Magnetismo
6. Adaptabilidade
7. Elevação de interêsses
8. Honestidade
9. Cooperação
10. Refinamento
11. Solicitude
12. Fortaleza
13. Espírito de liderança
14. Boa saúde
15. Simpatia
16. Diligência
17. Asseio
18. Segurança
19. Cultura
20. Originalidade
21. Pontualidade
22. Espírito renovador
23. Espírito progressista
24. Eloqüência
25. Simplicidade

Ora, a verdade é que se um indivíduo possuir tôdas essas qualidades será um homem quase perfeito e muito provàvelmente não teria o ideal de ser professor, mas sim Presidente da República...

b) *Estudo brasileiro*. — Segundo distinto pedagogo brasileiro (1), as qualidades fundamentais do professor primário são divididas em 3 grupos: físicas, intelectuais e morais.

b-1) *Qualidades físicas*. — Saúde, equilíbrio orgânico, resistência física. Normalidade dos sentidos. Importância do olhar; "o olhar possui uma grande eloqüência e exerce uma profunda influência psicológica. Êle pode penetrar até o âmago da alma da criança". A respeito diz DOM BOSCO: "Muitas vêzes basta fixar o olhar num aluno para lhe fazer sentir uma censura ou manifestar-lhe que seus erros são conhecidos". Das qualidades físicas faz parte ainda a *voz*, que, no professor, deve ser agradável, bem timbrada, modulada, nem macia de mais, nem ríspida. A voz metálica, estridente é irritante. Finalmente, o professor precisa cuidar do *porte*, que não deve ser "severo", como queriam os mestre antigos, mas tem de ser *simples*, sem atavios, sem "modas" extravagantes, nem enfeites excessivos.

b-2) *Qualidades intelectuais*. — Entre as qualidades intelectuais deve o mestre possuir razoável inteligência (não precisa ser nenhum gênio), capacidade de penetrar na alma infantil; boa cultura geral. TEOBALDO afirma, cremos que com muito exagêro: "a cultura do professor primário deve abranger, tanto quanto possível, todo o campo do conhecimento humano". No campo da cultura especializada, o professor deve conhecer a filosofia, as ciências e as técnicas da Educação.

b-3) *Qualidades morais*. — Estas são, talvez, as mais difíceis de se reunir numa só pessoa: o professor

(1) TEOBALDO MIRANDA SANTOS — "Manual do Professor" — Editôra Nacional; São Paulo, 1948, pág. 18.

deve ser *bondoso*, mas bom sem ser fraco, "mole", como se diz comumente. Bondade não exclui energia, quando necessário. O professor precisa amar a criança, amar os seus alunos. E tem que ser justiceiro, honesto, correto, verdadeiro. O mestre não se pode deixar levar por simpatias pessoais porque isso gera recalques e ressentimentos dos alunos preteridos. Além disso, precisa ter paciência, alegria, auto-contrôle. E ainda apresentar conduta moral irrepreensível, já que os alunos o tomam como exemplo e a sociedade acompanha atentamente a sua vida. Certos defeitos e fraquezas, que em outras pessoas passariam despercebidas, logo chamam a atenção se ocorrem no mestre. A êsse imenso quadro ainda se acrescente que o professor deve ser movido por um grande *ideal*, para suportar tôdas as vicissitudes da sua carreira.

c) *Requisitos segundo Aguayo*. — O mestre cubano também não se furta a discorrer sôbre êsse fascinante problema: como deve ser um professor. (1) Acha que as qualidades do mestre podem ser englobadas em três grupos:

I) O professor deve ser um homem inteligente e educado;

II) Deve reunir certas qualidades e disposições;

III) Deve ter um sólido preparo profissional.

c-1) *Homem educado*. — Segundo o mestre cubano, o homem educado é aquêle que: 1. Tem correção e precisão na língua materna; 2. Possui modos finos e cortêses; 3. Tem hábitos de reflexão; 4. Tem capacidade de progredir; 5. Apresenta eficiência para a

(1) AGUAYO, A. M. — "Filosofia da Educação"; Saraiva & Cia. Editôres; São Paulo, 1937, págs. 189 e segs.

ação ("sabe fazer as cousas"); 6. Sólida formação moral; 7. Moderação nos juízos e opiniões; 8. Virtudes cívicas; 9. Cultivo dos ideais humanos; 10. Espírito religioso.

c-2) *Qualidades e disposições.* — 1. Sentimento de solidariedade, assistência e sacrifício pelo próximo; 2. Capacidade para formar a personalidade humana; 3. Ser um bom psicólogo; 4. Personalidade bem equilibrada.

c-3) *Preparo profissional.* — 1. Estudo da criança e do adolescente (conhecimento de Psicologia); 2. Conhecimento das ciências básicas da Educação (Biologia, Sociologia, Filosofia, etc.); 3. Conhecimento da arte da educação (inclui Higiene Escolar, Didática, Administração Escolar, etc.); 4. O professor não precisa "ser um filósofo", mas precisa "ter uma filosofia". Filosofia da vida, que o dirija, que dê um sentido à sua existência; 5. Domínio das matérias que vai lecionar; 6. Clareza de expressão; 7. Capacidade para dirigir uma classe.

d) *Pesquisa dêsses requisitos.* — O autor dêste livro, quando professor da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula, fêz uma pesquisa com suas alunas do Curso de Didática, para verificar quais os atributos essenciais de um professor (vide adiante "Nota Prática" n.º 10). De acôrdo com as opiniões recolhidas eis os 10 atributos, na ordem de importância em que foram assinalados:

1. Moral sadia
2. Espírito de justiça
3. Amor à criança
4. Ser companheiro do aluno
5. Capacidade didática
6. Bom humor e jovialidade
7. Conhecimento da matéria
8. Assiduidade e pontualidade
9. Obediência ao regulamento
10. Paciência.

§ 8-A) FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Para facilitar a verificação dos atributos do professor, organizamos a ficha da página 38, que pode servir como uma espécie de *baremo* pedagógico, ou, se preferirem, *termômetro pedagógico*. Naturalmente não podemos colocar aqui *todos* os atributos indicados como necessários ao professor, pelos que se ocuparam do assunto, porque, segundo vimos, abrangem tôdas as qualidades humanas e super-humanas. Não pretendemos que nossos professôres sejam *perfeitos* nem *santos*, mas apenas bons mestres. Algumas das qualidades indicadas no quadro ao lado não são necessárias "ao professor" mas sim a tôdas as criaturas humanas, como por exemplo, espírito religioso, bondade, cortesia, boa conduta. Poderíamos, então, simplificar o quadro, dizendo que para ser bom professor é necessário, em primeiro lugar ser *boa criatura humana*. (Vide abaixo "Nota Prática" n.º 10.)

NOTA PRÁTICA N.º 10

Pesquisa dos Atributos do Professor

Êste é um atraente trabalho prático, que os alunos das Escolas Normais fazem sempre com prazer: pesquisar quais devem ser os atributos de um bom professor, isto é, os atributos que êles deveriam possuir, para triunfarem na carreira que vão abraçar. A pesquisa pode ser feita em diferentes áreas: entre os alunos da turma; entre os professôres da Escola; entre os conhecidos; entre os professôres dos outros estabelecimentos de ensino, dos vários graus, da cidade. A pesquisa pode ser simplesmente perguntar "quais os atributos que você acha essenciais a um professor?" ou apresentar uma fôlha mimeografada, com 30 ou 40 qualidades, das apontadas pelos estudos já feitos, (e que publicamos neste capítulo) e outras que o pesquisador lembrar, pedindo-se aos pesquisados que assinalem as que consideram mais importantes. Gostaríamos muito de receber os resultados, para publicação em futura edição.

ATRIBUTOS DO PROFESSOR

(Quadro organizado pelo Prof. Amaral Fontoura)

(Vide adiante "Nota Prática" n.º 11)

	A	B	C	D	E	M	Z	MG
I) QUALIDADES FÍSICAS:								
1. Boa saúde								
2. Boa audição								
3. Expressão de olhar								
4. Voz agradável								
5. Porte correto do corpo								
6. Apresentação e vestuário								
II) QUALIDADES INTELECTUAIS:								
1. Capacidade didática								
2. Conhecimento da língua								
3. Conhecimento da matéria								
4. Inteligência								
5. Tato psicológico								
6. Bom senso								
7. Espírito de liderança								
8. Clareza de expressão								
9. Cultura geral								
III) QUALIDADES MORAIS:								
1. Espírito religioso								
2. Idealismo								
3. Amor à criança								
4. Bondade e espírito de justiça								
5. Boa conduta moral								
6. Entusiasmo								
7. Companheirismo								
8. Alegria, bom humor								
9. Auto-domínio e paciência								
10. Espírito renovador								
11. Cortesia								
12. Disciplina e obediência								
13. Assiduidade e pontualidade								

Interpretação (dos itens que possam causar dúvidas):

I) QUALIDADES FISICAS:

3) *Expressão de olhar* significa a capacidade de chamar a atenção, elogiar, censurar o aluno com o olhar.

5) *Porte correto*: é a maneira de andar, de sentar-se; não fazer gestos feiosos.

6) *Apresentação*: vestuário correto, sem modas exageradas (vestidos escandalosos, pintura excessiva) sem muitas pulseiras e jóias (vide abaixo "Nota Prática" n.º 11). A professôra não deve ir para a aula nem vestida "de andar em casa", nem como se fôsse para uma festa.

II) QUALIDADES INTELECTUAIS:

1) *Capacidade didática* é um conjunto de atributos: saber transmitir, saber interessar os alunos, saber explicar, saber manter a classe viva e atenta (sem

---

NOTA PRATICA N.º 11

Você é (ou será) bom professor?

Você já avaliou seus dotes de professor? Tome o quadro da pág. 38 e peça a algumas pessoas que o conheçam bem, que lhe dêem nota naqueles itens. As notas de cada "examinador" serão colocadas numa coluna. O primeiro "examinador" dará notas na coluna "A" e assim sucessivamente. Se você é professor, as colunas "A", "B", etc., podem ser preenchidas por outros professôres ou por algum aluno, e a coluna "E" será a das notas que o diretor da escola lhe dará. A coluna "M" é a média atribuída pelos "examinadores" de "A" até "E". Na coluna Z" você fará o seu próprio julgamento e colocará as notas que achar justas no seu caso. Compare bem as notas que você deu a si mesmo com a média das que os outros lhe deram. Isso servirá para você ver se tem auto-crítica, se não é condescendente demais para consigo mesmo, se você não se julga melhor

constantes admoestações nem castigos, sem gritos), é ter bom método, sem se escravizar ao programa.

2) *Língua.* — Não se admite que um professor escreva ou fale errado.

5) *Tato psicológico* é a capacidade de compreender a criança, de sentir as causas de sua atitude, de saber não ver. É o conhecimento objetivo da Psicologia da Criança.

6) *Bom senso* é saber resolver os problemas pelo caminho mais fácil, é ser simples e lógico nas suas atitudes.

7) *Espírito de liderança* é a capacidade de atrair, dirigir, chefiar, reunir os outros em tôrno de si. (O

---

do que é (o que significa super-valorização, orgulho, vaidade). Na coluna final, "MG", coloque a Média Geral, entre a média que os outros lhe atribuíram e a que você se atribuiu. Coloque êsse quadro na sua mesa de trabalho e olhe sempre para êle, a fim de procurar melhorar, progredir. De tempos em tempos volte a fazer essa avaliação, para ver se melhorou ou piorou.

Se você é aluno de Escola Normal, peça a colegas mais íntimos, ao professor que o conheça melhor, à "mestra de disciplina", etc., que lhe dê as notas. Depois volte a fazer outra avaliação, quando já fôr professor e veja se a realidade confirmou as previsões.

As notas podem ser dadas de 0 a 10, significando 5 a situação **regular**, 0 a 5 abaixo de **regular** e 6 a 10 acima de **regular**.

0 — Ausência total do predicado
1 ou 2 — Fraquíssimo, muito ruim
3 ou 4 — Fraco, ruim
5 ou 6 — Regular, normal
7 ou 8 — Bom
9 — Muito bom
10 — Ótimo, magnífico.

Sugerimos aos senhores professôres das Escolas Normais que mandem mimeografar o nosso quadro acima e o distribuam entre seus alunos, para que cada um solicite aos colegas e professôres que o preencham. A Escola Normal ficará, assim, com um interessante perfil de cada aluno, que poderá, mais tarde, ser comparado com os resultados da vida prática.

bom professor, sendo um verdadeiro *líder*, não apenas atrai os seus alunos mas também os pais, as famílias. a comunidade. Isto se refere principalmente ao mestre que exerce sua função nas localidades do interior.)

8) *Clareza*: o professor tem que falar de tal modo que todos entendam o seu pensamento, as suas idéias.

9) *Cultura geral*. — O professor deve (ou deveria) entender um pouquinho dos principais assuntos científicos, econômicos, políticos e sociais do seu meio e do seu tempo.

III) QUALIDADES MORAIS:

1) *Espírito religioso*. — Não é possível educar sem Deus. Educar é *espiritualizar*, não é apenas *treinar* para fazer cousas.

5) *Conduta*. — O professor tem que se comportar bem, com dignidade, e tanto dentro como fora da escola. O mestre não se despe de sua personalidade de educador por estar fora da escola. Em qualquer lugar todos os apontam: "aquêle é o professor X".

6) *Entusiasmo*. — Saber manter a aula animada. falar com calor, convencer os outros com sua palavra vibrante.

7) *Companheirismo*. — Ser amigo de seus alunos, estar junto dêles no recreio, conversar com êles, interessar-se pela vida de cada um, ser o confidente dêles.

8) *Alegria* — (vide o que foi dito no § 7.º, letra h). Se o professor tem razão para estar aborrecido, seus alunos não têm culpa disso e não devem servir de "saco de pancada" para o professor descarregar.

9) *Auto-domínio*. — Não se exaltar com facilidade com as atitudes erradas dos alunos. Ter paciência para ensinar de novo aquilo que já ensinou dez vêzes.

10) *Espírito renovador*. — Inventar novos jogos, nova maneira de dar aquêle assunto. Fugir à *rotina* como quem foge do diabo.

11) *Cortesia.* — Tratar os alunos sempre bem, com atenção, sem chamar de "moleque", "mal educado" e cousas piores, que deprimam ou revoltem. O tratamento ideal é *meu filho*.

12) *Disciplina e obediência.* — Como pode obter disciplina dos alunos o professor que não é disciplinado? Essa disciplina inclui: a) *Obediência* aos superiores, aos regulamentos. Não dizer "a diretora já está velha, coitada, está atrasada". Nem "o Departamento mandou fazer isso, mas eu acho errado e não faço"; b) *Respeito* aos colegas — não dizer jamais aos alunos que "o outro professor errou".

13) *Assiduidade e Pontualidade.* — a) Não faltar à escola só porque "está ameaçando chuva" ou porque "mamãe faz anos hoje"; b) Não chegar atrasado constantemente. Não sair de casa "em cima da hora" porque a condução pode atrasar.

§ 8.º-B) PARA O SEU FICHÁRIO

Frases que merecem ser guardadas

11. "Fazei-vos amar e não temer." (DOM BOSCO)
12. "Fazei com que os alunos, quando vos virem, vos corram ao encontro e não se afastem de vós." (DOM BOSCO)
13. "Um santo triste é um triste santo."
14. "Educar com alegria."
15. "É preciso tornar as crianças felizes para poder educá-las." (FERNANDO AZEVEDO)
16. "Acolhendo o novo, o professor não deverá desprezar fàcilmente o antigo." (PIO XI)
17. "Qualquer trabalho realizado sem alegria é estéril." (SANDERSON)

18. "Na escola do trabalho tudo trabalha: o corpo, o cérebro e o coração." (KERSCHENSTEINER).

19. "A escola deve ser uma sociedade em miniatura." (DEWEY)

20. "Só se aprende a fazer fazendo."

§ 8.º-C) TÓPICOS PARA DEBATE EM CLASSE

1. Formule um conceito de *educação* e justifique-o.

2. "A educação ou é integral ou não é educação." — Explique essa frase.

3. Explique a expressão "os 4-H" dos americanos.

4. Em que consiste a "Pedagogia do Amor", de DOM BOSCO?

5. "Fazei-vos amar e não temer." — Concorda com êsse princípio? Sim ou não? Por quê?

6. Escolha um dos "grandes educadores do mundo", estude a sua obra e faça uma ficha a respeito (vide "Nota Prática" n.º 10).

7. Na sua opinião o "espírito religioso" é necessário ao mestre? Sim ou não? Por quê?

8. A "conduta do professor fora da escola" interessa à escola? Por quê?

9. Qual, na sua opinião a "qualidade n.º 1" que deve possuir o bom mestre? Justifique essa opinião e discuta-a com outros colegas.

§ 8.º-D) BIBLIOTECA ESPECIAL PARA ÊSTE CAPÍTULO

(Vide no fim do volume, a Bibliografia Geral)

1. AGUAYO, A. M. — "Filosofia da Educação"; Saraiva & Cia.; São Paulo, 1937.

2. BACKHEUSER, E. — "O professor"; Editôra Agir; Rio, 1946.

3. DUVILLARD, E. — "El maestro de primeira ensenanza"; Madrid, 1924.

4. KERSCHENSTEINER, G. — "El alma del educador y el problema de la formación del maestro"; Barcelona, 1928.

5. RUDE, Adolf — "La Escuela Nueva y sus procedimientos didáticos"; Labor; Barcelona, 1937.

6. SANTOS, Teobaldo M. — "Manual do Professor Primário"; Cia. Editôra Nacional; São Paulo, 1948.

7. SCHMIEDER — "Didática General"; Madrid, 1932.

PARTE II

METODOLOGIA GERAL

CAPÍTULO II

Métodos, Formas e Modos de Ensino

Ficha-resumo:

UNIDADE I — O MÉTODO E OS MÉTODOS:

§§

9. O Método, a Metodologia e a Didática — a) Conceito de método; b) Conceito de Metodologia; c) Divisão da Metodologia; d) Valor do método na vida; e) Valor do método na Pedagogia; f) Metodologia e Didática; g) Princípios gerais do método.

10. **Métodos pedagógicos** — a) Conceito; b) O método e a aprendizagem; c) O método e o professor; d) Princípios do método pedagógico.

11. **Evolução dos métodos** — a) Na Antiguidade; b) Na Idade média; c) Na Idade moderna; d) Na Idade contemporânea. O método intuitivo.

12. **Classificação dos métodos** — a) Métodos gerais e especiais; b) Classificação dos métodos pedagógicos; c) Classificação moderna.

UNIDADE II — PROCESSOS, FORMAS E MODOS DE ENSINO

13. **Processos de ensino** — a) Conceito; b) Classificação; c) Processo indutivo e dedutivo.

Ficha-resumo (conclusão):

§§

14. **Formas de ensino** — a) Conceito; b) A forma expositiva; c) A forma interrogativa; d) A técnica das perguntas; e) Objetivos das perguntas; f) As perguntas das crianças; g) A discussão; h) Os jogos educativos; i) As pesquisas; j) As experiências; k) As dramatizações; l) As instituições escolares; m) Importância da educação visual.

15. **Modos de ensino** — a) Conceito; b) Classificação; c) Modo individual; d) Modo simultâneo; e) Modo mútuo; f) Modo misto.

UNIDADE III — LIÇÃO. PLANO DE AULA. MATERIAL

16. **A lição ou aula** — a) Conceito; b) O plano de aula; c) Sua organização; d) O plano de trabalho; e) Sua organização.

17. **O material didático** — a) Conceito; b) Tipos; c) Confecção do material; d) A criança construindo seu próprio material.

18. TÓPICOS PARA DEBATE EM CLASSE.

19. Bibliografia especial para êste capítulo.

F 858

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 36

FREI EVARISTO P. ARNS, O.F.M.

Por que Escolas Católicas?

LIVRARIA CATÓLICA
"CORAÇÃO DE MARIA"
Rua Luiz Antony, 151 - Fone 3682
MANAUS — AMAZONAS

1960
EDITORA VOZES LIMITADA
Petrópolis RJ

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PETRÓ-
POLIS, FREI DESIDÉRIO KALVERKAMP,
O. F. M. PETRÓPOLIS, 12-10-1960.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

F850

PREFÁCIO

Depois de havermos lançado o Caderno Nº 5 *Liberdade de Ensino* da série «Vozes em Defesa da Fé», achamos necessário propor aos leitores católicos o modo de melhor se servirem desta liberdade, a saber, criando escolas católicas e amparando as que já existem.

Dirigimo-nos ùnicamente a pessoas persuadidas de que o educando possui uma alma imortal, criada por Deus, para uma felicidade ultraterrena. O divino Mestre nos advertiu, com clareza insofismável, de que nada adianta ao homem ganhar o mundo inteiro, se vier a sofrer prejuízo em sua alma.

Não criticamos as escolas não católicas. Elas talvez dêem o melhor de si para enriquecer as inteligências de seus educandos. Afirmamos porém, com decisão e energia, que nós queremos mais. Os bons católicos querem que em suas escolas «mestres, programas, livros em tôdas as disciplinas, sejam orientados pelo espírito cristão, sob a direção e vigilância maternal da Igreja Católica, de modo que a religião seja de fato fundamento e coroa de tôda a instrução, em todos os graus não só no elementar, mas também no médio e superior» (Pio XI).

ÍNDICE

PREFÁCIO 3

I. FUNDAMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. A Escola de Jesus 5
2. A Experiência da Igreja 8

II. A PEDAGOGIA CATÓLICA

1. Programas Escolares 14
2. Deus na Educação 15
3. Roteiro da Educação Católica 18

III. CRISES MODERNAS E A EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. Imoralidade 30
2. Desonestidade 31
3. Anarquia 32

IV. CRIANÇAS CATÓLICAS QUE NÃO FREQÜENTAM ESCOLAS CATÓLICAS

1. Aconselhar-se 35
2. Freqüência às Aulas de Religião 36
3. Ação Católica 37
4. Transferência para Escolas Católicas 38
5. Novas Escolas 39

I. FUNDAMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. A Escola de Jesus

"Vós me chamais Mestre e Senhor.
E dizeis bem: porque deveras o sou" (Jo 13, 13).

Jesus veio ao mundo para ensinar, mas ensinar a verdade tôda.

Abriu a primeira escola para os mais pobres, em plena noite de Natal, no seio da própria natureza. Os alunos aí foram os pastôres que aprenderam a lição da vida: só terá paz quem, apesar da pobreza, conserva a boa vontade. Ser bom para todos, ouvir a voz do além, mesmo que se tenha de guardar os rebanhos para os que dormem.

Depois, vieram os ricos, os magos. Também para êles Jesus teria uma orientação a dar, contanto que não confiassem seus problemas às influências políticas. Os magos de fato deixaram o palácio de Herodes para ir à procura da cabana da criança pobre. Depois de se despojar da riqueza (ouro), da glória (incenso) e aceitar as agruras da terra (mirra), Deus lhes mostrou o caminho de volta, para sua verdadeira Pátria.

Quantas lições deu Cristo na oficina de Nazaré. A principal foi certamente aquela que toca o mundo operário: Conheceu o divino Mestre tôda a monotonia de um trabalho feito com as mesmas ferramentas, a mesma qualidade de tábuas, e a mesma equipe de traba-

frieza cruel, a madeira a teimosia e os fregueses as exigências e a insatisfação. Lia Jesus nos corações dos homens de então e de hoje, para dizer-lhes: apesar de tudo, é possível guardar a ternura para com a família e a conformidade com o destino que Deus traçou, desde que se ganhe o pão no suor do rosto, sem deixar nascer o rancor no coração.

* * *

Chegou a hora de formar novos mestres, que ensinassem sua doutrina e seu modo de vida. Jesus não parece preocupar-se em selecionar os discípulos. A dois que o procuraram, convidou-os «vinde e vêde» a minha escola; a outros que pescavam atraiu-os prometendo promoção: da pesca de peixes passariam para a pesca de almas; ao cobrador de impostos fêz devolver as taxas excessivas. Veio o simplório Natanael e o despachado que conhecemos pelo nome de Filipe. Jesus aceitou o aluno de quem previu o fracasso da traição, Judas, ao lado daquele que se lhe ia devotar de corpo e alma nos momentos mais críticos da paixão e morte, João, filho de Zebedeu, o futuro Evangelista.

A formação começou pelo aspecto mais vituperado e mais exaltado da vida humana, no casamento de Caná. Jesus não só prestigiou, diante de seus discípulos, a formação do núcleo fundamental da sociedade, mas ensinou àqueles que iam «abandonar pai, mãe, espôsa e filhos por seu nome» — aos futuros sacerdotes e religiosos — a defender o prestígio e as alegrias cotidianas do lar. Fêz ainda o milagre de transformar água em vinho, para que a festa continuasse sem maledicência, e o casal, depois da lua-de-mel, confiasse na água e no poder de Deus.

As lições da escola de Jesus foram, tôdas elas, práticas. O método, indutivo.

As párabolas são histórias, baseadas na experiência da pesca, da lavoura, da vida animal e das relações humanas. Mas já que o mundo visível é apenas um espe-

lho do céu, da morada definitiva, Jesus foi ensinando aos futuros mestres do povo a não serem mais crianças que arranham o espelho no esfôrço inútil de arrancar dêle as flôres e os frutos que só deverão «receber no tempo oportuno». Ensinou-lhes pelo espelho a verem «a imagem das coisas que deverão vir», ensinou-lhes a fé na palavra e na obra do Pai do céu.

Quando a doutrina se tecia de máximas e as enumerações se tornavam imprescindíveis, Jesus as organizava em número de sete, às vêzes de três ou de dez. S. Mateus no-las conservou assim e os demais evangelistas também não ocultam a técnica do Mestre.

Suas palavras eram vida. Imprimiam-se com o olhar, o timbre de voz, com expressão vigorosa. Falava «como quem possui autoridade». Deviam reconhecê-lo todos. Caso as crianças não o aclamassem, gritariam as pedras em sua homenagem; caso os curados não exaltassem o poder de Deus, os demônios o exaltariam, apoderando-se até de porcos.

Diante do Mestre Jesus dividiam-se os espíritos. Os que eram apenas «carne e sangue», materialistas, tentavam eliminá-lo. «Passará esta geração», profetiza para êles Cristo, «mas não passarão minhas palavras».

Na manhã em que desciam juntos da montanha, o Mestre e os discípulos, êstes tiveram o pressentimento de que havia um modo superior de valorizar a vida na terra: entrando em contacto com o Senhor da vida e dos homens. «Mestre, ensina-nos a rezar», pediram-Lhe êles.

Jesus, naquela hora, resumiu tôdas as orações que se fizeram e se farão, tanto por causa das misérias como por causa das grandes aspirações humanas. De fato, pelos sete pedidos do *Pai-Nosso*, a alma confessa não lhe ser possível resolver, sòzinha, os problemas da vida. Do último pedido ao primeiro sobe o gemido de um corpo maltratado pela dor tão familiar — quantos males existem! — e pelo desejo mais puro de unir-se a Deus.

A lição mais dura foi a do sofrimento: Cristo começou devagar, como todo professor que conhece os limites de seus pupilos. Foi durante uma viagem a Jerusalém, viagem sempre cheia de expectativas: «começou a manifestar a seus discípulos que tinha de sofrer muito...» Pedro, líder recém-nomeado, chamando Jesus à parte, interpretou o mal-estar da classe: «Não queira Deus que isso suceda». Desta vez, o Mestre, sempre tão paciente, se tornou enérgico. Impressionou o discípulo apostrofando-o com a frase que Adão, no doce enleio do pecado, não teve a fôrça de arremessar à serpente: «Vai-te embora, diabo!» Ei-lo o ensinamento: como o pecado de Eva e Adão trouxera o sofrimento do corpo e da alma, assim as dores da alma e do corpo podem restituir-nos as alegrias do Paraíso. Jesus, o novo Adão, ia permitir que se plantasse uma nova árvore, uma cruz, à vista de todo o mundo, no alto do Calvário. Nela iria circular tôda a seiva da dor humana, desde aquela da mãe que dá à luz na dor até a do velho, prêso à sua cadeira de rodas ou a seu catre de percevejos, abandonado e desconhecido. Mas a árvore da Cruz ostentaria o fruto da vida. Debaixo desta árvore estaria de novo a mulher para apanhá-lo, Maria Santíssima, a convite do «Filho do Homem», nela enroscado, quase como a serpente antiga.

Essa última lição os discípulos só a compreenderam com a vinda do Espírito Santo: aliás a primeira aula do primeiro discípulo de Jesus no dia de Pentecostes há de ter como assunto a Cruz e seu fruto, a ressurreição.

2. A Experiência da Igreja

Como em todos os bons institutos de formação os professôres devem submeter-se a estágios práticos, assim também na escola de Jesus.

Ainda antes de terminar sua atividade em meio aos discípulos, enviou-os Jesus, dois a dois, para anunciarem o Reino de Deus. Acompanhou-os com os conse-

lhos e deu-lhes assistência. Esta primeira missão apostólica encheu os rudes pescadores de entusiasmo e alegria. Após a experiência, Cristo os levou para um lugar solitário e ficou a sós com êles.

A formatura, a missão definitiva, iria dar-se no dia de Pentecostes. Para que o mundo porém soubesse e para que os sucessores dêstes primeiros mestres tivessem a garantia de estarem marcados pela missão de ensinar, Jesus levou-os dez dias antes ao alto de uma montanha. Era a última reunião do professor com a turma: os conselhos mais importantes aí foram recapitulados, visando o futuro. O cenário inspirava: do alto do morro desvendava-se o panorama mundial, todo banhado pela luz da onisciência do Mestre. Na iminência de deixá-los, Jesus lhes deu a ordem, não apenas a possibilidade, de serem mestres: «Ide, ensinai a todos os povos... ensinando-lhes a guardar tudo o que vos tenho ensinado. E eis que convosco estarei até a consumação dos séculos».

O Apóstolo, seja êle leigo ou sacerdote, jamais esquecerá esta cena!

Quando, para todo o futuro, algum aluno do Mestre Jesus receber ordem de calar-se, ou de fechar sua escola, há de responder sempre o que S. Pedro respondeu às autoridades judaicas: «Não podemos deixar de anunciar aquilo que vimos e ouvimos» (At 4, 20).

Como a atividade do Mestre começara pelas bodas de Caná, a educação cristã se faria, essencialmente, pela Família. Os apóstolos davam as primeiras instruções e batizavam o novo discípulo de Jesus; a Família cristã encarregava-se em seguida de formá-lo pela doutrina e pela prática. Para todo o sempre, a Igreja respeitará o direito primordial da Família e seu imperioso dever de ministrar a formação da nova prole. Se não o puder a família natural, fá-lo-á a família espiritual amplificada, a comunidade cristã. Reserva-se outrossim a Igreja, desde os primórdios, a autoridade de insistir na jerarquia dos valores educativos: a alma e o corpo, nu-

ma harmonia que se faz pelo tempo, aspirando à sobrevivência eterna. E a partir desta eternidade, as coisas recebem sua devida apreciação.

Cresceu, porém, de maneira inesperada, a Família cristã. Corria a Igreja o perigo de tornar-se massa popular sem fibra nem convicções. Os homens vinham a ela trazendo não só o adôrno mas também o lastro das ciências profanas. Como falar de igual para igual, como discutir princípios de filosofia, sem formação profana e filosófica?

O primeiro esfôrço de abrir uma escola estável para ensino sistemático da Filosofia, foi feito por S. Justino, no próprio coração da Igreja, em Roma. Por longos anos, reuniu em tôrno de si os discípulos e para êles comparava os sistemas filosóficos e os ensinamentos religiosos dos judeus e dos pagãos. Era uma escola em que se ensinava filosofia e não apenas religião. A verdade cristã porém, saía sempre engrandecida. Seria temerário afirmar que esta escola da primeira metade do segundo século tenha sido a primeira escola cristã, porque todo o bom discípulo de Jesus, onde quer que esteja, não pode deixar de ensinar. A novidade consistia em sentirem os cristãos, já no início, a necessidade de abordar assuntos que não fôssem puramente religiosos, pelo simples motivo de êles se transformarem em armas contra a religião, quando ensinados por profanos e adversários.

De fato, assim aconteceu que doutos e sábios viessem conhecer Jesus através de seus discípulos. Não admira que no maior centro de estudos e pesquisas sistemáticas da antiguidade, em Alexandria, encontremos, no início do século III, verdadeiro instituto cristão de estudos superiores: Orígenes, o genial líder cristão, aí aprofundava com seus alunos os conhecimentos da geometria, literatura, filosofia, para subir gradativamente até à rainha de tôdas as ciências, até à teologia, conhecimento de Deus.

Apesar disso, as famílias cristãs não hesitavam em mandar os filhos para as escolas públicas, suprindo em casa e nas reuniões dominicais a formação religiosa. Alarmou-os no entanto a nova orientação dada pelo imperador Juliano (361-363) a todo o ensino imperial. Se anteriormente as escolas eram religiosas, agora o Estado lhes impunha a ideologia pagã, além de se reservar o monopólio do ensino. As escolas públicas paganizavam as crianças. A reação não se fêz esperar. Apesar de não prevenidos, com manuais forjados da Bíblia e de versos clássicos, os professôres cristãos tentaram fazer de suas escolas os baluartes da espiritualidade e moralidade.

Pelo mesmo tempo, S. Basílio, no Oriente, abre escolas técnicas, S. Jerônimo propõe um programa de ensino para a juventude de Roma, S. Ambrósio reúne jovens em internato, S. Agostinho escreve manuais para catequizar os rudes e difundir a cultura cristã. A ciência cristã, em todo o vasto Império chega a iluminar de novo esplendor a cultura profana, valorizando as jóias da antiga literatura e filosofia. A Bíblia, que ia sendo atrofiada e falseada por herdeiros dos místicos pagãos, tornou-se o livro de pesquisa para os maiores gênios do tempo; o estudo da natureza e da psicologia humana preparam a ascensão da alma para o encontro com seu Deus.

S. Bento, representante do espírito cristão e herdeiro da cultura clássica, prepara seus monges, os beneditinos, para conservarem — além do «opus Dei», culto divino — as descobertas e os documentos da cultura antiga. Em tôrno dos mosteiros hão de abrir-se escolas, onde meninos inteligentes, pobres e ricos, poderão haurir cultura e religiosidade.

A nova pesquisa, iniciada com os mouros da Espanha, vai encontrar por sua vez novas formas de vida religiosa, para valorizar, nos estudos superiores da Igreja, a filosofia de Aristóteles e Platão. Dominicanos e franciscanos, do século XIII em diante, rivalizarão no

ensino das primeiras Universidades do mundo. E' o Papa quem incentiva a criação de institutos superiores de ensino, em Bolonha, Paris, Oxford, Colonha e outros lugares. Tanto o Direito e as Artes, quanto a Teologia, vêem no Papa o maior Mecenas.

Mesmo através da Renascença, que parece a muitos como uma volta ao paganismo, a publicação de documentos e as construções e embelezamentos pela pintura e escultura se fizeram sob o patrocínio e às expensas dos Papas. Se em alguns lugares houve verdadeiras apoteoses do paganismo, todo o homem culto sabe que na Itália o movimento começou com um Dante, poeta e teólogo; séculos depois, o classicismo francês celebrará a virtude cristã através de um Racine e Corneille; o gênio cristão espanhol se pereniza por um Cervantes e Lope de Vega. E, na Inglaterra, em fase tão crítica, um Shakespeare celebra o universalismo, só explicável pelo humanismo cristão; afinal, em terras lusitanas, Camões, com fausto mitológico, celebra o gênio português conquistando terras para Cristo.

Apesar de todo o delírio naturalístico de um Rousseau e do veneno sublimado de um Voltaire, nem mesmo a Revolução francesa triunfa da escola cristã. Foi preciso um decreto do totalitário imperador Napoleão para secularizar a Sorbonne — por seis séculos universidade cristã; — foi preciso um Auguste Compte, para circunscrever a curiosidade dos estudiosos à natureza controlável pelos sentidos; foi preciso um Darwin para reduzir o homem a simples animal evoluído; foi preciso um K. Marx, para fazer de tôda a fôrça econômica um instrumento de luta pelo poder terreno; foi afinal preciso o alheamento do homem de seu destino verdadeiro, para levar-nos à situação do ensino laicista do século XIX.

De tôda a luta, anunciada pelo Mestre Jesus, a escola cristã sairá renovada. Não só se fundaram, nos séculos XIX e XX, sociedades educativas, congregações de irmãos, padres e religiosas, mas o Catolicis-

mo em pêso apela para a luz de Cristo, quando o mundo se desorienta no caos da política.

Até nos países protestantes, como na América do Norte, a ação da Igreja se desenvolve com uma pujança que lembra o vigor do Cristianismo primitivo. Basta citar como exemplo o decreto de 1884, promulgado pelos Bispos dos Estados Unidos, quando o ateísmo começou a ameaçar as escolas públicas: «Junto a tôda igreja, onde ainda não existir escola paroquial, ela deve ser erigida no prazo de dois anos, a partir da promulgação dêste Concílio, e deve ser mantida para sempre».

Os mestres que Cristo enviou devem dirigir-se ao mundo todo, atingir a humanidade inteira. Por isso a Igreja é católica, quer dizer universal e abrirá suas escolas para todos os que quiserem conhecer a doutrina de Jesus. Caso, porém, os cristãos frouxos e os não católicos fizerem guerra às nossas escolas, Jesus tornará a rezar só em favor dos que lhe ficam fiéis, como rezou na última ceia: «Pai, guarda em Teu nome os que me deste. Não rogo pelo mundo mas por aquêles que me deste, pois são teus» (Jo 17, 9).

Quem se exclui, voluntàriamente, do ensino da Igreja, se exclui da própria ação e oração de Jesus.

Se de um lado a fundação de escolas católicas parece assumir o caráter defensivo, de outro lado significa conquista do mundo e do Homem para Deus. E já que o próprio Cristo comparou a Humanidade com a massa e seus discípulos com o fermento, as escolas que se abrem em nome de Jesus deverão ser o fermento que aos poucos leveda a massa.

E' o que nos interessará nos parágrafos seguintes.

II. A PEDAGOGIA CATÓLICA

1. Programas Escolares

O Estado, como guardião do Bem Comum, tem o direito de prescrever o mínimo de instrução que devem possuir todos os cidadãos. Às escolas por êle reconhecidas prescreve aliás um programa minucioso e, por ora ainda, demasiadamente pesado para o desenvolvimento do educando.

Quanto aos programas, as escolas católicas se sujeitam ao Estado como as demais. O direito eclesiástico impõe até aos seminários a obrigação de manterem um nível de instrução igual ou superior ao dos demais institutos de mesmo grau no País. Seria, portanto, contrariar a mentalidade da Igreja se algum Colégio Católico, sob pretêxto de formação religiosa, não atingisse o nível exigido pelas leis do País. Agiriam contra a própria Lei divina, uma vez que reconhecemos nas leis justas do País a expressão da vontade de Deus de quem promana tôda autoridade.

Seria portanto discussão estéril e odiosa aquela que quisesse comparar os rendimentos escolares de colégios particulares e públicos, católicos ou não católicos. Conforme e eficiência do professorado atingem tanto êstes quanto aquêles o padrão mais elevado ou o mínimo. Apontamos apenas como vantagem em nosso favor o fato de os professôres e os alunos trabalharem por dever de consciência e não pelo simples anseio de darem ou possuírem diplomas. Acresce que nos institutos católicos o contrôle é duplo: da parte da

inspeção escolar do Estado e da parte dos superiores religiosos. Se, nos últimos anos, tôdas as Ordens e Congregações religiosas foram pressionadas, pela população e pelas autoridades, a expandir a rêde escolar além da medida de suas fôrças, isso se deve ao dinamismo do crescimento brasileiro. Seria no entanto grave injustiça não reconhecermos o esfôrço individual e coletivo do professorado católico para aperfeiçoar-se, participando em os cursos de férias e nas demais oportunidades de formação e aprimoramento. Sintomático é o fato de dois terços dos estudantes de Didática — portanto, dos que no próximo ano assumirão o magistério — cursarem Faculdades livres, na maioria católicas.

Portanto o ensino nas escolas católicas não é em nada inferior ao das escolas públicas. Mas, em caso de igualdade, por que a Igreja obriga seus filhos a se formarem nas escolas por ela criadas? Porque as outras eliminaram de seu programa o ponto mais essencial de tôda a educação, o conhecimento de Deus.

2. Deus, na Educação

Durante séculos foi pacífico ser Deus a meta de tôda a vida humana, e por conseguinte também de tôda a formação para a vida. As escolas ensinavam religião e por ela se orientavam. Nas Universidades, a Teologia, ciência de Deus, era a cúpula de todo o sistema. A mais célebre Universidade americana, o Harvard College, obedecia à lei promulgada em Massachusetts, no ano de 1654: «Para que de modo especial se promova o bem-estar dêste Estado e a juventude seja educada não só na boa literatura, mas também na sã doutrina, esta Côrte entrega o assunto à séria consideração e especial carinho dos supervisores do Colégio e dos representantes das cidades; de maneira a não se admitir ou tolerar continue no cargo ou cadeira de professor, educador e instrutor da juventude ou infância do Colégio ou das escolas, todo aquêle que se tenha mani-

festado herético na fé ou escandaloso na vida e não haja prestado o devido respeito aos ensinamentos de Cristo».

Por que então foi Deus excluído das escolas ou ignorado em grande número delas?

O fato se deu sobretudo após os meados do século XIX, embora o movimento tenha sido preparado no século anterior. Em 1859, Charles Darwin publicava seu famoso livro *The Origin of Species* (A Origem das Espécies), colocando em lugar de Deus, Criador e Conservador do Universo, a teoria do evolucionismo. O mundo seria um simples resultado da evolução, sem intervenção de Ser Supremo. A teoria foi divulgada em suplementos dominicais e desceu para assunto de conversa à mesa e nos cafés. Algumas Universidades apoderaram-se dela para ridicularizarem a Bíblia, o livro sagrado da Revelação divina. Chegaram a classificar a Sagrada Escritura como repertório de elementos folclóricos. Dentro de algum tempo, os professôres, influenciados ou formados por tais Universidades, se envergonhavam de falar de Deus, da alma, do céu e inferno. A conseqüência foi esta: crianças católicas e protestantes passavam cinco ou seis dias da semana num mundo sem Deus e sem fé. As instruções dominicais eram demasiadamente rápidas e a tradição cristã pouco esclarecida para fazerem frente a um ataque tão sistemático e tão generalizado das idéias ateístas.

Acresce que ninguém vive sem Deus. Quando procura abandonar a casa paterna do Deus verdadeiro, a saudade por um Ente Supremo obriga o homem a entrar num templo de ídolos. O educador é o primeiro a forjar para si ou a descobrir tal substitutivo de Deus. Como diz J. Maritain: «Cada educador venera uma divindade. Para Spencer foi ela a natureza; para Compte, a humanidade; para Rousseau, a liberdade; para Freud, o sexo; para Durkheim e Dewey, a sociedade; para Wundt, a cultura; para Émerson, o indivíduo». Trocam-se têrmos; adotam-se doutrinas me-

nos exigentes «que agradem aos ouvidos», como predisse S. Paulo. Por exemplo, em vez de falarem da teologia contentam-se com o humanismo. Se no início humanismo exprime o cultivo do corpo e da alma imortal, aos poucos se restringirá à esfera puramente psicológica; em seguida, o estudo da alma deslocará seu fulcro para o da fisiologia; quando se derem conta, só mais reconhecem os foros da biologia ou quiçá do mecanismo. O homem, filho de Deus e participante da natureza divina, se verá reduzido a simples animal ou máquina.

Nesta hora surgirão os reformadores escolares propondo novos sistemas, para afastarem a «tristeza que pesa sôbre o coração de tôda a filosofia meramente natural» (William James). A América do Norte, donde recebemos nos últimos trinta anos a torrente mais poderosa do materialismo, permitiu a um Horace Mann — aliás mal compreendido na juventude — que banisse a instrução religiosa das classes; Charles Eliot ignorou o sobrenatural; William James colocou em lugar dêle, como meta do ensino, a eficiência, o lado prático; afinal John Dewey entronizou o seu novo deus, a sociedade, de quem promulgou o grande mandamento: «Thou shalt live in and for and by society». (Hás de viver na e para e pela sociedade). Não perceberam porém êsses homens que, ao negarem o Deus Criador, já não podiam apelar para a personalidade humana, nem para a igualdade e a liberdade, porque já não havia quem defendesse o homem mais fraco contra o homem mais forte.

Ao eliminarem os mandamentos de Deus, os pedagogos estabeleceram a base da sociedade sôbre convenções humanas. Não adiantava mesmo ensiná-las aos alunos, porque não seriam válidas quando saíssem das escolas. Puro relativismo.

Sem Deus não há garantia de direitos; sem alma não há liberdade. Sem direitos nem liberdade, já não haverá sociedade, mas grupos que se defendem e atacam.

Ideal Cristão. A juventude não vive sem ideal. Se não descobre veredas que conduzam ao alto, há de derramar-se pela planície na procura anárquica do que satisfaça seu anelo pelo infinito.

Por isso mesmo, Deus, desde a hora em que os homens renunciaram ao Paraíso, lhes propôs o ideal do Messias, do Salvador. Advertido e reanimado pelos Profetas, Israel se preservou da decadência geral.

Para os cristãos, Jesus há de reaparecer, em tôdas as idades, como mestre insubstituível. Se tôdas as palavras d'Êle e todos os Seus gestos têm sentido pedagógico e salvador, os educandos hão de captar sobretudo uma atitude e uma doutrina fundamental:

A atitude de quem passou pela terra «fazendo o bem». Com destemor, diante das autoridades e diante do povo, a despeito do fachadismo e da demagogia, realizava Jesus Seus propósitos e cumpria Sua palavra. Aquêles que o espreitavam nas esquinas das ruas e nas rodas dos amigos não levantaram o desafio: «Quem de vós me acusará de pecado?» A juventude, sempre inconformada com convenções e preconceitos, encontra na pessoa do Mestre divino a realização de seu sonho: desdobrar as capacidades, o dinamismo em favor de uma causa autêntica e duradoura.

A doutrina de Jesus apóia tal atitude constante. Foi no seio da juventude que o existencialismo celebrou os triunfos mais caros em nossos dias. «A angústia é a condição fundamental da existência humana», afirmou Heidegger, um dos maiores corifeus da corrente filosófica existencialista. O homem «lançado para dentro do mundo» sente quanto êste lhe é hostil, quanto é ameaçador e injusto. Em momentos de depressão, o jovem se reconhece como vítima e engrossa não raro as fileiras dos que desistem da existência. Segundo estatísticas, publicadas em *Votre Santé*, nº 95, 1951, de quinhentos parisienses anualmente um se suicida. Nestas horas de crise, o ensino católico lembra-

rá ao educando a doutrina de Jesus: E' Deus, plenitude do ser, que nos fêz partícipes de seu ser. Existimos porque um Pai, extremamente bondoso e rico, nos quis fazer herdeiros de Sua riqueza. Mesmo em horas de crise geral, êste Pai não permitirá que arranquem um só de nossos cabelos, sem Sua permissão e sem que seja para o nosso bem. Verdade é que deixará encapelarem-se as ondas do mar, para enrijarmos nossos músculos no manejo dos remos. E' possível ainda que Jesus faça semblante de dormir na barca de nossa existência. Mas se na hora suprema se nos escapar da mão o remo ou êste se quebrar pela nossa inabilidade, sempre nos resta o recurso seguro de dominarmos o estrondo das ondas por um grito de socorro: «Senhor, ajudai-nos porque perecemos». Como não se dilata o peito do jovem, ao contemplar o poder do amigo Jesus que avança para a proa do navio e comanda aos mares e à tempestade.

Ninguém é tão avêsso a cálculos como a criança e o jovem. E porque não calcula tem de confiar na Providência, tem de aprender a rezar. Mas não se reza de maneira abstrata e sim em favor de um reino que abarque céu e terra, em favor de um pão para o espírito e o corpo, em favor da paz e do perdão, contra a tentação e o mal. Uma escola que não se preocupasse de ensinar a rezar, demonstraria que não conhece a aventura humana e o desequilíbrio das fôrças numa luta intérmina.

A missão das escolas católicas é a de propor os nobres ideais de Jesus e de garantir Sua presença ao lado de todo o educando.

A Dignidade Humana. No Brasil, tanto os que freqüentam escolas católicas quanto os que não as freqüentam foram quase todos batizados. Para uns significa o Batismo uma cerimônia social realizada sem a anuência dêles ou mesmo à revelia; para outros é realidade nova, admissão numa sociedade que procura manter os ideais de Cristo.

Falando a algumas centenas de professôres de ginásio, o autor destas linhas procurou concitá-los, certo dia, a serem amigos e conselheiros dos jovens na luta por uma atitude serena e digna diante das fôrças que convulsionam a vida dêles. Insistiu particularmente em esclarecer os educandos sôbre o dinamismo sexual e sua finalidade, propondo condições em que êste poder positivo e irreprimível se canalize para realizações úteis e satisfatórias. Quando terminou a exposição, aproximou-se do conferencista um jovem professor para dizer-lhe sem rebuço: «Senhor professor, sem negar o valor de sua orientação, acho-a realmente incompleta. O jovem não terá a fôrça de canalizar tôda a sua potência sexual, o môço não renunciará ao ímpeto de desafogar-se na môça, nem esta ao desejo de ver-se acarinhada e possuída, se um e outro não tiverem um respeito profundo perante a sua grandeza e personalidade. Acho que deveríamos lembrar sempre de novo: quando o môço se encontra com a môça, ambos estão diante de um Deus que habita em seus corações, que acolhe e orienta tôdas as suas aspirações. Só podemos possuir o corpo de alguém, quando possuímos o seu espírito e dêste só nos amparamos de fato quando Deus no-lo entrega no sacramento da união matrimonial».

No dia seguinte, professôres protestantes, espíritas, católicos e ateus — informaram-nos da presença de um budista — ouviram em suspenso a exposição destas idéias que todos os colégios católicos inculcam a seus educandos.

A dignidade humana é o ponto de partida e o ponto de chegada de tôda verdadeira educação.

A Personalidade. Talvez não haja êrro pedagógico mais desastroso que o desconhecimento da personalidade do educando. E nada mais anticristão.

A mãe que, no desejo frustrado de ter uma menina, educasse o rapaz em saia e cabelo comprido, a professôra que se deliciasse na docilidade e suavidade da

criança e procurasse perpetuar essa imagem, cometeriam injustiça quiçá irreparável. «Quando era criança falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança; quando cheguei a ser homem, deixei como inúteis as coisas de criança» (1 Cor 13, 12).

A educação católica terá sempre como norma realizar aquilo que os sacramentos significam. Chegada ao uso da razão a criança foi crismada. Traçou-lhe o bispo, com óleo de oliveira embalsamado, uma cruz na fronte. Começou a época, em que, com coragem e desembaraço, o educando procura adquirir sua personalidade própria. Na Cruz de Cristo há mil maneiras de descobrir o caminho, a verdade e a vida. Como desde esta época, todo educando responde a Deus pela própria consciência, todo educador se fará um dever de respeitar a consciência. Pela vida e doutrina, há de ajudar a formá-la, consciente no entanto de que a onipotência e a bondade divina não produz almas, nem propõe destinos em série. Cada uma delas recebe a missão de realizar em vida uma das infindas possibilidades que só Deus sabe idear.

Embora todos os ex-alunos levem pela vida em fora algum gesto, alguma palavra ou quiçá a própria imagem do professor, êste só poderá ambicionar que seus pupilos atinjam a plenitude de sua personalidade em Cristo Jesus que é a imagem de Deus sôbre a terra.

A pedagogia moderna insiste, com razão, sôbre o método ativo: aprender, fabricando; aplicar conhecendo e conhecer aplicando.

A missão específica do cristão crismado é o apostolado. Êste começa por casa, criando por iniciativa de todos e de cada qual um ambiente de bem-estar e cooperação. Desde os primeiros contactos com o educador católico, a criança há de descobrir por intuição que o universalismo é uma característica de sua religião: nada do que é humano lhe poderá ficar alheio. A sociedade não será apenas o meio de expandir suas qualidades mas antes um organismo em que o educando

desempenhará uma função, sempre mais importante: servir é amar; e amar é expressão plena da vida.

A escola católica que tolerasse a passividade e inércia de seus educandos, que não prolongasse sua ação por sôbre tôda a vida social e individual, deveria comparar-se ao servo mau que recebeu um talento e foi enterrá-lo em vez de arrancar com esta fortuna outro tanto em benefício do Reino de Deus.

Equilíbrio e Paz. O homem aspira, com tôdas as veras do ser, ao «belo e bom», ideal proposto também pelos maiores filósofos. Na hora em que desaparecesse a última sensibilidade para o gesto nobre, na hora em que a abjeção total eliminasse de um ser a cintilação derradeira da beleza, nós exclamaríamos horrorizados: é um animal! Não há mesmo homem, por mais cínico que seja, que persevere no mal sem sentir certo desajustamento e depressão. E, desde que empreenda um esfôrço de recuperação, Jesus, o divino pedagogo, não deixará apagar-se a chamazinha da esperança.

Ao longo do curso, em colégios católicos, recordar-se-á ao educando que examine tôdas as noites as ações do dia e que não se deite sem haver-se reconciliado no íntimo com seu Deus, seus irmãos, consigo mesmo. A sinceridade diante de si há de ser desta maneira a base da harmonia com o próprio mundo.

O bom propósito não será um conselho insuflado, mas uma decorrência da confiança em Deus e no caráter que lentamente se enrija na luta pelo bem.

Para o educando, sempre à procura de um confidente, abre-se afinal pela confissão uma possibilidade de patentear seus remorsos e suas faltas a alguém que acolhe o penitente em nome de Jesus e só com Êle reparte o segrêdo. Tão diversa é da psicanálise a confissão; no entanto, traz o alívio que aquela tantas vêzes promete. Por quê? Porque o equilíbrio vem do perdão divino e da sua confirmação por uma autoridade, como também da satisfação que, unidos a Cristo, prestamos pela culpa.

O sacramento da confissão, na educação católica, não é válvula de escape, mas, quando bem preparado e atingido em sua profundeza divina, fonte de paz. Foi assim que Cristo o caracterizou no dia da Ressurreição. Foi um presente de Amigo para amigos.

Plenitude e Ação. A pedra de toque de tôda educação católica é a vida eucarística. O educandário que conseguisse o mais elevado padrão científico unido à freqüência espontânea e ardorosa à santa missa e à comunhão, teria levantado as pilastras inconcussas da vida social e familiar. Mas o que vale custa.

Quando a massa judaica parecia render-se ao portentoso Mestre Jesus, após a multiplicação dos pães, Êste colocou-a diante da suprema exigência: «Trabalhai não por uma comida perecível mas pelo alimento que permanece na vida eterna, aquêle que vos dá o Filho do Homem... Eu sou o pão da vida; quem se achega a mim jamais terá fome... êste pão é o que desce do céu para que não morra quem o come. Sou o pão vivo descido do céu. Quem comer dêste pão viverá para sempre. E o pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo» (Jo 6, 27 ss).

Cristo polarizou sôbre a Eucaristia as exigências mais imperiosas da natureza. Orientadas essas, o homem se entregará sem reservas à sua missão específica.

Primeiro, a fome. Em nome dela, proclamam-se as reformas econômicas e sociais; por causa dela, desenvolvem-se as mais requintadas indústrias. Na vida da espôsa carinhosa e da mãe solícita, o preparo da comida se transfigura em expressão de amor; nos cálculos dos donos de hotéis de luxo, confeitarias e demais indústrias de alimentação refinada, a comida tem de valer como substitutivo para quase todos os ideais da vida.

E na pedagogia de Cristo? Eucaristia é alimento verdadeiro. Mas decepciona a partir do paladar, porque não foi feito para o corpo. No entanto, Cristo insiste em ficar presente dentro do corpo — presença

ma de alimento. Como tôda a nutrição deve fazer do corpo um instrumento mais apto para a alma, assim a Eucaristia, entrando em forma de manjar, atinge logo a alma, transformando-a em Cristo. A exigência da fé de aceitar a presença do Deus-Homem sob as aparências do pão é ao mesmo tempo a lição pedagógica mais fundamental sôbre a orientação da comida para as reais necessidades do corpo e sôbre a orientação do corpo para os serviços reais da alma. A Eucaristia é também sob êste aspecto a súmula de todos os objetivos da educação cristã: proporcionar o desdobramento total das capacidades humanas pela união com Deus.

Em segundo lugar, a comunhão dará ao educando a lição fundamental sôbre o amor. Êste requer presença e aproximação psicofísica. Desde a palavra amorosa que identifica as inteligências e une os corações até ao abraço de amigos ou à entrega total na união do matrimônio, o amor inquieta as últimas fibras do ser. Quando esgotou os recursos todos da expressão física e intelectual ainda deixa uma inquietação profunda. Quanto mais se alastra o fogo mais lenha consome. Jesus, em sua pedagogia divino-humana, prometeu a presença junto ao educando. Quando a criança tiver suficiente compreensão para um amor, mesmo em forma infantil, lembra a Igreja aos pais e professôres o dever de convidarem os educandos para a comunhão freqüente, para despertar novo amor e nova união que supere tôda expressão física e psíquica, até chegar a uma troca de vida: Eu vivo n'Êle e Êle vive em mim! E' a realização dos anelos supremos de todos os amôres da terra, permitir que o amado troque a vida com o que ama. Jesus promete realizar tal anseio.

Os jovens, ao compreenderem esta verdade, na época dos grandes entusiasmos, são capazes de elevar-se a uma verdadeira mística em tôrno da Eucaristia.

Donde então a frieza da maioria, mesmo em insti-

tutos católicos, se êstes apresentam, como finalidade última, preparar os educandos para a união com Deus?

Não se pode aplicar medidas puramente terrenas para operações sobrenaturais. Amor significa, para quase todos os afeiçoados ao cinema e à vida social, comoção sexual ou no mínimo enleio sensual. E é raro que Cristo produza uma vibração que percorra o corpo e incendeie o entusiasmo. Seria um efeito desprezível diante da grande realidade que a Fé nos apresenta. Normalmente, Êle convida a alma ao silêncio, para as trocas sinceras do amor ou para a atividade caritativa abnegada, onde Jesus e o comungante serão um e mesmo portador da Boa Nova. Uma comunhão autêntica, em que o aluno, pela fé e entrega total a Nosso Senhor, deixou Cristo Eucarístico tocar-lhe as primícias do espírito e do amor, é capaz de marcar a vida inteira.

Mas, como para a conquista do pão material o agricultor jamais descansa, assim para a conquista do pão eucarístico o «animicultor» — o educador católico — tem de renovar a semeadura. A doutrina da primeira comunhão não basta. Novas instruções, novas leituras, oração progressiva, apostolado em nome de Cristo, serão outros tantos atos de amor que permitirão a troca com o supremo Amor: «Cristo vive em mim e eu n'Êle».

Enquanto há educandários que desistem da educação pela missa e para a missa, outros há que se integram no movimento litúrgico. Em pequenos círculos, ativados por dirigentes da JEC ou pela Legião de Maria, estudam os textos litúrgicos à base dos documentos pontifícios e dos belos estudos de autores espanhóis, franceses, italianos e alemães. Até da América do Norte nos vem boa literatura para tal formação, centralizada sôbre a santa missa.

Instrução, porém, ainda não é sinônimo perfeito de edücação. Uma dupla atitude há de caracterizar os jovens que viverão da missa: primeiro, a aceitação de

propõe a fé: rezar com êle ao pé do Altar; ouvi-lo pelas lições; levantar com êle os olhos e o coração no Ofertório; ir-lhe ao encontro com tôda a Igreja no Cânon; oferecê-lo ao Pai na Consagração; oferecê-lo em seu corpo místico no *Per ipsum;* prepararlhe a mesa eucarística a partir do Pai-Nosso; renovar o pacto de Amor na Comunhão; organizar as tarefas e as disposições do dia com Êle... afinal, identificar-se com Cristo de maneira sempre nova e original.

A segunda atitude é social. O educando percebe que vive pela sociedade, sem nada sacrificar de sua responsabilidade pessoal. Faz parte do Corpo Místico de Cristo, a que pertence sua mãe e professôra, como também o último católico africano; a que pertencem as almas do purgatório; a que pertencem os santos; S. Teresinha, S. Antônio, os Arcanjos hábeis na luta com os diabos, como S. Rafael e S. Miguel, e o próprio anjo da guarda. Se no início a idéia da comunhão dos santos só aflora à mente da criança quando ela pede favores do céu para os entes queridos, aos poucos lembrar-se-á de agradecer em nome de todos, de reconhecer o poder e a vontade de Deus (=adoração), de implorar o perdão pelas más ações de irmãos em Jesus.

Há poucos dias, uma jecista nos afirmou que chegou à convicção absoluta de que não há apostolado sem vida eucarística, sem amor ao Cristo Sumo-sacerdote e Medianeiro. Poderíamos acrescentar ainda: sem Comunhão e Santa Missa não há nem mesmo educação católica. Só é católico quem admite a presença contínua de Cristo junto a seus fiéis: «Eu estarei convosco até a consumação dos séculos».

As grandes tarefas sociais. Tanto falamos em educação social, que chegamos a ser socialistas. Quer dizer, transferimos as obrigações e os direitos da pessoa para as sociedades existentes. Com isso, nos tornamos passivos e comodistas ou, no mínimo, estagna-

mos. Até acontece que essas sociedades, não excluído o Estado, permitam que certos indivíduos e grupos lhes imponham a ideologia. E aí temos o monstro: uma sociedade com enorme massa de corpos e com a alma de um ou poucos indivíduos. E' a concretização do monstro legendário: um corpo constituído de pesada massa e umas cabecinhas peçonhentas. E quanto veneno destilam essas cabecinhas para dentro da massa e em tôrno dela vimo-lo pelos totalitarismos modernos, tanto da direita quanto da esquerda, «chifres do mesmo demônio».

A educação social cristã se processa reforçando a responsabilidade individual e subindo dos núcleos primitivos até a grande sociedade da nação e da humanidade.

Primeiro, a educação do indivíduo, para que êsse assuma a responsabilidade por seus atos e desempenhe a função de um membro sadio dentro de um corpo. Depois a Família. A escola católica reforça o vínculo do educando com a Família, porque considera-se a delegada desta. Nossa concepção, porém, não restringe a missão da escola a ponto de considerá-la como um reflexo da família. Nem sempre esta é tão luminosa, que seja capaz de iluminar também a escola. Antes quer a educação católica acender novos fachos que iluminem e orientem a própria Família.

Como já queria Fénelon, a educação católica deverá formar boas mães e bons pais de Família, como também homens aparelhados para as missões concretas da vida. Desde a primeira idade, a escola terá de apetrechar os educandos, para que possam defender o patrimônio material e cultural que servirá à expansão de sua futura família.

Quando um dia a nova legislação brasileira do ensino permitir aos educandários católicos a elaboração de parte do programa, êles hão de teimar em transmitir não só o fundo comum de cultura, mas também uma formação específica e um sistema de vida. Penso,

por exemplo, nas habilidades femininas de criar um ambiente caseiro, com alegrias e diversões, cozinha e quartos bem acomodados, onde, sem grandes recursos e suntuosidade, a vida possa ser um espelho da união e paz que reina no seio da SS. Trindade e que reinou na casa de Nazaré.

Nos anos de ginásio e colégio, a profissão futura não pode ser encarada ùnicamente em seu aspecto técnico e material. A orientação profissional, ainda incipiente em nosso meio, deverá ser ministrada pela tríade inseparável: o jovem que escolhe, os pais que prevêem e calculam, e o colégio que informa e, às vêzes, em casos de divergência, equilibra e harmoniza. Mas há sobretudo o lado social por excelência que forma o painel de fundo na retina do bom educador: a futura Família. O coração da môça, sequiosa de entrega, fará aos poucos a seleção do ouro e da ganga. Pela história e literatura, pela arte e estética, e ainda particularmente pelas atividades sociais e a prática religiosa, descobrirá o valor da ordem e o preço do sacrifício. O jovem belicoso e exigente, conquistador e fanático, agressivo e destruidor, começa por exercitar as fôrças físicas, intelectuais e morais, até que descubra que aquêle a quem considerava o maior aliado, na realidade, é seu inimigo: o egoísmo. Quando afinal os ideais supremos do Bem e da Verdade tiverem construído nos corações jovens a morada ao abrigo dêste inimigo, a espôsa aí pode entrar, pois Deus a acompanha e Deus a recebe.

Acontecerá igualmente que os educandos, ao contacto dos grandes ideais de Cristo, sintam que vale a pena canalizar para êles todo o caudal de fôrças e energias da jovem existência. Consagrando a Cristo sua vida dedicam-se às escolas, hospitais, missões e obras de caridade e sentem a verdade, expressa pelo Apóstolo: «O casado deverá cuidar das coisas do mundo, de como agradar a sua mulher e assim está dividido. A mulher não casada e a virgem só têm de se preocupar

com as coisas do Senhor, com ser santa em corpo e espírito» (1 Cor 7, 34). A máquina, feita de uma única peça, não se desgasta pela trepidação.

Como «muitos são chamados e poucos os escolhidos» seria vantajoso que os colégios católicos, desde os primeiros anos, apresentassem também a vida sacerdotal e religiosa como uma realização cabal da existência, como um desdobramento completo das fôrças físicas, intelectuais e morais, a serviço de Deus e da humanidade.

Pais muito agarrados aos filhos, sobretudo quando êstes são pouco numerosos, temem a vocação religiosa, despertada pelos mestres religiosos. E' compreensível, porque ainda não experimentaram o desmentido daquela mãe de duas filhas, ao desafogar-se com a mais nova: quando sua irmã se casou, meu coração me parecia renascer em cada neto. Hoje, evitam a velha que ainda chamam de vovó, enquanto de Você e de seus alunos continuo sendo mãe. Ambos os estados são bons e excelentes, mas é S. Paulo que nos diz: «quem dá em casamento a virgem faz bem e quem não a dá em casamento procede melhor» (1 Cor 7, 38). E' aliás o distintivo de quem se colocou nas mãos da Providência divina, não regatear com Deus o preço de um filho. Que êste O sirva na condição, em que mais amplamente puder desdobrar suas capacidades.

III. CRISES MODERNAS E A EDUCAÇÃO CATÓLICA

1. Imoralidade

O célebre relatório Kinsey (1947) surpreendeu o mundo com dados referentes ao comportamento sexual do homem (sexual behavior in the human male), e o comportamento sexual da mulher (sexual behavior in the human female). O dossier que Kinsey afirma ter analisado se compunha de 16.000 respostas de homens e de 5.940 respostas de senhoras, sôbre a masturbação, poluções, relações heterossexuais, homossexuais e mesmo com animais. Os sociólogos, antropólogos, psicólogos e estatistas americanos que colaboraram com Kinsey pretendem não julgar, mas acabam lançando um veredito tremendo contra a cultura ocidental moderna: «Pelos dados que possuímos, pode-se afirmar que 95% ao menos dentre os jovens poderiam ser condenados por violação das leis sexuais, se os funcionários encarregados de as aplicar fôssem tão enérgicos quanto parecem».

As mulheres americanas, justamente indignadas com as revelações de Kinsey a respeito dos homens, não foram menos atingidas pelas cifras. Se as relações pré-conjugais desceram de 95% entre homens para 50% entre mulheres, duas môças entre 5 fariam experiências do ato sexual antes dos 15 anos e, na idade de 20 anos, a percentagem subiria a 91.

Diante de tais resultados, psicólogos e sociólogos sem Deus apelavam para uma modificação das leis. Ma

o que valem as leis se não existem os costumes, diz o ditado latino.

Mesmo se tal relatório fôsse verdadeiro, admitindo mesmo que fôsse universal, a Igreja Católica não recuaria de um milímetro suas exigências e continuaria a confiar nos meios que Cristo nos deu, para salvarmos os jovens e os homens que aceitam sua pedagogia.

Se o mandamento escrito sôbre pedra parece assumir a forma negativa: «Não pecarás contra a castidade», Cristo também o anunciou em forma positiva, como fundamento de todo o Seu Reino: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de todo o teu entendimento. Êste é o maior e o primeiro mandamento. O segundo, semelhante a êste, é: Amarás o próximo como a ti mesmo» (Mt 22, 38 s).

Êste é o maior mandamento que inclui ao mesmo tempo a solução para a crise sexual e afetiva do mundo moderno: canalizar tôdas as potências para as obras de Deus e da Humanidade e não apenas para o egoísmo. A tendência hedonística profunda, que não permite ao homem renunciar à própria felicidade, deverá ser orientada pela educação cristã para o serviço de Deus e do próximo: Quem perde a sua alma, encontrá-la-á, diz Jesus.

2. Desonestidade

Desde o homem que vi nestes dias ajuntar no ônibus uma nota que o passageiro apressado deixara cair e embolsá-la com um gesto com que não se embolsa coisa própria, até aos falsificadores de injeções de que dependem vidas inocentes, a onda de desonestidade avassala a nossa Pátria.

Há os roubos clássicos e os brutais, há as manobras escusas e as percentagens daqueles «que não são burros», para não aproveitar. Se a situação se agravar neste ritmo, teremos ainda a coragem — daqui a vinte anos — de dizermos que somos brasileiros?

E sabem o que dói? Mães ajudando os filhos a preparar a «cola», para que roubem uma nota «decente». Não sabem elas que os mesmos filhos, daqui a pouco, não só lhes assaltarão o cofre, mas a própria honra?

Só nos resta uma confiança. E' a religião. A criança sabe que Deus não perdoa o roubo. «A cada um o seu» — definição de justiça — valerá mesmo no dia do Juízo Final. A voz da consciência há de bradar sempre a quem roubou ou enganou: restitua. E se o educando, no esfôrço de tranqüilização, tudo confessasse ao representante de Jesus, no tribunal da penitência, êste lhe responderia: Só receberás o perdão, se restituíres.

Mas a educação, em colégio cristão, não poderá contentar-se com a repressão. E' preciso penetrar no âmago do problema. A criança rica saberá que o homem não é dono absoluto da riqueza; não possui direito absoluto, porque é administrador dos bens que, em última análise, pertencem ao Criador. Não possui por isso o direito de esbanjar o que lhe sobra, o supérfluo: deverá distribuí-lo aos pobres e ganhar com sua generosidade os amigos do céu. Se o não fizer, crescerá como um camelo. E, na hora de passar pelo orifício de uma agulha, verificará quanto lhe estorvam as banhas e a própria giba. — Os pobres serão levados, com mansidão, a descobrir que o desejo de enriquecer é tão perigoso quanto a própria riqueza. Deus não quer a miséria; Jesus teve pena dela e suprimiu-a ao longo de sua caminhada; a dignidade humana exige um mínimo de bem-estar. Apesar disso, «haverá sempre pobres entre nós». Afinal, serão os coxos e tristes, os trabalhadores probos, que um dia rivalizarão com os anjos em riqueza.

Que escola ousará ensinar tais verdades, sem apelar para o testemunho de Jesus?

3. Anarquia

Quem de nós gostaria de estar na situação daquela mãe que, nestes dias e no lugar onde escrevo estas linhas, no interior do Brasil, recebeu a visita da poli-

cia, acusando-a de que seu filho menor causara prejuízo de 150 contos, assaltara com outros rapazes um pobre colono, lhe quebrara a bicicleta, despojando o pobre homem e maltratando-o?

Quem, por outro lado, não teria pena da jovem que, dia por dia, vê seus pais darem ordens por simples capricho, a si próprios não negando nenhum prazer, e aos filhos — apesar de tudo, de boa índole — não ajudando no mínimo a encontrar sua posição na vida? Sentem quem sabe os filhos que estão internados, para desembaraçarem o caminho do gôzo àqueles que os geraram.

«Tôda a autoridade legìtimamente constituída vem de Deus». Com isso a Igreja adverte os pais a não mandarem, sem estarem obedecendo à voz de Deus. As escolas católicas, no período histórico caracterizado pelo totalitarismo extremado e pela democracia anarquizada, hão de repetir incessantemente que tôda autoridade visa um fim superior, visa uma ordem. E a ordem se define como «a boa disposição das coisas em vista de um fim».

Deus, pai de tudo o que existe, chamou o homem e a mulher, para que participassem de seu poder criador. Como Êle, Deus, tudo criou por amor, infundiu na própria fonte da vida tanto amor, que o sacrifício da formação e educação da prole pode afigurar-se leve. Para não desviar a autoridade amorosa para fins egoístas, Deus continua a lembrar que, em última análise, é êle o Pai da matéria e o único Pai da alma. Será preciso ainda lembrar que só ao quarto mandamento do decálogo Deus ajuntou uma promessa imediata? «Honra teu pai e tua mãe, para teres longa vida sôbre a terra que Javé, teu Deus, te dará» (Êx 20, 12).

As escolas católicas defendem a tese de que elas sejam o prolongamento do lar, antes de serem o instrumento da sociedade. Daí o cuidado de não criarem conflitos de autoridade paterna ou materna. Traço por traço, desde o jardim da infância, a professôra deverá

pintar a imagem dos pais em côres inesquecíveis, no coração das crianças. E quando estas lhe levam as confidências dos primeiros conflitos, quantas vêzes, sem que isso jamais se revele sôbre a terra, o professor ou a professôra desfaz os pequenos equívocos e ensina a arte de diminuir ou dirimir o nervosismo caseiro. E, quando já não há solução, paira, por cima de tôda a tragédia, a Cruz e o olhar acolhedor do Pai do céu.

Mas, então, por que também de colégios católicos podem surgir os *play-boys?* Nem sempre os pais são culpados, nem sempre os colégios são responsáveis. Quando a peste é geral, quando os germes se transmitem pelo ar e pela luz — rádio e cinema, televisão — todo o organismo se vê exposto.

Mas resta-nos uma garantia. Como o sacrifício autêntico do amor materno acaba triunfando sôbre o coração mais empedernido — não foi o que se deu com S. Mônica em relação a S. Agostinho? — assim também as normas e o exemplo viril dos professôres virão à tona, quando tôda a água parecer turva. «Na vossa paciência possuireis vossas almas», garante-nos o Divino Mestre.

IV. CRIANÇAS CATÓLICAS QUE NÃO FREQÜENTAM ESCOLAS CATÓLICAS

O divino Mestre passou a maior parte de sua vida pública ensinando. A Igreja, em tôdas as partes do mundo, se apresenta como Mãe e Mestra. Desde que se infiltrou o espírito indiferente ou mesmo ateu nas escolas públicas, ela incentivou os melhores de seus filhos e filhas a assumirem, como tarefa especial, o ensino católico em todos os ramos. Daí tantas Congregações religiosas modernas, dedicadas quase exclusivamente ao ensino.

Poderia um católico, no mundo descristianizado de hoje, ignorar as escolas e enviar seus filhos, sem mais, a institutos alheios às nossas sagradas crenças? Poderia um católico continuar a desprestigiar suas escolas com críticas ou preterição por causa de certas coisinhas que lhe não agradam pessoalmente e dar preferência a uma escola que peca no essencial, omitindo-se em relação a Deus? Não.

Se no entanto acontecesse que por motivos imperiosos, distâncias, custo do ensino, falta de vaga em estabelecimentos católicos, os filhos de católicos tivessem de freqüentar estabelecimentos públicos ou não católicos, quais seriam as obrigações dos pais?

1. Aconselhar-se

Não dar por resolvida a questão, antes de entender-se com a autoridade eclesiástica. Se não fôr fácil encontrar o Vigário, sempre haverá possibilidade de pe-

Por que isso?

Os pais não se podem considerar os únicos responsáveis pela sorte dos filhos. Desde que os fizeram batizar, aceitaram para êles a Igreja Católica, como Mãe. «Não pode considerar Deus como pai quem não aceita a Igreja por Mãe», é uma tese que os cristãos vêm repetindo desde os primeiros séculos. Como a escola forma ou corrompe sobretudo a alma, é claro que os representantes de nossa Mãe Igreja nos deverão aconselhar num assunto que é também de sua alçada.

Muitas vêzes aliás acontecerá que nossas escolas gratuitas terão mais um lugar, outras vêzes, quem sabe, as escolas pagas concederão o necessário abatimento. Talvez se possa mesmo providenciar auxílios financeiros. E, esperamos firmemente, que, com a promulgação da nova lei de ensino, todos os pais necessitados recebam bôlsas para os filhos e possam escolher a escola segundo os ditames da consciência.

2. Freqüência às Aulas de Religião

Caso seu filho freqüente escola não católica, no ato da matrícula deverá pedir ao secretário do instituto que o inscreva no curso de religião católica. A Constituição Brasileira, Artigo 168, V, faculta a todos os alunos a instrução religiosa, segundo a indicação dos pais.

Logo nas primeiras semanas de aula, queiram êles informar-se sôbre o professor ou a professôra de religião, repetindo e preparando junto com o filho a matéria principal do ensino.

Se em sua paróquia ainda houver aulas avulsas de religião ou instrução dominical, não só levem os filhos para a preparação da primeira comunhão, mas ensinem-lhes a participar de todo o movimento religioso. Seria pouco, se disséssemos que tais educandos precisam mais

da assistência de Deus do que as crianças amparadas pela escola católica.

A oração deverá ser encarada como questão decisiva, particularmente em tais circunstâncias: os pais ensinar-lhes-ão a entreter-se com Deus, como Pai, Amigo e Juiz de tôdas as ações. Para que da mensagem de Jesus os filhos adquiram uma compreensão vital, os pais serão coadjuvados pela leitura das belas revistas e dos livros ilustrados de orientação católica. Não é luxo, mas dever dos pais e dos filhos. Os cruzeirinhos, gastos nesta formação, economizarão muito dinheiro e pouparão amarguras, preparadas por uma juventude leviana. Seria ainda preciso lembrar aos pais, que não basta mandar fazer nem dizer que se faça? Mas ir fazendo, junto com os filhos?

Em certos períodos, a mãe terá mais ascendência; em outros, o pai é o companheiro e conselheiro ideal; em dados momentos, os irmãos mais velhos e certos amigos resolverão os problemas. Contanto que todos sintam, saibam e digam: em nossa casa, Deus não é mendigo; Êle manda e ajuda a realizar.

3. Ação Católica

Em muitas escolas, funcionam movimentos juvenis. Seus filhos talvez já tenham descoberto a J.E.C., o movimento da Ação Católica para a classe estudantil. E' obrigação incentivá-lo. Quem trabalha por Cristo entre os colegas defende-O também no íntimo do coração.

Não receiem os pais que tal movimento de Ação Católica venha a prejudicar os estudos. Pelo contrário, quando bem dirigido, êle ensina a valorizar o tempo, a cumprir com o dever, a trabalhar em equipe, a ocupar a posição de líder em todos os setores.

Nos últimos tempos, a Legião de Maria tem operado verdadeiras transformações em ambientes colegiais. A prestação de contas, o contrôle, a orientação e o estímulo direto, nas reuniões semanais, fazem dos sol-

dados da Legião de Maria autênticos caracteres, para enfrentarem as ondas de corrupção. Uma das formas mais eficientes do apostolado moderno. Ao ouvir um jovem legionário, nos lembramos instintivamente dos primeiros cristãos que se intitulavam a si próprios «milites Christi» (soldados de Cristo) e entendiam a linguagem guerreira de Jesus: espada, guerra, vigílias, inimigo, reino e vitória.

Caso não existam tais movimentos nas escolas de seus filhos e não seja fácil criá-los, os pais hão de preocupar-se em inscrever os estudantes em certos movimentos da Igreja: cruzadinhos, juventude mariana, filhas de Maria. Numa época tão socializada, só nos defendemos quando bem acompanhados.

Talvez seja a hora de insistirmos junto aos filhos sôbre a necessidade de acrisolarem uma das mais importantes características do adolescente: não parecer apenas, mas ser alguma coisa; não ostentar títulos e faixas, mas qualidades e realizações. Atividade e mais atividade, fundada em convicções e na confiança em Deus.

4. Tranferência para Escolas Católicas

Se fôr um dia possível transferir os filhos para boas escolas católicas, os pais hão de fazê-lo. E' evidentemente obrigação grave. A lei da Igreja prescreve-o com severidade: «Crianças católicas não freqüentem escolas acatólicas, neutras, mistas, a saber aquelas que estão abertas aos acatólicos» (*Direito Canônico*, 1374).

Não basta, porém, transferi-los, porque tôda a transferência é dolorosa, sobretudo a de um ambiente escolar para outro: novos professôres e novos colegas, que nem sempre saberão sintonizar com os adventícios. Com uma palavrinha junto à professôra, com uma amizade ou conversa entabulada, o ambiente parecerá menos estranho ao filho. Mesmo quando êste já se vir entrosado em novo sistema, contando aventuras e peripécias, não se dêem os pais por satisfeitos.

Afirmamos que a escola católica deve ser a prolongação da família, e os professôres, os delegados dos pais. Toca a sua vez de prová-lo. Ou, sentir-se-iam os pais dispensados de falar com seus delegados? Quanta coisa a professôra não observa! As mães estão convencidas de que conhecem os filhos em suas mínimas reações. De fato, êles são carne de sua carne. Mas possuem unhas próprias, pés e mãos, língua e cabeça que se exercitam não mais nas paredes, nos vasos, plantas, fogão e jardim, mas que encontram um exército de coleguinhas, com diferentes instintos e educação. A professôra facilita a transição da família para a escola e observa igualmente que, na grande Família da escola, certas tendências se hipertrofiam, enquanto outras se atrofiam.

Ao longo dos anos de formação, os melhores conselheiros dos pais nem sempre serão as comadres. Os pais e professôres deveriam conjugar esforços para lançar a ponte afetiva entre o lar e a escola. Por ela passariam os filhos com mais gôsto e quiçá com mais desenvoltura. Não queremos estufas para nossas plantas vivas; não advogamos em favor de ambiente fechado. Aí se criariam muitos bacilos e quem sabe até pulgas. Queremos sol, vento, natureza e liberdade, mas sob as vistas de Deus e o contrôle de seus representantes.

5. Novas Escolas

A melhor organização é aquela que surge do ambiente, que corresponde a uma necessidade fundamental e é aperfeiçoada pela cooperação da maioria. Eis um princípio democrático. Eis também o início de quase tôdas as escolas católicas.

Os pais foram criando seus filhos, ensinando-lhes, como podiam, a boa educação, o respeito aos outros e a relação para com o Pai dos céus. Antes de os filhos atingirem a idade escolar, começavam a preocupar-se: como ensinar a ler, escrever, contar, orientar-

se, sem sofrer más influências? Não raro, nossos pr
meiros imigrantes, afastados dos centros, escolhiam u
ou dois rapazes, custeavam-lhes os estudos; construía
então primitiva escola e para ela mandavam os filho
A escola nascera do meio e por êle era amparad
Não sabiam êles que estavam pondo em prática u
princípio, que entraria na *Declaração dos Direitos d*
Criança, aprovada por 78 nações da Organização da
Nações Unidas (nov. de 1959). As crianças iam cre
cendo «sob a proteção e responsabilidade de seus pai
sempre numa atmosfera de afeição e segurança mo
ral e material». Nestas escolas, a criança se abria par
as responsabilidades da vida, com a mesma esponta
neidade e pujança, com que o botão se abre para
sol e para o olhar dos homens.

Também hoje, num Brasil trepidante e agitado po
correntes, ninguém deverá deixar aos outros a respon
sabilidade única do ensino. Onde houver famílias ca
tólicas, elas deverão congregar-se para resolverem
segunda etapa de seu programa: educar os filhos qu
sob a bênção de Deus geraram e criaram.

A herança que deixamos à prole pode estar cercad
de tôdas as garantias legais, enquanto ela fôr apena
material, estará exposta a bandidos e ladrões. Quant
mais interna ela fôr, quanto mais reforçar os laço
que sobem do coração do filho ao do Criador, mai
perene e mais valiosa a herança.

Não há poder algum que destrua o ensino católico
porque Jesus está conosco até o fim dos tempos. Mas
para que a escola católica seja a escola de seus filhos
é preciso que Você o queira e coopere.

ESTADO DO AMAZONAS

299

Programma de ensino

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

E

Instrucções para sua execução

AM
F522

MANÁOS—AMAZONAS

SECÇÃO DE OBRAS DA IMPRENSA OFFICIAL

97—Rua Municipal—97

1907

PROGRAMMA DE ENSINO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

Escolas do 1.º gráo

Leitura: primeiros exercicios de leitura, lettras, syllabas, palavras usuaes; leitura de pequenas phrases simples e graduadas; explicação dessas phrases; leitura corrente de phrases curtas, encerrando conhecimentos usuaes; leitura de pequenas narrações muito faceis com exposição dos assumptos lidos; primeiros exercicios de leitura manuscripta.

Escripta: primeiros elementos da escripta sob a mais estricta observancia da direcção da penna; traços simples de formação das lettras de caracter inglez, afim de educar o movimento da mão nos manejos da penna ou do lapis, passando depois á aprendizagem da escripta propriamente dita pela forma seguinte: 1.º, imitação em papel pautado em cadernos pouco volumosos e que não excedam a $0^{m},16 \times 0^{m},22$ das lettras do alphabeto minusculo, segundo a ordem aqui indicada—i, u, n, m, e, c, o, a, v, x, r, s,

z, t, d, b, l, h, k, j, y, p, q, g, f,—escriptas pelo professor no papel com a maior perfeição possivel. A aprendizagem deve ser feita de maneira que o alumno repita no dia immediato a lição feita no dia anterior, não convindo que nas primeiras lições se apresente mais de duas lettras; 2.º, ligação superior e inferior das lettras, formando syllabas, palavras usuaes e pequenas phrases; 3.º, copia do alphabeto maisculo, começando pelas linhas elementares de sua formação, seguindo-se-lhes o traçado das lettras, copia de nomes proprios de pessoas, paizes, cidades, rios, montes, etc. Convem que o professor não se descuide de dar aos alumnos noticias e explicações sobre as palavras e os nomes proprios que escreverem, ensinando-lhes ao mesmo tempo a grossura relativa dos traços, etc.; 4.º, copia de algarismos pela sua ordem natural. O professor deverá diligenciar para que todos os alumnos dêem ás lettras e aos algarismos a inclinação de 45.º, não procurando porem forçar a inclinação da lettra do alumno, desde que não seja inferior a 40.º, nem superior a 50.º.

Lingua nacional: Exercicios combinados de linguagem, de escripta e de leitura, com o fim de preparar os alumnos para orthographia; primeiras noções, dadas oralmente, sobre o substantivo: genero e numero; e sobre o adjectivo e o verbo: primeiros elementos da conjugação; concordancia do adjectivo com o substantivo, do sujeito com o verbo. Exercicios oraes: ques-

tões muito familiares, tendo por fim ensinar ás creanças correcção no fallar e abolição dos vicios de pronuncia locaes; explicações sobre o sentido e a funcção das palavras lidas no livro de leitura. Exercicios de memoria: recitação de poesias curtas. Exercicios escriptos: primeiros dictados de uma palavra, depois de duas, de tres, e por ultimo de pequenas phrases; reproducção escripta na lousa, na ardosia ou no caderno, de phrases precedentemente explicadas.

Arithmetica e systema metrico: Contar por processos espontaneos, empregando a technologia propria; primeiros elementos de numeração fallada e escripta; pequenos exercicios de calculo mental; addição e subtracção de numeros concretos, não passando de cem; addicção, subtracção, multiplicação inteiramente applicadas, a principio de 1 a 10, depois de 10 a 20 e assim até 100; exercicios preparatorios para a divisão. Calculo escripto sobre as tres primeiras operações, reduzidas a questões muito simples: subtracção em que todos os algarismos do minuendo sejam maiores do que os do subtrahendo; multiplicação em que um dos factores só tenha um algarismo; problemas oraes ou escriptos sobre assumptos muito usuaes; exercicios de raciocinio sobre os problemas e as operações executadas. Conhecimento pratico, por meio de modelos, do metro linear, do litro e da gramma: seus usos.

Geographia: Palestras familiares e pe-

quenos exercicios tendendes a despertar a observação das creanças, fazendo-as simplesmente notar os phenomenos mais communs e os principaes accidentes do solo; os pontos cardeaes aprendidos no terreno; orientação pelo sol. Exercicios de observação sobre os principaes phenomenos atmospphericos, sobre o horizonte e os accidentes do terreno. Explicação dos termos geographicos: montanha, rio, mar, golfo, isthmo, estreito, cabo, ilha, etc., partindo sempre de objectos vistos pelo alumno e procedendo por analogia. Geographia local: casa, rua, cidade, villa ou povoado, municipio, estado, nação e procedendo-se depois pelo methodo, contrario. A terra: forma e grandes divisões da terra.

Idéas de representação cartographica, sua orientação e leitura. Situação do Brasil no mappa da America, e do Amazonas no do Brasil.

Historia: Explicação de imagens representando passagens da historia patria; leitura, pelo professor, de factos capitaes da nossa historia, que deverão ser contados depois pelos alumnos. Explicação dos factos commemorados nos dias de festa nacional ou estadual.

Desenho: Copia, em papel quadriculado ou ponteado a lapis de plombagina, n.º 2, de exemplares formados por linhas rectas em differentes posições: horizontaes, verticaes, inclinadas, cruzadas, em diagonal, etc. Imitação dos caracteres da conta romana; imi-

tação de lettras e algarismos rectilineos de imprensa.

Educação moral e civica: Palestras muito simples por occasião das lições ou nos recreios. Historietas moraes contadas e seguidas de perguntas proprias a fazer comprehender o sentido e verificar si as creanças o entenderam bem. Cuidado particular para com aquellas, em que o professor observar algum defeito ou vicio incipiente. Leitura explicada de narrações, exemplos, preceitos, parabolas e fabulas. Ensino pelo coração. Exercicios praticos tendentes a pôr a moral em acção na propria escola: 1.º, pela observação individual dos caracteres, tendo muito em conta as disposições dos alumnos, afim de corrigir suas faltas com doçura ou desenvolver suas bôas qualidades; 2.º, pela applicação intelligente da disciplina escolar como meio educativo, dando exemplo de escrupuloso espirito de equidade no governo da escola; inspirando horror pela delação, dissimulação e hypocrisia; collocando acima de tudo a franqueza e a rectidão, para o que não impedirá, nem deixará esmorecer o modo de fallar franco das creanças, suas reclamações, pedidos, etc.; 3.º, pelo appello incessante ao sentimento e ao senso moral da creança, fazendo-a muitas vezes juiz da propria conducta, procurando despertar-lhe o maior apreço pelo esforço moral e intellectual d'ella e dos outros; buscando manter nos alumnos a liberdade de dizer e de agir, auxiliando-os na descoberta dos erros e

máos successos, que por ventura possam experimentar; 4.º, pela correção de noções grosseiras, preconceitos e superstições populares, crenças em maleficios e apparições, influencia de certos numeros, etc.; 5.º, pelos ensinamentos resultantes dos factos observados pelas proprias creanças, fazendo-as notar na mesma occasião as tristes consequencias dos vicios de que ellas muitas vezes tenham o exemplo sob as vistas, taes como a embriaguez, a preguiça, o desleixo, a crueldade, os máos instinctos; inspirando-lhes tanta compaixão para com as victimas desses males, quanto horror para o mal em si; procedendo tambem esse ensinamento por via de exemplos concretos e de appellos á experiencia das creanças, afim de inicial-as nas emoções moraes e educal-as no sentimento de admiração pela ordem universal, fazendo-as notar alguma das grandes scenas da natureza; no sentimento da caridade, mostrando-lhes uma miseria a alliviar, dando-lhes occasião de exercel-a effectivamente e com discreção; nos sentimentos de reconhecimento e de sympathia pela narração de um rasgo de coragem, pela visita a estabelecimentos de beneficencia etc.

Explicações familiares, por occasião da leitura, das palavras que possam despertar uma idéa nacional, taes como: cidadão, soldado, exercito, patria, municipio, estado, lei, justiça, etc.

Lições de cousas: Noções muito elementares sobre o corpo humano; conselhos de

hygiene, asseio; pequeno estudo comparativo dos animaes que as creanças conheçam; de plantas, pedras, metaes, plantas alimenticias e industriaes, pedras e metaes de uso commum. O ar e a agua, vapor, nuvem, chuva, gelo. Pequenas lições de cousas, sempre com os objectos á vista e á mão das creanças. Exercicios e palestras familiares, tendo por fim fazer que as creanças adquiram os primeiros elementos dos conhecimentos usuaes, como: direita, esquerda, nomes de dias e mezes, distincção de animaes, de metaes, de mineraes; esforçando-se para que ellas adquiram o habito de vêr, observar, comparar, indagar e reter. Como ordem a seguir nestas lições, procurar-se-á combinar, sempre que fôr possivel, sobre o mesmo objecto a lição de cousas, o desenho, a lição moral, os jogos, etc., de forma que a unidade da impressão destes diversos modos de ensino deixe um traço bem accentuado na intelligencia e no coração da creança.

Gymnastica: (30 minutos por dia) Primeiros exercicios de ordem: formação de fileiras, marchas, debandar, reunir; primeiros movimentos preparatorios: posição de attenção para os braços e as pernas; movimentos de braços, da cabeça e do pescoço, dos musculos do abdomen, dos musculos dorsaes, das partes lateraes do corpo e das pernas; movimentos respiratorios; jogos.

Trabalhos manuaes: (para ambos os sexos) Collagem de papel; corte de esquadria e meia-esquadria; exercicios com botões,

pallitos, etc.; collagens de papeis de côres já cortados para confecção de mosaicos muito simples.

Trabalhos de agulhas: (para o sexo femenino) Costura—emprego do dedal e da agulha; ponto de bainha, de luva, ponto adeante e ponto atraz; ponto de marca em talagarça; emprego da agulha de crochet.

Escolas do 2.º gráo

(O primeiro mez servirá para a revisão do programma anterior, afim de que o professor possa vêr a ampliação que póde dar ao ensino deste gráo).

Leitura: Leitura corrente com explicações das palavras; leitura de manuscriptos não muito difficeis.

Escripta: Copia *calque* de bons modelos lithographados de pequenas phrases em caracter inglez, desde o cursivo de 0,m005 a 0,m002, e simultaneamente exercicios de copia de trechos muito curtos tirados do livro de leitura, preparando assim o ensino da orthographia.

Lingua nacional: Noções mais desenvolvidas, dadas oralmente ainda, sobre o substantivo, o adjectivo, o verbo; elementos da conjugação; noções sobre o pronome; idéas sobre a formação do plural e do genero; idéa da sentença simples; concordancia do predicado com o sujeito. Exercicios oraes: interrogatorio e explicações, especialmente

na lição de leitura e na correcção da escripta. Perguntas sobre o sentido, o emprego, a orthographia das palavras do texto lido. Reproducção oral de pequenas phrases lidas e explicadas pelo professor; depois, de contos ou trechos de contos feitos por elle. Exercicios de memoria: recitações de poesias de genero muito simples. Exercicios escriptos: dictados graduados de orthographia; pequenos exercicios de grammatica sobre as questões já ensinadas; composição de phrases com elementos dados. Exercicios de analyse: analyse lexicologica oral, de accordo com os conhecimentos dos alumnos, podendo algumas vezes ser escripta; decomposição da sentença em seus elementos principaes.

Arithmetica e systema metrico: Principios da numeração escripta e numeração fallada, leitura e escripta de numeros até centenas de milhares; exercicios mentaes simples sobre as quatro operações de numeros inteiros. Calculo escripto: addição, subtracção, multiplicação sobre numeros inteiros; suas regras geraes; divisão, em que o divisor só contenha um algarismo.

Problemas oraes e escriptos, graduados sobre a materia ensinada, com exercicios de raciocinio sobre os mesmos conhecimentos da leitura e da escripta dos valores da moeda brasileira até novecentos mil réis; problemas em que entrem valores em réis. Estudo mais desenvolvido sobre o metro, a gramma e o litro: multiplos e submultiplos usuaes, sempre com os modelos á vista.

Geographia: Revisão mais desenvolvida das mesmas noções do programma anterior. Estudo, pelo globo em relevo, dos continentes, das cinco partes da terra, dos oceanos. Explicação sobre a leitura dos mappas. Posição do Brasil com discriminações dos paizes, que o limitam; sua capital e cidades principaes. O Estado do Amazonas, capital e cidades principaes; principaes rios.

Historia: Narrações de factos de nossa historia patria, como no 1.º gráo; biographias dos homens mais notaveis do scenario da patria, lidas pelo professor; commentarios sobre as biographias lidas e os acontecimentos em que tomaram parte.

Desenho: Imitação aperfeiçoada dos caracteres da conta romana, bem como de lettras e algarismos rectilineos de imprensa. Copia, em papel quadriculado, de curvas; copia de desenho representando objectos de uso commum. Processo intuitivo da sombra projectada em um só plano. Imitação, em papel quadriculado, de lettras mixtilineas de caracter romano de imprensa. Copia de lettras de madeira ou cartão. Conhecimento e representação de linhas no quadro preto, á mão livre, debaixo dos seguintes pontos de vista: 1.º, quanto á direcção de seus pontos:—rectas, curvas, quebradas, mixtas e sinuosas; 2.º, quanto á posição que occupam no espaço:—horizontaes, verticaes e inclinadas; 3.º, quanto á relação que mantenham com outras:—parallelas, concorrentes, perpendiculares e obliquas; 4.º, quanto á sua

posição relativamente ao observador:—concavas, convexas, concavas-convexas, convergentes e divergentes; 5.º, quanto á maneira por que são representadas:—cheias, pontuadas, interrompidas, etc.

Educação moral e civica: Palestras, leitura com explicações, exercicios praticos feitos pelo mesmo modo do 1.º gráo, empregando-se porem mais methodo e precisão, afim de ficarem bem accentuadas no espirito da creança as noções que não se tenham fixado bastante. Exercicios ainda em forma de palestras preparatorias para o programma seguinte. Procurar desenvolver a iniciativa individual, mostrando as vantagens dessa qualidade na vida, deixando as creanças agir com liberdade, para que se habituem a ter responsabilidade dos seus actos. A mesma forma de ensino do 1.º gráo, mais methodizada: o cidadão, suas obrigações e seus direitos; serviço militar; o imposto; o suffragio universal; obediencia ás leis.

Lições de cousas: Lições de cousas, graduadas: o homem, os animaes, os vegetaes, os mineraes. Observação de objectos usuaes com explicações simples. Primeiras noções sobre a transformação das materias primas em obras de uso commum (alimentos, tecidos, papeis, madeiras, pedra, metaes). Pequenas collecções organizadas pelas proprias creanças.

Gymnastica: (trinta minutos por dia) Os mesmos exercicios do 1.º gráo e os principaes movimentos fundamentaes: das per-

nas; movimento para a extensão da columna vertebral. Movimento de suspensão. Conjuncto de movimentos; de equilibrio, para os musculos dorsaes, para os abdominaes, e para os lateraes. Salto. Movimentos respiratorios no fim dos exercicios.

Trabalhos manuaes: (para ambos os sexos) Aperfeiçoamento do que foi ensinado no 1.º gráo e mais: confecção de caixas rectangulares; quadrados e cubos. Exercicios com dobras de folhas e fitas de papel. Tecidos com cadeia e com tramas já preparadas.

Trabalhos de agulha: (para o sexo feminino) Aperfeiçoamento do programma anterior, e mais: posponto, ponto de chulear. Marcas: execução em talagarça de alphabetos, algarismos, datas, nomes, etc. *Crochet.* Emprego de agulha de meias.

Escolas do 3.º gráo

(O primeiro mez servirá de recapitulação geral dos pontos capitaes dos programmas anteriores).

Leitura: Leitura corrente de bons autores de prosa e verso com explicações; leitutura de manuscripto.

Escripta: Exercicios de copia de um trecho tirado do livro de leitura, no qual a grandeza do caracter minusculo venha decrescendo de um certo numero de palavras, de $0^{m},01$ até $0^{m}002$. Neste ultimo gráo de ensino, o alumno deverá ter adquirido todos

os conhecimentos praticos da lettra ingleza em todos os corpos de 0m,01 a 0m,002.

Lingua nacional: Grammatica elementar: classificação e estudo das cathegorias grammaticaes. Noções de syntaxe. Pontuação. Exercicios oraes: elocução e pronunciação. Interrogatorios sobre os estudos de grammatica feitos. Reproducção de narrações, de viva voz, feitas pelo professor. Resumo de trechos lidos na aula. Exercicios de memoria: recitação de fabulas, pequenas poesias e pedaços de boa prosa. Exercicios escriptos: dictado de trechos não muito difficeis tirados de autores classicos. Exercicios de invenção, de construcção de phrases com homonymos e synonymos. Correcção mutua dos dictados e exercicios pelos alumnos e depois pelo professor. Reproducção escripta (não litteral) de trechos lidos em aula ou em casa e de narrações e historias contadas pelo professor. Exercicios de redacção sobre assumptos faceis e mais conhecidos dos alumnos. Exercicios de analyse: analyse lexicologica mais oral do que escripta; analyse syntactica.

Arithmetica e systema metrico: Revisão do programma anterior, com maior desenvolvimento e mais methodo. Divisão de numeros inteiros. Idéas sobre as fracções em geral: fracções decimaes, applicação das quatro operações sobre essas fracções; as quatro operações sobre fracções ordinarias, aprendidas praticamente incluindo as transformações necessarias pelos processos pra-

ticos. Regra de tres e juros simples. Problema e exercicio de applicação. Emprego do methodo de reducção á unidade nas soluções dos problemas. Exercicios de calculo mental sobre numeros inteiros, decimaes, fracções ordinarias e juros simples. Metro quadrado e metro cubico; revisão do systema metrico decimal, estudando-se unicamente as unidades usadas no Paiz. Ligeiras noções sobre o antigo systema de pesos e medidas.

Geographia: Geographia do Brasil. Noções sobre a geographia physica da America, da Europa, da Asia, da Africa e da Oceania. Geographia do Amazonas. Exercicios de cartographia á mão livre.

Historia: Estudo resumido da Historia do Brasil.

Desenho: Construcções graphicas muito simples, com o auxilio da regua, do tira-linhas e do compasso, a lapis e a tinta, de linhas e circumferencias, angulos e polygonos. Representação á mão livre e com auxilio de instrumentos, de angulos, polygonos, circumferencias e solidos geometricos. Copia de modelos, de objectos de uso commum, ornamentos simples, etc.

Educação moral e civica: Coordenar as leituras e as lições, de modo que não seja omittido nenhum ponto importante do programma seguinte: I A creança na familia: deveres para com seus paes e avós: respeito, amor e reconhecimento: auxilios que lhes deve em seus trabalhos, conforto e soccorro em suas molestias e na velhice. Deveres para

com os irmãos e irmãs: amor fraternal, protecção aos mais moços ou mais fracos: acção pelo exemplo. Procedimento para com creados e empregados subalternos: bondade e polidez. Deveres na escola: assiduidade, docilidade, trabalho, civilidade; deveres para com a patria e a sociedade. II. Deveres para comsigo: o corpo—asseio, sobriedade e temperança, perigos da embriaguez, funestas consequencias do alcoolismo, enfraquecimento cerebral, perda da vontade, ruina da saude. Gymnastica. Os haveres: economia; effeitos funestos da paixão do jogo; a prodigalidade e a avareza; o contrahimento de dividas. O trabalho: economia do tempo, obrigação do trabalho para todos os homens; nobreza de todas as profissões, fazendo-se sentir bem que não ha officio ou trabalho que desdoure o homem. A alma: veracidade e sinceridade; a mentira. Dignidade pessoal, respeito de si mesmo. Modestia. Evitar o orgulho, a vaidade, a affectação, a frivolidade. Vergonha da ignorancia e da preguiça. Coragem nos perigos e nas desgraças; paciencia; espirito de iniciativa. Evitar o desanimo; vantagens da iniciativa individual. Perigos da colera. III. Deveres para com os outros homens: justiça e caridade: não fazer aos outros aquillo que não se deseja que lhe seja feito; não offender a vida, a pessôa, os bens e a reputação dos demais. Bondade e fraternidade. Tolerancia, respeito ás crenças alheias. (O professor nestas lições fará appello ao sentimento e á

idéa do dever e da responsabilidade individual, não empregando exposição de doutrina). Noções summarias sobre a organização politica do Brasil: o municipio, o conselho, a superintendencia. O estado: o poder executivo, o legislativo, o judiciario. Constituição Federal, especialmente o Tit. IV.

Lições de cousas: Noções muito elementares de sciencias naturaes. O homem: descripção summaria do corpo humano; idéa das principaes funcções da vida. Os animaes; noção das quatro grandes divisões do reino animal (de Milne Edwards) e da subdivisão dos vertebrados em mammiferos, aves, reptis, batrachios e peixes, com o auxilio de um animal tomado como typo de cada classe. Animaes uteis ao homem. Os vegetaes: estudo dos principaes orgãos das plantas: plantas uteis ao homem. Os tres estados dos corpos: noções sobre o ar e a agua, mais methodizadas e mais desenvolvidas. Combustão: pequenas demonstrações experimentaes de physica e chimica.

Gymnastica: (uma hora) Exercicios completos partindo dos de ordem aos preparatorios e em seguida aos fundamentaes, terminando sempre cada serie pelos de respiração. Jogos. Exercicios militares (para o sexo masculino): alinhamentos, pelotões, escola do soldado sem armas, marchas e contra-marchas; mudanças de direcção.

Trabalhos manuaes: (para ambos os sexos) Aperfeiçoamento do 2.º gráo, e mais: armar e collar as planificações dos pris-

mas, das pyramides, etc. Exercicios de recortes.

Trabalhos de agulha: (para o sexo feminino) Aperfeiçoamento do 2.º gráo, e mais: ponto de casear, franzir, perfilar, fazer pregas e ilhóes; debruar, pregar botões, fitas, fivellas. Diversos pontos de marca. Feitio de simples peças de roupa branca e concertos diversos. Meio *crochet* liso e de relevo.

Alem das disciplinas, que acabam de ser discriminadas, serão dadas igualmente noções de agricultura, pela fórma seguinte:

a) Noções, a proposito das leituras e das lições de cousas, sobre as principaes especies de terras, adubos, trabalhos e instrumentos de lavoura, como a enchada, a charrua, etc.;

b) Noções mais methodicas sobre os trabalhos agricolas. Utensilios aratorios; drenagem, adubos naturaes e artificiaes. Animaes domesticos. Noções de horticultura: principaes processos de multiplicação dos vegetaes. Enchertos, mergulhia, estacagem.

OBSERVAÇÕES

I. No 1.º gráo, os exercicios de gymnastica são communs aos dois sexos; do 2.º em deante, a professora attenderá á idade das alumnas, de modo a evitar que as de mais idade façam exercicios, que possam congestionar a bacia, havendo mesmo abstenção da gymnastica em determinadas epocas.

II. Os jogos serão escolhidos pelos professores e deverão ser adequados á idade e ao sexo das creanças (Jogos da corda—Campeão do circulo sem emprego das mãos—Campos oppostos—Lugar em conquista—Eixo—Peteca, etc.). Esses jogos serão fiscalizados pelo professor, afim de que não haja emprego brusco de forças nem se tornem prejudiciaes. O professor evitará as apostas de corridas ou de qualquer outro exercicio, por causa do excesso e da violencia de esforços, que produzem.

III. As noções de agricultura, na capital e onde houver escolas dos tres gráos, serão dadas quanto á parte *a* nas escolas do 2.º gráo e quanto á parte *b* nas do 3.º. Nos lugares do interior, onde houver escolas de dois gráos somente, a primeira parte será dada nas escolas do 1.º gráo e a segunda—nas do 2.º. Onde houver escola de um só gráo, essas noções serão leccionadas cada parte nas duas metades do anno lectivo.

IV. Os professores em todos os gráos darão tambem noções de canto aos alumnos, ensinando-lhes pequenos hymnos faceis, o Nacional e o da Proclamação da Republica, os quaes serão cantados no principio e no fim da aula e nos recreios por occasião dos jogos.

Recapitulação geral do programma das escolas primarias

ESCOLA COMPLEMENTAR

Leitura: Leitura expressiva de prosa e verso.

Escripta: Revisão e aperfeiçoamento dos exercicios do 3.º gráo, durante os tres primeiros mezes do anno lectivo. Exercicios de lettra corrida em papel pautado, e depois em papel liso. Organização, a principio por copia, depois—de memoria—dos paradigmas da lettra ingleza commum. Exercicios preparatorios para a escripta em caracter bastardo francez, inclinação de 60.º; alphabeto minusculo e maiusculo.

Lingua nacional: Revisão do programma do 3.º gráo. Estudo desenvolvido da sentença: relações existentes entre as proposições que as formem; alterações que ellas possam soffrer; figuras; vicios de linguagem; anomalias, etc. Noções de etymologia usual; derivação. Exercicios oraes: exercicios de elocução; syntheses de leituras e de lições, narrações de passeios; descripções de experiencias, etc. Exposições de trechos historicos ou litterarios, que o alumno tenha lido e analysado previamente. Exercicios de memoria: recitação expressiva de pedaços escolhidos de prosa, verso, dialogos ou scenas, tiradas de autores classicos. Exercicios escriptos: dictados de trechos dos mesmos autores, redacção sobre assumptos faceis; narrações de passeios, resumos de lições ou

leituras feitas; cartas. Exercicios de analyse: questões de analyse sobre casos difficeis encontrados na leitura. Exercicios oraes e escriptos de analyse lexica e de analyse syntatica.

Arithmetica e systema metrico: Revisão com desenvolvimento e methodo quer para o raciocinio e a theoria, quer para á procura de processos rapidos para os calculos mentaes ou escriptos. Numeros primos, caracteres de divisibilidade mais importantes. Principios de decomposição de numeros em seus factores primos. Maximo commum divisor. Processo pratico para se achar o m. m. c. Applicação immediata destes principios á simplificação e á reducção de fracções ordinarias ao mesmo denominador. Resolução de problemas pela reducção á unidade, e processos praticos de juros, descontos, regra de companhia e de media. Estudos do systema metrico e conversões das medidas ainda usadas do antigo systema na do actual e *vice-versa*. Noções de escripturação commercial.

Desenho: Revisão e aperfeiçoamento da materia dada nos gráos anteriores. Avaliação das areas dos polygonos: do triangulo, trapezio, rectangulo e quadrado directamente, e dos outros polygonos por decomposição. Problemas relativos a rectas e angulos. Copia dos mappas do Brasil e do Amazonas, com a indicação das cidades e villas mais importantes. Indicações convencionaes de cidades e villas, divisões e natu-

reza de terrenos. Copia ao natural, de solidos isolados e grupos de solidos geometricos (não excedendo de tres). Representação de penetração e engastamento, á vista do modelo. Copia de pequenos modelos de gesso ou cartão de fraco relevo, porem de algum movimento de linhas.

Geographia: Revisão, com desenvolvimento, da geographia do Brasil e do Amazonas. Noções sobre a geographia politica da America e da Europa e tambem, mais succintamente, da Asia, da Africa e da Oceania. Principios geraes de cosmographia. Viagens com auxilio do mappa. Exercicios cartographicos, de memoria, na lousa. Exercicios cartographicos—sobre o papel—do Brasil, do Amazonas e dos outros Estados.

Historia: Revisão da historia do Brasil. Noções muito ligeiras sobre a historia universal.

Educação moral e civica: Palestras, leituras e exercicios praticos, como nos programmas das escolas primarias, e mais: ensino methodico da moral em geral, particularmente da moral social de accôrdo com o programma: I. A familia: deveres dos paes e dos filhos, deveres reciprocos dos amos e dos servos; o espirito de familia. II. A sociedade: deveres e beneficios da sociedade; a justiça, como condição de toda a sociedade. A fraternidade e a solidariedade humanas. Applicações e desenvolvimento da idéa de Justiça: respeito á vida e á liberdade humana, respeito á propriedade, á palavra

dada, á honra e á reputação alheia. A probidade, a equidade, a lealdade, a delicadeza. Respeito ás opiniões e crenças. Applicação e desenvolvimento da idéa de caridade ou fraternidade; seus diversos gráos, deveres de benevolencia, gratidão, tolerancia, clemencia, etc.; a dedicação, forma suprema da caridade; possibilidade de sua applicação na vida diaria. III. A patria: dever do homem para com a patria; obediencia ás leis, serviço de guerra; dedicação e fidelidade; o voto, sua obrigatoriedade moral; deve ser livre, consciente, desinteressado. Liberdade individual: liberdade de consciencia, de trabalho e de associação: a soberania nacional. (Sem entrar em discussões metaphysicas, fará o professor notar aos alumnos: 1.º, a differença entre o dever e o interesse, mesmo quando parecem confundir-se; 2.º, a distincção entre a lei escripta e a lei moral: uma estabelece um maximum de prescripções que a sociedade impõe a todos os seus membros, sob determinadas penas; a outra impõe a cada um, em sua consciencia, um dever que ninguem obriga a cumprir, mas ao qual não podemos faltar sem nos sentirmos culpados para commosco).

Noções mais desenvolvidas sobre a organização politica do Brasil: Constituição Federal e Constituição Estadoal.

Sciencias physicas e naturaes: Revisão desenvolvida do programma de lições de cousas do 3.º gráo. O homem: noções sobre a digestão, a circulação, a respiração, o sys-

tema nervoso, os orgãos do sentido. Conselhos praticos de hygiene: abuso do alcool, do tabaco, etc. As bebidas: a agua, as bebidas aromaticas, fermentadas, seus effeitos nocivos sobre a saude. Os animaes: grandes caracteres da classificação; animaes uteis e prejudiciaes ao homem. Os vegetaes: estudo mais desenvolvido das partes essenciaes da planta; principaes grupos. Os mineraes: noções succintas sobre o solo, as rochas, os fosseis, os terrenos.

Primeiras noções de physica: gravidade, alavanca; primeiros principios de equilibrio dos liquidos; pressão atmospherica: barometro. Noções muito elementares e experiencias muito simples e faceis sobre o calor, a luz, a electricidade, o magnetismo. Explicação muito rudimentar do thermometro, machina a vapor, para-raio, telegrapho, bussola, etc.

Primeiras noções de chimica: idéa de corpos simples e compostos; metaes e saes mais usuaes.

Gymnastica: (1/2 hora por dia.) Exercicios diarios, como no 3.º gráo, porem com armas, para o sexo masculino.

Trabalhos manuaes: (para o sexo masculino) Revisão dos cursos anteriores: armar e collar planificações de cylindros, cones e solidos geometricos, exercicios simples de modelagem.

Trabalhos de agulha: (para o sexo feminino) Revisão dos cursos anteriores: córte de peças simples de roupa branca;

differentes trabalhos de malha e *chrochet;* bordados a branco simples.

*
* *

Nas escolas do 1.º gráo, bem como nas do 2.º, os alumnos não devem possuir sinão os livros de leitura, cadernos, modelos para escripta, desenho, trabalhos manuaes, estampas, mappas apropriados, quadros ou exercicios de arithmetica, etc. *O ensino será todo ministrado pelo professor pela forma especificada nos programmas.*

Nas escolas do 3.º gráo é permittido ao alumno a posse de livros das diversas materias do ensino, contanto que não passem de simples auxiliares do professor.

INSTRUCÇÕES PARA EXECUÇÃO

DO

Programma das Escolas Primarias

LEITURA

O ensino deve ser collectivo e dirigido pelo professor. A lição de leitura começará, em vez de se fazer a criança decorar sons e valores de lettras para depois formar combinações que produzam o vocabulo, começará por este ultimo, ligando-se desde logo a idéa expressa pela palavra ao corpo de lettras que a formam. O professor para isso se utilisará do quadro negro, traçando nelle os principaes elementos da leitura. Os alumnos se servirão utilmente da ardosia ou papel e lapis para reproduzir os elementos da leitura escriptos pelo professor, tendo logo, desta maneira bem á vista, os elementos da leitura e da escripta, iniciando-se, ao mesmo tempo, na orthographia. Familiarisados que estejam com um certo numero de palavras muito simples, decompol-as-hão, para formação de novas. As palavras dadas pelo professor deverão representar sempre cousas concretas.

Este methodo deve ser seguido por todos os professores, de preferencia ao de *syllabação* e *soletração*. Este ultimo é banido das escolas por ser, universalmente, condemnado na pedagogia moderna. O professor deve fazer com que as crianças pronunciem bem as syllabas finaes das palavras e extirpem o accento local, as locuções viciosas, os termos grosseiros que as crianças aprendem em casa e na rua.

Logo que os alumnos estejam preparados para a leitura corrente, não se deverá deixal-os lêr de pressa, mas pausada e meditadamente, mostrando que entendem o assumpto da leitura.

Todo o trecho é lido préviamente pelo professor, que deverá chamar a attenção dos alumnos para a pontuação, as entonações, o sentido das phrases e significação das palavras.

E' na lição de leitura e a proposito das palavras lidas e explicadas, que o professor achará sempre occasião de dar noções sobre os objectos communs e sobretudo, alguns conselhos moraes.

ESCRIPTA

O professor deverá indicar aos alumnos os preceitos relativos á posição do corpo, do caderno e da caneta.

E' authorisado o uso dos cadernos preparados: não fica, porém, o professor dis-

pensado de expor a lição e indicar as correcções no quadro negro.

O professor não deve permittir que as crianças fiquem entregues a si mesmas, deverá vigial-as, para que os preceitos relativos á posição do corpo, do caderno e da caneta sejam observadas quando o alumno escreve.

LINGUA NACIONAL

A cultura da lingua vernacula, principiará por exercicios praticos de expressão, redacção do pensamento e de composição, exercicios que serão exequiveis por uma graduação logica, logo que a creança comece a ler e escrever as primeiras phrases.

Os exercicios oraes devem ser, ao mesmo tempo, lições de pronunciação e expressão na leitura.

Os trechos a recitar, de memoria, serão primeiramente explicados e lidos pelo professor.

Os exercicios de dictado devem ser primeiramente de palavras representando seres ou cousas, que as crianças conheçam, depois pequenas phrases sobre noções communs.

Essas palavras e phrases devem ser escriptas por todos os alumnos nos seus cadernos, logo que um delles ou o proprio mestre as escrevam no quadro negro. O professor deve aproveitar esses exercicios para corrigir as expressões e o modo de di-

zer incorreto empregado pelas crianças nas suas conversações.

Para a pratica da composição e redacção habituem-se os alumnos a observar bem o que vêm, narrar a principio, depois reproduzir por escripto, tudo o que lhes passou pelos olhos, exigindo-se, porem, que as phrases sejam simples e curtas.

ARITHMETICA E SYSTEMA METRICO

A numeração e as primeiras operações da arithmetica serão ensinadas com o auxilio de objectos communs de facil manejo; pausinhos, figuras desenhadas no quadro negro, ou mesmo, os dedos.

Em vez do ensino da taboada, o processo racional mediante á addição e á subtração de objectos concretos, leva gradualmente os alumnos a conhecerem todas as operações da arithmetica elementar. Seja sempre continuo empenho do professor o despir do seu caracter abstracto as noções numericas, mediante problemas de applicação usual, relativos á contabilidade de uma casa de familia, ás profissões e industrias locaes. Devem ser propostos pelo professor ou suggeridos mesmo á expontaneidade das crianças.

E' necessario porem, que sejam abundantes, frequentes e faceis, evitando-se sempre as questões abstractas que fazem as crianças tomar aversão a este ensino.

Para a exposição do systema metrico, o professor deve mostrar as medidas ou os pesos, indicar o uso de cada um e habituar as crianças a servirem-se delles.

GEOGRAPHIA

O professor começará a fazer comprehender ás crianças pela observação attenta os accidentes geographicos que ellas têm á vista, ao redor da escola: a casa, a rua, a cidade, villa ou povoação, municipio, etc., e a significação exacta dos differentes termos da nomenclatura geographica.

Só depois destas demonstrações preliminares, passará á indicação dos pontos geographicos essenciaes do mappa-mundi, da America e do Brasil.

Deverá, em seguida, dar noções muito faceis de cosmographia elementar.

A lição será sempre exposta pelo professor sobre a carta, antes de ser dada a estudar. Viagens por agua, nos rios, devem ser, tambem, objecto de exercicios frequentes, escriptos ou oraes.

HISTORIA

O professor deverá fazer selecção dos factos historicos, devendo salientar os que forem mais importantes, conduzindo a narração muito simplesmente, de modo anecdo-

tico, se possivel fôr, afim de provocar e manter a attenção, despertar a curiosidade, exercitar o julgamento e desenvolver entre os alumnos o sentimento patriotico.

Somente no 3.º gráo, se permittirá um pequeno compendio.

DESENHO

Nas primeiras licções o professor deverá dar exclusivamente aos alumnos modelos feitos no quadro negro, consistindo em linhas, angulos, triangulos, quadrados, divisões da recta em partes eguaes ou proporcionaes, curvas, combinações singelamente symetricas de rectas e curvas.

Principiará, assim, o desenho a olho pelos alumnos, até se vencerem as difficuldades iniciaes. Em seguida devem vir os exercicios moderados sobre lettras maisculas, caracteres de conta romana, alphabeto latino, etc.

Além da critica geral da lição na pedra, o professor deverá fazer a critica particularisada, a proposito de cada trabalho dos alumnos.

LIÇÕES DE COUSAS

As lições de cousas são hoje abraçadas e exigidas como ponto de partida de todo o ensino, em todos os paizes adiantados e por todos os pedagogos eminentes. Ellas têm

Amazonas artistico e mental, em vesperas de vossas despedidas da terra adolescente, de onde sahís applaudido pela consciencia, justo com o povo e leal com o regimen republicano.

E, nesta hora singularmente bella, de celebração de victoria sem sangue, com os fuzis e os canhões rodeados das rorantes orchideas de luz que lhes dão o sol e as estrellas, e ouvindo a trompa da paz, com que o genio de Pedro Americo divinizou os labios da Concordia, tão necessaria aos homens e ás raças, a alma da Patria não somente exulta como no duello entre Bento Gonçalves e Onofre Pires, nem somente sorri como no feito humanitario que praticastes, salvando o vosso companheiro á garupa do Pégaso em disparada, — mas a grande alma do Brasil, serena ante o futuro, faz mais do que exultar e mais do que sorrir, — canta !

RESPOSTA

DO

GENERAL MENNA BARRETO

ILLMO. SR. PRESIDENTE

DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS!

Ao ingressar nesta casa, neste areopago onde se cultua a Arte, se aprimora o espirito e se adoça o sentimento, senti-me ungido de veneração e respeito, como se me encontrasse sob as abobadas de um templo, no ambiente perfumado pelo incenso que se êleva aos céos, sob o murmurio balbuciante das preces que sobem a Deus.

Ouvi, emocionado, a palavra enthusiastica e vehemente do vosso interprete, apostolos desta crusada de luz e de saber, crusada santa que, espadanando as trevas e illuminando as intelligencias, concorre para a cohesão, cada vez mais forte, entre os elementos constituintes da nossa nacionalidade.

E' que, senhores academicos, cultuando as lettras, nas suas diversas modalidades, concorreis para o aperfeiçoamento da nossa lingua — o maior bem que haurimos de Portugal, — e diffundis o seu conhecimen-

to nesta parte uberrima do territorio nacional, tornando mais resistente e mais forte a affinidade entre as populações que se ufanam de haver nascido em terras brasilicas.

A homogeneidade de expressão do pensamento em toda a vasta extensão do nosso paiz, é incontestavelmente um elemento assegurador da perpetuidade do Brasil, uno e integro, na vida univarsal.

Os males apontados como causadores da profunda commoção, que fez encaminhar para este rincão formoso o Destacamento do Norte e uma Divisão Naval, e que me deu a ventura de visitar este Estado e estabelecer contacto com a sociedade amazonense, da qual conservarei grata e indelevel recordação, serão seguramente removidos e evitados pela coordenação de todos os esforços, illuminados pelo patriotismo, visando a felicidade da Patria e pela diffusão da instrucção sob os seus varios e attrahentes aspectos. O mais interessante delles, no que concerne ao nosso objectivo, — a educação civica — é incontestavelmente o estudo da historia patria levado aos seus menores detalhes, — á sua feição episodica.

Acompanhar os surtos da nossa nacionalidade desde o periodo da colonisação até aos nossso dias é evocar feitos valorosos realisados no immenso theatro que abrange os pampas riograndenses, as alterosas quebradas paulistas e mineiras — a heroica ter-

ra dos baideirantes — dos Albuquerques e Rabellinhos — e a região da bacia Amazonica, cujas riquezas, pela sua variedade, suggeriram ao espirito arguto de Humboldt o auspicioso conceito de que ahi se ha de concentrar, cedo ou tarde, a civilisação universal.

E' tempo de pôr ao serviço da economia mundial os inexgottaveis thesouros da Amazonia, pela creação e aperfeiçoamento das industrias necessarias ao seu aproveitamento; pela facilidade de communicação e de transporte e pela utilisação de todas as energias e actividades postas ao serviço da Humanidade, neste singular momento de evolução contemporanea. E' certo que o progredir do Amazonas tem sido lento e retardado, é mistér acceleral-o; ganhar em velocidade o que se tem perdido em tempo; supprir, em curto espaço por uma actividade febril, mais de um seculo de apathia e indifferentismo.

Mas, phalangiarios da Arte, o meio cujo emprego se me affigura mais efficiente, mais garantidor de exito da tarefa grandiosa de que ha de surgir revigorado nas suas energias, este Amazonas opulento e farto, e que mais se compadece com a nossa cultura e a nossa civilisação, não consiste na revolução. Precisamos construir sem demolir. A revolução é uma Medusa: encanta, attrahe e matta. A lucta pelo progresso

da lendaria terra das Amazonas deve ser incruenta. E vós, lidadores hodiernos da patria-heroica do famoso Ajuricaba, deveis evitar que se desprenda e humedeça a face das nossas gentis patricias a lagrima que em cada olhar tremula e vigilante espreita o instante de cahir.

Na oração fulgurante que acabamos de ouvir, ha referencias honrosissimas aos membros da familia Menna Barreto, que tiveram a ventura de legar aos seus descendentes um nome aureolado pela gratidão nacional, por feitos praticados nos campos de batalha na defesa intemerata da honra da nossa bandeira.

Rendo, emocionado, aos academicos, cujo pensamente o orador brilhantemente interpretou, os meus sinceros agradecimentos pela referencia a esses feitos praticados por esses soldados valorosos, cuja tradição de honra e lealdade constitue para nós, os remanescentes dessa familia, ponto de honra a conservar immaculado e puro.

Breve volveremos aos nossos lares com a consciencia tranquilla e acompanhados das bençãos desta terra. Não porque tenhamos sido vencedores, que não houve peleja a travar, nem inimigos a combater; mas porque, vencidos pela vossa fidalguia e conquistados pela vossa generosidade, levamos a cantar dentro do peito a immensa alegria irmã da que irrompe da voss'alma, que

ultora no riso innocente das vossas crean-
cas brilha os olhos de todas vós e se trans-
forma nas scelumacões com que este povo
heroico e generoso nos distinguiu por ha-
verdes concorrido para restabelecer a tran-
quillidade no seio da familia amazonense
na ridente e auspiciosa expectativa do ad-
vento já tardio do resurgimento do Ama-
zonas.

Salve Amazonas!

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

F 1127

RELATORIO

APRESENTADO AO SR. SECRETARIO DO INTERIOR, DR. JOSÉ MARIZ, PELO DIRECTOR, MONSENHOR PEDRO ANISIO BEZERRA DANTAS.

Imp. Off. - João Pessôa - 1936

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Agradecido em officio dig. de 29 S/C.
15-5-937

RELATORIO

F 1127

APRESENTADO AO SR. SECRETARIO DO INTERIOR, DR. JOSÉ MARIZ, PELO DIRECTOR, MONSENHOR PEDRO ANISIO BEZERRA DANTAS. □ □ □ □ □

Imn. Off. - João Pessôa - 1936

Ao Sr. Dr. Julio [illegible]

Ao Autor Mon. Pedro Augusto

Sr. dr. Secretario do Interior e Segurança Publica

Tenho a honra de apresentar a V. Excia. o relatorio do movimento didactico e das occorrencias mais notaveis do Departamento de Educação.

No desempenho das arduas funcções que me confiou o Governo do Estado, tenho procurado, com toda a solicitude, prover ás necessidades do ensino e organizar os multiplos serviços do Departamento de Educação, creado em virtude da Lei n.º 16 de 13 de Dezembro de 1935.

Nomeado em Janeiro do corrente ano para o cargo de Director dessa Repartição, justamente a que mais de perto influe na valorisação de nosso patrimonio intellectual e moral, o meu primeiro cuidado foi estudar as condições em que se acha o ensino em todo vasto territorio parahybano para poder alvitrar ao Governo as medidas que se nos antolham mais acertadas no actual momento.

Através do minucioso e fiel relato das realizações da Directoria Geral, V. Excia., verá que foi observado em parte o programma que se traçou o sr. Governador do Estado no que respeita aos problemas fundamentaes da instrucção e da Educação, a saber: a *alphabetização, o amparo á iniciativa particular, a organização do ensino rural e profissional, a construcção dos edificios escolares e a renovação methodologica.*

O que se fez, neste curto lapso de tempo, de Janeiro a Setembro, já attesta a benemerencia do Governo.

Foram creadas 76 cadeiras; construidos e em via de construcção 10 edificios escolares. Ampliou-se o grupo escolar "Epitacio Pessôa" e começaram as obras do notavel edificio do Instituto de Educação.

Mas ainda muito resta por fazer.

Para levar a bom termo a Reforma da Educação tornam-se indispensaveis as seguintes providencias :

a) Construir e mais tres ou pelo menos dois grupos na capital, sendo que o de Cruz do Peixe (Torrelandia) póde ser feito em collaboração com a autoridade ecclesiastica para que a escola profissional (vocacional) possa aproveitar aos alumnos das escolas circumvizinhas.
b) Normalizar a situação os Collegios equiparados no regime antigo, convertendo-os em Escolas Normaes Ruraes
c) Criar as escolas Ruraes de Condado e Areia.

d) Desenvolver e ampliar as Inspectorias do ensino, criando *cinco delegacias, augmentando de cinco para* 12 *as zonas ou distritos* de inspecção e nomeando 18 inspectoras technicas, distribuidas pelas varias zonas.

e) Criar a classe de *monitores* e professores auxiliares, donde sahirão os futuros mestres e technicos, para as escolas superlotadas e para a educação physica e musical.

f) Promover, todos os annos, as reuniões respectivamente dos profesores e Inspectores technicos na capital e nas sédes dos municipios, as Semanas Pedagogicas, os cursos de férias para a renovação e o aperfeiçoamento da cultura do professorado.

A Semana Pedagogica a effectuar-se em Novembro deste ano será, ao que espero, uma prova exuberante da capacidade o professor parahybano.

Outras questões ha que interessam sobremodo á vida educacional e são discutidas no presente relatorio, taes entre outras, a frequencia escolar, o registro e inspecção das escolas particulares, a constituição das bibliothecas, das associações educativas e fundação de novas caixas escolares, etc.

No mais, é de justiça reconhecer a bôa vontade e a dedicação do illustre corpo de professores, sempre dispostos a trabalhar para a grandeza e a prosperidade da Parahyba.

(ass.) *Mons. Pedro Anisio Bezerra Dantas*..

Director do Departamento

CREAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

A Lei de 13 de Dezembro de 1936 assignala nova era na historia do Ensino e da Educação na Parahyba.

Com a criação do Departamento da Educação, obra que de si basta para sagrar benemerito o Governo Argemiro de Figueirêdo, ampliam-se os horizontes da instrucção na Parahyba e novos rumos se imprimem a todo o mechanismo educativo.

Havia necessidade de um centro de unidade effectiva, de um orgão de caracter não só technico, senão também administrativo, encravado no seio das instituições escolares, de typos os mais differentes, para coordenal-as, systematizal-as, disciplinalas, communicando-lhes um mesmo espirito, dando-lhes feição uniforme e transformando-as, assim, em força unitaria a serviço de uma educação genuinamente brasileira e adequada ás exigencias de nossa época e de nossa Patria.

A Reforma, feita de accôrdo com os ultimos adiantos da Pedagogia e da Didactica, não se limitou a desdobrar o plano de ensino, mas estendeu-se a todos os sectores da vida educativa.

Em especial, merecem consideradas as seguintes innovações: equiparação da Escola Normal ao Collegio Pedro II, passando a denominar-se *Escola Secundaria;* creação da Escola de Professores, da Escola de Applicação e do Jardim de Infancia, orgãos que passam a constituir o Instituto de Educação; creação da *Escola Normal Rural e da Escola Rural Modêlo;* organização do Ensino Profissional e remodelação do Ensino Primario.

A Directoria Geral. Subordinadas que fôram ao Departamento da Educação todas as instituições escolares do Estado, publicas e particulares, primarias e secundarias, á excepção do Lyceu Parahybano, anomalia esta que cumpre sanar quanto antes, cresceram desmesuradamente, como é facil de imaginar, os serviços da Directoria Geral e aggravaram-se sobremaneira os encargos dos funccionarios que a compõem, insufficientes de todo para proceder ao despacho da móle immensa de papeis, á organização das fichas de todo o professorado e dos mappas e dos graphicos estatisticos, ao preparo das circulares, dos boletins, communicados, notas de publicidade sobre os edificios escolares, radio-cinema, etc, sem falar na elaboração de Revista de Ensino, manutenção da Bibliotheca, do Museu Central e numerosos outros serviços attinentes aos varios problemas educativos do Estado.

Urge destribuir em tres secções, pelo menos, os varios serviços da Directoria Geral, ficando cada uma com o seu respectivo chefe, que a fiscalize, dirija e della asuma inteira responsabilidade.

Aliás, a Lei n.º 16, no seu artigo 2.º, deixa bem discriminadas as differentes secções, sendo preciso apenas explicital-as.

E' o que fazemos agora, neste periodo de organização, aguardando o novo Regulamento que será publicado após a Reforma do "Plano Nacional de Educação".

DISTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS DA SECRETARIA

A Secretaria do Departamento de Educação deve ter um director e ficar assim constituida:

a) Secção technica;

b) Contabilidade e expediente;

c) Bibliotheca, serviço de radio e cinema educativos, publicidades e instituições auxilares do ensino.

Cada uma dessas secções terá um responsavel com os auxiliares estritamente necessarios para manter os serviços em absoluta ordem.

ATTRIBUIÇÕES

O Director da Secretaria terá especialmente a seu cargo: Cumprir e fazer cumprir as determinações e despachos do Director do Departamento; distribuir o pessoal administrativo pelas diversas secções da Secretaria, tendo em consideração a aptidão especial de cada um; prorogar o expediente quando o accumulo de serviços reclamar essa medida; dirigir e fiscalizar os trabalhos da Secretaria; informar sobre pedidos de ferias dos funccionarios da Secretaria; abrir, encerrar e rubricar os livros de escripturação do Departamento; exarar despachos interlocutores: Redigir ou fazer redigir nas secções a correspondencia do Departamento; visar as informações prestadas pelas Secções; expedir instrucções sobre o modo como devam os funccionarios gozar as ferias; assignar certidões, editaes, avisos e declarações do Departamento; requisitar o necessario ao expediente da Secretaria visar as requisições das diversas secções; mandar organizar e visar as folhas de pagamento do pessoal; annunciar por edital as cadeiras vagas, abrindo concurso para o respectivo provimento; secretariar o Conselho Estadual de Educação, por cujo expediente é responsavel; marcar prazo para a permanencia de papeis nas Secções da Secretaria; rever os serviços de expediente processados pelas secções, encaminhando-os depois de visados ao Director do Departamento; abrir e encaminhar a correspondencia official, providenciando immediatamente sobre o que fôr de sua alçada e dando conhecimento ao destinatario, no proprio documento, das providencias tomadas; mandar autuar os papeis de

caracter official, entrados no Departamento; encerrar diariamente, ou determinar quem o faça, o livro de ponto dos funcionarios da Secretaria, annotando as faltas reiteradas dos funccionarios.

SECÇÃO TECHNICA

A esta Secção incumbe: Resolver sobre os predios escolares quanto a sua locação, capacidade, segurança e distribuição de luz; mobiliario escolar; material pedagogico; cadastro de immoveis; manter uma exposição permanente de material pedagogico; mobiliario escolar, plantas e photographias de predios escolares; dar informações technicas sobre construcções de moveis e predios escolares; manter em ordem o cadastro dos immoveis, pertencentes ao Estado, onde funccionam estabelecimentos de ensino; manter um registo de predios escolares publicos e particulares, em que figurem as dimensões das salas de aula, numero de janellas e portas com as dimensões, posição de mobiliario e condições das installações sanitarias de cada uma; manter uma vigilancia perfeita das condições de asseio de cada um dos predios escolares para reclamar providencias, quando julgar necessario; ser parte nas commissões de julgamento sobre projectos de edificios educacionaes.

SECÇÃO DE EXPEDIENTE E CONTABILIDADE

A esta Secção incumbe: Manter o archivo e o protocollo; requisitar o material necessario aos estabelecimentos de ensino dentro das verbas consignadas; empenhar as despesas; catalogar e julgar os documentos comprovantes de despesas de estabelecimentos e instituições obrigados á prestação de contas; levantar no Thesouro do Estado os adiantamentos autorizados, prestando contas dos mesmos dentro do prazo legal; manter sob registo o movimento financeiro das instituições auxiliares do ensino; assignar contractos de locação mediante solicitação da Secção Technica de predios situados na Capital e solicitar que o façam os exactores da fazenda do Estado nas localidades do interior; fiscalizar o sello dos papeis que transitarem pelo Departamento, bem assim a cobrança de emolumentos sobre certidões, titulos de nomeação, registo de diplomas, de licença, etc.; escripturar o livro de inventario dos moveis e utensilios do Departamento; autuar, registar a entrada, distribuição e sahida dos papeis tendo em vista os prazos regulamentares, informando ao Director da Secretaria sobre os que se conservarem retidos; manter o registo: "de licença, de cadeiras vagas, de titulos de habilitação ao magisterio, de nomeação e exercicio de professores e funccionarios, de tempo de serviço; indicar os professores que tenham completado o intersticio para serem julgados pelo Conselho Estadual de Educação se estão habilitados á promoção.

SECÇÃO DE BIBLIOTHECA, RADIO E CINEMA EDUCATIVOS, PUBLICIDADES E INSTITUIÇÕES AUXILIARES DO ENSINO

A esta Secção incumbe:

Despertar, por todos os meios, entre o professorado, os escolares e os extra-escolares, o gosto das bôas leituras; collocar ao alcance da escola as conquistas da technica moderna, no campo da cinematographia e do radio; estimular a organização de bibliothecas para professores, alumnos e extra-escolares; organizar a materia para a Revista do Ensino; publicar annualmente o Almanack do Pessoal do Departamento, bem assim uma synopse dos trabalhos realizados pelo Departamento; organizar o Museu central e manter um constante intercambio com as instituições e os technicos para conseguir permuta e classificação do material dos museus; pôr o Departamento em contacto com as instituições culturaes do mundo; fazer publicar avisos, recommendações, etc., e manter systematica propaganda para estimular e regularizar a matricula e a frequencia escolar; organizar o catalago das obras da Bibliotheca Central do Departamento com as annotações que julgar conveniente que devam ser censuradas; fornecer as indicações para orientar os professores em suas consultas ás obras da Bibliotheca; entregar contra documento as obras que forem solicitadas, reclamando as que não forem devolvidas dentro do prazo estipulado; organizar a filmotheca, a discotheca e a collecção de dispositivos do Departamento; manter um Laboratorio para photographia, revelagem de filmes, reproducção de plantas e cartas e um serviço de cartographia; fiscalizar a installação de apparelhos projectores e receptores de radio; elaborar planos de filmagem; orientar a parte educativa e instructiva das projecções e das lições radiophonicas; organizar a censura dos filmes e das funcções publicas, indicando ás autoridades competentes as que não possam ser assistidas por menores; visar os discursos e conferencias a serem proferidos pelo radio; propôr ao Director do Departamento o plano de serviço de obras sociaes escolares, peri-escolares e post-escolares; manter em perfeita ordem associações de paes e mestres, de ex-alumnos e cooperativas; promover conferencias e commemorações civicas; propôr a acquisição de obras revistas e monographias.

Como se vê, a complexidade dos serviços reclama maior numero de funccionarios, devendo ser creados, pelo menos, mais quatro lugares inclusive o de Bibliothecario.

A CLASSIFICAÇÃO DO PROFESSORADO

A Lei n. 16, que reformou a instrucção publica, determinou igualmente as condições sob as quaes deviam ser classificados os professores existentes no Estado até a data 13 de dezembro de 1935, em que a mesma foi promulgada.

No seu artigo 12.º, estatuiu a Lei que os professores, então em exercicio, ficassem distribuidos pelas entrancias seguintes, "tendo-se em vista os vencimentos a que presentemente fazem jús":

a) Serão de 5.ª entrancia os professores de escolas elementares diurnas da capital;

b) de 4.ª entrancia, os professores de escolas elementares de cidade;

c) de 3.ª, os de escola elementares de villa;

d) de 2.ª, os de escolas elementares de povoações;

e) e de 1.ª, os professores de cadeiras rudimentares diurnas e nocturnas".

Não é de nossa alçada apreciar o criterio adoptado para a classificação dos professores, mas esclarecer os factos e expôr conscienciosamente a situação creada pela referida lei.

A designação dos professores para as diversas cadeiras de povoados, villas, cidades ou capital não se fazia mediante concurso ou attendendo-se a um criterio determinado qualquer. de annos de serviço, diploma, titulos, merito, etc., mas a esmo, podendo um professor, apenas diplomado, occupar uma cadeira elementar de cidade ou mesmo da capital.

Resultou dahi que muitos professores de reconhecida competencia, sem uma nota desabonadora em sua fé de officio, ficaram definitivamente classificados uns em 1.ª entrancia, outros em 2.ª, apesar de 18,20 e mais annos de serviços, pela simples circumstancia de estar eventualmente numa cadeira de povoação ou de villa, emquanto diversos, nomeados de recente, passaram á 4.ª ou 5.ª entrancia, só porque a Lei os encontrou nas cidades ou na capital.

Accresce que havia no Estado o corpo de adjunctos de professores, mas que de adjunctos só possuiam o nome; eram verdadeiros regentes de cadeiras, com as mesmas obrigações que os demais professores, sem o direito, comtudo, de promoção no magisterio, estagiarios perpetuos, com vencimentos parcos em demasia, sendo preteridos pelos recem-diplomados para as vagas abertas ou para as escolas novas.

Ainda aqui, a classificação adoptada deu margem a serios desgostos e tornou mais chocante a situação dos professores de villas e povoados.

Assim, de um lado, adjunctos, com largo tempo de magisterio e comprovada idoneidade, não puderam competir com as professores das cidades, de poucos mêses de serviços. E, de outro, professores de quatro e cinco lustros de magisterio effectivo nos povoados e villas tiveram classificação inferior ás dos adjunctos, figurando aquelles na 1.ª ou 2.ª entrancia, ao passo que estes obtiveram, em grande numero, a 3.ª e até a 4.ª entrancia no interior e 5.ª na capital.

Isso, porque a Lei, no artigo 13.º, dispôs que a classificação dos adjunctos obedecesse ao criterio do tempo de serviços.

mas criterio identico não adoptou para os demais professores que se não achavam na capital e nas cidades.

Entretanto, parece que, ao menos em parte, se poderia obviar a esse inconveniente, applicando um mesmo criterio para a classificação dos professores e adjunctos do interior.

Em tal caso, o § unico do mencionado artigo 13.º deveria ser assim redigido:

"Os actuaes professores e adjunctos diplomados do interior do Estado terão, de accôrdo com o tempo de serviço prestado, a mesma classificação até a quarta entrancia".

A REORGANIZAÇÃO DO ENSINO PRIMARIO

A Reforma do ensino primario na Parahyba comprehende os seguintes pontos importantissimos: a) *a alphabetização*, com a multiplicação das escolas e a diffusão do ensino pelas camadas populares, nas fazendas, nos sitios, nas officinas e nucleos populosos; b) a construcção de *edificios escolares*, nas cidades, villas e povoações; c) a instituição do *curso complementar* nos Grupos da capital e do interior; d) a renovação *dos methodos educativos;* e) a extensão do *ensino nocturno* e o seu *agrupamento* nas escolas da capital; f) a orientação *profissional e agricola;* g) o novo plano da *educação physica e esthetica* : introducção nas escolas do canto orpheonico; h) a fiscalização do *ensino particular* e o seu *subvencionamento* em mais larga escala; i) a remodelação da secção de *estatistica;* j) melhoria dos *vencimentos* do professorado.

Se nem tudo está ainda feito, muito já se tem realizado neste ramo da vida administrativa, podendo a Parahyba orgulhar-se de não se ter posto á margem do movimento pedagogico de nossa época, mas de ter sabido abraçal-o, com enthusiasmo e desassombro.

ALPHABETIZAÇÃO

O maior elogio que se possa fazer dos governadores da Parahyba, desde a primeira republica, é, de certo, este que todos tiveram em grande apreço a instrucção do povo, principal dever do Estado e base de todo o progresso social e economico.

Todos se interessaram pela diffusão do ensino, estabelecendo-se, assim, verdadeira continuidade na obra administrativa parahybana.

Mas não ha negar que, de Anthenor Navarro aos nossos dias, a instrucção ganhou em extensão e intensidade de tal modo que o progresso verificado nestes cinco ou seis ultimos annos veio a sobrepujar o das duas decadas do regime antigo.

Durante o periodo discricionario, foram excluidos do magisterio diversos professores leigos que não possuiam o de-

vido preparo para exercer as suas nobilissimas funcções; crearam-se innumeras escolas, construiram-se edificios escolares nalguns municipos e deu-se grande impulso á obra da educação sob todos os seus aspectos.

Já em 1931 se contavam no Estado 537 unidades escolares, numero que foi crescendo, cada anno, em progressão assombrosa, chegando em 1935 a 755.

Corelatamente augmentou de muito a matricula. Em 1931, era de 32.343 alumnos e, em 1935, subia a 52.613.

Não parou o movimento ascencional da alphabetização no Estado, antes, recrudesceu.

No corrente anno, muitas outras escolas foram creadas e nas escolas existentes, de classes superlotadas, installaram-se novas cadeiras, elevando-se o numero de unidades escolares actualmente a 972 com 1.062 professores, regentes de cadeiras.

Por mais lisonjeira, porém, que pareça a campanha em pró da alphabetização de nossa gente, está muito longe ainda de corresponder ás necessidades reaes do Estado.

Em todos os municipios ha nucleos de população escolar densa sem uma escola siquer.

De todos os recantos do Estado chegam frequentes pedidos de creação de institutos educativos, já diurnos, já nocturnos.

Em quase todos os grupos e escolas isoladas da capital e, em grande parte das escolas do interior, a matricula encerra-se logo nos primeiros dias, com as classes superlotadas, ficando dezenas de meninos sem poder matricular-se.

O calculo censitario feito sobre o total da população parahybana de 1936, dá 174.000 meninos, na idade de 8 a 11, aos quaes o Estado tem o *dever* de ministrar a instrucção.

Assim, tendo-se em vista a matricula do anno passado a percentagem dos meninos que frequentam a escola é de 30% contra 70% dos que não recebem instrucção.

Este computo, todavia, é pessimista; não se approxima ao que nos parece, da realidade, visto como o ensino particular sem embargo da legislação em vigor, continúa alheio a toda fiscalização.

Na capital e em quase todas as cidades funccionam escolas particulares e cursos em familia sem registro no Departamento da Educação, de sorte que não haverá exaggero em elevarmos a matricula do anno passado a 60.000, o que dará a percentagem de 35% de alphabetizados na idade escolar, numero que poderia ser muito mais alto, se, ao envês, adoptassemos os processos de avaliação dos Estados Unidos e de muitos outros paises.

Actualmente a percentagem dos meninos matriculados em idade escolar, não é inferior a 38%.

E, com as medidas adoptadas pelo Governo de ampar-

a iniciativa particular, dentro de poucos annos, se terá extirpado a praga do analphabetismo.

Também as prefeituras, em especial, as de Pombal, Souza, Umbuzeiro vão secundando a acção do governo, subvencionando, nos respectivos municipios, tantas escolas quantas comporta o orçamento.

O Censo escolar — Para mais efficiente se tornar a alphabetização cumpre levantar-se, quanto antes, a estatistica dos meninos que estão na idade de frequentar a escola.

Esta providencia impõe-se por si mesmo, pois não só é necessario saber-se ao certo de quantas escolas ainda precisa o Estado, mas também onde convém localizal-as.

Temos, bem perto de nós, o exemplo do Ceará que agora mesmo acaba de determinar o recenseamento da sua população escolar.

A CONSTRUCÇÃO DOS EDIFICIOS ESCOLARES

Desde muito, os governos da Parahyba vêm se preoccupando com o magno problema dos edificos escolares.

Assim é que, de anno a anno, foram surgindo na capital e nas cidades do interior belos e majestosos predios destinados expressamente ás instituições educativas.

Neste particular, o actual govêrno excedeu a todos os anteriores, pois não só determinou, pelo Decreto n. 687, de 24 de janeiro do corrente anno a construcção de mais 26 grupos escolares, senão também mandou edificar o Instituto de Educação, obra de vulto, com todos os requisitos da Technica e da Pedagogia, que é mais propriamente uma Universidade de Letras, Sciencias e Artes e vae constituir-se em fóco de viva irradiação intellectual na Parahyba.

Talvez, ainda este anno, esteja concluida a parte central do Instituto.

Na capital foram encetados, em abril, os trabalhos da ampliação do edificio do grupo "Epitacio Pessôa", constantes de mais 4 salas de aula, "auditorium", bibliotheca, Jardim de Infancia, e as dependencias necessarias, devendo estar concluidos até novembro.

Pelo Govêrno já foi autorizada a construcção de dois novos grupos escolares, o de Cruz de Armas e o de Cruz do Peixe ou Torrelandia.

Ambos obedecem ao typo das escolas duplicadas belgas. em estylo moderno funccional.

Já se acha ultimado o projecto feito pela Directoria da Viação e Obras Publicas e convem que não tardem os serviços de construcção para não se prejudicar, no proximo anno, a bôa marcha do ensino.

Os edificios destes novos grupos escolares consultam as necessidades dos dois populosos bairros desta Capital, uma vez

que têm capacidade para 800 alumnos. As salas de aulas são em numero de 10 de 8m.00 x 9m.00. Estão providos de "auditorium", bibliotheca, Jardim de Infancia, "Gymnasium", salas de laboratorio e de trabalhos para o ensino pre-vocacional e vocacional, directoria, secção sanitaria, etc.

Além destes, é, de todo, necessario construir outro edificio para o grupo escolar Pedro II, que, desde mais de três annos, se encontra sem séde propria, visto como o predio em que funccionava passou ao Tribunal Eleitoral.

Quanto ao edificio e á localização do grupo "Duarte da Silveira" reitero as informações dadas ao sr. Governador do Estado em abril deste anno. E' menos do que uma escola agrupada. Contém apenas duas salas de aula, não satisfaz, por via alguma, ás exigencias pedagogicas e hygienicas nem comporta ampliação.

Os grupos "Isabel Maria" e "Antonio Pessôa", apesar de bem construidos, reclamam serviços de remodelamento para se adaptarem ao plano geral da Reforma. Ao primeiro falta, sobretudo, "auditorium". E o segundo, além de "auditorium" necessita de maior numero de salas de aulas e de trabalho, de Jardim de Infancia e de area para recreio e jogos.

Pode-se conseguir o fechamento do beco, sem utilidade alguma, o qual passa ao longo do muro posterior e a desapropriação dos casebres proximos.

Entre os grupos escolares inaugurados e por inaugurar, este anno, contam-se os seguintes: o de Alagôa do Monteiro "Dr. Miguel Santa Cruz", em fevereiro e os de Queimada — "José Tavares", Galante — "Mons. Sales, Campina Grande — "Professor Procopio", no municipio de Campina Grande, e os de Alagôa Grande — "Appolonio Zenayde", Pilar — "Dr. José Maia", Sapé — "Gentil Lins", Piancó — "Felizardo Leite", Misericordia, Conceição e Mamanguape que estão sendo construidos nos municipios do mesmo nome.

Actualmente possue a Parahyba 31 grupos escolares, sem falar nos que vão ser inauurados este anno, assim discriminados: 7 de 1.ª categoria; 20, de 2.ª, 2 de 3.ª, e 1 particular, de collaboração com o Estado — o grupo "Santo Antonio" e o grupo Modêlo (Escola de Applicação).

Os grupos da capital são em numero de 8, mas não correspondem, de maneira alguma, ás necesidades da população, que nestes ultimos annos acresceu extraordinariamente, attingindo a cerca de 120.000 habitantes.

Os restantes grupos estão localizados nas cidades e villas. Depois da capital, é Campina Grande o municipio dotado de maior numero de grupos, quatro, ao todo: dois na séde, um em Queimadas e outro em Galante.

A Prefeitura de Pombal por sua vez, já começou este anno, a construcção de mais três edificios para escolas reunidas, o de Malta, o de Paulista e o de Lagôa.

O ENSINO COMPLEMENTAR

O anno passado, funcionou nesta capital, a titulo de experiencia, uma escola complementar, a cargo dos professores Rubens Filgueiras e Maria Deolinda Campello.

A escola complementar serve de intermediaria entre o ensino primario e o secundario. E vae por muitos annos que o nosso Regulamento expressava, em seus artigos, como um ideal a attingir, a sua fundação na Parahyba.

Para preencher esta lacuna, começou de vigorar, este anno, como facultativo, o ensino complementar em todos os grupos escolares da capital e do interior.

Desta maneira, poderão os alumnos que se destinam ás carreiras das letras preparar-se melhor para os exames de admissão, e aos demais se facultam os meios de adquirir uma instrucção primaria mais perfeita.

ENSINO NOCTURNO : — Fôram creadas até hoje 68 escolas nocturna, 13 na capital e 33 nas cidades e villas. O facto que fére logo a vista num simples exame das tabellas estatisticas, é a falta de frequencia em todas as escolas nocturnas.

Para remediar, ao menos em partes, a este inconveniente. esta Directoria determinou o agrupamento das escolas de menor frequencia, localizando.as, assim reunidas, nos pontos de mais facil accesso á população proletaria.

Optimos resultados produziu a medida, notando-se hoje grande frequencia nas escolas agrupadas.

O ensino resultou efficaz, bem ordenado, com a destribuição das classes por três ou quatro docentes, notando-se enthusiasmo e gosto da parte dos alumnos e mestres.

Nalgumas das escolas vamos introduzindo o aprendizado das artes praticas: a encadernação, o desenho technico, a costura.

Bem fôra que se installasse na escola nocturna do Grupo Antonio Pessôa uma secção de telegraphia, pois viria satisfazer ás necessidades reaes de nosso meio, só nos faltando para esse fim os apparelhos telegraphicos. Outro tanto se deve dizer das aulas de dactylographia nas escolas nocturnas masculinas e femininas.

Em Cruz das Armas, na Cruz do Peixe ou Torrelandia e no Roggers, bairros mui povoados, há necessidade de fundar escolas nocturnas.

A REFORMA DOS METHODOS EDUCATIVOS

O que mais importa numa reforma é o methodo, são os novos rumos que se rasgam, é a orientação fecunda que se imprime á escola, substituindo-se o velho, o imprestavel, o morto pelo que é novo, efficaz, vivo.

A reforma da instrucção na Parahyba não é uma transplantação dos systemas europeus ou americanos para os institutos educativos nem ainda como o poderia parecer, uma imitação servil dos methodos e processos em voga nos meios culturaes do Sul, do Districto Federal, São Paulo e Minas.

A Parahyba acompanha com interesse o movimento pedagogico de nossa época, e, dentro das suas possibilidades, procura adoptar em suas escolas tudo o que se lhe figura bom, util e proveitoso, acommodado á nossa região, consentaneo aos costumes e tradições de nossa gente e sempre em estreita connexão com o ideal de nacionalidade.

As correntes do mundo contemporaneo modificaram por tal forma as condições da vida que força é recorrer a novos meios para acudir ás multiplas necessidades que se crearam.

A industria e as mil invenções, que tanto estimularam o progresso social e economico, trouxeram, por sua vez, crises violentas com o movimento de fluxo e refluxo que se estabeleceu entre a antiga e a nova ordem de coisas.

A nossa época tem outros problemas, outras necessidades e aspirações.

E' claro que os institutos educativos não podiam escapar ao influxo dessa infinidade de phenomenos que constituem o "espirito da épocha".

Os ideais da educação não são outros que os ideais da vida.

Romperam-se, em toda a parte, os moldes antigos; mudou-se a mentalidade e a escola começou a tomar viva consciencia de sua missão social, entrando em contacto com a realidade e occupando-se dos problemas praticos da vida.

Na Parahyba, como, aliás em todo o Brasil, a escola passou por uma transformação radical.

A instrucção deixou de ser privilegio das classes sociaes mais bem dotadas para tornar-se uma aspiração das mais pobres ainda e desfavorecidas.

Em vez de limitar-se aos rudimentos do ler, escrever e contar, como era dantes, estendeu-se o trabalho escolar a muitas outras disciplinas, visando a um tempo o desenvolvimento do corpo e do espirito, assim a formação da inteligencia, como a da vontade e do caracter; a aprendizagem das letras, como a das habilidades, o preparo social, não menos que o individual.

E' muito de notar que, hoje em dia a educação comprehende todos os periodos da vida juvenil: escola maternal ou escola-berço, Jardim de infancia, escola elementar, escola complementar de par com as diversas associações *peri* — e *extra-escolares*.

Este o significado da Reforma do ensino na Parahyba.

Aqui não se fez mais do que adaptar a escola a este mundo complicado de luctas e conquistas; de descobrimentos, de actividades e expansão vital para evitar o mallogro das novas gera-

ções ao tropeçarem com as primeiras difficuldades no campo social e economico.

O govêrno e as classes directoras vêm desde alguns annos, comprehendendo a necessidade de ministrar á juventude uma instrucção distincta da "formação geral", scientifica ou literaria.

Assim é que o ensino commercial e agricola vae tomando formidavel impulso, abrindo-se não só na capital, senão tambem nas prinpipaes cidades, em Campina Grande, Itabayanna, Bananeiras, Guarabira, Alagôa Grande, Cajazeiras, Souza, Patos, etc. cursos e academias de commercio, escolas de artes e officios e institutos profissionaes que muito contribuem para a prosperidade economica do Estado.

O curso commercial do Instituto Pedagogico de Campina Grande é equiparado á Escola de Commercio do Rio e está, assim, sujeito á fiscalização federal.

Pelo Decreto n.º 406, de 8 de agosto de 1933, o govêrno da Parahyba regulamentou o ensino commercial do Estado.

Acham-se hoje officializados nesta capital a Academia de Commercio, o Instituto João Pessôa e o Curso Commercial do Collegio de Nossa Senhora das Neves e no regime de prova, para ser definitivamente reconhecido pelo Estado, o Instituto Underwood.

Das escolas profissionaes, que existem na Parahyba, a mais bem apparelhada é, sem duvida, a Escola de Aprendizes Artifices, instituto fedral, que, com suas secções de artes e officios, vem prestando, desde longo tempo, os melhores serviços á educação.

As mais escolas profissionaes do Estado, a saber o Instituto S. José, o curso profissional do grupo Santo Antonio e a Escola operaria de Campina Grande tem recebido larga dotação do Estado.

Outras há em via de organização, assim na capital, como no interior, em Campina Grande, em Patos, Souza, Cajazeiras e m Pombal.

Há necessidade de ser creada pelo Govêrno em collaboração com a Great Western uma escola profissional em Cabedello.

Semelhantemente é justo e encontra apoio na Constituição Estadual exigir-se das poderosas firmas e empresas que se installaram no territorio parahybano decidida cooperação para a fundação e manutenção de escolas, sobretudo, de nucleos profissionaes, industriaes e agricolas consoante se faz, com tantos fructos, no Estado de São Paulo.

Mas a Parahyba é essencialmente um Estado agricola. Dahi o interesse que o Govêrno tem consagrado á educação agricola.

Nos municipios, ao lado das cooperativas de credito, associações agrarias e campos de demonstração, surgem as escolas ruraes e os clubes agricolas.

A Lei n.º 16 determinou, no seu artigo 10.º, que em cada

municipio uma das escolas existentes fôsse transformada em escola rural, devendo a regente da cadeira fazer antes estagio na Escola Rural Modelo.

Acontece, porém, que motivos superiores, entre outros a acquisição de local apropriado, impediram que se inaugurasse, ainda este anno, a Escola Rural Modelo, causando não pouco detrimento ao plano de reorganização do ensino rural.

E' a Escola Modelo quem prepara o professorado de emergencia. Emquanto as Escolas Normaes Ruraes não estiverem devidamente organizadas, em plena vitalidade funccional, torna-se indispensavel no Estado a existencia da Escola Rural Modelo. Ella constitúe-se o centro de acção unitaria na educação agricola.

Technicos para a educação agricola. De accôrdo com o artigo 11.º da Lei n.º 16, o Govêrno contractou em julho do corrente anno um technico, membro da Sociedade "Alberto Torres", o agronomo, dr. José Damasceno da Silveira para inspeccionar e orientar os trabalhos agricolas, incrementando a fundação dos *clubes* agrarios e ensaiando as plantações e culturas pelos processos da agronomia moderna.

Em virtude de se não ter podido installar a Escola Rural Modelo, a actuação do technico rural ficou, por emquanto, circunscripta ao desenvolvimento dos clubes agricolas, nomeadamente ao do Grupo Escolar "Isabel Maria" nesta capital.

A Escola rural de Condado. Está assentada a construcção de uma escola rural na bacia de irrigação do açude de Condado, no municipio de Pombal.

A Directoria das Obras Publicas já levantou o projecto da construcção dos edificos destinados á escola e á residencia dos professores.

A escola funccionará com a collaboração dos technicos dos Serviços Complementares da I. F. O. C. S. e, no plano de organização do ensino rural, deverá ser transformada, logo que seja possivel, em Escola Normal Rural.

A Escola de Irrigação de Souza. Acha-se em estudos tambem a escola de irrigação na bacia do açude de S. Gonçalo, junto á cidade de Souza.

Será uma escola de caracter regional, accommodada ás necessidades do meio, applicando á agricultura os conhecimentos mais importantes da hydraulica, da mechanica e das sciencias naturaes.

A Escola de Agronomia de Areia. Inaugurou-se no dia 15 de abril deste anno a Escola de Agronomia de Areia.

Os edificios foram executados pela Directoria de Obras Publicas deste Estado segundo plano do Ministerio de Agricultura. As despesas com os predios e as primeiras installações orçaram em perto de 1.000 contos de réis.

Vasada nos moldes da Escola Agronomica de Viçosa, em Minas, a Escola de Agronomia da Parahyba occupa um logar distincto entre os demais institutos educativos e, por sua natu-

reza de escola superior agricola, lhe está reservada a missão de renovar inteiramente a nossa mentalidade e de influir na vida economica de todo o Nordéste.

Já este anno começaram de funccionar os cursos de administradores ruraes e technicos agricolas.

A matricula elevou-se a 37 alumnos, de diversos Estados do Brasil: Ceará, Minas, Rio de Janeiro, Pernambuco, Alagôas, Sergipe.

Há cursos especiaes, com demonstrações praticas, para os lavradores, que vão assim aprendendo os processos da Agricultura racional.

Além disto, fundou-se, no mês de julho, uma escola primaria do sexo masculino, com a matricula de 50 alumnos.

A Escola Activa. Para a revisão dos valores educativos nas escolas e modificação dos systemas e processos de ensino creou-se, nesta Capital, um corpo de inspectoras technicas, escolhidas dentre as professoras parahybanas mais familiarizadas com a pratica dos methodos da Escola Nova.

São, ao todo, quatro; duas nomeadas pelo sr. Governador e as outras duas, designadas por esta Directoria.

A sua actuação nos Grupos escolares tem sido por demais proveitosa e fecunda. Visitam demoradamente as escolas, orientam o ensino, organizam jogos educativos e collaboram com as professoras na vida organica dos estabelecimentos escolares, assistindo ás aulas, dando lições modelo, ensaiando os novos methodos, os "projectos", os "Centros de interesse", o diario de classe, os testes, a preparação dos albuns infantis, etc.

DELEGACIAS E INSPECTORIAS REGIONAES

A profunda transformação que se operou na Instrucção Publica da Parahyba, sobretudo, da Revolução de 1930 até hoje, reclama, como é obvio, novas medidas de caracter administrativo e technico para assegurar a efficiencia do ensino, o valor educativo da escola.

A marcha funccional da engrenagem escolar depende mui especialmente de uma inspecção conscienciosa, exercida por professores de reconhecida idoneidade, technicos, no rigor do termo, para dar-se immediatamente solução aos multiplos e difficeis problemas educativos, quer de ordem geral, pertinentes á orientação pedagogica, methodos e processos de ensino, etc., quer de ordem particular, relativos ás determinadas zonas onde se acham installadas as escolas.

O desenvolvimento do ensino rural, nos povoados, nos "sitios" e "Fazendas"; a creação das escolas nocturnas nas cidades e villas; as numerosas escolas particulares que vão apparecendo, cada dia, em todos os recantos doEstado, estimuladas pelo decidido apoio do Govêrno e, em especial, as escolas commerciaes e profissionaes que têm de multiplicar-se, com o surto de

progresso economico da Parahyba, falam bem alto da necessidade de quebrar os quadros estreitos e rigidos da antiga Inspectoria Regional e de reorganizal-a, dando a esta secção do Departamento da Educação a importancia que merece.

As unidades escolares duplicaram nestes seis annos; cresceu a população, surgindo, aqui e alli, nucleos ruraes florentes, que necessitam de uma ou mais escolas.

No entanto, os mappas estatisticos nos deparam dois factos verdadeiramente contristadores que, para logo, chamam a nossa attenção.

Perto de cem escolas existem no Estado com frequencia inferior a 20 alumnos.

E trezentas approximadamente estão com as classes superlotadas, mas com enorme desproporção entre a columna da matricula e a da frequencia.

Se reflectirmos bem sobre este phenomeno, conforme o fizemos nas paginas da Revista de Ensino, veremos que elle póde ter causas as mais diversas, como entre outras: a má situação das escolas, a insalubridade da região, a pobreza ou o descaso dos paes, as rivalidades politicas, etc., mas a causa precipua é a falta de orientação pedagogica, quando não a negligencia do professor no desempenho de suas funcções.

E' certo que as classes superlotadas levam de si a este estado de coisas inadmissivel: baixa da frequencia, desaproveitamento do ensino e indisciplina, pelo que se faz mister prover as escolas de mais um docente. Mas não se explica, em hypothese alguma, a differença proporcional extraordinaria que se observa em muitas de nossas escolas.

Por aqui já se póde fazer uma idéa do relevante papel que cabe á Inspectoria technica na obra da educação pupular.

A ella se deve, em grande parte, o exito da escola.

O Inspector technico zela pelo cumprimento das disposições regulamentares, estimula os professores com apropriadas palestras pedagogicas, guia-os nas difficuldades e incertezas, toma as providencias necessarias em situações complicadas ou imprevistas e informa á Directoria Geral de todas as occorrencias no seu districto ou zona escolar.

Comprehende-se, pois, que não é possivel continuar, hoje em dia, a antiga divisão do vasto territorio parahybano, povoado de escolas, em cinco zonas apenas.

Por mui zelosos que sejam e por mais esforços que desenvolvam, cinco inspectores technicos, aliás três, a quantos se acham reduzidos, por terem os demais passado a exercer commissões, nada de proficuo podem fazer, dada a immensa area geographica a visitar e o acumulo de serviços de cada Inspectoria.

Dest'arte, é de todo indispensavel proceder-se a uma nova divisão em que se attenda melhor ás necessidades do ensino.

Depois de ouvir o Inspector Geral e os Inspectores technicos da 1.ª e 2.ª zonas, esta Directoria organizou, pela seguinte

maneira, o quadro das delegacias e inspectorias regionaes e o corpo de inspectoras technicas.

REFORMA DA FISCALIZAÇÃO TECHNICA

1.ª zona escolar : — Capital, (Séde) Santa Rita e Cabedello.
2.ª " " Sapé, (Séde) Pilar e Pedras de Fógo (Esp. Santo).
3.ª " " Guarabira, (Séde) Caiçára e Mamanguape.
4.ª " " Areia, (Séde) Alagôa Grande, Serraria e Bananeiras.
5.ª " " Itabayanna, (Séde) Ingá e Umbuzeiro.
6.ª " " Campina Grande, (Séde) Esperança e Alagôa Nova.
7.ª " " Araruna, (Séde) Picuhy e Soledade.
8.ª " " Alagôa do Monteiro, (Séde) Cabaceiras e S. João do Cariry.
9.ª " " Patos, (Séde) Santa Luzia do Sabugy, Teixeira e Taperoá.
10.ª " " Pombal, (Séde) Catolé do Rocha e Brejo do Cruz.
11.ª " " Souza, (Séde) Cajazeiras, Anthenor Navarro e S. J. de Piranhas.
12.ª " " Piancó, (Séde) Misericordia, Princeza e Conceição.

DELEGACIAS REGIONAES DO ENSINO

1.ª Séde, Capital, comprehendendo a 1.ª zona.
2.ª " Guarabira, comprehendendo as 2.ª, 3.ª e 4.ª zonas.
3.ª " Campina Grande, comprehendendo as 5.ª, 6.ª e 7.ª zonas.
4.ª Séde Patos, comprehendendo as 8.ª, 9.ª e 10.ª zonas.
5.ª " Souza, comprehendendo as 11.ª e 12.ª zonas.

CORPO DE INSPECTORAS TECHNICAS

Oito para 1.ª, a 2.ª e a 3.ª zonas
Uma para a 4.ª
" " " 5.ª
Duas para a 6.ª
Uma para a 7.ª
" " " 8.ª
" " " 9.ª
" " " 10.ª
" " " 11.ª
" " " 12.ª

E' de toda a conveniencia que se effectuem logo as nomeações dos delegados, inspectores regionaes e inspectoras technicas para se dar inicio ao anno lectivo, com toda a ordem e regularidade.

Cursos especiaes de technica, didactica e de politica: — Ainda este anno, no periodo de ferias, deveriam reunir-se nesta capital todos os delegados, inspectores regionaes e technicos para frequentar o curso de Didactica e administração escolar em que serão estudados os mais importantes problemas pedagogicos e amplamente discutidas e acertadas as medidas mais opportunas no que entende com a vida educativa.

Reuniões trimestraes: — Nas sédes das Delegacias, igualmente conviria promover, cada trimestre, a reunião dos delegados, dos inspectores regionaes e inspectoras technicas para tratar das necessidades do ensino.

Reuniões annuaes: — E em cada municipo, para manter sempre elevado o nivel intellectual do professorado deveriam convocar-se, todos os annos, á séde os regentes de cadeiras urbanas e ruraes para se entreterem em conferencias sobre o ensino, procedendo-se ás palestras pedagogicas, ao preparo de planos e esboços de lições e introducção dos novos methodos.

O ENSINO PARTICULAR

O ensino particular no Estado floresce de anno a anno mais, devido principalmente á nossa legislação que é a mais liberal possivel.

Se nem todas as escolas particulares são subvencionadas, poucas deixam de receber favores e auxilios do Govêrno.

A Lei de 13 de dezembro de 1936, fixa as condições para as escolas particulares terem direito á subvenção. São as seguintes: *a)* funccionamento pelo espaço de um anno, com a observancia dos dispositivos regulamentares; *b)* direcção confiada á professora normalista ou pessôa julgada idonea pela Directoria Geral; c) ensino gratuito a 10% dos alumnos.

O anno elapso havia no Estado 181 escolas particulares registradas no Departamento da Educação, com a matricula global de 9,156 alumnos.

Destas 152 destinadas ao ensino primario; 11, ao ensino profissional; 6 ao ensino normal; 5 ao ensino gymnasial; 13 ao ensino secundario; 1 ao ensino superior.

No corrente anno, acham-se inscriptas no Departamento da Educação 384 escolas primarias particulares, com a matricula de 14.444 alumnos.

A quase todas as que a solicitaram foi attribuida a subvenção de direito.

Actualmente existem subvencionadas pelo Estado 26 escolas particulares nos termos do Decreto n. 873 que estipula a subvenção de 3$000 *per capita* até 150$000 mensaes.

Além destas recebem dotação annual conferida pela Assembléa diversos institutos educativos.

O grupo S. Antonio, além do auxilio recebido para a construcção do predio, tem do Estado 3$000 *per capita* sem restricções, o que equivale a 3:000$000 mensaes.

Donativos extraordinarios têm sido ainda outorgados a muitas instituições educativas e de assistencia á infancia.

Convem salientar os seguintes: Ao Instituto S. José pela Assembléa do Estado, na legislatura passada, 15:000$000. Ao instituto "João Pessôa", 30:000$000 tambem pela Assembléa para a construcção do edificio. A' escola profissional da Sociedade Operaria de Campina Grande, 30:000$000.

Para a fundação da escoal profissional de Souza, ... 15:000$000.

O Govêrno subvenciona ainda o Orphanato d. Ulrico e o Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, com ..... 2:000$000 mensaes a cada instituição e a Sociedade de Cirurgiões Dentistas para o serviço dentario dos alumnos da capital com a quantia de 3:000$000.

Ao todo, despendeu o Estado com as instituições particulares a somma de 221:500$000 annuaes.

Não se póde obscurecer que o ensino particular é um dos mais poderosos factores do progresso de nossas letras e de nossas artes.

Tão longe quanto se pode remontar, da colonização á época actual, o ensino particular se nos antolha como uma instituição de todo em todo necessaria para educar a infancia e a juventude, alphabetizar os adultos e concorrer para a formação da unidade da Patria.

Bem que nem sempre tenha sido amparada como cumpre pelos Govêrnos, a iniciativa particular ha feito prodigios em nosso meio.

A ella se devem muitos dos nossos melhores institutos de educação secundaria, commercial, profissional e primaria que não temem confronto com os mais notaveis do pais, como sejam, entre outros: o Collegio de Nossa Senhora das Neves, com seus cursos gymnasial, profissional e commercial, o Collegio Pio X, de gloriosas tradições, o Orphanato D. Ulrico, a Academia de Commercio, o Instituto "João Pessôa", o grupo "Santo Antonio" com sua escola profissional annexa, o Instituto "S. José", o Orphanato D. Ulrico, com sua escola profissional feminina, o Externato da Sagrada Familia e o Instituto Carneiro Leão, todos nesta capital, e bem assim, as cinco Escolas Normaes do interior: duas em Campina Grande: o Collegio das Damas Christãs e o Instituto Pedagogico; uma em Bananeiras, o Collegio do Sagrado Coração; uma em Alagôa Grande, o Collegio de Nossa Senhora do Rosario, uma em Cajazeiras.

Devemos mencionar ainda o Collegio Pio XI, de Campina Grande, o Collegio Padre Rolim, de Cajazeiras; o Collegio Santa

Rita de recente fundação em Areia, o Instituto Pedro Americo e o Collegio de Nossa Senhora da Luz de Guarabira e as escolas commerciaes e profissionaes de Itabayanna e Campina, sem falar nas escolas de musica, de dactylographia e nos cursos de instrucção nos domicilios e numerosas escolas primarias disseminadas pelas cidades, villas e povoações.

Nada mais justo do que o auxilio do Govêrno a estas instituições educativas que tanto honram o nosso Estado.

Até a presente data, nenhuma denuncia chegou á Directoria Geral contra qualquer destes estabelecimentos de ensino.

Não obstante, desacerto fôra deixar as escolas particulares, entregues a si mesmas, sem nenhuma fiscalização e interferencia das autoridades do ensino.

E' da maxima importancia que as escolas particulares observem estrictamente, como as escolas officiaes, as normas pedagogicas e as directrizes geraes do ensino e conservem um ambiente propicio ao desenvolvimento do espirito de nacionalidade, educando os alumnos de accôrdo com os interesses da Patria brasileira.

E' preciso que em todas as instituições escolares do Estado se tenha em grande apreço a educação civica da juventude.

Não se comprehende a indifferença ou descaso pelos feriados nacionaes, pelas festas civicas e aprendizagem dos cantos e hymnos patrioticos, tão necessarios á cultura do sentimento de amôr da Patria.

O estudo da lingua vernacula, de geographia e da historia do Brasil deve ser ministrado, não por estrangeiros, mas por brasileiros natos que saibam fazer amada dos alumnos a nossa Patria.

Tem sido objecto da mais viva solicitude da parte da Directoria Geral o registro das escolas e cursos particulares.

Nesse sentido constantes appellos têm sido feito aos responsaveis pelas escolas a que se não furtem á observancia deste dispositivo regulamentar.

Aos srs. Inspectores regionaes e directores dos grupos escolares, com o mesmo fim, foram endereçadas varias circulares no decurso deste anno.

Visto como, ainda por tempos, as escolas publicas não poderão satisfazer a população infantil em idade escolar, é do interesse real do Estado subvencionar e incentivar por todos os meios as escolas particulares, tanto mais que, sobre serem mais efficientes no tocante á frequencia, acarretam menos dispendio de dinheiro aos cofres publicos.

O numero de escolas registradas no correr deste anno permitte-nos calcular em 150:000$000 a verba necessaria para as subvenções ordinarias.

Outrosim, para melhormente assegurar a efficacia do ensino, seria de toda a conveniencia alterar a lei das subvenções ás escolas particulares, redigindo-a de forma que a cada escola cou-

bessem os 3$000 *per capita*, na base de 30 alumnos para cada professor, não excedendo a contribuição ordinaria de 230$000 (equivalentes aos vencimentos de 1.ª entrancia), caso em que deverá ter a escola pelo menos três professores de reconhecida idoneidade.

As vantagens para o Estado são manifestas, pois, com um professor que lhe custa 230$000, ou mesmo 140$000, se é leigo, não pode dar ensino efficaz senão a 30 alumnos, ao passo que com a mesma importancia de um professor diplomado pode ministrar educação efficaz a 90 alumnos, no minimo.

O ENSINO RURAL — CLUBES AGRICOLAS

Não funcciona ainda no Estado escola alguma rural typica, embora, *ex-vi* da Lei n. 16, em cada municipo deva existir pelo menos uma.

Para a inauguração das escolas ruraes nos municipios requer-se, antes de tudo, providenciar ao preparo technico dos professores.

Urge fundar a Escola Rural Modêlo para estagio dos professores que deverão estar no começo do anno lectivo na regencia das escolas ruraes dos municipos. Em Areia, no Condado ou nesta capital poderá abrir-se, desde já, a Escola Modêlo com identicas funcções que a de Tigipió, em Pernambuco.

Porquanto só daqui a quatro annos, as Escolas Normaes ruraes poderão fornecer ao Estado o pessoal technico exigido.

Clubes Agricolas — Ha na capital uma cadeira de actividades ruraes que funcciona no grupo Isabel Maria, desde o mês de janeiro do corrente anno.

Dispõe o grupo de um hectare de terra, adquirido pelo Govêrno, para as demonstrações das varias actividades agricolas.

Na regencia da cadeira está a professora Maria da Conceição Costa Dias, que fez o devido estagio na Escola rural modêlo "Alberto Torres", do Estado de Pernambuco.

Sob a direcção do technico agricola, dr. José Damasceno da Silveira, foram encetados na presença dos escolares, os previos trabalhos de desbravamento, seguindo-se a aradura e gradagem para proceder-se ás plantações e ficando toda a area preparada, dividida em lotes, com sua cultura propria.

Outros clubes agricolas foram fundados, vae por dois ou três annos, em diversos estabelecimentos escolares da capital e do interior, mas, por falta de orientação technica, não lograram progredir. Sommam 33 os clubes agricolas da Parahyba.

Da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres e da Directoria de Producção do Estado recebeu a Inspectoria do ensino rural sementes que vão ser distribuidas com os Clubes agricolas da capital e do interior.

O Patronato Agricola "Vidal de Negreiros" — E' uma das

nossas escolas profissionaes mais bem installadas e que estende o seu raio de acção a todo o Estado.

Nelle estão matriculados 132 menores dos differentes municipios, os quaes ao mesmo tempo que aprendem as letras, se consagram ás artes mechanicas e ao cultivo do campo.

A Escola de Menores abandonados de Pindobal — Tanto o Patronato "Vidal de Negreiros", como a Escola de Pndobal não estão ainda na dependencia do Departamento de Educação, motivo pelo qual a Directoria Geral só poude obter os dados seguintes: A Escola de Pindobal é de caracter *emendativo* e essencialmente agricola, profissional, havendo o Govêrno procedido ás installações necessarias.

O terreno não se presta bastante ás culturas, nem goza da salubridade indispensavel a um instituto desta natureza.

Estão internados na Escola de Pindobal 102 alumnos. Para a escola *de aprender* foi nomeado recentemente o professor Mario Gomes.

Escolas de Anormaes — Afóra a Escola de Pindobal que alberga os anormaes moraes, não se encontra no Estado escola alguma destinada aos anormaes physicos nem aos anormaes intellectuaes ou retardatarios mentaes.

Já era tempo de fundar-se nesta capital e em Campina Grande, cidade mui populosa, uma escola deste genero, a qual recolheria os atrazados mentaes das varias escolas, muito concorrendo para diminuir as sub-divisões de classes que tanto estorvam a bôa marcha do ensino.

Colonias de Férias: — Também nenhuma Colonia de Férias se encontra fundada na Parahyba.

Entretanto, attento o progresso da educação no Estado. parece-nos que se não deveria procrastinar a creação de três ou quatro Colonias escolares, uma em Condado, annexa á Escola rural, outra em Areia, centro agricola de primeira ordem e região mui apropriada por sua altitude e a terceira em Bananeiras, onde se acha o Patronato Agricola "Vidal de Negreiros", todas estas destinadas aos meninos pobres, sobretudo, e que precisam de restabelecer suas forças.

Conviria ainda fundar uma Colonia escolar em Alagôa do Monteiro para os meninos tuberculosos, a fim de evitar que transmittam o contagio a outros.

As Colonias escolares, como as escolas ao ar livre, estão recommendadas pelos mais notaveis congressos de assistencia á infancia e vão despertando o maior enthusiasmo nos centros educativos.

No Brasil entre os Estados que mais se batem pela educação hygienica podemos citar o do Espirito Santo que já possue sua colona de férias.

Além dos beneficios que trazem as Colonias á saúde dos alumnos, com o ar puro dos campos, as excursões, a alimentação sadia e os cuidados medicos, outros ha de alcance moral e social innegaveis.

Principalmente podem ser utilizadas, consoante nol-o adverte Burgerstein, para estimular o movimento de emigração entre os jovens das cidades para o campo.

ASSOCIAÇÕES ESCOLARES

Vão proliferando na Parahyba as asociações escolares que tanto contribuem para a educação physica, intellectual, social e moral dos alumnos.

Assim nos grupos como nalgumas escolas isoladas se têm fundado associações de caracter educativo, que, pelos bons fructos produzidos, vale a pena estimular.

Entre outras merecem especial registro as seguintes, dada a sua alta finalidade: *a*) Os Circulos de paes e mestres; *b*) as Caixas escolares; *c*) os Jornaes escolares; *d*) o Pelotão da Saúde; *e*) a Cooperativa escolar da merenda; *f*) os Gremios Literarios; *g*) o Escoteirismo; *h*) circulos de estudos.

a) Os circulos de Paes e Mestres — Na capital os Circulos de Paes e Mestres exercem acção sobremodo vantajosa para a educação integral do alumno.

Todos os pedagogos salientam a necessidade da mutua collaboração dos paes e dos mestres para se levar a bom termo a educação dos jovens.

Nos Circulos ventilam-se os problemas da assiduidade, da saúde, da disciplina, do aproveitamento, da vida moral dos alumnos. Os paes trazem o seu apoio á acção dos mestres, dão-lhes informes preciosos para conhecerem o caracter dos educandos e discutem os meios mais aptos para a solução das difficuldades que, a cada passo, repontam no seio das escolas.

O Pelotão de Saúde é uma instituição peri-escolar fundada no grupo "Epitacio Pessôa" e que tem por alvo pôr em pratica entre os alumnos os preceitos da hygiene para a preservação da saúde.

Jornaes escolares — Diversas escolas têm os seus jornaezinhos escriptos pelos proprios alumnos.

O jornalzinho do grupo escolar de Guarabira foi premiado na exposição de Minas Geraes.

E' um excellente meio de estimular os alumnos, de apurar-lhes o gosto esthetico, o senso de observação e o amôr ás letras.

Gremios literarios — Com a mesma finalidade, em muitas escolas da capital e do interior, assim no ensino primario, como no secundario, fundaram-se differentes gremios literarios que vão produzindo os melhores resultados.

Nestes gremios, os alumnos tratam de exercitar-se no genero oratorio, na critica literaria, no estudo de assumptos didacticos, historicos e sociaes e assimilam uma cultura admiravel accommodada á época e deste modo supprem-se as lacunas de um ensino, ás mais das vezes, puramente formal.

Neste particular, merecem uma menção á parte os circulos de estudos da Juventude feminina do Collegio de N. S. das Neves e da Escola Normal e Secundaria.

De feição genuinamente catholica, visam elles o solido preparo social das alumnas, com o estudo das theses de maior monta, como sejam: a catechese nas escolas, a fundação de cooperativas da merenda aos alumnos pobres, a organização de bibliothecs, de escolas, etc.

Escotismo — A Parahyba, no Govêrno Suassuna, iniciou um movimento em pról do escotismo nesta capital, e em Campina Grande. Esse movimento, por falta de unidades de commando, concentrado nas mãos dos professores, já de si muito cummulados de serviços, não logrou perdurar por muito tempo.

A campanha Newton Cavalcanti fez renascer o desejo de levar por diante o escotismo em nosso Estado, agora com uma feição mais relacionada ás condições do meio e com uma tendencia a amparar a infancia desvalida. Secundando o que se está realizando em Pernambuco, o Govêrno do Estado mandou três elementos de nosso ensino fazer o curso de chefe escoteiro em Recife, no intuito de tornar extensiva á Parahyba essa campanha que vigorosamente vae logrando os melhores resultados no Estado vizinho.

Este anno, vão os nossos chefes escoteiros, em Campina Grande, Itabayanna e aqui na capital preparando monitores para as patrulhas das tropas a serem creadas.

Assim, o movimento escotista da Parahyba, dessa vez está ao abrigo de qualquer fracasso por falta de unidades directivas, porque se inicia justamente pela formação das autoridades inferiores para o commando das cellulas escoteiras que são as patrulhas.

Cinema e Radio escolar — Acompanhando a evolução dos processos de ensino, a Parahyba deu passos no sentido de valer-se do radio e do cinema para melhorar a sua apparelhagem escolar. Assim, adquiriu dois projectores de cinema e firmou um contracto de locação de filmes com o Instituto Cine Educativo do Rio de Janeiro.

Com esse contracto, recebemos, todos os mêses, oito filmes ininflammaveis educativos para o ensino primario e secundario.

O serviço de aulas luminosas vae logrando os melhores resultados nesta capital.

Ao interior, porém, não pudemos ainda levar os beneficios do cinema educativo. Faz-se preciso para isso que as Prefeituras collaborem com o Departamento, responsabilizando-se pelas despesas de transporte da apparelhagem e do operador para podermos estender áquellas localidades as vantagens desse emprehendimento.

Quanto ao radio, aguardamos a montagem da nossa emis-

sora para iniciar, em dias e horas determinadas, aulas, palestras de instrucção para todo o Estado.

Ultimamente adquiriu o Departamento uma apparelhagem completa para aulas e palestras luminosas e radiophonicas a grandes auditorios. Essa apparelhagem consta de um projector ultimo modêlo Kodac film, com um amplificador de 7 valculas. microphone, Pic-up e alto falante. Por esse meio, podemos offerecer aulas de especialistas que a proposito de um filme poderão ser ouvidos, sem esforço do professor, até num salão de 50 metros de extensão.

Caixas Escolares — O Estado vae multiplicando, cada anno, as Caixas Escolares, instituição bastante elogiada, e que responde a exigencias primordiaes do ensino; pois é pela falta de recursos que muitos paes deixam de enviar seus filhos á escola

Existem no Estado 57 Caixas Escolares, 11 na capital e 46 no interior.

A verba destinada á manutenção das Caixas Escolares foi este anno de 35:000$000.

Numa ou noutra destas instituições appareceram irregularidades, tomando a Directoria Geral as providencias aconselhadas no momento.

O ENSINO SECUNDARIO, NORMAL, GYMNASIAL E PROFISSIONAL

O ensino secundario está distribuido em ensino normal. gymnasial e profisisonal.

Escolas Normaes — Existem na Parahyba 7 Escolas Normaes: a Escola Normal Official de João Pessôa, hoje denominada Escola Secundaria, a do Collegio de N. S. das Neves nesta capital e cinco no interior: duas em Campina Grande: o Instituto Pedagogico e o Collegio da Imaculada Conceição, das Damas Christãs; uma em Bananeiras, o Collegio do Sagrado Coração de Jesus, dirigido pelas Irmãs Dorothéas; uma em Alagôa Grande, o Collegio de Nossa Senhora do Rosario e a outra em Cajazeiras, ambas sob a direcção das Irmãs Dorothéas.

A Lei de 13 de dezembro de 1935 equiparou a Escola Normal official ao Collegio Pedro II e creou a Escola de Professores para a formação technica.

No seu artigo 16.º reconheceu os direitos das Escolas Normaes, durante certo tempo, "até que se equiparem ao Instituto de Educação".

Em conformidade com este dispositivo legal, a Escola Normal de N. S. das Neves entrou, desde o inicio do anno lectivo, no regime de equiparação ao Pedro II e ao Instituto de Educação e. segundo estamos informados, a Escola Normal de Campina Grande, dirigida pelas Damas Christãs solicitará, o anno vindouro, a sua equiparação aos mesmos estabelecimentos do Rio de Janeiro e da Parahyba.

Bem fôra que as demais Escolas Normaes se transformassem em Escolas Normaes Ruraes, já porque praticamente não é exequivel a equiparação das Escolas Normaes do interior ao Pedro II em virtude da difficuldade que ha em prover as cadeiras de professores habilitados e mesmo tal exigencia acarretaria despesas muito acima dos recursos dessas instituições, já porque o plano de reforma do ensino, que visa, de preferencia, a educação agricola, demanda orgãos especiaes, seminarios de educandos em que se dê aos futuros mestres o preparo technico, agricola.

Escola Normal Official e Secundaria — Para dar cumprimento aos dispositivos regulamentares do Collegio Pedro II, o Govêrno do Estado creou duas cadeiras na Escola Secundaria, a de Sciencias Physicas e Naturaes e a de Historia da Civilização.

Os laboratorios de Physica, de Chimica e Historia Natural não satisfazem ás necessidades do ensino gymnasial e devem ser ampliados e enriquecidos ainda este anno, estando o Director da Escola em actividade por que fiquem bem montados e de tudo apparelhados todos os gabinêtes e museus do Estabelecimento.

A Escola Secundaria e a Normal têm funccionado com toda a regularidade.

A matricula o anno passado foi de 212 alumnos, 16 do sexo masculino e 196 do sexo feminino, e, este anno de 211 alumnos, 16 do sexo masculino e 195 do sexo feminino.

Foram diplomados em 1935 42 alumnos.

O numero de professores é actualmente de 22.

No começo do anno lectivo inaugurou-se o Jardim de Infancia da Escola. Este, porém, ainda não posue completas collecções de jogos nem está apparelhado como cumpre.

Da mesma fórma, a Escola de Applicação.

A sua Directoria, no entanto, muito se tem esforçado para melhorar a situação, encontrando toda a bôa vontade e dedicação do Director da Escola Secundaria.

Desappareceu da Escola Secundaria a cooperativa da Merenda aos alumnos pobres e é muito de lamentar, pois acudia aos reclamos deste importante educandario.

Escola Normal de N. S. das Neves — E' dos estabelecimentos mais bem installados e de grande nomeada.

O predio está adaptado a seus diversos cursos: Normal, commercial, domestico e primario.

Possue um corpo docente preparado.

Os laboratorios e museus estão dotados de todas as peças indispensaveis ao ensino e vão sendo feitas cada anno novas acquisições.

Receberam diplomas no curso normal 19 alumnas; no commercial, 35, no domestico, 3.

A matricula este anno registra 420 no curso primario;

137 no curso normal, 135 no curso commercial e 9 no curso domestico.

Elevam-se a 42 os docentes da Escola Normal e dos varios cursos.

Instituto Pedagogico — (Escola Normal de Campina Grande) — E' equiparado á Escola Normal do Estado. O curso normal é feito em quatro annos. E' seu director o tenente Alfredo Dantas Correia de Góes. Funcciona em predio proprio, adaptado aos cursos: normal, commercial e de dactylographia.

No anno de 1935 houve matriculados no curso primario 268 alumnos; no curso normal, 63, no curso de dactylographia 12 e no curso commercial, 138. Ao todo, 481 alumnos.

Os professores são em numero de 35, sendo 11 do curso primario e 24 dos outros cursos.

No corrente anno, a matricula subiu a 526 alumnos, assim distribuidos : 332, do curso primario; 59 do normal; 70 do commercial (curso de admissão, propedeutico e technico), 110: do curso de dactylographia, 25. Foram diplomadas 13 alumnas do curso normal.

Collegio da Imaculada Conceição — (Escola Normal de Campina Grande) equiparado á Escola Normal do Estado, vem funccionando em predio proprio, com as accommodações necessarias aos differentes cursos.

O seu corpo docente é constituido por 25 professores, assim discriminados: — 8 do curso normal (1.º, 2.º e 3.º annos); 11, do commercial e 6 do primario.

A matricula este anno é de 545 alumnas e a frequencia de 474. Estão inscriptos nos três anos do curso normal 88 alumnos; no curso commercial, 45 e no primario 341.

A matricula do anno passado foi de 331 e a frequencia de 317.

Escola Normal de Cajazeiras — Acha-se equiparada á Escola Normal do Estado. O corpo docente consta de doze professores. A matricula chegou este anno a 244 alumnos, comprehendendo o curso primario e o normal.

Os museus e gabinêtes de Physica, e de Chimica e Historia Natural estão ainda em começo de organização.

E' dirigido pelas Irmãs Dorothéas.

Escola Normal de Bananeiras — E' também dirigido pelas Irmãs Dorothéas. Funcciona em predio proprio, amplo e bem situado.

O seu corpo docente é constituido por professoras idoneas

O curso normal teve de matricula o anno pasasdo, 24 alumnas. O curso primario, 126. Este anno, elevou-se a do curso normal a 31 e do primario a 50. Está equiparado á Escola Normal do Estado.

Escola Normal de Alagôa Grande — Acha-se sob a direcção das Irmãs Dorothéas.

O predio é proprio e bem localizado. A matricula do anno passado foi de 54 alumnas do curso normal, a deste anno, de 56; a do curso primario, 96.

Collegio Diocesano Pio X — Fundado em 1894 foi um dos institutos secundarios que primeiro se equipararam ao Collegio Pedro II.

O predio é por demais confortavel, vasto e hygienico.

E' dotado dos necessarios laboratorios para o estudo das sciencias physicas e naturaes.

A matricula este anno ascendeu a 300 alumnos, sendo 142 do curso primario.

Desde muito, nelle funcciona uma sociedade literaria — a Arcadia Pio X.

Academia de Comercio — Esse notavel Instituto de Educação Secundaria profisional foi reconhecido pelo Govêrno do Estado *ex-vi* do Dec. 317, de 19 de setembro de 1932 e é fiscalizado pelo Govêrno Federal.

Mantem os seguintes cursos : o de Admissão, o de propedeutica e o de perito contador. Rege-se pelos Decretos federaes n. 20.158, de 30 de junho de 1931 e 21.033, de 8 de janeiro de 1932.

A matricula geral é de 225 alumnos, sendo 63 do curso de admissão; 154, do propedeutico e 18, do de perito contador A Academia de Commercio é subvencionada pelo Estado com 15:000$000 annuaes.

O corpo docente compõe-se de 21 professores.

O predio é de construcção moderna e mui confortavel.

Instituto Commercial "João Pessôa" — Fundado em 1.º de março de 1929, funcciona provisoriamente em predio, que não é proprio, achando-se em construcção o edificio destinado aos seus diversos cursos.

O Instituto é reconhecido pelo Estado em virtude do Dec. n. 240, de 24 de dezembro de 1931.

A matricula do curso primario deste anno é de 40 alumnos; a do curso de dactylographia é de 49; e a do curso commercial, de propedeutico e de guarda-livros é de 56.

Além destes, ha outros cursos avulsos com 27 alumnos.

O corpo docente consta de 11 professores.

Collegio Pio XI — O Collegio Pio XI de Campina Grande está sob o regime de equiparação federal.

Possue predio proprio e todas as installações precisas para o funccionamento de seus cursos.

A matricula geral em 1935 foi de 331 alumnos, 123 do curso gymnasial e 208 do curso primario.

O seu corpo docente compõe-se de 16 professores.

Collegio Diocesano Padre Rolim — E' um dos mais antigos estabelecimentos de ensino do Estado.

Desde 1934, está sob o regime da Inspecção preliminar e

goza de justa fama não só em Cajazeiras senão no Estado e além de nossas fronteiras.

O corpo docente consta de 12 professores.

A matricula attinge a 168 alumnos. A frequencia orça por 162.

No curso gymnasial estão matriculados 62 alumnos e no curso primario, 100.

Lyceu Parahybano — A Lei de 13 de dezembro de 1935 collocou o Lyceu, conforme já o dissemos, fóra do Departamento da Educação.

Por esse motivo deixa a Directoria de reportar-se a este educandario, limitando-se aos dados referentes á matricula.

O anno passado frequentaram o Lyceu 382 alumnos, todos do curso gymnasial; este anno a matricula subiu a 450 alumnos.

Escola de Commercio Underwood — Entrou este educandario no regime da Inspecção preliminar para ser reconhecido pelo Estado.

A matricula apresenta 51 alumnos no curso de dactyloraphia.

Funcciona nesta capital.

Escola Remington Padre Azevêdo — E' uma bem acreditada escola de dactylographia desta capital sob a direcção da professora d. Dulce Medeiros.

Possue de matricula 80 alumnos.

Seminario Provincial — Além dos cursos de Philosophia e Theologia, tem o Seminario provincial da Parahyba o seu curso gymnasial em cinco annos.

A matricula o anno passado foi de 71 alumnos e este anno 70.

Instituto Carneiro Leão — Fundado este anno, pediu equiparação ao Collegio Pedro II. Mantem curso de que trata o art. 100 do Decreto n. 21.241, do anno de 1931.

Acha-se bem installado, com todas suas salas de aulas mobiladas.

A matricula do curso gymnasial é de 34 alumnos e do curso primario 89.

O corpo docente consta de 12 professores, sendo 4 do curso primario.

INSPECÇÃO MEDICO ESCOLAR

A inspecção medico escolar não está ainda subordinada como devera, ao Departamento da Educação, mas á Direcção superior da Saúde Publica.

Pelo que nos restringimos a expôr as necessidades actuaes de nossas escolas no que toca á inspecção medica.

Que nos conste, não ha na capital senão três inspectores medicos para todas as escolas, inclusive as secundarias.

Torna-se patente que é impossivel exigir do medico a visita mensal ás escolas, as palestras sobre hygiene, o exame physico dos escolares, etc.

Cumpre dividir o municipio da capital em districtos e nomear para as escolas de cada um delles o seu medico e respectivas educadoras sanitarias. No interior, cada municipio deve ter, pelo menos, um medico escolar.

Ha zonas no municipo da capital, como sejam: Marés, Gramame, Alagôa Grande, Abiahy, Tambaú, Bessa, Penha, etc., e nos municipois de Santa Rita e na região dos Brejos em que impera a malaria, mórmente na estação invernosa.

Muito soffre com isso a vida escolar. Diminue a frequencia e adoecem constantemente mestres e alumnos.

E' certo que o Departamento da Saúde Publica tem enviado esforços no sentido de melhorar, pelo menos esta deploravel situação.

Talvez fosse conveniente inverter nesses lugares os periodos de ferias, fazendo funccionar as aulas nos mêses de novembro, dezembro e janeiro e feriando no tempo de inverno, de abril a fins de junho.

ASSISTENCIA DENTARIO ESCOLAR

Três grupos escolares na capital possuem gabinête dentario, o grupo "Epitacio Pessôa", "Thomás Mindello" e "Antonio Pessôa", sendo muito bem organizado o serviço de assistencia dentaria aos escolares.

Foram adquiridos os Gabinêtes por inicativa dos respectivos directores dos grupos, secundados pelos professores.

Nos demais grupos e escolas isolados, o serviço dentario deixa muito a desejar.

Das differentes escolas, situadas em pontos os mais distantes vêm os alumnos á Sociedade dos Cirurgiões Dentistas onde, como é facil de imaginar, esperam que chegue a sua vez, voltando não raro sem ser attendidos, devido á quantidade dos pequenos clientes.

Para organizar o serviço, o Estado deve, quanto antes, installar os gabinêtes dentarios nos grupos e nas escolas de Cruz de Armas (futuro grupo escolar) e Santa Julia, onde ficará o grupo de Cruz do Peixe ou Torrelandia, e bem assim dotal-os de verba sufficiente e attender também aos alumnos das escolas circumviznhas a cada um delles.

EDUCAÇÃO PHYSICA E ARTISTICA

No Lyceu, nas Escolas Normaes e alguns institutos particulares cuida-se regularmente da educação physica dos educandos, havendo cadeira de gymnastica, campo de jogos, a par das excursões recreativas e scientificas.

Nas restantes escolas limita-se a educação physica aos

jogos durante o recreio e a excursões, uma ou outra vez, no anno.

A instituição dos Monitores e Professores auxiliares resolveria este grande problema educativo.

Demais, á face da Lei n. 16, a educação physica e artistica deve ter a sua inspectoria propria.

Para a capital deveriam ser nomeados quatro *professores auxiliares* e oito *monitores*, os quaes, sob a orientação do professor de Gymnastica da Escola Secundaria, dariam as aulas de educação physica nos grupos e escolas isoladas.

Nas escolas das cidades, onde os alumnos necessitam mais de exercicios physicos deveria haver também professores auxiliares e monitores na razão do numero de escolas existentes.

Nas villas e povoações a educação physica ficaria a cargo dos mestres, regentes das cadeiras.

Quanto á educação artistica, valem as mesmas considerações.

Importa muito ao Estado desenvolver a cultura artistica e o canto orpheonico nas escolas.

O ensino dos Trabalhos Manuaes já está sendo feito nos grupos e escolas isoladas do Estado.

A musica e o canto orpheonico vão sendo introduzidos nas escolas da capital, mas ainda sem muito proveito pela exiguidade de professores.

A superintendencia do ensino de musica (canto orpheonico), confiada pela Directoria Geral ao actual organizador do Orpheão da Escola Secundaria, professor Gazzi de Sá, reclama certo numero de orientadores e professores auxiliares para estender o canto a todas as escolas.

Museus escolares — No Lyceu, na Escola Secundaria e nas Escolas Normaes já se divisa alguma coisa que se possa chamar um museu escolar.

Nas mais instituições escolares pouco ou nada se tem feito até hoje para a organização dos museus.

Aos inspectores regionaes e directores dos grupos, inspectores auxiliares technicos endereçou a Directoria Geral circulares com as devidas instrucções acerca da maneira como devem proceder para a organização e enriquecimento dos museus escolares

Museu central de artes e industrias regionaes — Os Congressos de Educação realizados no Brasil têm formulados votos porque se installe nas capitaes dos Estados um museu em que figurem os artefactos e as producções industriaes e agricolas da região.

O Estado de Ceará, ao que nos conta, já deu começo a esta obra de significado social e economico.

Comprehende-se quaes serão os effeitos de uma exposi-

ção permanente das artes, industrias e producções agricolas de cada municipio.

No intuito de fundar nesta cidade o museu central enviou a Directoria Geral uma circular aos srs. Prefeitos, bem como aos Inspectores regionaes, solicitando-lhes a valiosa collaboração.

A realização desta obra depende, em particular, do apoio que lhe der o Govêrno do Estado.

O illustre dr. José Augusto da Trindade, chefe da Commissão dos Serviços Complementares da Inspectoria de Seccas, prometteu-nos toda a sua valiosa cooperação.

SEMANAS PEDAGOGICAS

Com evidente proveito para a educação se têm effectuado, de alguns annos a esta parte, as chamadas Semanas Pedagogicas, especie de Congressos educacionaes, em que se reune os professores para o estudo das questões mais momentosas do ensino.

A Semanas Pedagogicas da capital, de Campina Grande e de Guarabira, promovidas pelo então Director da Instrucção, o illustre professor José Baptista de Melo, despertaram maximo interesse e acenderam a chama do enthusiasmo no seio do professorado.

A Directoria Geral determinou para a 1.ª quinzena de novembro deste anno a realização de mais uma Semana Pedagogica nesta capital, tendo em vista principalmente uma exposição de trabalhos didacticos, jogos educativos, esboços de mappas dos municipios, etc.; estudo de assumptos pedagogicos, e aulas-modêlo das disciplinas do curso primario.

Revista do Ensino — Comquanto bem simples e modesta, a Revista do Ensino vae proseguindo a sua carreira, sem se afastar da sua finalidade que é a defesa dos interesses do professor parahybano, a renovação de sua cultura, a ampliação de seus conhecimentos.

A Directoria Geral está empenhada em aperfeiçoal-a cada vez mais de sorte que venha ao encontro dos desejos de um professorado competente, habil e que tem a ansia de seguir, passo a passo, os progressos e avanços dos centros educativos.

Curso de Dactylographia — A exemplo do que, desde muito se faz nas escolas de Huelva, em Espanha e se vae introduzindo em muitos lugares, devemos preconizar o escrever em machina ainda no curso primario.

A escola deve preparar o alumno para o seu tempo, deve accommodar-se ás exigencias da época.

Assim, é coisa que hoje se impõe o ensino de dactylographia no curso complementar.

As despesas não são superiores aos nossos recursos, porquanto o curso complementar funcciona apenas nos grupos es-

colares, havendo apenas necessidades de 10 machinas para esta capital. Nos annos seguintes o Estado irá provendo de machinas os grupos do interior.

O Ensino Religioso — Vigora em todo o Estado o ensino religioso facultativo. Nenhum abuso, que saiba a Directoria Geral, se verificou ainda nas escolas.

Em toda a parte, os paés, que são na sua quase totalidade catholicos, pedem a instrucção religiosa para seus filhos.

MOBILIARIO PEDAGOGICO

Em virtude da creação de numerosos grupos e escolas no Estado estão por mobiliario cerca de 500 unidades escolares.

E' fóra de duvida que o Govêrno se não tem descurado de prover as escolas de material pedagogico. E a prova é que ainda este anno foram adquiridas 100 carteiras escolares e destinadas a esse fim a verba de 80:000$000.

Mas o movimento de alphabetização no Estado é de tal ordem que é preciso augmentar de muito a verba para deixar devidamente mobiliadas as escolas, com suas carteiras, seu quadro negro, seus mappas e collecções pedagogicas.

Pelas reclamações que vêm de todos os municipios e pelos informes dos inspectores regionaes podemos calcular em 3.000 as carteiras escolares de que necessitamos.

Bibliothecas infantis — Vão surgindo, não sem difficuldades, as bibliothecas infantis, nos grupos escolares da capital e em alguns do interior.

Requer-se que o Estado ajude a iniciativa tomada pelos professores nas escolas.

O meio mais pratico é o adoptado pelo Govêrno de Minas Geraes que destinou 10% da verba das Caixas Escolares para a compra de livros e enriquecimento das Bibliothecas.

Com os donativos dos Circulos de Paes e Mestres e o resultado de festas escolares se conseguirá o mais.

As Bibliothecas são por assim dizer indispensaveis. Activam o gosto da leitura nos meninos, infundem o enthusiasmo, a emulação e muito concorrem para o trabalho proprio e autonomo.

Bibliotheca central — O Departamento da Educação deve ser dotado de uma biliotheca variada, rica no pertinente ao vasto ramo da Pedagogia, da Didactica da Philosophia e Historia da Educação, da Politica, administração e Legislação escolar.

Como nada ainda posue a nossa Bibliotheca faz-se mistér uma verba extraordinaria, não inferior a 20:000$000, para as primeiras installações de estantes, livros e mais pertences.

Plano de Educação Nacional — Para tomar parte na Commissão incumbida de estudar o projecto do "Plano de Educação Nacional" o Govêrno do Estado nomeou como represen-

tantes da Parahyba no Rio os illustres conterraneos dr. Manuel Tavares Cavalcanti, dr. Alcides Bezerra e padre dr. João Bizerril, homens de acrisolado saber e de vasta cultura.

O HORARIO

Problema dos mais difficeis da politica ou administração escolar é o de determinar a hora do começo das aulas em nosso Estado.

Debaixo do aspecto da efficacia do estudo é ponto incontroverso que as horas da manhã são recommendadas como as mais favoraveis e as mais preciosas.

Também nas cidades e nos centros industriaes e agricolas em que os paes logo cêdo devam deixar a casa para se entregar ao trabalho, pareceria bem indicado começarem as aulas a funccionar, desde as 7 ou 8 horas, porque assim os alumnos encontrariam abrigo nas escolas.

Mas, como é manifesto, variam muito os costumes da cidade e do campo, segundo a posição social das familias.

Accresce que, durante a estação invernosa, se torna quase impossivel a frequencia das escolas logo pela manhã, maximé em certas localidades.

No verão succede o contrario. Em Patos, Pombal, em todo o sertão é mui fatigante o trabalho escolar de 11 horas em diante.

Sem embargo, estas razões não podem prevalecer contra a lei que estatue o descanso nocturno prolongado para os meninos.

E' mui triste, diz com toda a sua autoridade Leo Burgerstein, que o trabalho especulativo faça encurtar aos meninos o tempo de repouso no leito. E, ajunta o notavel hygienista, pelo respeito ao direito dos debeis pode julgar-se do gráu de cultura de um país.

Ora, praticamente é inadmisivel o horario em vigor nas escolas do Estado.

Marcar para 7 horas o inicio das aulas é exigir que muitos meninos vão á escola sem fazer a primeira refeição ou fazendo-a apressadamente, o que é também prejudicial á saúde.

Grande numero de nossas escolas funccionam em dois turnos, um pela manhã e outro pela tarde, o que impede interpôr uma pausa prolongada, no ensino para a refeição principal como no ensino secundario.

Assim, não resta escolher senão entre o horario de 7 1|2 ás 11 1|2 e o horario de 8 ás 12 para as clesses matinaes e conservar o horario de 13 ás 17 para as classes da tarde.

F 1132

BANDEIRA PAULISTA DE ALPHABETIZAÇAO

Rua Barão de Paranapiacaba n. 1
SÃO PAULO

RELATORIO

DE NOVEMBRO DE 1932

A

10 DE OUTUBRO DE 1935

0

1935
Imprensa Official do Estado
SÃO PAULO

BANDEIRA PAULISTA DE ALPHABETIZAÇÃO

Rua Barão de Paranapiacaba n. 1
SÃO PAULO

RELATORIO

DE NOVEMBRO DE 1932

A

10 DE OUTUBRO DE 1935

F1132

1935
Imprensa Official do Estado
SÃO PAULO

A "BANDEIRA PAULISTA DE ALPHABETIZAÇÃO", que nasceu para ter uma acção decisiva na evolução social da nossa terra, dando cumprimento á sua alta finalidade, qual seja a de incrementar a instrucção como base para o engrandecimento da Patria, apresenta nesta synthese, o progresso educacional de São Paulo nos ultimos 4 annos.

No feliz desempenho da sua missão de diffundir o ensino pelo "hinterland" paulista, a "B. P. A." muito tem trabalhado junto das Prefeituras Municipaes, no sentido de obter dellas uma collaboração efficiente na obra que se propôz realizar. E é no ensino municipal que tem assentado quasi toda a sua actividade, encontrando, da parte dos Srs. Prefeitos, acolhimento digno de applausos. Para maior successo das victorias que vem colhendo na sua jornada, a B. P. A. encontrou, na pessoa do Dr. Domicio Pacheco e Silva, M. D. Director do D. A. M., o grande e enthusiasta collaborador, a cuja capacidade de trabalho a B. P. A. rende esta justa homenagem.

S. Paulo, 10/10/1935.

RELATORIO

Mestra e filha de mestre preoccupou-nos, sobremodo, sempre, a educação popular, esteio primeiro da grandeza das nações, motivo unico da felicidade dos povos.

A revolução de 32, acontecimento maximo na historia da gente paulista, trouxe em seu bojo vibração intensa, dando causa a uma série de movimentos que, concretizando civismo, vieram collaborar, de maneira prompta e efficiente, com o Governo do Estado, na obra de engrandecimento da terra e de progresso dos homens de S. Paulo.

A Bandeira Paulista de Alphabetização foi um desses movimentos. Cogitou ella da diffusão do ensino, da sua propaganda e da organização da estatistica do nosso apparelho educacional.

Creada em principios de Novembro de 32, veio a publico em 4 de Março de 1933, com o seguinte programma:

pugnar pela educação na terra paulista.

Mesmo de olhos voltados para o Brasil pareceu-nos trabalho, já de si grande, o installar escolas em o nosso territorio, embóra com um serviço intenso de propaganda no Brasil inteiro.

A principio achámos directriz segura, a Bandeira manter escolas, dando-lhes assistencia financeira e relativa liberdade de orientação.

E assim mantivémos, em zona rural, durante dois annos, seis unidades escolares, em Porto Feliz.

Deste ensaio, surgiu nóva orientação. A Bandeira, sciente como ficou de que missão segura é collaborar com os orgãos officiaes, ao envez de manter escolas divorciadas das autoridades competentes, constituindo corpo extranho ao apparelhamento educacional, resolveu auxiliar o Governo, fazendo apenas propaganda de ensino.

Aperfeiçoar o que existe é preferivel a crear, dentro do Estado, novos nucleos, sempre mais dispendioso e não raro deficiente. Assim ponderando, resolvemos atacar de rijo a nossa tarefa.

BANDEIRA PAULISTA DE ALPHABETIZAÇÃO

A Bandeira Paulista de Alphabetização, considerada de "utilidade publica" pelo Governo Federal em Novembro de 1933, surgiu para concretizar o civismo despertado pela revolução paulista.

Sua finalidade immediata é collaborar com o Governo do Estado, na solução do problema de educação em geral, e particularmente, na instrucção primaria e no preparo de technicos por meio do ensino profissional.

Contando 2 annos e meio apenas, de actividade, a Bandeira, que não tem peculio ou socios, patrimonio ou subvenção, conseguiu impor-se ao respeito de um povo.

Baseia-se a B. P. A. nos dez "mandamentos" seguintes:

1.º — Alphabetizar, instruir, educar:
2.º — propagar methodos efficientes de ensino;
3.º — diffundir bons livros;
4.º — imprimir livros, em larga escala, para uma profusa distribuição gratuita;
5.º — formar bibliothecas nos municipios do Estado;
6.º — disseminar principios moraes e civicos, como elementos formadores do caracter da criança;
7.º — ministrar-lhe ensinamentos necessarios, habilitando-a para a vida pratica;
8.º — reconhecer, no professor, o principal modelador da alma dos jovens, elevando-o, assim, ao seu verdadeiro nivel social.
9.º — offerecer, a cada escolar, os elementos necessarios ao estudo: livros, cadernos, lapis, etc.
10.º — divulgar noções de hygiene, civilidade, previdencia, economia, etc.

Esses mandamentos têm merecido cuidadoso zelo por parte da B. P. A. sendo, no entanto, verdade, que ella já ultrapassou e muito, esse limite dos mandamentos, enveredando para o ensino profissional e para a formação da mentalidade nóva que tão demarcadamente se esboça em nosso Estado.

Constituiu programma da B. P. A. em 1933, o seguinte plano:

uma escola em cada fazenda,
uma escola em cada fabrica e
ensino profissional.

O que ella fez em 1933?

Distribuiu:

18.600 cadernos;

13.853 livros didacticos;

2.385 livros seleccionados para alumnos pobres, de escolas secundarias;

1.235 revistas para hospitaes e asylos.

PROPAGANDA

A adhesão dos jornaes da Capital foi o ponto de partida para o nosso trabalho. Os do Interior, secundaram áquelles, dando agasalho aos appellos que iam, assim, do centro para a peripheria.

A Bandeira Paulista de Alphabetização, fructo de uma vontade firme e um grande anceio de realizar algo por S. Paulo e para S. Paulo, orgão de divulgação e estatistica, nada teria alcançado si não fosse a assistencia diaria e carinhósa que lhe tem prestado a Imprensa de S. Paulo, da Capital e do Interior.

Ella representa, bem, dois terços de todo o trabalho que vimos realizando.

A' Imprensa, pois, o nosso agradecimento sincero.

A' Associação Brasileira de Imprensa, pelo seu dignissimo presidente Dr. Herbert Moses, o collaborador devotado da B. P. A., as homenagens sinceras.

As estações de radios deram collaboração efficiente á nossa missão.

Fizemos as primeiras viagens e nessas viagens desenvolvemos tarefa, que, inteiramente nova, produziu lisonjeiro resultado.

Visámos, desde lógo, as prefeituras municipaes.

Organizámos palestras e conferencias. Fizemos prelecções e convites. A catechese, elemento primeiro para as realizações, veiu surgindo aos poucos.

Discursos sobre educação, nós os fizemos ás centenas e no arroubo da oratoria bem que se misturava na obra de catechese, o civismo, aquelle resultante da epopéa de 32, que tão bem fala á alma da gente paulista.

A finalidade de toda essa missão resurgia sempre, no termino da tarefa: era conquistar o meio, para a implantação da idéa.

E assim, devagar e a custo de grandes sacrificios, os homens acceitaram a propósta, esposando a causa.

E os jornaes que fizeram causa commum comnosco, continuam dando, sem desfallecimento, integral apoio á causa que defendemos.

VIAGENS

Com a Bandeira Paulista de Alphabetização, visitámos 96 cidades do Estado de S. Paulo, promovendo festas civicas, conferencias, palestras, além de reuniões de professores e alumnos, tudo visando a finalidade primeira de nossa instituição, que é — pugnar pela educação do povo paulista.

Installámos, em diversas cidades, nucleos autonomos. Visitámos todos os jornaes e, alheios á politica que separa os povos, unimos as facções em um bloco solido e coheso, empenhados em buscar a instrucção com o maior apego, com o mais desassombrado empenho civico.

ENSINO MUNICIPAL,

alicerce da obra realizada pela B. P. A.

Em 1933 cogitou, em bôa hora, a B. P. A. da diffusão do ensino, por meio das municipalidades. Conseguiu brilhantemente o seu "desideratum". Formou-se, logo, uma bôa corrente de opinião. Estimulados, os prefeitos que são os Governadores das cidades, crearam muitas escolas. Estas, que são mantidas pelas municipalidades, são fiscalizadas pelas autoridades escolares, seguindo o programma estabelecido para escolas estaduaes.

Procurou a B. P. A. incrementar a creação de Escolas Municipaes, porque achamos que essas escolas supprirão a lacuna apresentada pelas ruraes estaduaes, onde, professores desambientados, e sem preparo para as lides do campo, apenas innoculam nos alumnos, o veneno da sua phantasia, mostrando-lhes o painel mentiroso da vida na cidade onde mais forte é a lucta, onde mais fraca é a possibilidade daquelles que vêm da roça, para os meios populósos.

As professoras municipaes, escolhidas entre as moças da propria cidade, farão o milagre da permanencia na roça, onde moram em casa de amigos e onde a fiscalização do prefeito se faz sentir a toda hora. Os prefeitos dispuzeram-se a collaborar com o Governo na grande obra que ora se realiza no Estado de S. Paulo. Dois problemas enfrentámos então: a quasi indifferença do povo para pedir escolas; a indifferença completa dos prefeitos ao contemplarem os nucleos sem escolas. Hoje, em S. Paulo, elles são os primeiros a tratar dos assumptos educacionaes e a escola é a preoccupação maxima, não só dos politicos como principalmente, do povo.

Para se ajuizar do resultado desse trabalho, basta citarmos o crescendo das verbas municipaes destinadas ao ensino, verbas que eram de 869:095$880 em 1919 e são hoje, 9.000:000$000.

Victoria esperada — victoria alcançada.

Si em 1919, cada um dos 204 municipios paulistas dava apenas 4:000$000 annuaes para a educação, hoje elles, em numero de 250, vão dar 37:190$000 annuaes, cada um, ou melhor, em 1935 os cofres municipaes darão ao Governo do Estado a collaboração efficiente de 3.000 escolas primarias.

Rejubila-se a B. P. A. com esse facto, pois o espirito que caracteriza a sua acção é precisamente aquelle que tão bem orientou Sarmiento, quando affirmava, defendendo o ensino primario:

> "os homens educados governam os paizes sul americanos, imbuidos do espirito universitario, emquanto o certo é escola para todos, universidade para poucos."

ENSINO RURAL

O movimento de ensino municipal se refere, principalmente, á escola rural, áquella que tão grandes beneficios presta á gente da roça, a ultima a ser attendida pelos Governos, isto, baseado na deliberação tomada na conferencia dos prefeitos, realizada em fevereiro deste anno, deliberação assim estabelecida: "emquanto houver um nucleo rural sem escola, a municipalidade não póde installar nenhuma escola urbana."

Tornamo-nos os maiores amigos dos prefeitos. O encaminhamento dos papeis, as pequenas questões, os interesses municipaes, receberam da B. P. A., a mais carinhósa assistencia.

Fez-se a ligação natural, que o interesse mutuo estabelece.

Circulares foram enviadas sempre, continuamente, cheias, não raro, de conselhos prudentes, de orientação segura e, frequentemente, de incitamento patriotico para a creação de escolas.

A publicação dos actos municipaes em jornaes da Capital e do Interior, os elogios merecidos, o intercambio de infórmes entre folhas de localidades diversas, tudo isso, constituiu motivo de estimulo para que cada prefeito realizasse o maximo. O resultado ahi está. Ha prefeituras em S. Paulo, que dão até 30% da sua renda, ao ensino, orientando, ellas mesmas, o seu apparelhamento escolar que, por força de lei em vigor, é fiscalizado pelas autoridades estaduaes.

E no desejo de dar instrucção aos seus municipes, não raro a prefeitura envereda pelo ensino secundario, esquecendo-se de que é mister resolver primeiro o problema do preparo das massas, que o da formação das elites. E' que já existe em todas as prefeituras do Estado de S. Paulo, o empenho de dar tudo para que a solução do problema educacional seja alcançada dentro de menor tempo possivel.

Entrevistar prefeitos e professores, visitar escolas, estimulando mestres e alumnos, offerecer livros e cadernos aos escolares, foi para nós, trabalho de todas as horas, na B. P. A.

E ninguem ficou alheio ao appello feito. S. Paulo tem 250 municipalidades e nenhuma deixou de cumprir religiosamente, o dispositivo constitucional que estabelece sejam dados 10% da arrecadação municipal a "Systemas Educativos".

Os prefeitos, que recebem pelo menos uma circular da Bandeira por semana, NÃO RECEBERAM AINDA UM PEDIDO DE CONTRIBUIÇÃO.

INTERCAMBIO DE MESTRES E ALUMNOS

Intenso é o movimento de mestres e alumnos, em nosso Estado. A Bandeira Paulista de Alphabetização tem porfiado em manter intimamente ligada a classe dos professores, assim como a dos alumnos.

Professorandas de Piracicaba visitaram Franca. Alumnos de Ytú tiveram opportunidade de conhecer Campinas e Ribeirão Preto. Os gymnasianos de Tatuhy, visitaram Sorocaba; crianças de Piratininga receberam crianças de Baurú, reinando em todas essas excursões o enthusiasmo sadio de estreitar amizade para estimular os paulistas a que realizem, juntos, uma grande obra dentro das possibilidades de cada um.

AULAS MODELOS

Promoveu a disseminação de aulas-modelos em estabelecimentos de ensino primario, por meio de professores especializados.

Intenso, tem sido o intercambio de professores, promovido pela Bandeira. Em reuniões que se realizam em caracter festivo, são apresentados os mestres que se distinguem no exercicio da profissão e estes professores, dão depois, perante o auditorio formado por elementos da classe, aulas modelos.

Impossivel é dar-se aqui um esboço, ligeiro que seja, do grande, do immenso resultado deste trabalho que, sendo de estimulo, é de perfeita realização.

A BANDEIRA E O MESTRE

Até este ponto só resaltámos o trabalho da B. P. A. com relação á escola propriamente dita, mas cuidou ella, e muito, da condição do mestre. Deu-lhe o estimulo para que produzisse mais, offereceu-lhe premios, fez publicação nos jornaes do trabalho por elle realizado, fazendo sentir sempre que na missão do mestre de hoje, reside a grandeza da Patria de amanhã.

Pleiteou a B. P. A., na defesa dos cofres publicos, a interinidade dos professores, por um anno, em primeira nomeação,

até que se ambientem de facto, visando essa medida preservar o Thesouro contra os mestres relapsos; fez apologia da nomeação de professores da propria cidade, tendo em vista o resultado lisonjeiro que pode apresentar aquelle que reside com sua familia no lugar da escola. Isso representa a fixação do professor; pleiteou a equiparação do mestre municipal ao professor estadual em virtude de produzirem a mesma parcella de trabalho, embora vencendo menos o professor municipal.

Em S. Paulo, até ha pouco, o ensino peccava pela centralização exaggerada de direcção. Não se concebia essa centralização que não podendo fazer fiscalização perfeita, emperra a machina administrativa impedindo o seu desempenho natural. Não dando assistencia não pode exigir efficiencia de trabalho.

S. Paulo já vem se libertando disso. As municipalidades paulistas já fazem um quinto do ensino primario e do secundario. Em dez annos farão todo o trabalho de educação primaria e, quiçá, secundaria, restando ao Governo apenas a missão de fiscalizar o ensino secundario e a tarefa de custear o ensino superior, para o preparo das elites.

O que é a Bandeira Paulista de Alphabetização?

Ella é uma entidade que vive do patriotismo de alguns, não tendo socios ou subvenção, peculios ou patrimonio. Vive a B. P. A. exclusivamente do enthusiasmo provocado pela revolução de 32.

E' mais velha que a politica de hoje, nasceu sem côr partidaria, embóra tenha recebido do actual Governo, toda a sympathia, além da possibilidade de ver realizado um programma patriotico.

A Bandeira Paulista de Alphabetização é como os bandeirantes de outróra. Gosta mais de dar, do que de receber. Orgão de propaganda e estatistica, a B. P. A. tem servido de ligação entre os anceios do povo e a capacidade realizadora do Governo do Estado.

Em campanhas de imprensa e tribuna, na pregação das idéas, convence o povo de que elle deve pleitear esta ou aquella medida. Depois, vae ao Governo e apresenta a medida em questão. Não raro, alcança o seu "desideratum".

Opportuno é citar os decretos, de 24/5/34 que estabelece o minimo que as municipalidades paulistas terão que despender com a instrucção publica primaria, dando ainda ao Estado, a superintendencia da instrucção municipal em todo o seu territorio; o de 5/7/34 que creou, nas escolas profissionaes estaduaes, cursos especializados para ferroviarios. Esse trabalho sadio, feito de cooperação entre o Governo, as municipalidades e particula-

res, apresentou um resultado muito lisonjeiro. O apparelhamento só é inferior aos existentes na Suissa e na Allemanha. Foi de tal maneira organizado que o Governo, alcançando tamanho resultado, só despende 101:000$000 annuaes; o decreto de 15/7/35 que faculta ás municipalidades, manterem escolas profissionaes agricolas, concedendo a estas escolas as mesmas regalias e os mesmos favores que desfructam as escolas estaduaes e o que dá organização rural ao Grupo Escolar do Butantan e permitte a installação de escolas, junto aos estabelecimentos fabris.

Como orgão de propaganda podemos dizer, que, durante tres annos, vimos dando ao Estado, larga cooperação sobre ensino, fomentando a creação de novas escolas, criticando e estimulando mestres. E' trabalho de todas as horas.

E a Bandeira, creação nóssa, cresceu, e é com prazer, que citamos hoje o que disse:

o "JORNAL DO ESTADO", em sua edição de 18/3/33, que assim se referiu: "o programma da BANDEIRA PAULISTA DE ALPHABETIZAÇÃO, que acaba de ser publicado, encerra um conjuncto de principios que, póstos em pratica, darão por certo os mais esplendidos resultados".

DIVULGAÇÃO

Como orgão de divulgação, a B. P. A. tem feito pelo Brasil, largo trabalho de publicidade de todos os actos do Governo do Estado.

Commentados convenientemente, os decretos são enviados aos membros da administração dos Estados, ás autoridades, aos technicos, além de serem distribuidos pela imprensa do Paiz.

Em dois grandes albuns está contida a demonstração do que affirmamos.

Cartas e officios dos Governadores, vêm comprovar o que mencionamos agora, constituindo motivo de alegria para nós, a noticia de que os Estados do Brasil vão seguindo as pégadas de S. Paulo, aproveitando os ensinamentos que lhes offerecemos, não só pela publicidade feita em torno do assumpto educacional, como ainda pelo que observam os seus representantes, aqui vindos, com o fito de conhecer "in loco" as nossas realizações.

E', como dissemos, intenso o intercambio entre a B. P. A. e os Governos dos Estados, no empenho de divulgar o progresso que S. Paulo vem alcançando, no terreno educacional, graças ao benemerito Governador Dr. Armando de Salles Oliveira.

O MILAGRE DAS REALIZAÇÕES

A Bandeira Paulista de Alphabetização, que não tem socios, que não recebe subvenção, que não possúe peculio nem patrimonio, vive do patriotismo de alguns e da bôa vontade de muitos.

— Mas como póde realizar trabalho, se lhe fallecem recursos financeiros?

— E' justamente no serviço de propaganda que repousa a nossa victoria. Horace Mann, o homem que fez dos Estados Unidos a grande nação Norte Americana, fel-o porque cogitou com amor do problema educacional. Foi elle, Horace Mann, o que Sarmiento foi na Republica Argentina. E Horace Mann pregou que, para se alcançar uma victoria, é preciso antes de tudo preparar o povo para que conheça o valor dessa victoria.

E' a propaganda que opera milagres. Depois que o povo sente a sua fraqueza é que elle pode e deve receber a força que venha supprimir a sua lacuna. Succede ao trabalho de catechese do povo, a catechese dos dirigentes desse povo. São trabalhos differentes, porque differente é o campo de acção.

O Governo quasi nunca se dispõe a dar; o povo nem sempre alcança o valor do beneficio que recebe e além disso, descrê da acção official.

A B. P. A. vem sendo o elemento de ligação natural entre o povo e o governo, no terreno educacional, e, por meio de propaganda incessante, vem norteando o seu trabalho.

Em 24 grandes albuns estão as publicações feitas que são de diversas modalidades; desde o artigo, "communicado" singelo onde grandes factos se apresentam simplesmente, até as palestras concisas, até os artigos pesados, cheios de estatistica, estatistica que tanto agrada á gente paulista.

A BANDEIRA PAULISTA DE ALPHABETIZAÇÃO E SUAS FINANÇAS

Com dois annos e meio de vida a B. P. A. recebeu os seguintes donativos:

Conde de Lara	12:000$000
Banco do Estado	3:000$000
Banco Commercial	3:000$000
Paulo Galvão	1:000$000
Ricardo Fasanello	1:000$000
Partido Constitucionalista	6:000$000
Governo do Estado	1:800$000
" " "	1:000$000
Christiano Silva	500$000
Banco Noroeste	1:000$000
Fernandes & cia.	1:000$000
TOTAL	31:300$000

Livraria Alves:
6.500 livros.

Associação dos Funccionarios Publicos:
3 mobiliarios.

Secretaria da Educação:
2.000 livros usados;
4 mappas do Estado;
2 mesas pequenas.

Casa Pratt:
mobiliario de escriptorio.

Byington:
2 archivos de aço.

Conde de Lara — 1 salão para a séde da B. P. A.

Como contribuição de real valor, figura a que nos foi offerecida pelas Estradas de Ferro, que nos deram "passe-livre" para duas pessoas, com direito a leito, em todas as linhas.

Resaltamos aqui, com justiça, a collaboração da E. F. Paulista que, ainda este anno, poz á nossa disposição, leitos para duas pessoas, cedeu ainda um carro para transporte de alumnos em viagem de estudos, entre Pederneiras e Baurú, além de 20 passagens diarias destinadas a alumnos que, de Ityrapina, vão frequentar a Escola Profissional de Rio Claro.

A E. F. Mogyana, tem sido optima collaboradora do nosso trabalho e já tem prestado relevantes serviços.

Com a importancia acima arrecadada, a B. P. A. manteve durante dois annos:

6 escolas ruraes, em Porto Feliz, pagando mensalmente 900$000	21:600$000
11 mobiliarios para escolas 690$000	7:590$000
Livros	6:395$000
Papeis para serviços de escriptorio	1:320$000
Telephone	2:850$000
Funccionarios	8:935$000
Impressão de circulares	3:200$000
Sellos	2:860$000
TOTAL....	54:750$000

Livros distribuidos ás crianças paulistanas em Julho de 35.

.....	10.000
Cadernos em branco	8.000
Cad. p/ linguagem	6.000
Livros escolhidos para a bibliotheca do Gymnasio de Tatuhy.....	1.070

Ninguem bate á porta da B. P. A. pedindo um livro para estudo, que saia sem receber o presente. Trabalho silencioso, esse de distribuição de livros, constitúe para nós, prazer invulgar, embóra bastante frequente.

AINDA REALIZAÇÕES

A Bandeira Paulista de Alphabetização, continuando a sua missão de pugnar pela diffusão do ensino em S. Paulo, apresenta um commentario sobre os decretos onde collaborou com o Governo do Estado, conseguindo dar consistencia de lei, ás medidas por ella aventadas:

a) — o de 25-4-34 que obriga as municipalidades a despenderem um minimo de 5% de suas rendas annuaes, com o ensino primario; que concede regalias aos professores em regencia de escolas municipaes; que inclue, no quadro do magisterio estadual, os professores que percebem dos cofres municipaes; que crêa cursos nocturnos de alphabetização para operarios; que cede predios estaduaes para o funccionamento de unidades escolares municipaes;

b) — o de 5-7-35 que crêa os cursos profissionaes para ferroviarios, num trabalho de cooperação entre o Governo do Estado, municipalidades e empresas particulares, com um entrosamento adequado, onde o alumno apprende, em quatro mezes, e racionalmente, o que o outro, empiricamente, léva quatro annos para apprender e não sabe a razão do que apprende;

c) — **o de 15-7-35** que faculta ás municipalidades a manutenção de escolas profissionaes, concedendo a estas, as vantagens de equiparação ás officiaes.

Este decreto trouxe ao Governo, a collaboração efficiente da creação de cinco escolas, trabalhando a B. P. A., não só na installação, como no provimento de cargos.

d) — o de n.º 7.268 que considera rural o Grupo Escolar do Butantan e outros que estejam nas condições deste.

Varios outros decretos foram elaborados com a cooperação da Bandeira, visando melhorar o apparelhamento escolar de S. Paulo, sendo certo que este Estado vive hoje a sua mais intensa hora educacional.

Contribuição larga deu a B. P. A. ao ensino profissional, formando ambiente apropriado para seu desenvolvimento, necessario para sua diffusão. Desse trabalho resultou sem duvida a creação da Superintendencia de Educação Profissional e Domestica, essa organização que constitue o organismo mais sadio do apparelhamento educacional de S. Paulo.

O decreto de 15-7-34 que crea os cursos profissionaes para ferroviarios, num trabalho sadio de cooperação entre o Governo do Estado, Prefeituras e empresas particulares, em um entrosamento efficiente de onde resulta que, o operario em quatro mezes de aula em officinas-escolas apprende racionalmente, o que outro leva quatro annos a saber, ignorando porem, o "porque" que o empirismo esconde sempre; a B. P. A. porfiou, com ardor, pela officialização de escolas profissionaes para ferroviarios, tendo alcançado o seu objectivo em 5 de janeiro de 1934, por meio dos decretos numeros 6.527 e 6.567 que crearam o Centro Ferroviario de Ensino e Selecção Profissional e as primeiras escolas, organização essa só inferior ás da Belgica, Suissa e Allemanha.

Em consequencia desse decreto, já se installaram nove nucleos em Lapa, Jundiahy, Araraquara, Baurú, Rio Claro, Campinas, Sorocaba, Cruzeiro, Pindamonhangaba, etc.

A attenção maxima da B. P. A., nesta hora, é o ensino rural que cuida da fixação do homem á terra, problema que preoccupa todos os povos, constituindo, exigindo providencias energicas dos Governos.

A Secretaria da Agricultura, com a installação dos "Clubes do Trabalho", vae collaborar de maneira incisiva, com a Secretaria da Educação para a solução deste problema.

A B. P. A. que visa beneficiar S. Paulo dando cooperação ás questões de ensino publico e particular, apresenta agora ao titular da Secretaria da Agricultura, Dr. Luiz Piza Sobrinho, as homenagens a que elle faz jús pelo gesto patriotico que teve, com a creação dos "Clubs do Trabalho".

PREFEITURA MUNICIPAL DE SERRA NEGRA

Estado de São Paulo

Informações solicitadas pela Exma. Sra. Francisca Rodrigues, em circular dirigida a esta Prefeitura.

ESCOLAS MUNICIPAES

A Prefeitura Municipal de Serra Negra, mantem 7 Escolas Municipaes, que são as seguintes:

1) Escola Municipal do bairro dos "Ramalhos", numero de alumnos 42
2) Escola Mixta do bairro dos "Leaes", numero de alumnos 38
3) Escola Mixta do bairro da "Serra de Baixo", (1.ª) numero de alumnos 34
4) Escola Masculina do bairro da "Serra de Baixo", (2.ª) numero de alumnos 58
5) Escola Mixta do bairro da "Serra de Cima", numero de alumnos 44
6) Escola Mixta do bairro do "Barracão", numero de alumnos 50
7) Escola Nocturna Municipal, numero de alumnos .. 26

As escolas acima, estão todas em funccionamento.

Os professores municipaes, percebem os vencimentos de um conto e oitocentos mil réis (1:800$000) annuaes.

Verba destinada á educação em 1935 ..... 13:140$000

PREFEITURA MUNICIPAL DE TABATINGA

Relação das Escolas Municipaes existentes, incluindo Escolas Particulares subvencionadas:

Escola da Forquilha — Professora Ordalia Sampaio.
Escola do Barreiro — Professora Julieta G. R. Soares.
Escola dos Honoratos — Professora Geraldina A. Andrade.
Escola "Leoncio de Magalhães" — Professora Mathilde Angelino.

SUBVENÇIONADAS

Escola "Dario Lozada" — Prof. José Pedro Rodrigues.
Escola da Chave Macaia — Professora Amelia Cintra.
Jardim da Infancia S. José — Professora Maria F. Leite.
Caixa Escolar — Director, Professor Accacio de Oliveira.

Verba destinada á instrucção publica, em 1935 ..... 13:760$000

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALTO

Estado de São Paulo

Relação de Escolas Municipaes:

Localização	Nome	Vencimentos
Fazenda Conceição, 34 alumnos	Professora Maria C. Mello Camargo	250$000
Bairro da Capellinha, 18 alumnos e 17 alumnas	Professora Filomena dos Santos	250$000

Curso Nocturno:

Sr. Arildo Vianna, 44 alumnos	150$000
Sr. João Monteiro de Albuquerque, 36 alumnos	150$000

Prefeitura Municipal de Salto, 17 de Agosto de 1935.

Lafayette B. Almeida,
Prefeito Municipal.

Verba para instrucção publica ..... 14:500$000

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARIRY

Escolas mantidas pela Prefeitura Municipal

N.º	Nome das Escolas	N.º de alumnos	Venc. do professor
1	Bairro "Santa Cruz"	42	1:890$000
2	Bairro "Alves"	33	1:890$000
3	Bairro "Lagôa Sêcca"	25	1:890$000
4	Bairro "Bella Vista"	33	1:890$000
5	Casa Parochial	49	1:890$000

6	Bairro "Catingueiro"	33	1:890$000
7	Bairro "Bella Vista de Cima"	46	1:890$000
8	Bairro "Santo Antonio"	36	1:890$000
9	Bairro "Livramento"	46	1:890$000
10	Bairro "Faz. São João"	43	1:890$000
11	Bairro "Ruy Barbosa"	37	1:890$000
12	Escola Nocturna	39	1:890$000

OBSERVAÇÃO — As escolas de n.º 1 a 11 são mixtas; a n.º 12 é masculina.

Bariry, 23 de Agosto de 1935.

Pelo Prefeito,
Lazaro Bueno de Oliveira.
Thesoureiro — respondendo pelo expediente.

Verba para ensino em 1935 ..... 25:400$000

PREFEITURA MUNICIPAL DE BIRIGUY

Relação das escolas mantidas pela Municipalidade de Biriguy, nas zonas ruraes e urbanas. Numero de alumnos que as frequentam:

1) 1.ª mixta urbana da séde com 43 alumnos.
2) 2.ª mixta urbana da séde com 37 alumnos.
3) Mixta urbana do Patrimonio Silvares, com 46 alumnos.
4) Mixta rural do Tupy, com 41 alumnos.
5) Mixta rural do Corrego Elusio, com 37 alumnos.
6) Mixta urbana do Patrimonio Santo Antonio, com 41 alumnos.
7) Mixta urbana da Villa Xavier, com 37 alumnos.
8) Mixta rural do Bairro Goulart, com 38 alumnos.
9) Mixta rural do Bairro Goulart, com 45 alumnos.
10) Mixta rural do Bairro Goulart — Sitio Rodrigues — com 40 alumnos.

Todos os professores são diplomados e percebem 250$000 mensaes.

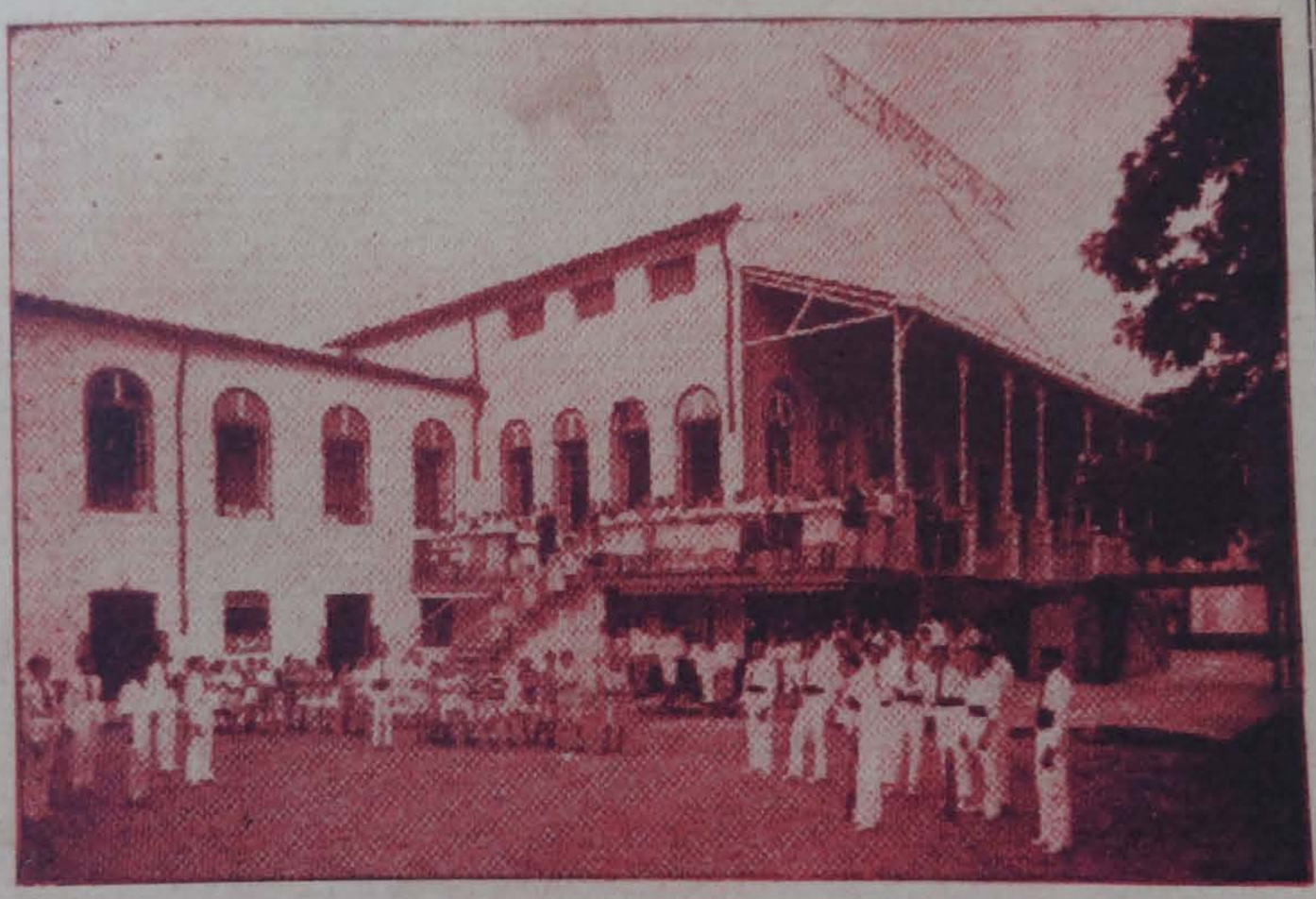
Escola particular, subvencionada pela Prefeitura Municipal:

1) Urbana Nocturna "Dr. Nilo Peçanha", com 36 alumnos.

ARTHUR PORTO

ESCOLA BRASILEIRA

(Idéas e processos de ensino)



PARQUE DO COLLEGIO — Apresentação dos teams de cricket e foot-ball

1923

LIVRARIA CLASSICA

PARÁ — BELEM

Ao Exm. Sr.

Dr. Antonino de Souza Castro,

digno e prestigioso Governador do Estado, ao qual me prendem —desde discipulo á estadista— estreitos laços de affecto e confiança e de quem recebi a maior distincção de toda a minha vida publica de jurista e professor,

AM
370.8115
P853e

offerece e dedica

Arthur Porto

Pará — 1923.

PREFACIANDO

Como um preito de gratidão e de saudade á memoria do formoso espirito de João Pedro de Figueiredo, tão cedo arrebatado pela morte ao nosso convivio e ás bençãos da Patria, que tanto sabia amar, reservamos-lhe este logar de honra, que lhe competia occupar, se fôra vivo, para registar o que pensava sobre o instituto que ajudou a crear e desenvolver, irmanado com o seu fundador na obra pedagogica a que ambos se votaram. Terá assim este livro a sua preciosa collaboração como a teve o Collegio de seu talento de mestre, de seu patriotismo e de sua dedicação aos mais nobres ideaes.

(Discurso commemorativo da fundação do Collegio)

Bella, grande data, sem duvida, para a historia, por tantos lados infulgida e esteril, de nossa actividade contemporanea, é a da fundação deste collegio, que a mocidade aqui festeja com todos os alvoroços do seu enthusiasmo, exprimindo os louvores do presente e como interpetrando os applausos do porvir.

Por ella, mais que por outro indice qualquer, melhor do que por quaesquer outros signaes, bem se pode avaliar o nivel do nosso progresso, o adeantamento do nosso meio, quanto, emfim, na escala da mais elevada das iniciativas particulares, ha subido o nosso Estado.

E os que vimos, desde o inicio auroral do "Progresso Paraense", desde 1907, participando activamente dos seus esforços, cada vez mais intensos; assistindo aos seus melhoramentos, dia a dia mais brilhantes, ás suas victorias, qual a qual mais radiante; os que vimos notando, com ufania e contentamento, como, no transcurso celere desses annos, cresceu a sua frequencia, com ella o circulo de sua esphera pedagogica, que vai já dos cursos elementares até o secundario e normal, e, com um e outro successo, o distendimento da area territorial de seus dominios; todos, em summa, todos os que estamos ao par da somma de trabalhos tenazes e do accumulo de sacrificios ingentes em que se vem desentranhando a alma criadora desta casa, o espirito que a vivifica, a

Sem romper, de todo em todo, com os usos e habitos de seu povo, o que elle faz é dar uma orientação mais larga e solida á cultura da juventude.

Ainda assim, enormes lacunas se abriram no systema do sabio grego, cujo alvo era a sujeição integral do cidadão ao Estado.

O fim supremo do ensino, na ideia platonica, é synonimo de educação moral pura, propriamente dita—HE. PAIDEIA.

Muito outra é para nós esta meta, porque, ao envez do grande sabio, distinguimos na cultura duas faces differentes, ainda que indesligaveis—a instrucção e a educação.

Numa buscamos preparar pela inoculação das forças que transfiguram o mundo—a sciencia, as artes e as lettras—o homem que pense com acerto e actue com precisão, o ente nobre que tenha o senso da belleza e saiba traduzil-a em formas ricas, vivas, productivas como a natureza e altas como a inspiração.

Da outra extrahimos, pelo aprimoramento suasivo da consciencia e da vontade, o ser moral, o individuo autonomo, informado por um pensamento superior de justiça e beneficencia, por uma grande ideia de altruismo e solidariedade, pleno de respeito para comsigo proprio, cheio do espirito de iniciativa, confiante no bem e no dever.

A direcção pedagogica que tem de chegar, de sacrificio em sacrificio, a tamanho triumpho é a que vive voltada para o presente largo e futuroso; é a que se embebe até á medulla das inspirações transcendentes da raça, da nacionalidade e do seculo. E' esta que illumina o «Progresso Paraense» : esta a que lhe verteu o sangue novo que circula em suas arterias, vitalizando os corações dos que se formam em seu gremio e fortificando as intelligencias de quantos se desenvolvem sob os seus cuidados.

Nada do que é inutil deparareis aqui; mas tudo o que é bom e proveitoso, tudo o que disciplina e fertiliza tem, em cada apparelho de seu organismo, a parte relativa ou predominante, que lhe convem.

Sciencias, artes, educação corporal e esthetica, em forma integral, eis, senhores, o que em todo povo realiza os mais surprehendentes phenomenos de cultura e de convivencia : o sentimento que «é gerador de paixão se transforma em agente civilizador, em força insuperavel de cohesão e harmonia social. A vontade collectiva, moldada sobre um conceito altíssimo de perfeição e belleza, se agita como em um impulso unico para a sua conquista, e, sendo o ideal esthetico verdadeiramente universal, elle domina a moral, a educação, a vida pratica e ainda a politica... A belleza esplende em todos os rincões da natureza; o sentimento esthetico se exercita nas menores occasiões da vida» e influe em sociedades, como a que somos, agitadas, sacudidas ainda pelas inquietações semi-selvagens das edades heroicas, lavradas por atavismo sangrentos, cuja força regressiva as detem, não raro,

como a féra que, no caminho da domesticidade, volve, de tempos a tempos, a vista rubra para o bosque nativo.

Os odios ingenitos e persistentes que chegam muitas vezes a constituir ideiaes de vida, em familias, seitas e facções, e envenenar as fontes de toda a civilização e concordia patriotica, desapparecem como diluidos na atmosphera de harmonia que o ideal d'arte diffunde nas almas; as emprezas de gloria ou de predominio se concretizam sem obstaculos, e o maior perigo de decadencia que ameaça as nações—o da immoralidade e sensualismo que aleijam o reino da perfectibilidade suprema—só se conjuram com uma ampla e intima contemplação desse sentimento moral, que vive nas cimas da arte e é como sua ultima forma, como seu perfume e sua essencia mais recondita.

Mas, de par com esses intuitos, permeia tambem o estofo de um completo systema educativo o prestigio racional da cultura physica, de que já vos falei.

Pode-se repetir com Paul Bourget que o consorcio da alta cultura com os exercicios gymnasticos é «fecundo em esplendores viris».

Sem os exageros de Sargent, director da educação physica na Universidade de Harvard, que pretendia reconstituir, pelo hygienismo, o HOMEM normal, isto é, o homem cujos orgãos estão nas condições de volume, força e proporção que lhes traçára a natureza em seu plano primitivo, o que importa é restituir ao systema muscular, no equilibrio humano, a parte que de ha muito lhe teem negado.

Porque, effectivamente, segundo os termos eloquentes e quasi lyricos, de Leguizamon, a educação corporea, está inscripta em lettras de ouro entre as bemaventuranças da edade moderna.

«Bemaventurados», affirma com razão esse educador, «bemaventurados» os ricos de espirito e de corpo, porque elles serão os guias e os conductores dos povos!

Bemaventurados os ricos de espirito e de corpo, porque elles sentirão em si a veridica fé, que dá a consciencia da força pessoal que se possue, fé sem symbolos e sem ritos, fé imperecivel que assignala de continuo o caminho do trabalho, do dever e do ideal!

Bemaventurados os ricos de espirito e de corpo, porque elles almejarão o bem e poderão esparzil-o a mãos cheias!

Bemaventurados os ricos de espirito e de corpo, porque elles experimentarão a maior satisfação a que os homens possam aspirar, a de saber que desempenham uma missão e que realizam uma obra meritoria e duradoura»!

E que poderei dizer-vos da instrucção civica?

Ella é a escola da moral, a educação do patriotismo, e a urbanidade de nossas paixões politicas.

Conhecedor, como já se disse, experimentado do caracter na-

cional, investigador constante das energias sociaes, o que ensina esta materia ha de, numa palavra, ser um homem do mundo.

Só assim é que se consiguirá despertar o discernimento do bem no espirito dos alumnos e affeiçoar-lhes a consciencia para os embates da existencia, defendendo-os contra os seus proprios impulsos passionaes e a loquacidade corruptora dos rhetoricos.

Senhores: e porque o collegio «Progresso Paraense» é um instituto calcado nesses moldes grandes, nessas ideias magnificas, que fazem do estudante um ser activo e não um simples automato artificial; porque elle não lida sinão para dar uma cultura solida e comprehensiva que sirva de formar uma cabeça, um coração, um eu, correspondente á ideialidade social capaz de orientar-se por si mesmo no ambiente em que evolva, como o é de andar pelos seus proprios pés e comer com as suas proprias mãos e apto a augmentar, com os esforços, a herança collectiva amontoada pelas gerações idas, procurando encarnar voluntariamente em sua personalidade um pensamento de vida mais perfeito; porque elle é, entre nós um nucleo, um centro em que se assimila e torna fecundo e operoso o verdadeiro humanismo e se desenvolve o sentimento *melhorista*, dominio seguro, fonte inexhaurivel de grandes esperanças civicas; porque, emfim, representa o collegio «Progresso Paraense» o triumpho, a gloria de uma iniciativa bemfazeja— honra e applausos dos docentes de seu corpo secundario ao homem forte e intelligente que o fundou e dirige.

JOÃO DE FIGUEIREDO.

I

A Paixão e a Finalidade do Ensino

escola nova de educação nacional pelos programmas superiores de Edmundo Demolins; se não podemos, por falta de recursos pecuniarios, crear uma escola-officina; se não possuimos perfeito jardim de infancia; se não temos um instituto de ensino pratico, preparatorio de vocações industriaes e technicas, capaz de preparar melhor a mocidade, para a vida, como sabem fazer hoje as escolas dos Estados Unidos norte-americanos, para não falar em outros paizes; consolanos a idéa de que, ao menos, fizemos uma escola racional, fundada na verdade e na sciencia, cercada de affectos, fizemol-a fecundada pelo ensino civico e pela educação moral e esthetica, na qual se ama tudo que é bello e nobre e se forma o verdadeiro caracter. Bem sei que isto é muito pouco ainda para um paiz tão vasto e inexplorado, sempre á espera de novas e mais efficientes iniciativas que o nosso modesto instituto não póde desenvolver, a despeito desse espirito que o anima; mas, ainda assim, o nosso esforço é digno de registo e de respeito. Antes de ler o bello livro de Omer Buyse sobre os «Methodos Americanos», já sabiamos incutir em nossos discipulos o germen da vontade, dar-lhes o gosto da acção perseverante, apressar-lhes a passagem do estado de dependencia para o espirito de independencia, emfim, preparal-os para se supprirem a si mesmos, a só contarem comsigo, exaltando o prazer no esforço e a alegria na luta contra as difficuldades, tanto quanto possivel.

Accresce que fundar um instituto de educação num meio social tão predominante pelo commercio, onde outros já tinham sossobrado, não obstante a competencia e o arrojo de homens como José Verissimo, é uma destas empresas tão arduas como as que mais o sejam. Attrahir alumnos para lhes educar o espirito, a par do caracter e da cultura physica, rebatendo a maldade dos despeitados ou rotineiros que por ventura nos hostilizem e, ás vezes, lutando para convencer os proprios responsaveis, cujas idéas erroneas embaraçam o nosso trabalho; proseguir no caminho, atravez de reformas desorganizadoras de bases preestabelecidas, como essas a que ligaram seus nomes os ministros Rivadavia e Maximiliano; resistir á pessima influencia de leis absurdas; fazer os maiores sacrificios para que não baqueie um collegio de tradições honrosas por serviços prestados á causa do ensino, diante da assombrosa crise economica que nos assalta; finalmente, lutar para nunca perder de vista o ideal de perfectibilidade que é a suprema virtude procurada para os nossos alumnos, futuros servidores da Patria, desprezando o interesse mercantil de os acceitar para preparal-os somente para *passarem* exames; tudo isso re-

presenta para mim e para meus dignos collaboradores o melhor serviço que temos prestado á esta terra.

E' que a educação da mocidade tem um encanto extraordinario. Estamos habituados a vêr nos moços o que já Frœbel vira nas crianças, isto é, umas delicadas plantas humanas dignas de serem cultivadas com amor e cuja variedade constitue um verdadeiro jardim vivo, cheio de attractivos, de fulgores e de esperanças.

Num collegio como o nosso, de instrucção primaria e secundaria, no qual se pratica uma coeducação á moderna, sobe de ponto esse enlevo em cuidar do desenvolvimento do corpo e da alma dos moços, porque o conjuncto de seus temperamentos e de seus espiritos em actividade escolar com seus mestres, produz uma harmonia que dá a impressão duma grande orchestra organizada para executar symphonias inspiradas no amor da Patria e da Civilização.

A voz dos mestres ensinando aos discipulos e as rumorosas expansões destes em prol do seu proprio aperfeiçoamento, num circulo de affectos, num campo de acções salutares e de experimentos uteis, toda essa agitação no estudo e cultivo das sciencias, das lettras e das artes, desde a gymnastica, o desenho, o canto e os exercicios militares até ás discussões e cogitações elevadas; ora entremeadas de festivaes amenizando o trabalho do cerebro, ora de sessões litterarias, ordinarias ou solennes, animando a cultura geral; toda essa harmoniosa vida, intensa e constante, chega a fazer-nos esquecer os soffrimentos moraes e materiaes—os obstaculos, as injustiças e as ingratidões—e eleva as nossas almas ás regiões dos maravilhosos sonhos bem sonhados da educação, capazes de realização proxima ou remota.

A faina de preparar as gerações para um futuro melhor, habilitando-as para o trabalho util e para a virtude, torna-se até compensada pelo prazer do convivio com tantas creaturas intelligentes e affectuosas, pela satisfação de assistirmos aos surtos de idéas e sentimentos, numa irradiação que augmenta sempre, á medida que se adiantam nos estudos. E' como o lindo espectaculo das aves que se vão emplumando e encorajando, saltitantes, até desferirem o vôo com as suas proprias azas, seguindo as suas aspirações e em busca de seu destino. Por isso costumamos dizer, com sinceridade, que nos sentimos bem em nosso posto de educador, porquanto, entre as varias actividades sociaes, não conhecemos outra profissão que seja mais util, mais nobre, mais sympathica e elevada do que a do mestre, maxime rodeado de alumnos de bôa indole e de bôas disposições, que nos comprehendem e progridem facilmente por esforço proprio.

Effectivamente, é um erro, já por demais condemnado, admittir que o educador possa fazer milagres, transformando a alma e o coração de seus discipulos como o estatuario fórma as estatuas de suas creações. Seria um charlatão quem tal promettesse.

Para a obra da verdadeira educação dos moços é preciso contar com elles, conseguir que façam por si e se habituem ao trabalho do seu proprio desenvolvimento humano, levados do impulso de seus corações juvenis, bem estimulados pelos seus guias. Assim, vêmol-os com desvanecimento applicarem-se aos estudos com o mesmo animo por que se dedicam ao seu batalhão escolar e ao seu gremio civico-litterario, onde se acham ligados por laços de solidariedade, apurando a cultura geral obtida durante o anno. E elles se acham sempre bem dispostos para essa actividade sem peias, porque sabem que pensamos como João Aicard, o grande poeta da Academia Franceza, ao fazer o processo da educação nos internatos, encarecendo a pedagogia norte-americana: «Vós sois filhos de homens livres, e em um paiz digno da liberdade, alumnos, soldados e cidadãos obedecem á uma lei feita *para elles* e não *contra elles*. A lei que vos ordena representa a vontade de vossas familias, vossos mais altos interesses. Ella vos representa a vós proprios. Submettem-vos a vós mesmos. Aqui não tendes *carcereiros* e, ainda menos, *senhores* absolutos e tyranicos; tendes instructores, educadores, conselheiros, collaboradores, amigos experimentados pela idade e pelos estudos e que só querem preparar comvosco as vossas almas e os vossos caracteres» (1). E' o mesmo principio que vimos pregando em poucas palavras como condição de bom exito: Ninguem viva numa escola em desaccôrdo com o educador; todos, alumnos e professores, só exerçam a sua actividade sentindo-se bem no seu meio educativo.

Não é, portanto, para admirar que, com esta animação nobilitante, com esta influencia poderosa, além de habitos e de acções civilizadoras, caminhemos todos trabalhando sempre com a mesma fé e coragem em busca de nossos fins altruisticos e proveitosos como são os da educação, que João Ruskin concebeu, tão poeticamente, como a plena floração de todas as bellas aptidões humanas.

Num ambiente escolar qual o nosso comprehende-se bem que, a exemplo do grande estheta inglez, nós tenhámos todos a paixão do ensino como elle tinha a paixão da Natureza bella. Por isso, assim como desamava toda sociedade

(1) V. L'âme d'un enfant, pag. 373.

industrial em que o operario não se tornasse nobre e feliz, assim como profligava a sociedade materialista e ambiciosa de ouro, possuidora duma arte convencional e de manufacturas mercantis, em vez duma vida cultivada pelo trabalho pessoal, de accôrdo com as leis da natureza e da justiça; assim tambem nós combatemos o industrialismo dissolvente do ensino e encaminhamos os moços na cultura educativa para o cumprimento dos deveres individuaes e sociaes. E temos passado longos annos enlevados nesse trabalho intenso em que achamos tanta belleza, cujo sentimento já é, realmente, uma promessa de felicidade compensadora.

E' assim que entendemos e vamos ministrando o ensino, visando os interesses nacionaes, e já atravessamos longos annos de labor incessante, mantendo a mesma intenção pedagogica, a mesma organização de estudos e resistindo a toda influencia em contrario, embora impedido de dar maior desenvolvimento ao nosso Instituto; de modo que podemos dizer com sobranceria que ainda não nos deixamos vencer pela corrente malsã do mercantilismo que tanto desmoraliza os mestres, esse desvirtuamento do ensino, bem comparavel ao da Politica, cujo luminoso conceito nos é dado pelo insigne mestre Ruy Barbosa, mostrando o seu falseamento na pratica: «A Politica afina o espirito humano, educa os povos no conhecimento de si mesmo, desenvolve nos individuos a actividade, a coragem, a nobreza, a previsão, a energia; crêa, apura, eleva o merecimento. Não é ella esse jogo da intriga, da inveja e da incapacidade a que entre nós se deu o nome de politicalha».

O mesmo podemos dizer do Ensino, quando deixa de ser praticado como processo de educação proveitosa ou quando procuram reduzil-o a uma instrucção superficial, uma arte de fazer exames, uma habilitação de etiqueta ou rotulo de approvações mal obtidas, ou essa torpe especulação, tocando ás raias da falsidade, essa invenção de certificados de exames sem estudos correspondentes, comprados por baixo preço e a pretexto da ultima pandemia grippal.

A isto chamaremos a degradação do Ensino, infelizmente ainda tolerada porque, com taes *facilidades* perniciosas que levam o estudante a julgar-se adiantado no seu curso, elle acaba esquecendo a sua propria dignidade e o dever de se preparar para bem servir a Patria, na profissão que abraçar, não podendo preencher os fins nacionaes ou cuidar das necessidades vitaes do paiz, tantas vezes invocadas e recommendadas pelos apostolos do verdadeiro ensino.

E, no entanto, todo o empenho em educar bem a mo-

cidade, preparando-a conforme as tendencias dos povos modernos, impõe-se hoje mais do que nunca aos nossos dirigentes. Os nossos actuaes programmas de ensino, mesmo quando bem executados, não satisfazem mais as necessidades da educação nacional.

Já ha muitos annos, o dr. Iteberê da Cunha affirmava que necessitamos animar e fomentar as vocações pelo estudo das profissões agricolas, industriaes e commerciaes; crear escolas e institutos especiaes, modelados pelos mais recentes systemas pratico-scientificos; dar nova orientação ao ensino em geral, introduzindo mesmo, desde a escola primaria as noções primordiaes de instrucção technica e profissional, tornando dest'arte o ensino mais adequado com as necessidades de vida, etc. (2)

Dir-se-ia que o illustre escriptor diplomata adivinhava a ampliação dos novos horizontes e a transformação das condições existenciaes dos povos, trazidas pela ultima guerra mundial ou que elle antevia o seguimento duma guerra doutra especie, no campo da concorrencia economica. Pois bem, além de não se ter ainda fundado sufficientes escolas profissionaes e technicas, o ensino existente no Brasil acha-se eivado de vicios que, por vezes, o tornam improficuo. Vão surgindo, é certo, nos Estados, varios institutos de ensino superior; mas, se estes admittirem alumnos que não possuam uma base indispensavel para a instrucção profissional, além duma cultura haurida de seus estudos de humanidades para poderem comprehender os problemas sociaes, limitar-se-ão a formar doutores theoricos, augmentando o numero dos eternos candidatos a empregos publicos ou casamentos ricos.

Ensino civico

Temos sido acoimado, por vezes, de exaggerar a cultura dos sentimentos civicos, attrahindo os estudantes, durante o anno lectivo, a constantes festivaes, a proposito não só de datas nacionaes como de tudo mais que, occasionalmente, possa fomentar o patriotismo do brasileiro. Mas, desde que o culto prestado aos nossos grandes homens e grandes eventos entra em nosso plano de educação moral e civica de maneira tão sensivel, não podemos ser indifferentes, por exemplo, ao jubileu intellectual de Ruy Barbosa e festejamol-o com enthusiasmo. E' que, se as virtudes dos mor-

(2) V. Expansão Economica, pag. 309

tos norteam os vivos a ponto de se dizer que elles nos governam; se a leitura dos «Varões illustres» de Plutarcho nos edifica e enthusiasma, mesmo quando nos convencemos de que não poderemos imitar aquelles heroes; muito maior influencia deve produzir-nos os grandes contemporaneos vivos, cujas acções e serviços os collocaram á frente de nossa nacionalidade como expoentes de cultura e patriotismo. Isto não quer dizer que sigamos a theoria de Carlyle para quem são os grandes homens que formam a Historia, devendo-se attribuir-lhes todo o progresso dos povos. Acreditamos muito na collaboração collectiva, sem a qual os gigantes do pensamento não emergiriam da camada social para se elevarem como guias prestigiosos de mais duma geração.

Mas, seja como for, é forçoso confessar que taes homens, possuindo uma organização especial e um processo de trabalho fecundo, obtendo victorias estrondosas nas pugnas travadas em prol de nobres idéas, vão construindo uma obra de sabedoria humana em que muito aprendemos e cujo valor até nos envaidece, porque, sempre emocionados, vemos nelles affirmada e proclamada a superioridade de nossa raça. Assim, essas homenagens justificam-se tanto quanto as das nossas Festas Nacionaes.

O Governo do Estado, em bôa hora, instituiu a Festa do Estudo para solennizar o começo dos trabalhos lectivos como um augurio de jornada alegre e fructuosa, e nós tivemos o jubilo de, abraçando a idéa, ver como os mestres chegam a se identificar até com as criancinhas, falando ás suas almas simples e puras sobre os primeiros serviços a prestarem á Patria, nas lutas encetadas e como todos os adolescentes estão promptos a nos ouvir e comprehender, como os soldados ouvem e comprehendem os seus commandantes nos campos de batalha. Esses moços vibram comnosco, respondem ao nosso appello, obedecem á nossa voz e, como despertados pelo soberbo panorama de nova aurora primaveril, dispõem-se a partir, tal uma revoada de andorinhas venturosas, chilreando, em busca dos materiaes com que hão de formar o grande ninho da sua perfectibilidade. Nessas occasiões, mais uma vez se me afigura mysterioso o problema psychologico de nossas almas: todos nos confundimos nessa identificação de idéas e sentimentos, de direitos e de deveres; não ha mais moços nem velhos, porque todos convergimos para a mesma actividade, com a mesma florescencia espiritual, com os mesmos gaudio e bravura, com o mesmo empenho de esforços ingentes pelo ~~do~~ nosso proprio ennobrecimento, nesta cruzada do Bem.

Acção da Pedagogia

E será possivel tentar a grande empreza da educação sem preparo technico?

Emilio Faguet disse, uma vez, não acreditar na Pedagogia e o proprio Binet, concordando com certo psychologo, affirmou que muito se diz e pouco se prova a respeito della.

Nós, porém, cada vez mais confiamos nessa sciencia, hoje vivificada pelo espirito fecundo dos conhecimentos modernos, sobretudo da Biologia, Psychologia e da Moral, porque ella já não é uma collecção de formulas áridas, mas a sciencia experimental da educação, egualmente do homem e da mulher.

Sabe-se como a preoccupação dos verdadeiros educadores, neste seculo, está em organizar a Escola para a vida em todas as suas exigencias profissionaes, como o cultivo da hygiene escolar vae tomando proporções cada vez maiores a bem da humanidade, e isto é, pelo menos, uma prova eloquente e positiva do triumpho da Pedagogia. Podemos pois, concluir com Angelo Mosso, affirmando que, quanto mais progridem as sciencias, tanto mais se avigora a Pedagogia, que a arte de ensinar torna-se o centro de attracção em todos os conhecimentos scientificos capazes de melhorar ou aperfeiçoar a natureza physica e mental do homem.

A Pedagogia moderna tem ainda o grande e bello merecimento de tornar mais completo e mais rapido o preparo das crianças, mandando observal-as para comprehendel-as, amal-as e educal-as, pois que nada se poderia construir com exito sem primeiro verificar as suas tendencias, curiosidades e interesses e até mesmo as sobrevivencias das heranças moraes ou os vicios que trazem para a escola; e, não havendo instrucção completa e harmonica que não vise a educação humana, o melhor systema pedagogico é o que se vem cimentando desde a escola de Herbart. Esta educação, visando um paiz ou um povo, forja o cunho do caracter nacional.

José Verissimo, com razão, chegou a dizer a tal respeito: «Toda a instrucção, cujo fim não for a educação, e primando tudo, a educação nacional, perde, por esse simples facto, toda a efficacia para o progresso, para a civilização e para a grandeza de um povo. É uma educação para ser nacional precisa que a inspire o sentimento da Patria». (3)

Por isso, falando uma vez a professoras normalistas

(3) V. «Educação Nacional».

num acto de collação de grau, lembramos-lhes que os mestres intelligentes, á medida que ensinam, tendem naturalmente a fazer a educação de seus discipulos, pois, de envolta com a transmissão ou explicação de idéas e conhecimentos, são levados a attender ao cultivo das faculdades para a formação de bons habitos e disposições moraes. Portanto, quem pretender ensinar sem nunca ter lido um tratado de Pedagogia e a sua historia, quem seguir essa nobre industria ou profissão, e não se interessar, intensamente, pelos problemas educativos, universaes e regionaes, quem não se dedicar philosophicamente á sua sciencia e patrioticamente aos seus discipulos, será, quando muito, um mestre instructor de lettras e sciencias, nunca um professor na verdadeira accepção da palavra e como requer o interesse patrio.

Nesse sentido é preciso, pelo menos, nunca desconhecer certos principios fundamentaes.

William James, em seu precioso livro «Palestras Pedagogicas», a despeito de animar os ensinantes contra a difficuldade do problema psychologico, não poude, comtudo, removel-a completamente, pois concebeu a Pedagogia como «uma construcção dos systemas de associações de idéas, pela qual se deve destruir as más e falsas e conduzir as tendencias na direcção mais aproveitavel, e a Educação como a organização dos habitos adquiridos e das tendencias para a acção».

Elle quer que se mantenha sempre viva a lei do esforço com exercicio desinteressado, como que pagando um premio de seguro para os dias maus. Essa taxa constante dos nossos bons habitos devia ser sempre bem lembrada e explicada pelos professores aos discipulos. «Se não aproveitarmos todas as occasiões concretas para agir, escreve o grande mestre, não melhoraremos o caracter, embora sejamos um reservatorio cheio de maximas moraes ou tenhamos os melhores sentimentos do mundo».

Não podemos resumir aqui e commentar essa grande obra de sabedoria, e limitamo-nos a transcrever, como verdadeiras maximas, as seguintes regras, mais intuitivas:

——«Em educação é preciso collocar o discipulo num estado em que o objecto do ensino o interesse a tal ponto que qualquer outro seja banido do seu espirito. Então, revelai-lhe a vossa sciencia de maneira tão impressiva que elle não a esqueça até á morte. Enchei-lhe o espirito de uma curiosidade tão devoradora que elle procure por si mesmo os conhecimentos subsequentes relativos ao assumpto.

——Fazei do vosso systema nervoso um alliado e não um inimigo.

——O que póde acontecer de peior a um bom educador é sentir vacillar sua vocação, quando se reconhece um psychologo nullo.

——Ha um aphorismo que deve dominar logicamente toda a conducta do educador em classe: Nenhuma recepção sem reacção, nenhuma impressão sem expressão correlativa. E' a grande regra que o pedagogo jamais deve esquecer.

——Fazer aprender a recitar de cór, entendendo o assumpto como methodo, muito importante, de reagir por nossas attitudes sobre nossas impressões.

——O campo das reacções activas deve ser ampliado pela introducção das lições de coisas concretas que constituem *a gloria das escolas norte-americanas.*

——O maior progresso effectuado nestes ultimos tempos na educação secundaria é a introducção dos trabalhos manuaes, não porque faça homens mais habeis e praticos, mas porque os fará cidadãos de fibra intellectual, inteiramente nova, por habito de observação, capazes de distinguir entre uma idéa exacta e outra vaga; elle dá a intuição da complexidade da natureza e mostra a que ponto a idéa abstracta é incapaz de descobrir duma maneira adequada o phenomeno concreto. Ainda produz a precisão, a probidade, a posse de si mesmo.

——Nossa educação consiste numa multidão de possibilidades de reacções adquiridas, ora em classe, ora comnosco, ora nos negocios. A tarefa do educador é vigiar a marcha dessas acquisições.

Ensino intuitivo

Sobre o problema de ensinar e a excellencia do methodo intuitivo, assim nos pronunciamos, falando ainda a noveis professores:

Alfredo Binet, no seu celebre livro sobre o ensino moderno, mostra como o professor deve attender, antes de tudo, a tres considerações:—o que ensina, a quem ensina e como ensina; e, numa phraze feliz, ataca a questão dos methodos, nestes termos: «Se o fim do ensino é formar maneiras de agir e de pensar, se é fortificar essas maneiras em habitos para realizar uma melhor adaptação do individuo ao seu meio, a escola vale somente como preparo para a vida e, assim, todo ensino *verbal* torna-se inutil, porque o verbalismo é apenas um symbolo e a vida não é uma palavra!» O discipulo, accrescenta, não deve ser considerado um méro recipiente de instrucção vertida, mas um individuo activo; é preciso que aquelle se torne um excitante e que este lhe

corresponda por actos intelligentes e pessoaes. Se ha uma classe numerosa a ensinar, ella será um rebanho de que é mister conhecer as unidades para o emprego do methodo particular a cada idade, a cada intelligencia, a cada temperamento. E só assim podereis praticar a educação pelo conceito scientifico de Gustavo Le Bon, isto é, fazer passar o consciente no inconsciente, cujo desenvolvimento elle diz, usando de uma expressão technica, só se obtem pela formação artificial de reflexos resultantes de associações conscientes, que se tornam em habitos inconscientes, para que estes se transmittam atravez das gerações. Ora, a tarefa do educador é justamente conhecer e modificar estes habitos. Portanto, deve agir sobre o inconsciente das crianças e não sobre sua fraca razão ou memoria. Quando bem comprehendidas e observadas, estas até se prestam bem ao methodo objectivo ou de intuição das cousas, e nós sabemos como entram na escola já com o seu espirito inventivo e curioso de que Octavio Gréard faz, assim, a apologia: «E' nos brinquedos das crianças, diz este illustre especialista, que se conhece como ellas são intellectuaes, pois os quebram para conhecer-lhes o segredo, os destroem para tentar reconstruil-os e para fazerem novas creações, por vezes, tão maravilhosas em graça e rectidão, que os tornam ao mesmo tempo *artistas* e *geometras!*».

Senhores Professores. A adopção do methodo intuitivo no ensino primario já vem de muito longe e faz parte de muitos systemas pedagogicos que se têm succedido até hoje.

Se compulsarmos a Historia da Pedagogia, veremos como desde Montaigne, no seculo XVI, era este methodo proposto como o mais racional. E' assim que o grande pensador, a quem a litteratura franceza deve tanto, verberou, nos «*Ensaios*», o que se chama a *verbiagem*, para pregar o ensino educativo que deveria ser a conquista pedagogica dos seculos seguintes. Elle reclamou a experiencia e a observação das cousas, affirmando que estas devem preceder ás palavras.

Bacon, da mesma epoca, exigia, por seu turno, a substituição do trabalho de abstracção e de palavras pelo estudo concreto da realidade, a observação directa e fecunda da natureza, a interpretação lenta e paciente dos factos. Foi elle quem introduziu na Pedagogia o principio philosophico de que nada se póde comprehender sem primeiro passar pelos sentidos. E começou-se a attender ao exercicio dos seus orgãos, na Escola Primaria.

Comenius, o grande pedagogo hungaro do seculo XVII e apostolo da instrucção integral, ensinava que a gramma,

tica, por exemplo, devia deixar de ser tambem a pura verbiagem confiada á memoria; elle adoptou os principios de Bacon, determinando o papel da intuição.

Rousseau, o celebre auctor do «*Emilio*», chegou a considerar os livros escolares do seu tempo como instrumentos da maior miseria para as crianças, dizendo que só lhes ensinavam palavras em vez de cousas. Basta lembrar como elle mandava começar o estudo da Geographia local pelo da casa paterna, pelo campo vizinho, pelos rios do lugar, aspectos do solo, orientação, etc., de modo que os pequenos faziam as cartas em vez de decorar outras feitas por terceiros. Não era seu fim ensinar a sciencia ao menino, mas sim tornal-o apto para adquiril-a por si mesmo. E o grande philosopho Emmanuel Kant pensava do mesmo modo, pois, as idéas de Rousseau fizeram enthusiasmo na Allemanha.

Pestalozzi, o venerando mestre de tantos outros pedagogos illustres, deu grandes proporções ao methodo intuitivo, que elle chamava *natural*, ou essa intuição como base de todo conhecimento, consistindo em remontar ás primeiras origens das nossas idéas, ás impressões produzidas em nossos sentidos pela natureza exterior. Seus livros são thesouros de methodologia natural.

Herbart, o genial chefe da escola pedagogica allemã, e já então conhecido tambem como grande philosopho, foi o verdadeiro creador da Sciencia da Educação, ou do ensino educativo pela instrucção. Para elle o ensino deve regular sua marcha pela do espirito a formar, pois a alma infantil percorre as mesmas phases atravessadas pela humanidade —do concreto ao abstracto, do particular ao geral, do simples ao composto, na ordem esthetica e moral.

Frœbel, o santo educador da primeira infancia, ainda foi além: viu na criança um sêr que, para desenvolver-se, não deve somente olhar e escutar, mas agir, crear e inventar.

Por isso, considerava o menino como um pequeno operario que pede para produzir, que observa, combina, compara, inventa e fica *pessoal* em tudo Em vez de dobral-o ás exigencias de nossa pedagogia, dizia elle, convem que esta seja adaptada ás necessidades desse alumno; em lugar de metter a criança em um molde preparado, o educador deve inverter o problema e offerecer-lhe a natureza, o espaço e a liberdade para que o genio nascente possa abrir seu caminho!

Nos tempos modernos, Jacotot, em França, ao lado de tantos outros, é o celebre creador da formula—*tudo está em tudo*—que a pedagogia allemã soube interpretar como methodo intuitivo de grande valor.

Elle condemna com razão o processo de ensinar a linguagem successivamente pelas letras, syllabas e palavras, assim como a escripta pelos traços rectos, curvos e letras, por ser isto contrario á marcha natural do espirito da criança, e substitue este methodo abstracto e penoso pelo analytico que a escola americana tem divulgado e aperfeiçoado. (4).

Senhores Professores. Quando vos falei em crise social e economica, eu me quiz referir aos serviços que o Brasil espera de vós para conjural-a tambem no sentido de evitarmos os perigos da concorrencia extrangeira.

A educação que ministrardes aos vossos discipulos deverá incluir o preparo para poderem pugnar mais tarde pela expansão das industrias do paiz. Desenvolver nelles a energia da vontade e o espirito de iniciativa por meio de ensino, mesmo feito fóra dos programmas é uma necessidade actual e urgente. Não basta confiar nas chamadas classes dirigentes ou na élite social; devemos educar o povo. Assim, a exemplo dos belgas que souberam crear uma escola para a sua vida nacional, como tão bem demonstraram na ultima Exposição de Bruxellas, deveriamos crear uma *escola brasileira* para garantir os interesses do Brasil, entretendo e fomentando sua prosperidade!

Então, a par das lições de cousas, comecemos a praticar o chamado *ensino occasional*, isto é, a transmittir ás crianças os conhecimentos adequados ás industrias, em occasiões opportunas, cultivando-lhes o gosto e o patriotismo, utilizando o lado recreativo da escola, por leituras, conferencias, excursões, etc.

Dizem os mestres belgas que, neste tentamen, a todas as historietas moraes, mas theoricas, elles oppõem as historias reaes e vividas, e, para isto, aproveitam até mesmo as noticias dos jornaes do dia...

O que, porém, nos interessa mais em tal ensino e que deveriamos adoptar seriam as lições dadas sobre as nossas *necessidades locaes;* e, assim como o governo belga manda os mestre-escolas suggerirem á mocidade as melhores idéas sobre a pesca, em Ostende, as rendas em Bruges, os lacticinios, em Gand, as armas de fogo em Liège, etc.; nós tambem poderiamos explicar-lhe, pelo ensino occasional, o problema da borracha na Amazonia, as vantagens da polycultura, o desenvolvimento da pesca e de quantas industrias

(4) «Historie de l'Instruction et de l'Education», por F. Guex e «Palestras Pedagogicas», por Parker.

devem ser promovidas no interesse deste grandioso Estado, pelo menos !

* * *

Isto diziamos em 1912 e, ao ler os ultimos trabalhos do deputado federal dr. José Augusto, em livro, sob o titulo «Eduquemo-nos», com prazer verificamos a mesma idéa de reforma do ensino publico, de accôrdo com as necessidades regionaes.

Nacionalização e reforma do ensino

Este assumpto lembra a nacionalização do ensino, indispensavel ao nosso progresso que, ao meu vêr não se fará, como propunha José Verissimo, somente pela discussão dos nossos interesses, pelo estudo dos assumptos brasileiros, em livros de compatriotas bem inspirados. Pensamos tambem ser necessario que os educadores, sobre versar bem a nossa lingua e possuir cultura pedagogica, tenham nascido debaixo deste céo do Cruzeiro do Sul, para poderem sentir comnosco as mesmas vicissitudes, tomarem a responsabilidade de remedial-as, emfim, irmanarem-se no dever de trabalhar pela prosperidade e grandeza de nossa Patria. Só assim elles nacionalizariam a nossa escola, organizando-a, como já se tem dito, de accôrdo com os nossos usos e costumes, para se aproveitarem as forças vivas do paiz na formação do caracter brasileiro. Ao contrario, limitando-se só a instruir, não poderiam fazel-o nem vibrar de enthusiasmo e communical-o á mocidade, sempre que tratassem de interesses nacionaes ou das nossas caras tradições, pois ficariam quasi contrafeitos, retrahidos ou frios, com grande prejuizo da cultura civica, parte integrante da educação, necessaria e completa.

Por isso, bem avisado andou o governo do Estado de São Paulo, exigindo dos directores das escolas particulares, no regulamento de sua instrucção publica, o compromisso de respeitarem os feriados nacionaes e ministrarem o ensino de Portuguez por mestres brasileiros ou portuguezes natos e o de Geographia e Historia do Brasil somente por brasileiros natos e, ainda assim, sob condição de competencia reconhecida, a juizo da directoria geral, e de ensinarem, nas classes infantis, cantos nacionaes approvados por ella. Foi-lhes prohibido o ensino de linguas extrangeiras a crianças menores de dez annos.

Em materia de ensino, parece que estamos na mesma situação em que se achava a França, quando Julio Lemai-

tre e outros reclamaram a reforma da educação do povo em todos os seus graus, como condição de exito na satisfação das novas necessidades nacionaes. E logo Edmundo Demoulins, estudando as escolas inglezas, fez a estupenda revelação da superioridade dos anglo-saxonios sobre os francezes e, em seu outro livro intitulado «Éducation Nouvelle», ditou as condições dessa reforma e propoz-se a executal-a num instituto modelo, «L'École des Roches», onde, á semelhança de outras, inglezas, suissas e allemães, algumas das quaes visitámos, só se educa para a vida completa e util, procurando-se combater o mais possivel os vicios do que, cá e lá, se chama o *bacharelismo*. Tambem cá, premidos pela necessidade urgente de dar orientação segura ao povo brasileiro para preencher os seus destinos e, contemplando com assombro o progresso de certas nações americanas, os nossos governos republicanos já têm ensaiado algumas reformas da instrucção, ao passo que, em polemica travada nos parlamentos, na imprensa e na litteratura, vão surgindo criticos demolidores do systema do ensino official. Entre os mais notaveis, citaremos Sylvio Romero, para o qual, nesta *vexata questio*, falta-nos, entre outros elementos, o pae de familia, por isso que este, muita vez, contraría ou não comprehende as nossas idéas, não acceita o ensino desinteressado como cultura nem como força abroqueladora do caracter, para só exigir *distincções* graciosas e habilitação dos filhos aos empregos sonhados ou a figurações politicas. Taes verdades são muitas repetidas na tribuna e na imprensa. Mas o grande sociologo vae além, e responsabiliza tambem o discipulo pela deficiencia do ensino e, neste ponto, não tem razão.

Effectivamente, se a mocidade não nos apparece, como era para desejar, estuante de vastas aspirações; se não sente a necessidade de haurir cultura viva, reconfortante e fecunda, que lhe sirva até mesmo de arma de guerra contra o despotismo da sorte, na phrase desse vibrante pensador, ella não tem culpa de que, por incompetencia ou apathia, não a preparassem para isso os responsaveis da sua educação.

Aos paes, sim, é que competia atear-lhe e alimentar o fogo sagrado do interesse pela instrucção, se todos estivessem bem dispostos para tão nobre mistér e mesmo habilitados para julgar do merecimento dos mestres, como entende, superiormente, Agostinho de Campos, aconselhando que, se elles quizerem saber se é bom o mestre e se é idonea a escola, não se limitem somente a averiguar sobre a simples instrucção dos seus filhos, mas tambem se lhes foram communicados os bons habitos de conducta e de trabalho nos

quaes assentam as faculdades de observar, criticar, experimentar e, portanto, de aprender por si.

A conclusão resultante daquella critica seria, antes de tudo, a providencia de reeducar os paes de familia, mas, como a tarefa é inexequivel, só nos cumpre preparar as novas gerações por processos mais habeis e momentosos, assecuratorios da victoria sobre os velhos costumes e idéas falsas. Seria preciso, algumas vezes, procurar influir, como fazemos, no espirito dos discipulos, de modo que possam defender a sua escola contra os preconceitos ou prejuizos de suas familias, a bem da educação racional e integral.

Quaes sejam, porém, esses processos? Nem Sylvio Romero nem outros demolidores menos competentes os têm suggerido com possibilidades de exito immediato.

Expondo, na imprensa do Rio, os nossos males actuaes, outros criticos como Belizario Penna, chegam ao exagero de affirmar que, desde a adolescencia, os moços de hoje, impelidos pelos progenitores, só têm a aspiração do emprego publico e do dinheiro mal adquirido, por meio da *cavação* e do *pistolão* e, atacando mais fundo: «Que futuro estará reservado a um povo doente e analphabeto, cuja mocidade se chafurda na ignorancia e na pratica de costumes dissolventes? Qual o destino de uma nação onde a familia se desmantela, a mulher se degrada, os homens perdem a consciencia e a mocidade se avilta na bajulação?».

Tambem este esforçado patriota não promette a cura da crise denunciada.

Ainda ha pouco, uma joven bacharela do nosso meio apenas sahida da sua Academia, arriscou *algumas consideração sobre a instrucção no Brasil*, responsabilizando pedagogos e collegios particulares, que considera improvisados, sem distincção, e citando, de preferencia, os vicios do ensino secundario, nos estudos e exames respectivos, de modo que forma-se, no seu entender, uma *multidão de pobres approvados por misericordia,* que irão figurar mais tarde nas diversas posições sociaes ou *um bando confuso de individuos embaraçados a decifrarem o que está escripto nos diplomas.* Ora, semelhante critica é que está improvisada, não attingiu a substancia do objecto e condições do ensino, versando sobre exterioridades, aliás já muito analysadas por espiritos insuspeitos e melhor informados.

A bacharela ainda não percebeu que a crise do ensino, no ponto criticado, não provém da cábula do estudante ou da incompetencia do professor, mas visceralmente do proprio systema antiquado de instrucção secundaria que, na melhor hypothese, só admitte professores de memorização vi-

ciosa. E toda a gente sabe que esse relaxamento, a que se refere, nem ao menos constitue uma novidade, porque já existia no antigo regimen monarchico, chegando ao cumulo escandaloso de celebrizar tristemente os exames de preparatorios feitos em certas provincias.

Ninguem melhor do que Ruy Barbosa, por exemplo, fulminou taes absurdos, escrevendo, sem improviso, mas com pleno conhecimento de problema tão difficil, que a instrucção academica está infinitamente longe do nivel scientifico desta idade e que a instrucção secundaria offerece ao ensino superior uma mocidade cada vez menos preparada para o receber; que ha mestres excellentes e professores notaveis, mas as Faculdades produzem fructos cada vez mais pêcos e a instrucção secundaria apresenta aspecto sempre mais miseravel; que tomamos o cerebro do adolescente, «esse terreno ávido do amanho nacional, como se fosse um tóro de madeira entregue ao fasqueador; enxequetamos-lhes á serra, á martello, á enxó e á colla, meia duzia de escaques envernizados com o nome de *preparatorios* e os entregamos ás Academias para que convertam em *doutores* esse pau lavrado; que o ensino secundario se converteu em uma grande feira e os exames de preparatorios na mais impudente das industrias que nos corrompem». Eis o vicio capital que devia ser visado e combatido, esse regimen do proprio desenvolvimento intellectual que se procura conseguir e completar pelos estudos de humanidades.

O grande mestre já escrevia antes da Republica, denunciando erros e abusos inclusive a industria dos exames de preparatorios, propondo essa verificação geral de madureza que Benjamin Constant, o insigne professor republicano, incluiu em sua reforma inspirada, sobretudo no systema allemão, onde não predomina a preoccupação exclusiva do exame. «Exame e ensino, continua elle, são duas funcções associadas e a primeira não é senão méra operação accessoria da segunda; preparando-as, no nosso regimen tão sabiamente imitado ao de França, inverte-se-lhes a importancia e o papel. A verdadeira instrucção consiste, não em estudos desagregados, mas no desenvolvimento harmonico do entendimento, mediante a acção convergente de disciplinas convenientes, aprendidas na sua gradação logica e na sua collaboração natural. Os estudos são apenas instrumentos ou elementos de fecundação».

E o peor é que a reforma republicana, que tão bem soube reagir, a principio, contra os defeitos do velho systema originado da Universidade de Coimbra, vem padecendo o mal da instabilidade, tanto que hoje o plano da seria-

ção logica de ensino integral chega a concorrer com o dos estudos parcellados para exames de preparatorios, ficando assim um desmoralizado pelo outro, porque o ensino por ambos os systemas se vae fazendo pessimamente.

Isto é o que devia ter sido *descoberto* pela criticadora da ultima hora e não a injusta accusação aos collegios particulares que, em geral, ajudam os governos a propagar a instrucção e de cuja defesa, aliás, se encarregou o proprio Ruy Barbosa, com as suas reconhecidas independencia e sabedoria. «Como fundar a instrucção scientifica, lutando com a concorrencia privilegiada, cynica, omnipotente que domina os exames de preparatorios ao ensino superior? Um instituto concebido com essa inspiração obrigaria, entre nós, a esforços incomparavelmente mais arduos e dispendiosos que os picadeiros de bacharelandos; imporia sacrificios extraordinarios e heroicos desde a acquisição do material para o ensino pratico da realidade, até á educação laboriosa e difficilima do pessoal adequado, que nos mingúa. E onde a compensação que habilitasse o atrevido iniciador á custear, ao menos, esse commettimento? Quantas as familias que o comprehendessem ou que, comprehendendo-o, preferissem os estudos proficuos, mas pacientes, de um systema como esse, aos beneficios da esterilidade premiada e victoriosa, nas forjas officiaes e officiosas de exames?» (5).

Mas, voltando ao nosso ponto de vista, sustentamos que os exames parcellados, quando mesmo fossem feitos regularmente, correspondendo aos estudos de humanidades, de accôrdo com o systema vigente, não satisfariam as necessidades do ensino nacional. Em discussão havida em nosso Congresso Federal já se disse que o Estado tem o direito de exigir não se adultere a instrucção secundaria, isto é, a cultura geral que prepara para a collectividade as suas unidades vivazes ou productoras, porquanto ella só póde ser obtida num curso seriado e integral e só a prova de madureza deve verifical-a.

E não importa que muitos brasileiros illustres tivessem passado pelo malsinado regimen. Se conseguiram preparar-se para brilhar, servindo bem o paiz, é que puderam superal-o fazendo, uma auto-educação, seleccionados pelo talento; e, ainda assim, todos, como Ruy Barbosa, reconhecem os prejuizos da rotina que o condemnam.

Tambem Edmundo Demoulins denunciou em França a exclusiva preoccupação dos jovens estudantes em serem felizes nos exames e a das escolas em se procurarem orga-

(5) V. «Queda do Imperio», vol. 1.º pag. 273 e seguintes.

nizar para satisfazel-os, sendo preferidas pelas familias as que matriculassem maior numero de alumnos na Academia. E o meio mais seguro de alcançar a victoria nos exames era a *chauffage*, isto é, o processo de ministrar-lhes, no menor tempo possivel, um conhecimento superficial indispensavel no momento do exame, embora depois delle o alumno se esquecesse do assumpto para sempre.

Por outro lado, é um erro suppor que o estudo de humanidades não tem outra mira a não ser o ingresso nas Faculdades. Pinheiro Guimarães, fundado em grandes auctoridades, mostra como elle é destinado a prover aquelles que o recebem duma cultura de homens completos, capazes de tirar o melhor partido de suas faculdades e da applicação escolhida.

Antes de medico, de advogado, de engenheiro, etc., (ajunta elle com razão) é preciso ser educado, isto é, obter uma cultura geral e basica ou, como diriamos, adquirir aptidões para comprehender e discutir todos os problemas, sociaes e nacionaes. Assim, não seria para admirar ver-se, entre nós, um medico escrever ou discursar, versando bem a nossa lingua nacional, emittindo opiniões de critica litteraria, e, do mesmo modo, um engenheiro ou um jurista occupar-se proficientemente de assumptos que estão fóra de sua profissão ou especialidade. Concordamos, pois, em que sejam reorganizados os nossos atheneus com o fim principal de attingir esta cultura, acudindo ao reclamo da classe média que não acceita a vida como uma funcção de diplomas. (6)

Desse modo, ao sahir dos gymnasios com o seu curso de humanidades bem feito, os nossos compatriotas saberão pensar por si e manifestar os seus pensamentos na lingua nacional, porque, com aquelles estudos, terão desenvolvido mais o seu vocabulario e seu cerebro.

Em nosso instituto, vamos procurando superar os estorvos oppostos pelo erroneo regimen de ensino, reunindo os nossos alumnos em um gremio litterario de sessões constantes, secundando-os, com estimulo, a se interessarem pelo estudo de assumptos de ordem scientifica e litteraria, como de ordem moral e civica, obrigando-os, sem o sentirem, a apurarem a cultura do que aprendem nas aulas, e temos conseguido, modestamente, aquillo que os Gymnasios deveriam zelar, como melhor mostraremos em outro capitulo deste livro.

Condemnemos os criticos demolidores que costumam

(6) V. «O Ensino Publico».

dizer mal das nossas instituições, porque desanimam os brasileiros de bôa vontade e desmoralizam o paiz perante o extrangeiro, em vez de concorrerem para que a crise do ensino, que ora visamos, seja remediada. Os ultimos projectos de reforma elaborados no seio do Congresso Federal são bem capazes de, uma vez transformados em lei, produzir os melhores effeitos. O Brasil não deve ficar tão distanciado das Republicas do Uruguay, Argentina e Chile, como se acha, em materia de instrucção. Portanto, reclamemos todos que se faça, quanto antes, a reorganização do ensino publico com o mesmo fito ou finalidade de que depende a nossa prosperidade, senão a nossa propria existencia nacional. Precisamos, antes de tudo, combater o analphabetismo por meio da multiplicação de escolas primarias modelares, custeadas pelos tres poderes politicos, federal, estadual e municipal, além das que devem ser criadas e mantidas, por iniciativa particular e por obrigação imposta aos grandes industriaes e senhores de terras do interior do paiz, como no Chile. Sahindo dessas escolas, os filhos do povo devem encontrar as complementares e bem assim as profissionaes, de artes e officios, onde hão de acabar de se preparar para uma vida util á Patria. E todas ficarão repletas de alumnos.

Já não soffre mais duvidas a necessidade da intervenção do governo federal na propagação geral desse ensino que, certamente, ficará submettido a uma unidade de vistas e de acção, sob a preoccupação de fazer de cada escola um elemento da riqueza publica e da preponderancia nacional, nas lettras e na concorrencia com os outros povos civilizados. Taes escolas terão unidade logica com os atheneus e gymnasios, na mesma corrente de gradação pela qual a élite da mocidade brasileira venha a penetrar facilmente nas Universidades ou nas Academias regionaes.

Diz-nos José Augusto que a Republica Argentina acaba de organizar o seu ensino de modo a abranger toda a vida escolar, desde o jardim da infancia até a Universidade, dando, porém, maior desenvolvimento possivel á primeira instrucção popular. Porque não seguir o exemplo, por meio da chamada politica educativa, imbuida do espirito economico e civico? Mas, para tanto, precisamos, antes de tudo, revigorar nossa raça, legislando sobre a cultura physica, de modo que, em cada escola e em cada bairro, haja lugar para recreios, exercicios e desportos, racionaes e bem fiscalizados, dos quaes a mocidade possa tirar o melhor proveito para resistir ás lutas do espirito como ás da vida material, formando a *mens sana in corpore sano*, com a bravura dos bons escoteiros.

Outra necessidade indeclinavel é a da reforma das nossas Escolas Normaes que, no Brasil, salvo honrosas excepções, não passam de simples atheneus de estudos theoricos com uma aula de pedagogia, e, portanto, não offerecem meios de poderem exigir e formar aptidões docentes nos seus alumnos, que se diplomam sem exercicios praticos sufficientes nem estudos experimentaes em gabinetes de pedologia e sem conhecerem todas as sciencias auxiliares da arte de ensinar. Os professores brasileiros precisam preparar as novas gerações attendendo aos reclamos da vida contemporanea, como diz aquelle parlamentar. Não basta que sejam rigorosos nos exames finaes de estudos, primarios ou secundarios; taes exames nem sempre provam o aproveitamento real dos examinados. E' indispensavel que elles surjam habilitados mais como educadores do que como especialistas de materias avulsas, para que collaborem realmente na cultura dos nossos compatriotas, de interesse nacional.

Quanto aos professores em actividade, cumpre aos Directores da Educação, nos Estados, congregal-os em centros pedagogicos para discutirem e resolverem sobre a efficiencia do ensino, dar-lhes instrucções technicas para uma unidade de acção proveitosa e rapida, com elles se identificarem para o fim patriotico do soerguimento nacional pela instrucção positiva do nosso povo.

Nestas condições, com professores desse valor, bem preparados para a grande campanha, traçado o plano racional e completo dentro do qual devem agir, a questão dos programmas ou detalhes só dependerá de suas iniciativas.

Finalmente, a organização dum Conselho Nacional de Educação, composto de membros effectivos e de competencia reconhecida, é medida já reclamada no Congresso Federal. Elle será a mola reguladora da actividade proficua do ensino publico brasileiro; porque, com a maxima autonomia, esclarecimento e patriotismo, póde dirigil-a com exito certo, fomentando, fiscalizando e elevando-o ao grau de cultura de que precisamos e a que temos indiscutivel direito.

II

O Ensino Educativo no Pará

O Ensino Educativo no Pará

Aptidões do povo brasileiro

Neste momento de assombrosa crise social e economica, em que periclitam a vida e o futuro do povo brasileiro, é signal evidente de patriotismo o manifestado interesse de ouvir opiniões e juizos ou o discretear sobre a educação e ensino dos nossos filhos ou compatriotas, para desobstruir o caminho do progresso e conjurar novos males para o paiz.

Com este escopo não vamos, por certo, eivado do pessimismo muito em moda, repetir accusações geraes, denunciar erros politicos, arguir legisladores, condemnar reformas ou lançar apôdos atrozes á nação, pois é claro que, em primeiro logar, não se deve reconhecer a pecha de incapacidade ou invalidez que costumam agora atirar ao brasileiro, ridicularizando-o, como na celebre caricatura do Jéca-Tatú. E' uma injustiça e insensatez confundir com isso o estado actual de abatimento, inercia ou inhabilidade em que quizeram retratar nossos irmãos do sul; e, quando elles não possuissem as energias latentes, que só precisam de ser despertadas e cultivadas em escolas liberaes e profissionaes para que se venham revigorar e concorrer com o extrangeiro nas letras e nas artes de valor economico, dentro e fóra do paiz, ahi estão os do norte ou nordeste, heroicos lutadores contra todas as calamidades do seu meio ambiente, da sua vida rude, esses activos sertanejos que, abandonados a si proprios e quasi esquecidos pelos governos, têm sabido crear uma industria sua, filha exclusiva de suas iniciativas e necessidades, vivendo independentes e até possuindo finas qualidades de espirito com que vão enriquecendo o nosso *folklore* e a nossa lingua nativa.

Um povo assim como esse não está perdido ou incapacitado para as lutas da civilização contemporanea. Que o diga o insuspeito, notavel e competente pensador Euclydes da Cunha, no precioso estudo que nos deixou sobre os nossos sertões, mostrando o verdadeiro valor relativo de seus habitantes; que o diga Francisco Iglésias descrevendo a vida

dos nortistas, num trabalho que reputamos excellente contribuição para a nossa chorographia; (1) que o diga o excelso mestre Ruy Barbosa. Aquelle illustre engenheiro, não deixando de criticar com justiça o atraso e a rotina verificados na grande zona percorrida, nem por isso condemna o nortista por incapacidade. Ao contrario, escreveu: «O norte offerece problemas importantes, taes como a "secca", vias de communicação e transporte que dependem dos cofres do Thezouro Nacional, culturas de algodão, mandioca, industria pastoril, fibras e aproveitamento das sementes oleaginosas, que representam maior fortuna que o café em S. Paulo». (E affirma que, se o governo protegesse taes industrias, dellas tiraria recursos bastantes para o desenvolvimento da região). E mais: «Se o governo reservar metade do dinheiro destinado á imigração em proveito dos nossos sertanejos, com alguns annos de acção continua, terá fixado o trabalhador agricola, melhorando as suas condições de vida, tornando-o um factor do progresso nacional». E ainda mais: «Por que gastar dinheiro com trabalhadores extrangeiros quando os temos aqui bons e fortes, simples, disciplinaveis e que só não prestam serviços porque jazem no mais completo abandono?

Ruy Barbosa, num dos seus sensacionaes discursos, exordía citando a satirica e engenhosa creação de Monteiro Lobato, para affirmar ser essa uma falsa visão de nossa nacionalidade mantida pelos manda-chuvas que a exploram. Elle zurze-os com o eloquente latego. Num outro, refere-se ao povo brasileiro, como segue: «Que é desse povo malensinado nas suas obrigações, malentendido nos seus interesses, malcorrente nos seus negocios, malgovernado nos seus actos? Que é desse povo rasteiro, decadente, irresgatavel do seu fadario? Que é desse povo com quem não vale á pena de falar, a quem de nada serve pregar, de quem não se póde esperar cousa nenhuma?...

Que é desse povo? Será isso, realmente, o povo brasileiro? Mas o que eu vejo, pelo contrario, é que toda vez que lhe falam elle responde». (2)

Ninguem como José Verissimo, em brilhante estudo sociologico sobre o Brasil—Imperio, (3) escreveu com mais liberdade e competencia e, até com certo azedume, acerca do

---

(1) «Cinco annos no Norte do Brasil. Notas á margem do Relatorio do Dr. Arthur Neiva». Na *Revista do Brasil*.

(2) Da Conferencia Politica realizada em Juiz de Fóra, a 2 de Março de 1919.

(3) V. "A Educação Nacional".

merecimento e situação de nossa raça, em face do regimen republicano e do progresso da America; e todos recorremos a esta fonte abundante de considerações e conceitos de ordens diversas sempre que procuramos aquilatar seguramente do valor physico, moral e intellectual do povo brasileiro, atravez de sua evolução nacional. Pois bem; já a esse tempo eramos accusados de não possuir espirito de nacionalidade devido á deficiencia da escola brasileira, entendida esta expressão no sentido lato, escola que, por isso, não teve a menor influencia na formação do caracter publico considerado, segundo o mesmo escriptor, como indolente, molle, accrescentando que nem a educação se inspirou no sentimento da patria, nem a litteratura no espirito popular.

Deste pessimismo do emerito educacionista, litterato e critico paraense já uma vez tratámos, affirmando que todas as allegações feitas em apoio de sua these não chegaram a provar a existencia do defeito criticado; porquanto, mesmo argumentando-se com a invocada extensão do territorio ou habitat brasileiro, com a mestiçagem da nossa raça, a falta de unidade escolar e de livros—brasileiros pelos assumptos e pelos auctores—e mais outras circumstancias desfavoraveis; mesmo assim, aquelle sentimento não desapparece da Historia; ao contrario, surge, de vez em vez, com a manifestação do nativismo, e muito antes das lutas da nossa independencia politica.

Se José Verissimo reconhece que o povo é honesto, simples e generoso, embora indolente; que produziu os estadistas do Imperio, aos quaes chama homens sérios e apenas destituidos das qualidades de administração, deveria estender tambem este bom juizo aos representantes de outras classes, como a dos militares, visto que muitos se immortalizaram nas lutas travadas com a metropole e souberam defender altivamente a honra nacional, nos campos de batalha; deveria fazel-o áquelles gloriosos brasileiros entrados no pantheon da Historia e que edificam as gerações do alto dos seus monumentos civicos e a quantos, ainda ha pouco, figuraram, com applausos, na galeria installada no Theatro da Paz, nesta capital, pelo nosso patriotico Instituto Historico; deveria estendel-o a jurisconsultos, professores, litteratos, (elle incluido) jornalistas e ecclesiasticos, igualmente notaveis, que viveram antes e depois do imperio. Nessa epoca, o Brasil já tinha os seus *homens de prol*, como diria Ruy Barbosa. Quantos aos padres brasileiros, o grande poeta Luiz Guimarães Filho faz-lhes eloquente elogio desde os primeiros tempos de colonização, affirmando que mais lograram com suas doutrinas do que os soldados com seus arca-

buzes. Cita, com acerto, pelos serviços prestados, Nobrega, Anchieta, Antonio Vieira e outros mais e, para maior orgulho nacional, Lourenço de Gusmão, João Ribeiro Pessoa, Diogo Feijó, Mont'Alverne e João Manoel.

Por sua vez, Viriato Corrêa, desenvolvendo o assumpto, no mesmo sentido, salienta os padres revolucionarios de 1720 e 1789, de 1817, de 1824 e, sobretudo, os patriotas que trabalharam para a nossa independencia de 1822, como Januario da Cunha Barbosa, frei Sampaio, Ildefonso Xavier, Amaral Gurgel e outros. E nós, em synthese, poderiamos dizer que os padres nacionaes quasi monopolizaram, em tempos, o cultivo das artes e lettras. E foram bons pioneiros do ensino no Brasil, de accôrdo com os dogmas catholicos.

Portanto, houve uma escola brasileira, que, d'algum modo, sempre influiu no caracter das classes sociaes, melhor do que suppunha ou entendia aquelle talentoso critico.

Concordando com seu ponto de vista chegariamos a rebaixar, talvez, a propria nacionalidade, cujos principaes elementos, o portuguez, o africano e o indigena, produziram gerações que não degeneraram, apezar da mestiçagem, affirmando o seu merecimento em varios pontos do paiz.

No ensino civico que ministramos, solidario com as idéas de Affonso Celso e outros mestres, pomos sempre em relevo o primeiro elemento; porquanto, entre os colonos portuguezes, muitos eram fidalgos, administradores honrados e homens de brio, ao contrario do grosso dos ociosos e mais aventureiros vindos á procura de fortuna facil, na terra inculta. Sem sermos nacionalista exagerado, comtudo não podemos concordar com o egregio sociologo pernambucano Oliveira Lima que, ainda ha pouco, na imprensa d'alli, tratava de acalmar os animos irrequietos na campanha, pregando a concordia com os lusos, sobretudo pela *gratidão* que lhes deve exclusivamente o Brasil contemporaneo. Quando se sabe que até mesmo a influencia physica e aspecto geral da natureza contribuem para a civilização dos povos e que aquelle grande escriptor brasileiro é um declarado e gratissimo filho de portuguez, vê-se logo que só se colloca no extremo opposto, impulsionado mais pelo coração do que pelo cerebro.

Para nós, a figura de Estacio de Sá, abandonado aos seus proprios recursos e energia, resistindo aos francezes, no Rio de Janeiro, por dois annos, chegando a sacrificar-se, privando-se dos seus navios, porque os vis companheiros pretendiam fugir; a de João Fernandes Vieira, em Pernambuco, lutando contra os hollandezes, e a de Martim Soares Moreno e Pedro Teixeira, iniciando a colonização do norte até

ao Amazonas, representam, entre outros, mui bellos padrões da envergadura moral da sua raça.

Quantos aos negros, contribuiram bem para o progresso economico da colonia, no trabalho da lavoura e mineração e não tiveram a culpa de se macular o nosso povo pela mestiçagem. Gente infeliz e docil, adaptou-se á nova patria, não se rebellou contra verdugos e senhores, que poderia esmagar pelo numero, e serviu ao *brasileiro*, cruzou se com elle, mansamente, sacrificando-se em tudo quanto lhe foi exigido. Se, na historica reacção dos Palmares, estes nos foram hostis, devemos julgal-os mais pelos effeitos da invasão e guerra hollandezas do que por instincto de vingança, pois os principaes souberam morrer lutando heroicamente.

Quanto ao elemento indigena, que tem a excellencia da nobreza nativa, ornamento e caracter da grei cabocla, os indios auxiliaram-nos muito, no começo de nossa historia e colonização, até contra os seus irmãos vermelhos; de modo que, se não fôra a inepcia dos governos permittindo a sua escravização, com todas as violencias a que não estavam affeitos, teriamos hoje, pelo menos, uma população immensa, augmentada pelo congraçamento com todos elles. A mescla oriunda da assimilação de parte desse elemento não privou o povo nascente das energias e virtudes que ainda possuimos. Foi a raça desses brasileiros mestiços que, embora auctorizados pelos governadores do Brasil, conquistou o norte da colonia; foram os bandeirantes e sertanistas que penetraram o centro do paiz, resolutamente, sem esperanças de voltar aos nucleos do littoral habitado, creando povoações transformadas depois em cidades, explorando riquezas, cultivando a terra e abrindo-lhe as communicações; foram elles que se insurgiram contra a tyrannia da metropole e prepararam a nossa independencia nacional, nessas acções dignas de serem glorificadas pelos historiadores; e nunca é demais recordal-as em todas as occasiões solennes em que se trate das nossas origens, das nossas possibilidades e do nosso futuro.

A capacidade intellectual do povo era tão patente que D. João VI bem se surprehendeu de encontrar na colonia tantos homens illustres, brasileiros natos. Foi por isso que evolvemos passando da colonia para o imperio e deste para a republica. Só nos falta hoje uma instrucção popular fortemente generalizada e activada servindo os interesses patrios e, nos centros mais adiantados e intellectuaes, a instituição de Universidades, cuja influencia, nos paizes civilizados, especialmente na Allemanha, Inglaterra, Estados Unidos da America do Norte, tem fortificado o sentimento nacional, como é sabido por todos os que lêm e pensam. Muito me-

lhor aparelhada do que nós, neste sentido, a Argentina já possue cinco desses grandes institutos de ensino superior, de que nos dá noticia Oliveira Lima, depois de visital-os, descrevendo a vida que nelles borbulha, com o de La Prata á frente, seguindo os melhores modelos. (4) Effectivamente, desses centros de actividade culta poderiamos sempre lançar o olhar, livre e desapaixonadamente, sobre todo o paiz, julgar das suas necessidades geraes, propagar idéas salvadoras e, sobretudo, promover a nossa fraternização com as outras nações; e, assim, interessando-se a mocidade estudiosa e patriotica em todos os problemas nacionaes, delles havia de partir maior movimento de espirito fecundante em todas as direcções do Brasil. A respeito da Inglaterra, disse um professor: «Oxford póde ensinar a um *gentleman* como elle deve ser inglez!».

A questão do analphabetismo

Povo e governos temos descurado os interesses patrios, por vezes entretido lutas estereis, quasi abandonando aos extrangeiros a exploração das nossas riquezas e industrias nacionaes e deixando de apertar todos os laços de solidariedade, em prol do levantamento da nossa gente, por meio do ensino educativo, profusamente disseminado, como dissemos. Isto lembra logo os males provenientes do analphabetismo. E' sabido que, desde o cangaceiro do sertão nortista, desde o seringueiro englebado no valle do Amazonas, desde o rotineiro lavrador dos nossos campos até ao mau operario, ao vicioso, ao vagabundo de toda parte, encontra-se de norte a sul, estampado na fronte desses brasileiros infelizes, como um signal maldito, este estigma da ignorancia e falta de instrucção profissional nos misteres da vida util e, em muitos, o esquecimento dos proprios deveres familiares; de sorte que uma grande parte do povo acha-se assim inferiorizada e distanciada por um immenso atrazo e a nação retardada na sua marcha de progresso. Tudo isso é incontestavelmente muito grave, mas não devemos desanimar deante desse e de outros feios aspectos vitaes. Por iniciativa patriotica, devemo-nos empenhar em sanar esses erros de tantos governos pondo os apedeutas sob a influencia de escolas idoneas, para que possam bem servir a patria, e ficará conjurado o grande perigo. Porquanto, não devemos esquecer que a critica de José Verissimo, onde aliás se lê com agrado muitos conceitos valiosos e justos, constitue hoje um documento retrospectivo,

(4) V. "Na Argentina" pelo citado escriptor.

em sua maior parte, não se podendo mais repetir com elle, por exemplo, que na escola brasileira, onde ella existe de facto, o *Brasil brilhe pela ausencia;* que os livros ainda sejam portuguezes e que se não promovam e effectuem as nossas festas civicas, por occasião das grandes datas historicas; que não haja, emfim, espirito nacional no Brasil. Ahi estão a Liga de Defesa Nacional, a do Saneamento, as do Ensino, todo esse movimento de iniciativa e reacção que vae surgindo em nossas capitaes populosas e bellas, os trabalhos dos Institutos Historicos, as exposições industriaes e de Bellas-Artes, as conferencias publicas e, por fim, esses brados de nacionalismo, por vezes exagerados, tão reclamado para o ensino, para o commercio e para as industrias. Todo esse prurido de propaganda liberal denuncía a intensidade do sentimento popular, de autonomia e de brasileirismo, que já penetrou nas escolas em que ainda não existia...

Se o mesmo pensador, cujo derradeiro elogio sahido da penna auctorizada de Ruy Barbosa é a melhor corôa commemorativa do seu valor real, se aquelle paraense illustre tivesse escripto ou organizado um systema pedagogico que mais conviesse ao Brasil, um plano de ensino integral, a par do seu importante estudo sociologico, veriamos então o papel e a responsabilidade que conferiria ao mestre para dirigir e corrigir a educação do nosso povo, de accôrdo com os interesses do momento actual.

Outros, de menos competencia, falam do ensino publico contemporaneo descobrindo-lhe defeitos pela maior ou menor amplitude dos programmas, sempre renovados aqui ou alli, ou por não guardarem os alumnos o devido respeito ao professor. Ainda ha pouco, ouvimos, numa solennidade, essas accusações inocuas e até contradictorias á personalidade do mestre, para quem, do alto da tribuna, se reclamava todo o prestigio. Tentaremos destruil-as, mostrando a sua falta de fundamento.

Systema de educar

Em todo verdadeiro ensino distingue-se logo o elemento moral, indispensavel tanto ao progresso do alumno como á personalidade do professor.

As escolas philosophicas, ou seja a racionalista de França, a espiritualista ou materialista allemã, a evolucionista ingleza ou a pragmatista norte-americana, todas encaram a educação e o ensino sob este aspecto, como condição inelutavel de sua maior valia. Por isso, dessas revoluções scientificas surgiram, e ainda hoje surgem, systemas pedago-

gicos considerados como os melhores productos do pensamento humano, formando um lastro fundamental de idéas que atravessaram os tempos e que admiramos e adoptamos com proveito, segundo as nossas convicções.

De todos os educacionistas que concorreram para o progresso da educação moderna, salientamos Rousseau, o creador do *Emilio*, o qual elevou-se bruscamente, como diz um escriptor, á dignidade de um propheta annunciando o advento da razão philosophica na arte de educar os homens. (5)

Elle teve por precursores Francisco Rabelais e Bacon; foi perseguido e queimado em effigie por se ter revoltado contra a orthodoxia da igreja romana, quando proclamou estarem as crianças livres do peccado original, bem como livres para aprender fóra da sociedade corrompida, isto é, em contacto directo com a natureza educadora; quando se arrojou a dizer, embora crente, que a alma não é sempre a mesma, tem, ao contrario, uma lenta evolução e deve soffrer uma educação por graus ou etapas, em tres edades determinadas da vida, havendo um tempo marcado até para praticar a religião, aos quinze annos, etc.

Como a «Divina Comedia» de Dante, o romance pedagogico de Rousseau collocou-o á frente do seu seculo e influiu grandemente nos outros centros intellectuaes da Europa, porque, apezar das suas phantazias geniaes, elle instituiu a psychologia infantil, mostrou o dever do educador de ensinar a criança, preparando-a primeiro para viver, como mais tarde queria Spencer, isto é, tornando-a, antes de tudo, *um bom animal;* de suas idéas nasceu o chamado methodo natural, que devia ser desenvolvido e praticado por Pestalozzi e Herbart; desenvolveu, por sua vez, os principios educativos de Rabelais, Coménius e de Lock; bateu-se pela educação dos sentidos, encarando-os como faculdades de indispensavel cultura; condemnou os livros como instrumentos da maior miseria e tortura para os discipulos, exceptuando apenas «Robison Crusoé», de Daniel de Foë, e adoptou as lições de cousas que começaram a alimentar a intelligencia infantil e vivificar o ensino; ergueu os educandos á posição de creaturas pensantes, orientando a sua actividade, para se tornarem capazes de aprender a sciencia por si mesmos, conforme as suas predileções, suas faculdades, sua natureza, seus interesses e de chegarem a construir os materiaes dos proprios estudos. (6)

---

(5) «Historie de l'instruction et de l'éducation», par François Guex.

(6) V. obra citada *in loco*.

E' possivel que ninguem hoje deseje ver o seu filho educado como o *Emilio* de Rousseau, sobretudo dando-lhe este um triste destino na luta com a adversidade; nenhum educador acceitará mais o seu systema de cultivar as aptidões infantis, successivamente, como se a natureza procedesse por saltos. Entretanto, quaesquer que sejam os erros ou exageros, aliás commettidos por não ter sido professor, todos elles se relevam diante do cunho racional e humano que o grande genebrino deu ao ensino, rasgando-lhe os mais largos horizontes.

Em segundo logar, consideramos Pestalozzi, o egregio propagandista e organizador do ensino intuitivo, entrevisto ou formulado, mas não praticado por seus precursores. Não possuia o genio de Rousseau nem a cultura de outros educacionistas celebres, mas o meigo pedagogo de Zurich soube dedicar-se ás novas idéas e trabalhar com fidelidade, a despeito de todos os embaraços, por amor da humanidade. Foi assim que tomando por base da instrucção primaria o estudo da linguagem, desenho, escripta, calculo, geometria, sciencias naturaes, canto, gymnastica, trabalhos manuaes, atirou-se á faina do ensino popular como se faz hoje. A criança começa a cantar como começou a falar, faz gymnastica acompanhada de canto, aprende por lições de cousas, e, sempre intuitivamente, educa as suas faculdades, numa escola propria, de methodo novo como demonstrou em suas obras. (7) A superioridade do seu espirito de educador resurte logo de sua feliz maxima:—«E' preciso que o mestre aprenda a calar para que o alumno aprenda a falar», pois que sugere a idéa de fechar as escolas onde o mestre ou o livro age sosinho, sem utilizar a actividade natural do discipulo; e isto constitue uma regra de psychologia applicada, como já se disse, cuja sabedoria vae produzindo hoje effeitos admiraveis.

O terceiro educacionista benemerito, ainda mais completo que os precedentes e de obra definitiva, é o allemão João Herbart, discipulo de Kant e de Fichte, o grande philosopho da educação ministrada atravez da psychologia e da moral. Eis o verdadeiro creador do ensino educativo que, desde então, deixou de ser considerado uma obra de simples experiencia para tornar-se um trabalho evolutivo, methodico, reflectido, segundo as leis geraes do pensamento, visando a formação do caracter moral dos educandos por effeito de uma vontade firme, cujo exercicio é tudo.

---

(7) «Leonardo e Gertrudes», «Como Gertrudes instruiu seus fi-

Este principio victorioso é bem o fructo da philosophia allemã, corrigindo Descartes, em seu celebre asserto: «Penso, logo existo», ao qual ella respondeu:—«Quero e eis porque vivo». (8)

Para Herbart, diz com razão o seu critico, o fim da educação era formar um circulo de idéas associadas e organizadas de modo a deixar nascer a evolução racional. Falem outros philosophos em belleza e perfeição humanas, em destino vital, em vida completa, em virtude, como elle queria, o fim da educação nunca seria attingido, sem apparelhar aquella faculdade. Um outro illustre commentador de Herbart explica o seu sublime pensamento nestes termos. «Assim, pois, o fim unico da educação é a moralidade, é a virtude, mas uma virtude intelligente e esclarecida, activa e vigilante, uma virtude que não se isola, que não se encerra em si mesma, mas que tende, ao contrario, a se manifestar, a se espalhar, externamente, pela sympathia e acção; uma virtude que combina o cuidado da perfeição interior com o do bem da humanidade e do melhoramento social; uma virtude largamente aberta a tudo que é humano, sendo ella mesma verdadeiramente humana, sem mistura alguma de ascetismo ou mysticismo». (9)

Se as altas e solidas qualidades a formar têm suas raizes na alma, esta, assim como o caracter, será constituida por meio de idéas adquiridas e bem utilizadas. Aquelle commentador diz que as suas experiencias eram fructuosas por baseadas na sciencia que inspira as pesquizas, sugere os ensaios, suprime as hesitações e confere os resultados. O ensino segue, com elle, uma marcha regular e psychologica, indo das representações ao interesse e deste ao sentimento, ao desejo e á vontade; é um caminho que vae da idéa á acção. E são estes e outros principios as molas do ensino educativo, isto é, daquelles em que se procura attingir a educação pela instrucção, verdadeiro alimento das faculdades.

Quando a sciencia penetra no coração e no cerebro surge o tacto pedagogico, para que o mestre possa vencer, devendo possuir, segundo Herbart, as seguintes virtudes: além da sua sciencia, o amor á infancia, o bom humor, o enthusiasmo pelo ensino, comtanto que taes qualidades constituam os meios indispensaveis a *discernir com o seu cora-*

(8) V. Torau Bayle, «Introduction à l'étude de la philosophie».

(9) V. L'Education par l'instruction et les théories pédagogiques de Herbart par Marcel Mauxion.

ção o que se passa no coração do discipulo, respondendo por seus proprios sentimentos aos que elle quer fazer desabrochar.

O citado Mauxion, tratando da auctoridade e do amor como attributos do mestre, entra nos seguintes detalhes:

«A auctoridade exige qualidades de que umas são inteiramente naturaes e outras susceptiveis de serem adquiridas como a estatura, a voz, o gesto, a mantença, a superioridade do espirito, do saber e do caracter, etc. Quanto ao amor, elle repete Herbart, dizendo que podemos obtel-o de duas maneiras: ou o educador penetra os sentimentos da criança, associando-se-lhe com habilidade, ou procede de modo a tornar-se por qualquer forma accessivel á sua sympathia, accrescentando que essa affeição nunca deverá comprar-se pelo preço de uma fraqueza, incompativel com a auctoridade». (10)

Eis o principio superior da disciplina nas aulas ou das relações escolares entre o mestre e o discipulo, necessarias e indispensaveis para garantir o exito do ensino.

O mestre e os programmas

A invocada questão do desrespeito ao mestre, voltando á critica que refutamos, não tem melhor cabimento, porque, salvo casos anomalos, sempre é possivel evital-o. O verdadeiro mestre, que estima e é estimado, manterá sempre uma corrente de cordialidade, de confiança com seus discipulos, sabendo auscultal-os pedagogicamente. Segundo os principios de Herbart, seria até uma contradicção a discordia com elles. Assim como a alegria de viver é a felicidade adquirida com a saúde do corpo e do espirito, a de ensinar a aprender não admitte mais o regime escholastico da edade média, do *magister dixit* e o da ferula, incompativel com a individualidade do educando, o qual só se encontrará hoje em escolas retrogradas ou mal inspiradas.

Portanto, o professor, devendo conhecer os differentes caracteres de seus discipulos, não fará reinar tyranicamente nas aulas, como doutrina a Pedagogia, uma disciplina uniforme e enganadora que os irrite; mas porá toda a sua sciencia, sua habilidade pratica, sua paciencia incansavel, seu amor profundo pela mocidade em harmonizar-se com ella. Por isto, William James disse, uma vez, que a faculdade de penetrar na alma do discipulo, o tacto necessario numa situação dada, são o alpha e o oméga da profissão e que, em

(10) Op. cit. pag. 74.

certas occasiões, o professor é como um general que tivesse de empregar uma estrategia, para triumphar sobre os menos accessiveis.

Certo dia, um ex-professor do nosso collegio confessou-nos que, ao assumir as suas funcções, extranhára tanto o regime familiar mantido com os alumnos, que chegou a recear se revoltassem quando contrariados. Elle tinha por excessivas as regalias que lhes eram dispensadas, porque vinha duma escola atrazada e não comprehendia a força moral com auctoridade branda e affectuosa, a desprender-se naturalmente do mestre ou preceptor, por certas qualidades e maneiras especiaes que geram a sympathia, o respeito e a confiança reciprocas. O cerebro não dispensa o coração.

De facto, ensinar com o coração tem sido sempre o nosso lemma, seguindo o ideal dos verdadeiros educadores. Para isso, basta que saibamos comprehender as almas juvenis dos educandos como, poeticamente, Olavo Bilac ensinava a ouvir estrellas, isto é, pelo amor. Portanto, amemos os nossos discipulos como amamos a sciencia e o proprio ensino!

Por essa razão, costumamos sempre nos cercar de auxiliares moços, preferindo-os aos professores já embotados pelo tédio ou esgotados e enervados pelo cansaço ou decepções da vida, desprezando todas as criticas levianas, que nos têm sido feitas; porque, como Herbart, pensamos que a obra da educação é, realmente, uma tarefa propria de gente moça, (11) e assim, em nosso Collegio, apenas orientamos os mestres no plano do ensino a ministrar, para contemplal-os, com satisfação, nos seus enthusiasmos e louval-os pelo bom exito alcançado.

Consideremos agora a arguição relativa aos programmas officiaes causadores de prejuizo ao ensino. Se elles são mais ou menos carregados de exigencias, se ha pontos a elucidar, se parecem deficientes ou faltos de ordem logica ou se se resentem da denunciada instabilidade, nem por isso haverá motivo grave para condemnal-os. O verdadeiro professor sabe perfeitamente quaes as materias, ou melhor, quaes os *materiaes* necessarios á construcção da obra confiada á sua competencia technica. Os programmas e regulamentos são todos tirados da sciencia pedagogica e da experiencia resultante da arte de instruir, e tudo quanto encerram, materias de ensino, methodologias, disciplina, etc., consta do patrimonio dos mestres, pelo estudo que fizeram ou por auto-educação.

(11) V. ainda o livro de Mauxion.

Herbert Spencer já atacára e definira o problema nos seguintes termos:—Como se deve viver? Como tratar o corpo? Qual a verdadeira linha de conducta para cada situação? Como dirigir a intelligencia? Como, emfim, chegar-se a viver a «vida completa»? E todas estas questões têm sido resolvidas pela sciencia e pelas artes, que fornecem os planos de ensino racional e educativo. (12)

A Escola Primaria, como sabemos, em seus diversos graus prepara a mocidade para a vida pratica ou para estudos secundarios ou superiores, de accôrdo com os interesses individuaes e patrios e, muitas vezes, o professor será um programma vivo, sobreposto a todos os programmas formulados e escriptos, de ensino official ou particular. Então, elle saberá resolver difficuldades e supprir lacunas, o seu ensino será sempre educativo das faculdades e aptidões do discipulo, porque, desde as lições de cousas, terá de utilizar os seus conhecimentos.

Lições de Cousas

Eis, a este respeito, um exemplo bem frisante e desenvolvido: Consultando, nessa parte, o velho programma official do Curso Primario, as professoras do nosso Collegio hesitaram, uma vez, em face dos poucos e desconnexos assumptos nelle indicados para exercicio dos sentidos, da linguagem e da intelligencia, e não lhes foi difficil encontrar a solução de contornar taes embaraços organizando um plano a seguir, para que o desenvolvimento obtido pelo alumno continuasse a sua marcha natural e logica e as lições de cousas não degenerassem num cháos de palestras estereis a evitar, como ensina Compayré. Antes do tudo, recorreram aos principios estabelecidos por Alexandre Bain, para quem taes lições devem ser organizadas de sorte que a antecedente venha preparar a seguinte, orientando bem o assumpto e os alumnos. A principio, parecem mais ou menos desconnexas ou esparsas, mas acabam numa justa unidade e, por isso, aconselha que se parta do conhecido para se mandar descobrir qualidades ou propriedades desconhecidas, nesses estudos, que abrangem a Historia Natural, as Sciencias Physicas, as artes uteis e tudo mais que habilita para muitas aptidões vantajosas na vida pratica.

Entretanto, qual a origem a seguir? Como distribuir os assumptos dessas amenas conversações pelas séries do

(12) V. «Educação intellectual, moral e physica», pelo citado philosopho.

Curso Primario? Compayré, criticando a escola franceza de Mme Pape-Carpantier, doutrina que não se deve dar uma extensão abusiva a taes lições, mas procurar fazel-as pelo criterio de Alex. Bain, em sua «Sciencia da Educação», para o qual as palestras respectivas devem visar tudo que serve para a vida, todos os phenomenos da natureza, etc. De accôrdo com o illustre pedagogo, não podemos admittir tratados nem dictados de lições de cousas, nem que ellas comprehendam a Historia ou assumptos moraes, pois não devem ter o caracter didactico de uma exposição continua, porem consistirem numa conversação perpetua, livre e familiar do mestre com os seus alumnos. (13) Isto não quer dizer que deixemos de adoptar um plano racional, justamente para evitar que ellas degenerem no cháos da tagarelice a que o escriptor se refere. Se um dos seus caracteres é o de serem occasionaes, subordinemos o assumpto, para melhor proveito do ensino, a uma ordem a seguir ou plano preconcebido, tal como formulámos para desenvolvimento gradual dos sentidos e da intelligencia dos educandos.

Organizámos, pois, de commum accôrdo, um programma para o 1.º anno infantil, restricto ao cultivo dos sentidos corporaes, incluindo nelles questões simples como estas: *Por onde vemos? Quando vemos e quando não vemos? Que vemos em casa, na escola ou no recreio, no campo ou na cidade, no ar, sobre a terra sobre as aguas?*

E o mestre agirá dentro dum campo vastissimo, mostrando a importancia deste sentido tão indispensavel, na escola como na vida.

Quanto á audição, procederá do mesmo modo, distinguindo os sons da natureza, entre os dos instrumentos musicaes, das vozes dos irracionaes, das armas de fogo, e da voz humana, etc.

Quanto ao olfacto, seguirá a mesma ordem, *mutatis mutandi*, para distinguir entre os cheiros activos ou suaves, bons ou maus, conforme suas causas, e aconselhando sobre a maneira prudente de cheirar.

Quanto ao do gosto, falará das cousas insápidas ou saborosas, das repugnantes, das alimenticias, oriundas dos tres reinos da natureza; lembrará as cousas doces, insulsas, picantes, amargas, acidas, salgadas, adstringentes, etc., aproveitando o ensejo para indicar as primeiras regras de civilidade e de hygiene nas refeições.

Quanto ao tacto, extremará as pessoas e as cousas, os mineraes e os vegetaes, cousas naturaes e artificiaes, e en-

(13) V. «Cours de Pedagogie, théorique et pratique», pag. 301.

sinando como podem ser reconhecidas por suas qualidades ou formas, incluindo os solidos geometricos.

Tão interessantes lições seriam facilmente preparadas, estudando-se-as no excellente livro de Calkins, com a extensão que melhor convier, utilizando-se material escolhido para o motivo ou assumpto dellas e sem perder de vista o interesse da hygiene applicavel em casos bem sugeridos.

No programma do 2.º anno, figuram generalidades sobre os tres reinos da natureza, os corpos organizados e tudo quanto nos cerca, desde as nuvens, corpos inorganicos, animaes vertebrados e invertebrados, divisão dos vegetaes e dos mineraes, com a maior enumeração possivel.

No 3.º anno, vem a classificação dos seres de cada reino apontados á vista de quadros ou albuns adequados, com a seguinte seriação: os mais conhecidos dos alumnos serão comparados com os seres dos outros reinos, para que descubram a forma e propriedades de cada um e conheçam como devem classifical-os, respectivamente. Deve-se restringir depois a palestra ao reino animal e indicar os mammiferos por classes, os animaes mais interessantes pela forma, os simios, carnivoros, felinos, pachidermás, ruminantes, cetaceos e descer até aos mais insignificantes por sua organização; entre os oviparos, mostrar as aves rapaces, corredoras, pernaltas até aos gallinaceos domesticos e os passaros; e, do mesmo modo, os reptis, batrachios e peixes. Tambem os invertebrados, a partir dos mais conhecidos, insectos, crustaceos e outros, devem ser estudados, e dahi até aos infuzorios.

Quanto aos mineraes, desde que saibam distinguil-os entre pedras e metaes, poderão os alumnos consideral-os conforme suas applicações: o granito e as lages no calçamento, o marmore nas estatuas, as pedras preciosas nos adornos; e, do mesmo modo, entre os metaes, o chumbo nos encanamentos, o ferro nos utensilios, o ouro nas moedas e joias, a prata nas baixellas, o bronze na esculptura, etc.

No reino vegetal, farão a comparação entre as arvores, arbustos, hortaliças e outras plantas menores, procurando estudar a forma desses vegetaes e a sua utilidade nas hortas, nos jardins, nos pomares, nos bosques e nos campos.

Do tacto do mestre e do seu preparo prévio depende o bom exito das lições, que bem podem ser entremeadas de pequenas historias correspondentes ao assumpto.

No 4.º anno, falará da organização dos seres, sua nutrição, crescimento e utilidade economica. Serão indicados, na classe dos mammiferos, os mais intelligentes e bem orgazados; nas dos oviparos, os que podem devassar os ares;

prodigio de sua força e agilidade, etc. No reino vegetal, distinguirá os exemplares mais bellos e mais esquisitos da nossa flora, plantas carnivoras, sensitivas, as de raizes aereas e outras; no mineral, tratará das pedras e dos metaes por suas qualidades especificas, incluindo a agua e a atmosphera, entrando nas particularidades da utilização destes seres pelas industrias.

O talento e o gosto do mestre devem captar o interesse das crianças, dando vida extraordinaria a estas lições, tratando, por exemplo, dos lacticinios, dos preparos culinarios de carnes e peixes, dos doces de fructos saborosos, do café, mate, guaraná, chocolate, vinhos diversos, e bem como da tosquia dos carneiros, da cultura das abelhas, da pesca das perolas, da fabricação de moveis, louças e mais artefactos proveitosos mencionados nestas palestras inesgotaveis.

No Curso Complementar, o estudo da flora e da fauna será mais particularizado, distinguindo entre as nossas e as de outros continentes. Tratará dos chamados phenomenos de causa e effeito que assistimos no scenario da natureza, e dos assumptos relativos ás artes e ás industrias, em face dos specimens do museu escolar. Nesse 5.º anno, serão estudados os quadrupedes mais interessantes pela pelle, lã, ou crina, as aves pela plumagem, os peixes e amphibios pela maior utilidade que tiverem.

Falará nos campos de criação de gados, nos centros de avicultura e apicultura; mostrará a variedade de fructas alimenticias, a excellencia das hortaliças e legumes; tratará das roças de tuberosas, féculas, cereaes, das fazendas de café, e canna de assucar e industrias respectivas; distinguirá, em nossas mattas, as arvores de borracha, castanha, cacau, guaraná, as medicinaes, as madeiras de lei, e assim será sugerido o interesse pela agricultura e mais industrias da terra, inclusive a pecuaria, explicando-se a natureza do solo, a necessidade de adubos, importancia da irrigação e, por fim, a dos novos instrumentos agricolas, combatendo-se a rotina da velha cultura. No reino mineral, os alumnos conhecerão as riquezas proprias do nosso solo, a extracção do ferro, do carvão de pedra e do ouro, a acquisição e lapidação dos diamantes, a fabricação dos objectos ceramicos, etc.

No 6.º anno, serão dadas noções de anatomia e physiologia do corpo humano, a classificação dos vegetaes e sua organização especial. E falar-se-á da vida e merecimento dos naturalistas, cujos trabalhos fazem a riqueza dos museus e hortos botanicos para melhor proveito scientifico. Em outra direcção, será descripta a vida nos seringaes, nas fazendas e nas roças, lembrando os aspectos mais agradaveis for-

mados pelos rios, lagos, campinas, mattas, malhadas, vaqueiros, engenhos e fabricas, etc. A vida do pescador e a do roceiro, a dos mineiros e operarios dará ensejo a orientar os alumnos sobre todos os assumptos de utilidade pratica e despertar-lhes, talvez, vocações especiaes. Finalmente, far-se-á a apologia do trabalho, em todas as suas variadas manifestações, de modo a apresentar-lhes a perspectiva dum Brasil prospero, respeitado e glorioso, por suas riquezas.

Se este estudo poude ser praticado no regime dos programmas antigos, onde os assumptos destinados ás lições de cousas eram desconnexos e mal distribuidos e somente cabiam nos tres primeiros annos por sua deficiencia, em face dos vigentes, muito mais facil se torna fazel-o, durante todo o curso, comportando não só as questões officiaes como todas as complementares destas e as occasionaes. (14)

Em outras disciplinas

Passando-se ao dominio da Geographia e da Historia, tão pouco deve o professor embaraçar-se com a bôa ou má disposição dos programmas. Assim, se a criança, no 1º anno, não entende a Terra como um corpo celeste, porque lhe não vê a forma no espaço, não sendo constantes os eclipses; se não comprehende bem o que sejam eixo, polos, pontos cardeaes, etc., entre com ella o mestre em palestra pedagogica, partindo do conhecido para o desconhecido e do concreto para o abstracto, inverta a ordem dos enunciados, se tanto fôr preciso, e comece a ensinar-lhe logo os accidentes physicos, em face do panorama geographico, e, nas outras séries, passe do Municipio para o Estado, do paiz inteiro para os continentes. Um plano racional tambem poderá ser organizado, phantasiando-se mesmo algumas viagens sobre mappas e sobre o globo terrestre, um dos meios attrahentes de interessar os alumnos e instruil-os recreativamente.

Quanto á Historia, no começo pode ser ensinada á vista de quadros celebres ou dos monumentos mais conhecidos, adoptando-se, por exemplo, albuns como a «Galeria de Historia Brasileira», do Dr. Ramiz Galvão ou congeneres. Da estatua de Pedro Alvares Cabral á da Republica Brasileira, pode-se formar etapas que se irão dilatando e enchendo com outros monumentos historicos, nas datas proprias, e, dest'arte, o alumno chegará a fazer um estudo por si mesmo, completando-o com a leitura de livros didacticos. Do

(14) Em outro capitulo mostramos como ~~são~~ praticadas cada uma das lições por programmas assim imaginados e formulados.

parecer dado, em commum com os illustrados Drs. Henrique Santa Rosa e Manoel Lobato, sobre um trabalho de Historia, destinado ás escolas publicas, consta a seguinte doutrina methodologica por nós adoptada para o ensino dos infantes: «Trata-se de um estudo que põe em jogo todas as faculdades da intelligencia, convindo que o mestre, mesmo sabendo pouco, uze de bastante clareza e de imaginação para fazer reviverem os factos passados; elle não deve somente contar esses factos, mas saber tambem exprimir idéas e possuir merito litterario para impressionar o discipulo, maximé quando se tratar de lições escriptas. Nesse sentido, deve-se dirigir mais á intelligencia do que á memoria, pois não raro se abusa dessa funcção do espirito com prejuizo do ensino. Não se deve decorar o que se não entende.

Tambem devemos ter em vista, como requisito essencial, no ensino da Historia, a filiação que os factos guardam entre si, para que o discipulo possa comprehender quanto a vida de outr'ora está ligada á de hoje, sem perder de vista tambem a utilidade desse estudo como grande auxiliar da educação civica.

Falando ou escrevendo, o mestre tem de convidar os seus discipulos a contarem e apreciarem os factos, julgando-os em suas circumstancias e em seus effeitos, justificando-os com os factos anteriores, e comparando-os com outros, si tanto for possivel.

Não se deve desprezar o que toca aos costumes, ás artes e á civilização, mesmo tratando-se do chamado methodo biographico, que não quer dizer que tudo seja attribuido a um heróe ou pessoa predestinada.

Em lições escriptas, sobretudo, a leitura deve ser utilizada como elemento de educação, ao mesmo tempo intellectual e moral, e como meio de dar ao ensino o movimento e a vida. Jonathas Serrano, aliás invocado nas instrucções officiaes do programma de Historia, diz o seguinte: «O que a criança pode e deve aprender são os aspectos pittorescos e sugestivos do passado, os grandes feitos, as emprezas gloriosas e heroicas. Diga-se-lhe, em phrases claras e simples, como eram aquellas sociedades, quaes os seus usos, a vida publica e domestica, o que já conheciam de mais importante nas industrias, nas artes, nas sciencias, comparando sempre com o que hoje temos». (Methodologia da Historia na aula primaria, pag. 34.) V. «Folha do Norte» de 7 de Junho de 1919.

No entanto os actuaes programmas de ensino deixam ao professor ampla liberdade para iniciativas felizes e manifestação da sua personalidade, justamente porque se acha

imbuido do espirito do ensino educativo. Basta attender á parte relativa ao estudo da nossa lingua, desde o moderno methodo natural da sentenciação até aos exercicios evolutivos de *composição e de expressão*. Reputamos uma victoria o novo methodo de sentenciação, embora adoptado facultativamente. Arnaldo Barreto, aliás antigo adepto do methodo phonico ou de syllabação, defende a conhecida creação de João de Deus, dizendo que, sendo innumeros os vocabulos e por isso impossivel graval-os na memoria, a creança deve aprender pela syllaba que reconhecerá em cada novo vocabulo, Mas diz elle com razão, que decorar syllabas—esses elementos inexpressivos--é um recurso pedagogico puramente artificial e, peor do que isso, um processo contrario á marcha natural do espirito da creança, na aprehensão de idéas; que esse methodo contraria em absoluto as leis historicas de evolução do cerebro humano as quaes a creança tem de reproduzir no decurso do seu desenvolvimento. E João Kopke acrescenta. «Não ha nexo logico e tudo se esgarça nos espinhos das lettras e syllabas» Que faculdades desenvolve o antigo methodo synthetico, pergunta aquelle operoso mestre? Ao aprender por elle, o espirito da criança violentado sobre a parte abstracta e convencional do vocabulo só attinge a idéa depois de realizar operações subsidiarias de valor nullo como educativas, porque precisa conseguir da memoria a fixação das syllabas, graphica e phoneticamente, e que a attenção as reuna e corporifique no vocabulo. E conclue: «Se a marcha natural do espirito é ouvir para entender, entender para falar e falar para que se entenda, o processo do ensino deve ser—mandar vêr para entender, entender para lêr e lêr para que se entenda».

Não podendo dar aqui maior desenvolvimento ao assumpto, recommendamos ao professorado o excellente livro «Palestras sobre o ensino», por Francis Parker, que tambem se occupa do ensino de outras materias do Curso Elementar, cujos processos temos empregado com exito, a começar pelo de sentenciação, na leitura.

Não se deve admittir idéas feitas, o decoramento, a imitação servil das escolas rotineiras; o professor póde dar os exercicios, de inspiração propria, em sua maneira de entender, interpretar e produzir, ensaiando gradativamente os alumnos nos generos da invenção, narração, descripção, bilhetes e cartas com a mesma liberdade competente por que os faz explicar e desenvolver themas de quadros muraes e o sentido das expressões, na leitura, na recitação ou declamação.

Quando Afranio Peixoto, numa conferencia feita no

Rio de Janeiro, occupou-se do problema intuitivo de nossa lingua, já as escolas publicas do Pará tinham abandonado os velhos moldes Por nossa parte, em nosso Collegio, sempre promovemos torneios de recitação de poesias e de leitura de trechos de prosa litteraria, bem escolhidos, e, para assumptos de composição, sempre preferimos os capazes de inspirar trabalhos originaes, desenvolvendo as idéas como os sentimentos moraes e creando um estylo expontaneo. No Curso Elementar, esses themas são tirados de quadros muraes, e, no Complementar, alem delles, costumamos pedir, por exemplo, a historia de um menino preguiçoso ou desobediente, a opinião sobre a melhor carreira a seguir ou sobre o emprego duma fortuna a desfructar, etc. E é de ver a naturalidade com que cada alumno manifesta desejos e convicções e até mesmo certo *humor* atravez do desalinho litterario a corrigir. Como exemplo, aqui transcrevemos uma destas composições, publicada na «Folha Escolar», de 7 de Setembro de 1917:

O MENINO GULOSO

Rodolpho bello menino, apezar de calmo e forte, era guloso como um gato. Logo de manhã, antes de ir para o collegio, enchia os bolsos a transbordar de doces, fructas e outras guloseimas; e, se por acaso algum dos seus collegas lh'as pedia, dava-lhe um *contra* e fugia, chegando ao ponto de trancar-se no quarto da roupa de gymnastica e comel-as até acabarem.

Uma vez, comeu quasi um quarto dum queijo flamengo, e tal era a gulodice que nem as cascas escaparam. D'ahi a pouco, o menino estava pallido como defunto, gemia com dôres no estomago e, obtendo licença de seu professor, retirou-se. Em casa queixou-se á sua mãe de que um grande desarranjo fazia-o correr, muitas vezes, para certo quarto, e ella, por castigo e conselho medico, obrigou-o a passar oito dias a succo de laranja.

Collegas, não devemos ser gulosos, ao menos para não soffrer taes jejuns e cahir ainda em ridiculo, de que só as pessoas grandes sabem escapar... RAUL COIMBRA *(vencedor do 6.º anno)*.

Quanto ao desenho, o novo programma é muito superior ao antigo, permittindo ao professor esperar resultados certos e admiraveis, conforme a intelligencia e temperamento dos alumnos, porque o methodo nelle apontado tem o mesmo merecimento psychologico do processo natural de Pestalozzi ou do educativo de Herbart, podendo-se verificar a personalidade e o progresso nos trabalhos graphicos de

cada um. E ahi estão as exposições officiaes e as particulares desses trabalhos escolares para confirmar a excellencia do methodo moderno, condemnando-se a rotina dos professores refractarios.

Quanto á Instrucção Moral e Civica, o programma traz instrucções tão eloquentes e exactas que, diante dellas, não precisaremos recorrer ao estudo da pedagogia das emoções e das inclinações pessoaes e moraes, para encaminhar ou formar o caracter dos alumnos. Nessas palestras, o mestre encontrará um fecho de ouro para encerrar a sua obra educativa das faculdades moraes dos infantes.

Em synthese, e dispensando-nos de tratar das outras materias, estamos em affirmar, sinceramente, que os actuaes programmas de ensino primario honram ao Estado e ao governo republicano do Pará.

Mestres incapazes

O que desmoraliza o ensino não é, portanto, essa questão de programma e de disciplina escolar, mas sim a ignorancia dos methodos pedagogicos ou a incapacidade de ensinar por elles, de accôrdo com a sciencia da educação; o que a prejudica, quanto a reformas, será talvez a instabilidade de planos ou de systemas e não a de detalhes, quando interrompem ou transtornam os bons habitos a seguir na cultura das faculdades dos educandos.

Prejuizo de maior monta occorre sempre quando ha quem não os comprehenda, os não acate ou execute fielmente, deixando de concorrer, sob o ponto de vista duma acção patriotica, com o seu contingente para que se realizem os fins legislativos e nacionaes.

Não falamos do professor inerte, descrente ou incapaz de ensinar, porque não o admittimos em actividade; referimo-nos a todos aquelles mestres, publicos ou particulares, que possam desvirtuar a nobre missão, considerando-a um simples meio de vida ou uma empreitada para ganhar dinheiro, explorando a vaidade imbecil de certos paes de familia que não comprehendem o ensino ou não têm ideaes; áquelles professores que desprezam os interesses da educação, rebaixando-se em dar um vislumbre de conhecimento reclamado para certo fim particular, sem se preoccupar com o caracter moral do individuo, antes armando-o da coragem de enganar o proximo ou o poder publico e privando-o da maior felicidade humana—a virtude do trabalho util, da sã consciencia e do patriotismo. Eduardo Rœhrich, como todos os educacionistas adiantados, ensina que o verdadeiro exito

em pedagogia não é o que se vê materialmente (diplomas, certificados, etc.), mas o caracter moral cuja cultura elle diz que se faz, sobretudo nas escolas primarias e nos lyceus e collegios de *toda ordem*. (15) Discordamos, porém, quando abre excepção para as escolas especiaes ou faculdades de sciencias, onde um professor «fait son cours *ex cathedra*, sans se préoccuper des sentiments que ses explications peuvent faire naître dans le cœur de ses auditeurs». Para nós, o mestre terá sempre de tomar parte activa no moral do alumno, por palavras e obras.

Ainda mais: Ha escolas em que se não distingue qual o ensino primario e qual o secundario; ha outras em que os alumnos são *electrizados*, para satisfazerem vaidades tôlas e figurarem no curso secundario, onde *parece* que o mestre fica mais livre de responsabilidade, levando-os a se aventurarem nos exames officiaes de preparatorios. Taes aggravos feitos ao ensino dos nossos compatriotas deveriam constituir crimes capitulados no Codigo Penal. E ainda são pagos! Poderiamos carregar mais o quadro de côres negras se fossemos analysar o ensino dado por certos mestres extrangeiros, religiosos ou leigos, que desconhecem a nossa lingua e que, mesmo na sua, mostram-se incapazes de produzir uma lição, uma palestra, um trabalho qualquer de merecimento pedagogico.

Entre os grandes pensadores norte-americanos dos ultimos tempos, Emerson, William James, e Theodoro Roosevelt, os dois ultimos occuparam-se com o problema da educação moral, influenciados por suas theorias sociologicas pessoaes; mas ha um ponto em que elles se encontram para falar á consciencia de todos — a actividade incessante, honesta e creadora, proveitosa ao individuo e á Patria. James diz: «Não ha caracter mais desprezivel do que o do homem sem energia alguma, sentimental e sonhador, que passa a vida afogado em emoções, sem praticar uma acção viril.» (16)

E Rooselvelt, por sua vez, declara que se lhe fosse dado escolher entre a instrucção e a energia moral para actos nobres, elle não hesitaria em preferir esta; que um homem instruido deve sempre se apresentar como bom cidadão e com a consciencia de que só valerá pelo merecimento real de suas obras e se viver armado de coragem, de resolução e de força de resistencia para combater o mal; que as suas virtudes devem ser fortes como a do soldado no campo de batalha; que, se admiramos os grandes oradores e os

(15) V. «Philosophie de l'Éducation», pag. 49 e 89.
(16) Cit. «Causeries Pedagogiques».

grandes escriptores que nos enthusiasmam pelas fascinações de seu talento, devemos admirar e amar, de preferencia, os que falaram por suas acções; que as classes, como os individuos, devem ter a força de vontade de fazer por si a sua felicidade e salvação, sem esperarem pela intervenção do Estado ou dum milagre de caridade. (17)

A todos estes grandes ensinamentos, de sabedoria e justiça, poderiamos ajuntar aquella sentença do mesmo William James, ao mesmo tempo psychologica e de tão grande alcance moral, que seria sufficiente só por si para celebrizar o philosopho americano, como o *nosce te ipsum* do immortal Socrates: Para vencer na vida, disse elle, *faze do teu systema nervoso um alliado e nunca um inimigo!* Emerson, o pantheista de genio, tambem exhorta os homens a procurarem na sua alma todas as energias de sua personalidade para arrostarem a vida com dignidade. (18)

Appêllo aos bons mestres

Se todas estas verdades devem inspirar e nortear o coração e o espirito dos homens, com muito mais razão ellas devem formar o melhor estofo da alma dos professores, cuja vida não é menos intensa, e cuja profissão não é menos nobre do que a das outras classes. Professores, não vos deveis limitar somente a cultivar as aptidões dos vossos discipulos; precisaes tambem descobrir e encaminhar vocações e fazer patriotas.

Neste momento de apprehensões terriveis em que se debate a nação, após a grande guerra que transformou o mundo civilizado, cumpre a nós educadores, o maior de todos os esforços, no sentido de levantal-a do abatimento pela actividade e pelo patriotismo da nova geração. Ao culto duma vida respeitavel, fortemente moral, digna de ser vivida, como pregam os pastores das igrejas christãs, nos Estados-Unidos, visando o *ideal social,* devemos ligar a propaganda das novas normas de conducta e de trabalho, visando o *ideal brasileiro.* Formado o verdadeiro patriotismo pelo conhecimento consciencioso da nossa terra, da nossa historia e da nossa lingua, comparada com as dos outros povos progressivos, tendes de communical-o aos vossos discipulos, para que se tornem os futuros agentes da grandeza nacional, e, estudando com elles todas as bellezas e todos os

(17) Cit. Torau-Bayle, no cap. *Philosophie americaine.*

(18) V. citadas «Causeries Pedagogiques». «Essais Choisis», trad. do inglez por Henriette Thorens.

thezouros do Brasil, haveis de mostrar-lhes tambem os grandes erros do passado, como os do presente, e quaes as necessidades mais vitaes a satisfazer.

Effectivamente, além da questão moral que interessa de perto a familia, a saúde e a vida util, ameaçada pela corrupção dos costumes actuaes, pela qual, com surpreza, vemos desgraçadamente attingidos alguns adolescentes, ha a questão economica que interessa o nosso credito, no exterior, e a nossa prosperidade, no interior, e a questão social que envolve interesses de todas as ordens.

E' preciso que prepareis os futuros cidadãos para uma luta titanica em que o Brasil não deve ficar vencido, porque teria que desapparecer nessa multipla concorrencia com o extrangeiro, convindo, desde logo, mostrar-lhes a marcha a seguir e as melhores posições estrategicas a occupar, nesse combate estupendo e singular. O proprio desenvolvimento das nossas industrias, como já se tem reclamado sem echo, demanda uma educação especial dos operarios brasileiros, para que, a par da habilitação technica, mantenham seus deveres, seus direitos, suas convicções e sua operosidade, subordinados ao sentimento nacional.

Como sabeis, essa agitação extraordinaria que Yves Guyot chamou «a comédia socialista», já se transformou numa tragedia anarchisante e devastadora; essas lutas de classes travadas internamente, que se explicava pela lei da selecção natural de Darwin e que hoje o socialismo procura abolir violentamente por uma acção commum entre todos os homens, devem por vós ser bem comprehendidas e bem ensinadas para não desvairarem os moços, mais tarde.

E' preciso assegurar a todos, como pregava Karl Marx, uma instrucção proporcional que os ponha no caso de estudarem a sciencia fazendo-os adquirir capacidades especiaes, concordes com suas aptidões, uma instrucção que adapte o trabalhador ás multiplas exigencias do trabalho, e o ensino a ministrar aos vossos discipulos, devendo fazer justiça ao proletariado, deve tambem prevenir a defesa da propriedade, da familia, das religiões e do proprio Estado; deve combater e condemnar o arrazamento de instituições sociaes, que se formaram historicamente, numa lenta evolução e têm dado os mais bellos fructos á humanidade, entre as nações vivazes.

Nessa magna questão de analphabetismo e de ensino moral e profissional da nossa gente, a propaganda dos professores precisava ter a extensão e a força daquelles denodados agitadores christãos do chamado «exercito da salva-

ção», tão ridicularizados pelos indifferentes, mas tão sympathicos aos patriotas e philantropos, daquelles fanaticos, que nos Estados-Unidos, costumam buscar, até nas tócas, os mais humildes desherdados da sorte, para lhes dar alimento e consolações e que, ao mesmo tempo, perseguem os viciosos, combatem o alcoolismo e outros males, pregando ao ar livre, semeando a palavra do bem, nas cidades e nos campos.

Dest'arte formarieis novas ligas de ensino, multiplicando os esforços da unica fundada neste Estado, fazendo mais do que aquelles salutistas norte-americanos, porque elles se preoccupam unicamente com a salvação e felicidade do proximo, ao passo que vós conseguirieis, principalmente, a grandeza e prosperidade nacionaes. Já uma vez nos pronunciámos pela imprensa sobre essa campanha em prol dos analphabetos, dizendo que o problema não se resolve somente pela simples fundação de escolas de ensino primario, porquanto saber ler, escrever e contar, sem educação moral e sem ensino profissional, poderia peorar a situação do paiz, augmentando o numero dos profissionaes dos crimes ou dos ociosos letrados.

Do assumpto occupa-se vibrantemente A. Carneiro Leão, em mais dum capitulo do bello livro «Problemas de Educação».

A Cultura Physica

Finalmente, ainda ha a questão da cultura physica que, attendida nas escolas publicas com os parcos recursos do Governo, não pode aproveitar satisfactoriamente aos filhos do povo. Deu-se entre nós o mesmo phenomeno descripto pelo Dr. Tissié e produzido em França, no começo deste seculo. Para que o ensino pedagogico na educação physica chegasse a acompanhar alli o progresso dos povos do norte, especialmente a Suecia, foi preciso que o esforço impulsivo da mocidade, levada pela lei evolutiva e da imitação conseguisse impôr suas necessidades, arrastando, após si, paes e mestres, antes refractarios, pois estes, accrescenta elle, não podiam *comprehender pelos musculos*. E deu-se o que chama a *victoria da vida*. (19)

A gymnastica das nossas escolas auxilía a educação moral, é certo; mas falta-lhe o exercicio das vontades, a provocação das iniciativas e o enthusiasmo dos alumnos, a des-

pertar-lhe o senso da vida, activa e fecunda, por uma educação physica racional e completa, basica de toda educação intellectual e moral.

Ha mais de trinta annos que José Verissimo pregava a necessidade dos jogos ao ar livre, promovidos pelas municipalidades e estas ficaram surdas á bôa idéa da creação de prados ou campos convenientes, onde os alumnos das escolas publicas ou particulares se podessem recrear. Indo, como ainda vão, aos cinemas das cidades ou villas para applaudir os heroes da fôrça, do estouvamento e da bondade,—esses festejados Macistes e Georges Walsh—elles precisavam expandir-se numa ansia de se avigorar, de se tornar athletas como aquelles e, então, correram ás lutas, nos famosos campos de *foot-ball* e se atiraram ao remo e á natação, acclamados por moços e velhos, paes e mestres e até delicadas senhorinhas da nossa alta sociedade. (20)

O proprio escotismo tem despertado grande enthusiasmo nos centros escolares e se vae organizando e exercitando com certo exito relativo. Entretanto, ainda falta-nos uma escola de cultura physica para formar os mestres e instructores indispensaveis para dirigir e regulamentar os impulsos dessa mocidade vivaz e intelligente, que não póde ficar entregue á sua inexperiencia, sob pena de assistirmos aos constantes e lamentaveis effeitos physica e moralmente contraproducentes. Meia duzia de competentes bastaria para organizal-a, attrahindo e aproveitando centenas de moços instruidos nos desportos e que, bem cêdo, se tornariam bons guias nos exercicios physicos.

Essa falta tambem foi arguida na Italia e reclamada por Angelo Mosso e hoje se acha preenchida nos centros cultos. Este grande sociologo foi estudar os processos modernos nos Estados-Unidos da America do Norte, occupando-se do assumpto historica e technicamente, no seu bello livro «Mens sana in corpore sano», onde encarece a necessidade de *cursos magistraes*, como os que mais admirou alli. Tambem nos occuparemos em breve da creação dum instituto desse genero.

Cumpre, portanto, ao patriotismo dos bons professores promover a fundação de ligas de cultura physica, como em França, para a organização dos institutos respectivos, para a propagação dos jogos nas escolas primarias, secundarias e superiores, para a creação de *estádios*, onde mo-

(20) Essa questão de cultura physica é magistralmente versada pelo Dr. Fernando de Azevêdo, num estylo encantador, considerando-a talvez *o problema focal de eugenia*. V. «Antinoüs», pag. 21

ços e moças meçam as suas forças pela bravura dos mestres prudentes e sabios e exhibam publicamente todo o seu valor e progresso physico nos concursos desportivos de federação escolar. E tal serviço, confirmado em factos, seria mais um titulo de gloria para o vosso apostolado patriotico. O triumpho brasileiro nos jogos olympicos, ultimamente realizados em Antuerpia, o *raid* de Edú Chaves, de Pinto Martins e outros feitos desportivos, de caracter internacional, mostram bem que a nossa raça só precisa duma cultura geral, para rivalizar com as melhores.

Não precisamos dizer mais. Avante! Trabalhemos todos para que se possa justificar no Brasil o celebrado lemma de Juvenal: « *Mens sana in corpore sano* ». Trabalhemos para que esta educação dos jovens brasileiros possa servir os nossos mais bellos ideaes de professores, igualmente brasileiros!

III

Processos Pedagogicos

Processos Pedagogicos

Organização e espirito do nosso Instituto

O Collegio Progresso Paraense, de instrucção primaria e secundaria, desde a sua fundação, em 1907, tem mantido sempre o mesmo espirito educativo e, seguindo as idéas de Horacio Mann, num regimen de coeducação efficiente de que ainda não nos arrependemos.

O ensino primario é ministrado num Grupo Escolar, dividido em seis classes, comprehendendo a escola infantil, o curso médio ou elementar e o complementar ou superior. O secundario consta dum Curso Fundamental para instrucção integral de sciencias e lettras, correspondendo ao curso congenere official, para habilitação ás Academias e obtenção duma cultura geral; o Normal equiparado á Escola Official, propondo-se a formar professores primarios pelos principios da pedagogia moderna, com aulas praticas de Psychologia infantil e de Methodologia; e o Commercial, visando preparar alumnos, por um programma pautado pelos dos institutos bem organizados, com aulas theoricas e praticas.

Muitos cuidados são dispensados á educação physica e á saúde dos alumnos, com inspecção medica constante, exercicios de gymnastica racional e callisthenica respectiva a cada sexo, jogos ao ar livre, todos os dias; exercicios militares feitos pelo batalhão escolar, devidamente uniformisado, armado e instruido por um sub-official do exercito, para tirar caderneta de reservista. O desenho e arte applicada, bem como o canto coral são obrigatorios a todas as classes e concorrem para desenvolver os sentimentos estheticos e civicos, abrilhantando as exposições e animando os frequentes festivaes que são bem justificados.

O Gremio Civico e Litterario «Joaquim Nabuco», formado pelos alumnos mais adiantados do Collegio, desenvolve os estudos de todos os cursos, por meio de trabalhos variados, feitos em sessões ordinarias semanaes, e extraordinarias e solennes para commemorar grandes datas nacionaes ou glorificar os nossos grandes homens.

Sobre a organização e merecimento pedagogico do in-

stituto, transcrevemos o seguinte juizo do competente jornalista sr. J. Simões Coelho, da «Illustração Portugueza», quando o visitou:

«Raros são os colegios particulares no Brasil, que não obedeçam, cegamente, aos programas da didatica oficial. Talvez não seja de mais atribuir essa passividade pedagogica ao receio de aplicar o que em materia de racionalismo escolar se tem feito na Europa. Acontece, porém, que logo que haja um estabelecimento de ensino que rompa com os velhos e absolutos preconceitos e demonstre os efeitos praticos de uma educação nacional, fatalmente que todas as atenções hão de convergir para seus processos educacionaes. Foi o que se deu com o bem dirigido Colegio «Progresso Paraense».

Ao Pará cabe a honra de possuir a melhor escola particular do Norte do Brasil; ao seu illustre fundador, Dr. Arthur Porto, a posição invejavel de se ver rodeado de creanças que o estimam e adoram.

Assistimos aos trabalhos escolares e vimos a inteligente direção da dinâmica pedagogica, na permuta incessante de relações entre professores e alunos. Observámos a feliz escolha dos mestres e a docilidade dos discipulos. Foi-nos dada a ventura de analisar, detidamente, como um cerebro pequenino evoluciona, desde que o professorado saiba compreender o conselho de Rousseau:—«Deixae amadurecer a infancia nas creanças». Ouvimos petizes ter opiniões proprias, para vergonha dos homens que pedem a outrem raciocine por eles... Se até então nos fossem desconhecidos os processos racionalistas do ensino bastaria a visita que em nome da «Ilustração Portugueza» fizemos ao já acreditado colegio paraense, para ficarmos convencidos de que só a educação racional das creanças é que pode libertar as futuras gerações de todos os prejuisos convencionaes.

.....

Vencendo, aos poucos, os obstaculos que os misoneistas da educação lhe têm creado, o digno director desse garrulo bando de estudiosos paraenses, que hão de honrar o seu paiz, nada receia que o estorve, tão consciente está de que só os homens raros como ele dominam. Submetendo-se ao um criterio generalisador, como todos os grandes educacionistas, soube rodear-se de creaturas inteligentes, bôas e dedicadas, que amam as creanças e as respeitam como a elas proprias. Delineou um plano de estudos, o mais consentaneo com a reforma do ministro de interior, Dr. Rivadavia Correia, menos na pratica, aliás criticada asperamente, em que é preconisada a liberdade de ensino secundario, sem curar da competencia do professorado dos colegios, exigindo somente um certificado de exame de admissão ás Academias superiores, variando conforme os seus fins.

Essa parte é que o Colegio «Progresso Paraense» não quiz respeitar, mantendo a sua organisação de ensino, reagindo sempre contra a tendencia geral do industrialismo: crear um pretendido *curso de admissão*.

Habil prescrutador do meio ambiente, chegou ao convencimento de que são pouquissimos os professores que de coração se entreguem a tão nobilissima carreira.

Para obviar esse prejudicialissimo mal, creou o Curso Normal a fim de preparar, sob um criterio modernissimo, os futuros professores primarios de alevantado ideal e consciente mistér.

A educação é mixta, o que demonstra o espirito orientado e altivo que assim sabe romper com a separação dos sexos em materia es-

colar. E não julguem os timidos paes que suas filhas são menos respeitadas por isso; pelo contrario, vi os meninos e as meninas permutarem explicações, subsidiando-se mutuamente, sem aquele sorriso malevolo que vimos entre alunos e alunas que se não conhecem. E o que é mais interessante é que não existem inspectores: a fiscalização é feita pelos proprios escolares de ambos os sexos. Desde o ensino primario ao ultimo anno do Curso Secundario, em que o aluno desce á vida com a consciencia do seu proprio eu, os metodos são os mais racionaes possiveis.

Não ha aula em que a creança se não sinta á vontade, que é o meio caminho andado para a captação do seu raciocinio. O systema de ensinar as primeiras letras é intuitivo por meio da imagem, com elementos que a creança aprende facilmente.

Por este processo moderno de leitura entra de conhecer um certo vocabulario graphico por actos repetidos de associação de idéas, que lhes dá novos estimulos.

O professor utilisa o habito mental adquirido na aprendisagem falada, porquanto, como diz um escriptor —«O antigo metodo de decorar silabas, elementos inexpressivos, é um recurso meramente artificial e, peior do que isso, um processo contrario em absoluto ás leis historicas da evolução do cerebro humano, as quaes, por atavismo, a creança vae reproduzindo no decurso do seu desenvolvimento. As conversações sobre assuntos de quadros muraes, graduados e contendo, em anos superiores, lições moraes, preparam, desde o segundo ano, os alunos a redigir com inteira compreensão.

As historias ou contos burlescos, que tenham finalidade moral, fortificam a faculdade da atenção de ouvir. O canto coral desenvolve sentimentos esteticos, a par com o desenho, que é ensinado por um processo original do Dr. Teodoro Braga. E' deveras interessante a maneira como as creanças aprendem as artes rudimentares do desenho. Vão á natureza buscar os modelos que, por vezes, denunciam primêva infantilidade mas, tambem sôe acontecer observar-se uma grande precocidade de inspiração e senso artistico.

Assim como vimos trabalhos de extrema simplicidade, porque simples são os motivos que os geraram, analisamos outros que possuem verdadeira perspicacia estetica. Só depois de adquirida a facilidade de execução é que manuseiam os melhores livros da especialidade.

O espirito associativo dos alunos nota-se no seguinte facto, que muito os honra: No dia 4 de abril de 1912 fundaram o gremio «Civico e Literario Joaquim Nabuco», que, como rezam os estatutos, tem «por fim cultivar os sentimentos civicos, moraes, especialmente caritativos, familiares, e bem assim desenvolver a iniciativa pelos actos heroicos e humanitarios e o gosto pelos estudos literarios, scientificos e esteticos».

Quanto á elevação moral, basta transcrever o que diz o art. 2.º: «Louvar ou premiar o socio que tenha praticado um acto de coragem, nobreza ou humanidade, quer com relação a pessoas estranhas, em qualquer parte, dentro ou fóra do Colegio, comtanto se o facto chegar ao conhecimento da sociedade e seja praticado por iniciativa propria e julgado digno de louvor ou premio».

Com estabelecimentos de ensino particular, como o Colegio «Progresso Paraense», póde o Brasil radicar a idéa de que na Escola é que está o futuro consciente do seu valor coletivo».

Mantemos um internato tão livre e tão limitado que a disciplina dos alumnos pode, sem esforço, adaptar-se ao externato e sempre praticamol-a como uma acquisição e ma-

nutenção de bons habitos de vida e de trabalho, de modo que todo o tempo é preenchido numa justa proporção entre os estudos, os recreios, a hygiene e o repouso. Procuramos, antes de tudo, dar aos nossos alumnos uma vida intensa para livral-os de pensamentos e habitos malsãos, fiscalizando seus lazeres para encorajal-os e defendel-os contra tudo que possa violar os principios da bôa educação, cuja principal base é a moralidade das acções. Em vez de uma auctoridade mecanica, elles têm de ser conduzidos pela consciencia dos deveres, no seu proprio interesse. Usamos admoestal-os, justificando sempre a prohibição dos actos que lhes são desfavoraveis.

Bem cedo fazem elles uma iniciação litteraria em livros de bôa leitura ou sejam contos, viagens e romances, manuseados em horas proprias, para que o habito dessa leitura possa radicar-se, apurar o bom gosto do vernaculo e concorrer para uma auto-educação post-escolar.

A eliminação do que possa causar escandalo é imposta como um dos primeiros ensinamentos moraes. Quem ouvir ou lobrigar palavra ou acto inconveniente e condemnavel, escripto ou não, fará o possivel de evitar que chegue ao conhecimento de outrem, ora apagando uma inscripção, ora condemnando um mau gesto, na consciencia de que pratica um dever louvavel, segundo o bom criterio do educador.

No que concerne ás relações com as suas collegas, procedemos ainda como João Aicard, para quem os adolescentes devem ser acostumados a se considerarem protectores cavalheirescos das jovens em geral, especialmente das suas companheiras de estudos, não vendo nellas seres extranhos nem objecto de curiosidade constante ou maliciosa.

Já uma vez dissemos que a propria coeducação de moços e moças parece influir bem na formação moral de todos, pois eu não creio na heresia de quem, talvez por não ter competencia para educar moças, condemnou a coeducação entre nós, avançando que ella dá maus resultados, por força de nosso clima e de nossa raça, tornando os alumnos inclinados aos maus pensamentos e actos. Este modo de educar é uma idéa vencedora entre os povos de raça germanica, na Allemanha, Suissa, Suecia, Inglaterra e parte da Norte-America como tambem na propria França, onde o problema foi tantas vezes discutido. E ella veiu a ser acceita e proclamada no 2.º Congresso Internacional de obras e instituições femininas, reunidas em Paris em 1900. Em nosso pequeno campo de cultura escolar posso affirmar que temos tirado bom resultado da coeducação. As alumnas acompanham e até algumas vencem

tudos e estes habituam-se a tratal-as como collegas, embora todos procurem naturalmente apresentar-se bem *vis a vis* do outro sexo, mas sem aquella preoccupação de *flirt* que, nas escolas bem dirigidas, cobre de ridiculo os que são descobertos e logo corridos...

O bom senso é o preventivo dessa e de outras fraquezas ou vicios, e sem elle não pode haver ensino. Não ha portanto questão de clima nem de raça para a coeducação.

Alem disso, a constante communicação em que todos nos achamos, solidariamente, proporciona uma vida ás claras, preventiva de incidentes contrarios aos nossos principios.

Não ha prisões nem isolamentos.

Duas vezes por semana, effectua-se uma reunião geral do corpo discente sob a presidencia do educador, e este inquire os alumnos sobre suas necessidades e queixas que por ventura tenham contra mestres ou collegas ou sobre o tratamento no internato, ouve a leitura das notas de aproveitamento e conducta, louva as bôas acções ou reprova e censura quaesquer faltas que forem denunciadas. Ha sempre louvores para quem, por exemplo, desfaz uma rixa, proteje um fraco, evita na rua um accidente ou exerce a caridade, entrega objectos perdidos, inclusive dinheiro, e, sobretudo, defende a sua escola e os seus mestres contra accusações injustas.

Lições de hygiene e civilidade são dadas então, occasionalmente, condemnando o desmazêlo, as grosserias, os vicios em geral, a incorrecção dentro e fóra do collegio, etc. E a reunião termina, separando-se todos bem dispostos, depois de cantarem um hymno patriotico.

Tambem outras reuniões são feitas como as das quintas-feiras, antes das aulas, destinadas ás palestras pedagogicas pelas professoras do curso primario. Sendo de caracter technico e proprio para cultivar o moral dos alumnos, de accôrdo com o criterio do Director, constituem um capitulo especial deste livro, onde muitas vem registadas.

Os proprios recreios são alegres e fiscalizados para que os jogos se façam pelas regras respectivas, presididos pelos sentimentos de justiça, cavalheirismo e bravura.

A iniciativa e a personalidade dos alumnos são provocadas e cultivadas tanto nos estudos com os mestres, como na bôa camaradagem entre collegas, o respeito não exclue as consultas e palestras constantes, assim como a confiança não dispensa o affecto, a permissão para a liberdade de communicação de idéas e sentimentos. Só desse modo se pode influir na perfeita educação do caracter.

Nossos alumnos mais sensatos e adiantados exercem

uma bôa influencia sobre seus collegas, porque os aconselham, elucidam e encaminham com a maxima espontaneidade. Nas horas de estudos, as consultas facilitam o preparo das lições e, fora das aulas, os menos experientes procuram imitar os mais adestrados. Ha sempre uma commissão de alumnos destinada a instruir os novatos sobre o que é prohibido fazer, assim como, nos festivaes, as de organização e fiscalização alem daquellas exigidas pelos estatutos do seu «Gremio» que são as de maior relevo, assim discriminadas, no art. 5.º dos mesmos:

> A primeira commissão, composta de toda a directoria e officialidade superior e inferior do batalhão, providenciará sobre o alistamento dos soldados, arrecadação e limpeza das armas, auxilio ao instructor, contractos de musicas, inspecção geral, conhecimento e julgamento de mau comportamento, sob a presidencia do director.
>
> Esta commissão escolherá ainda um dos consocios para fazer allocução civica ao batalhão, nos dias de passeio militar.
>
> A segunda providenciará sobre a execução dos programmas das festas civicas, litterarias ou esthetica e familiares, como conferencias, discursos, exposições, concursos, recitações, danças, banquetes, etc., assim como as desportivas, velando pela melhor ordem e brilhantismo das mesmas.
>
> A terceira composta somente das alumnas do Collegio, incumbir-se-á de promover actos de caridade e angariar ou cobrar a mensalidade de cada socio ou os donativos que forem feitos independentes della, prestando contas ao thesoureiro.
>
> A quarta promoverá o offerecimento e distribuição de theses ou problemas moraes, para discussão ou dissertação de assumpto para concurso ou exposição, jurys historicos, creação, confecção e distribuição de premios aos vencedores julgados pela mesma commissão, de accordo com a directoria e com o professor de desenho.
>
> A quinta, finalmente, ridigirá e auxiliará a revista, escolhendo socios que tenham que trabalhar como typographos, impressor e tratando da acquisição e conservação do material, de accordo com a directoria. Ella será presidida por um lente do Collegio.

Acção do Gremio "Joaquim Nabuco"

Foi uma idéa feliz a de agremiar os alumnos adiantados e pôl-os á frente de todo o movimento intellectual e moral dos seus collegas, provocando e intensificando uma cul-

tura geral em desenvolvimento dos estudos feitos nas classes, porque, desde a sua fundação, despertou em todos interesse e enthusiasmo, renovados, todos os annos, com as directorias que vão promovendo, sempre em maior escala, os trabalhos exigidos aos consocios, procurando todas ellas seguir as brilhantes tradições das anteriores. Tendo este Gremio um exercicio effectivo e não transitorio e incerto como tantos congeneres, trabalhando regularmente durante o anno lectivo como se cumprisse um programma escolar obrigatorio, pode-se dizer que elle é o proprio Collegio em acção. De facto, é inegavel o serviço extraordinario que presta á causa do ensino, desde que supre as lacunas dos estudos não seriados, obriga a tarefas que desenvolvem as faculdades intellectivas assim como as moraes e physicas, e especialmente communica aos moços um espirito de personalidade e desejo de progresso, dando-lhes a coragem para as lutas do pensamento, atravez dos ensaios de elocução e de critica, num movimento espontaneo e enthusiastico, apenas orientados por seus professores ou auxiliados pelo educador, quando a tarefa a desempenhar é mais difficil. Geralmente, por não se acharem habilitados ás pugnas litterarias, começam os nossos discipulos titubeantes até que, mais tarde, os mais habeis conseguem fazer surtos oratorios apreciaveis ou dissertações em que mostram ter assimilado bem o que aprenderam ou consultaram, em sciencias e lettras de suas classes. O estudo da lingua vernacula forma a base principal dessa cultura e o interesse ou patriotismo com que vão discutindo os assumptos nacionaes muito influe no arrojo de se atirarem á arena de suas exibições, na qual são julgados e sempre applaudidos pela maioria dos consocios. Todas as sessões decorrem animadas e prolongam-se, muitas vezes, alem de duas horas, principalmente quando julgam personagens historicas perante o jury, porque os contendores batem-se com bravura, bem informados pelos historiadores, procurando imitar os oradores do forum, em replica e treplica.

Grandes e pequenos de ambos os sexos, excluida a classe infantil, todos os alumnos são sujeitos a sorteios prévios para cada sessão, de modo que se tornam variadas e interessantes, a começar pelos torneios julgados pela assembléa geral que proclama vencedor e applaude quem alcança maioria de votos. Os trabalhos sorteados têm por objecto a leitura de trechos vernaculos accessiveis a cada classe, recitações de versos bem escolhidos, em portuguez ou francez, pela Commissão de Theses, e bem assim a producção dum conto original, lido ou declamado, dissertação de theses, critica de obras didacticas e litterarias e as discussões, nos

jurys historicos, accusando ou defendendo as personagens. Alem disso, em cada sessão, é designado um socio para trazer ao conhecimento da sociedade os factos mais importantes da semana, passados dentro ou fóra do paiz, para que possam ser commentados e discutidos, quando se relacionam com os interesses do Brasil. Varios são os relatorios lidos pelos orgãos das commissões, não só concernentes ao batalhão escolar como tambem á especial de theses e outras; todas ellas despertam interesses e são sujeitas a julgamento.

Uma fonte de iniciativas se desenvolve no seio deste Gremio, porque elle resolve sobre tudo o que está fóra do regimen das aulas, a bem do progresso e cultura geraes e sobre os festivaes que organiza, de accôrdo com o director dando providencias assecuratorias do brilhante exito costumado. As proprias distribuições de premios tambem occorrem em sessões solennes, tanto por occasião do encerramento dos trabalhos lectivos como, extraordinariamente, quando se confere medalha de honra, por merito excepcional, ao melhor alumno do anno, ou se entrega uma taça ao vencedor de pugna disputada em jogos esportivos etc. E' ainda o Gremio que promove demonstrações civicas como as seguintes: offerecer e depositar uma bella corôa de louros, artisticamente confeccionada pelo distincto mestre Dr. Theodoro Braga, no cadafalco do Barão do Rio Branco, sob o lemma—*Ubique patriæ melior;* uma visita ao couraçado «Minas Geraes», em homenagem ao ministro Lauro Muller; sessões de commemoração especial, como a do jubileu intellectual de Ruy Barbosa; comparecimento do batalhão a cerimonias do juramento da Bandeira pelos conscriptos do exercito nacional; a sua incorporação a todos os prestitos e paradas militares; exibição duma grande turma de gymnastica no Campo da Liga dos Esportes Terrestres, a convite do director da escola de aprendizes marinheiros, para uma obra de caridade etc.

A este respeito, os saldos da receita do Gremio são applicados, em cada anno, a obras piedosas, por ex. para mitigar o soffrimento de crianças pobres, na noite de Natal, por intermedio da associação das Filhas de Maria, para os flagellados da secca, leprosos de Tucunduba, para a pobreza envergonhada, por intermedio das Damas de Caridade e outras.

Quanto á natureza dos trabalhos scientificos ou litterarios exibidos no seio delle, para se julgar do seu merecimento e progresso dos auctores, basta ler o ultimo capitulo deste livro, onde muitos estão registados.

Finalmente, por iniciativa do mesmo Gremio, ha um

orgão de imprensa no Collegio e algumas series de brilhantes conferencias pedagogicas têm sido feitas pelos seus professores.

Dissemos que os trabalhos executados por sorteio muito concorrem para facilitar o estudo de humanidades, porque, alem de desenvolver o entendimento e apurar o gosto pelas lettras, predispõem os alumnos, pelo desembaraço progressivo de suas exibições, a vencerem as difficuldades das disciplinas em que se preparam nas aulas. Quem estuda com interesse a Historia em varios tratadistas para defender ou accusar com bons fundamentos uma personagem, quem se aprofunda na Geographia, na Philologia como em outras sciencias, para fazer uma conscienciosa dissertação de theses, encontrará muito menor difficuldade em estudar as lições obrigatorias de suas classes.

Como isto é differente do processo mechanico da *chauffage* concernente aos exames de preparatorios! Nesse regimen artificioso e mercenario em que os mestres são simples orelhadores, na phrase de Ruy Barbosa, os moços ainda têm a desvantagem de se despreoccupar das bôas acções, porque, desperdiçando o tempo, em vez de occupal-o com a leitura, exercicios physicos e tudo mais que deve constituir a vida intensa dos bons estudantes, perdem até a noção da hygiene propria e destroem o caracter que podiam formar para bons patriotas, numa educação proporcionada. Assim, não será commum ver alumnos, guiados pelos nossos principios, dar os tristes exemplos moraes que se nota nos que frequentam as casas de *chauffage*, em que a instrucção é exclusivamente destinada a preparal-os para exames finaes, deixando-os, nos intervalos das aulas, sem orientação, sem disciplina e sem vigilancia.

* * *

Entretanto, nem sempre o nosso esforço tem sido bem comprehendido e acceito. Temos encontrado paes de alumnos, alguns aliás diplomados e altamente collocados, que divergem comnosco, uns porque não quizemos dar valor aos celebres certificados adquiridos a pretexto da epidemia da grippe; outros porque não admittem o ensino de desenho senão para formar artistas; outros porque entendem que a gymnastica desenvolve o corpo em detrimento da intelligencia que fica embotada. E todos foram entregar os filhos aos mestres de *chauffage*. E' que elles queriam realmente uma abreviação dos estudos dos seus filhos e nada mais. Um deputado chegou a dizer-nos que não sabia para que distin-

guir entre estudo secundario e primario, desde criança sempre seguiu o regimen dos preparatorios e não queria outro para os seus filhos. E tambem estes foram entregues ao emprateiro...

Seja, porem, como fôr, temos sido intransigentes com esses erros, pois, embora essa luta incessante nos traga desgostos e prejuizos, não nos afastamos do nosso ideal educativo que é preparar a mocidade para a vida util, para a virtude e para o serviço da Patria.

Nossas exposições de Desenho

Se ainda não temos officinas de trabalhos manuaes para desenvolver melhor as aptidões dos nossos alumnos, restanos a compensação do que conseguimos pelo desenho.

Assim como a gymnastica e o canto coral, essa disciplina entrou logo nos habitos escolares, de maneira a não constituir um sacrificio a confecção e exposição de originaes, aberta ao publico todos os annos. De facto, o desenho é altamente educativo, porque faz as crianças desenvolverem e reproduzirem graphicamente as suas espontaneas observações, adquirindo qualidades que não possuiam, taes como a habilidade manual, o golpe de vista penetrante e seguro, uma curiosidade séria, uma imaginação disciplinada; elle é um auxiliar indispensavel de todas as industrias e officios, chegando até a poder especializar as prôfissões, quer descobrindo o futuro artista, quer o engenheiro ou o simples commerciante. E a excellencia do desenho estende-se mais longe ainda—ella é moralizadora: desde que entre nos habitos do discipulo, crêa logo o amor ao bello e este sentimento repelle as fealdades moraes, desperta o enthusiasmo pelas bellas formas, bellas cores, bellos pensamentos, tanto nos esplendores salutares da vida plastica como nas scenas poeticas da natureza.

Nesse sentido, o ensino de desenho constitue para o nosso instituto verdadeiro titulo de gloria e, melhor do que nós, o pode justificar o laureado artista e competente mestre Dr. Theodoro Braga, no valioso Relatorio feito numa solennidade presidida pelo digno Governador do Estado, a 7 de Setembro de 1921. Eil-a:

Quiz a confiança do provecto mestre e Director deste templo de estudo, de educação, de instrucção e de civismo, encarregar-me de relatar-vos summariamente o concurso valioso que o Collegio «Progresso Paraense» tem prestado, entre nós, á causa nacional, no delicado ramo da instrucção, que é a aprendizagem e uso pratico do desenho.

Não é lugar aqui de dizer-vos nem convencer da imperiosa uti-

lidade do conhecimento seguro dessa arma intellectual, qual a de graphar a forma das cousas, linguagem universal que não conhece fronteiras mas que approxima os homens.

Succintamente dir-vos-ei da evolução por que tem passado esta disciplina escolar em tão boa hora já, entre nós, obrigatoria nos estudos primarios.

E' de nossos dias ainda a estampa extrangeira e mal feita, imperando officialmente dentro dos estabelecimentos de instrucção publica, contaminando assim a sensibilidade artistica das nossas crianças.

Partiram deste Collegio o protesto e a acção contra esse abuso pernicioso, do que travou-se uma luta desigual de um contra todos.

Alea jacta est.

O ponto inicial desse movimento ascencional do ensino racional e util entre nós deu-se sob os auspicios do sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, então Governador do Estado, inaugurando a 7 de Setembro de 1909 a primeira exposição official escolar de desenho, composta de trabalhos executados nas escolas publicas e particulares do Pará e installada com todas as honras no salão nobre do Theatro da Paz. A ella accorreram 870 expositores com 1825 estudos.

Era a primeira victoria.

A sociedade paraense viu que as criancinhas não despendiam todo o seu tempo de estudo somente com as disciplinas primordialmente necessarias e, apezar de um conjuncto um tanto atordoante, muito se podia esperar, em os annos successivos, do aperfeiçoamento do ensino, carreando no sentido utilitario, sem tirar-lhe, no emtanto, o seu cunho de arte.

Acabava-se assim de vencer a maior difficuldade, que era o começar; era a guerra pratica ás estampas e aos catalogos, fabricados no extrangeiro para uso em nossas escolas e aqui criminosamente introduzidos, com o fito do ganho, justamente pelos que se intitulavam, sem a devida fiscalização, de professores de desenho.

O Governo, agindo sinceramente durante os trabalhos anteriores e posteriores á exposição, prohibiu immediatamente a acceitação de trabalhos que não fossem originaes e preparou e estimulou a divulgação do ensino de desenho, augurando assim, para o futuro, resultados proficuos e seguros.

Nessa primeira Exposição Escolar, o Collegio «Progresso Paraense» concorre com 97 expositores que apresentam 161 trabalhos.

No anno seguinte de 1910, com o exito ainda relativo alcançado, o Governador do Estado baixa a portaria de 1.º de Junho regulamentando a 2.ª exposição, dando-lhe a denominação de *Exposição Escolar de Desenho e Pintura*, e determina o dia 7 de Setembro de cada anno para a festa inaugural das futuras exposições.

Com effeito, em meio ás ruidosas festas de tão augusto dia, o salão do Theatro da Paz abre suas portas aos convidados e ao publico para visitarem a 2.ª exposição de arte na escola.

Nessa feira intellectual, o Collegio é representado por 84 alumnos com 129 trabalhos: é o instituto que mais concorrentes envia ao certamen infantil.

Convem salientar aqui que, emquanto os demais institutos de ensino escolhem um reduzido numero de protegidos para concorrerem ás exposições de desenho, o Collegio «Progresso Paraense», ensinando essa disciplina a todos os seus alumnos, naturalmente lhes dá o direito de levarem a publico o esforço do seu trabalho, obtendo assim um lugar distincto na festa. Eis a razão pela qual esta casa figurou sempre com o maior numero de expositores.

Sobre o resultado dessa 2.ª exposição, melhor do que eu dir-vos-á o seguinte trecho recortado da *Folha do Norte*, ao fazer, por critico competente, a apreciação dos trabalhos:

> «O Collegio «Progresso Paraense», no seu curso gymnasial é quem melhor se apresenta á segunda exposição. Fornece uma bella e copiosa bagagem, em que se vê a promessa auspiciosa do que poderá fazer para a proximo 3.ª exposição. Os seus trabalhos revelam methodo, constancia e esforço intelligente.
>
> Nos trabalhos expostos copiados á mão livre de modelos em relevo, de forma palpavel e de claro-escuro natural, unico caminho a seguir no verdadeiro ensino de desenho, intelligente e productivo, pode o observador interessado sectir o caracter, a indole, a applicação de cada alumno, procurando por isso mesmo o professor tirar o melhor partido dos seus mais aproveitados discipulos. São tambem de notar os desenhos do 3.º anno elementar».

Diante das victorias alcançadas pelos pequenos expositores conscienciosos do Collegio «Progresso Paraense» nas exposições de desenho, era natural que pequeninos desgostos, provocados por ferinas injustiças, toldassem a alegria dos espiritos dos nossos caros discipulos; mas a vontade de vencer fazia-os esquecer essas magoas e, novamente reconfortados, era para frente e para cima que elles voltavam o olhar.

Em 7 de Setembro de 1911, o sr. Dr. João Coelho inaugura a 3.ª exposição escolar de desenho e continúa o Collegio «Progresso Paraense» a apresentar o maior numero de expositores, concorrendo com a melhor qualidade de trabalhos variados, em numero de 415.

Convem aqui frizar a iniciativa dos grandes melhoramentos por parte deste Collegio, creando um curso especialissimo de arte applicada, quiçá o unico no Brasil, com o caracter genuinamente nacional que lhe deu o seu professor, indo buscar na flora e fauna paraenses o motivo sobre o qual se desenvolve o trabalho de arte e cujo principal objectivo é a creação original e variada sobre o mesmo motivo dado.

Devo transcrever da *Folha do Norte* deste anno a opinião de outro abalisado critico:

> «Mais proveitosa por conseguinte é a estylização da flóra paraense com a qual o professor muito louvavelmente insiste em familiarizar os seus discipulos, uma vez que delle pode resultar um cunho de originalidade artistica, para mais de uma industria corrente no nosso meio, emancipando-nos da rotineira imitação extrangeira.
>
> Aliás, da secção exposta pelo Collegio «Progresso Paraense» sob a direcção do alludido professor, continúa a deduzir-se a sua bem comprehendida orientação do estudo, mostrando ao publico que ao discipulo se deixou a liberdade de interpretar, de reproduzir a fórma, a luz e a sombra, de accôrdo com o que a sua intelligencia percebeu, dando azo ao mestre para, por meio de uma critica judiciosa, ensinar e aconselhar».

No anno seguinte de 1912, é inaugurada, em 7 de Setembro a 4.ª exposição escolar de desenho e 177 pequenos alumnos do Collegio «Progresso Paraense» concorrem com 293 trabalhos.

Diz o chronista de então:

> «O Collegio «Progresso Paraense» notabiliza-se por sua variada collecção de figuras geometricas coloridas. Ha gosto e imaginação, assim na combinação das linhas como nas côres... Isto nos conduz á estylização da flora indigena de que o professor do Collegio tem feito, com razão, o seu cavallo de batalha. Acabam de apparecer os primeiros fructos de sua feliz propaganda nos desenhos de rendas de donas Ernestina de Almeida e Marina Antunes e no modelo para um leque de renda com applicação, imaginado por Jovita Souza».

Fecha, em 1913, o cyclo do seu governo o sr. Dr. João Coelho, grandemente auxiliado pelo espirito superior de criterio e de justiça que foi o desembargador Augusto Olympio de Araujo e Souza em quem, nas lutas desiguaes que o ensino de desenho, util e honesto, verdadeiro e educativo teve de travar contra os accomodaticios e rotineiros ganhadores, o offendido encontrava reparação ou desaggravo. A injustiça humana retempera o animo forte; aos accomodaveis restam as delicias de Capua. Sempre tiveram os pequeninos expositores deste Collegio, naquelle provecto magistrado, dignissimo Secretario da Instrucção Publica, a mais segura garantia, porque estavamos com a verdade.

De victoria em victoria, o Collegio «Progresso Paraense» continuava a manter illibada a sua nobre conducta de concorrente ás exposições de arte infantil.

Infelizmente, o governo do sr. Dr. Enéas Martins não continuára a obra instructiva e educativa civica e moral do seu antecessor.

A 7 de Setembro de 1913, porem, o Theatro da Paz abria de novo os seus salões e encheram-se elles, ruidosamente, com a alegria alacre, apenas dos educandos do Collegio «Progresso Paraense» a sua 5.ª exposição de trabalhos artisticos, por elles executados durante esse anno lectivo.

Os demais institutos de ensino, officiaes e particulares, quedavam-se indifferentes á obra de alto valor que até então vinham fazendo, talvez coagidos por circumstancias inexplicadas.

E o critico de então, classificando-a de 5.ª Exposição Escolar de Desenho, embora sem o caracter official, diz o seguinte:

> «Na Secção do Collegio «Progresso Paraense» o methodo especial de ensino creado pelo seu professor mostra gradualmente as suas vantagens na execução do mesmo thema para todos os alumnos, passando por successivos aperfeiçoamentos, do primeiro ao sexto annos do curso».

No anno seguinte de 1914, continúa inalteravel o Collegio a faina ardua e nobre de manter as tradições do seu passado. No meio do silencio que se fizera em torno do ensino de desenho e de suas publicas exposições, silencio provocado pelas demais instituições, somente elle se fizera notar com esse ruido festivo de seus discipulos, inaugurando,

dentro dos seus salões, a 6.ª exposição, sempre na mesma data, magna e nacional, escolhida para essas feiras intellectuaes. O professor da cadeira tivera de ausentar-se para fora do paiz, em commissão, mas o seu digno substituto soubera manter accendido o fogo sagrado do patriotismo na alma delicada dos seus alumnos.

No anno seguinte de 1915, como no anno anterior, o Governo do Estado, por um seu representante, inaugurava a 7.ª Exposição Escolar de Desenho nos salões do Collegio, em meio á mesma alegria e o mais intenso interesse de todos que aqui vieram ter.

Em 1916, apezar ainda da auzencia do professor cathedratico, o Collegio, em sua 8.ª Exposição, mostra ao publico os trabalhos executados durante esse anno.

Assume o Governo do Estado o Exm. Sr. Dr. Lauro Sodré e, nesse anno de 1917, o Theatro da Paz reabre os seus salões para apresentar ao publico a Exposição official de desenho que, para os desta casa, era a 9.ª exposição.

Da chronica de então reproduzo aqui, e haveis todos vós de comprehender a razão pela qual só quero apoiar-me em affirmações competentes e extranhas a esta Casa, o que foi escripto e publicado sobre o que os collegiaes daqui expuzeram:

> «Penetrando no Salão de honra do Theatro da Paz e começando pela direita, o visitante encontra, em primeiro lugar, a exposição do Collegio «Progresso Paraense». E indubitavelmente a secção mais interessante, já pela variedade de trabalhos, já pela perfeita orientação do ensino confiado ao seu professor de desenho, cuja competencia na materia, reunida ao mais entranhado amor á Arte, são assás sabidos do publico de sua terra, á qual tem prestado reaes serviços... Mas o visitante, na secção occupada pelo Collegio «Progresso Paraense», sente-se attrahido, sobretudo, para os trabalhos de arte applicada e para os de modelagem».

E' ainda aqui, nesta Casa, que se inicia no Pará o estudo de modelagem na massa plastica, facilitando assim á criança conhecedora do desenho que ella imaginou, a dar a devida forma ao objecto desenhado.

E os seus 137 expositores apresentam-se em publico com 454 trabalhos variados, recebendo, em meio do applauso publico, não pequenas injustiças que, certamente, seriam evitadas se melhor espirito de ordem tivesse havido naquelle julgamento. São ellas, porem, como já disse, que argamassam a inquebrantabilidade do caracter.

Ainda em 1918, o Governo do Estado inaugurava a sua ultima e 6.ª e para o nosso Collegio a 10.ª Exposição Escolar de Desenho, em a qual 105 collegiaes apresentam 547 trabalhos diversos.

Em os annos seguintes não tem deixado o Collegio «Progresso Paraense» de organizar esses certamens, fazendo-os em 1919 e 1920.

Agora ufana-se elle ainda de apresentar á selecta sociedade, que aqui se congrega, a sua 13.ª exposição annual de trabalhos praticos, executados durante o tempo lectivo, na aula de desenho.

O *simoum* da descrença e do desanimo abateu por terra alguns pioneiros que se julgavam fortes; forte, porem, só tem existido este Collegio que, tenaz, constante e surdo ao barulho das paixões lá de fóra, ouvindo e aproveitando, apenas, as energias productivas cá de dentro,

resistiu e resistirá ao torvelinho funesto e manterá como tem mantido, bem alto o lábaro desfraldado em 1900, vindo, sem desfallecimentos, trazer-vos esta pequena exposição que muito diz, muito representa e muito vale.

O que ides ver, senhores, é original e é produzido pelas mãos de cada um daquelles que, com a sua assignatura ainda mal segura, assigna a responsabilidade do seu proprio trabalho. A acção do mestre é sobretudo moral e attentiva—não deixar errar,—mas tambem não intervem na interpretação individual que cada um sinta para dar a um mesmo modelo.

Cada um aqui é uma consciencia. Sabemos que se assemelhem os désenhos em seu aspecto de conjuncto, porque o mestre é um só; elles não são iguaes porque cada um tem a sua individualidade caracterizada.

Para esses trabalhos, senhores, eu não vos peço indulgencia; peço-vos apenas que, antes de os julgardes, reflectaes que é o producto de crianças, de seus cerebros que desabrocham, de suas mãos ainda inexperientes. O que ides ver alli não é mais do que a sinceridade e singeleza dessa sensibilidade delicada e subtil, latente e viva que é o gosto artistico por tudo o que nos cerca.

Si o cerebro despertado sente emoções novas e inexplicaveis, a mão, certo, muitas vezes, ainda não afeita á pratica adquirida com os annos, não consegue satisfazel-o; dahi esses pequenos senões no acabamento das obras infantis. Não ride; é assim mesmo a verdade espontanea que trata das almas juvenis e que as pequenas mãos grafam com sinceridade e originalidade. São esses os verdadeiros desenhos de crianças. Aquillo não é mais que o embryão de onde amanhã desabrochará o artista de que a nossa Patria tanto precisa, seja elle o operario da Grande Arte ou da indispensavel Arte Applicada.

Emquanto o catalogo extrangeiro se impuzer dentro das nossas officinas, não teremos nós a nacionalização da Arte Brasileira.

E aqui, senhores, cada cerebro tem a mais ampla, a mais segura liberdade de pensar e de dirigir a mão para executar com orgulho aquillo que lhe é proprio, aquillo que é seu.

Exm. Sr. Dr. Antonino de Souza Castro, dignissimo Governador do Estado, a vossa presença pessoal é um conforto, é um estimulo aos que querem evoluir pelo esforço intellectual e eu, em nome dos jovens expositores, vos agradeço.

Sr. Dr. Arthur Porto, *tu duca, tu signore, e tu maestro*, a vós, mais a ninguem, cabem os mais vehementes applausos pela grande obra de civismo que construis, com os nossos dedicados companheiros, e de que a Exposição Escolar de Desenho é um dos seus mais solidos exemplos.

Brasil idolatrado, os que aqui trabalham te saúdam.

Resta dizer algo sobre a ultima das nossas Exposições feita na ausencia do distincto professor Theodoro Braga, então licenciado e substituido por seu ex-discipulo e adjuncto, Dr. Edgar Porto.

Sobre esta, que foi a 14.ª, realizada a 7 de Setembro do anno passado, assim se exprimiu a «Folha do Norte».

«Durante tres lustros, o Collegio «Progresso Paraense», nas suas exposições annuaes de desenho e arte decorativa, não deixou uma vez sequer de offerecer á apreciação dos que entre

nós se interessam pela instrucção paraense o attestado vivo do muito que ahi se tem conseguido em relação ao preparo artistico de seus alumnos.

Cada anno que passa assignala mais fundamente a preoccupação de incentivar, neste particular, as naturaes aptidões dos moços; e tudo deixa prever que sempre, sem esmorecimento, sustentará o acreditado Collegio, com o mesmo brio, as honrosas tradições, que justamente o destacaram, vezes seguidas, nos certamens officiaes de desenho e arte correlatas.

Ao desenvolvimento das tendencias artisticas do educando, de accordo com os mais notaveis pedagogos deve presidir o criterio ethico, que objectiva, pela cultura do bello, a educação nacional, e eis ahi porque em crescendo animador, se empenha cada vez mais o «Progresso Paraense» por obter, nessa tarefa, o resultado maximo, graças á iniciativa fructuosa de sua digna directoria.

Até o anno passado obedeceu o curso artistico desse collegio ao nuto esclarecido do professor Theodoro Braga. Retirando-se para o sul da Republica o consagrado mestre, nem por isso devia de haver solução de continuidade no empenho elevado com que se vinha mantendo esse curso, entregue como foi a regencia da cadeira de desenho, modelagem e estylisação á competencia do Dr. Edgar Porto, que nos resultados satisfactorios obtidos nesta exposição vê coroados de completo exito os seus dedicados esforços.

Por outro lado, o joven e distincto professor teve a segundar-lhe a boa vontade a applicação constante dos seus discipulos, alguns dos quaes revelam excepcionaes dotes artisticos, dignos de serem aproveitados em carreiras definitivas.

Dentre estes, justo é se destaque a intelligente alumna senhorinha Irene Teixeira, cujo traço seguro no desenho e precisão na interpretação das coisas bellas da opulenta natureza amazonica, denunciando-lhe o temperamento artistico, são de molde a impressionar vivamente todos quantos já tiverem ensejo de apreciar os seus trabalhos expostos.

Ao presente certamen concorreu grande numero de alumnos dos cursos normal, gymnasial, commercial e primario, apresentando um total de quinhentos trabalhos originaes que se acham dispostos por classe, comprehendendo os seguintes generos: desenho á mão livre, geometrico, estylisação, arte decorativa, cartographia, aquarella em gesso, arte applicada, modelagem e caricatura.

Não ha um só trabalho que não chame a at-

tenção do observador; todos elles revelam dentro da variedade dos traços e «maneiras», denunciadores da psychologia individual, o mesmo sentimento intimo e a mesma applicação no requinte digno de encomios que empolga todo o animo enthusiasta disposto a conseguir no labor a que se dedica o melhor de suas possibilidades.

Não nos sendo possivel fazer cabal referencia aos muitos trabalhos que bem nos impressionaram, na visita que ahi fizemos, limitamonos a mencionar os que, depois de acurada observação, julgamos excellentes.

Estão neste caso os de estylisação feitos pelos alumnos do 4.º anno e os desenhos de primeiras linhas, da classe infantil. Os ensaios de cartographia bem demonstram o aproveitamento dos alumnos nesse difficil genero, os quaes obedeceram rigorosamente, na sua elaboração, á respectiva escala.

Em summa, a impressão colhida nessa bella exposição não pode deixar de ser optima, e isso recommenda o afinco porfioso com que aquelle aducandario intenta a instrucção completa da mocidade, com real proveito para o nosso meio, elevando por essa forma o nosso nivel de povo civilizado e progressista».

Conferencias civicas

Falar ao coração da mocidade em todos os momentos opportunos, dentro ou fóra do Collegio, tem sido um dos nossos constantes cuidados. Nem acho outro meio mais efficiente de instruir influindo bem nesses moços que se preparam para bons cidadãos do Brasil.

Como uma prova positiva desse processo de educação, aqui registamos a conferencia feita por nós, no Theatro da Paz, no grande recinto da galeria historica, installada pelo Instituto Historico do Pará:

Senhores do Instituto Historico do Pará
Amigos do Collegio «Progresso Paraense»

Todas as vezes que, neste Estado, se commemora um feito glorioso, uma data de Festa Nacional, uma acção heroica de consequencias civilizadoras, dessas capazes de edificar o caracter da mocidade, o Collegio «Progresso Paraense» accorre pressuroso a fazer a sua adhesão sincera e vehemente. Não é, pois, para admirar que, de novo, venhámos visitar esta galeria para, desta vez, contemplar os maiores vultos brasileiros ou os bravos guerreiros que se

consagraram á defesa da Patria, na grande pugna do Paraguay, encerrada pelo Anjo da Victoria, protector de nossas armas, com a morte do dictador Solano Lopes. Todos nos lembramos da bella e expressiva manifestação civica que fizemos neste mesmo salão, onde ainda resôa a formosa oração do nosso digno interprete e companheiro Dr. Carlos Nascimento, ao commemorar-se a revolução republicana de 1817, quando nos electrizou com a sua palavra lidima e harmoniosa, fazendo evocar a mestria de Ruy Barbosa, de quem é discipulo apaixonado. Por isso mesmo, sinto-me obstado em dar livre expansão ao meu pensamento; a minha phrase empallidece, a minha propria figura mingúa nesta tribuna, revivendo os felizes momentos em que nos foi dado ouvil-o falar á mocidade, vibrante de patriotismo, mostrando-se transfigurado, pelos arroubos do seu estro de poeta como pelos fulgores e louçanias de sua apreciavel cultura.

Senhores. A acção do Instituto Historico, installando hoje nova galeria dos nossos immortaes, para commemorar os gloriosos feitos brasileiros da guerra do Paraguay, tem para mim, alem de tudo, o alto prestigio de facilitar a obra dos educadores. Sabemos como se ensina a Historia, melhor do que dantes, de molde a impressionar e levantar as almas dos moços, desvendando aos seus olhos os quadros heroicos que merecem ser admirados e imitados; mostrando-lhes em projeções luminosas, fóra dos mappas, livros e albuns historicos, todas as scenas emotivas ou épicas passadas no seio da humanidade civilizada. Pois bem, se assim é no geral, como não vibrar diante das effigies dos nossos guerreiros defensores da honra da Patria, que morreram ou derramaram o seu nobre sangue para que não fosse ella aviltada, mas surgisse ainda maior e glorificada por tanta abnegação e heroismo?! O que seria do Brasil hoje se estes vultos que estamos contemplando e honrando nesta tocante homenagem, bem comparavel ás do culto religioso, tivessem fraquejado na luta, cedendo o passo ao inimigo tenaz e sanguinario?!

A causa da Guerra

Senhores. Foi a nossa grande guerra, essa do Paraguay. Vivia esse paiz, dotado de riquezas naturaes, cheio de valles e rios, coberto duma vegetação luxuriante e rica, e accidentado de montanhas e campinas ferteis e productivas, vivia elle em bôas relações comnosco, antes de 1865, e até nos devia o grande serviço do reconhecimento da sua independencia que a Argentina debalde tentára annullar. Mas, centralizado, mi-

litarizado, povoado por uma raça de fanaticos, dirigidos por um dictador intelligente, patriota e ambicioso de se fazer arbitro dos Estados platinos e talvez de estender a sua soberania até o Atlantico, o Paraguay manobrou, á socapa, a sua politica diplomatica, alliou-se com os nossos inimigos do Uruguay e, quando o Brasil viu-se forçado a intervir nessa Republica para proteger interesses nacionaes, Francisco Solano Lopez aproveitou a occasião de dirigir-nos uma nota arrogante e ameaçadora e, por fim, commetteu actos de hostilidade e de rompimento de guerra, aprisionando o nosso vapor «Marquez de Olinda», quando em viagem pacifica para a provincia de Matto-Grosso, e invadiu as nossas fronteiras.

Não somos daquelles que pensam que se podia ter evitado essa guerra tão desastrosa para a joven republica, nem tão pouco, fôsse ella acceita ou provocada como valvula de desafogo da exaltação patriotica, então reinante no Brasil, contra a Inglaterra, por causa da celebre questão Christie. O Brasil não podia supportar os ambiciosos planos de Lopez e, fatalmente, havia de cohibil-os, antes que o tyranno tivesse conseguido dominar os dois Estados vizinhos. Portanto, conhecendo bem o nosso governo esses planos, sabendo dos grandes armamentos introduzidos no Paraguay, onde havia um exercito bem equipado de cerca de 80.000 homens, e quando ali tudo estava preparado para a guerra—exercito, marinha, estradas de ferro, telegraphos, fortalezas e até torpedos e outros elementos de destruição, o Brasil teve de encarar o perigo e esmagar o tyranno, assim como já havia feito a Rosas, na Argentina e a Oribe e outros, no Uruguay.

Era fatal a luta a bem do nosso brio de nação soberana e do proprio equilibrio platino que sempre procuramos manter.

De facto, como diz João Ribeiro, os Estados do Prata foram para nós, durante muito tempo, incommodos e desleaes vizinhos, accrescendo que a instabilidade dos seus governos e a guerra civil não só prejudicavam os nossos interesses nas provincias limitrophes como principalmente provocavam attritos com o nosso paiz.

A questão de raças diversas, no Brasil e nas republicas neo-hespanholas, os antecedentes e tradições historicas de nossas lutas no Rio da Prata, sobretudo a politica absorvente da Republica Argentina, sempre dirigida no sentido de formar uma confederação entre os paizes platinos de origem hespanhola, tudo isso não podia deixar de suggerir ao governo do Brasil a necessidade de procurar manter o chamado *equilibrio platino*, pelo qual o Paraguay, a Argen-

tina e o Uruguay ficassem cada um dentro duma orbita propria, harmonizando os direitos geraes e os interesses da paz, na America do Sul.

A Argentina, entretanto, por mais de uma vez, tentou romper esse equilibrio, obrigando á intervenção armada por parte do Brasil que, com guerra aturada contra as suas ambições, conservou a antiga provincia Cisplatina do Uruguay, até que conseguiu pela diplomacia garantir a inteira soberania desse paiz, assim como a independencia do Paraguay, e a propria Argentina teve que se nos curvar com a queda do tyranno Rosas, ficando completamente batido o partido que o sustentava contra nós. Portanto, a bem da civilização e da justiça, essa politica ou essa diplomacia brasileira tem-se mantido e o equilibrio platino não se alterou mais depois da guerra do Paraguay, isto é, ha mais de cincoenta annos.

Nossa evolução nacional

Possuindo tão heroicas e nobres tradições em sua evolução politica, o Brasil não tinha outro caminho a seguir. Seria destruir o seu passado. Effectivamente, um povo que protesta contra o despotismo economico; que se revolta contra a tyrannia politica; que se insurge para expulsar o extrangeiro invasor: que conspira sempre contra os tyrannos, pondo só o seu pensamento na liberdade e na justiça reclamada para todos; um povo que renova esses movimentos terriveis, cheios de perigos e de males, sem se atemorizar com a lembrança do martyrio anterior de muitas victimas do mesmo patriotismo; um povo que procede por essa fórma, heroicamente, lutando com sobranceria, atravez de dois seculos, até ver triumphante o regimen da liberdade sonhada; um povo nestas condições merece todo o respeito, toda a veneração e, mais do que isso, merece ser immortalizado, entrando na Historia.

Pois, Senhores, é o que se dá com o povo do Brasil.

Quando começaram a surgir, neste grande paiz, as primeiras gerações de brasileiros natos, notou-se logo o seu amor pela terra, o desprendimento dos laços que o ligavam, por ventura, a Portugal; e, ao passo que as populações do centro organizavam «entradas e bandeiras», para desbraval-o, povoal-o e explorar as suas riquezas naturaes, as outras, concentradas nas cidades, ao norte e ao sul, desenvolviam o commercio e se preparavam para uma sociedade e um regimen menos aventurosos.

Fazendo-se um estudo acurado da historia interna da

colonia brasileira, recorrendo-se ás fontes authenticas de historiadores, como o Visconde de Porto Seguro, João Francisco Lisbôa, Capristano de Abreu e outros, nós veremos que os primeiros symptomas duma evolução democratica patenteia-se pelos effeitos moraes da expulsão hollandeza em Pernambuco, onde um povo, cançado e desarmado, venceu as hostes militarizadas, muitas vezes vencedoras em batalhas européas.

Em seguida, em 1684, isto é, 30 annos depois daquella luta armada, o povo de Maranhão teve a nobre coragem de insurgir-se contra os escandalos do monopolio commercial e da intervenção dos Jesuitas na vida colonial, chegou a depor o governo e organizar um regimen especial para substitul-o, tendo por orgão o grande Manoel Beckman, embora fosse elle, traiçoeiramente abandonado, para ser assassinado pela chamada justiça d'El-rei.

Parte dahi o movimento libertador do paiz. Não foi uma agitação republicana, porque teve um caracter particularmente economico; mas pode-se affirmar que a revolução de Beckman é um dos elos da bella corrente democratica, que nos trouxe até á republica.

Em 1711, em Pernambuco, o choque de interesses nacionaes ou a questão nativista, travada entre portuguezes e brasileiros, lança toda a provincia na «Guerra dos Mascates» e, por essa occasião, banido o governador portuguez e reunido o povo da capitania, em numero de 20.000 pessoas na cidade de Olinda, ouve-se pela primeira vez, a ousada proposta, feita pelo brioso sargento-mor Bernardo Vieira de Mello, para que nos libertassemos do governo portuguez, substituindo-o por um regimen republicano, á semelhança do de Veneza.

Tambem pouco importa que Vieira e seus companheiros fossem mais tarde victimados pelos inimigos da nascente nação, porque a semente da liberdade iria abrolhar na grandiosa provincia de Minas.

Assim, a «Guerra dos Mascates» é um outro elo de nossa corrente democratica.

Sabemos como ali, em 1720, isto é, poucos annos depois, Felippe dos Santos fez levantar o povo dos arraiaes da industria de mineração, contra o mau governo do Conde de Assumar, que o opprimia com impostos e mais vexames. Em 1789, no mesmo seculo e na mesma provincia, a figura sympathica e santificada de Tiradentes enche o Brasil inteiro de enthusiasmo patriotico, devido ao seu martyrio, como ao relêvo que deu á conjuração republicana, que elle propagou. Tambem não importa que a tyrannia tivesse reagido, exter-

minando os dois grandes abnegados, porque em 1817, em Pernambuco, quando os Portuguezes suppunham triumphar sobre nós, pela presença do rei D. João VI que se refugiára no Brasil, installando a sua Côrte e introduzindo melhoramentos no Rio de Janeiro, os patriotas, tendo á frente Domingos José Martins, o padre João Ribeiro Pessoa e outros, reagiram contra as imposturas dos militares reinicolas, depuzeram o governador, organizaram um governo republicano e propagaram a revolução, que se alastrou pela Parahyba, Rio Grande e Alagoas; supportaram o choque enorme das forças realistas, superiores em numero, e sucumbiram, tambem, enforcados ou fusilados, como dignos martyres da nossa liberdade. Depois deste outro elo da nossa evolução democratica, tivemos a nossa independencia nacional, a 7 de Setembro de 1822, com as duas correntes patrioticas de José Bonifacio e Gonçalves Ledo e com o principe D. Pedro de Bragança. Os patriotas, desta vez, foram illudidos ainda em suas justas ambições, porque a Independencia não nos trouxe a separação, visto ser D. Pedro I tambem herdeiro de Portugal. Mas, logo que comprehendemos que o Primeiro Reinado não resolvia a questão da nossa liberdade e que o principe, esquecendo os seus compromissos com os patriotas, voltava-se para os interesses dos subditos portuguezes, a ponto de dissolver a Constituinte, deportar José Bonifacio e outros, impor uma constituição feita por sua vontade absoluta; de novo, em Pernambuco, rebenta outra revolução republicana, a 24 de Julho de 1824, proclamando a Confederação do Equador, isto é, concitando todas as provincias do norte do Imperio a se ligarem contra a monarchia. Tambem de novo, patriotas como João Guilherme Raticliff e Frei Caneca tiveram de ser esmagados por forças de terra e mar, sem que, porem, ficasse esterilizada a semente da liberdade.

Dahi por diante, dá-se o movimento liberal em 1831, no Rio de Janeiro, forçando a retirada de D. Pedro por abdicação, a «sedição» de S. Paulo e Minas, em 1834, a «sabinada» na Bahia, a «Guerra dos Farrapos» ou dos republicanos de Piratinim, no Rio Grande do Sul, onde combateu pela Republica o homerico libertador Garibaldi.

Um povo forjado neste cadinho de reações nobres e altamente nativistas, uma nação já laureada pelas guerras travadas no Rio da Prata não podia humilhar-se diante de um tyranno, embora heroico e bem armado como Francisco Solano Lopez. E porque, nesta guerra terrivel de 5 annos, fossem victimados quasi um milhão de homens, que era toda a população paraguaya, tyrannizada pelo dictador, pensa um

escriptor que o Brasil poderia ter evitado esse massacre, cessando a luta logo depois de proclamado o governo nacional em Assumpção, composto de amigos alliados e representantes daquella phalange de patriotas paraguayos que tinham combatido ao nosso lado pela liberdade de sua Patria. Foi Lopez ou o governo deste que nos tinha offendido; desde que tornou-se foragido e desmoralizado por tantas derrotas, vendo arrazadas as suas fortalezas, destruida a sua esquadra, esmagado o seu exercito, parece que o bravo marechal Caxias teve razão de se recusar, dahi em diante, a fazer-lhe uma *guerra de capitão de matto*, caçando-o.

A continuação dessa luta serviu apenas para augmentar o numero de sacrificados, de parte a parte, e dar maior realce á figura de Lopez que, destemido patriota, ainda arrastou comsigo os ultimos jovens capazes de pegar em armas, para todos morrerem com ellas na mão. Bastaria que o Brasil exercesse o seu protectorado sobre o novo governo nacional dos paraguayos e Lopez teria desapparecido da scena, fugido para a Bolivia e, desprezado pelo seu povo, que não mais governaria.

Como quer que seja, a ultima pagina dessa campanha dirigida pelo Conde d'Eu contem outros rasgos de heroicidade e de estrategia militar dignas da primeira.

Acções heroicas

Essas acções heroicas dos brasileiros, muitos dos quaes figuram nesta gloriosa galeria, têm o mesmo cunho de brio e de nobreza das que precederam a guerra de Paraguay. Os seus auctores já traziam o nome aureolado da batalha de Monte Caseros pelejada contra Rosas, como da de Passo de Tonelero, do Salto, do Paysandú, da tomada de Montevideo, e, rompendo a guerra contra o Paraguay, os nossos soldados e officiaes souberam imital-os. Assim, vê-se o coronel Porto Carreiro e outros cobrirem-se de glorias na defesa de Matto-Grosso. Em Riachuelo, é bem a nossa marinha, dignamente representada pelo bravo Chefe Barroso e mais officiaes inferiores, que faz respeitar o nome brasileiro, destruindo para sempre a esquadra inimiga; nos combates de Mercêdes e Cuevas, continúa o mesmo brio, ao passo que em terra são humilhados Duarte e Estigarribia, na batalha de Jatahy e no cerco de Uruguayana. Lopez desillude-se de sua empreza conquistadora e desperta de seus sonhos, mas resiste, pondo em prova o denodo dos nossos irmãos; commette atrocidades, e esses crimes ainda mais reclamam a justiça dos alliados; de vez em vez tomba um dos nossos he-

IV

Methodologia praticada

no

Curso Primario

METHODOLOGIA PRATICADA NO CURSO PRIMARIO

As professoras normalistas que officiam em nosso Instituto regem-se, nas suas classes, por especiaes instrucções impressas, alem dos programmas de ensino official a que estamos obrigados por effeito da equiparação aos cursos congeneres mantidos pelo Governo do Estado, nos termos do dec. n. 1.864, de 17 de Janeiro de 1912. São observações e ensinamentos que, não sendo originaes, todavia representam o que é mais corrente e intuitivo em methodologia. Taes instrucções são resumidamente as seguintes:

As professoras da escola infantil, ao receber seus alumnos, não devem esquecer que a sua missão é educar intelligencias tenras, avivando os sentimentos por meio de conversações accessiveis e adequadas sobre assumptos ou objectos reaes da natureza ambiente, evitando abstrações, tratos de memoria ou classificações scientificas, mas estimulando a curiosidade e a observação das crianças para que descubram as verdades por si mesmas.

Deverão estudar seus novos alumnos de modo a conhecer as idéas ou noções que possuem das cousas, bem como os habitos já adquiridos, em casa ou em outra qualquer escola. Conhecida esta verdadeira situação moral das crianças, a par de sua natureza physica, devem fazer della ponto de partida, para a ampliação gradual e harmonica dos exercicios educativos adoptados nesse curso; se forem defeituosas, corrigir-lhes os defeitos antes de proseguir na obra da educação. E' um trabalho melindroso que requer do mestre muita dedicação preparando base para a bôa applicação da sciencia pedagogica.

Lingua portugueza

No curso infantil: O estudo inicial da linguagem ha de ser feito oralmente e por escripto. Na conversação com as crianças, o mestre deve provocal-as a falarem correctamente, melhorando-lhes a dicção e ensinando-lhes o emprego de palavras e expressões proprias, alem de corrigil-as de quaesquer vicios de pronunciação regional. As primeiras lições de leitura e escripta, simultaneamente dadas, podem

obedecer ao methodo de Park, adoptando-se o livro de Arnaldo Barreto—«Cartilha Analytica»—ou outro melhor.

A conversação e as lições de cousas devem ser praticadas, tambem, á vista de quadros muraes.

Os exercicios de invenção serão feitos por escripto, como um ensaio da linguagem escripta ou da composição, em sua primeira phase.

Iniciará o mestre a declamação de assumpto intuitivo em quadras poeticas, fabulas faceis ou prosa familiar, alem dos hymnos e canticos adoptados na aula de canto coral, e todos devem ser previamente bem explicados.

Na segunda turma de alumnos, que formarem a 1.ª classe, a leitura deve ser corrente, bem entendida, commentando-se o assumpto e praticando-se a pontuação no livro ou no quadro negro.

No curso elementar:—2.º anno. Haverá maior cuidado e amplitude no estudo da linguagem por meio da conversação, tendo sempre em vista o professor augmentar o vocabulario, empregar termos apropriados e corrigir defeitos de pronuncia. A leitura será corrente e expressiva, não se marcando um trecho novo sem unidade de sentido e sem explicação necessaria, para que os alumnos, ao estudar as lições, saibam já o assumpto constante dellas, especialmente a significação das palavras que lhes não forem familiares.

Exercicio de grammatica intuitiva, após a leitura, attinentes á orthographia e á accentuação, decomposição das palavras em syllabas e lettras, distincção entre syllabas tónicas e atonas, noção de «palavras» e sua distincção entre primitivas e derivadas, simples ou compostas, para estudo pratico do substantivo, do adjectivo e do artigo.

Expoente do plural e do genero feminino. Grau dos substantivos e adjectivos.

(E' prohibido o uso de compendio sobre assumptos grammaticaes para os alumnos, devendo, porem, o professor guiar-se por livros especiaes de exercicios praticos ou intuitivos).

Dictado sobre themas faceis conhecidos ou trechos da lição de leitura já sabida. Após as correcções pelo professor, serão distribuidos os cadernos de exercicios entre os alumnos, de modo que leiam não só o que escreveram, mas tambem o que os outros fizeram. Declamação de poesias faceis e curtas, fabulas, etc. sempre explicadas previamente, alem dos hymnos e canticos usados no Collegio.

Inicio de composição litteraria á vista de quadros muraes adequados, pelo methodo progressivo proposto por Olavo Bilac, isto é, o exercicio de enumeração, após o de invenção, iniciado no 1.º anno.

Os livros a adoptar devem ser de assumpto patriotico e estylo elegante, como por exemplo os «Contos Patrios», de Olavo Bilac. Os alumnos podem tambem declamar as poesias mais faceis contidas no livro do mesmo auctor «Poesias infantis».

3.º anno—Recapitulação da materia do anno anterior. Leitura sujeita á melhor dicção com modulação de voz e observação das notações lexicas e syntacticas, de accôrdo com as regras physiologicas da respiração.

Apreciação do trecho lido e significação das palavras menos usuaes.

Póde ser adoptado o livro «Atravez do Brasil», escripto por O. Bilac e Bomfim ou outro congenere que reuna maiores vantagens.

Exercicios de grammatica elementar e intuitiva sobre as palavras variaveis e as invariaveis, podendo-se dar lições pelo methodo de Hilario Ribeiro ou outro mais conveniente. Conjugação dos verbos auxiliares principaes.

Muito cuidado na correcção dos vicios prosodicos. Dictados progressivos, podendo-se fazer a correcção no quadro negro por qualquer alumno. Poesias, pequenos dialogos, declamação e interpretação de ligeiras fabulas. Composição litteraria; cultivo do genero descriptivo á vista de quadros.

4.º anno—Continuação de lições de grammatica intuitiva, sempre a proposito da leitura e após ella. Observar o detalhe do programma official, de accôrdo com as condições da classe. Estudo completo dos verbos regulares. Noção da analyse taxionomica, bem como da proposição simples, em exercicio oral. Adoptar livros approvados pela Directoria, os quaes serão apenas lidos e não decorados. Continuar a grammatica pelo methodo da de Verissimo Vieira e as leituras pelo citado livro de Olavo Bilac e Manoel Bomfim.

Composição litteraria:—Continuação do genero descriptivo por meio de cartas a collegas e parentes.

Observação:—O professor não deve esquecer que, neste anno, tem de apresentar os seus alumnos do curso elementar para os respectivos exames.

Curso complementar—1.º anno. Recapitulação da materia anterior. Continuação das lições de grammatica intuitiva; estudo completo dos verbos regulares e parcial da syntaxe.

Dictados de trechos mais difficeis. Exercicio oral e escripto de analyse taxionomica e primeiras noções da logica. Leitura muito expressiva de prosa e verso. Continuação da composição litteraria por cartas e descripção de assumptos mais elevados, sobretudo de ordem moral. Recitação de

poesias e scenas dramaticas pelos modelos da Anthologia Brasileira de E. Werneck, que servirá para as leituras.

2.º anno—Revisão da materia do anno anterior. Leitura correcta de poesia e prosa em todos os generos litterarios, continuando o mesmo livro de leitura.

Noções de semantica. Estudo completo de syntaxe e analyse respectiva, começando sempre pela ordem directa. Dictados de trechos classicos com explicação do bom emprego de vocabulos e do sentido. Composição litteraria, procurando a formação de estylo proprio.

Redacção de cartas de cerimonia, officios e relatorios. Dissertação sobre assumpto scientifico tirado das lições de Sciencias Physicas e Naturaes, Historia Patria e Moral.

Interpretação de fabulas e poesias em prosa litteraria e de estylo elegante. Recitação de trechos de poemas e de poesia e prosa difficeis.

Todos os mezes serão feitos concursos de composição litteraria, em cada classe, de accôrdo com o programma de ensino respectivo, julgadas, colleccionadas, e publicadas as vencedoras na «Revista Escolar».

Para mostrar o progresso dos alumnos, nesses torneios bem como a excellencia do methodo adoptado, aqui damos algumas dessas composições, as primeiras, como produções do mesmo alumno, atravez das classes por que passou, e as outras, mostrando a capacidade litteraria de diversos vencedores nos concursos feitos em cada uma das mesmas.

Eis uma prova intelligente de *enumeração:*

AS BEBIDAS

O quadro que tenho á minha frente divide-se em seis partes: na primeira, vejo uma mulhér tirando agua dum poço com o jarro e junto ao poço um balde cheio dagua. Na segunda, uns homens no botequim bebem vinho e junto ao balcão está o botequineiro servindo. A terceira mostra-nos uma mulher, num curral, ordenhando uma vacca; o jarro que ella trouxe está quasi cheio de leite... A quarta representa uma cervejaria onde um criado leva a um homem uma bandeja com um copo de cerveja. Na quinta, estão umas moças tomando chá servido por uma criada bastante asseada... A sexta é uma casa de pasto onde diversos homens estão merendando e conversando animadamente, servidos por uma mulher.

Jurandyr Cavalcanti
(do 2.º anno elementar)

No anno seguinte, com melhor observação:

A JARDINAGEM

O quadro a descrever representa a preparação de um jardim. Divide-se em quatro partes: na primeira, estão dois homens; um cava a terra com uma picareta e o outro com uma pá tira o estrume do carrinho de mão, mistura-o com a terra para depois fazer a plantação. Vê-se alguns canteiros com plantas, e ao centro do jardim, uma bella casa com o portão fechado e numa das janellas uma cortina côr de rosa. Circula o quintal um enorme muro e atraz fica uma pequena casa de que apparecem o tecto e a chaminé.

Na segunda parte, os canteiros já estão preparados e o mesmo homem, tendo ao lado uma cesta cheia de repolhos, planta-os no ultimo canteiro que acabou de preparar. Junto ao muro vejo alguns vasos com plantas. Os canteiros que foram semeados ha mais tempo, já estão com as plantas viçosas devido aos cuidados dos jardineiros.

A terceira mostra os mesmos jardineiros: Um rega as plantas com o regador e outro traz dois baldes cheios dagua num pau arqueado...

Na quarta, o mesmo homem leva uma carroça cheia de repolhos. Penso que vae vendelos ao mercado ou pelas ruas. A carroça é puxada por um burro e vae por uma estrada muito estreita que um cão preto atravessa.

(Do mesmo, vencedor do 3.º anno).

No ultimo anno do curso elementar:

A COLHEITA DO TRIGO

As tintas do quadro indicam meio dia. O calor deve ser intoleravel. Acha-se no campo um casal de camponezes ceifadores de trigo. O homem traja calças azues e camiza branca com listas azuladas; e como sinta muito calor desabotoou a camisa e arregaçou as mangas e está ceifando o trigo com uma foice; á medida que elle trabalha, a mulher, que traja blusa branca, saia vermelha, com uma touca branca na cabeça, prepara os feixes, para mais tarde, quando seus filhos trouxerem a carroça, os levarem ao celleiro, onde ficarão a seccar e em seguida ahi serão batidos com uns ferros proprios e depois de tirarem toda a casca levarão os grãos ao moinho a fim de fazerem a farinha.

Vejo ao longe uma carroça puxada por um burro e guiada por um dos filhos do camponez.

Proximo, ha uma arvore, onde elles podem, quando estiverem muito fatigados, descançar á sombra, para depois recomeçarem de novo. A' margem de um rio vejo uma floresta e, em um claro desta, um moinho. Umas papoilas de um vermelho sanguineo e uns cravos silvestres enfeitam o quadro.

(Do mesmo, vencedor do 4.º anno).

Nos concursos mensaes:

O CORREIO

Vou descrever um quadro que representa o correio e divide-se em quatro partes.

A primeira mostra-nos um moço assentado escrevendo uma carta a um amigo; em cima da mesa, onde elle escreve, vê-se um livro, um tinteiro e uma pasta; junto á parede está uma estante repleta de livros; mais adiante vejo uma estatueta; pregados á parede estão muitos quadros representando retratos e florestas; junto á mesa vejo uma cesta propria para papeis.

Na segunda, o moço que escreveu a carta, vestido de sobrecasaca e calças pretas, está botando a carta no correio.

Na terceira, vejo um carteiro entregando a carta á uma criada vestida de saia preta, avental branco, casaco amarello de pintas pretas e touca branca.

Na quarta parte, o amigo já recebeu a carta que o moço escreveu; elle está sentado numa poltrona com o braço pousado sobre uma escrevaninha, em cima da qual, vejo dois livros, um tinteiro, um matta-borrão, uma caixinha e outras cartas já lidas; uma commoda e em cima uma jarra: pregada á parede vê-se um quadro representando uma linda paizagem.

João Brilhante da Silva.

(Vencedor do 2.º anno).

UMA TEMPESTADE NO CAMPO

O quadro que vou descrever representa o principio de uma tempestade.

Numa collina vemos uma carroça puxada por um burro guiado por uma camponeza.

No meio da viagem o carro, que vae cheio de saccos de trigo, enterrou a roda na lama, de forma que o pobre animal não poude sahir do lugar, tornando-se isto mais dificil, porque a estrada é um pouco inclinada.

A mulher vae levar o trigo para o moinho que se acha no alto da collina e, para lá chegar, é ainda preciso andar um pouco.

Ella está afflictissima, porque o ceu acha-se carregado de nuvens escuras, os relampagos de instante a instante fuzilam em zig-zags.

A pobre camponeza não acha meios para arrancar o carro do lamaçal em que ficou enterrado e vê que, se a chuva desabar, estragará o trigo, causando-lhe enorme prejuizo.

Mas, como Deus não desampara quem é trabalhador, appareceu-lhe um auxilio. Um rapazinho, passando na estrada, dispoz-se a ajudal-a, empurrando o carro por traz, tornando assim mais facil.

Ao longe vejo outros moinhos, parecendo muito pequenos pela grande distancia em que elles estão.

Cezar Fernandes.

(Vencedor do 3.º anno).

O CARVÃO

O quadro que tenho á minha frente representa o fabrico do carvão.

Deve ser mais ou menos 1 hora da madrugada; a lua ainda está brilhando no céu e projeta os seus bellos raios luminosos nas aguas de um manso regato. Avista-se a floresta na qual, a esta hora, os animaes que a habitam, devem estar dormindo e, então, quatro homens aproveitam essa occasião para fazer o carvão, para, no dia seguinte, o venderem na cidade proxima e com o producto comprarem o necessario para o sustento de suas familias.

Adiante, entre as arvores seculares, avista-se a coivara, logar onde elles põem a lenha, para mais tarde se transformar em carvão. Mais á esquerda, uma fogueira. Creio que elles a fizeram não só para aquecel-os como tambem para espantar os animaes bravios que os quizessem atacar. Em torno dessa fogueira tres homens estão de pé, emquanto um outro traz nos braços pedaços de lenha; penso que vêm depositál-os nessa fogueira para avivar as chammas, Os rostos desses homens estão avermelhados porque acham-se muito perto do fogo. Ao lado delles vê-se um ancinho com o qual revolvem as brazas. Os sapatos que elles trazem devem ser proprios para esse trabalho, pois são muito grossos. As chammas das fogueiras elevam-se quasi á altura delles. A um dos lados do quadro vê-se um pé de ananaz silvestre. Um dos homens, o mais edoso, já estando muito fatigado pelo excesso do trabalho, sentou-se numa pedra ao lado da fogueira para descançar um pouco.

Mario Fernandes.

(Vencedor do 4.º anno)

A FELICIDADE NA POBREZA
(A' vista duma estampa)

Numa collina elevada havia uma casinha de construcção rustica, rodeada de um cercadinho de varas, onde vicejavam as rosas que impregnavam o ar de um suave e agradavel aroma.

Nesta casa residia uma familia muito pobre, porem muito honesta. Ali reinava uma felicidade admiravel e completa! A ventura abrigava em suas azas douradas aquellas pobres creaturas que não possuiam outra riqueza mais do que a felicidade do lar.

Esta familia, muita unida, era um exemplo na aldeia. Compunha-se de oito pessoas que, todas as tardes, reuniam-se á frente de sua querida e singela habitação, apreciando o espectaculo bello que se desdobra alem, e, em discreta palestra, projectavam como educar seus filhinhos, pois, se bem que pobres, queriam vel-os sempre trilhando o caminho recto do dever, para assim poderem desfructar a paz da consciencia, fonte, limpida e pura com toda a felicidade, e servir a patria.

Reunidos dentro do cercado que rodeava a casa e á sombra de uma linda macieira plantada pelos seus queridos e saudosos avós, roubados aos seus carinhos pela terrivel foice da morte, reunidos todos a essa hora evocadora do passado, que é a do expirar do dia, naquelle pedaço do solo tão querido e tão cheio de reminiscencias, onde brincaram e passaram a quadra feliz da infancia para não mais voltar, recordam-se dos seus paes e avós.

Não podem, porem, continuar a scismar, nem manter na mente essas queridas recordações: despertam-nos e alegram-nos os gritos infantis de seus filhos que brincam contentes á sombra de uma linda macieira secular.

Agora, como é verão, ella está carregada de lindos fructos e flores e é por isso que esta pobre e feliz familia está gozando esta liberdade, este ar puro, esse perfume, ao pé da arvore querida. Ao lado da portinhola, ha uma planta agreste carregada de botões encarnados e embelleza esse bello quadro. Ao longe avista-se a montanha, onde se espargem os reflexos dourados e roseos do sol. Pouco distante ha uma vastissima floresta constante e docemente balouçada pelo suave e fresco favonio; alem ergue-se uma fabrica de leite condensado onde talvez, o chefe desta familia, está empregado e ganha honradamente o necessario para sustental-a.

Ao lado da casa ha um pequeno bosque florido onde crianças, moços e velhos, costumam passar algumas horas.

E' assim que todos devemos viver, unidos e

honestos, pois, não é preciso sermos ricos para sermos felizes; ao contrario, quando somos pobres e bons, basta termos o necessario para viver e alcançaremos a Felicidade.

Maria Cravo.

(Vencedora do 5.º anno).

A CORAGEM

(A' vista de um quadro)

Havia em uma choupana, arruinada pelo tempo, mas embellezada pelo jardimzinho que a circumdava, uma velha doente. Possuia uma filha carinhosa e loura como os raios do sol, que lhe dava os remedios e cuidava da limpeza da velha cabana. Indo uma vez á villa proxima comprar remedios e alimentos para sua mãe, encontrou á beira da estrada um cão enorme, que sahira de uma quinta onde o seu dono morava. Sendo muito bravo, vivia amarrado a um pau que ali estava fincado no chão.

Nesse dia, aproveitando o momento de distracção das pessoas da quinta, tanto fez que desprendeu-se, indo deitar-se á margem do caminho por onde tinham de passar os viandantes. A pequena era muito medrosa e logo que viu o animal correu, gritando.

Este, porem, quanto mais corria ella, com mais força ladrava e avançava, tentando mordel-a.

Passando perto daquelle logar um menino, que ia para a escola e ouvindo gritos angustiosos, afflictos, foi ver o que se passava.

Deparou com a pequena na estrada, perseguida pelo cão, e correu para defendel-a.

Tomando um pau, ali existente, deu tanto no animal que este fugiu ganindo de dores.

Depois, como a menina tivesse medo de comprar os remedios, levou-a á pharmacia e conduziu-a em seguida á casa.

A mãe da pequena, alegre e commovida, agradeceu a bôa acção do rapazinho, que, prazenteiro, assobiando uma musica de sua predilecção, se dirigiu á escola.

Ao chegar lá, como já fosse tarde, a professora perguntou-lhe por que razão se tinha demorado.

Elle narrou-lhe a acção praticada, como deffendera a menina, sendo muito elogiado e applaudido por sua mestra e collegas.

Assim devem proceder sempre todos os meninos. Acções como estas são muito louvaveis.

Não se deve abandonar nunca um ente indefeso nas occasiões de perigo; aos fortes cabe a defesa dos fracos.

Este facto tornou-se conhecido de toda a villa indo muitas pessoas felicitar o menino pelo seu valor e heroismo.

A coragem, meus collegas, é, pois, uma das mais bellas qualidades que uma pessôa deve possuir.

"Sangue frio no perigo, victoria segura."

Heronides de Albuquerque
(Vencedora do 6.º anno)

Arithmetica

Curso infantil—A idéa do numero será dada por forma concreta, em linguagem familiar. Sabido até onde a creança aprendeu a contar espontaneamente (objectos, dedos, collegas, passos, etc.), ensinar-lhes a fazer pequenas operações mentaes, dentro desses limites, ou sobre o contador mechanico ou por meio de tornos de madeira, grãos de milho, etc.; a partir das unidades para depois reproduzir esses numeros no quadro negro.

Taes operações tambem devem applicar-se a pequenos problemas oraes de addição e subtracção ao alcance das crianças, empregando-se a idéa de fructas ou de cousas mais do agrado das mesmas para, mais tarde, fazel-o por escripto.

Das unidades passarão á idéa das dezenas pela reunião de grupos de objectos e dahi ás centenas, e successivamente até ao milhar.

Os exercicios de calculo devem ser feitos sommando unidades até 10 ou diminuindo até 0; depois de dois em dois até 20, de 3 em 3 até 30, de 4 em 4 até 40, de 5 em 5 até 50, e assim por diante.

Esses exercicios devem ser completados pela sua reproducção no quadro negro, podendo as professoras calcar e multiplicar problemas infantis sobre elles.

Desta forma serão dadas as primeiras noções de numeração fallada e escripta com estudo pratico e intuitivo das taboadas de sommar e diminuir. Tambem poderão ser usados os cadernos americanos, adoptados nas escolas officiaes.

Curso elementar-2.º anno—Desenvolvimento do systema de numeração. Composição e decomposição dos numeros abstractos por suas unidades. Applicação a problemas usuaes. Formação pratica das diversas ordens numericas. Calculo mental por meio de addição e subtracção; successivamente de 3 mais 3, 4 mais 4, 10 mais 10 até 100. Idem,

arbitrariamente, mas com a seguinte base: 2 mais 2 igual a 4; 12 e mais 12 igual a 24 e assim até 100. Leitura e escripta de numeros até a ordem dos milhões. Problemas diarios sobre addição e subtracção extrahidos dos cadernos americanos e da "Arithmetica Intuitiva" de Olavo Freire.

Taboada e mechanismo da addição, multiplicação e subtração.

Idéa ampla sobre o duplo, triplo, quadruplo e quintuplo como inicio á multiplicação.

3.º anno—Continuação do estudo pratico pela «Arithmetica Intuitiva» de Olavo Freire e problemas constantes dos cadernos americanos.

Estudo completo da numeração falada e escripta. Conhecimento da moeda brasileira com applicações praticas.

Exercicios de problemas sufficientes sobre addição, subtração e multiplicação. Taboada e calculo mental respectivos sob a base de unidades e de dezenas e unidades, de accôrdo com o processo do anno anterior.

Idéa da duzia, grosa, cento, decimo, quinto, etc. em applicações praticas.

4.º anno—Recapitulação do conhecido e praticado em anno anterior. Mechanismo da divisão, calculo mental e problemas sobre as quatro operações. Divisibilidade, seus principios e caracteres.

Curso complementar—1.º anno—Theoria e pratica das fracções ordinarias e decimaes; problemas e exercicios constantes sobre a materia, continuando a adoptar-se a «Arithmetica Intuitiva», de Olavo Freire, sem exclusão de outra mais vantajosa. No fim do programma, podem os alumnos receber noções de materia mais adiantada como sejam dos numeros complexos e suas operações e o systema metrico.

2.º anno—Recapitulação da materia já conhecida e continuação do estudo incluindo juros, descontos e cambio. Redacção de lettras da terra e de cambio, notas promissorias, cheques, vales e recibos. Exercicios correspondentes.

Geographia

Curso infantil—Esta sciencia, em suas primeiras noções, precisa ser ministrada tambem em conversação familiar, partindo do conhecido para o desconhecido desde a rua, bairro e cidade até a idéa do nosso paiz e da dos povos differentes que falam as linguas diversas.

Noção da terra como planeta, do dia e da noite, dos

pontos cardeaes, aguas e terras até formar-se completamente a idéa do nosso continente americano, tudo concretamente.

Curso elementar—2.º anno—Recapitulação da materia do anno anterior.

Orientação. Estudos dos accidentes physicos da Terra, á vista dum panorama geographico. Conversação sobre os já conhecidos pelos alumnos, em seus passeios ou viagens. Divisão dos continentes. Situação do Brasil e do Pará. Excursão em espirito pelos arredores da cidade, bem orientada. Esboço cartographico do Pará.

3.º anno—Para attender ao detalhe do programma official fazer uma breve descripção physica do continente americano, á vista do globo e mappa, especialmente do Brasil. Distinguir e nomear os grandes e os pequenos Estados do Brasil, os maritimos e os centraes e os mais e os menos populosos Cartographia, ao criterio do mestre. Imaginar viagens entre os Estados maritimos brasileiros.

4.º anno—Noções de geographia politica da America, especialmente do Brasil; estudo de suas producções, commercio e riquezas naturaes; vias de communicações Cartographia dos dois continentes americanos ou de parte dellas. Viagem entre um e outro, partindo sempre do Brasil e vice-versa.

Curso complementar—1.º anno—Descripção da Asia, Africa e Oceania, physica e politicamente, cartographia dos mesmos continentes ou de parte delles. Viagens entre elles ou atravez delles, a partir do Brasil e vice-versa.

2.º anno—Noções de Cosmographia. Recapitulação dos conhecimentos adquiridos de geographia, nos annos anteriores, viagens pelo interior do Brasil e cartographia dos Estados brasileiros.

Historia do Brasil

Curso elementar—4.º anno—Conversa sobre os descobrimentos de Colombo e de Cabral. Idéa geral sobre os habitantes da America, do Brasil, pelas lendas mais conhecidas, seguindo o programma official, intuitivamente.

Esboço da nossa historia, caracterizando as phases de Colonato, do Imperio e da Republica.

Curso complementar—1.º anno—Desenvolver os conhecimentos já adquiridos, descrevendo melhor o descobrimento do Brasil, mostrando o grau de civilização de seus habitantes, os elementos e as phases da colonização. Acção dos primeiros governadores geraes, expulsões principaes de extran-

geiros. Revoltas contra a tyrannia economica e politica, pelas populações nativistas do Maranhão, Pernambuco e Minas Geraes. Independencia do Brasil, 1.º e 2.º reinados, proclamação da Republica e seus antecedentes historicos.

2.º anno—Estado geral da Europa ao tempo do descobrimento do Brasil e expansão das navegações portugueza e hespanhola. Estudos dos systemas de colonização praticados no Brasil; synthese de sua historia até á passagem ao dominio hespanhol. Conversa sobre a colonização e povoamento dos sertões brasileiros. Fundação da capitania do Pará e exploração do Amazonas.

Lutas pela independencia do Brasil colonial. Refugio de D. João VI no Rio de Janeiro e suas consequencias quanto á nossa separação politica de Portugal.

Revoluções de Pernambuco em 1817 e 1824. Fundação do Imperio brasileiro e critica do primeiro reinado. Abdicação. Regencia. 2.º reinado. Politica externa: as guerras, acção diplomatica e estadistas mais illustres do Imperio. Movimento abolicionista e republicano. Proclamação da Republica; synthese de sua historia até hoje.

Factos contemporaneos. Letras, artes e sciencias.

Observação—No ensino desta parte complementar a professora se guiará pelo methodo de João Ribeiro, podendo os alumnos organizar suas notas de modo a habilitar-se para as dissertações que lhe forem designadas.

Instrucção moral em palestra

Curso elementar—4.º anno—No ensino desta disciplina não esquecer, em primeiro lugar, os deveres de cortezia e de affectos escolares e pratical-os com a maxima naturalidade e correcção, todos os dias, á entrada e á sahida das aulas assim como durante as lições. Conversar com os alumnos sobre os membros de suas familias e seus parentes, adherentes ou auxiliares e famulos para depois explicar os deveres reciprocos. Sentimentos entre pessoas amigas.

Curso complementar—1.º anno—Continuação do estudo da moral por um compendio elementar servindo de guia ao mestre e cujas lições devem ser dadas, já por interpretação da leitura, já em conversa, como anteriormente.

Para instrucção civica, primeiras noções de povo, nação e patria, seus governos, distincção entre as formas de governo e conversa sobre o regimen politico brasileiro. O presidente da Republica e o governador do Estado, os Congressos Federal e os Estaduaes. Eleição. Justiça. Policia.

Instrucção Publica. Conversa sobre as questões de nossas fronteiras. Serviços do Barão do Rio Branco e de Joaquim Nabuco. O exercito e a marinha nacionaes.

2.º *anno*—Revisão e continuação da materia pela leitura de livro adoptado, visando, nesta ultima parte, definir bem o melhor caracter moral do ser humano por uma educação cuidadosa, racional e scientifica. O estudante perante a sua consciencia.

Para instrucção civica, recapitular a materia anterior e completal-a pelo estudo de nossas constituições federal e estadual, mostrando as suas instituições e regimen politico e sua harmonia. Distinguir Politica, Civismo e Partidarismo. Deveres para com os symbolos nacionaes: a Bandeira e o Hymno. Combate ao analphabetismo. Louvores ás iniciativas do trabalho util, nas industrias e nas lettras. Como poderá o Brasil conservar uma posição honrosa no concerto das nações civilizadas.

Geometria

No curso complementar, haverá lições de geometria pratica, de accôrdo com as seguintes instrucções:

O objectivo das primeiras lições será familiarizar os alumnos, por meio de observações e comparações adequadas, com a forma e a nomenclatura dos solidos geometricos, dos mais simples que possam ser sujeitos á sua analyse e que já lhes não sejam totalmente desconhecidos por haver objectos vulgares, cuja forma tem a maior analogia com a desses solidos, auxiliando-os na acquisição, pela vista e pelo tacto, de idéas definidas de formas e conduzindo-os a expressar correctamente suas idéas.

Partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o composto, do concreto para o abstracto, iniciar-se-ão as lições de formas pelo cubo, ou «dado», definido por superficies planas e eguaes entre si; o cylindro, o «rolo», definido por uma superficie curva ou por superficies planas, definidas por linhas eguaes, mas differentes das que especializaram o cubo. Successivamente, e nos referidos solidos, segue-se a analyse da superficie, plana e curva, da linha, recta e curva e, finalmente, do ponto.

Adquiridas as noções praticas de solido, superficie, linha, linha recta e curva, estudar-se-ão as perpendiculares, parallelas e obliquas e far-se-ão construcções graphicas, umas sobre a linha recta, por meio de perpendiculares e parallelas, angulo, angulo recto, angulo agudo, obtuso, raso e nullo; linha curva, circumferencia, raio, diametro, corda;

circulo, segmento, sector; secante, tangente; polygonos, polygnos regulares : area e perimetro, regras praticas para variação das areas de triangulo, parallelogrammos, trapezio, polygonos regulares, polygono qualquer, circulo e sector. Por fim, será feita applicação da medição das superficies a problemas de uso commum.

Desenho

Curso infantil—Desenho á mão livre de modelos de objectos de uso commum, ou bonecos e brinquedos.—(O resultado será obtido pela dedicação do professor que deverá corrigir, explicando e mostrando onde estão os defeitos).

Curso elementar—2.º anno—Desenho á mão livre de modelos de objectos de uso commum alternados com solidos geometricos.—(Poder-se-á formar grupos de dois brinquedos, dois objectos e um solido).

3.º anno—Desenho á mão livre servindo de modelo solidos geometricos em grupos, alternados com desenho de imaginação.

4.º anno—Desenho á mão livre de modelos obtidos com grupos de varios solidos geometricos alternados com as series simples dos baixos relevos (da Collecção Monrocq, de Paris).

Curso complementar—1.º anno—Desenho á mão livre de modelos em baixo relevo, series de ornatos de flora e de fauna (da Collecção de Monrocq, de Paris).

2.º anno—Desenho á mão livre de modelos em baixo relevo, series de figuras (da Collecção Monrocq, de Paris); copia de planta natural; ornamentação estylizada.

Lições de cousas

(Doutrina)

Tendo em outro capitulo falado do merecimento e do plano seguido nesta disciplina, pensamos que é de bom proveito registar aqui o esforço das nossas professoras em procura da melhor orientação nesse ensino, mostrando em seguida como costumam dar essas lições.

A do 1.º anno infantil assim se manifestou pela «Folha Escolar»:

«As lições de cousas são para a primeira idade um exercicio de linguagem e de intelligencia; para todas as outras, uma aprendizagem de reflexão e de observação. Alem disso, ellas são tambem um exercicio dos sentidos. O ensino das cousas é sempre opportuno.

Quando ensinamos a leitura, a recitação, fornecemos esclarecimentos sobre um facto, sobre uma pessoa ou animaes, portanto fazemos incidentemente uma lição sobre o entendimento das cousas. Um passeio ao campo, á cidade ou mesmo pelo pateo dos recreios, uma visita a uma fabrica, por exemplo, dão ensejo ao ensino desta referida disciplina, tão vantajosa para o espirito infantil.

Para obtermos bons resultados no ensinamento das cousas é necessario, em primeiro lugar, cultivar os sentidos das crianças, pois é dellas que advem o conhecimento do mundo material. Mas, nesse trabalho, o professor precisa tambem ser auxiliado pelos paes, e assim, tanto em casa como na escola, serão adestrados os sentidos.

Mas o professor deve offerecer sempre pretexto ás crianças para verem com interesse, examinarem, apalparem, descobrirem phenomenos, effeitos e causas, adquirindo as noções de que precisam.

O ensino das lições de cousas depende de uma preparação séria e é preciso que o professor não se fie na inspiração do momento, fazendo perguntas ao acaso. Porquanto, uma lição improvisada não terá para as crianças o mesmo encanto que uma outra preparada e explicada de uma forma tambem estudada. Estas lições são sempre agradaveis ás crianças, mas por isso não devemos abusar, prolongando-as demais. Rousselot aconselha ao mestre que ponha o objecto sob as vistas dos alumnos, todas as vezes que for possivel, seja por uma representação effectiva, seja por uma imagem ou mesmo um desenho traçado no quadro negro.

Um outro ponto importante, como para qualquer outra disciplina, é que o ensino inspire satisfação, e, como as lições de cousas são sempre agradaveis, não será difficil preencher esse requisito.

Quando isto não se dér, o professor deve lembrar-se que o mais saudavel incentivo para obter entre as crianças a attenção e a acquisição de conhecimentos será associar a recreação ao ensino. A curiosidade ou desejo de saber e o amor do maravilhoso são grandes principios actuantes na infancia, cuja satisfação traz sempre emoções deleitosas. E as crianças possuem uma nativa avidez de sciencia e actividade, consistindo um dos seus prazeres em acertarem.

A importancia das lições de cousas é, pois, consideravel e merecia ser aqui demonstrada por um exemplo pratico, mas fallece espaço ao jornal e a mim coragem para a empreza. Basta, por emquanto, a minha boa vontade de tental-a outra vez ».

A do 3.º anno opinou:

«Consultando o Diccionario de Pedagogia e Instrucção Primaria de Buisson, lê-se que a expressão *lições de cousas* só entrou em linguagem pedagogica ha alguns annos, depois que foi popularizada por Mme. Pape Carpantier, illustre inspectora de ensino em França e auctora do livro «Historia e Lições de Cousas, a qual inspirou-se no senso pratico das escolas americanas (Object teaching, Object lessons).

Já Comenius, entretanto, em sua «Didactica magna» ensinava que o alumno deve aprender a conhecer as cousas visiveis pela vista, o som pelos ouvidos, os odôres pelo olfacto, as cousas sapidas pelo gosto e as tangiveis pelo tacto, traçando para isto um programma completo de ensino elementar.

E' justamente o que nos falta no nosso Programma Official de Instrucção Primaria, sobre lições de cousas, e eu, pezar da minha pouca experiencia, quizéra ensaiar um pequeno plano, mais logico, para o desenvolvimento dos sentidos, no 1º anno do Curso Elementar, devendo começar pela visão. Effectivamente, todos vêm mas nem todos sabem ver, e, para que nossos alumnos vejam bem, é preciso exercital-os desde muito cedo, começando por collocal-os, desde criança, em contacto com a natureza, ensinando-lhes a observar, por exemplo, as arvores, o sol, as estrellas, etc. isto, quando estiverem em passeio, pois em aula, como não se

e tambem á professora e aos alumnos. Continuando dessa maneira, passando de um sentido ao outro, chegaremos, proporcionalmente, ás lições mais difficieis ou complexas, por seu objecto.

Em o n. 17 da «Folha Escolar», de 13 de Maio do corrente anno, tive ensejo de alludir ás sabias observações de A. Bain (Sciencia da Educação) quando ensina que as lições de cousas devem ser subordinadas a uma seriação de idéas, e terminei opinando para que, nesse genero de ensino, nos soccorressemos do methodo adoptado por Calkins, aliás vulgarizado e commentado pelo grande Ruy Barbosa.

Em o n. 19 do mesmo jornal, minha distincta collega Celecina Ribeiro expoz com clarividencia as difficuldades que se lhe antolha, a respeito do ensino de sua cadeira, e, de accôrdo com Bain, insistiu na necessidade de fazer-se um plano ou programma para uma boa serie de lições organizadas de tal sorte que cada uma dellas prepare a seguinte e sirva de guia, á medida que se avança sobre o que já foi ensinado.

—Qual a ordem a seguir, indaga a minha collega. Como encerrar nas amenas conversações de tres annos escolares, apenas feitas em uma hora por dia, tantas noções da vida real?! Poderiamos accrescentar, se não fôra ocioso, que a estas noções devem preceder exercicios sobre os sentidos e a correção e augmento da propria linguagem falada.

E a talentosa collega termina o seu luminoso artigo delineando um programma de *lições de cousas*, segundo as idéas do nosso prezado Director, faltando apenas precisal-a.

Já não se trata, portanto, de um terreno inexplorado, mas de assumpto sabiamente abordado e sobre o qual devemos calcar os nossos ensaios. A proposta tornou-se vencedora, desde que deixou de haver contestações ou duvidas de nossa parte. Entretanto, antes de apresentar um programma para o 1º anno infantil, seja-me licito recorrer ás luzes do grande pedagogo inglez acima citado, para justificar-me.

Elle faz uma distincção theorica entre *lições de cousas especializadas* e as que visam, ao contrario, dar noção geral de conhecimentos praticos. Eu penso que, no primeiro caso, taes lições se acharão sempre fóra do programma, podendo tornar-se *occasionaes*, no 2.º, teriamos um *Curso de cousas*, cujo programma se nos impõe. E' o curso da iniciação e introdução, no processo de observar e de julgar das cousas que nos rodeiam.

Nesse programma, elle suggere a explicação de factos, phenomenos e acções do mundo exterior, cujas impressões justas têm de ser aproveitadas e desenvolvidas mais tarde

pelos professores das sciencias respectivas; e crêa uma cathegoria para as *relações de causa e effeito*, como nos exemplos do *som* da campainha ou sino e da explicação do *orvalho*.

Nestas lições devemos guiar, dirigir, rectificar e desenvolver as observações das *theorias* que as crianças formam por si mesmas, quando explicam as cousas até por idéas absurdas, como a da pedra do raio, por exemplo. E nos devemos limitar ao empirismo, isto é, á experiencia propria dos discipulos, que é a essencia mesma das lições de cousas».

A do 2.º anno assim ampliou a materia:

«Em um despretencioso trabalho, por mim offerecido o anno passado a este brilhante orgão do Gremio Litterario «Joaquim Nabuco», aventurei-me a tratar de lições de Cousas, procurando achar uma organização ou curso e distribuil-o pelas classes dos estudos primarios, consoante idéas trocadas com o nosso prezado Director.

Mas, depois de termos todas as collegas praticado o assumpto, verificámos que essas palestras assim organizadas, para que fossem mais uteis, deveriam estender-se pelo curso complementar, onde os alumnos entrariam levando bem nitidas as noções de sciencias naturaes, para melhor aprecial-as e applical-as, sobretudo no interesse de nossa agricultura, avicultura, apicultura e pecuaria.

Assim, ampliando o que eu disse então, poderiamos tentar a empreza do seguinte modo:

No 1.º anno as lições constariam de palestras e exercicios sobre os sentidos corporaes, pelo modo como já tem sido exposto tão intuitivamente pelas minhas collegas. No 2.º anno, seriam dadas as generalidades sobre os tres reinos da natureza somente. No 3.º anno, mostrar-se-ia a differença de forma entre os seres dos tres reinos, enumerando-os no reino animal e classificando-os á vista de quadros ou albuns adequados. No 4.º anno, estudar-se-ia com os alumnos a organização dos seres, sua nutrição, crescimento, etc., e bem assim a utilidade a tirar delles, não só para a nutrição como para as industrias. Nos 5.º e 6.º annos, estudar-se-ia nossa fauna e nossa flora, bem como nosso solo, sempre intuitivamente, mostrando a necessidade de melhor conhecel-os para utilizal-os. Por exemplo: falar-se-ia dos cereaes e sua cultura, dos nossos productos regionaes, do amanho dos campos, sementeiras e colheitas; das nossas florestas productoras das chamadas *madeiras de lei*, dos nossos campos de criação, do cruzamento de animaes para melhorar as raças,

e dos peixes, e das nossas minas. Estudar-se-ia tambem os chamados phenomenos de causa e effeito de que falla Bain nos estudos elementares de Sciencias Physicas e far-se-iam proveitosas palestras relativas ás artes e ás industrias, pelas sugestões das amostras constantes do Museu Escolar.

Sobre noções de agricultura, especializar a jardinagem, a horticultura, a pomicultura e silvicultura.

Nessas palestras, os alumnos achariam interesse, principalmente quando lhes narrassemos a faina do seringueiro, a vida do vaqueiro, do pescador, do mineiro, etc. etc.».

Pratica das lições sobre os sentidos

A visão

Por onde vemos: O alumno dirá, naturalmente, que vê pelos olhos e a professora fará ainda perguntas sobre este orgão, no sentido de descrevêl-o em suas partes, tanto quanto estiver ao alcance dos conhecimentos e da intelligencia tenra dos seus alumnos; mostrará a utilidade de cada um e aproveitará a occasião para suggerir a importancia desse sentido, de maneira a considerar-se feliz aquelle que o tem são e perfeito. Pode ainda fallar da belleza e qualidade dos mesmos orgãos visuaes e comparal-os com os dos animaes irracionaes.

Do mesmo modo falará sobre a hygiene a manter a respeito delles, mostrando a consequencia da falta de cuidados.

Quando se vê e quando não se vê: Sobre este ponto a professora, sempre procurando conseguir que a criança acerte por si mesma, mandará que feche os olhos ou que os tape ou véde e perguntará se basta estarem abertos para ver; falará dos olhos de vidro; da luz natural e da artificial; e, por fim, da fraqueza da vista attestada pela diminuição do volume dos objectos que se afastarem de nós, como os balões e papagaios de papel e da existencia de instrumentos que augmentam a visão. Indicar esses objectos.

O que a criança vê primeiro: Aqui a professora fará que o alumno reflicta sobre a sua infancia anterior para lembrar-se das primeiras emoções, ao ver sua mãe, seu pae, pessoas de sua familia, alimentos, brinquedos, vestuarios, animaes domesticos, etc.

O que se pode ver fóra de casa, nas ruas da cidade, nos campos ou em plena natureza: De dentro da casa a criança passará a citar os objectos vistos fóra della e a professora indagará de tudo que se pode ver nas ruas da cidade, como nos campos ou em plena natureza: casas, monumentos, ruas, praças, transeuntes, vehiculos, estradas, campos, bosques ou mattas, aves, caças, rios, lagos, mares, peixes, embarcações, balões, aeroplanos, nuvens, astros, etc.

A criança começa assim a distinguir perfeitamente entre a cidade e os campos e a comprehender a vida differente entre uma e outros.

O que se vê na escola: Chegados a este passo já não haverá mais difficuldades para os alumnos; elles saberão mencionar todos os seres e objectos que os cercam na escola, a começar pela professora e seus collegas.

E a palestra continuará segundo o maior ou menor interesse das crianças, passando-se a tratar dos cégos, da maneira como aprendem ou da relação existente entre a visão e a intelligencia por meio dos nervos opticos, de maneira a convencer os alumnos de que os orgãos visuaes têm o seu logar proprio nas orbitas, e a visão é sentido importante.

Eis como entendo que póde ser feita esta primeira lição.

Ella será ainda aproveitada como *exercicio* ou desenvolvimento desse sentido precioso como ensina Calkins.

A audição

Por onde se ouve? Será a primeira pergunta que a professora deverá fazer ás crianças sobre o assumpto. Estas, talvez, devido á sua pouca idade, ficarão vacillantes, e então, passará a mesma a explicar-lhes que ouvimos com os *ouvidos*, orgãos importantes, existentes na cabeça, cujos partes componentes tentará explicar.

Como se ouve Nesta parte explicará sempre a linguagem accessivel ás suas intelligencias infantis como o ar, carregado de ondas sonóras, vibra na membrana do tympano, parte do ouvido semelhante á pellicula dos tambores, e como a sensação do som chega até ao cerebro pelos nervos auditivos.

Impedimentos da audição; cuidados a ter com os ouvidos: Mandando os alumnos tapar os ouvidos com as mãos, a professora perguntar-lhes-á: Póde-se ouvir com os ouvidos tapados? Quando mais se não póde ouvir? Em seguida os guiará, dizendo-lhe que tambem não se ouve dormindo nem tão pouco dentro dagua ou nas regiões acima da atmosphera. Falará ainda das pessoas surdas, e lhes dirá que a surdez póde vir de nascimento ou ser produzida por uma molestia qualquer que affecte os orgãos da audição; citará as *ventarolas acusticas*, objectos que permittem a esses infelizes ouvirem melhor.

A conversa poderá prolongar-se sobre esta parte, tratando a professora de incutir na criança os cuidados a ter com os mesmos orgãos, para que os conserve sempre asseiados sem introduzir nelles grampos ou pedacinhos de pau para limpal-os, pois isto poderia occasionar graves males.

Os sons da natureza: Entre tantos que nos envolvem lembrará o dos ventos, o sussurro das mattas e das aguas dos rios, principalmente nas cachoeiras e cascatas, o ruido das ondas na praia e o ribombar do trovão.

Os sons provocados ou artificiaes: O troar do canhão, o tiro de espingarda, o ruido dos sinos, das campainhas e doutros metaes, da madeira e do vidro.

Conversará sobre os sons sahidos da natureza e, ensinando a distinguir o sibilar do vento, o sussurro das mattas, o murmurio das aguas saltando nas cachoeiras e cascatas onde se despenham com enorme fragor e o ribombar do trovão, poderá fazer perguntas como estas:—O ruido do vento é igual ao do trovão?—O sussurro das mattas assemelha-se ao ruido das aguas rolando em cascatas e cachoeiras?

Ao tratar das armas de fogo, dando para exemplo o tiro do canhão e o da espingarda, cuja intensidade é bem differente, dirá que o primeiro é mais forte, pode ser ouvido muitos kilometros alem, ao passo que o ultimo só pode ser percebido a pouca distancia. E assim proseguirá a lição procurando despertar, com outros exemplos, o interesse dos alumnos pela mesma, sem esquecer de differençar os ruidos sonóros, como o do sino, os seccos como o da quéda de um livro, os retumbantes, os estridentes, etc.

As vozes dos animaes; a voz humana: Aqui, a professora, fal-os-á por si mesmos differençar o balir da ovelha do mugir da vacca, o zurrar do burro do guinchar do macaco, levando-os, igualmente, a comparar o canto mavioso do rouxinol ou do sabiá com a voz estridente da cigarra e, mostrando-lhes, por outro lado, a grande differença entre essas vozes e a humana. Dir-lhes-á, então, que esta é mais suave, mais sonóra que aquellas, principalmente a de nossa mãe, tão cheia de amor, de suavidade e de meiguice, quando nos embala ou aconselha.

O canto musical pela voz: sons de instrumentos de musica: Nesta parte, occupar-se-á da influencia que exerce em nossa alma o canto musical, do prazer que se apodera de nós ao ouvirmos as notas melodiosas desferidas pelos bons cantores, fazendo-lhes sentir, assim, a belleza da voz humana musicada. Tratará ainda dos sons diversos produzidos pelos instrumentos, quer os de sopro, quer os de corda, enumerando os mais conhecidos.

O que seria de nós se fossemos surdos: Mostrará, nesta lição, a importancia deste sentido, ora nos permittindo ouvir as explicações do mestre, as vozes dos varios collegas, ora prodigalizando-nos a satisfação de ouvir um bem elaborado discurso, um sermão cheio de ensinamentos, a voz de nossa mãe, de nossos amigos, os cantos dos passaros e os diversos ruidos, muitos dos quaes nos advertem de perigos. Referir-se-á á infelicidade dos surdos que não podem como

phabeticos especiaes; que não sentem como nós o prazer de ouvir os bellos sons, como os dos instrumentos, etc., pelo que devemos encarecer a necessidade de cuidar bem dos nossos ouvidos, pois que sempre nos deleitamos com as harmonias da natureza tanto quanto apreciamos as da palavra humana.

Finalmente, não deverá esquecer-se o mestre de falar-lhes da influencia que tem a audição sobre a bôa pronuncia e o bom canto.

O olfacto

Por onde se cheira : Ao iniciar esta lição, o mestre ou mestra pode perguntar aos seus alumnos por onde respiramos; e, ao responderem naturalmente que o fazem pelo nariz, mostrará a importancia e necessidade dessa funcção indispensavel á vida humana, e depois lhes dirá tambem que o nariz é o orgão do cheiro.

A descripção desse orgão, feita pelo modo como é ensinada por Calkins, interessa logo os alumnos, pois lhes chamará a attenção para os diversos cheiros que os impressionam ou têm impressionado.

Cousas odóras ou inodóras : A este respeito, explicará o mestre como o mundo ambiente é composto de seres ou objectos, tendo uns seu cheiro proprio e outros nenhum apreciavel. A criança, naturalmente, se lembrará logo que as substancias alimenticias, principalmente as que passam pela cosinha, confeitaria, pastelaria etc. têm um cheiro até mesmo appetitoso. Certas madeiras, como o sandalo, a canella e o pau de Angola, as nossas fructas, em geral, e as nossas flores têm cheiro mais ou menos activo, ao passo que a pedra, os metaes em sua essencia, a agua e o ar purificado etc. deixam de tel-o.

Cousas perfumosas e aromaticas: O mestre mostrará como as cousas cheirosas variam pela intensidade do seu cheiro, havendo-as de perfume tão activo que pode produzir a morte por ásphyxia, e passará a indagar dessas cousas, lembrando aos seus alumnos, em primeiro logar, as de maior perfume, como o incenso, a myrrha, o benjoim etc.; os extractos para lenço; certos perfumes especiaes como o almiscar; os productos chimicos e pharmaceuticos: o ether, a camphora, os saes, o mentol, o amoniaco, etc.

Passará, em seguida, ás nossas fructas e flores, mandando dizer quaes as de cheiro mais activo, como o copuassú, ananaz, taperebá, a manga, o umary, e, quanto ás flores, a magnolia, o jasmin, a gardenia, certas rosas etc.

E proseguindo, os alumnos dirão algo sobre os fructos e as flores de perfume mais suave.

A esta categoria pertencem tambem certas plantas como a mangerona, o mangericão, o alecrim etc. e raizes como a mucuracaá, a piriprioca e certos cipós.

Lembrar os banhos de cheiro tomados pelo povo no dia de S. João e explicar a razão da crendice popular sobre taes banhos perfumados.

Mostrar empiricamente a razão do cheiro.

Cheiro dos animaes: Dizer-lhes, a proposito, que todos os animaes que transpiram têm ~~o seu~~ cheiro proprio e até mesmo os que não transpiram, os inferiores, na escala das especies; lembrar certos insectos de cheiro mau como a carocha, certos parasitas como o persevejo etc. ao passo que, entre os vertebrados e quadrupedes, o boi tem um cheiro bom e não assim o bóde.

Os proprios seres humanos têm cheiro bom ou mau, conforme os cuidados hygienicos que empregam em beneficio de sua saúde e de accordo com a bôa civilidade.

Cousas fétidas e rançosas: Os cheiros maus nem sempre são nocivos á saude, mas, pelo menos, são desagradaveis ao olfacto como o da polvora, o do enxofre, o do carbureto e de certos betumes.

Entretanto, é necessario que o mestre indique ás crianças quaes os que lhes possam ser fataes: o dos ambientes de ar viciado, como o do porão dos navios de carga, o dos gazes asphyxiantes e todo cheiro que se desprenda de corpos em decomposição, de pantanos e aguas estagnadas. O mal produzirá a infecção do nosso organismo. Ainda ha um mau cheiro dos excrementos e do estrume apodrecido, os jactos de certos animaes, como o da maritatáca, lançado especialmente contra os caçadores etc. O mestre aconselhará aos alumnos a se afastarem desse perigo ou se premunirem do que possa servir de antidoto a esse mal.

Os cheiros maus tambem se caracterizam pelo ranço ou azedume, quando as cousas se acham deterioradas, como a banha, o toucinho, os azeites, etc.

Maneira prudente de cheirar as flores: O mestre aproveitará a lição para ensinar como se deve aspirar o perfume das flores, com a mesma moderação com que se saboreia uma bebida agradavel. Nunca leval-as ao nariz para, de um só vez, sorver-lhes todo o aroma; porque em alguma dellas, ha bichinhos nocivos que se introduziriam pelas fossas nasaes até o cerebro e causariam males perigosos. Citar a *esponja*, para exemplo.

Individuos privados do olfacto: Mostrar com se devem

considerar infelizes taes pessoas Alem de não poderem distinguir e gozar os perfumes das cousas nem evitar os males provenientes das que são infectas, ainda ficam privadas de aspirar o aroma appetitoso das boas iguarias de nossa alimentação.

O gosto

Antes de tudo, devemos explicar bem ás crianças o modo por que se saboreia, descrevendo previamente a bocca, mostrando a sua situação entre os maxillares. Diremos que é o orgão da voz a cavidade onde introduzimos os alimentos, os trituramos com os dentes e os insalivamos para depois passal-os ao estomago. Tambem a bôcca serve para a funcção respiratoria, quando o nariz não pode exercel-a completamente.

Importancia do sentido do gosto: O mestre pode demonstrar logo a importancia desse sentido, lembrando ás crianças o bom sabor dos alimentos de sua preferencia e como, por elle, sabem evitar tudo quanto lhes é desagradavel. Naturalmente, desenvolvem esse sentido como todos os animaes, visto como são predispostas á gulodice.

Impressão das cousas saborosas ou repugnantes: Se lhes perguntarmos quaes as cousas mais appetitosas, ellas de certo citarão o leite, os bombons, os doces, as fructas e outros alimentos, solidos e liquidos.

Podemos lembrar-lhes o pão, o leite, a manteiga, a carne, as batatas e outras cousas, para que digam dos seus sabores. Mas, se lhes perguntarmos, ao contrario, sobre as cousas mais desagradaveis ao seu paladar, ellas citarão logo os remedios amargos que conhecem ou que tomaram quando doentes.

Então podemos fazel-as experimentar a differença dos sabores para que distingam, por exemplo, o sabor do limão, das groselhas e do vinagre etc., o sabor da pimenta malagueta, do cravinho, da canella, do hortelã ou da casca da romã, da pedra-ume ou do café sem assucar, da cerveja, dos salgados e de certos remedios. Para exercitar os sentidos deve-se, segundo aconselha Calkins, vedar os olhos das crianças e collocar-lhes na bocca tudo quanto ellas devam distinguir pelo sabor. Então o professor já terá feito a classificação dos sabores, explicando tambem que ha cousas sem sabor, ou insápidas.

Infelicidade de quem não pode saborear: O mestre explicará essa infelicidade pela molestia que ás vezes ataca a abobada palatina, prejudicando os nervos gustativos. Ven-

do-se assim privada de gozar o sabor que outro sente ou provar uma fructa appetitosa, um doce ou qualquer outro alimento gostoso, sentirá grande pezar, principalmente se já conheceu os bons sabores, antes da molestia.

O prazer da mesa não deve ser exagerado: Mostrará por fim o mestre ou mestra aos seus alumnos todo o mal que causa o excesso de comida ou de bebida, fazendo uma ligeira lição de hygiene da alimentação. Lembrará a má figura e os incommodos dos obesos e das pessoas de estomago dilatado e dará as regras de civilidade e de hygiene a praticarem-se durante a mesa.

As idéas de sobriedade ou frugalidade devem ser logo suggeridas, e bem assim a de temperança, condemnando-se, por exemplo, as bebidas alcoolicas e o uso do tabaco, que tanto prejudicam a saúde e viciam o paladar, podendo-se ainda discorrer sobre a conveniencia de limitarmos os nossos alimentos ás massas, hervas, legumes, ovos, lacticinios e fructos, excluindo a carne dos quadrupedes, se for possivel.

O tacto

Naturalmente, o que primeiro se nos impõe, como preliminar, é a necessidade de fazermos conhecer ao alumno o orgão deste sentido, definindo-o como um sentido primordial que nos torna capazes de reconhecer os objectos pelo contacto da pelle. Desta resumida definição o alumno deprehenderá que o tacto se exerce em toda a epiderme que cobre o corpo e, por isso, convem mostrar-lhe que este sentido tem mais aperfeiçoamento nas mãos e, mormente nas pontas dos dedos, ajuntando que este facto é de maxima importancia, pois, na falta de outros sentidos, o tacto se manifesta tão accentuadamente que causa admiração.

E' assim que o cégo educa o tacto com mais cuidado que as pessoas que têm vista, tornando tal sentido possuidor de uma sensibilidade extraordinaria, guiado pela intelligencia.

O que se pode apalpar: O professor fará comprehender ao alumno que se pode apalpar todos os objectos materiaes para distinguir-lhe a forma e natureza, e dahi a sua importancia.

Para o aperfeiçoamento deste sentido, o mestre pode exercitar os alumnos, principalmente fazendo, como ensina Calkins, isto é, mandando a criança metter a mão num sacco fechado e procurar uma bola ou um lapis misturados a outros objectos.

Assim, ella achará e reconhecerá o objecto pelas impressões tactis que recebe, apalpando-o.

O mestre explicará tambem que, da mesma forma que existem objectos facilmente percebiveis pelo tacto, outros ha que offerecem difficuldades.

Querendo distinguir-se, por exemplo, uma pessoa de outra, o professor mostrará como, para tal fim, se deve utilizar de certos meios que possam caracterizar facilmente um dos individuos.

Da mesma forma, o professor agirá quando necessario for, ministrando ao alumno os meios de, pelo tacto, distinguir os objectos formados de substancias rijas ou brandas, como moedas, objectos de chumbo, de ouro, de vidro, cobre, ferro, couro, borracha, cortiça etc., convindo, entretanto, adiantar que, neste caso, o que guiará a intelligencia ao conhecimento dos objectos será o estudo das suas propriedades particulares e taes são: a consistencia, aspereza, peso etc.

O professor accrescentará mais que, se tratando de certas especies de grãos, trigo, aveia, ervilhas, milho, favas, feijões, arroz, farinha etc. no seu conhecimento prevalecerá sobre tudo a forma, podendo tambem servir outras propriedades.

Quanto á outros objectos, como sejam retalhos de seda, algodão, lã, papel ordinario e de escrever, o professor agirá fazendo o alumno distinguil-os pelas suas propriedades essenciaes, aspereza, macieza, consistencia etc.

Ainda pelo tacto, o alumno poderá distinguir perfeitamente as substancias quentes e as frias.

Igualmente, pelo tacto, o alumno pode conhecer os solidos geometricos variados, se já teve occasião de estudal-os ou desenhal-os, gravando assim a sua forma e consistencia.

Para praticar esta propriedade tactil, o professor apresentará ao alumno varios solidos differentes como, por exemplo, o conoide, o cone, o cylindro, a esphera etc. e elle, apalpando-os, de olhos vendados, dirá as suas especies, conforme o contorno de suas faces e demais caracteristicos.

Identica operação se fará executar em tratando-se de cousas flexiveis, dobradiças, soluveis, asperas ou lisas, pegadiças, escorregadias, inescorregadias, frageis, resistentes, porque o tacto facilmente assignalará as suas propriedades e guiará o alumno á sua classificação.

Ampliação dos programmas

Nas palestras do 2.º anno

Dizer que a natureza e o espaço envolvem a terra em que vivemos, que tudo o que nos cerca, desde as nuvens até o centro da terra, pode ser distribuido em seres e estes seres classificados *em tres reinos:* animal, vegetal e mineral; que, de facto, o espaço é occupado pelos corpos diversos desde as chuvas até as cousas mais infimas ou insignificantes; que estes seres ou corpos ou são organizados ou inorganicos, pertencendo ao primeiro os reinos: animal e vegetal. Indicar os corpos organizados, fazel-os lembrar no maior numero possivel para depois explicar porque se acham organizados, ao passo que os outros são inorganicos e têm uma vida especial e quasi eterna. Por fim, satisfazendo o programma official, explicar a divisão dos animaes vertebrados e invertebrados e os vegetaes em arvores, arbustos e plantas, fazendo a distincção entre os mineraes, pedras e metaes.

Convem lembrar o que já dissemos em outro artigo, isto é, que as primeiras lições sobre os animaes, para serem bem attrahentes devem ter por assumpto seus instinctos narrados em pequenas historias inventadas ou não etc. E assim por diante, quanto aos seres dos outros reinos.

Nas palestras do 3.º anno

Para executar o programma do 3.º anno, segundo a seriação das idéas manifestadas por minha distincta collega da cadeira do 2.º anno, tendo por objecto «differençar as formas entre os seres dos tres reinos da Natureza, enumerando-os no reino animal e classificando-os á vista de quadros ou de albuns adequados», seja-me licito ensaiar aqui estas modestas instrucções, que, aliás, tomo para mim mesma.

Penso que deveremos começar escolhendo em cada um os seres mais conhecidos dos nossos alumnos para melhor instruil-os sobre esta parte.

Assim, por exemplo, mandaria fazer a comparação entre um menino, uma goiabeira e uma grande pedra e logo comprehenderiam a differença existente quanto á forma como

quanto á sua existencia, citanto os pontos differenciaes. Poderemos, portanto, indagar delles qual a forma de outros seres conhecidos, variando sempre e perguntando o que um tem e outro não tem, até que, pela enumeração de quantos a professora quizer citar, elles se tornem habilitados a classifical-os pelos tres reinos.

No animal, não nos será difficil, á vista de quadros muraes ou albuns zoologicos, ensinar quaes são os animaes mammiferos, por classes, desde os humanos e os irracionaes mais interessantes como os simios, os carnivoros, os felinos, os pachidermas, os ruminantes por sua organização. Tambem as classes de oviparos são de facil comprehensão, desde as aves de rapina, os corredores e pernaltas, até os gallinaceos mais familiares; e, deste modo, ensinaremos a classificar os reptis, os batrachios e os peixes, etc.

Tambem os invertebrados, a partir dos mais conhecidos e interessantes, podem ser estudados summariamente, como, por exemplo: o vagalume, o gafanhoto, a borboleta, as aranhas, bem assim os crustaceos, molluscos até os infusorios. Não devemos esquecer que taes lições podem ser entremeadas de pequenas historias, falando-se do rapto de uma criança por uma aguia, lucta entre os animaes felinos, caçada dos elephantes, a pesca da baleia no alto mar, etc., citando os instrumentos e os processos apropriados para essas emprezas, ou contar lendas sobre alguns animaes, como por exemplo, magnetização feita pela cobra ou sapo, etc.

Quanto ao reino vegetal, podemos adoptar o mesmo systema, mandando fazer a comparação entre as arvores, hortaliças e as outras plantas menores. Nessa parte, procuraremos estudar com elles tambem a fórma desses vegetaes indagando, por exemplo, se será possivel confundir-se um pé de couve com uma roseira e esta com um abacateiro, etc. Então, não será difficil distinguir outras especies entre as hortas, os jardins, os pomares e os bosques, assumpto que, aliás, é indicado pelo programma official.

Quanto aos mineraes, parece-nos que a tarefa não será difficil, porque os alumnos já fizeram no 2.º anno, a distincção entre as especies de pedras e de metaes; e, portanto, saberão classificar bem como pedra o granito que calça as ruas, o marmore que forma as estatuas, o barro e a pedra que estão nas paredes e, sobretudo, as joias que adornam as pessoas, e, do mesmo modo, com os metaes, o chumbo dos encanamentos, o ferro de que são feitos os pregos e as machinas, o ouro das pulseiras e dos brincos, a prata das baixellas ricas e, assim por diante, a platina, o cobre, o bronze e tanto outros metaes.

Nas palestras do 4.º anno

Como é de conhecimento elementar, devemos sempre recapitular a materia estudada em anno anterior e, neste sentido, é indispensavel que reclassificando os seres nos tres reinos da natureza, aprofundemos bem as differenças entre os animaes vertebrados e os invertebrados, falando do esqueleto, do espinhaço, do cerebro e dos membros, etc., em comparação com o corpo dos invertebrados, mostrando que estes não têm pelle, nem ossos, nem espinhas, que são molles e não possuem sangue vermelho, pelo que são considerados animaes inferiores. Cabe aqui dar algumas particularidades sobre elles, tratando das medusas, dos ouriços do mar ou dos infusorios e até dos microbios que hoje combatemos pela hygiene. Na classe dos mammiferos, citaremos os animaes mais intelligentes do que os d'entre oviparos e basta comparal-os, diante de um album zoologico, para comprehendermos como os primeiros são mais bem organizados que os segundos, embora, entre estes ultimos, as aves tenham a grande vantagem de devassar os ares, os peixes a de viver na profundeza das aguas, a cobra de ser um prodigio de agilidade, apezar de sua organização extranha. No reino vegetal, insistiremos tambem em distinguir, entre os typos das arvores, os mais bellos exemplares, e bem assim nos arbustos e nas hervas, lembrando as curiosas plantas carnivoras, as sensitivas e as de raizes aereas; e, no reino mineral, mostraremos as qualidades especificas das pedras, dos metaes e das substancias chimicas, como a agua, o ether cosmico, a atmosphera, etc.

Entre as substancias petreas devemos logo informar os alumnos sobre as mais trabalhadas como a argila, o sal gemma e o marinho, as pedras preciosas, o crystal de rocha, o silex, o jaspe, a pedra, etc. Entre os metaes, o ferro, o chumbo, o cobre, o estanho, o zinco, a prata, o ouro, a platina, o enxofre, a turfa, a plombagina, o aluminio, etc.

Dados estes conhecimentos, voltaremos a estudar os seres dos tres reinos em sua organização, no sentido de explicar sumariamente a sua physiologia ou funcções, pelos diversos orgãos de que são dotados para poderem viver. Uma comparação com certos objectos materiaes poderia dar aos nossos alumnos uma comprehensão mais facil e intuitiva sobre o assumpto. Por exemplo, mostrar-lhes-emos uma bicycleta, uma machina de costura, uma locomotiva ou qualquer outro producto do engenho ou industria humana, ao seu alcance e conhecimento, e então as diversas peças em movimento poderão dar a idéa dos varios orgãos dos corpos dos

animaes funccionando (estomago, rins, coração, orgãos apprehensores, etc.) e entre os vegetaes, as raizes, o tronco, os galhos, as folhas, etc.

Quanto aos mineraes, basta dizer-lhes, evitando o erro commum de os considerarem inanimados, que estes «corpos brutos» têm, ao contrario, uma vida especial, pois crescem, são formados de atomos, dispõem de propriedades intrinsecas, que só mais tarde lhes serão expostas.

Finalmente, tratando-se do proveito a tirar dos seres da natureza, não devemos deixar de explicar que, assim como os ha de muita utilidade para a nossa vida e para as bellezas da civilização, assim tambem existem outros prejudiciaes ou nocivos.

Nesta ultima parte, o assumpto torna-se até bem attrahente e interessante para as crianças. Imagine-se quanto ellas podem alegrar-se quando lhes falarmos do leite, na industria dos queijos e da manteiga, dos fructos saborosos, dos cereaes e dos alimentos feitos com elles, das batatas, dos legumes e hortaliças mais apreciados, dos doces de castanha e de cacau, das carnes das aves e outros animaes, inclusive os peixes, dos ovos e sua excellencia como alimentos, do nosso café, nosso matte, nosso chocolate... Muita curiosidade mostrarão, se nos occuparmos da tosquia dos carneiros para a industria das lãs, da cultura do bicho da seda ou das abelhas, do cortume dos couros, da pesca das perolas no fundo do mar, da formação dos coraes, do nacar e carmim, etc. Como procurarão saber as madeiras mais bellas ou fortes com que se fabricam os moveis, os remedios vegetaes e mineraes com que nos curamos, as materias argilosas de que são feitas as talhas e a louça, o marmore, o gesso, o jaspe das estatuas e dos tumulos, os crystaes e as pedrarias de adorno, os artefactos de ouro, prata e doutros metaes uteis! E, certo, ficarão interessados em conhecer as plantas nocivas para os animaes como a douradinha ou a cicuta, etc.; como são prejudiciaes os lagartos, gafanhotos, as formigas, os cupins, os ratos e outros roedores; certos peixes como o polvo, o puraqué, o tubarão, as piranhas, alem de traças, pulgas, percevejos, mucuins, as moscas e mosquitos, etc., tão inferiores em merecimento natural aos gados, ás borboletas, abelhas, pyrilampos e outros seres bellos e proveitosos.

Nas palestras do 5.º anno

Como a esphera de conhecimentos hauridos nos annos anteriores deve ir augmentando progressivamente, é mistér

que façamos aqui uma generalização sobre a fauna, flora e sólo do Brasil, sob o ponto de vista economico, para depois especializar o estudo e restringil-o ao meio amazonico.

Devemos para isso comparar a fauna, flora e sólo do Brasil com os da Europa e mostrar aos nossos discipulos o que temos e aquelle continente não tem, bem como o que possuimos de superior. Assim, no reino animal, indicaremos os quadrupedes mais interessantes e cuja pelle, lã ou crina é aproveitada e empregada por differentes industriaes; as aves, cuja plumagem, como a das garças, tem o seu valor especifico; os peixes, as tartarugas, etc., que contribuem para o abastecimento dos mercados, sem esquecer a utilidade da grude de certos peixes e do casco da tartaruga. Trataremos dos campos de criação de gados diversos, dos trabalhos da avicultura e apicultura e mostraremos o progresso em taes industrias criadoras.

No reino vegetal, começaremos pelas arvores de fructos mais saborosos apreciados pelas crianças como as diversas especies de bananeiras, laranjeiras, mangueiras, mamoeiros e as do cajú, dos cocos e outras palmeiras, as do bacury, cacau, castanha, copuassú, genipapo, etc. para convencel-os da necessidade de cultival-as e sugerir-lhes o valor do commercio de fructas e dos vinhos e licores, como os de cajú, genipapo, ananaz, tangerina, bacury, etc., dando-lhes, ao mesmo tempo, noções de pomicultura. Dahi passaremos á horticultura, cujo producto tambem são igualmente seus conhecidos, e bem assim á jardinagem, falando-lhes das especies mais importantes, e finalmente para as nossas chamadas roças ou cultura dos cereaes, da mandioca e batatas, alem da canna de assucar, do café, do tabaco, algodão, etc.

Quanto á cultura extractiva, faremos um estudo sobre as nossas mattas para salientar a industria da borracha, dos oleos vegetaes, resinas e fibras. Então, sempre partindo do conhecido para o desconhecido, teremos de encarecer a necessidade e importancia da agricultura de que depende a prosperidade de nossa Patria; mostraremos a fertilidade incomparavel de nossas terras, induzindo os nossos discipulos a estudal-as, em suas diversas especialidades ou capacidades, como as aluminosas ou imprestaveis á cultura, as argilosas ou barrentas, aptas para as industrias ceramicas; as calcareas, proprias para cereaes, legumes e arvores; as margosas para certas culturas, as arenosas para os cajueiros, melancias, aboboras e, assim por diante, as cretaceas e ferruginosas.

Conhecidas as differentes propriedades das terras, ensinaremos o meio de melhoral-as pelo amanho intelligente,

já introduzindo-lhes ingredientes chimicos, já estrumes ou adubos, entre os quaes residuos de animaes e vegetaes. Falaremos do modo de melhorar e augmentar os productos vegetaes pelo enxerto, poda, etc., dos meios de irrigação e, por fim, dos instrumentos agricolas e dos trabalhos do campo, combatendo a rotina da velha cultura.

No reino mineral, recapitularemos pelo mesmo methodo as differentes substancias ou as chamadas riquezas mineraes que têm valor economico e depois explicando-lhes intuitivamente a composição do ar atmospherico das chuvas, do orvalho, da agua potavel e, descendo a indagações mais praticas, a fabricação do sal, do vidro, da polvora e outros explosivos. Falaremos das qualidades do marmore, do porphyro, alabastro, etc., da lapidação dos diamantes, da fabricação dos betumes, cimentos e outros concretos e, do mesmo modo, da porcellana e louças inferiores.

Sobre metaes, especializaremos os de uso commum e os combustiveis; a composição de aço, bronze, lata, flandres e falaremos das qualidades de todos elles e do seu emprego até na illuminação, por meio de gazes.

Como bem se comprehende, o assumpto é vasto e comporta muitas lições, sendo a sua maior difficuldade talvez a de não sahirmos do terreno puramente pratico e intuitivo, para entrar em estudos technicos que as crianças não podem ainda comprehender.

Nas palestras do 6.º anno

Em primeiro lugar, teremos de completar o estudo sobre os tres reinos da natureza iniciados nos annos anteriores, porém, imprimindo agora um certo cunho scientifico a essas lições, embora procedendo sempre de maneira que os nossos alumnos as recebam com prazer e interesse. Assim, falando nos mineraes, lhes explicaremos sua formação, mostrando como particulas julgadas insignificantes se reunem para formal-os, indicando as qualidades intrinsecas e extrinsecas das mesmas, tratando da sua origem, duração, modo de crescimento, etc.

No reino animal especializaremos o estudo do corpo humano; estudaremos os diversos orgãos e apparelhos nelle contidos como o digestivo, o circulatorio, o respiratorio, o cerebro, os orgãos dos sentidos. Serão indispensaveis as noções de anatomia e physiologia.

O estudo dos vegetaes deve ser feito sob o ponto de vista tambem physiologico e taxionomico e, neste sentido, ini-

ciaremos as lições pela physiologia dos mesmos, descrevendo cada um dos orgãos que os compõem e suas funcções diversas e utilidades; passaremos depois a classifical-os, reunindo-os em familias, ramos, grupos, especies, segundo os seus caracteres differenciaes, e poderemos, assim, estudar as classificações mais seguidas, dando explicações sobre a importancia dos estudos botanicos.

Devemos encaminhar as palestras, chamando a attenção das crianças para a vida do naturalista, essa fonte de saber e de trabalho paciente, que passa quasi toda a sua existencia perscrutando os segredos da natureza, atravez da forma de todos os seres.

Faremos umas visitas aos museus e hortos botanicos, mostrando a sua utilidade e distinguindo todos os entes que lá se encontram, desde o mais pequenino espécime de animal, planta ou mineral até o que mais nos prenda a attenção, já pelo seu porte magestoso como os leões, já pela sua semelhança com o ser humano como o macaco, ou pela belleza de sua plumagem como o pavão. Falaremos do trabalho, e cuidados que taes institutos dão aos seus directores, numa preoccupação continua, empregando a sua actividade, ora na conservação de todas as plantas ou animaes, oriundos, muitas vezes, de longinquos paizes, de clima differente, sem os meios de nutrição que se tornam difficeis a muitos delles ora procurando corresponder-se com outros museus scientificos. Taes visitas vivificarão os novos estudos sobre a materia.

Passaremos em seguida, nessas palestras, para um outro assumpto que tambem deliciará os nossos ouvintes: a vida nos seringaes, nas fazendas, nas roças, pois é natural que tenham conhecimento dessa outra maneira de viver, se bem que mais trabalhosa, porém, mais fortificante, mais salutar, fóra do bulicio das cidades. Para isso deveremos descrever-lhes um seringal, uma fazenda, emfim, o sertão em toda a sua rudeza ou exuberancia, para que se desenhe na sua imaginação o que com os olhos não lhes é permittido ver.

De certo, ficarão attentos, em ouvindo falar do barracão principal, das barracas dos seringueiros, da sua vida de fadigas, sujeito a um senhor (o patrão), andando, desde o amanhecer até o anoitecer, pelas estradas abertas na matta, parando, ora aqui, ora acolá a fazer a incisão na arvore para extrahir o ambicionado thesouro, o precioso latex; diremos mais que não é só o trabalho que os maltrata; têm ainda de lutar com as condições antihygienicas dessas regiões.

Explicaremos ainda mais o preparo da borracha, as suas diversas especies, os processos da defumação etc. Mu-

dando de scenario mostraremos que as fazendas de criação têm um aspecto mais agradavel que o seringal com sua casa de moradia, os seus curraes; que é mais agradavel a vista naquelles campos, a perder de vista, onde as malhadas se movem ao som das vozes dos vaqueiros, quando as rezes não pastam vagarosamente ou ruminam ao sol.

Depois, nos occuparemos um pouco do pescador e do roceiro, cuja lida é util mas afanosa, pois aquelle vive sujeito ao furor das tormentas, ao frio cortante das noites, em quanto este soffre as inclemencias do sol no amanho da terra e defesa de suas lavouras rendosas. Indicaremos os meios de que se serve o pescador para apanhar e conservar os peixes, de modo que possam chegar aos mercados.

Tambem a vida dos mineiros e operarios é bem proveitosa. Os primeiros trabalhando no subsolo, tendo sempre por cima das cabeças uma abobada que ameaça sepultal-os, procuram as riquezas occultas no seio da terra ou sejam os metaes preciosos ou as pedras e argillas.

Quanto aos operarios, diremos que trabalham em usinas e fabricas diversas ás quaes dedicam o seu esforço, arriscando muitas vezes a sua vida. Indicaremos essas fabricas.

E' a esses homens rudes na apparencia e ao seu trabalho que devemos os progressos, pois são elles que nos proporcionam as commodidades da civilização e a origem da riqueza.

Descrevendo uma mina de carvão, lhes diremos os diversos modos por que se descobre a sua existencia, ora pelo solapamento do solo, ora pelas pequenas fendas, deixando ver os residuos do mineral; trataremos igualmente dos meios empregados para chegar á fonte do mineral, dos poços de sondagem, exploração e sua divisão, das machinas empregadas no esgoto dos mesmos, pois muitas dellas se formam em terrenos paludosos ou porosos; finalmente, das paredes de madeira ou de pedra e cal, para sustentaculo do solo, na abertura das galerias e no transporte dos mineraes atravez das mesmas até a superficie da terra.

*
* *

Alem dos programmas, indicados neste capitulo ha ainda instrucções e tabellas para o ensino de calligraphia, gymnastica sueca e para a pratica do francez, duas vezes por semana.

Observações especiaes

Os docentes, dedicados á sua nobre profissão, pensarão em seus discipulos não só durante os trabalhos educativos de suas classes como fóra delles. A preoccupação psychologica deve começar pela distincção a fazer entre os discipulos mais ou menos bem dotados de intelligencia, para que não seja exigido o mesmo esforço ou resultado de todos igualmente.

Todos os professores devem conhecer e praticar, nesse sentido, os conselhos pedagogicos de Alfredo Binet em seu precioso livro, resultado de observações acuradas, intitulado «As modernas idéas sobre as crianças».

Em todas as occasiões que se lhes offereçam, devem ministrar *conselhos moraes* dando combate á mentira, ás brigas nos recreios; incutir aversão á «gazeta», aos jogos de azar, ao tabaco, ás bebidas alcoolicas, aos maus tratos dos animaes inoffensivos, ninhos, passaros e plantas; e bem assim o respeito para com os monumentos, jardins e edificios publicos ou particulares, de modo que não sejam damnificados.

Quando a conversa recahir sobre o Brasil, cumpre salientar sua producção, riquezas naturaes, territorio e maravilhas physicas, insistindo sobre o trabalho agricola e industrial como condição de prosperidade particular e geral.

A leitura de artigos de jornaes e revistas não deve ser esquecida, quando tiverem merecimento pedagogico.

Os alumnos devem habituar-se ao uso do diccionario que hão de ter sempre ao alcance de suas mãos.

Cada mestre procurará fazer uma selecção de poesias adequadas á sua classe, além dos hymnos e canticos entoados no Collegio, para que os alumnos os comprehendam, decorem e recitem.

V

Palestras semanaes

Palestras semanaes

Como explicação

Em capitulo anterior encarecemos o processo de educar por meio de colloquios constantes com os nossos discipulos de todas as classes, a que elles tanto se habituaram que esperam sempre o dia costumado para receber nossos conselhos e adquirir mais conhecimentos uteis ao seu desenvolvimento physico, moral e intellectual O assumpto nunca lhes é de todo desconhecido e, por isso mesmo, logo o comprehendem, acceitando as idéas expostas, de maneira attrahente e accessivel como fazem as professoras do Curso Primario, sempre ouvidas com attenção e applausos.

Na impossibilidade de reproduzir todas ellas, nas series em que se enquadram, aqui registamos as quatro series mais coordenadas, versando sobre os seguintes themas: *Trabalho Profissional*, *Cultura Physica*, *Educação Moral e Hygiene.*

Entretanto, as demais palestras não foram menos interessantes, como as relativas á *Defesa da Escola*, e aos *Livros de bôa leitura,* incluindo contos originaes com o mesmo fito pedagogico. Por isso, as que formam o presente capitulo valerão apenas por uma prova de nosso methodo e da idoneidade de nossas professoras.

*
* *

1.ª SERIE

O trabalho profissional

1.ª PALESTRA

Honremos o trabalhador honesto

Suggeriu esta primeira serie um incidente entre dois alumnos, um dos quaes recusára apertar a mão do outro por achal-a callosa como a dum trabalhador de enxada.

A palestra espontanea feita a todos os alumnos do Curso Primario, a proposito desse incidente, foi como um hymno

entoado ao trabalho. Em linguagem simples e accessivel, uma das professoras do Collegio falou-lhes, obedecendo ao seguinte summario:

«O trabalho é uma lei imposta pela natureza a todos os seres. Contemplando o Universo, todos o achariam cheio de movimento e actividade, e, na Terra, a propria natureza é a mestra universal e o exemplo edificante que nos encoraja e estimula para elle, como util e indispensavel á vida.

Até a formiga, tão grande em esforço constante como pequena de corpo, dá uma *lição* aos entes preguiçosos que, mais cedo ou mais tarde, soffrerão as consequencias de sua ociosidade. Um outro exemplo de amor ao trabalho e de disciplina é o da abelha em cuja colmeia reina a mais completa ordem, razão por que alguem já a comparou a um Estado. Falou das avezinhas que, todas, pela manhã, partem de seus pousos, já para construir os ninhos, já para procurar alimento, cumprindo, á medida de suas forças, o decreto universal. E o proprio reptil tambem trabalha para sua alimentação. Alludiu á Terra, no seu giro continuo em volta do Sol e sobre si mesma, parecendo estar numa lida prodigiosa e collossal; e, do mesmo modo, á agua e aos proprios ventos, em suas forças e movimentos. Comparou a vida util a um combate renhido pelo bem geral, mas em que não se derrama uma só gotta de sangue, uma guerra em que não se ouve o troar de canhões nem se vê o scintillar de espadas, mas o movimento e o ruido do trabalho, quer nas escolas quer nas officinas, nas cidades e nos campos. E' que toda pessoa bem intencionada tem uma occupação, um meio de ganhar a vida honestamente, um officio, uma profissão digna e de accôrdo com as suas aptidões.

Referiu-se ao trabalho honesto mostrando como tanto honra aos que o fazem, por meio de enxada ou charrúa lavrando as terras para as plantações, como aos que, em recintos confortaveis ou não, cultivam as sciencias ou as artes ou ensinam e educam seus alumnos. Por isso, compara o livro a um instrumento de trabalho, a uma charrúa ou enxada da instrucção, preparando as intelligencias para, mais tarde, darem fructos sazonados; e bem assim a bôa escola a uma officina especial.

Que differença entre o estudante que frequenta aulas com muitos livros, sem os utilizar, e o lavrador que tambem vae, todas as manhãs, para os campos com sua ferramenta, voltando á casa somente á noite para repousar, depois dum dia de aturado trabalho. E pergunta qual das duas pessoas é mais digna de admiração. Confronta, do mesmo modo, o operario, o sapateiro, o carpinteiro, o marceneiro, o alfaiate

e outros trabalhadores honestos com o gatuno, o assassino, o jogador de profissão, os malandros e garotos sem prestimo, para affirmar que estes são verdadeiros microbios da sociedade, pois só servem para exercer um trabalho funesto ou reprovado. E termina concitando as crianças ouvintes a prezarem os bons trabalhadores, embora de mãos callosas, menos felizes que ellas, por não puderem frequentar escolas e serem condemnados a um trabalho sem tréguas, onde consomem as energias com menos lucros e vantagens do que os intellectuaes. Quando, em breve, houver em todo o Brasil, muitas escolas profissionaes, onde todos possam aprender e melhorar os seus officios e profissões vocacionaes, então os operarios deixarão de ser julgados entes subalternos e inferiores pelos que não comprehendem o valor do trabalho e, certamente, serão mais felizes, porque poderão dar ao seu officio um desenvolvimento e proveito mais lucrativos e menos penosos. Entretanto, continuarão de mãos callosas e todos nós lh'as apertaremos com satisfação, pelo mesmo motivo, emquanto forem probos.

2.ª PALESTRA

A divisão do trabalho

Para incutir bem no coração dos alumnos os sentimentos democraticos, a professora do 3.º anno, na reunião seguinte, explicou-lhes que, não sendo permittido a todos occupar altas, brilhantes e rendosas posições, tambem podemos servir a Patria e aos nossos semelhantes em todos os officios e profissões manuaes como os de pedreiro, sapateiro, costureiro, alfaiate, calafate, ferreiro, caixeiro, chapeleiro, pintor, guarda-livros, mechanico e outros empregos mais humildes, até o homem da enxada ou qualquer servente. Isto mostra que, nas sociedades civilizadas, não só precizamos dos estadistas, legisladores, jornalistas, preceptores, medicos, advogados e engenheiros, militares etc., como tambem dos agricultores, artistas, operarios e serventes de todas as classes de trabalho, pois concorrem com o seu esforço para o bem individual e geral. Para mostrar-lhes que todos são iguaes perante a lei commum e não devemos desamar os nossos compatriotas que se entregam a um trabalho mais rude que o nosso, ahi está a guerra em defesa da Patria. Quando surge esse perigo todos hombream nas fileiras, onde só se distinguem os que commandam e os que são commandados. Assim, na paz, só devemos distinguir entre os que dirigem e são dirigidos, mas honrando a todos que sabem cumprir os seus deveres. Encarando a questão pelo lado moral, ella avançou ainda que humildes artistas e operarios podiam ser, muitas vezes, superiores ás mais altas personagens, por seus sentimentos e virtudes. Do mesmo modo, elles poderiam ter melhor quinhão de alegria e tranquillidade do que os homens que vivem cercados de luxo e de adulações. Nesse sentido, lembrou-lhes a feliz fabula do «Sapateiro remendão e o visinho rico» a quem incommodava a cantoria daquelle, vivendo a bater sola, na humilde officina. Contou como, tendo o sapateiro cedido á proposta de receber uma grande bolsa de dinheiro para não trabalhar, perdeu o somno, o apetite e a alegria, montando guarda ao thesouro, e resolveu entregal-o, convencido de que não havia melhor riqueza do que a saúde e o trabalho que o alegrava. E assim continuou a bater sola e a cantar como dantes.

Fez-lhes a comparação da vida dos ricos e poderosos ou dos reis e ministros e mais potentados, que vivem nos seus palacios, em agitação, em meio de festas e intrigas, com a dos simples agricultores, em pleno contacto com a na-

tureza, tratando das suas roças e a dos rudes pescadores arrostando o perigo das aguas e das tempestades, fortes e corajosos na faina, alegres e felizes no seio de sua familia virtuosa, comendo bem e dormindo melhor, como tambem a dos fazendeiros, quer nos campos de criação de gado, vendo augmentar os seus rebanhos e boiadas, quer nas fazendas productoras de café, algodão, canna de assucar, cacau e a dos proprietarios de seringaes e castanhaes, na Amazonia, considerados como chefes e respeitados em suas terras, cheios de bem estar. Tal genero de vida é talvez ainda mais agradavel do que a dos funccionarios publicos obrigados a trabalhar no recinto, por vezes, acanhado e pouco hygienico das repartições, muitos delles sem iniciativas, cumprindo ordens limitadas e recebendo vencimentos igualmente limitados, e sujeitos a decepções e desgostos. E concluiu, aconselhando os alumnos a não pensarem em só estudar para doutores e funccionarios publicos; porque o paiz, devido ás suas condições economicas e sociaes, tambem precisa muito de professores, agronomos, agricultores, de commerciantes e artistas de boa vontade, que saibam augmentar a riqueza publica com o trabalho agricola das minas e de todas as artes e industrias que tanto concorrem para a prosperidade geral. E todo esse trabalho não pode excluir o contingente do mais humilde operario.

3.ª PALESTRA

A felicidade no trabalho

Offerecendo o thema das palestras precedentes um ensejo magnifico de despertar o interesse dos alumnos pelas artes e officios, a professora do 2.º anno, quiz discutir e explicar a seguinte objecção: Sabido como os officios ou empregos mais modestos tornam muitas vezes mais felizes as pessoas que os exercem, porque, sendo assim, se reclama para ellas escolas aliás frequentadas por gente que se destina a outras profissões mais elevadas? Quem fizesse tal pergunta mostraria, por certo, muita intelligencia e justa curiosidade, porque, infelizmente, as classes de que falara são realmente as mais faltas de instrucção, parecendo que só por isso deixaram de subir na escala social. Poderia ainda nascer a duvida de que a felicidade dos humildes proviria de sua ignorancia dos estudos liberaes, como se vê entre o nosso povo. Mas seria um erro suppôl-o.

Como já ficou dito, não ha sociedade humana organizada sem a divisão de trabalhos em profissões differentes e, mesmo que todos podessemos adquirir uma instrucção perfeita e integral, não deixaria de haver profissionaes em todas as classes, desde o simples serviente até o presidente da Republica, desde o pescador até os grandes industriaes, desde o quitandeiro até o alto commerciante, desde a cosinheira até á preceptora etc. Isto quer dizer que nem o ministro póde passar sem o sapateiro, nem este deixa de precisar, por exemplo, dum Chefe de Policia que defenda a sua officina como a propriedade e a vida em geral. E assim por diante.

Não é menos certo que, se os operarios e artistas fossem instruidos como os profissionaes das classes mais elevadas, elles poderiam ainda ser mais felizes e aproveitaveis, porque o seu trabalho seria mais intelligente e rendoso. Assim, o alfaiate que saiba desenho, o agricultor que estude as sciencias physicas e naturaes verão os seus productos mais valiosos e agradaveis e talvez mais baratos. De facto, constitue uma lacuna e uma grande injustiça a falta de escolas para esses obreiros obscuros, porque, assim como o governo os reclama para o serviço do exercito e da marinha, pedindo-lhes a vida em defesa da Patria, assim tambem lhes deverá dar a instrucção indispensavel e obrigatoria para que todos possam melhorar e valorizar os seus officios. Esta questão pode ser considerada vencida diante da grande propa-

ganda que hoje se faz em toda a parte mostrando a necessidade irrecusavel das escolas profissionaes.

Uma outra professora entendeu que deveria citar aos alumnos, em honra dos artistas, os exemplos celebres de Benjamin Franklin que foi typographo e tornou-se depois o sabio inventor do para-raios; Murat, simples estalajadeiro, que chegou a ser Marechal de França e rei de Napoles; Abrahão Lincoln, humilde rachador de lenha, que se elevou a presidente da grande Republica Norte-Americana; e, assim como estes, muitos brasileiros se elevaram por suas qualidades, talento e patriotismo, sobretudo no exercito e na marinha.

Para mostrar a dedicação com que os profissionaes menos brilhantes se entregam aos seus officios, basta conhecer o sentimento de classe, o orgulho com que mantêm uma forte solidariedade até o ponto de, muitas vezes, moverem formidaveis greves em defesa de seus direitos contra os industriaes ricos e os proprios governos armados. Finalmente, elles se comprazem em viver numa esphera especial, habitando, nas grandes metropoles, em seus proprios bairros, com seus theatros, cinemas, cafés, egrejas etc.

4.ª PALESTRA

A escolha das profissões

Seguiu-se-lhe a professora do 5.º anno, aproveitando o mesmo assumpto para interessar os alumnos desde logo na escolha duma profissão futura. Disse-lhes que, antes de tudo, é um erro pensarem numa carreira, como, por exemplo, a do official de marinha, só pela vaidade de vestir uma farda brilhante, tão bem acolhida em salões, como em qualquer outra parte de nossa sociedade. Os militares prestam muito bons serviços á Patria, a bem de sua ordem e soberania; mas o Brasil, por suas condições economicas, tambem precisa muito, como já se sabe, de quem explore e applique as suas riquezas pelas profissões de engenheiros, de industriaes intelligentes e operosos, de commerciantes honestos, de chimicos e physicos e seus auxiliares, para que venha a exportar em abundancia os seus productos e estes sejam preferidos na concorrencia commercial com outros paizes.

Desde a escola primaria, entre os estudos e os jogos, podem todos logo pensar na escolha duma futura profissão, pois não devem ellas ser abraçadas pelo acaso da sorte ou impostas, ainda que pelos paes, sem as vocações necessarias como succedia antigamente com a de padre...

Não se deverão enganar com idéas falsas. Todos os profissionaes têm como os alumnos das escolas, as suas horas de repouso ou de folga, de accôrdo com as suas idades, posições ou riquezas. Todos trabalham, mas esse trabalho não é o dum escravo ou duma machina; ao contrario, é intelligente e sujeito a iniciativas pessoaes. Ha leis que o regulam a bem da saúde e do seu conforto durante a vida, no meio de suas familias.

Se, desde a escola primaria, os estudantes são conduzidos a observarem os phenomenos da natureza, a admirarem tudo quanto constitue a grandeza ou a belleza dum paiz contemporaneo, a se interessarem pelos problemas sociaes de sua Patria, a conhecerem a sua historia, as suas possibilidades de triumpho constante; bem poderão comprehender que, num paiz vasto como o nosso, possuindo climas e ceus differentes, mares, rios e montanhas, uma flóra uma fauna, e até uma geologia regionaes, ha mister de se preparar intelligencias para organizar-se o trabalho, nessas regiões.

Os grandes rios da Amazonia banhando zonas fertilissimas exigem a construcção de barcos adequados, indispensaveis ao transporte de pessoas e productos, e então a fundação de diversos estaleiros seria um grande meio de auxi-

liar a nossa prosperidade, a par da fertilidade do solo onde existem extensas florestas naturaes de riquezas inapreciaveis, já pela madeira, já pelas fibras, já pelos productos de seringaes e castanhaes, cacauaes etc. Alem disso, os nacionaes não devem deixar que o extrangeiro venha tirar dessas riquezas o proveito que só nos deve pertencer. E assim como os industriaes e agronomos, podem todos prestar serviços relevantes ao paiz, occupando nelle posições de destaque.

Se a nossa borracha está depreciada pela concorrencia desleal do extrangeiro, nem por isso devemos deixar de utilizar esse producto, trabalhando nas fabricas de artefactos do mesmo. Os estudantes se devem instruir para que rivalizemos com a Republica Norte-Americana, Inglaterra e Allemanha. Se possuimos, igualmente, vastos campos de criação de gado, tratemos de melhoral-os pelo cruzamento e boa organização de seus serviços e verão como todo o paiz fornecerá ao commercio do mundo animaes das melhores raças fortes, bellos, bem criados. Nós, o povo da Amazonia, devemos imitar os Estados do Sul, principalmente Pernambuco, S. Paulo, Bahia, Minas e Rio Grande do Sul, sobretudo no seu desenvolvimento industrial e agricola. Precisamos ter usinas de assucar, fabricas de tecidos, de papel, de vidro, de concretos, de artefactos de borracha, de productos chimicos e outros artigos indispensaveis. Façamos do Pará, tão bem aquinhoado pela natureza, um grande centro de actividade util ao paiz. No dia em que o povo, convenientemente instruido, soubér, por exemplo, utilizar as madeiras de nossas mattas nas industrias e cultivar a terra obtendo della todos os proveitos imaginaveis, nesse dia, teremos chegado á realização do mais nobre ideal dum povo forte e pacifico. E é nas escolas profissionaes que se ha de aprender o segredo de fazer a prosperidade publica porque della sahirão formados os grandes combatentes pelo progresso e pela riqueza do Brasil, nas artes e nas industrias, em cujas posições não serão inferiores aos mestres, advogados, sacerdotes e officiaes de marinha, a despeito do brilho exterior que possam ostentar.

E conclue concitando os alumnos a reflectirem e se decidirem pela profissão que melhor lhes quadre, pela importancia e interesse que lhes merecerem ou pela vocação natural, de accordo com as condições especiaes de fortuna de suas familias.

5.ª PALESTRA

A nacionalização das profissões

Uma nova palestra foi accrescentada para mostrar aos alumnos os perigos da invasão de extrangeiros nas nossas industrias como segue: Vêmos, de facto, com tristeza que o commercio e a industria do Brasil são exercidos por muitos extrangeiros, em nosso desfavor. Basta lembrar as mercearias, botequins, barbearias, sapatarias, officinas e emprezas diversas que prosperam entre nós. Ha lojas de fazendas fundadas até por turcos e arabes e lavanderias por chinezes. A lavoura em S. Paulo e Santa Catharina e Rio Grande do Sul, enxameia de allemães e italianos; estradas de ferro, emprezas de viação urbana são explorados por extrangeiros e, se a navegação de cabotagem nos pertence, é por prohibição de lei especial. E' preciso tambem nacionalizar o ensino. De facto, o extrangeiro não nos póde educar; suas differenças de raça e de interesse a isso se oppõem. Muitas vezes, não conhecem bem a nossa geographia, nem a nossa historia, nem a nossa lingua, nem as nossas instituições e, sobretudo, não podem vibrar comnosco em sentimentos patrios. Entretanto, até padres extrangeiros mal preparados procuram ganhar a vida ensinando barato cousas que não sabem, contra os interesses nacionaes.

Diante deste quadro, urge trabalhar para que vençamos o extrangeiro dentro do nosso proprio paiz, ou para que elle não nos domine.

Nós nos devemos atirar ao trabalho com o mesmo afinco desses extrangeiros, muitos dos quaes, como os portuguezes e italianos, aqui chegam analphabetos e quasi indigentes, e logo encontram empregos lucrativos, logrando muitos delles enriquecer e elevar-se na sociedade como capitalistas, directores de bancos e companhias de commercio e industria etc.

Não ha deshonra no trabalho honesto, por mais humilde que seja, como já sabem, e assim os nossos garotos bem poderiam engraxar botas como os italianos, em vez de viver na malandragem. Isto, porém, não quer dizer que possamos dispensar o braço extrangeiro tão activo em nossos campos, em nossas colonias, em nossas industrias nascentes; mas os brasileiros deviam excluil-os, pela concorrencia pelo menos, das emprezas e serviços publicos mais importantes, como a de estradas de ferro, melhoramentos de portos, viação urbana, estaleiros, navegação, exploração de minas e outras puramente de interesse nacional. Não devemos desdenhar o contacto com o extrangeiro que nos possa adian-

tar, mas, mesmo aprendendo com elle, precisamos mostrar-lhes que temos aptidões industriaes para não sermos annullados. Admittamos o extrangeiro que seja honesto, instruído, que nos traga capitaes ou iniciativas proveitosas; mas combatamos como indesejaveis os conspiradores contra a moral, a ordem publica e a nossa prosperidade economica. Falemos as linguas extrangeiras se pudermos, a bem dos nossos interesses, porém cultivemos melhor a nacional. Emfim, trabalhemos em todas as industrias uteis e seremos bem felizes quando pudermos dizer que as nossas casas, nossos moveis e utensilios e até nossos navios e armas de guerra, tudo que comemos e usamos, passaram pelas mãos de operarios brasileiros. Havendo patriotismo e instrucção, não encontraremos obices, porque saberemos utilizar a força das nossas cachoeiras quando nos falte carvão de pedra e a lenha nas fornalhas das usinas, ou extrahir adubos chimicos da atmosphera para fertilizar as terras de nossas culturas, quando não tivermos outros elementos mais facil de adquirir.

2.ª SERIE

A cultura physica

1.ª PALESTRA

Necessidade dos exercicios

Por certo já terão alguns dos caros discipulos reflectido acerca da importancia dos exercicios physicos adequados ao desenvolvimento das crianças e dos quaes depende a saúde, o vigor e a alegria de viver e trabalhar: Qual de vós não desejaria gozar de boa saúde, ser bem desenvolvido e forte, dispondo até de um aspecto bello?

De facto, o homem deve ser forte para que se adapte a todas as circumstancias da vida, para poder trabalhar em todos os climas, supportar qualquer alimentação a que fique sujeito. Sendo assim, a sua existencia não lhe parecerá um fardo pesado e o trabalho um supplicio como acontece ás pessoas fracas ou doentes, incapazes de adquirir o pão.

Quantas vezes não tereis admirado a força e o vigor ao ponto de ficardes embevecidos a contemplar por alguns instantes a musculatura dos athletas, já em photographias, já pelas proprias acções, no recinto de suas proezas!

Isto não quer dizer que vos torneis athletas ou homens de força muscular excessiva, porque o athletismo é, até certo ponto, condemnado.

Taes homens têm, muitas vezes, existencia breve, morrendo esgotados por exercicios sempre crescentes, quando não chegam á uma velhice penosa.

Para nos tornarmos fortes, para termos bastante saúde, bástam os exercicios apropriados ao desenvolvimento de nosso corpo, de par com a hygiene geral e com a bôa alimentação.

Elles devem ser methodicos, ao ar livre, e o mais possivel attrahentes e agradaveis, de modo que sintamos prazer em pratical-os, enchendo-nos de bem estar ou bôa disposição para o trabalho. Os exercicios feitos ao ar livre e puro são os melhores, porque auxiliam as nossas funcções organicas, a começar pelos pulmões.

Observae o que se passa em vós, depois de um passeio a pé a um logar distante de vossa casa ou dum recreio ou

folguedo regular em commum. Passado o cansaço do exercicio, vos sentireis melhor, tereis mais appetite e mais disposição, porque, sem o saber, caminhando, brincando, correndo, nadando, remando, pescando ou cavalgando em horas proprias, tereis feito um exercicio de grande importancia para a vossa saúde. Se continuardes como for melhor aconselhado, vereis o vosso organismo transformar-se pouco a pouco; vossos musculos tornar-se-ão mais elasticos ou resistentes, o coração trabalhará com mais força em beneficio da funcção circulatoria; os rins, o estomago, com muito mais vigor; todos os movimentos serão mais activos e o corpo adquirirá uma forma harmoniosa e bella. Ao contrario, vêde o que aconteceria a uma pessoa que só cuidasse da alimentação do corpo, sem exercicio algum. Em pouco tempo perderia a actividade, porque o corpo se iria alargando em gordura inutil e desgraciosa e uma pessoa assim cairia doente ao menor esforço muscular. Alem disso, os exercicios physicos desfazem ou remedeiam muitos defeitos do nosso corpo e os proprios obésos se poderiam reduzir ás formas normaes de saúde e força. Por outro lado, os magros e rachiticos se tornariam fortes por meio de exercicios adequados ao seu estado.

Os jogos desportivos, tão cultivados entre todos os povos modernos, travando-se até matchs internacionaes, é uma verdadeira exposição ou concorrencia para prova de nossas aptidões, na cultura physica, e da propria belleza e selecção de raça. Nos tempos antigos, o mesmo enthusiasmo havia entre os gregos e romanos, nas corridas, jogos e luctas corporaes, havendo premios para os vencedores. Os athletas eram victoriados como heróes da força, verdadeiros semideuses, coroados de louros e levados em triumpho; seus nomes inscriptos nos porticos dos templos e immortalizados em estatuas. Isto lereis na Historia quando estudardes os jogos olympicos e outros congeneres. A dança ao ar livre, executada por jovens descalças, enfeitadas de flores aos accordes de alaúdes, no alto das collinas, nas clareiras dos bosques ou á porta dos templos de suas divindades, era o outro meio de desenvolver a saúde, a agilidade, a graça e a belleza.

Tambem hoje essas danças vão sendo praticadas fóra dos salões, mostrando as vantagens de ordem physica e moral sobre uma agitação de pares em movimento, até mesmo irracionaes, que só por moda se pode admittir, porque ninguem aproveita com ellas, principalmente por se fazerem á luz artificial e em atmosphera quente e viciada. Portanto, para comparecerdes aos jogos desportivos precisareis adestrar

previamente o vosso corpo, desenvolver as vossas força cuidando da cultura physica. E ainda ha os exercicios mi tares a que todos sois obrigados para o serviço da Patri Nelles nada extranhará aquelle brasileiro que se apresenta bem desenvolvido por exercicios previos.

Terminando, aconselha a professora a seus alumnos nunca se recusarem aos exercicios de gymnastica nem aos j gos recreativos, unindo-se aos collegas e amigos para melh expansão de forças e sentimentos de solidariedade indispe saveis á vida, ao moral do individuo e á defesa nacional.

2.ª PALESTRA

Condições dos exercicios

Na segunda palestra desta série, assim se exprimiu a professora :

A vida é o movimento, a immobilidade é a morte. Lancemos a vista em volta de nós, apreciemos com attenção e estudo o que nos cerca. Que vemos? Um movimento constante e natural de tudo que nos rodeia: movem-se os animaes, as plantas e os proprios mineraes, como por exemplo a agua e o ar.

Já tivestes, com certeza, occasião de apreciar os diversos brinquedos dos irracionaes. Temos sempre em casa um exemplo frisante: os gatos gostam muito de brincar com bolinhas que encontram e, para agarral-as, pulam e saltam para a frente, para traz, para os lados. Pois essas brincadeiras interessantes são, ao mesmo tempo, grandes e uteis exercicios physicos que os preparam e tornam aptos para a caça aos ratos e morganhos. Nunca vistes os cães numa grande correria, parecendo brincar o jú-jú?

Outros exemplos eu vos poderia apontar com irracionaes.

Si a brincadeira, pois, é propria do animal, brinquemos tambem nós, façamos movimentos e exercicios indispensaveis ao nosso desenvolvimento physico, porem, tendo sobre todos esses seres uma grande superioridade, porque somos intelligentes e racionaes, os nossos movimentos e brinquedos devem ser de accordo com essa intelligencia e esse raciocinio, para podermos mais depressa alcançar o fim almejado. Se assim não fizermos, os resultados obtidos serão completamente diversos dos que buscamos.

Por essa razão, os exercicios devem variar, segundo o clima, a edade ou constituição de cada individuo, sendo que os moços e as crianças são os que devem fazer mais exercicios corporaes, afim de formarem uma raça forte que fará o progresso e a prosperidade da Patria. Não quero dizer com isso que os velhos não os façam; devem mesmo fazel-os, moderadamente, para conservar as forças e evitar algumas enfermidades.

Dentre os diversos exercicios physicos temos a gymnastica, excellente não só pelas vantagens que offerecem como tambem pela belleza e graça dos diversos movimentos por ella creados. E' uma instituição pedagogica que pode substituir os jogos de cultura physica, quando não é possivel executal-os.

Comtudo, a gymnastica não deve dispensar os jogos

e os desportos, porque estes, alem doutros, têm tambem um fim educativo. Toda e qualquer instituição não dará os fructos desejados, nunca attingirá um grau de aperfeiçoamento geral ou completo si nella não se tratar do coração, não se curar de aperfeiçoar e cultivar os sentimentos moraes, individuaes ou collectivos, formadores do caracter de cada pessôa.

Assim é que, na pratica dos desportos e mais jogos de agilidade corporal, a par das grandes e uteis vantagens auferidas em favor de nosso physico, temos ainda a accrescentar os bons effeitos resultantes desses exercicios em conjuncto, effeitos esses não menos vantajosos e uteis do que aquelles, pois a cortezia, a justiça, o cavalheirismo, a delicadeza, que sempre devem reinar nesses brinquedos, preparam o homem social por excellencia, torna-o apto para mostrar na sociedade, onde irá viver, o que é o verdadeiro cavalheiro, o verdadeiro «sportman», visto que, para ser bem qualificada uma pessoa, não basta que jogue ou se dedique a um qualquer «sport», é preciso tambem que possúa, principalmente, certas e determinadas qualidades que porá em pratica, quando estiver em «forma».

E, então, ao mesmo tempo que preparamos o nosso corpo, por meio de exercicios diversos, aperfeiçoamos nossos sentimentos de cavalheirismo, solidariedade, justiça, ao reconhecer a victoria de nosso adversario, apertando-lhe a mão espontaneamente, quando formos derrotados, de modo que a cordialidade reinará sempre entre os muitos companheiros de folguedo, e evitar-se-ão tantos factos desagradaveis que geralmente succedem por occasião dos diversos jogos em commum, e estaremos sempre contentes, durante horas seguidas duma agradavel diversão, pois nós buscamos tambem, nesses exercicios, a alegria, que tanto bem nos faz, á alma e ao corpo, e nunca a raiva, o odio ou despeito que nos desacreditam, abalam o systema nervoso e até occasionam males lamentaveis.

Não é esse o fim moral dos exercicios em conjuncto; ao contrario de malquerenças, a solidariedade deve unir num laço fraternal e amigo todos aquelles que têm o mesmo ideal, o mesmo pensamento, os que trabalham pela mesma causa, defendem os mesmos principios e só assim, por uma deliberação justa, conseguirão o alto e nobre fim que visam os seus esforços; estes terminarão, por esse modo, coroados do melhor exito.

E' este o fim moral dos jogos, hoje, como foi hontem e como será amanhã, pois, embora elles mudem com o clima, com tempo ou com a civilização, o seu fim será somente um.

Sim, caros alumnos, os folguedos variam; como tudo na vida, elles passam tambem por modificações diversas. Os jogos ou brinquedos que constituiram a alegria ou a paixão de nossos paes ou avós, como sejam o pião, jogo do cafuné, o papagaio, etc., foram substituidos pelos modernos, cujas vantagens são maiores e melhores.

Se perguntardes aos vossos papás quaes as brincadeiras de que mais gostavam quando tinham a vossa edade, responder-vos-ão, com certeza, que nunca brincaram como vós, *gritando* termos extrangeiros como *goal*, *off-side*, *corner* e outros; brincaram muito, sim, porem o jú-jú, a bocca do forno, o caçador, a gallinha e o gavião, a academia, quatro nações, pata-céga e mais jogos.

Hoje brincamos raras vezes tudo isso; porem, preferimos quasi sempre os desportos em moda e que constituem uma applicação dos exercicios com um fim especial, como sejam, a patinagem, o cyclismo, a equitação, o remo, a marcha, o salto, a pesca, o pugilato, a luta romana, a natação, a carreira, a esgrima, a caça e outros.

Todos elles são muito bons, quando bem feitos e praticados com intelligencia; e, se quizermos brincar num campo, temos ainda o *foot-ball*, o *golf*, o *cricket*, o *wolley-ball* etc. Se chove e ficamos sem poder sahir de casa, podemos recorrer ao *boliche* ou jogo das quilhas, ao bilhar, pim-pum e, num salão, ao das prendas e á dança.

Convem notar que, antes de nos entregarmos ou nos dedicarmos a qualquer especie de desporto, é indispensavel uma inspecção medica, isto é, temos que pedir e seguir a opinião dum clinico que, examinando o nosso organismo, nos dirá quaes os jogos que devemos evitar, porque, ás vezes, ignorando as nossas disposições organicas, andamos tão erradamente na escolha de exercicios e jogos, que nos advêm resultados contraproducentes se não desejados e lastimaveis.

Nesses jogos, ha tambem necessidade de um instructor sportivo, dum mestre ou guia, não só para fiscalizal-os e garantir a ordem e a justiça, como tambem para evitar a fadiga ou cansaço que sempre nos deixa em estado de abatimento.

Quer no campo do militarismo como no campo da sciencia ou das artes, quer com a espada como com a penna, só poderão ser bons cidadãos estudando, como vós, ou ensinando, regando as terras, cultivando os campos, dedicando-se ás sciencias ou ás artes, aquelles que forem fortes, pois a saúde dá alegria, dá perseverança, dá riqueza e felicidade.

3.ª PALESTRA

O prazer e a hygiene dos jogos

Outra professora:

Felizmente, hoje, com o correr do tempo e da civilização, já comprehendemos que os jogos de força não são os mais recommendaveis á mocidade, pois até entre as estatuas de belleza physica, as mais admiradas são justamente aquellas em que o corpo humano, tomando formas esbeltas e graciosas, deixa de mostrar exageros de musculos, impropri-os da nossa raça. Basta dizer-vos que, para se conseguir os maiores proveitos uteis na vida, não é preciso ser athleta ou heróe de força descommunal, porque assim como David matou o gigante Golias pela sua agilidade e destreza, lançando-lhe uma simples pedrada de funda, assim tambem nós, podemos evitar todos os perigos com a nossa agilidade, intelligencia e bôa saúde. Uma criança forte póde derrubar um athleta, dando-lhe uma rasteira.

E como é bello ver as crianças atirarem-se, bem dispostas e alegres, a esses exercicios reclamados pelos musculos e orgãos do nosso corpo, sempre que esses jogos sejam de nossa predilecção!?

Como é bonito vel-as partir jubilosamente, aos saltos e ás carreiras, com a sua roupa propria, para os campos desportivos ou para o terreno dos brinquedos!?

E a par desta alegria, vê-se tambem o sentimento de camaradagem ou colleguismo, seguido quasi sempre do de amizade, de civilidade, de cortezia, de cavalheirismo, de generosidade e de justiça.

Quando não houver um juiz para esses jogos, todos podem ser juizes leaes e amigos, devendo terminar o folguedo com o mesmo enthusiasmo do inicio.

Se acontece magoar-se algum dos combatentes é de ver como todos se interessam e se dedicam pelo companheiro infeliz ou desastrado, procurando auxilial-o até pôl-o de novo em *forma*. A este respeito, desde que vos falo em *forma*, é preciso que vôl-a explique convenientemente.

Trata-se de collocar o individuo em condições do melhor exito nos seus exercicios e, para isso, é preciso collocar todos em estado de saúde e força de resistencia, por meio do treino ou trenamento do corpo, como diz um medico competente.

Esses exercicios ou trenamentos, dependem da constituição do individuo, do sexo, do meio em que se o pratica. Por isso, é um erro suppor que todos nós podemos attingir um mesmo grau de forma por um trenamento especial. E' uma tarefa delicada, que deve ser imposta como um remedio activo para o desenvolvimento de cada um.

Cada vez que se põe o corpo humano em exercicio, provocamos não somente o trabalho dos musculos, mas o do cerebro, da medulla espinhal, do figado, das glandulas diversas, dos rins, da pelle, etc. Assim como os *sportmen* extrangeiros têm cada um a sua *forma*, tambem nós devemos procurar a educação physica nacional, por um trenamento especial, de accôrdo com o nosso clima. Como, porem, adquirir a *forma*?

A exemplo do pianista que, para dar um concerto e exhibir-se brilhantemente, precisa exercitar progressivamente os dedos no teclado para tel-os promptos no momento da execução, assim tambem, nos exercicios physicos, devemos proceder methodicamente nesse trabalho muscular, que tem de produzir a resistencia e a agilidade. Não se trata, porem, de fazer ensaios desordenados até attingir a fadiga. Ao contrario, é preciso o repouso do corpo e muita regularidade no regimen alimentar, no somno reparador, e em tudo que faça do nosso systema nervoso um nosso alliado e não um inimigo, como dizia um mestre. E' preciso uma grande e forte bôa vontade, para não sahir dessa forma, nem fazer extravagancia alguma que a perturbe.

Segundo certo escriptor, pegando o habito regular dos movimentos, faz-se sempre uma especial *toilette dos musculos*, forçando-os a eliminar os residuos que se accumulam durante o repouso da noite, tornando-os de uma tonicidade sempre nova demonstrada pela marcha mais rapida, como as subidas de escada mais facil, resfôlego menos intenso, com a agilidade e *jeito* cada vez maior para evitar obstaculos ou accidentes.

Ha regras de hygiene que não se pode deixar de cumprir com a maior fidelidade. E, deste modo, preparados pela forma para a resistencia contra a fadiga e para executar bem os movimentos, faremos sempre bôa figura, quer vencendo nos campos desportivos, quer ajudando nossos «teames» a alcançar a victoria. Eis tudo. Guardae estas noções em vossa lembrança.

Sêde ageis, sêde fortes, bem dispostos para todas as lutas; mas sêde, antes de tudo, applicados, obedientes, sóbrios, moderados para manterdes uma bôa saúde e uma bôa forma

ou promptidão physica com que vencereis sempre todos os trabalhos da vida, sem estafa, sem fadiga, sem desanimo, sem decepção.

Para as lutas intellectuaes, para comprehender as sciencias, para progredir nos estudos, é preciso ter saúde e ser forte.

Aprendei, pois, a ser fortes, bons, bem educados, e sereis felizes!

4.ª PALESTRA

Educação physica das moças

Quando se pensa nos cuidados que se deve ter com a educação physica dos moços, comprehende-se logo que a mais imperfeita e insufficiente é a das meninas. Spencer já observára que, nos collegios femininos da Inglaterra do seu tempo, não reinavam a alegria ruidosa e o movimento tão aproveitaveis que existiam nos collegios dos rapazes, dizendo mesmo que sentia e lastimava esse erro pedagogico. Então, dos centros civilizados extrangeiros foi desapparecendo pouco a pouco essa falta, como se a critica do eminente philosopho produzisse um effeito magico. Hoje, nos collegios bem organizados e até mesmo nos religiosos sem exagero mystico, as meninas folgam, brincam e se exercitam, desenvolvendo bem o corpo a par do espirito.

Infelizmente, entre nós, já não é assim; a educação physica das meninas ainda está por desenvolver, excepto em alguns collegios do sul da Republica, onde ha professores especialmente contractados para encaminhal-a com exito.

Vêde como as nossas jovens compatriotas, educadas na maioria das escolas e em geral as filhas de familias paraenses, embora muitas dellas esbeltas e graciosas, são quasi todas pallidas e franzinas, mostrando pouca resistencia physica, tanto para os trabalhos intellectuaes como para os domesticos e da vida pratica! E quantas morrem cêdo por não poderem resistir á surpreza e violencia das molestias, deixando na dor e na saudade as pessoas queridas, e sem que pudessem cumprir até o fim o seu dever patriotico de mães de familia e cidadães em todos os officios e profissões!

Possuimos jardins e parques, dentro da nossa cidade e um bosque no suburbio, todos bem cuidados, de modo a poderem as meninas brincar nelles em horas convenientes e em dias certos; mas as familias se esquecem dessa necessidade tão palpitante e apenas lhes permittem a distracção dos cinemas e o exercicio dos bailes, pouco favoraveis á saúde e á moral, como lhes permittem tambem perder o tempo nos cuidados dos vestidos e toucados ou que se postem ás janellas observando o movimento das ruas...

Como seria agradavel e util que todas vós aproveitasseis os lazeres das tardes ou das noites, e bem assim o dos domingos, após *a missa* e vos reunisseis em diversos centros familiares para brincar, em convivio com vossas collegas e amigas da mesma edade e vos avigorar e embellecer com as cores e as graças da saúde!

O proprio *sport* do remo e da natação, onde fosse possivel fazel-o, alem de outros jogos, em breve viriam realçar toda essa belleza de vida activa e prazenteira.

José Verissimo, o grande e saudoso educador conterraneo, escrevendo o seu bello livro sobre a educação, em 1890, clamava contra esse verdadeiro crime de indifferentismo pelo desenvolvimento physico e aconselhava aos governos municipaes a crearem, em cada cidade, um centro de recreio para os moços, ao ar livre e gramado como o da praça Saldanha Marinho, nesta capital, que serviria para tal fim, se fosse bem preparado e fiscalizado.

Pois bem, todos fecharam os ouvidos ao grande pedagogo e só hoje a paixão do momento em imitar o extrangeiro fez crear os campos de *foot-ball* que não satisfazem todas as necessidades da educação physica e, muitas vezes, ao contrario, são prejudiciaes pelo excesso de fadiga e lamentaveis accidentes que taes exercicios produzem, sem moderação nem inspecção dos competentes.

Tivessemos nós, em cada bairro, um centro sportivo para as meninas jogarem o *tennis*, o *wolley ball*, a pelota basca, as bandeirinhas e até mesmo o bilhar e o boliche e fazerem exercicios como a patinagem, as carreiras, os saltos etc., fossem ellas attrahidas por musica e até mesmo por premios, e, certamente, se transformariam em moças fortes, coradas, airosas e resistentes aos trabalhos da vida.

Na familia nem sempre se pode reunir o numero indispensavel para formar o jogo que dá a alegria communicativa e produz os effeitos desejados, sendo muito preferivel que todas nós fossemos mais frequentemente a esses centros do que aos cinemas e aos bailes. E, desde que os governos ainda não puderam cuidar dessa necessidade primordial de defender a nossa raça, facultando os meios de desenvolvel-a, dizei vós todas aos vossos paes que promovam a creação de sociedades ou clubes, onde vós deverieis recrear e exercitar, como se faz nos centros civilizados. Nas casas de educação deveriam fazer-se obrigatoriamente os exercicios de gymnastica callisthenica, a mais propria para o nosso sexo, pois callisthenia é nome derivado do grego, que significa *força realçada pela belleza;* com ella a menina tende a evoluir de par com as suas collegas, dum modo rythmico e harmonioso e os exercicios, como já vos disse neste mesmo recinto a distincta professora Annita Muller, lhe auxiliam os movimentos physiologicos, extinguem-lhes certas anomalias e as adestram para os actos mais communs da vida, asseguran-do-lhes o funccionamento regular de todos os orgãos.

A gymnastica foi creada por Ling, na Suecia e ha quem

não veja attractivos nem encantos em seus exercicios; isso, porem, succede a principio, e, a medida que as meninas vão repetindo os movimentos irão sentindo prazer e mostrando mesmo mais disposição para elles. E' necessario que haja um programma de gymnastica callisthenica proprio e perfeitamente modelado pela capacidade das meninas, e ao qual ellas se subordinem; do contrario, se abandonar-se o desenvolvimento physico, pondo em descaso os ensinos de sciencia moderna, avançaremos para a degeneração e debilidade crescente da mulher.

Felizmente, no nosso Collegio, não está em absoluto abandonado esse programma. No emtanto, o que fazemos aqui ainda é pouco; falta-vos o habito e o enthusiasmo pelos jogos. Effectivamente, tem sido preciso que o nosso Director, muitas vezes, mande preencher um intervallo de aulas com recreações para que algumas de vós desçam ao parque para fazel-o. Já foi instituido aqui o *wolley-ball* e o jogo das bandeirinhas; mas nem sempre são praticados, porque falta justamente a vossa bôa vontade. Precisamos reagir contra essa indifferença certas de que as meninas que menos brincam são as que têm menos saúde e attractivos.

Portanto, não esperemos que de outras partes surja esse enthusiasmo pelos jogos femininos. Daqui, deste pequeno centro de educação que tão bôas iniciativas tem mostrado, deve tambem partir o movimento pela renascença da educação physica da mulher, por meio dos jogos adequados ao nosso clima, á nossa raça, e á nossa classe de intellectuaes. E, deste modo, ao terminardes os vossos cursos, levareis para os vossos lares ou para as escolas superiores não só a comprehensão nitida sobre a necessidade dessa educação, mas tambem o habito de exercital-a com exito.

Dizem que na Suecia, depois de certos annos, procura-se verificar o melhoramento de cada geração, pelo effeito da gymnastica, notando-se, com prazer e com orgulho nacional, a maior estatura das pessoas e a mais longa duração de sua vida.

Pois bem, quando, mais tarde, já livres dos vossos deveres escolares, vos puderdes rever a vós mesmas e verificardes que sois umas moças sadias, de bôa estatura, vigorosas, intelligentes, alegres, graciosas e mesmo bellas, haveis de fazer justiça ás iniciativas deste Collegio, aos cuidados do nosso esforçado Director e aos conselhos da humilde professora que vos fala neste momento, tanto com o cerebro como com o coração cheio de interesse e sympathia por vós.

3.ª SERIE

Palestras sobre educação moral

1.ª PALESTRA

A coragem

Uma terceira serie de palestras, tendo por objecto os sentimentos moraes, tambem foi feita a proposito de factos occasionaes.

A primeira dellas versou sobre a coragem inspirada pela leitura da respectiva poesia de Olavo Bilac.

A professora começou dizendo que não se estuda somente para saber ler, escrever e contar, cultivar sciencias e lettras, para occupar uma posição na sociedade. Um bom estudante só será estimado se tiver um coração bem formado, isto é, se fôr obediente, affectuoso, caritativo, justo, corajoso, patriota emfim, nobre por todos os seus actos. São bem conhecidos e censurados certos mocinhos bem trajados e até filhos de familias distinctas que, ao seguirem para as escolas carregando livros, discutem nas ruas com os collegas e outras pessoas, injuriam-se, brigam, assobiam, cantam coplas inconvenientes, imitando a gente inculta que não reflecte e vive na desordem

De que servem os estudos que elles fazem, se a educação moral, isto é, os seus sentimentos, habitos e costumes são indignos de sua familia e de sua escola? Alguns chegam até a perder tempo nos botequins, dirigem chufas ás meninas com quem se encontram, atiram pedras ás arvores e aos companheiros, jogam a bola nas praças publicas com moleques, fumam em prejuizo da saúde e fazem outros desatinos. Varios destes, quando viciados, acabam abandonando os estudos e tornando-se vagabundos que a policia prende de vez em quando.

Porque lhes succede esta desgraça? Porque não tiveram coragem para reagir contra os maus exemplos dos companheiros, porque não a tiveram para resistir ás attracções dos mesmos, porque finalmente não a tiveram para denunciar a seus paes os incidentes da rua. E, assim, sem a verdadeira coragem de confessar as suas culpas, vão-se tornando infieis e ingratos para com suas familias, seus mestres e sua patria, formando um contraste com os estudantes de sentimentos nobres. Felizmente, entre os alumnos já conhece varios de muita coragem, apezar de pequeninos. Sabe, por exemplo, de um da classe infantil que ha pouco deixou arran-

car dois dentes sem dar um grito. Este menino decerto terá coragem para affrontar outras difficuldades e soffrimentos na vida e será um cidadão valoroso. Tambem conhece outros que sempre tiveram coragem para confessar suas faltas, em vez de attribuil-as a innocentes, e a coragem para não mentir é uma das mais bellas virtudes do estudante. E, assim, poderá ser até um bom auxiliar do mestre.

Entretanto, ha meninos tão medrosos que não são capazes de entrar numa sala escura e que recusam tomar um remedio; outros, como certas pessoas grandes, têm horror ás viagens maritimas com medo de morrer. E peor do que isto, ainda outros ha tão covardes que não terão coragem de defender um fraco contra um forte ou livrar um companheiro de qualquer perigo. Muitos ha ainda que tremem com medo de phantasmas e cousas imaginarias.

Porque será isto? Porque desde crianças viveram talvez na indifferença egoista, sem nunca terem commettido um acto de coragem.

Em conclusão, para mostrar o que póde succeder a um homem covarde, lembrou o caso do soldado recrutado para a guerra que, um dia, após uma batalha, procurando descobrir alguma cousa perdida no campo pelos combatentes, ao roçar por um arbusto espinhoso, sentiu-se, de repente, preso pela tunica desabotoada e então, surprehendido e ametrontado, sem coragem de olhar para traz, supplicou com voz tremula, levantando os braços para o ar:—«Não me mates, camarada!... Que mal te fiz eu?!...».

Quando se soube do incidente, o soldado medroso não teve mais socego no acampamento, porque todos os valentes o ridicularizavam, lançando-lhe em rosto a sua mizeria, até que adoeceu e não teve a gloria de concorrer para a victoria final de suas armas.

Homens como esse desmoralizam até a terra de seu nascimento, mostrando-se incapazes da confiança geral. A coragem, pois, é um nobre sentimento que se deve cultivar desde a infancia e muito concorre para formação do verdadeiro caracter; ella se desenvolve pelo cumprimento dos deveres, pela lealdade em não mentir nunca, pela força de vontade para resistir ás más inclinações e maus exemplos, para fazer a caridade, para respeitar as leis, para defender os seus direitos perante as auctoridades constituidas, emfim para se sacrificar pela Patria.

Uma outra professora accrescentou exemplos de coragem, de bondade e de patriotismo, referindo-se aos pequenos heroes creados por de Amicis, no seu famoso livro «O coração», salientando typos de estudantes como Garrone que

se sacrificava pelos seus collegas, rara e verdadeira alma de justo a quem o mestre honrou varias vezes, perante todos; como o pequeno patriota paduano que teve coragem de arrojar ao rosto de tres passageiros de um transatlantico em que viajava, em 3.ª classe, as moedas que delles recebera de esmola, porque, deitado em sua maca, os tinha ouvido falar mal de sua terra, e então levantou-se, dizendo-lhes que não acceitava esmola de quem insultava seu paiz; como umas meninas collegiaes soccorrendo um pequeno limpador de chaminés, que chorava por ter perdido o preço de seu trabalho. Taes factos, disse ella, bem poderiam succeder entre nós, porque estou certa de que os estudantes brasileiros tambem são capazes de praticar tão bôas acções como aquellas meninas caridosas. E accrescentou: «Ainda hontem um meu pequenino discipulo da aula infantil conseguiu o perdão para um collega mais velho privado de recreio. E o Director abraçou satisfeito por verificar sua bondade alliada á sua coragem.

Quanto ao caso das meninas, se é certo que não ha entre nós pequenos limpadores de chaminés, ha, todavia, crianças como os engraxates, doceiros e vendedores de jornaes, que trabalham durante o dia para levar dinheiro aos seus paes e patrões. Ora, se uma dessas crianças passasse por nossa escola chorando pelo mesmo motivo do pequeno italiano, estou certa que as nossas discipulas tambem a soccorreriam cotizando-se, porque não são somente as pessoas grandes ou extrangeiras que praticam o bem».

2.ª PALESTRA

Amor filial

De outra vez, em nova palestra, foram referidos casos identicos que se lêm em livros brasileiros, alguns dos quaes adoptados no Collegio.

Aposto, dizia a professora, que nenhum de vós se terá esquecido daquelle menino alcunhado «O Rato», por causa de sua vivacidade e do qual Olavo Bilac conta uma historia tão bonita. Filho de uma infeliz paralytica, era comtudo dotado de excellente coração e tinha mais coragem para praticar o bem do que muitos homens que vós conheceis. Em vez de abandonar a sua pobre mãe doente, immobilizada numa cama velha, era elle quem, antes de sahir, arrumava o quarto escuro e sem ar, onde viviam por caridade, sem janellas para a rua e quem lhe servia as parcas refeições, adquiridas com as esmolas que angariava. Ora, um dia, envergonhando-se de pedir á gente orgulhosa, acceitou o convite dum seu conhecido para vender jornaes juntos e, á noite, voltou á casa mais alegre, porque começára a ganhar a vida sem ser maltratado. A mãe, inteirada do facto, abençoou-o commovida e esse menino fez-se homem trabalhando com grande proveito em officinas.

Qual de vós deixaria de imital-o? Portanto, deveis cultivar a bondade, a par da coragem e haveis de vencer na vida.

Um exemplo não menos frisante foi apontado por ella na historia tambem conhecida e lida no livro intitulado «Atravez do Brasil», adoptado no 3.º anno, nestes termos:

Lembrae-vos dos pequenos heróes Carlos e Alfredo, filhos dum engenheiro que construia uma estrada de ferro no sertão de Pernambuco. Pois bem: bastou que tivessem conhecimento por telegramma de que o pae se achava gravemente enfermo, para que fugissem do collegio e emprehendessem uma longa viagem por caminhos desconhecidos para elles, affrontando perigos provenientes de sua inexperiencia.

Que poderiam fazer a bem da saúde de seu pae? Chegariam a tempo de encontral-o vivo? Isso lhes disse o Director quando lhes negou permissão para a viagem. Mas sabeis como tomaram o trem e chegaram á ultima estação do caminho de ferro, como andaram depois, guiados por informações vagas, atravez de regiões desertas, como curtiram fome

e sêde e dormiram ao relento, sempre com a idéa de encontrar o pae. Embora fizessem uma imprudencia, esses meninos procederam como homens e foram perdoados pelo muito que soffreram e pela coragem que tiveram. Esta coragem indomita, nascida do amor filial, vos deve inspirar quando quizerdes alcançar um nobre fim, embora em empreza mais difficil ou arriscada do que a dessa historia enternecedora.

3.ª PALESTRA

A perseverança

Exaltando taes virtudes, na palestra seguinte, outra professora falou a seus discipulos sobre a perseverança, como segue: «Se alliardes esta ás demais virtudes já commentadas, tereis então um escudo seguro e valioso com que vos empenhareis na luta pela vida e com o qual triumphareis. A proposito disto, não se conta exemplo mais eloquente do que o da celebre historia de Robinson Crusoé, conhecida em todo o mundo civilizado pelas pessoas de bôa educação, podendo-se dizer que ainda não houve livro de maior exito em publicidade. Muitos de vós tereis, pelo menos, ouvido falar desse horóe, cuja aventura se acha resumida ate mesmo em livrinhos illustrados, já distribuidos como premios, neste Collegio.

Rapaz vivo, sympathico e filho dum rico negociante, contava apenas 17 annos e não podia resistir aos impulsos de abraçar a carreira maritima, apezar da prohibição paterna, até que, um dia, encontrando um camarada de escola feito tripulante dum navio, deixou-se arrastar pelo enthusiasmo e embarcou para a Inglaterra.

Um naufragio, nesta primeira viagem, não o dissuadiu do seu proposito, porque, em vez de voltar ao lar, engajou-se de novo em navio que se dirigia ao Brasil, e, durante essa viagem, uma catastrophe mais desgraçada ainda o arrojou sosinho á praia duma ilha deserta, pois perecêra toda a tripulação. O que se passou comsigo dahi por diante, reagindo contra o desanimo, precavendo-se contra selvagens e animaes ferozes, procurando alimentação, conseguindo abrigo e fabricando suas proprias roupas e utensilios, commettendo acções heroicas para salvar seus semelhantes contra os selvagens antropophagos, até poder achar um ensejo feliz de voltar ao meio civilizado e á casa de seus paes, tudo isso mostra a sua coragem, energia, bondade e, sobretudo, muita fé e perseverança.

Talvez a companhia e a amizade do indio salvo lhe désse mais alento e confiança, mas Robinson teve ainda que trabalhar com paciencia para ensinar-lhe os usos e costumes do homem civilizado.

Depois de volvido á Patria em companhia dos indios Sexta-feira e seu pae e de ter organizado o trabalho de colonização na ilha de suas vicissitudes, viveu rodeado de todas as considerações e louvado por sua coragem, intelligencia e perseverança. E bem a mereceu o heróe desta aven-

tura porque, abandonado como vistes, sem casa, sem comida, sem armas, exposto a toda sorte de perigos, elle salvou-se por essas virtudes. Se fôra descrente ou covarde ou sem aptidões, vendo-se isolado naquella terra desconhecida e desprovido de tudo, deixar-se-ia morrer. Mas, ao contrario, resignou-se, não perdeu o animo, investigou e trabalhou para reviver, esperando o dia de sua libertação e conseguiu-a heroicamente. Não penseis, entretanto, que esse Robinson fosse um homem extraordinario, possuindo organização differente da nossa ou nascido de proposito para vencer tantas difficuldades. Não! Apezar de ser personagem duma historia imaginada, esse typo de alma forte e bôa tem figurado em varios dramas da vida real.

Quantos naufragos desconhecidos não fizeram o mesmo que Robinson por se verem em situação identica em viagens de explorações de terras desconhecidas, como os nossos conhecidos Caramurú e João Ramalho e outros representantes dos primeiros elementos da colonização do Brasil! Quantos não supportaram ainda peores rigores nas tentativas do descobrimento dos pólos da Terra, quando invernados ou soterrados pelas camadas de gelo, vivendo num verdadeiro subterraneo! Quantos, finalmente, nas modernas emprezas temerosas de viagens aereas, não se salvarão de graves accidentes a não ser por suas virtudes pessoaes!? Mas, lembrae-vos tambem que, fóra das viagens, vivendo em sociedade, deveis ser como Robinson, não desanimando, em qualquer situação difficil e, sobretudo, trabalhando por vossos semelhantes e pela Patria com aquella mesma perseverança; e, para isso, tereis muito mais facilidade de bom exito, porque vós outros vos achaes mais bem favorecidos, apparelhados e acompanhados, do que o nosso heroe e contaes ainda com o estimulo de vossos amigos, de vossos mestres e de vossos paes.

4.ª PALESTRA

Deveres para com os paes e a Patria

A professora disse que a nossa vida é uma teia de deveres; que vivemos ligados aos mais sérios compromissos, desde crianças.

Não fazemos como os irracionaes que abandonam os filhos, depois de amamentados, para lutarem entre si com brutalidade e egoismo. Todos os alumnos nascem e se criam protegidos e acariciados por seus paes, devendo, por isso, obedecer-lhes e respeital-os até á morte; e nossos irmãos devem ser nossos amigos.

Muitos dos que a estavam ouvindo poderiam chegar a amar um gatinho, um cão ou um carneiro como uma ave; e ha meninas que amam as suas bonecas como se fossem seres vivos, passando horas a *conversar* com ellas.

Somos caracterizados pela ternura do nosso coração ou essa sensibilidade geral que nos humaniza, tornando-nos capazes até de sacrificios pelo proximo, e assim não é para admirar que amemos nossos paes, mesmo por instincto, perdoando-lhes algumas injustiças ou malentendidos, quando não forem bem educados ou perderem o bom senso.

Amamos tambem a Patria, porque é a terra do nosso berço e sobretudo a dos nossos paes e avós que a serviram e engrandeceram por suas acções normaes ou heroicas; amamol-a, além disso, porque é bella e digna, desde que começamos a conhecel-a, estudando a sua historia, isto é, o seu passado cheio de nobres esforços dum povo que soube desenvolver-se e emancipar-se por si. A par da Historia, de certo já podem admirar a grandeza do Brasil, no seu territorio, seus mares, seus rios e florestas, sua fertilidade e riqueza E devemos cada vez mais estudal-a para melhor defendel-a e engrandecel-a, elevando-a ao nivel das nações mais gloriosas.

Depois de nossos proprios deveres para com Deus, distingue-se este sentimento sublime do amor pela Patria a que estamos gostosamente ligados pela familia e pelas tradições e onde devemos viver trabalhando, sempre adaptados ás condições do ambiente favoravel e formoso que nos alenta, encanta e orgulhece.

Ser obrigado a deixar este territorio é para nós um castigo ou infelicidade, porque as saudades da Patria constituem até uma enfermidade. O seu estudo, porem, impõe-se como uma indeclinavel necessidade. Basta imaginar que estudantes brasileiros achem-se, muitas vezes, em commum

com collegas extrangeiros e discutem a excellencia de suas patrias. Se os brasileiros não souberem bem a nossa lingua, a nossa geographia, a nossa historia, de certo que não poderão exaltal-a ou defendel-a, não poderão mostrar o brilho da cultura das lettras e artes brasileiras, citando os nossos poetas, nossos musicos e pintores, nossos prosadores, nossos juristas, medicos, engenheiros, militares, diplomatas e estadistas.

E terminando: «Se chegardes a fazer um estudo de tudo isso, como das nossas bellas instituições, isto é, do nosso regimen politico, das nossas forças militares, da nossa justiça, da nossa instrucção publica, em summa, da nossa organização democratica, ficae certos de que não haverá quem vos leve a palma em ardor patriotico. Sereis louvados e respeitados por um amor verdadeiramente consciente, daquelle que sabe ser grato á sua patria como sabe amal-a e servil-a desde criança nos estudos, para mais tarde, pagar-lhe o tributo do trabalho na paz, e do sangue, se tanto for preciso, no campo de batalha».

Sob este thema insiste outra professora perguntando aos alumnos quando começaram a amar a Patria para explicar-lhes que este sentimento nasce com elles e cresce á proporção que forem comprehendendo a importancia e belleza do paiz nativo.

Se, nos tempos de paz e concordia, diz ella este amor é suave na sua grandeza e grande na sua doçura, nos tempos de guerra, quando precisamos vingar ou impedir uma affronta á nossa bandeira, nesses momentos terriveis em que se acha empenhada a honra do nosso paiz, então o patriotismo torna-se impetuoso e irresistivel, lembrando o estupendo phenomeno das pororocas, dos nossos rios.

Imaginemos o que sentirá um homem no ardor dessas luctas ~~onde a~~ derrota equivale á infamia e a victoria á uma vida gloriosa?! Se, quando, numa cerimonia civica, ouvimos os accordes guerreiros do nosso bello hymno ou contemplamos a bandeira auri-verde nacional conduzida por garboso batalhão, vibramos de enthusiasmo respeitoso, como não será elle impetuoso no meio da batalha em que pelejamos em volta da mesma bandeira?!

Relata o episodio da batalha da ponte de Itororó onde o general paraense Hilario Gurjão sacrificou-se para passal-a exclamando: «Vêde como morre um general brasileiro!...» E termina recitando a ode civica de Olavo Bilac intitulada «A Oração á Bandeira» fazendo a interpretação dessa joia de litteratura e civismo, comparando o nosso Cruzeiro a uma testemunha eterna de todas as glorias do nosso paiz e do nosso povo.

4.ª SERIE

A Hygiene

1.ª PALESTRA

Primeiros conselhos

Eis como se externou, nesta primeira palestra, a professora:

Em hora feliz, o nosso prezado Director teve a louvavel inspiração de instituir palestras pedagogicas semanaes com o fim de instruir os alumnos deste Collegio chamando-lhes a attenção sobre certos assumptos capitaes de que depende a saúde, de modo que, quando não tiverem junto a si um bom amigo, mestre ou pae extremoso que os desviem dos perigos a que estão expostos pela inexperiencia da idade, elles proprios reflictam lembrando-se dos nossos conselhos e possam tomar as providencias que, no caso, fôr melhor aconselhado pela bôa razão.

Assim, usando de iniciativas proprias, cada um de vós poderá zelar bem a saúde, habituando-se aos cuidados que ella reclama para evitar doenças, tratamentos dolorosos, perda de tempo, atrazo de estudos e todos os prejuizos imaginaveis.

Hoje dá-se combate ás molestias geraes ou contagiosas com muito maior vantagem do que dantes, justamente porque, nas habitações particulares, ha mais cuidados hygienicos; as pessoas aprenderam a se premunir contra esses males, usando de regimen reclamado para cada um, de accôrdo com os conselhos de seus medicos ou sua experiencia pessoal quando a tenha. Porquanto ninguem mais acredita que a doença seja uma fatalidade ou um castigo do ceu, matando innocentes e peccadores. Todos temos obrigação de defender o nosso corpo para podermos viver sem perigo de adoecer ou mesmo para estudar e trabalhar sem estorvo.

O povo indigente recolhe-se aos hospitaes, nos casos ordinarios, e, nos demais, os governos prestam-lhe assistencia, fornecendo medicos e tratamento, quando reina epidemia, como a grippe, a variola, a peste bubonica e outras.

Medidas prophylaticas ou de preservação vão sendo empregadas para curar e isolar doentes, evitando o contagio geral mais graves.

Finalmente, estamos na phase do chamado cyclo economico em que os poderes publicos procuram extinguir as

doenças o mais possivel, para que as pessoas consideradas em estado de bôa saúde possam transformar-se em bons instrumentos de trabalho util. Ninguem trabalha só para si, todos servem a communidade nacional. E' preciso que o paiz produza muito nas lavouras, nas industrias e no commercio para obter recursos, satisfazer todas as necessidades e se formar a fortuna publica que é a somma das fortunas particulares.

Urge, pois, trabalhar e, para isto, é preciso ter saúde, tornando-se indispensavel a todos os moços das escolas que, bem cedo, se habilitem a conhecer as molestias mais communs e prejudiciaes e defender-se dellas até extinguil-as, se tanto for possivel.

Sabemos como os jovens escoteiros, tão activos e corajosos, se educam em contacto com a natureza, combatendo contra perigos superiores á sua edade e prestando auxilio aos seus semelhantes. E' que elles têm uma instrucção pratica e uma saúde solida que cada vez mais se robustece pelos exercicios constantes a que se entregam. Se isto é bello de ver entre os escoteiros, não menos bello será fazer as crianças das escolas, desde cedo, premunirem-se contra os males que affligem a humanidade ou prejudicam o individuo, havendo-se com prudencia e sabedoria pratica em todas as circumstancias perigosas. A tendencia da educação moderna é deixar que os nossos alumnos se guiem por bons principios e doutrinas aprendidos na escola ou no seio das familias donde partem para cumprir o seu destino. Elles devem pôr-se em estado de contar comsigo mesmos. Se a religião impõe mandamentos capitaes de moral, ha outros de caracter propriamente hygienicos que é preciso saber cumprir, pois Deus, apezar de estar em toda parte, manda a cada um de seus filhos que façam o que lhes for possivel para que possam ser ajudados. Assim, sejamos attentos aos conselhos e lições occasionaes, coordenando as idéas sobre o assumpto desta série de palestras, visando a defesa da saúde, e, portanto, interessando o trabalho, a riqueza, e o proprio cumprimento dos deveres em geral e com elles formareis um patrimonio precioso que terá o mais amplo desenvolvimento pela leitura dos livros que vos forem aconselhados.

2.ª PALESTRA

Perigos advindos do ar, do solo e da agua

Uma outra professora explanou o assumpto, de accôrdo com a seguinte orientação de idéas:

Os poderes publicos, em nosso Estado, têm com a Hygiene especial cuidado e se empenham, ora em fundar centros prophylaticos que diariamente trabalham pelo saneamento dos diversos pontos da cidade mais affectos ou contaminados, principalmente pelo impaludismo e pela verminose, ora hospitaes de isolamento para tuberculosos, variolosos, leprosos e amarellentos, onde os doentes são tratados com conforto e carinho e, alli detidos, impedem que se espalhem essas molestias terriveis.

Entretanto, não basta somente que os governos mantenham esses meios de defesa contra taes doenças; é preciso tambem que saibamos precaver-nos contra os elementos propagadores das mesmas.

A nossa vida se passa sobre o solo e, por isso, estamos sempre em contacto com elle, donde tiramos tudo que nos é necessario á existencia. Assim, é sobre o solo que construimos as nossas habitações, é da sua fertilidade ou aridez que depende o nosso bem estar, é delle que brotam as arvores, offerecendo fructos saborosos e tiramos a agua que nos mitiga a sêde. Mas o solo é povoado dum grande numero de bichinhos chamados microbios transmissores de doenças perigosas, e muitos lhe occupam as camadas superiores, ao passo que outros, a pouco e pouco, se vão entranhando em profundidade maior. E' por essa razão que não se deve comer um pedaço de fructa, pão ou carne que cahiu no chão, porque introduzindo-o na bocca, poderemos ingerir centenas desses bichinhos que irão atacar o nosso organismo. Alem disso, a terra sobre a qual cahiram póde ter recebido o escarro dum tuberculoso ou o contacto dum leproso ou paciente de molestia infecciosa.

Acontece sempre que as crianças, brincando nas praias com terra ou areia, ficam cobertas de feridas e cheias de frieiras nos pés, quando não os lavam convenientemente, sendo os microbios alli existentes os conductores desse mal.

Se contra o solo devemos ter certos receios, não devemos ter menores em relação á agua, porquanto é ella utilizada por nós em todos os misteres da vida. Como sabeis, os rios e as fontes rebentam da terra e correm sobre ella, e por isso devem conter os mesmos microbios; dahi o nosso cuidado em não empregal-a, quer como bebida quer para a hygiene

do corpo ou preparo dos alimentos, sem ser convenientemente filtrada ou purificada, pois molestias perigosas e incuraveis nos podem ser transmittidas por seu intermedio, inclusive a dos poços, sujeitos a infiltrações malsães.

A agua das chuvas accumula-se, algumas vezes, á superficie do solo e forma os pantanos, os alagadiços estagnados e apodrecidos, cujas exhalações perniciosas acarretam males á saúde.

Criam-se ahi animaes como os carapanans ou mosquitos, esses vehiculos transmissores do impaludismo, da febre amarella, do cholera, etc. Torna-se preciso então applicar as medidas de saneamento, aterrando, dissecando ou arborizando, de modo que esses logares de infecções possam utilizar-se, com a extincção dos germens transmissores dessas doenças terriveis.

O ar, igualmente como o solo e a agua, pode tornar-se um foco de doenças para nós, pois tambem possue microbios em suspensão, misturados com a poeira e com os miasmas que se desprendem da terra. Portanto, não devemos andar rente aos muros onde estão collocadas as fossas de excrementos ou os monturos de lixo, nem demorar-nos muito tempo junto ás vallas ou esgotos.

O ar alterado pelas exhalações dos corpos humanos, pela fumaça do tabaco, pelos perfumes, provoca dores de cabeça, suffocação e até vomitos. Ha igrejas e theatros onde não podeis respirar e quartos de dormir perigosos para á saúde, por falta de ar. Purificar a agua e o ar é um dever de hygiene elementar.

3.ª PALESTRA

O asseio

De outra vez, falou-se assim aos alumnos:

Para observarmos certas regras de hygiene não é preciso termos bastante dinheiro; muitas vezes, nas habitações pobres, encontramos mais asseio e conforto do que nas grandes e opulentas moradias.

Vêde os rusticos lavradores como são sadios e alegres! No entanto, suas habitações são tão pobresinhas!... Isto mostra que o desconforto não é synonimo de pobreza, mas sempre resultante dum mal estar occasionado por doença do corpo ou da alma. Os pobres, aliás, podem adquirir mais depressa a felicidade ou a alegria da vida, porque pouco exigem, pouco precisam. Assim, um pobre homem que trabalha o dia inteiro em serviços rudes, empunhando o martello ou a enxada, é feliz quando, ao voltar á casa, abraça os filhos, muito limpinhos, e vae sentar-se á mesa do jantar, vendo o asseio suavizando a pobreza.

Para vivermos e termos saúde, precisamos aspirar um ar puro e saudavel e este encontraremos mais depressa no campo do que na cidade. Não queremos dizer com isso que devamos abandonar a vida urbana, pois ahi encontramos os grandes estabelecimentos industriaes, os centros de diversões e as casas de ensino; o que é necessario, porem, é que reine muita limpeza nesses logares onde ha accumulações de gente e de habitações.

No arranjo das casas devemos ter todo o cuidado, principalmente no quarto de dormir que deve ser o aposento de maior hygiene, a começar pelo leito, sempre commodo e limpo; seguem-se as outras dependencias da casa, reclamando particular cuidado a cosinha, a sala de refeições e as privadas.

Um menino prudente e asseiado nunca se deitará num leito descurado ou de outrem nem deixará de fazer as suas abluções matinaes, como sejam a limpeza da bocca por meio de escova, agua e dentifricios para purificar a mesma, lavagem do rosto com agua filtrada para conservar a frescura das faces, dos olhos, e evitar as doenças que nos affectam a vista e nos desfeiam; não deixarão de tomar os seus banhos frios tão favoraveis á saúde, lavar a cabelleira para limpar o couro cabelludo das caspas e gorduras dos oleos e evitar parasitas; trarão bem limpas as mãos e pés.

Quanto ao mais, a vida deve ser simples e sóbria, quer no campo, quer na cidade, havendo todo o cuidado de não se adquirir molestias provenientes do solo ou do ar. Em ge-

ral se diz que a vida nos campos é mais saudavel do que nas cidades, mas isto é somente para quem sabe defender-se dos males ou não faz imprudencias, porque alli é mais facil, por exemplo, apanhar um resfriamento, uma febre palustre, uma infecção, como encontrar os perigos dum ataque de onça, de cobra ou outro animal nocivo. A saúde é um bem inestimavel e as pessoas doentes, quer no campo, quer na cidade, offerecem um aspecto bem triste.

Basta comparar os soldados saudaveis dum garboso batalhão, os operarios duma grande fabrica ou os proprios alumnos dum collegio bem organizado, onde não são permittidos individuos doentes, com os infelizes que jazem em tratamento nos hospitaes ou fóra delles, ou com os individuos inutilizados ou incuraveis que arrastam uma vida penosa.

Quantos dentre estes poderiam ter evitado seus males se fossem prudentes ou bem instruidos!

Contemplando os seus irmãos mais felizes, elles certamente morrerão desesperados por não terem podido cumprir o seu destino nesta vida, trabalhando para os seus e para a Patria. Esta desgraça tambem pode acontecer aos ricos.

Por isso é preciso cuidar da nossa saúde onde quer que vivamos, aprendendo a adoptar os cuidados indispensaveis.

4.ª PALESTRA

A vida nas habitações

Outra professora occupou-se da hygiene das habitações como segue:

Não nos basta ter precauções somente com o solo sobre o qual vivemos, com a agua ou com o ar que nos cerca; não é bastante para a conservação da saúde que fujamos dos logares pantanosos, das proximidades dos esgotos, onde proliferam as larvas dos insectos transmissores dessas molestias terriveis que infestam e abatem a humanidade, não! Devemos observar as mesmas medidas prescriptas pela hygiene, seguir os seus preceitos tambem nas nossas habitações e nas nossas escolas.

Em casa, desde o accordar até ao dormir, á noite, devemos ter sempre em vista os cuidados a bem da saúde; por exemplo, por occasião das varreduras, não receber e respirar o ar carregado de poeira que, como sabeis, é um dos conductores de microbios que se introduzem em nosso organismo, ao respirarmos. Mesmo sem varreduras haveis de notar que a poeira dança no ar enchendo o ambiente de nossos aposentos que, por isso, devem ser arejados. Para se fazer uma idéa disto, basta reparar num raio de sol quando entra pelo quarto, mostrando-a em suspensão.

Fugi desse modo de asseio que deve ser substituido por outros mais hygienicos, como sejam panos humidos passados no assoalho e até, se fôr possivel, nas paredes e forros. O outro mau habito que temos é o de espanar os moveis ou objectos para tornal-os limpos.

Haveis de notar que, após essa limpeza imperfeita, a poeira volta a pousar sobre elles.

Devemos, portanto, como medida hygienica substituir esse meio erroneo, tambem pelos panos que podem ser humedecidos em oleos apropriados ou não.

Como é agradavel uma casa bem arrumada e asseiada!

Para apreciar a bôa impressão e conforto sentidos numa casa assim, ide a uma outra onde reine a desordem ou desasseio, e logo vos decidireis pela primeira.

Tambem nas escolas o nosso cuidado hygienico deve tornar-se ainda maior, tendo em vista que o contagio de molestias nella se pode fazer facilmente, pois ahi recebem educação meninos de condições e de natureza differentes. Deveis evitar sempre introduzir na bocca lapis de outrem, sentar-vos muito junto a outros collegas, de maneira que sejaes obrigados a sentir o ar que estes respiram. Pelo mesmo

motivo, não deveis beber no mesmo copo, servir-vos de canetas ou outros objectos escolares, principalmente livros, pois muitos costumam, para virar-lhes as paginas, humedecer os dedos na saliva e esta é uma conductora de microbios perigosos á saúde.

Nunca deveis comprar livros em segunda mão ou mesmo em certas livrarias que os vendam já usados e contaminados; muitos já pertenceram a pessoas doentes de molestias contagiosas, como, por exemplo, tisicos ou leprosos, que os mandariam alli vender por necessidade.

Um mau habito que deveis evitar durante o trajecto para o collegio ou para a casa, é o de beber garapa ou comer os doces vendidos por esses pequenos mercadores ambulantes ou nas tabernas. Quantas vezes não estão elles expostos ao ar viciado e ás moscas ou mesmo já foram tocados por mãos pouco asseadas. Ha turcos que, entre nós, cortam o doce de gergelim com facas com que no intervallo, das vendas, raspam a pelle das mãos ou dos pés sujos. Nos taboleiros, que conduzem inclinados sob o braço, podem até cahir as gottas de seu suor mal cheiroso. Vêde, portanto, de quantos males estaes rodeados e como é facil evital-os. Um pouco mais de cuidado e de attenção e ficareis livres das doenças que vos ameaçam. Observae sempre estes pequeninos preceitos, tão faceis e simples, que vos tornarão felizes, fortes, sadios e dispostos para a vida.

5.ª PALESTRA

Cuidados com a alimentação

Sobre a alimentação, assim disse uma outra professora:

A alimentação deve ser para nós objecto de particular cuidado; della depende pela maior parte a nossa vida, a nossa saúde, sem a qual pouco valemos. A preoccupação constante dos alimentos a tomar e que irão conservar e fortificar o nosso sangue e a nossa carne, o cuidado incessante que devemos manter no preparo e na escolha dos mesmos, são outros tantos meios de evitar que se inocule no nosso organismo o germen que irá produzir o depauperamento do mesmo ou até a nossa morte.

Assim é que, pela falta de observancia das regras de hygiene, somos sujeitos á infecção intestinal e outras molestias perigosas que nos retem no leito por muitos dias.

Entre os meninos, principalmente, succede, frequentes vezes, adoecerem por falta de cuidado e escrupulo na alimentação, ora porque comem em excesso, ora por introduzirem no estomago doces mal preparados. Outras vezes, a sua gulodice leva-os ainda a comerem fructas verdes, quentes ou meio estragadas que vão prejudicar-lhes a saúde. Alem disso, o costume, que a maior parte de vós têm de merendar a toda hora, pode acarretar contratempos, pois, como sabeis, o nosso estomago precisa repousar durante um certo tempo. Não vos falo sobre a qualidade dos alimentos a preferir porque, em vossa idade, a escolha do regimen é sempre feita pelos paes ou educadores. Elles vos darão uma alimentação variada, de accôrdo com a vossa idade e organização physica, evitando o abuso das carnes e peixes, bem como dos vegetaes. Precisamos força e, entre os alimentos, nol-a offerecem as chamadas carnes brancas, principalmente a das aves domesticas, e bem assim os cereaes. Tomemol-os bem cosidos ou passados pelo fogo.

Ha um grande perigo em comer carnes e fructas cruas, como fazem os turcos e outros extrangeiros que, por economia não os cosinham e em breve se resentem de verminose, isto é, de molestias produzidas por vermes que se alojam e desenvolvem no intestino, entre os quaes a solitaria que chega a medir muitos metros de comprimento.

Não devemos comer nem de mais nem de menos; assim tambem, quando nos sentarmos á mesa, precisamos estar serenos e alegres, e, após ás refeições, nunca fazer exercicios violentos. Por isto é que, nos collegios, se costuma obrigar os meninos ao descanço, antes dos estudos ou dos recreios.

E' erronea a crença em contrario e já um medico o demonstrou fazendo experiencia em dois cães: foi o caso que, tendo ambos comido bem e ficando um preso, em repouso, e o outro seguido para a caça, verificou que este ultimo, pelo seu esforço, não fizera a digestão e adoecêra, ao passo que o outro ficou de saúde inalterada.

Comer ou beber demais produz a dilatação do estomago e do ventre, o que é tão desgracioso; basta lembrar a figura de certas pessoas gastronomas ou que se entregam ao vicio de comer. Isto não quer dizer que desamemos os nossos manjares e vinhos de fructas brasileiras, hoje tão apreciados como os de guaraná, de cajú, de genipapo, tamarinho e outros; pois, alem do sabor agradavel, possuem a vantagem de não ser alcoolizados, isto é, offensivos á saúde. Mas, não precisamos de comer nem beber demais para ter força; basta lembrar-vos os *sportmen* que são tão sobrios ou frugaes e, desse modo, conservam o seu vigor, agilidade e resistencia para triumphar nos jogos.

6.ª PALESTRA

Hygiene Escolar

Outra dedicada professora assim encerrou esta 4.ª serie:

A Hygiene Escolar envolve muitos assumptos de grande importancia, que são mais do conhecimento e interesse do professor do que de alumnos. Portanto, não vos falarei de como se deve construir uma casa de escola, distribuir os seus aposentos, provêl-a de bôa agua, de bôa luz, de bom ar e de bons moveis, de maneira a tornal-a hygienica; tão pouco não comprehenderieis as minudencias sobre o registo do vosso crescimento physico, sobre o vosso somno, alimentação, exercicios physicos, vossa vida intellectual, vossos estudos graduados, exames medicos, etc., etc. Pretendo falar-vos, especialmente das doenças escolares, para que possaes conhecel-as e defender-vos quanto fôr possivel.

Primeiramente tratarei das molestias do esqueleto, que se manifestam no individuo, geralmente, em consequencia das posições viciosas durante a sua vida escolar. Essas molestias, ás vezes, resultam tambem da má commodidade das carteiras adoptadas nas escolas.

Já não é pouco sermos sujeitos aos chamados agentes mecanicos e physicos, como a pressão atmospherica, o calor, o frio, a electricidade, etc. que nos podem prejudicar a saúde; aos agentes chimicos, como os venenos provenientes do tabaco, do alcool, do chumbo e de certos remedios e gazes; especialmente aos agentes vivos, como os parasitas, os microbios, os vermes e certos insectos transmissores de molestias. Ainda as ha adquiridas nas escolas, que podeis evitar cumprindo bem os preceitos da hygiene.

Quando virdes algum companheiro torto, mal aprumado, curvo, vesgo, miope, gago, nevrotico, epileptico, histerico e até, algumas vezes, tuberculoso ou paciente de outras molestias visiveis, deveis logo reflectir que, pelo menos, esta infeliz creatura não quiz seguir conselhos ou instrucções de hygiene e, por isso, tornou-se defeituosa e inutil para toda a vida.

Ora, se é uma infelicidade nascer-se doente, maior ainda, me parece, é a de vos tornar-vos inuteis, feios e fracos por absoluta falta de cuidados. Digo uma infelicidade, porque, mesmo se pudesseis triumphar na vida sem trabalho, não poderieis entrar em confronto de belleza e de valor com pessôas fortes, sadias e bellas. Lembrae-vos de George Walsh, de Tom Mix e de William Farnum! Como são dignos de admiração pela sua força e figura physica e como devem ter

sido felizes em toda a sua vida! E' que elles fizeram uma educação physica, praticando desde crianças todos os exercicios em que se exhibem, tornando-se homens de valor, a ponto de vos deslumbrar na téla, desempenhando papeis de heróes.

Evitemos, portanto, os defeitos e as doenças escolares. Quanto as que affectam a columna vertebral, a *scoliose* é um grande mal; produz a curvatura dessa columna para o lado direito ou para o esquerdo, pela posição defeituosa a que o estudante se habituou. Alem da *scoliose*, ha ainda a *lordose*, ou a saliencia da columna para a frente e, finalmente, a *ciphose*, vulgarmente chamada corcunda, que produz uma grande saliencia da columna vertebral para traz.

Como vêdes, essas molestias, produzidas pela deformação da nossa espinha dorsal, desfeiam inteiramente o individuo e são devéras deploradas por todos nós. Eis o motivo pelo qual, durante as aulas, especialmente na de Calligraphia, nós professoras, temos o cuidado de chamar constantemente a vossa attenção para que corrijaes a posição, unicamente para, mais tarde, não terdes a infelicidade de ficar defeituosos, fracos, doentes e impossibilitados, quando poderieis perfeitamente evitar esse grande mal. Essas molestias conduzem quasi sempre o individuo a um estado ainda peor e irremediavel, que é a tuberculose ou a terrivel tisica dos pulmões, da garganta ou do intestino.

Ha defeitos que adquiris só por descuido. Por exemplo, mesmo de pé, alguns de vós, durante a aula de canto, deixam de se conservar erectos, e quem está de longe, principalmente olhando pela rectaguarda, nota logo que tendes um hombro acima e outro abaixo e os quadris do mesmo modo desnivelados, o tronco arqueado, emfim, numa posição até muitas vezes grotesca.

Tambem quando sentados ou vos curvaes demais para a frente ou entortaes o busto, essa attitude constante vicia o vosso organismo e prejudica a vossa saúde. Conhecemos um alumno deste Collegio que tinha o mau habito de escrever com a mão direita em cima da carteira, deixando a esquerda em baixo, e ficou defeituoso, porque entortou-se-lhe o corpo, parecendo arrastar uma perna quando andava.

As molestias dos olhos, como vermelhidão, inchação das palpebras, ramelação, conjunctivite e outras de que se occupam os medicos oculistas, provêm, muitas vezes, da falta de asseio e cuidado, porquanto ha alumnos que não lavam os olhos convenientemente ou servem-se de toalhas e lenços sujos, quando não passam os proprios dedos cheios de poeira ou de outra cousa sobre elles.

A miopia, o strabismo, a presbitia, resultam da proxi-

midade do livro aos olhos. Se a Hygiene Escolar manda examinar a acuidade visual e os vicios de refracção, é indispensavel que por vós mesmos protejaes a vossa vista, quando sentirdes diminuição ou fraqueza della. Na Allemanha, antes da guerra, quasi todos os alumnos usavam oculos por causa do excesso de estudo ou da maneira de estudar. Assim, se algumas vezes a miopia é hereditaria, em outras é preciso não provocal-a, lendo no escuro ou em livros de typos miudos ou muito aproximados dos olhos.

De vez em quando, deveis fazel-os examinar bem como a fôrça da vossa vista, para que de futuro não a percaes.

Ainda ha o strabismo e o daltonismo, sendo o primeiro curavel e o segundo nem sempre. Como é feio um vesgo! E' necessario evitar esse defeito e essa fealdade. O daltonismo é uma diminuição de acuidade pela qual deixa de haver percepção colorida; não se vê o encarnado, por exemplo, e isto constitue uma incapacidade absoluta para qualquer profissão.

O que se diz dos olhos pode-se dizer dos ouvidos, cuja acuidade deve ser examinada ou protegida, porque, no dizer dum educador, «a surdez é ainda maior desgraça que a cegueira, visto como um dos maiores prazeres que a natureza nos offerece é a harmonia dos sons, sobretudo o da voz humana. Deixardes de ouvir a voz de vossos paes e das outras pessoas queridas não seria um cumulo de infelicidade?!

Ha ainda molestias varias que ordinariamente atacam a infancia no tempo ou na idade escolar. Entre ellas distinguimos a sarna, a coqueluche, o sarampo, a variola, a varicella, a papeira, a tuberculose, o tracoma e outras mais que podem abater a classe inteira e até produzir a morte.

Entretanto, taes molestias podem ser evitadas, mantendo-se sempre um certo escrupulo, e observando-se todas as regras hygienicas relativas ás classes escolares.

Então para evitar o contagio que é muito facil, não deveis tomar agua no mesmo copo, não tocar nas mãos dos companheiros que estiverem infectados, não vestir as roupas dos mesmos, principalmente quando sujas ou suadas, emfim, não vos utilizar dos objectos por elles usados.

Portanto, evitae essas molestias tão tristes e perigosas, afim de que possaes ser uteis, não só a vós mesmos, mas tambem á vossa familia e á vossa Patria, que tanto precisa de filhos fortes que promovam a sua grandeza, defendam os seus direitos, os seus interesses e a sua soberania.

VI

Suggestões moraes

Suggestões moraes

Ai! meu tempo!...

COMEDIA EM UM ACTO

(Para as alumnas do Collegio "Progresso Paraense")

Personagens: D. Engracia, velha viuva de 60 annos; Lucy e Daisy, moças doidivanas, suas sobrinhas, de 17 e 18 annos. A acção se passa numa sala de costura, onde se acha D. Engracia, de oculos, vestida á antiga, sentada numa cadeira de braços, tendo ao lado uma cestinha de trabalho, fazendo uns sapatinhos de lã e com um grande novello no regaço.

SCENA I

(Ouve-se por traz dum biombo a conversa ruidosa das moças).

D. Engracia—Ai! Jesus! Lá estão ellas a brigar. E levam nisso todo o santo dia!... Que barulho, meu Deus, que modos!... Estas minhas sobrinhas são verdadeiros diabretes de saias (benze-se). Os paes mandaram-m'as do Rio, talvez por já não poderem atural-as e, desde esse dia, não tive mais socego nesta casa. Não têm pinga de juizo nem fazem nada com geito: acordam ás 8 horas do dia, amarellas como banana madura, mettem-se no *toilette*, como agora, e de lá saem vermelhas como camarões fritos... Os vestidos, então, são tão curtos que mais parecem saiotes de dansarinas. De mangas, nem lembrança! Parece que hoje só ha mangas nas mangueiras... E os cabellos... e os calçados!... (escutando) Olhem só o que estão dizendo... Virgem Maria!...

Lucy (dentro)—Daisy! Daisy! que achas? Já estou bem vermelha?

Daisy (rindo)—Ah! ah! ah! Estás interessante!... Olha para o espelho. Estás com uma face mais pintada que a outra. Esfrega o lenço; não lambes os beiços, senão sae a tinta. Tens pó de arroz até nos olhos. Deixa limpar. (pausa). Prompto. Agora sim; estás batuta! E' verdade, Lucy! Queres saber quem anda roxinho por mim? O Maneco! Nem sei;

quer por força fazer *fita* commigo. E' a minha sombra; para onde ando, lá vae o Maneco. Virgem! Que creatura insupportavel!...

Lucy—E tu porque não o attendes?

Daisy—Eu?!... Era o que faltava! Só se estivesse louca! E' um sujeito *casqueta* e tão pifio que já levou uma formidavel *barração*. Imagina, Lucy: não é rapaz *chic*, apezar de dizerem que conversa admiravelmente bem e faz magnificos versos. Mas... para que quero eu versos? Não joga *foot-ball*, nem *water-polo*, não nada, não rema, não frequenta o Sport, a Assembléa, o Pará-Club, não veste á moderna, não tem *arame* e... nem ao menos sabe flirtar... Para que me serviria semelhante palerma?

Lucy—Tens toda razão, Daisy; não ha como o meu Nhôzinho! Este, sim, é *batuta de verdade*. Já o viste com o seu ultimo fato novo?

Daisy—Ainda não. De que côr?

Lucy—Sei lá! Agora me apertaste. E' assim... duma côr exquisita, meio verde, meio amarella, bem apertadinho na cintura, faz um verdadeiro *almofadinha!* O mano chama-o de burro, mas pouco me importa, porque é um *sportman chic* e não anda *prompto*.

Daisy—Olha, Lucy, que está ficando tarde... Não passo hoje sem ir á Perfumaria comprar *rouge*, e, depois, tambem quero ver o meu *gajo*.

Lucy—Então, vamos logo pedir licença á titia para sahir (Entram).

SCENA II

(Ambas para a tia)—Sua benção titia. Como passou?

D. Engracia—(retrahindo-se) Deus as abençôe e lhes dê juizo... Que andam a fazer?

(Ambas ao mesmo tempo)—Precisamos sahir para fazer algumas compras no commercio.

D. Engracia—Sempre as compras e sempre os passeios! Porque já não se vestiram, se querem sahir?!

Lucy—E não estamos vestidas? A titia não vê? Pois já estamos promptinhas!...

D. Engracia—Vestidas?! Santo Deus!... Só se fôr para o banho. Tenham juizo, meninas...

Daisy—Nossos vestidos são *tacos de verdade*... Muito finos, caros e elegantes!

D. Engracia—Credo! Cruz! O mundo parece estar para acabar... E esses sapatos de equilibristas?!

Lucy—Ora, titia, nossos sapatos sahiram ha pouco da Alfandega; são á Luiz XV!

D. Engracia—Qual Luiz XV, qual historia! E esses cabellos arrepiados são por ventura á Maria Antonietta? (abrindo a cesta). Tomem lá um pente e vão pentear-se, porque só parece que se levantaram agora da cama. (com intenção) Ai! meu tempo! meu tempo!

Daisy—Ora! a titia sempre com estes sermões! As outras andam peor do que nós e não se diz nada. Eu bem sei: isto é *truc* de todas as velhas, que rezam pela mesma cartilha; dizem que as modas do seu tempo, sim, é que eram modas Mas é só para nos passarem um *bluff*... Eu não vou nisso! Todas eram umas santinhas; mas, na realidade, quantas não eram *sapequinhas?* Por seu gosto, titia, deveriamos, andar de rosario em punho, embiocadas como freiras, visitando egrejas, não?

D. Engracia—Digam o que quizerem, mas é preciso terem juizo, deixarem as faceirices e as rodas dos moços, que talvez andem por ahi a mangar de vocês. Olhem lá, deste geito vocês podem perder um bom casamento...

Ambas (rindo-se)—Casamento!...

Lucy—Como a titia está atrazada! Quer que usemos os processos antigos?

Daisy—E' verdade! A titia conta tanta santidade do seu tempo, e, no entanto, soube pescar o titio e casar-se com elle. Não sei como foi isto, heim, Lucy? Algum milagre de Santo Antonio, não foi, titia?

D. Engracia—Teu tio! Que Deus haja nos ceus, santo homem! Para que vocês vêm lembrar isso? Tão bom maridinho, tão meigo, tão carinhoso... (leva o lenço aos olhos).

Lucy—Olhem só como a titia ficou saudosa!... (fala ao ouvido da outra e depois volta-se para D. Engracia) Titia, como conheceu o titio? Conte-nos como fez suas *fitinhas* com elle.

D. Engracia (transfigurando-se) — Fitinhas?! Vejam lá como vocês tratam. Essas cousas não se usavam no meu tempo!...

Daisy—Bem, titia, conte-nos sempre como arranjou esse *par de botas*, como se dizia no seu tempo. Ensine-nos como havemos de pescar um noivo.

D. Engracia (indulgente)—Posso contar-lhes com a cabeça erguida. Nunca fui sirigaita, lá isso não! Nem andei atraz de lérias. Sahia, porque sempre gostei de rezar na egreja da Trindade, que era a mais concorrida por gente bôa, moços e moças.

Lucy—Ah! então era esse o lugar dos *rendez-vous*, não?!

D. Engracia—Qual lugar de avô! Ia lá tambem muita gente moça, como já disse (as duas entreolham-se e riem). Eu ia á novena da Senhora do Rosario e dos outros santos, mas ainda não tinha visto por lá nhô Zezinho, mesmo porque eu não costumava olhar para a cara dos homens, como vocês; andava sempre de cabeça baixa. Mas, uma vez, na Sexta-feira da Paixão, quando, ao sahir da egreja, fui á pia tomar agua benta, para espantar o demo... aquelle nhô Zezinho!... (ri-se) ao metter esta mão na pia (mostra) tambem metteu a delle; as duas mãos se encontraram e a agua salpicou-me a cara. Eu me espantei e olhei-o zangada; elle riu e não disse nada. Fui dando de andar e, quando olhei para traz, estava me olhando e continuando a rir. Eu, então fui para casa, pensando na agua benta, na Senhora das Dores, no Senhor Morto e no nhô Zezinho. Passaram-se uns dias, quando, uma manhã, estando eu a apanhar flores no jardim, vi passar, atravez da cêrca, nhô Zezinho, mais bonito ainda, e não sei, meninas, como foi, porque eu era muito envergonhada. Apanhei uma rosa, espinhei-me toda, mas atirei-lh'a e com tanta certeza que foi cahir-lhe bem aos pés. Elle parou, admirado, apanhou a rosa, cheirou-a, mas não me viu, porque eu estava bem escondidinha. No outro dia, veiu falar á minha madrinha, minha mãe de criação, pedindo-me em casamento.

Daisy—Que alegrão, heim, titia?! Nem esperava por essa! Eu bem dizia que foi milagre, Lucy. A titia tanto andou pela igreja até que encontrou na pia da agua benta, a mão do nhô Zezinho. Depois... nós é que somos as *sapécas!*

D. Engracia—Ainda não acabei. Minha madrinha respondeu-lhe que eu não estava preparada para casar; faltava aprender a costurar e a governar casa. Ella havia de me falar e tomar informação delle Voltasse dahi a alguns dias...

Daisy—Upa! Coitado! Que espiga e que contra!

D. Engracia—Já começam? Não me interrompam... Então aprendi a fazer camisas, vestidos, ceroulas, fronhas e modas. E fui muito feliz!

Lucy—Bem se vê que não havia civilização...

Daisy—Ora! Foi um noivado triste; nem teve graça... O bom é a gente ficar noiva por muito tempo, para gozar bem as delicias do noivado; andar de braço dado com o noivinho eleito do coração, fazendo o *footing* pelas avenidas. Isto, sim, é a maior das aspirações! E o melhor ainda é que

as outras ficam de queixo cahido, invejando a sorte desses pombinhos felizes. Isto é que é noivado ideal, titia, o mais é historia...

Lucy—E dançar com elle, porque, depois de casada, a gente fica *papel queimado*...

D. Engracia—Pois eu dancei tambem muito com nhô Zezinho; mas não era dança pulada nem sapecada como a de hoje, já ouviram? Era só quadrilha séria. E dançava muito bem, que todos me diziam!

Daisy—Mas, não eram como as de hoje. Ah! se a titia as conhecesse!... Ainda está em tempo. Só a musica, tão dengosa, faz logo a gente ficar *sapequinha*. E' uma deliciosa gymnastica, taes são os movimentos do corpo... Que delicia dançar com um *almofadinha chic*, gracioso e amavel! E' o melhor das festas!

Lucy—Só de tu estares falando já estou com vontade! Quer ver, titia, o que é dança bonita? Vem cá, Daisy, tu serves de cavalheiro (dançam um tango, cantando).

D. Engracia—Misericordia, meu Deus!

Daisy—Olhe, titia, como é bom! Até a gente se esquece da vida. Parece que se vae subindo ao ceu!...

D. Engracia—(arrumando a cesta) Não! Isto é demais! Não posso contemplar este espectaculo. Fiquem-se para ahi, que eu me retiro, para não vêl-as assim tão desmioladas. Não posso tolerar danças carnavalescas! (Levanta-se dum impeto e cae-lhe o novello de lã; as duas param, lembram-se do *foot-ball* e começam a «chutar» o novello).

Lucy—Vamos ao *foot-ball!* «Chuta!» Defende!

Daisy—Dribla! *of-side!* A titia é o *referee!*

Lucy—*Goal! Goal!* (batem palmas e saem correndo e gritando).

Ambas—Adeus! titia! Viva as sapequinhas e os almofadinhas!...

D. Engracia—(de pé, não se tendo podido retirar por causa do jogo improvisado) Eis ahi o resultado da educação moderna, no seio das familias! Que educação domestica! E ainda se appella para as escolas. Qual escolas! A culpa é dos paes que consentem nestes escandalos de modas e de modos! Este mundo está perdido, meu Deus! Salvae-nos! Ai! meu tempo! meu tempo! (sae).

—FIM—

Arthur Porto.

(Representada mais duma vez, com exito).

Já não somos creanças...

COMEDIA

(Para os alumnos do Collegio "Progresso Paraense")

SCENA I

Eugenio, 12 annos, estudante do Curso Complementar. Dispensado dos estudos, por motivo de convalescença, passeia lentamente, de lenço amarrado ao rosto, fazendo um soliloquio, depois que um alumno maior passa por elle sem lhe prestar attenção.

Eugenio—E' isto! Nem falam com a gente! Não se pode ser baixinho, ainda que já se tenha idade para andar com elles! Não dão confiança... Quando isto ha de findar? Andam sempre aos grupos falando em segredo e se a gente se approxima tem de ouvir delicadezas como estas: *Não queremos aqui pirralhos; nós já não somos crianças; vá para o recreio dos menores brincar com os guris.* Ou, quando estão brincando: *Olha, não te mettas comnôsco, que tu não aguentas; depois vaes chorar ou fazer queixa de nós...*

E são orgulhosos e... até fiteiros!... Só falam em fôrça, ninguem pode com elles em *foot-ball;* tratam muito das torcedoras; já querem usar roupas de modas exquisitas, de cintura; põem extracto no lenço, que mostram de pontinha de fóra do bolso; trazem sempre uma flor na botoeira e bota de duas côres... A cabeça, então, escorre de «brilhantina», com uma estrada larga, de meio a meio, ou, quando não, põem o cabello todo voltado para cima do craneo ou usam-no crescido, com uma grande trunfa sobre a testa, para sacudil-a de quando em quando, por faceirice, assim. (imita) Ah! o penteado... Que cuidado lhes dá! Chegam a andar com o pentinho no bolso para alisar o cabello de quando em vez, e só lhes falta trazer um espelhinho no fundo do chapéu como fazem os *almofadinhas.* E são uns *sabe-tudo!*... Criticam até os estudos, os professores e já não querem obedecer á disciplina, tudo porque, como dizem, *já não são crianças...* (olhando para traz). Ahi vêm elles, dois a dois, como sempre e não trazem bôa cara!... Vou safar-me, pois não estou hoje para atural-os. Ando com uma nevralgia!... (sahe)

SCENA II

Antenor e Guilherme, alumnos de 16 annos, impertigados e pernosticos, trajando com pedantismo, e usando a cabelleira grande.

Antenor—Já sabes que estamos prohibidos de entrar na secretaria? Fomos *barrados* hoje por nova ordem. Tambem

já ha prohibição de se penetrar nas salas, nos intervallos das aulas, de se conversar com os collegas e até com as professoras... Estou vendo a hora em que nem poderemos olhar uns para os outros... E' o cumulo! Já não bastava que nos tirassem o tempo de fazer a nossa *toilette*, que nos prohibissem de fazer a barba (passa a mão pelos queixos) de deixar crescer e polir as unhas... Preferiam, talvez, que as roessemos, como fazem alguns viciados. Entretanto, não se olha para certos collegas e até algumas professoras que andam coradas e empoadas demais e usam em serviço *toilettes chics* e tambem tendo seus sympathicos lá por fóra!

Guilherme—Tudo isto não é nada! Para mim, o mais cabuloso é a obrigação de fazer gymnastica, todos os dias, como se aquelles movimentos de bonecos podessem servir para alguma cousa. (Sopra com fôrça) Irra! que massada! Não cuidassemos nós mesmos de nos ajudar (bate nos musculos dos braços e das pernas) e haviamos de crear esses *muques*, (mudando de tom) Sabes? Eu escondi um par de alteres, dos mais pesados, e toda a madrugada é zaz-traz, zaz-traz! (faz o movimento proprio). O *foot-ball* que nos dão alli (apontando) é só proprio de crianças. Isto até desmoraliza o jogo...

Antenor—E o tal canto coral? Precisamos fazer uma greve contra elle, que de nada nos serve, (bate o pé) pois não somos crianças para andar berrando os nossos hymnos e, nos festivaes, fazermos o côro com meninas. E o tal desenho? Querem fazer de nós pinta-monos para fornecer caretas ás exposições annuaes!... Ora, eu já disse que não me sujeito a isto! Já não sou mais criança! Qualquer dia saio deste collegio, para ir para um Curso de Preparatorios...

Guilherme—Ah! Esta tambem é a minha idéa. Só a liberdade que se goza nelles! Que bôa camaradagem, que bons passeios, que bôa pandega, quando o lente não comparece! Basta dizer que não ha sessão de estudo nem impedimento de passeio e sahida. Se não ha aula, vae-se passear, se não se quizer ficar á janella *grelando* ás vizinhas amaveis, Alem disso, podemos fumar o nosso cigarrinho cheiroso, sem receio de reprehensão, porque os professores tambem *pitam* comnôsco, e usar de outras liberdades... O peor é que os *velhos* não me querem retirar do internato, deste maçante internato, donde não sahimos aos sabbados e domingos, porque, a cada passo, ouvimos: Está privado por isto, está privado por aquillo! E' privação por qualquer cousa...

Antenor—E' isto mesmo. E não temos tempo para nos coçar, desde ás cinco horas da manhã até ás nove da noite. E ainda ha um raio de Gremio Civico Litterario para nos

amolar a paciencia com tarefas obrigatorias, que não ha em outros collegios. Para que? *disque* para saber recitar, falar, discutir, conhecer o que se passa no paiz, metter o bedelho em tudo... Isto até parece um contrasenso da disciplina! Já estou cansado de dizer que não sou criança para ser obrigado a essa maçada! Preciso desafogar, *bancando* elegancia por ahi a fóra, como faz o pessoal chic. (anda).

Guilherme—E você esqueceu a cousa mais humilhante de todas, o maior ridiculo a que nos sujeitam neste collegio! Sabe o que é? (pausa). O tal batalhão de crianças que nós temos de puxar, nos primeiros pelotões, como soldados mecanicos! E se a gente cae doente de proposito para não formar, fica privado de passeio. Se não nos sujeitamos a um cabo *mal acabado*, soffremos conselho disciplinar. (bate o pé) Ah! Este batalhão não pode continuar ou antes, não nos devemos misturar com essa criançada! Pelo menos, que só façamos exercicios com o nosso instructor, para sermos reservistas do exercito, tirarmos a nossa caderneta e ficarmos livres do sorteio militar!

Antenor—Conspiremos, então!

Guilherme—Demos um *fóra* nisso!

Antenor—Nós já não somos crianças!

Guilherme—Sim. Nós já não somos crianças! (Saem)

SCENA III

Dalila e Zeneida, alumnas do Curso Normal, atravessam a scena, falando uma no ouvido da outra, zangadas.

Dalila—Não vamos! não vamos! Não queremos saber de gymnastica nem de recreio!... Quem quizer que vá suar as blusas e apanhar resfriamentos. Para que? Não precisamos de musculos. A mulher deve ser delicada e sentimental.

Zeneida—Olha, sabes? (fala em segredo) Ah! mas quem te disse? Elle estava? (baixo) Cuidado! O Director está nos olhando; vamos disfarçar para longe. (saem)

(Entram Antonia e Judith, de braço dado, no mesmo tom).

Antonia—Sabes? Já fomos intimadas para comparecer ao primeiro festival deste anno a effectuar-se justamente num dia em que eu devia ir ao campo do Remo! Ainda bem não começa o anno e já andamos no passo do constrangimento.

Judith—Que mania! Querem fazer de nós poetisas e comicas á força! Arre, que collegio maçador! Se, ao menos, nós gostassemos de applausos... Muito obrigada! Preferia não passar por tal vexame e não seriamos menos patriotas não assistindo a essas festas tão desenxabidas. Basta, para nosso castigo, que sejamos obrigadas a ouvir as taes pales-

tras pedagogicas das quintas-feiras! Pensam que nos dão uma compensação com as danças. (voltando-se para o publico) Mal sabem que ellas nos trazem somno, mesmo que fôssem dançadas com os nossos *pequenos*, porque não ha como os *sambas* modernos ou as *sapequinhas* para dar vida a uma festa! Não acham os senhores? (fala para o publico). Mas isto aqui é um peccado!... As danças permittidas não são para nós. Já não somos crianças para aturar essas estopadas! (Mudando de tom e olhando para traz) Vamos, que lá vem a pirralhada. (saem e ouve-se uma grande vozeria)

SCENA IV

Eugenio entra com ar de campeão, voltado para um grupo de menores que o seguem, entram e formam ao fundo.

Eugenio—Felizmente estou melhor (arranca o lenço) Olha, pessoal, vamos dar uma nota na cambada dos maiores que não gostam de nós. Espera que ahi vem ella. (entram os mesmos, dois a dois) Ih! (provocando) quanto almofadinha e quanta melindrosa! Era melhor que fossem trabalhar na typographia, onde o mestre anda a espera de typographos para compor a nossa «Folha Escolar». (todos param com ar aborrecido).

Antenor—Olha, pirralho, eu puxo-te as orelhas!

Engenio—(gingando) Só sabe ser valente commigo. Você, outro dia, apanhou do Socrates...

Guilherme—(resolvido) Dize lá, queres já levar um trampesco?

Eugenio—E tu queres que eu descubra o teu namorico com a menina da casa fronteira? (uma vaia da pirralhada. Oh! Oh! Oh!) Você está ouvindo? Se vocês me derem pancada levam uma *marcha* do meu pessoal...

Judith—Mas, para que se mettem com os maiores?

Antonia—Já estamos cansadas de atural-os!

Eugenio—E para que são tão faceiras e orgulhosas? Era melhor que estudassem mais as lições e não andassem falando mal do collegio. Olhe, (apontando) hontem você levou um *zero* em geographia, você um *dois*, você *tres* e você *um*. Que vadiação! Vou mandar dizer aos namorados de lá dos clubs de *foot-ball*.

Antonia—Espera lá; vamos nos queixar ao Director *Já não somos crianças para nos sujar comtigo!...*

(A pirralhada barrando a passagem e gritando) Não póde! não póde! Viva os menores! Viva as crianças! Fóra os almofadinhas! Fóra as melindrosas! Uh! Uh! Uh!...

SCENA V

Os mesmos e Fernando, alumno de 16 annos entra em desalinho mostrando grande enthusiasmo. Afasta com os braços o grupo que está em scena, gritando.

Fernando—Silencio pessoal! Trago uma novidade batuta! E' uma gloria para o Brasil! Ouviram o éco do bruto foguetão da «Imprensa» (arremedando a detonação) Bum! Chegou telegramma do Rio annunciando que o brasileiro Edú Chaves venceu o *raid* de Buenos-Ayres. Somos campeões da America do sul! Festejemos esta façanha como brasileiros unidos e camaradas. Já não ha aqui grandes e nem pequenos! Cessem as rixas para glorificarmos a Patria! O heróe soube ser criança para tornar-se grande, tambem estudou em collegios como nós e cumpriu deveres para com seus mestres e directores; cresceu, instruiu-se e educou-se para servir a Patria e, numa palavra, nunca foi almofadinha!

Os Maiores—Bravo! Bravo!

Um alumno—Façamos as pazes em honra de Edú Chaves e o acclamemos, todos unidos, num só impulso de enthusiasmo, procuremos imital-o trabalhando pelo nosso progresso nos estudos.

Outro alumno—Viva o Brasil! (todos correspondem fortemente com enthusiasmo) Viva! Viva! Viva Edú Chaves! Viva os nossos mestres! Viva o nosso collegio! Cantemos, cantemos! (entoam a marcha «Brasil») e saem.

—FIM—

Arthur Porto

Remedio contra a preguiça

MONOLOGO

(Para os moços do Collegio "Progresso Paraense")

A preguiça é um bicho muito feio e desgracioso que todos nós conhecemos. Por seu pêllo duro e grisalho, unhas enormes e nojentas, a cabecinha desproporcionada ao corpo e até pelo andar de lesma, esse animal degradante é a deshonra dos proprios irracionaes!

Pois o mesmo se dá, entre os humanos, com o menino preguiçoso... A natureza fêz-se para a gente viver, no seio della, activo, alegre e feliz, buscando o bem estar, de accôrdo com o util e o agradavel, e, se não fôra a febre de actividade dominante na sociedade intelligente, ninguem iria para deante, nem possuiriamos os bellos monumentos de arte e de tudo quanto attesta o progresso nas letras e nas sciencias.

Dizem que o melhor da vida é a propria vida; mas, para vivel-a dignamente, torna-se necessario desenvolver muita coragem. Precisamos ter estimulo para fazer alguma cousa bôa que nos satisfaça a consciencia, antes de morrer, deixando-a como um signal distincto de nossa passagem sobre a terra. No mundo tudo age e labuta, desde a formiga ao leão e o animal inutil é peor do que um peso morto, é um peso vivo que só espera ser eliminado ou reduzido á sua insignificancia. Assim, o bicho preguiça e o preguiçoso humano formam a mais escandalosa e ridicula das excepções, no movimento geral da natureza.

«Vive até no seu somno a pedra bruta», disse o poeta, e só o preguiçoso não vive, porque não presta para cousa alguma, dando apenas trabalhos e desgostos aos seus parentes.

Qual o melhor meio de acabar com semelhante *phenomeno*?

Está claro que me não occupo de alguns casos de *preguicite* aguda que, ás vezes, nos accommette, quando temos de trabalhar, nas aulas ou em qualquer outro mistér escolar, e principalmente se passamos uma noite mal dormida, após um sarau dançante ou qualquer outra festa prolongada, de nossa predilecção, como um porfiado jogo de *foot-ball*.

Isto é cousa passageira. Com qualquer *chapa* dos nossos paes ou mestres ou uma bôa ducha dagua fria a gente logo reage e... marcha. Mas, quando o mal é chronico, pro-

longando-se desde a infancia até á adolescencia, é que a cousa se torna mais séria e vergonhosa. Basta ver o retrato do preguiçoso, nas suas attitudes miseraveis. E' um verdadeiro doente, sem coragem nem para cortar as unhas ou tirar os bichos dos pés. O cabra fica amarello, magro, pelludo, desleixado e sujo, e a intelligencia degenera até á imbecilidade.

Conhecemos muitos exemplares desse artigo tão depreciado nos meios escolares e sociaes; o preguiçoso torna-se culpado reincidente e não ha castigo que lhe levante os brios; cae nas *gazetas* da vagabundagem e acaba sempre por ser expulso, o malandro. Nem ao menos dá para tocador de violão, trovador de esquina ou poeta dagua dôce...

Não vão suppôr, meus senhores, que eu quero lançar uma *indirecta* aos bohemios. Isso não. Eu até confesso aqui, em particular, que tenho um *fraco* por essa vida de alta patuscada, tão amada dos intellectuaes, cujos encantos já têm inspirado e celebrizado muitos artistas dos sons, das cores e da palavra, tão differentes dos outros mortaes, porque vibram com bravura especial e se transfiguram como prophetas, sob a influencia dos nectares, dos amavios de certas phalenas, do esplendor das salas, dos manjares exquisitos ou dos luares langorosos e scintillações das estrellas, com que conversam. E muitos ainda trabalham, proveitosamente, durante o dia, como por exemplo, o nosso amigo Jacques Rolla, aquelle poeta que teve a habilidade de descobrir o segredo do pae da Fatima Miris... Pena é que só andem com gente de juizo, não admittindo crianças...

No entanto, voltando ao assumpto, posso e venho assegurar que o mal não é incuravel como parece e para isto, vou contar-vos o seguinte caso de *clinica* escolar:

*
* *

Havia certo menino que, por muito mimado, não deu para nada; sahiu da escola e cresceu numa *vasta* ociosidade. Era indolente á *bessa* e preguiçoso *p'ra elle*... Pobre e sem amigos (excepto este seu criado que sempre sympathizou com o typo) o que viria a ser esse burro preguiçoso? Andava aos boléos, corrido de pancada e descomposturas. Desprezado, escorraçado, aprisionado por vagabundo, cada vez mais afundava na lama da sua propria abjecção.

Um dia, cheguei-me a elle, compadecido, e tentei um meio de reacção, desses que *dão a nota* cá entre nós.

—O' Zé Lesma, (era este o seu appellido) anda dahi, vamos tomar uma garapa gelada.

O bicho não se mexeu...

—Olha, vamos applaudir o *match* de hoje, ao Campo do «Remo».

Nada!

Então empreguei o ultimo recurso, de effeito para mim infallivel:

—O' Zé Lesma, disse-lhe baixinho, vem commigo ver uma *pequena* bonita que gosta muito de ti...

Esperei pela resposta. Pois «a nada disso o bruto se movia»! Larguei-o de mão e sahi praguejando. Soube, depois, que o meu infeliz amigo foi para o hospital, grippado, e só não morreu, porque lá encontrou uma alma de enfermeira caridosa que procurou, por sua vez, salval-o com carinhos, evocando todas as idéas e sentimentos familiares, capazes de transformar um poltrão num heróe.

Pudéra! O pobre diabo continuava a espreguiçar-se, por toda a parte, arrastando sua vida de miserias e visitando ora o xadrez, ora o hospital.

Veiu, por fim, o milagre: Estava elle, certa vez, saboreando uma manga, vagarosamente, á sombra de frondosa mangueira, numa praça publica, quando me approximei. Nisto, ouviram-se os sons vibrantes duma banda de musica militar e o ruido dum batalhão em marcha. Parei junto á arvore, para assistir ao bello espectaculo.

A manhã era fresca e luminosa como todas as manhãs de Agosto e os soldados desfilavam com aquelle distincto garbo dos voluntarios do exercito, todos moços enthusiastas, precedidos de populares.

Quando a bandeira nacional defrontou-nos, panejando ufana, como se voltasse do campo da victoria, notei que o meu antigo camarada fez um movimento, levantou-se do banco, jogou fóra o caroço da manga, accendeu os olhos e estremeceu, ao brado do cammandante, que dirigia uma evolução. O batalhão passou, levantando uma nuvem de poeira e attraindo as vistas de toda a gente.

O Lesma deu um salto para mim.

—Para onde vão elles?!

E eu respondi enthusiasmado:—Para o campo das manobras e exercicios militares; vão preparar-se para defender a Patria!...

—E eu, gritou elle, transfigurado, não poderia tambem alistar-me nesse batalhão?!

Foi como se operasse o milagre de levantar-se um pa-

ralytico! Corremos ambos ao quartel; consegui alistamento para o novo soldado; e, mais tarde, quem visse o Zé Lesma perfilado, no pateo da caserna, a receber as primeiras instrucções dum cabo de esquadra, não mais reconheceria nelle o preguiçoso de todos os tempos!

Eis, senhores, o remedio milagroso contra a preguiça chronica: Correr ás armas, formar á sombra duma bandeira nacional, para saber como salvar o Brasil, num momento de perigo!... Viva a Republica Brasileira!...

Arthur Porto.

As saias de hoje

MONOLOGO

(Para as moças do Collegio "Progresso Paraense")

Li, com surpreza, que certo padre catholico acaba de publicar um livro intitulado «A Esthetica do Silencio», e logo lastimei que o silencioso estheta não tivesse preferido pôr o seu talento e a sua auctoridade ao serviço dum problema da vida real, mais pratico, mais util e opportuno, *verbi gratia*, fazer a psychologia do vestuario feminino, para nos ensinar, definitivamente, como nos apresentar bem perante Deus, perante o proximo e até perante nós mesmas... Poderia intitulal-o, com a mesma bôa vontade, «A Esthetica das Saias», e creio que lhe ficaria garantido o mais completo exito.

Effectivamente, não bastam os sermões repregados nos templos nem o gesto dalgum agonista, de pulso rijo, que desce, de vez em vez, ao vasto campo da Fé, profligando as escravas da moda. As ouvintes e espectadores, em geral, fecham-lhes os ouvidos e os olhos, ou, porque lhes falte coragem para fugir á paixão da vaidade contagiosa do momento, ou, porque sabem que aos seus confessores tambem não sobra coragem para lhes inflingir punições menos leves do que as do costume, tratando-se de pessôas tão gentis e elegantes...

Assim, esse livro de moral christã, escripto com sabedoria e eloquencia, talvez lograsse fazer o milagre de converter muitas impenitentes, se lhes impuzesse, em nome da Igreja, uma compostura *orthodoxa* com que, pelo menos, seria bem seleccionado o rebanho das eleitas do Senhor, ficando em plano subalterno todas as rebeldes, candidatas ás penas do Purgatorio...

E o peor é que a tyrannia da moda tambem estraga os nossos proprios estudos, como já demonstrou Spencer, ao criticar a educação das moças, pela subordinação do util ao brilhante e ostentativo, quando não se querem sujeitar á *fastidiosa* seriação de conhecimentos, constante dum plano de ensino, o mais integral possivel, de sciencias e de lettras.

Neste caso, livres dos institutos officiaes e particulares, progridem espontaneamente, mesmo sem recorrer aos certificados de exames *decretinos* como os da ultima pandemia grippal. Basta ver o que se dá com certas pianistas que, bem cedo, já comprehendem as nebulosidades de Debussy! Se começam o Desenho, logo *pintam* com desembaraço, e

Como a gente se faz Bufalo ou Maciste

MONOLOGO

(Para os moços do Collegio "progresso Paraense")

Estes cinemas! Estes cinemas!...

Só me parece que foram inventados para reinarem com a gente, impressionando-nos ao ponto de sonharmos com as personagens mais endiabradas e pensarmos em fazer o que elles fazem. E, quando se trata de fita policial, em que figuram quadrilhas de criminosos em luta com detectives, então é que são ellas: Não podemos estudar as lições, porque todo aquelle enrêdo não nos sae da cabeça e, ás vezes, até não dormimos tranquillos, pois, ao menor movimento, despertamos apavorados!...

Haja vista o que succedeu a um collega que, uma noite, abrindo a outro a porta do seu quarto, assustou-se duma maneira extraordinaria, por já andar assombrado com o *homem do lenço encarnado*, o celebre Perry Bennet, dos «Mysterios de New-York». Por isto, mal o viu assomar na penumbra, a enxugar o rosto com o lenço, deu um berro atroador e partiu como louco até esbarrar na sala do Director, por quem passára sem attender aos seus reclamos, bufando, de olhos esbugalhados, crente de que o terrivel bandido lhe ia no encalço. Quando, depois de contido, veiu reconhecer o seu engano, suava em bicas! E' um caso authentico, que bem mostra a influencia nefasta dessas e outras fitas congeneres, produzindo entre nós scenas desagradaveis pelos maus effeitos educativos e, mais duma vez, certos habilitosos têm sido chamados á ordem, quando apanhados, por exemplo, a imitar o tal «Garra de ferro» ou a fingir ter descoberto o papel da *tinta sympathica* ou a traçar planos de esconderijos mysteriosos e subterraneos, etc.

E o peor é que ficamos *barrados*...

Felizmente, vieram outras fitas mais alegres e moralizadoras, e tivemos licença de voltar ao cinema para applaudir os heróes da fôrça e do estouvamento, como Butfalo, Maciste, Tom Mix, Hart, Eddie Polo e o festejado George Walsh... Que deliciosas «matinées», tão cheias de matinadas juvenis, vamos desfructando no Olympia, sempre que estamos limpos de culpas, já se vê!...

Pois bem, as proezas desses athletas tambem não nos saem da cabeça e tem sido trabalho sério o de acabar com a nossa mania de criar força, da noite para o dia...

Quantos planos, quantos projectos, quantas aventuras

e quantos incidentes!... A principio pensamos em recorrer ao pé-bol, mas qual! Isto em nosso Collegio é folguedo para as moças melindrosas; não bota ninguem para diante. Do que nós precisavamos era dos «schoots» violentos de foot-ball, ao sol e á chuva, com descomposturas e rolos, engrossados ainda pela invasão dos torcedores fanaticos e bravios com «dribles» cargas, trancos, etc., seguido de boas noitadas de pagodeira franca! Mas, que fazer, se não temos liberdade para tanto. Praguejamos contra a nossa pouca sorte e tratamos de procurar outro recurso, dentro do nosso internato. Foi quando nos veiu a idéa da barra fixa e dos haltéres e recorremos a elles. Começou a *inana:* Quanto mais nos prohibiam os exercicios despropositados, tanto mais confiavamos na virtude do peso do nosso corpo e do ferro fundido, e, a despeito dos conselhos theoricos, ralhos e castigos do nosso mestre, fomos sempre proseguindo em nossa conspiração, crescente e caprichosa.

Effectivamente, não era para menos. Não somos mais do tempo do papagaio e do pião, da *bocca do forno* e dos outros brinquedos idiotas; pertencemos ao sexo do progresso, da fôrça, da renascença das Olympiadas e ninguem nos pode tolher o direito de praticar os exercicios mais do nosso gosto e que nos torne bem fortes. Se os *sportmen* de hoje fossem esperar pela bôa vontade dos paes de familia e dos mestres, se não tivessem as iniciativas heroicas de reagir contra tantos preconceitos rotineiros, estariamos bem arranjados, continuando a marcar o passo do constrangimento. Nunca teriamos os famosos campos do foot-ball e de outros jogos modernos, que se enchem e multiplicam nas principaes cidades brasileiras, attrahindo moços e velhos, inclusive as gentis e delicadas senhoritas da alta sociedade, que se transformam logo em «torcedoras» impenitentes e usam a linguagem propria do jogo...

Dizem que José Verissimo, o apostolo do ensino e educação nacionaes, aconselhava ás municipalidades a crearem prados para os alumnos dos institutos publicos e particulares se entregarem aos *prazeres salutares dos jogos athleticos*. Passaram-se trinta annos e não nos consta que os poucos formados, naturalmente, na capital e no interior do Estado, prestem qualquer serviço senão aos irracionaes...

E ainda nos vêm falar de gymnastica, inspecção medica, instrucções hygienicas, problemas da circulação, da respiração, da resistencia muscular e não sei que mais...

Quem são os nossos instructores de gymnastica? Umas excellentes pessoas, mas que provavelmente nunca frequentaram escolas de cultura physica, onde se estuda conscien-

ciosamente o corpo humano, a hygiene e a pedagogia dos exercicios physicos. Quando nos commandam, ás vezes parecemos uns bonecos mecanicos, trabalhando para delicias da assistencia, sem que tiremos proveito individual dessa monotonia... E quanto á força, não conhecemos nenhum que resista ao mais leve encontrão dum estivador.

Alem disto, não se *gastam* em gymnastica os estudantes das nossas Academias, do Lyceu, Escola Normal, Escola Pratica de Commercio e de certos collegios bem afreguezados. Como é feliz por viver assim descansado este *pessoal*, alliás tão numeroso, que nos dá a impressão das compactas divisões russas, ao lado dos nossos pequenos belgas bulhiçosos! Nada! Queremos o triumpho rapido e ruidoso, por outros meios mais agradaveis, venha depois a decantada estafa ou a velhice prematura e todos os accidentes receiados. Não ha revoluções sem martyres... E a Patria que se console diante dos nossos desastres de estudios...

* * *

Assim, desabafavamos o peito, entre amigos e proseguiamos em nossos *treinos*, ás escondidas, com haltéres, que desappareciam do deposito, onde iamos buscal-os á noite, como formigas carregando grãos. Nas aulas ou nos recreios, nos entreolhavamos em ar de mysterio, sempre retesando o peito, o braço ou a perna, em signal de força; passando um pelo outro, nunca deixavamos de apalpar o muque e, por occasião do banho, era uma delicia bater nos braços desnudos com os dedos cerrados para fazer tufar, de repente, o «calango» respectivo.

Mas, infelizmente, bem cêdo vieram as decepções. Um collega que escondera dois dos pesos maiores debaixo do travesseiro da cama para *trabalhar* pela madrugada, magoou-se, sonhando, e foi descoberto. Outro, que dormia abraçado com outro haltére, amanheceu com um grande «gallo» na testa. Um outro tanto levantou pesos, escondido na typographia, que um delles esborrachou-lhe um dedo da mão; e, quando o levaram ferido á presença do director, o «cabra» ia vermelho como um tomate e, segurando a mão maltratada com a outra immune, fazia lembrar o caso do pequeno heróe que mergulhára no mar, corajosamente, mas emergira em prantos, trazendo um caranguejo pendurado ao dedo...

Ah! Se não fossem essas entalações, já estariamos mais adeantados em força, cujos heróes, tão justamente applaudidos nos cinemas, tomamos para nossos guias. Ainda assim, nas presentes treguas, estamos procurando descobrir novo

processo de engrossar os muques e, então, recomeçaremos as nossas aventuras. O proprio escotismo já vae entrando nos nossos calculos, apezar da opposição das familias...

Sim, porque ninguem nos dissuade desta convicção, filha das palestras do ensino e das nossas confabulações privadas. Emquanto não tivermos liberdade; emquanto não forem propagados e organizados os jogos nas escolas primarias, secundarias e superiores; emquanto não dispuzermos de campos ou estádios para exercicios e recreios salutares, tendo á frente mestres competentes a medirem fôrças comnosco e nos encaminharem, com a bravura da mocidade; emquanto não podermos exhibir publicamente o nosso valor e progresso physico nos concursos esportivos de federação escolar, como succede nos paizes cultos; nem por isso havemos de voltar ás semsaborias do passado, porque preferimos ser Buffalos nos campos do pé-bol ou Macistes desenvolvidos com a louça de casa!

E isto é bem melhor do que empinar papagaios e só sermos heróes na *musica*, e evitará, de certo, o sentimentalismo piégas, a precocidade nos vicios, e até nos livrará de andar pelas ruas e pelos salões fazendo a ridicula figura dos miserandos «almofadinhas».

Avante! Buffalos e Macistes do Pará!

Arthur Porto.

O feminismo e a guerra

MONOLOGO

(Para as moças do Collegio "Progresso Paraense")

Meus senhores.

Neste seculo de agitação, de critica e de guerras, permitti que aproveite o momento de grandes expansões e venha carregar a minha pedrinha para um dos mais bellos edificios, monumental, inexpugnavel e immorredouro baluarte da intelligencia humana. Quero falar da elevação da mulher moderna ás mais altas posições da sociedade culta:

No tempo antigo, como sabeis, a mulher não sahia de casa, onde vivia e se preparava para a abençoada missão de mãe de familia, salvo as moças consagradas ao culto divino; todos os seus officios eram caseiros. Só pouco a pouco, e por via de circumstancias ou incidentemente, é que se foi dilatando o circulo de sua actividade. Assim veiu a ser ama de leite e aia, modista, lavradora, enfermeira, empregada do commercio, professora, etc. Era de ver como os velhos do antigo regimen reagiam contra o progresso e emancipação de suas filhas. Quantos ralhos, quantos castigos não soffreram as meninas daquelle tempo, vivendo *num cortado*, nas cidades ou nos campos!

Não liam livro nem jornal sem a censura prévia de seus mentores; não chegavam ás janellas, nem recebiam certas visitas, para não se communicar com os *pelintras,* seus conhecidos ou conversados; não iam aos bailes para não dançar *puladas,* salvo se fôsse com o titio ou com o compadre do papae. A sociedade era-lhes tão suspeita que alguns pregavam a reclusão das senhoritas mais vivazes nos conventos, para não perderem o reino do ceu por seducções terrenas.

Evitar os theatros era uma regra insophismavel e uma questão fechada. Quem seria capaz de aturar *comicas* nas suas desenvolturas no palco, seus ditos maliciosos, seus vestuarios de espavento!... Para que as moças podessem abraçar a profissão de *mestras*, foi preciso que os governos creassem estes cargos, que constituiram um ganha-pão e um dote para casamento. Mas, para ser caixeiras, guarda-livros, secretárias e dahi até doutoras, ou occupar posições ainda mais elevadas, as pobres mortaes têm suado o topete!

Afinal, estamos triumphantes, embora as pessoas de outro tempo possam hoje apontar em nós muitos defeitos, excessos e abusos creados por esta situação de modernismos que vae marchando para uma transformação geral dos cos-

tumes, notando-se mesmo a exclusão do elemento masculino de certos centros de actividade, onde só nós imperamos.

Querem um exemplo? Ahi estão as telephonistas, as celebres e gentis palradoras, que fazem o seu serviço com o maior enthusiasmo, sem admittir concorrentes do outro sexo. Com que graça ellas perguntam, todos os dias, aos seus sympathicos assignantes: Está-*me* ouvindo bem!

As fabricas enxameiam de moças, que trabalham mais e ganham menos do que os homens; as litteratas escrevem em verso e em prosa, defendendo a grande causa do feminismo e algumas já existem, tão talentosas, que não querem mais aturar crianças, só preferindo tratar com gente grande e graúda. E' que estamos na época da força e das utilidades immediatas e mais brilhantes, do voluntariado militar e das agitações politicas! Como se ha de aturar crianças, se lhe podemos falar somente de coisas elementares, em vez dos altos problemas que nos preoccupam!

Vejam as suffragistas como reforçam as suas milicias e vão *cavando* o direito de voto, muitas vezes até lutando a *muque* com a policia das grandes capitaes.

Marcham imperturbaveis; e, se os homens, para combatel-as, usam ridicularizal-as, chamando-as de velhas e feias, nem assim esmorecem, em face dessa desconcertante injuria dantanho... E, todo esse movimento se altera de envolta com a forma externa de nossos usos e costumes actuaes.

Se as nossas bisavós pudessem ver as modas de hoje, os arrebiques, os decotes, as saias curtas, os tacões altos e outras cousas mais exageradas, seriam capazes de apitar chamando a policia para metter a gente no hospicio. Mas, tambem, se nós vivessemos naquelle tempinho, com este espirito de hoje, quantas risadas não dariamos, ao ver as caudas e rodas de certos vestidos, os chichis, os cocós, as saias-balão e as celebres anquinhas, tão variadas, que as havia até de arame, como certas ratoeiras...

Então, nos brinquêdos e nos *sports*, ainda é mais patente a revolução. Ninguem mais se lembra da ingenua *cirandinha*, das rondas e dos jujús das nossas avós. Hoje só se dança fox-trots, sambas, sapequinhas e chôros, á ingleza! As moças fazem cyclismo, cavalgam á masculina, intervêm nas regatas e nos torneios de natação, jogam o *cricket*, o *law-tennis*, o *wolley-ball* e o *golf*, patinam, esgriman, remam, dirigem automoveis e até voam em aereoplanos!... Só nos falta assaltar o electrizante *foot-ball*, de que somos *torcedoras* impenitentes e então poremos todo o pessoal masculino em *of-side!*... Nada. Não ha como viver no seu proprio

Lançae um olhar em redor do mundo. Que vêdes? Até batalhões de moças voluntarias do exercito seguem para a linha de frente do combate... Que enthusiasmo! Que patriotismo, nesse esforço de coragem! E não nos consta que já fosse aprisionado algum delles sem honra. Dizem que, quando os ultimos batalhões femininos se approximavam das linhas allemães, os inimigos deixavam as armas, gritando: *Kamarade! Kamarade!*...

Pois bem. Agora, depois da grande guerra, o nosso triumpho será ainda maior, á vista da diminuição geral dos homens, que vamos substituindo em todos os mistéres, nas industrias, inclusive a de munições de guerra, nos vehiculos, nos caminhos de ferro, na lavoura, nas repartições publicas e nas posições politicas e militares! Mulheres politicas. Como será *chic* uma senhora-presidente ou uma ministra, uma embaixadora na China ou uma consuleza na Russia! Discutir como senadora, como deputada ou falar ás massas, num comicio eleitoral! E as coronelas, as generalas, de botas e esporas, todas armadas e marchando elegantemente!...

Em nossa independencia de idéas e profissões, nada encontramos que nos detenha o passo; nem temos crianças que fiquem em casa berrando por nós!...

Mas, por falar nisto. A's vezes, no meio do nosso deslumbramento e da nossa faina, uma idéa triste nos atravessa o espirito, enchendo-nos de aprehensões graves. Sentimos um mal estar indefinivel e ficamos taciturnas, no meio da multidão.

Que será?!... Não pensem que é o medo da guerra, pela certeza dos perigos imminentes que vamos correr; não são os receios da nossa derrota, em prejuizo da patria; não é o excesso do trabalho pela substituição do braço e da intelligencia dos nossos bravos irmãos, que morrem ou se inutilisam na luta. Não é nada que se pareça com isso, meus senhores.

Nosso mêdo, o subito terror panico que põe agua fria na fervura do nosso enthusiasmo, o nosso espectro aterrador, vem da idéa certa de que, se o numero dos moços vae diminuindo, na bôa sociedade, e se continuarem as maldi tas guerras, corremos o grande, o formidando e inominavel risco de entrar na formação de outros batalhões, muito mais numerosos, em cujos exercicios serão ouvidos mais suspiros do que tiros—os desolados batalhões das solteironas sem esperança!...

* * *

Deixemo-nos, porém, de gracejos. Solteiras ou casadas

qualquer que seja o nosso destino, não esqueçamos nunca a nobreza do nosso sexo! Não desertemos o lar domestico, cellula social que é o verdadeiro seminario da felicidade publica e particular! Inspiremo-nos sempre nas virtudes christãs das matronas brasileiras! Cultivemos o nosso corpo e a nossa alma, sobretudo, para a mais gloriosa de todas as cruzadas, para a educação e o triumpho supremo das novas gerações defensoras do Brasil, na concorrencia com os povos victoriosos pelo progresso economico, moral e politico!

Viva a mulher brasileira!

Arthur Porto.

MUSA CIVICA

JURAMENTO DA BANDEIRA

(Aos reservistas do exercito, alumnos do Collegio)

Fortes rebentos de uma «Gente Ousada»!
Crescei, lutae á sombra da Bandeira,
Para mantel-a sempre desfraldada,
Assignalando a Patria Brasileira!

Nas jornadas da Paz, alviçareira,
Ou na guerra inimigos affrontando,
Guiar-vos-á, pugnaz aguia altaneira,
E voltareis com ella triumphando!

Recebei nosso applauso, neste dia,
Incendidos de civica ufania,
A mais justa que deve ser sentida...

E' baptismo de heróes o juramento,
Que prestaes sobre o labaro-portento,
—Nosso Amor, nosso Bem e nossa Vida!

Arthur Porto.

Hymno do Collegio PROGRESSO PARAENSE

(musicado pelo maestro paraense GAMA MALCHER)

Trabalhar é seguir nobres trilhos!
Aprender é ganhar mil thezouros!
O Brasil necessita de filhos
Que lhe teçam corôas de louros!

Se esta terra é uma joia engastada,
Do torrão colombino entre as zonas,
Cumpre a nós, continúe respeitada,
—Desde o Prata ao soberbo Amazonas!

Somos jovens, mas tal mocidade
E' aquella que faz os heróes.
Já sabendo o que é liberdade,
Honraremos os nossos avós!

Eia, pois, brasileiros do Norte!
Um futuro immortal nos pertence.
Preparemos a nossa cohorte
No collegio «Progresso Paraense»!

Progredir! seja o grito vibrante
Que nos saia espontaneo do peito.
Seja a nossa divisa constante
Contra todo e qualquer preconceito.

Quer com livro ou espada, sem escudo,
Imitemos, com impeto irmão,
Souza Franco, nas lidas do estudo,
No morrer pela patria—Gurjão!

A. P.

HYMNO AO PARÁ

(musicado pelo maestro NICOLINO MILANO)

Salve! ó terra dos rios gigantes
D'Amazonia princeza louçã!
Tudo em ti são encantos vibrantes,
Desde a industria á rudeza pagã...
Salve! ó terra dos rios gigantes
D'Amazonia princeza louçã!

O Pará! Quanto orgulha ser filho
Dum colosso tão bello e tão forte!
Juncaremos de flores teu trilho,
—Do Brasil sentinella do Norte!
A deixar de manter esse brilho
Preferimos, mil vezes, a morte!

Salve! ó terra de ricas florestas
Fecundadas do sol do Equador!
Teu destino é viver entre as festas
Do Progresso, da Paz e do Amor!
Salve! ó terra de ricas florestas
Fecundadas do sol do Equador.

O Pará! Quanto orgulha ser filho, etc.

A. P.

EM MARCHA!

(musicada pelo maestro paraense GAMA MALCHER)

Já soou a voz de marcha!
Eia, avante, companheiros!
Marchemos com enthusiasmo,
Marchemos bem sobranceiros!

Eis, á frente, eis-nos—maiores,
Em luzidos pelotões!
Temos garbo extraordinario,
Somos jovens campeões!

Tambem—médios e menores,
—Desde o centro á retaguarda,
Sabemos marchar com garbo,
Mantendo a honra da farda.

Vêde bem, entre os sargentos,
O nosso lindo estandarte,
Que levamos em triumpho,
Saudando-o por toda a parte!

Nossos brancos uniformes
Nossos passos sempre iguaes,
Nossas armas, tudo brilha,
Como os nossos ideaes!

Prosigamos, companheiros,
Nesta marcha varonil,
Que abrir vamos os caminhos
Para as glorias do Brasil!

A. P.

VII

Imprensa Escolar

IMPRENSA ESCOLAR

A Collaboração dos mestres

Sendo o presente e ultimo capitulo deste livro destinado a registar o progresso intellectual dos alumnos mais adiantados, pelos melhores trabalhos exhibidos no seio do Gremio «Joaquim Nabuco» e publicados na «Folha Escolar», orgão do mesmo Gremio, entendi que seria justo fossem precedidos dalgumas producções didacticas dos seus dedicados mestres e meus collaboradores, para mostrar como se dignaram estimulal-os, escrevendo naquelle orgão, ao meu lado.

Assim, ficará, mais uma vez, provada a perfeita solidariedade que todos mantêm commigo na obra da educação, a par da corrente de affectos, que os liga aos nossos discipulos.

***

Independencia Brasileira

Num paiz tão bello e extenso, de poucas communicações e de tantas riquezas naturaes, o echo do evento libertador, de 7 de Setembro não poderia alcançar o enthusiasmo que produziu, sacudindo o povo brasileiro em victoriosas manifestações de solidariedade se, em cada nucleo das principaes capitanias dos tempos coloniaes, já não existisse o fermento das nobres aspirações.

Digam outros, como João Ribeiro, que esta data carece de exterioridade legislativa ou politica, outros que esse facto representa uma transacção com um principe trahidor de Portugal, capaz de tambem nos trahir, mais tarde, reunindo duas corôas sobre sua cabeça, e certos brasileiros, criminosamente apathicos, que este 7 de Setembro, por nós tão festejado, não pode fazer vibrar o patriotismo como os demais factos da nossa Historia. Ahi estão os antecedentes, na campanha heroica de nossa nacionalidade, para convencer, de que, pelo contrario, o grito do Ypiranga é uma consequencia natural de todos os movimentos liberaes, o fructo dos grandes sacrificios, de numerosas provações, em summa, uma salutar

reacção da valorosa consciencia de nossos direitos de povo digno de se emancipar dum jugo já affrontoso, pois até mesmo nas Côrtes Portuguezas de 1822, elle achava legisladores que propuzessem a recolonização do Brasil, recusando-lhe uma nesga de Constituição autonoma.

Não será porque a historia brasileira não tenha encontrado ainda o seu verdadeiro historiador que deixemos de estudar e reconhecer a justiça e a dignidade da nossa Independencia articulada a tantos outros factos comprovantes do nosso caracter ou do nosso progresso moral, da nossa individualidade propria e da nossa capacidade politica. Não era preciso que o 7 de Setembro fôsse, entre nós, um drama fragoroso de lutas sanguinolentas e successivas, como as da libertação da Suissa e dos Estados-Unidos, para considerar-se patriotico e civilizador. Estudem a Historia pelo seu lado interno para comprehender-lhe o espirito, auscultando a alma do povo e acompanhando-o em sua elaboração lenta e segura, para applaudir-lhe os gestos heroicos. E' preciso saber descobrir os orgãos desse povo que se movimenta, reage e se liberta, para podermos admirar-lhe as acções historicas. José Bonifacio foi um grande estadista brasileiro que secundou o movimento de outros companheiros da empresa e quem soube pôr habilmente as ambições do principe de Bragança ao serviço de nossa causa. E melhor foi assim do que vencer por *pronunciamentos*, que ensanguentaram e depauperaram por tantos annos as nações neo-hespanholas de nosso continente. O gesto do Ypiranga se completa com o *fico* de D. Pedro no Brasil, contra as ordens do governo de Portugal e com todos os actos de sua solidariedade comnôsco, com a substituição das côres portuguezas pelas brasileiras de nossa divisa nacional até á convocação da nossa Constituinte e á Guerra da Independencia, isto é, á expulsão dos recolonizadores reinoes.

Os modernos investigadores da Historia Colonial vem affirmando que um paiz pode ser *descoberto* muitas vezes, antes de entrar definitivamente no quadro da civilização, e assim devia acontecer com o nosso, por sua grandeza e situação exposto ás abordagens de navegadores de todos os cyclos. Do mesmo modo, dir-se-ia de nossa Independencia Politica ou emancipação nacional. Num dia, apoz tantas tentativas isoladas, sacudimos o jugo colonial; nosso povo rejubilou proclamando aos quatro ventos a sua victoria nativista. Mas, em breve, novos esforços são desenvolvidos para reaffirmar, assegurar melhor uma vida autonoma e democratica, mais de accôrdo com o espirito da raça e das necessidades da nova nacionalidade; e, assim, como o 7 de Setembro liga-se

aos serviços quasi inconscientes dos bandeirantes, ás lutas com os maus governos hollandezes, ás reacções contra o monopolio do commercio portuguez e ás revoltas francamente republicanas, em que foram immolados os primeiros martyres da liberdade; assim tambem elle se confirma com a revolução liberal de 1831, pela qual trocamos um principe portuguez por um compatriota popular, com a organização dos partidos politicos, com a acção dos grandes estadistas brasileiros, com a guerra do Paraguay, com a emancipação dos captivos, com a propaganda e proclamação da Republica e, finalmente, com o nosso progresso nas lettras, nas artes e nas sciencias, visando a nossa emancipação economica e nobre relêvo na America do Sul. Toda essa evolução social attesta ainda a excellencia da nossa raça, a despeito da mestiçagem e da rotina hereditarias como dos erros dos nossos dirigentes. Portanto, o 7 de Setembro nos honra e nos orgulhece como uma das maiores acções ligadas ás mais nobres aspirações dos nossos avós. Commemoremol-a com enthusiasmo e veneremos a José Bonifacio e todos quantos se sacrificaram, antes e depois delle, por nossa separação de Portugal, cujos subditos hoje reconhecem e festejam comnôsco essa brilhante conquista social e politica, precursora de novas victorias democraticas.

Honremos os nossos gloriosos campeões *do 7 de Setembro* e teremos cumprido um dever de gratidão!

Arthur Porto.

(Director do Collegio)

Nossa Marinha de Guerra

Uma visita ao "Benjamin Constant"

A mocidade do «Progresso Paraense», inspirada nos ensinamentos que sóe prodigalizar o civismo, almejava anciosamente uma approximação de affectos, com os bravos de «Benjamin Constant» e quando, nesse dia, lavado intensamente pela canicula, desfilou garbosa, formando pelotões, ao cadenciado som das marchas e clarins, semelhava um só corpo que se locomovia, galvanizado á eurythmia de um pensamento formoso, sob a benção de todos os corações, emquanto das janellas apinhadas voava dos labios o sorriso suave da bemquerença, e brilhava o gaudio em olhos commovidos, desbarretando-se respeitoso o transeunte ante o symbolo da phalange juvenil... Era uma leva risonha do porvir, que, encurtando cada vez mais a distancia com os seus passos ia fraternizar com aquelle outro pugillo de moços, que, naquelle mimo fluctuante da nossa marinha de guerra, vão acadinhando os estos d'alma á chamma purificadora do dever...

Recepcionados gentilmente, mestres e alumnos sentiram a emoção de que pisavam um trecho sagrado da nossa terra, e do qual parecia exsurgir, na symetria de suas bellezas, a visão radiante da patria. Sentia-se que envolvia aquelle ambiente uma atmosphera espiritualizada de ordem e singeleza, onde se não acoitava nenhum sentimento inconfessavel.

Ainda nos resoam aos ouvidos as palavras sóbrias e carinhosas do distincto Commandante, nas quaes transluzia a sinceridade mais encantadora, envolvendo, nesse gesto de acolhença paternal, um brado de animação, que foi encontrar resonancia na alma dos que o escutavam, extasiados ante o porvir elaborador de glorias que lhes era acenado como a recompensa do estudo proficuo...

Ao depois, confraternizaram os moços visitantes com os gentis visitados, nesse trato descerimonioso e alacre de velhos amigos.

A marinha de guerra sempre foi objecto de predilecção da mocidade. Ella descortina, nesses mastodontes de aço, nessas machinas possantes, nessas flammulas desdobradas ao sabor da viração, a visão panoramica de um futuro deslumbrador — e com essa tacita promessa do arcabouço e dos pertences, a certeza e desconfiança nessa fôrça consciente — a guardar, como sentinella attenta, o nosso vastis-

simo littoral, assegurando a soberania da nossa fronteira oceanica, convidativa de perigos, mas de onde sempre retorna o vôo atrevido o abutre da ambição extrangeira, consciente da repulsa gigantesca e tremenda.

Muito ha que eminente escriptor patrio já o asseverava: «Ha um parallelismo eloquente entre a historia das deslocações maritimas e das culminações do progresso». Com effeito, o poder naval é o indice melhor por onde se póde aferir a importancia e capacidade de resistencia de um povo. A supremacia naval traz em consequencia a supremacia politica. Nem ha exemplo em contrario na historia. Haja vista o Japão, em poucos annos conseguindo o predominio politico e moral no continente asiatico, entrando, por fim, o concerto das grandes potencias pela porta da guerra, emquanto a China anciana, á pacata sombra dos seus pagodes de porcelana, e dotada de incomparaveis recursos—se deixava jazer na lethargia, porque já se tornara myope, em desacostumando a vista do amplo scenario marinho—patria da liberdade—onde quasi sempre se decide a sorte das nações . . .

O mar é o elemento natural dos fortes. Na sua superficie incerta, ás emanações salitrosas das suas vagas, crease o folego dos bravos e fortificam-se os pulmões dos heróes. Para os fracos, é o phantasma do atemorizamento e a confusão: vendo-o, immobilizam-se elles na pusillanimidade e no receio dos libios. Para o forte é a lucta, o prazer da porfia, o goso do triumpho; nelle descortina, no espaço immenso que o circumda como que uma clareira do infinito. A sua convivencia dá a ambição de immensidades mais dilatadas... E' por isso que sobre o seu dorso o marinheiro ama melhor a patria. E' a escola em que se aperfeiçôa o patriotismo.

E foi exactamente de sobre o arcabouço do monstro escameado que o Brasil, mal desperto da tyrannia secular, pôde consolidar a sua soberania e independencia, castigando até injustiças commettidas nos paizes convizinhos; e, ao depois, nessa homerica Riachuelo –pela sciencia, tactica e bravura de seus marinheiros, deu ensinamentos ao mundo, chegando technicos inglezes a confessar a hegemonia do Brasil na America do Sul e prognosticar para breve a sua collocação entre as primeiras potencias...

E não parou nisso. A nossa historia naval é uma cadeia ininterrupta de abnegações e glorias ennobrecedoras... As paginas dessa historia parecem rebrilharem á vista; encerram, nas suas linhas, feitos de extraordinario heroismo e altivez. Desde Barroso, offerecendo, como Nelson, o peito á fuzilaria inimiga, Mariz e Barroso, Greenhalgh, Saldanha da

Gama, espirito de escol, verdadeiro fidalgo, até um titan, como Marcilio Dias, esses heróes obscuros que baquearam nas refregas, a nossa marinha é um exemplo superior, digno de immortalidade pelo cálamo do historiador.

Para continuar essas gloriosas tradições se aprestam os moços do «Benjamin Constant».

Não se improvisam esquadras, como se não improvisam marinheiros... Ao par do preparo scientifico e da pratica maritima, ha mistér formar abnegações patrioticas. Essa inteireza de proceder, essa comprehensão transcendental, essa esthetica do caracter é o que se objectiva, com resultado fecundo, dentro da limitada área do elegante navio-escola, que as brizas guajarinas afagam.

Todo anno a Escola Naval, aviario onde se vão emplumando as mais nobres ambições de gloria, concorre com o seu contingente de futuros heróes, esperanças que são, das mais seguras, da nossa querida terra, que hão de conservar «ab-eterno» a sua supremacia politica no concerto sul-americano.

A mocidade escolar sente-se bem ao lado dos seus intelligentes e esperançosos compatricios. São irmãos que trabalham em commum por uma entidade sacrosanta e repartem o pão do mesmo ideal, palmilhando a mesma trajectoria, lado a lado.

Que sejam essas nossas expressões, na sinceridade que as envolve, o echo, atravez do espaço e do tempo, da sympathia que souberam em nós despertar os bravos guardas-marinha, deixando-nos, com a sua dôce recordação, a confiança de que saberão bem servir o Brasil e imitar os nossos heróes, seus immortaes irmãos de armas.

Carlos Nascimento.

(Lente de Portuguez e Literatura).

Como ensinar Desenho ás crianças

... E porque não trazer eu, aqui, nas illuminadas pagi-
nas deste livro, illuminadas por tantos cerebros visionarios
que não o meu, olhando para cima, para a luz clara e pu-
rificadora, trazer eu, modestamente, sinceramente, os meus
louvores, o meu agradecimento de mestre ao esforço espon-
taneo dos meus pequeninos e devotados alumnos do Curso
Primario, que vêm ao meu encontro, correspondendo, com
tanta intelligencia e aproveitamento, a tudo quanto, pouco a
pouco, lhes vou ensinando na materialização da forma, vis-
ta e sentida, atravez de cada uma dessas almas, juvenis e
francas? E porque não?...

Venho fazel-o, pois.

Embora a revoada plumbea de nuvens ameaçadoras passem de quando em vez, offuscando por momentos a luz intensa da educação e instrucção, elles, os pequeninos e seus mestres, della não se preocupam... e estudam e aprendem.

E é um gosto vêl-os com que carinho observam e executam, mal a principio, mas tão cheios de interesses, esses rascunhos em que cada erro é um esforço para acertar e onde, em cada linha torta, eu noto a intelligencia que sabe ver, ainda não obedecida pela fragil mãosinha que mal sustém o lapis e que não consegue ainda fixar aquillo que foi visto. E as suas opiniões, as suas criticas, cheias do espirito de corrigir e de melhor fazer!...

Como é delicioso e confortante vêl-os, tão pequeninos, franzir o sobrolho e procurar, incontinente, rabiscar uma composição decorativa, quer de motivos geometricos, quer de interpretação de flora estylizada, cujos limites de evolução são fixados por mim, achando nelles, não a passividade estupida do copiador de estampas ruins, outrora não commum entre nós, mas o espirito despertado, as perguntas intelligentes que pedem respostas ponderadas!

E é assim que os estimo, a todos elles, cada um com o seu temperamento, interpretando, com o seu caracter pessoal, aquillo que se lhes apresenta com uma forma palpavel e natural.

Um dia, em meio ás minhas explicações, que se faziam claras, uma cabecita loura, olhar alegre e fino, perguntou-me:—Professor, como eu vejo?...

Não bastaria, porventura, esta pergunta somente para se avaliar o quanto é nobre e digno o ensinar Desenho ás crianças?! E mostrei-lhe então e expliquei-lhe lentamente, pachorrentamente, como ella deveria ver; e, durante essa cal-

ma explicação, a cabecita leonina ia vendo e desenhando, dando ao seu trabalho, alem da forma nitida do modelo, uma personalidade tão sua, tão feminilmente infantil, que me recompensou largamente do trabalho da explicação.

Com a paciencia de quem tem a certeza de esperar por um grande resultado, não tenho perdido um só dos meus esforços. Todas ellas querem desenhar; e, mostrando como se faz, corrigindo o que não se deve fazer, eu vejo as criancinhas dirigirem os olhitos para o modelo, seja qual fôr e riscando mal a sua forma, me deixam sentir que ellas sabem ver bem aquillo que vêm.

Nas composições decorativas, obrigatorios aos maiores, cada palavra de correcção dada por mim é um desvendar do espirito e uma nova linha graciosa e justa «pian piano», vae illuminando o cerebro com uma idéa nova, enriquecer o desenho, valorizar o seu trabalho decorativo.

E é tão facil ensinar desenho a criancinhas!... E eu que nunca pensei que era tão agradavel esse mistér, tão nobre e tão elevado!... Foram ellas, que me ensinaram como era que eu lhes devia ensinar. A cada uma eu digo de maneira que a lição lhes aproveita; e ellas, uma a uma, dão-me trabalhos iguaes na forma quão varios na interpretação e execução.

Por isto... por que não vir trazer aqui mancheias de louvores aos esforços valiosos das criancitas e meus agradecimentos á retribuição que dellas recebo quando produzem trabalhos feitos como eu lhes ensino ou como devem elles ser feitos?!...

Theodoro Braga.

(Professor de Desenho)

Dialogo e Reflexão

—E porque ao menos não me toleras ? Porque esta guerra decidida que me declaraste, esse incontido odio que não occultas e que a todo instante vociferas contra mim ? Julgas-me tão má e tanto me destestas!... Não digo que seja bôa, comtudo, cada qual como Deus fez. Olha, escuta-me. Não te impacientes. Incommoda-te assim a minha presença ? E, no entretanto, buscas-me por toda parte. Parece até imprescindivel a minha vida para que possas viver.

Ainda eras menina e já me apedrejavas, quando me presentias ao longe. Não sou velha e, mesmo assim, não tens conseguido sempre impedir a minha acção. E' natural... Os moços têm descaidas, cochilos; os velhos são mais vigilantes. Entregas-te aos exercicios que te conferem fôrça desmedida; aspiras a largos haustos o ar puro das montanhas, das florestas e dos prados; cuidas da tua nutrição com particular carinho; resguardas-te das intemperies, evitas o mal; emquanto que a mim não sobra tempo alem do que consagro aos que me procuram a todo instante, respiro o ar confiando que sobra aos que o gastam em volta de mim. A's vezes não me alimento, outras vezes degluto sem o preparo preciso aquillo que a minha exquisita imaginação idealisou. Não me posso abrigar, senão cessaria a minha obra de destruição. E como poderia fugir ao mal ? Seria fugir a mim propria. Com a tua belleza fascinadora, procuras requestar os homens; com os teus donaires petulantes tentas arrastar as mulheres, numa onda fremente de attração, de encantos! E as crianças? Ah! procuras seduzil-as com a magia do teu sorriso, da tua voz angelica! E, no entretanto, minha amiga...

—Oh! nunca, tua amiga, jamais. E' revoltante !

—E' o mesmo. Se assim queres, não direi essa palavra dôce que exprime o desejo invencivel de se ver, a vontade incontida de querer, de approximar. E, no entretanto, bem sabes que sou velha, que sou contemporanea do primeiro homem. Apezar de macilenta e esqualida, quasi todos me procuram, quasi todos vêm por vontade propria ao meu encalço. Adivinham por onde me acho e ahi estão. Não me posso esconder porque sou sempre seguida. Sim, eu não minto. Não alardeio virtudes, mas não careço mentir.

Buscam-me por toda parte; procuram-me até ser encontrada. Sou requestada. E' verdade que após o primeiro contacto, geralmente querem que me afaste, quando já se torna isso quasi impossivel. Seria descortez. Se não empolgo,

se não domino, se não me aposso inteiramente, procuro ao menos deter-me o mais possivel, ainda que por mera cortezia.

Vês? quantos lá, ao longe, me aguardam, receiosos de se approximarem, porque estás aqui, porque querem evitar as tuas exhortações, os que já te conhecem e os que te não conhecem ainda, porque supõem-te exigente e orgulhosa. Eu propria, confesso, não me sinto bem, junto de ti. Não posso prodigalizar-te mais attenções. Tenho de seguir. Como sabes, possuo muitos nomes. Segundo as conveniencias de occasião, uso um ou outro. Tu me chamas Doença, minha irreconciliavel e douta Hygiene. E como tu dizes com desdem o meu nome, o meu verdadeiro nome!

Ouve-me ainda. Tantos me procuram com anciedade, porque dizem-me romantica, pallida, quasi mystica. Refrescam no gelo a fadiga louca de buscar-me, se acaso retardam em encontrar-me. Erguem-se da estafa em que se engolfaram, para solverem o meu halito, para aspirarem o meu perfume, e não satisfeitos de me buscarem anciosamente durante o dia, noctivagos apaixonados seguem-me á noite toda, até que lhes possa retribuir, num abraço de aniquillamento, a sua grande affeição.

Vês aquelle mundo de criancinhas opiladas, lá ao longe? São do meu sequito predilecto. Emquanto descuidosas se entregam aos seus innocentes folguedos, pisam descalças e colhem com as mãosinhas essas myriades de larvas parasitas, com que tive o cuidado de alcatifar-lhes os caminhos. Sabes que é isso? São os petalos das minhas flores, são os ancylostomos pequeninos que constituem as minhas mais opulentas culturas. Bem sabes que não me dá isso tanto trabalho; cultivo-as á custa do nutrimento, do sangue dos incautos. Que mal me poderá advir? Alguns de menos para cortejarem-me a passagem? Não importa. São tantos os meus affeiçoados!... Tambem são mais alguns anjos no Ceu. Vês que não parece tão odiosa a minha missão. Eu povôo o ceu de anjos que roubo á Terra. As criancinhas, que immolo em holocausto ao deus do mal, quasi sempre me são entregues pelo descuido dos proprios paes.

Se chegas a um povoado com o nome pomposo de Vaccina, todos te fogem ao contacto, porque se arreceiam de que lhes faças mal, porque te apresentas armada de um estylete para ferir. Saes desolada. Eu chego logo após e distribuo largamente a pustula de variola, de que ando largamente provida, Poucos resistem á minha passagem. E' o mesmo. Sou prodiga na distribuição dos premios que concedo aos que não te querem dar ouvidos, para me seguir. O meu premio maior é a minha propria filha, é a Morte. Oh!

mas a Morte não te parece um allivio para a vida tão cheia de duvidas, de incertezas, de trabalhos?

Vês este forte rapaz que me precede? E' o Alcool, o meu melhor auxiliar. Elle prepara o caminho por onde deverei passar triumphante, derramando a messe farta da tuberculose, da malaria, da escarlatina e da peste, de que nunca me faltam provisões. Bem vês que não me falta o que dar. E tu, quando muito, só poderás dar uma unica cousa —a saúde. Ora a saúde! Mas quem se importa com a saúde? Os que a possuem, quasi sempre brincam com ella nos pés, como se fôra a bola do jogo. E tanto é verdade quanto affirmo que me ouves com indignação, e não me contradizes. Eu sei que por toda a parte gritas, bradas, clamas contra mim. Tanto não me preoccupo comtigo, porque tambem sei que sou preferida. Certo, ás vezes, me poderás impedir os passos. Mudarei de vestes, mudarei de nome e procurarei passar. Se não posso ser Febre Amarella aqui, porque o teu sectario Oswaldo Cruz me deteve e, se quasi já não posso ser Lepra na Suecia, porque Hansen, outro teu discipulo, procura desarmar-me, serei, aqui e lá, Meningite Infecciosa. Adeus! Fica sonhando com o teu ideal, que é o meu aniquilamento.

.....

E a Doença, caminhando a passos lentos, já ao longe, vae cercada de vultos que mal se delineam, na penumbra do crepusculo, e que, a todo o instante, chegam, pressurosos dos atalhos, como saem das choupanas, das herdades dos castellos, na anciedade louca de seguil-as.

Pinheiro Sosinho.

(Professor de Historia Natural e Hygiene)

Publio Virgilio Maro

(Para os meus caros alumnos)

REMIGIO FERNANDEZ

Virgilio, o grande e merecidamente celebre poeta latino, não deve a sua fama e a respeitabilidade de seu nome exclusivamente á sua immortal e extraordinaria obra.

A historia humana não é a simples narração dos acontecimentos sociaes, é tambem, e principalmente, a communhão dos pensamentos e o vinculo que une as gerações, á idéa aos factos, conservando e evidenciando a unidade da tendencia dos espiritos atravez dos seculos.

A historia é o movimento do nosso espirito em procura do complemento das aspirações ao bem estar, ao poder, ao dominio á felicidade.

Do incommensuravel fundo da historia antiga, ao lado dos homens legendarios de todos os paizes, hombreando com Homero, a mais elevada representação da cultura hellenica, apparece-nos Virgilio, por sua vez, o mais perfeito e o mais notavel da culta civilização romana.

Mas esse Virgilio, que agora queremos salientar, numa rapida evocação, não é propriamente e exclusivamente o poeta das maviosas e encantadoras Eglogas, o poema cyclico da nação romana.

A gloria perfeita de Virgilio não está unicamente na sua qualidade superior de poeta. Poetas gloriosos, genios do hexametro latino, tambem o foram Lucrecio, Horacio, Lucano, Ovidio e Cicero.

O homem não é exclusivamente o seu talento.

O talento eleva, engrandece, immortaliza; mas não purifica, não faz o homem moral, o homem de virtudes.

Catão foi um sabio, mas não foi um perfeito.

A' luz dos principios da educação moderna e pelos resultados da sociologia, o homem representativo é um complexo.

Napoleão foi um general excepcional, um genio e uma energia; não foi, porem, um politico sabio; por isso, não poude manter o aureo sceptro da França.

Virgilio é um vulto excepcional da historia romana. A sua gloria é perfeita, por isso é universal e perenne. O seu genio poetico é uma arte de sua excelsa personalidade representativa.

A unidade historica dum povo é o complexo das virtudes e do movimento de sua actividade.

A historia é a afferição dos valores duma raça.

Mas não ha historia perfeita, digna deste nome, e dum povo, si não coexistem afinidades e unidades de vida, de linguagem e de tendencia, um poder centrico, soberano e identidade de tendencias.

Dos imperios antigos nenhum attingira a duração e o poder robusto do Imperio Romano.

Mas todos elles ruiram semelhantemente, solapados por mal identico.

Roma começou definitivamente pela organização da familia.

A familia estabeleceu-se sob o regimen do patrio poder absoluto e a consagração do principio da auctoridade.

As lutas politicas e as guerras exteriores, em seguida á influencia da cultura hellenica, crearam a consciencia da virtude como uma força indispensavel e um factor decisivo da formação do caracter e do valor do povo romano.

O homem probo, *vir probus*, tornou-se uma força ou um valor social. Os Quirites entraram a symbolizar, pela sua austeridade, a grande força politica e social.

Quando Virgilio appareceu no scenario da vida, a virtude já era uma consagração e os Cezares e os grandes heróes esperavam a sua immortalidade entre as constellações, donde seguiriam a viver como astros propicios.

A par da cultura physica, o povo romano comprehendeu o estoicismo, a fortaleza moral, como elemento de grandeza e de perfeição.

Atravez das Odes de Horacio, vê-se a invocação ás virtudes espartanas, como o salvamento da nação romana, já então invadida pelo amor ás bachanaes e aos funambulescos mysterios Dyonisiacos.

Cicero dizia que a verdadeira amizade, que é uma grande virtude, não podia existir senão entre os bons: *Amicitia non potest esse nise in bonis;* foi com os olhos postos no amor á patria e á familia que elle escreveu a obra—Dos Deveres—o immortal codigo de moral e de ensino.

Virgilio, o excelso poeta que se perpetúa atravez dos seculos com a mesma imperecivel e renovada gloria, o grande escriptor que não cansamos de ler e de admirar, é um desses homens completos, extraordinarios que se tornaram, pelo saber e pela virtude, prototypos e guias da mocidade que surge para a sociedade e para a familia.

O grande filho de Mantua, o cantor dos sobreviventes de Troia e dos fundamentos da nacionalidade romana é, para todos os que desejam ennobrecer-se, um constante, insuperavel modelo.

Atravez dos estudos classicos latinos, pensamos sempre

que nenhum outro antigo era mais adequado para despertar e avivar na mocidade os grandes sentimentos, do que o poeta da Eneida.

E, com effeito, a vida de Virgilio é um elevado codigo de ensino e de moral. Patriota ardente, vendo pela experiencia, desde os verdes annos, que não estava na sua debilidade physica a esperança de ser util á sua patria, deliberou dedicar-lhe todas as suas energias intellectuaes, e escreveu então as Eglogas, as Buccolicas e a Eneida, que são a Italia propria, na simplicidade de seus camponios, a uberdade de seus campos, no esplendor do clima e nos rasgos de epopéa de sua origem heroica, semi-divina.

Por outro lado, o glorioso mantuano via que as ambições politicas, conflagrando espiritos, arruinavam uma patria.

Fez-se, então, o voluntario desterrado dos esplendores de Roma e das posições politicas.

Debalde Octavio Augusto lhe acenava com o seu poder immenso; em vão Mecenas o reclamava para o seu lado.

Virgilio fugia, evitava as honras do senado, da pretoria e do consulado e, no silencio e na solidão do retiro campestre, casava aos arroubos poeticos uma vida silenciosa e meditativa, virtuosa e pura.

Tão modelar foi a vida de Virgilio, uma dessas figuras excepcionaes, completas e grandiosas, que, na Edade Media, foi lembrado como um precursor dos Santos Padres da Egreja e como um Propheta christão.

A mocidade aprende em Virgilio uma dessas figuras excepcionaes, completas e grandiosas da especie humana.

Virgilio é a gloria intellectual e moral e o padrão historico duma nacionalidade.

A historia romana illumina-se com Virgilio.

Os seus contemporaneos já o glorificaram e Horacio pedia ás forças celestes e cosmicas que conservassem Virgilio idemne.

Os Cezares deleitaram-se ao ler os versos immortaes da Eneida e a mocidade recitava-os, enchendo-se de orgulho e de santo fervor.

Não ha nos annaes de Roma antiga vulto mais puro e mais brilhante.

Hoje, ainda, apezar das mudanças da cultura, Virgilio seria, se fosse vivo, a mesma gloria, e suas virtudes brilhariam semelhantemente, porque a virtude é a fortuna que não se consome, o brilho que se não apaga.

Remigio Fernandez.

(Professor de Latim)

Cultura Physica

Um bello corpo desperta e forma uma bella alma, disse muito bem o Dr. Fernando de Azevedo, numa conferencia realizada em S. Paulo sobre o thema—O Segredo de Marathona. Elle affirma a educação physica como factor primordial no desenvolvimento ou equilibrio da perfeição moral, formação do caracter e hygiene do corpo, julgando-a indispensavel a todo e qualquer programma educativo que obrigue a infancia á sua cultura para bem se alicercear nas bases embryonarias dos pequenos organismos a se desenvolverem sob a influencia benefica de exercicios physicos, gradativos e constantes e observancia dos systemas mais apropriados á physiologia de cada um. Taes organismos transformar-se-ão em constituições robustas, aptas para todo o trabalho physico e mental, a par duma formação moral, producto irrefutavel da applicação do celebre lemma de Juvenal: «Mens sana in corpore sano».

Assim, o illustre conferenciador invoca, em abono de suas idéas e opiniões, a lenda ou anedocta grega dum soldado que, por sua compleição robusta, logrou, duma só corrida, ainda que gravemente ferido, percorrer quarenta kilometros, do burgo de Marathona á capital da Attica, para annunciar aos Archontes a victoria de Milciades sobre os persas. E' a jornada de Marathona uma prova vehemente do quanto, na Grecia Classica, se estimava a pujança physica como base indispensavel para a confirmação de todo o desenvolvimento intellectual e moral. Entre os gregos, de facto, a par da nobreza dos actos ou belleza moral, estava sempre a superioridade do physico, que elles, mais do que cultivavam, veneravam ao ponto de, em Sparta, serem votados ao sacrificio da morte todos aquelles que nascessem defeituosos e nos quaes se constatasse a nenhuma efficacia dos exercicios gymnasticos para corrigir-lhes os organismos. Eram então lançados do cimo do monte Taijeto ao abysmo onde desappareciam despedaçados, com o unico fim, que reputavam e que julgo necessario, porem deshumano, de não povoarem o habitat grego de invalidos e desmoralizadores das suas tradições de athletas, symbolizadas, atravez dos seculos, na magistral esculptura de Apollo e em tantas outras obras d'arte deste genero.

Os gregos não só foram grandes pela robusteza e valor de seus filhos, como tambem pelas sciencias, pelas artes, e isto prova cabalmente a influencia salutar de todas as suas faculdades intellectuaes e moraes. Hoje, no mundo civilizado,

vemos o bello exemplo que elles legaram, pois que todos os povos procuram, nos exercicios physicos e no proprio athletismo o soerguimento de suas raças.

A mallograda Allemanha, a egoista Albion, os poderosos Estados-Unidos da America do Norte e tantas outras nações valorosas fazem repousar no vigor de seus filhos a grandeza da integridade nacional e são, por isso, respeitadas e admiradas; ao passo que aquellas mais infelizes por não se terem preoccupado com essa cultura, assimiladora de todo o progresso, jazem no marasmo da rotina que as inferioriza enfraquece e degrada.

Para nós brasileiros, esse periodo de atrazo e debilidade physica, que tantos estorvos nos causaram, já vae felizmente muito longe, porque a comprehensão dessa necessidade vital tem-se feito sentir nos ultimos dois quatrienios presidenciaes em que a nossa mocidade vae-se entregando satisfactoriamente aos esportes, embora com certa precipitação de consequencias muitas vezes lamentaveis. Os nossos ultimos governos já têm lançado as suas vistas sobre a grande porção da nossa gente, principalmente do interior, onde impera ainda, assolando familias inteiras, os morbus da ankilostomiases e da molestia de Chagas, da elephantiasis e tantas outras doenças causadoras do aniquilamento das nossas energias vitaes. E, no entanto, ainda somos um povo que prima pela intelligencia e pelo espirito atilado, zeloso dos nossos avós. Quanto mais se fossemos ajudados pelos bons governos!

Devemos lançar-nos aos exercicios physicos com a aspiração de vencermos, numa nova e forte geração que ha de surgir para o futuro. Propaguemos todas as boas idéas, nesse mister verdadeiramente heroico, e tentemos arrebatar das garras do deprimente «almofadismo» tantas vidas que se poderiam transformar em bons athletas e que, infelizmente se desmoralizam, entregues a esse estado de degradação moral a que os atrae o artificio enganador e vil das modas pervertidas e ignobeis. Por outro lado, lutemos juntos aos governos para que se interessem pelos nossos sertanejos, levando-lhes o saneamento e, portanto, a energia e o enthusiasmo pelo trabalho agricola de que tanto necessitamos, numa vastidão tamanha de territorio inculto.

Sendo assim, teremos chegado ao objectivo dos nossos ideaes de povo independente, respeitador doutros paizes na paz e temido na guerra.

Por emquanto, resta-nos a consolação de já estarmos colhendo os raros fructos dos primeiros impulsos, na cultura physica, pelos exemplos de valor que nas Olympiadas estão

dando as nossas delegações esportivas, vencedoras em varios torneios, entre as de raças fortes. Mas isto não basta, é mister progredir, salvar todos os organismos jovens, já que não é possivel fazel-o em relação aos velhos. E' necessario, antes de tudo, evitar a fallencia de nossa raça, procurando formar bons professores para obtermos optimos cidadãos em tudo.

Finalmente, seguindo os salutares principios de hygiene, de que tambem nos fala o Dr. Fernando Azevêdo, seja para o futuro cada brasileiro, antes dum cerebro pensante, um escudo varonil, á sombra do qual repouse a soberania do Brasil, confiante e inatacavel.

Edgar Porto.

(Professor de Historia e Direito Commercial).

Recenceemo-nos

Prepara-se o Brasil para festejar condignamente o centenario de sua independencia politica.

Dentre os emprehendimentos planejados, tendentes á rememoração desse extraordinario acontecimento historico, destaca-se e avulta, pelas suas consequencias inapreciaveis, o serviço do recenceamento geral da Republica, que será iniciado em principio de Setembro vindouro.

Ninguem, certamente, poderá negar a necessidade e as vantagens desse patriotico tentame, pois nelle repousam não só o conhecimento exacto e perfeito das nossas forças economicas, sob seus multiplos aspectos, industrial, commercial, politico, etc., mas, sobretudo, a consciencia do nosso proprio valor, como povo politicamente organizado e como factor da civilização, no concerto mundial dos povos.

Por um inexplicavel descaso, revelador de uma criminosa apathia civica, em doloroso contraste com a ascensão victoriosa e progressiva da nossa nacionalidade, permanecemos ignorantes do nosso valor e da nossa riqueza, durante longo periodo de trinta annos, pois de 1890 para cá, vivemos, nós, brasileiros, dentro do coração da patria, auscultando-lhe as pulsações vitaes, extasiados ante o esplendor de suas riquezas, sem que, entretanto, possamos avaliar a extensão dos seus recursos, afim de supprirmos as suas necessidades.

O Brasil continua a ser para nós, desde aquella época remota, o vasto scenario deslumbrante e maravilhoso em que se desenham, escarninhamente, zombando da nossa inercia, da nossa imprevidencia, do nosso impatriotismo, angustiosas interrogações sobre o nosso destino como povo e sobre a nossa efficiencia como nação civilizada.

Custa a crer que vivessemos ignorados de nós mesmos, durante esses tres decennios, quando outros povos, mais novos que nós, de menores riquezas economicas, talvez de inferior cultura, conseguiram já attingir essa etapa, que é bem a affirmação de um prestigio internacional dos agrupamentos humanos organizados em nações.

Chegou, todavia, o momento em que vamos romper essa cortina espessa, de sombra, que nos encobria aos olhos das outras nacionalidades.

Dentro de quarenta e oito mezes poderemos expor, orgulhosos e sobranceiros, deante do certame universal, a efficacia dos nossos valores, atravez do conhecimento exacto da nossa população, da nossa industria, do nosso commer-

cio, da nossa marinha, do nosso exercito, da nossa agricultura, do nosso progresso, emfim, quer intellectual, physico, moral ou economico.

Foi para isso conseguirmos que se decretou e organizou o serviço de recensão geral da Republica, a iniciar-se brevemente.

Nenhum brasileiro digno desse nome poderá oppôr entraves, por menores que sejam, á consecução desse desiderato patriotico, mas, ao contrario, deverá para ella concorrer com todo o seu empenho, sob pena de ser considerado um mau cidadão, indigno, portanto, do carinho e da abnegação da grande e generosa mãe commum.

Não ha evasivas que possam justificar retraimentos ou indecisões, em face desse magno problema nacional.

Lembremo-nos que o Brasil é que nos pede o tributo da nossa lealdade e do nosso devotamento.

Sejamos, portanto, sinceros e prestes nas informações que somos obrigados a dar aos que a nossa Patria encarregou de levar a cabo a obra censitaria.

Nada occultemos, nada neguemos; tudo patenteemos, como num grande livro aberto, tudo prodigalizemos, numa generosa retribuição aos inexhauriveis beneficios que da Patria recebemos. E' pela affirmação da sua grandeza que nós poderemos captar o respeito e admiração dos demais povos. E' pelo reconhecimento das suas fontes de riquezas que conseguiremos atrair para nosso territorio braços, capitaes e iniciativas extranhas, que virão multiplicar os factores conhecidos, augmentando-lhes os valores, accumulando assim riquezas sobre riquezas.

Cumpramos, pois, o nosso dever, dando á Patria o que ella nos pede, por nós e exclusivamente para nós: Recenseemo-nos!

Antonio Amaral Brasil.

(Professor de Physica e Chimica).

A educação moderna

Nosso prezado Director, amigo dedicado da mocidade, conseguiu realizar uma aspiração, ha muito acariciada, a de fundar um Collegio para crianças e adolescentes, onde pudessem haurir a lympha pura da verdadeira educação.

Dirigido por um nobre coração, que nunca mediu sacrificios para eleval-o nem recuou diante de difficuldades, pois obstaculos e tropeços não lhe têm faltado na espinhosa missão abraçada com devotamento, este instituto floresce sempre, tendo firmado a sua bôa reputação, já pela confiança de que goza no seio da sociedade paraense, já pelos brilhantes resultados obtidos por seus alumnos hoje matriculados nas diversas Academias do Paiz.

Nelle não só a educação intellectual e moral, mas tambem a cultura physica merece-lhe todos os cuidados.

Praticando o proverbio latino «mens sana in corpore sano», ou, certo de que a educação physica faz parte da educação geral e é inseparavel da dos outros dois ramos, o nosso guia dedica-lhe o mesmo cuidado que ás outras e isto não só quanto aos rapazes, mas tambem quanto ás meninas.

Effectivamente, hoje em dia, já não é mister fazer a apologia constante e animada da cultura physica, quer do homem, quer da mulher.

Uma como extranha renascença, semelhante áquella que no seculo XV exhumava dos hypogeus do olvido os thesouros sublimes da arte helenica, pondo-os, redivivos e bellos, á vista maravilhada dos homens para illuminar-lhes o espirito; uma renascença como esta, de ha muito fez comprehender que a verdadeira educação collima o aperfeiçoamento integral, pleno e completo do ser humano.

E, se se elevou, por uma justa e sabia concepção pedagogica, o nivel do ensino intellectual da mulher, logico é tambem que do plano de sua educação não queiram varrer a cultura physica, sem a qual tel-a-iamos reduzida a condições subalternas, na luta pela existencia.

Ora, como já disse, no Collegio «Progresso Paraense» são prestadas as mesmas attenções, tanto á educação physica dos meninos, como á das meninas. Estas, alem de diversos jogos, seguem um curso de gymnastica callisthenica, nome derivado do latim, que significa—força realçada pela belleza—e cujos exercicios têm por fim auxiliar a evolução normal dos movimentos physiologicos, extinguir-lhes certas ano-

malias e adestral-as para os actos mais communs da vida, assegurando-lhes o funccionamento de todos os orgãos.

Aqui, os exercicios callisthenicos têm dado bons resultados e, entre as meninas, o gosto pela callisthenia se vae accentuando, sendo com prazer que executam os programmas, com a sua graça peculiar.

Annita Müller.
(Professora de Callisthenia).

A fundação de Belem do Pará

E' por demais louvavel o movimento que se opéra em torno das escolas publicas e particulares, a proposito do tricentenario da fundação da Cidade de Belem.

Antes mesmo de aberta a serie de conferencias, que naturalmente serão feitas em Dezembro, teremos o prazer de ler a dissertação das diversas theses offerecidas ao estudo do professorado official e, muito especialmente, o trabalho já impresso do nosso festejado pintor compatriota, o talentoso mestre Dr. Theodoro Braga. Este trabalho vem, por certo, em auxilio do dito professorado, que lutava justamente por falta de elementos.

Effectivamente, eram bem escassas as fontes existentes para a Historia do Pará e nem todos podemos possuilas. Alem da «Historia Geral do Brasil», do Visconde de Porto Seguro, cuja melhor edição vem hoje annotada pelo competente Sr. Capristrano de Abreu, alem dos trabalhos do saudoso Barão de Guajará e do livro do erudito Sr. João Lucio d'Azevedo, intitulado «Os Jesuitas no Grão-Pará», ainda precisamos recorrer ao historiador inglez Southey, ao Padre José de Moraes e a outros chronistas da Companhia de Jesus e, particularmente, aos «Annaes» de Bernardo Pereira de Berredo e ao «Compendio das Eras» e Chorographia, por Baena.

Ora, estes livros são rarissimos e ainda assim, deficientes, como deficiente é tudo quanto vem escripto nos dois primeiros volumes dos Annaes da Bibliotheca do Pará.

Como quer que seja, iremos possuir agora, muito bem concatenados, os factos da Historia do Pará, desde as explorações de Vicente Pinzon e Diogo de Leppe, desde as aventuras de Francisco Orellana e Pedro de Ursúa pelo rio Amazonas, até a viagem de La Ravardière, o fundador de S. Luiz do Maranhão e explorador do Pará.

Veremos, então, como este costeou a terra firme e como só deixou de fundar uma povoação aqui, por ter de voltar em soccorro de seus compatriotas, que estavam cercados pelos portuguezes.

A figura deste heroico La Ravardière deve ser salientada com todas as honras que elle merece.

A fundação da Cidade e o seu desenvolvimento gradual, sua topographia, sua forma physionomica, suas primeiras lutas, seu commercio, a data exacta dessa fundação, as razões da escolha do local, as primeiras expedições contra os extrangeiros entrincheirados no Amazonas, as primeiras

entradas no sertão para os chamados resgates de indios, as condições do povoamento e a estatistica da colonia, a fundação dos primeiros conventos e começo da catechese, as lutas entre os jesuitas e colonos por causa dos indios; a expansão colonial, com as expedições de Pedro Teixeira, Pedro Favella e outros; a acção administrativa dos governos e capitães-móres, as communicações com o Perú, etc., tudo isto são factos que virão melhor esclarecer a nossa vida colonial e contribuir para a integração da nossa Historia.

Embora ausente deste grande Estado, não deixei de acompanhar com interesse todo o movimento a que me refiro e já imagino o enthusiasmo com que serão feitas as festas projectadas e a importancia dos trabalhos ora em via de elaboração, como o Album Historico, as Memorias, as Dissertações, os Annuarios, as Conferencias, o Congresso de Instrucção, as Exposições emfim, tudo quanto anda annunciado e que, certamente, trará os caracteristicos da intellectualidade e do patriotismo.

Disto pode ainda provir, como resultado logico e de grandes proveitos, um Instituto Historico e Geographico Paraense como os congeneres do Ceará, de Pernambuco e de outros Estados ainda mais adiantados, cujos trabalhos têm enriquecido a nossa Historia Patria.

Honra, pois, aos campeões do Tricentenario.

Helena Telles.
(Professora de Calligraphia).

Correspondencia intima

Cara Hilma.

Sempre fôste muito patriota e amiga de tua terra, amor que te levava, ás vezes, até ao *bairrismo;* comtudo, estremeci quando me annunciaste tua partida para terras tão distantes do nosso amado Brasil, logares onde os costumes, lingua e riquezas, tão differentes do nosso, levarão idéas novas, apoz pouco tempo, não á minha bôa Hilma que está com o espirito formado e o coração prevenido contra o *estrangeirismo*, porem á tua filha, cuja educação me interessa, pois os primeiros passos no reino das lettras foram ensaiados sob a minha protecção e vigilancia.

Preoccupa-me bastante, por isso, a tua estadía ahi nessas terras e, como o fizeste para acompanhar teu marido, conservando com essa obediencia a tranquillidade do teu lar, não te reprehendo, ao contrario, louvo-te até, recommendando, entretanto, muita vigilancia sobre a tua filha Léa, para que essa alma, esse espirito desenvolvido tão longe da patria não a esqueça e sempre a recorde num pensamento de saudade, numa phrase de amôr, num canto de civismo.

Que ahi, nesse clima frigido, nas manhãs nevadas, nos dias nevoentos, desabroche e medre uma flor dos tropicos, forte de seiva, brilhante de colorido, rica de perfume; e que, quando á tarde, apoz a labuta diaria, as crianças se reunirem para brincar e cantar, sobresaia, dentre a lingua forte e deselegante das inglezinhas, uma voz sonora e bella, relatando historias ingenuas e interessantes, numa lingua suave e cantante, numa linguagem correcta e perfeita; que se destaque, ao cantarem hymnos á Patria, a voz debil de Léa, entoando com convicção, ardor e enthusiasmo, nossos cantos patrioticos, o nosso—«Ouviram do Ypiranga ás margens placidas»!

Poderás conseguil-o facilmente, se te resolveres a trabalhar e velar sobre Léa, para que o desconhecimento não a leve á indifferença pela nossa terra, como velarias o seu corpo, para que a Morte não a conduzisse para a Eternidade. E' este o teu dever de mãe, é aquelle o teu dever de brasileira.

Cumpre-te, pois, para isso, formar uma bibliotheca apropriada á edade e conhecimentos que ella possue e, visto as condições em que se encontra, esse serviço demanda mais dedicação, estudo e perspicacia.

Formar uma bibliotheca adequada para a infancia é da maxima utilidade, mas não é trabalho facil de conseguir para que essas leituras produzam os fructos que devem dar, como o aperfeiçoamento moral, correcção de linguagem e elaboração de idéas, pois, ao contrario, ao envez de ires colher fructos carnudos, sazonados e saborosos, terás ás mãos cachos seccos e mirrados, apodrecidos e roidos por insectos damninhos.

Léa foi minha alumna e commigo começou a apreciar os primeiros livrinhos de contos e historias e considero-me sua segunda mãe; formei-lhe o espirito, conheço-a perfeitamente (talvez mais do que tu propria) e sei quanto ama a leitura e é ávida por um livro.

Não deixes, por isso, ler certas revistas, que sempre lhes ficam ás mãos; ha nellas, ás vezes, contos fortes demais e improprios para uma criança. Quanto aos livros de que me falas—*Contos e historias da Carochinha, Cysnes selvagens, As tres cabecinhas de ouro, A Rosa magica, O velocino de ouro, O isqueiro encantado*, são proprios para a infancia, por serem escriptos em linguagem simples e accessivel ás suas intelligencias; mas não me agradam, por serem phantasticos e nelle figurarem bruxas, fadas, gigantes, feiticeiras e encantamentos, e bem deves saber que esses enrêdos, impossiveis de realização, conduzirão a sua alma ao sobrenatural, impellindo-a á timidez e ao medo.

E ella que já é tão medrosa! Lembro-me muito da cara espantada que fazia quando ouvia o canto da coruja, do chamado *rasga mortalha*, o miar dum gato, á noite, e quando via borboletas negras, sapos, bezouros, etc. Para que deixe de vez esses receios tolos e sem razão de ser, para que ame todos os animaes, embora alguns feios, no reino dos irracionaes, como algumas pessoas o são entre racionaes, ainda que uns tenham o canto exquisito, medonho e triste; para que fique, emfim, amiga de todos, envio-lhe uns bonitos livrinhos intitulados *Os nossos amigos* e *Os animaes nossos amigos*.

Ao lêl-os, rir-se-á a minha amiga, ao saber que, emquanto a menina Léa envolvia-se, amedrontada, no lençol de sua cama, ouvindo á noite uns pios cortarem os ares, crendo ser um aviso de mau agouro, a coruja cantava, a miude e satisfeita, com a figura e voz que lhe foram dadas por Deus.

Poderás, entretanto, deixal-a gozar alguns contos daquelles livros, mas depois de prévio aviso teu sobre a impossibilidade de taes casos. Penso até que farás muito bem

dando-lhe a conhecer e apreciar as lendas do nosso paiz, para ella saber a herança que nos deixaram os pretos africanos e os nossos indigenas, pessoas sem cultura intellectual para discernirem o real do phantastico.

Mas, para que esses livros todos dêm ainda melhores resultados, fal-a-ás sempre dizer, primeira oral e depois por escripto, o que entendeu, de que gostou, como se sentiu, apoz a leitura feita, e então ella ensaiará os primeiros passos, tropegos ainda, na critica, aperfeiçoará a linguagem, saberá expressar correctamente o que pensa e ficará conhecendo (e isso é de maxima utilidade) a sua alma, os progressos feitos, os defeitos e virtudes que acompanham.

Mas a tua principal preoccupação deve ser agora, como disse, avivar e alimentar as lembranças do Brasil e o amor da Patria e, para isso, alem de conversações encetadas e sustentadas por ti, envio-lhe alguns livros—*Minha terra e minha gente*, de Afranio Peixoto; *Porque me ufano de meu paiz!* de Affonso Celso; e *Historias de nossa terra*, de D. Julia Lopes de Almeida.

Todos são muito bons. Os dois primeiros explicam a formação do povo brasileiro, as riquezas e bellezas do Brasil, como o rio Amazonas, a Cachoeira de Paulo Affonso, falam sobre o clima e typo nacional, pontos de nossa historia, etc., mas não agradarão tanto á Léa como o ultimo, por ser escripto numa forma que logo enfastiará e aborrecerá uma criança como a minha amiga; guarda-os, pois, para mais tarde e, por emquanto, dá-lhe a ler o ultimo que contem contos e cartas, ensinando moral, historia patria, instrucção civica e geographia por um meio facil, por um processo attrahente e agradavel, numa linguagem simples e interessante.

Ella encontrará nelle bonitas historias, e comprenderá os serviços prestados ao Brasil pelos jesuitas, a invasão dos francezes, hollandezes, o feito de Henrique Dias, a batalha de Tuyuty, a republica dos Palmares etc. Ha ahi um bem imaginado conto sobre a Inconfidencia Mineira, mostrando a dedicação de Tiradentes e apontando a superioridade da Republica; ficará ainda sabendo o que esta é, os tentamens feitos para conseguil-a e os principaes patriotas que trabalharam por ella. Cita, ainda no correr duma linda historia, os animaes do Brasil, as suas riquezas e bellezas, instituições e monumentos de nossa capital.

Ao terminar a leitura desse livrinho, sentir-se-á Léa verdadeiramente brasileira, pela referencia que faz superiormente á nossa bandeira, nossa lingua, nossa civilização, nosso ceu, nosso Brasil, emfim.

Offereço-o de presente á minha amiga, para que seja a lympha borbulhante de aguas crystalinas, puramente brasileiras, onde vá matar a sêde de conhecimentos; para ser o seu Evangelho, onde vá buscar alegria, amor e dedicação por esse «gigante Brasilião», que é bello, grande e digno de ser amado. Será, emfim, um pedaço do coração do Brasil que ella beijará e commungará, no altar do Civismo, continuadamente...

Arzuilla Horta.

(Professora do Curso Primario)

A instrucção da mulher

Não ha no Brasil questão mais importante do que a da educação popular. Já alguem disse: «Todas as nossas fraquezas economicas e políticas provêm da ignorancia da maioria da população e da instrucção falha das classes que deveriamos dirigir.

«Para não sermos fatalmente esmagados e vencidos na concorrencia mundial, impõe-se-nos o dever primordial de organizarmo-nos scientificamente, sob o ponto de vista economico e industrial e esta organização deve ter as suas raizes fundamentaes na escola primaria para desenvolver-se na profissional, fundamental e superior».

E inquestionavelmente cabe á mulher um papel importante na instrucção popular. Ensina a pedagogia moderna que ella tem o dom de attracção e communicação, tem auctoridade e affecto, calma e esforço, intelligencia e singeleza, moderação e actividade, sensibilidade viva e paciencia incansavel, alegria e desprendimento... A natureza da mulher attrae e captiva a criança, tudo obtendo della. Julia Lopes de Almeida, a illustre e primorosa escriptora patricia, no seu bello livro «Correio da Roça» demonstra, dum modo positivo, as vantagens da instrucção da mulher.

Moças que hoje vivem em situação prospera e risonha poderão ter o amanhã cheio de nuvens e difficuldades, mas a instrucção que receberam, nos dias prosperos da fortuna, lhe proporcionará um meio de suavizar os embaraços que a adversidade lhe crear, não deixando assim de ser uteis á sociedade.

Reservamos estas despretenciosas considerações para fazel-as na data de hoje, em que a benemerita instituição escolar «Progresso Paraense» completa o seu anniversario de fundação, enaltecendo o patriotico intento do seu incansavel Director Dr. Arthur Porto, de crear um pensionato a fim de facultar a instrucção ás nossas patricias residentes no interior do Estado, porque é um meio pratico de se radicar a professora no seu districto, no seu municipio, affeiçoando-a a essas parcellas de nossa Patria, onde reside talvez o verdadeiro espirito nacional.

Precisamos da multiplicação das escolas primarias e, no conceito do saudoso e illustre Arcebispo D. Antonio de Macedo Costa: «Cada escola que fundardes são muitas almas que restituis á luz, muitas familias que arrancaes á fo-

me. Cada escola é um capital de intelligencia, de moralidade e de trabalho com que dotaes a nação».

Fazemos votos para que a iniciativa do nosso operoso Director encontre decidido apoio por parte de todos os que se interessam pelo futuro e grandeza de nossa Patria.

Lavinia Lima.

(Professora do Curso Primario)

"Nossa Patria"

(Livro destinado ás escolas, pelo Dr. Rocha Pombo)

Neste seu livro, o auctor, falando do culto da Patria, affirma que o primeiro cuidado para isso é tornal-a conhecida de seus filhos, accrescentando com razão que só se ama uma terra quando alguma cousa sagrada a ella nos prende, firmando assim a nossa existencia moral, ou ainda nestas palavras: «Sentir o que fizeram de grande os nossos antepassados equivale a tomar o compromisso de continuar na Historia». O auctor quer, em linhas geraes, fixar os nossos factos gloriosos na alma das gerações. São estes, portanto, o objecto e o fim do livro, feito com muitas illustrações explicativas, em cuja capa, aliás, elle indica: *Nossa Patria*,— «Narração de factos da Historia do Brasil atravez da sua evolução».

No terceiro capitulo, que traz impressa a fita das côres nacionaes e o ramo de café do nosso escudo, o auctor evoca a nossa Independencia em 1822, chamando-lhe o facto mais notavel de nossa historia e salientando, no capitulo quarto, a figura de José Bonifacio, cuja biographia traça.

Mas elle tambem escreve para os *homens simples do povo*, a par das crianças, e é por isso que sua narração, que a principio parece descurada, acha-se feita muito ao gosto popular, lembrando o interessante livrinho civico de Pinheiro Chagas, intitulado «A Historia Alegre de Portugal».

Antes de dizer sobre o merecimento didactico do novo livro de Rocha Pombo, é de justiça salientar o serviço por elle prestado ao ensino publico e particular ou ao nosso meio escolar, augmentando e mesmo enriquecendo a sua litteratura com a publicação de um trabalho vasado em molde completamente diverso dos livros congeneres, obedecendo ao methodo intuitivo e trazendo um caracter francamente brasileiro. A este respeito, pode-se dizer que a obra é muito superior á «Minha Terra e Minha Gente», de Afranio Peixoto.

Effectivamente, de certa altura do livro para o fim, desde o capitulo XVIII, o auctor expõe os quadros da vida colonial, mostrando as condições do paiz e da sociedade, suas vicissitudes, de envolta com os erros, abusos e injustiças da metropole; narra como, por isso, se foram os colonos naturalmente incompatibilizando com o rei, creando e afagando a idéa da independencia nacional, que começou a firmar-se nos movimentos de Beckman, no Maranhão, Vieira de Mello, em Pernambuco (ainda que não citasse esse proto-martyr), Felippe dos Santos e Tiradentes, em Minas, etc.

Apoz a revolução de 1817, em Pernambuco, vem o grito do Ypiranga e, com este, a organização da monarchia imperial e reinado de D. Pedro I, cuja reacção se faz ainda em Pernambuco e vae até á abdicação do primeiro imperador.

Passando pelo agitado periodo da Regencia, occupa-se do segundo reinado com mais clareza ainda e, principalmente, de nossa intervenção no equilibrio platino, lutando o Brasil com os nossos visinhos pela liberdade do Uruguay, Paraguay e Argentina, contra os seus tyrannos. A narração de nossas victorias são discretamente feitas. Mas o auctor mostra toda a sua alma de brasileiro quando descreve os progressos do Brasil, apoz a guerra do Paraguay e as reformas sociaes, inclusive a abolição da escravatura e, como consequencia, trata, no fim do livro, da proclamação da Republica até ás nossas ultimas victorias diplomaticas, promovidas pelo Barão do Rio Branco. E conclue, chamando a attenção dos leitores para o nosso pendão estrellado, dizendo que elle «representa para nós o que temos sido, o que somos e o que havemos de ser no mundo».

Eis o summario do livro e suas vantagens. Entretanto, não está elle escoimado de alguns senões que, ao nosso ver, empana o brilho que deveria ter, prejudicando, talvez, os bons creditos de seu auctor.

Não me occuparei da seriação dos capitulos nem da incorrecção de algumas phrases e juizos, ainda que não é pelo facto de escrever para gente simples que deixariamos de precisar bem as idéas; e, só de passagem e para prova de nosso asserto, lembramos a definição deficiente dada sobre as primeiras explorações do Brasil (pag. 23), a explicação da côr do africano, por causa do clima, etc.

Tambem ha pequenos descuidos historicos, como o de ter Estacio de Sá, ao chegar a Guanabara, em 1565, fundado *immediatamente* a cidade de São Sebastião (pag. 68); de terem os hollandezes tomado a Bahia de *surpreza*, etc.

Quanto ás illustrações, algumas deviam ser omittidas, como a do capitão-mór em passeio com a familia (pag. 37); a do fazendeiro em viagem para a villa (pag. 51), por serem verdadeiras caricaturas capazes de provocar o ridiculo sobre os nossos avós, aos olhos das crianças; e bem assim a do promontorio de Sagres e castello de D. Henrique, perto dos quaes passa um navio a vapor...

Quanto ao methodo, não basta que seja intuitivo o do livro que analysamos, sobre a vantagem de bem comprehenderem as crianças e se interessarem pela narrativa, o livro devêra ser entranhadamente patriotico, cujo assumpto

fizesse sempre palpitarem de enthusiasmo os pequenos leitores, augmentando o seu amor pela patria, por suas bellezas physicas e tradições gloriosas e, deste modo, concorreria para a solução do problema civico escolar.

Alem disto, Rocha Pombo narrou com simpleza factos geraes como se estivesse a escrever para a imprensa diaria e não é este o almejado ponto de vista didactico.

O nosso *desideratum* seria, ao em vez de despertar o patriotismo, á maneira de Sylvio Romero, pela biographia dos heróes, grupar no livro os principaes factos épicos da nossa nacionalidade, no meio do esplendido scenario da terra nativa escrevendo na mais bella linguagem possivel, suggerir a importancia de cada um, para que os leitores se orgulhem de ser brasileiros.

E' tudo quanto me occorre dizer, sem que tenha a pretensão de condemnar o sympathico livrinho, que bem se pode adoptar nas classes complementares do Curso Primario, para ser lido pelas crianças, com os commentarios do professor.

Celecina Ribeiro.

(Professora do Curso Primario).

Personalidade docente

E', até certo ponto, pleonastica a epigraphe deste meu ensaio pedagogico.

A sciencia da educação manda desenvolver e defender a personalidade das crianças e suppõe-se que os professores tenham a sua bem constituida e exercitada; mas, infelizmente, na vida pratica, é uma das maiores faltas attribuidas ao professorado primario de nossa terra essa de ficarmos atadas aos regulamentos e programmas de ensino que, muitas vezes, nos restringem o campo de acção docente, tirando-nos até mesmo certas iniciativas proveitosas.

Um exemplo vulgar é a questão dos horarios das aulas ou do ensinamento das diversas materias que entram no plano do Curso. Muitas vezes o assumpto se torna interessante; sentimo-nos bem na lição que produzimos, depois de certo preparo prévio; os alumnos interessam-se vivamente, interrompendo-nos com perguntas curiosas. Mas eis que termina o tempo regulamentar e temos que encerrar a palestra, ficando a lição incompleta.

Tratava-se, ás vezes, de episodios da Historia do Brasil contados em forma pittoresca; de uma lição de moral sobre as relações de affecto mantidas entre netos e avós, citando-se os muitos mimos que elles nos fazem; ou da Historia Natural, estudando bem a vida dos animaes uteis, tratando-se de caçadas, etc. De repente, temos de passar a uma lição de Arithmetica ou de Gramatica, sobre a leitura do trecho de prosa ou poesia, e então dá-se o effeito contrario: os alumnos já não têm a mesma intensidade de attenção, distrahem-se, porque o assumpto lhes é menos interessante. Nós comprehendemos esse enfastiamento que, por fim, tambem nos affecta e no entanto temos que esperar que se complete o tempo regulamentar dessa aula.

Por outro lado, é quasi commum o nosso acanhamento por ex. quando temos que officiar perante uma auctoridade de ensino ou um visitante da escola, sentindo-nos um tanto perturbadas como se temessemos uma critica, uma censura ou se fossemos responder a um questionario; e esse embaraço sóbe de ponto quando usamos da palavra para falar em publico ou quando somos obrigadas a escrever sobre um assumpto como este, que ora versamos, apezar de sua simplicidade e de poder estar ao alcance de todas as mestras de instrucção primaria, porque trata de factos e impressões que nos são pessoaes.

Será isto um defeito de educação profissional, facilitado

talvez pela deficiencia da instrucção primaria, pelos quaes a mulher não tem iniciativas em familia, e ainda menos nas escolas por onde passa, abusando da memoria e acceitando idéas feitas ou pensadas por outrem, assim como cultivando o terror da auctoridade...

Foi assim, premida por essas condições de minha formação pedagogica, que penetrei os humbraes do Collegio «Progresso Paraense» e, nesse meio de convivio familiar e de ensino intuitivo, reconheci logo os meus defeitos. Então, guiada por meu prezado Director, que é ao mesmo tempo um educador de experiencia comprovada em factos, fui ensaiando os novos moldes, ao lado de minhas distinctas collegas, procurando assimilar bem as idéas trocadas frequentemente em nossas reuniões semanaes, conhecer os meus alumnos, estudar e preparar as minhas lições, de accordo com a doutrina e instrucções contidas nos incomparaveis livros de Calkins e Ruy Barbosa, Parker, Alexandre Bain e outros tantos que costumamos consultar por conselho do mesmo prezado amigo e mestre. A este respeito, não ha livro de actualidade, de caracter didactico que não seja entregue ao nosso estudo e apreciação; e, por essa forma, vamos, bem ou mal, discreteando sobre os livros escolares, mas sentindo que tambem nos vamos desembaraçando mais para formar e emittir as nossas opiniões.

E não é só isso: Em nosso collegio, somos todas obrigadas, alem dessas reuniões semanaes, sob a presidencia de nosso Director, a fazer uma palestra disciplinar, ás quintas-feiras, perante todo o corpo discente, examinando os «casos» da semana, louvando uns, censurando outros e, por fim, aconselhando a todos os alumnos; fazemos os nossos relatorios annuaes sobre o movimento de nossas aulas, com um estudo psychologico de nossos alumnos; escrevemos artigos didacticos para a «Folha Escolar»; ensinamos a recitar, recitando com elles, etc., etc. E' assim que ganhamos uma personalidade magistral, embora modesta, e estamos satisfeitas.

Albertina Sousa.

(Professora do Curso Primario)

Minha Terra e Minha Gente

(Por AFRANIO PEIXOTO, da Academia Brasileira)

Querida Rosy.

Saúde, etc. Em tua ultima carta pediste-me novidades e, como não te podesse satisfazer logo, aguardei-me para quando apparecesse alguma cousa interessante. Agora mesmo acabo de ler um livro de apparencia sympathica, publicado no Rio de Janeiro por Afranio Peixoto, o distincto litterato e medico brasileiro, já uma vez nomeado para o alto posto de director da instrucção publica do Districto Federal, e as impressões recebidas por mim de sua leitura constituem as novidades que te passo a expôr.

Minha Terra e Minha Gente se intitula esse livro, que é de pequeno formato, profusamente illustrado e contem 230 paginas, cujo auctor, dil-o no prefacio, *achou uma novidade util escrevel-o para as crianças de sua terra, sinceramente, sem reservas nem vehemencias, para dizer-lhes verdades necessarias sobre os problemas essenciaes da nossa nacionalidade.*

Está dividido em tres partes subordinadas aos enunciados seguintes: *As origens, A formação nacional, Da emancipação politica para a economica;* e, nos cinco capitulos da primeira, occupa-se da civilização helleno-latina, considerando-a a mais perfeita entre todas pelas artes, sciencias, commercio, civismo, philosophia, direito, emfim por todas as instituições sociaes de que é capaz o cerebro humano para o aperfeiçoamento de um povo. Passa depois a falar do Christianismo, como elemento salvador e conservador das virtudes publicas e privadas; narra a fundação de Portugal, os combates com os carthaginezes e com os romanos para mostrar a influencia que estes levaram á educação lusitana; descreve as primeiras viagens dos mais ousados navegadores portuguezes e suas conquistas; estuda a lingua que falamos, citando os classicos e enaltecendo tambem as bellezas dos nossos melhores escriptores.

Na segunda parte, occupa-se da nossa historia, desde o descobrimento do Brasil, mostrando a collaboração do extrangeiro em nosso progresso e cultura.

Na terceira, trata da vinda da Côrte Portugueza para o Rio de Janeiro, da propaganda das idéas liberaes que caracterizam a nossa evolução politica, nossa forma de governo, da configuração do territorio, suas bellezas naturaes, seu clima e producções, do indigena e seus costumes cara-

cteristicos, do negro como elemento do progresso economico, do branco, seu contingente para a formação da raça brasileira, com suas tendencias e seu caracter.

Occupa-se, por fim, do futuro do Brasil, aconselhando que o levantemos e o engrandeçamos pela educação civica.

«O que nos cumpre, diz elle, é preparar hoje o Brasil de amanhã, educando o brasileiro de agora para lhe dar uma consciencia de si e, portanto, dar a todos uma consciencia nacional, pela sua historia verdadeira, pelas suas origens, pela desillusão das utopias, para que não sejam discursadores, vãos poetas e escrevinhadores visionarios, parasitas das classes improductivas, que vivem do orçamento e tornam difficil a vida dos que trabalham... Um Brasil prospero e eterno que honre a cultura grego-latina, as tradições luzitanas, a sua propria historia, das quaes deve ter legitimo orgulho, que propague e cultive a lingua portugueza, da qual é depositaria e já hoje o maior responsavel, deve ser, para começar, um povo instruido e educado...» Eis ahi.

A idéa desse illustre escriptor patricio foi excellente. Mas eu penso, que, como livro escolar, a obra poderia ter sido melhor dosada e simplificada por ser destinada ás crianças, de accordo com os requisitos da didactica pedagogica; sua linguagem e estylo mais accessiveis á comprehensão e os altos conhecimentos que ella encerra deveriam ser ministrados em lições mais agradaveis ao paladar das classes escolares, para que tomassem maior interesse pelo assumpto.

Accresce que o auctor, muitas vezes, explica a significação de termos já conhecidos dos alumnos, como por exemplo, a palavra *antipodas*, sua familiar desde o inicio do estudo da Geographia, e emprega outras que elles devem ignorar, sem lhes dar esclarecimento. Noto mais que, na primeira parte, o auctor occupa-se muito mais largamente da historia portugueza, ao passo que, na segunda, refere-se resumidamente a paginas importantes de nossa historia, como por exemplo, os systemas de colonização praticados no Brasil, etc.

Entretanto, minha bôa amiga, esse livro não deixa de ter utilidade e, se não satisfaz todas as condições exigidas para tornar-se um livro de classe, nem por isso deixa de encerrar a nobre idéa que teve o seu auctor de ser util á Patria, tentando um esforço pela bôa educação nacional, embora, como livro de leitura, seja inferior aos *Contos Patrios*, de Olavo Bilac, como de chorographia e anthologia brasileiras o seja tambem á *Nossa Patria*, do Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira e como de leitura civica não soffra comparação

com o do conde Affonso Celso—*Como me ufano de meu Paiz*, muito mais suggestivo e delicioso, no qual certamente se inspirou. Por isto, elle ficará reservado ás meditações dos professores, sobretudo, a servir de inspiração á confecção de novos livros de assumptos brasileiros.

Terminando, digo-te que já me parece ver pairar nos teus labios um sorriso zombeteiro, depois da leitura destas linhas e adivinho que me responderás com gracejos, chamando-me *critica*. Peço-te, porem, que me poupes e que só queiras ver em minha ousadia uma simples tentativa de provocar apreciações mais acertadas de minhas collegas.

Adeus.

.....

Raymunda Ferreira.

(Professora do Curso Primario).

O patriotismo na Escola

O dia da nossa emancipação politica, que hoje passa entre festas e enthusiasmos bem justificados, suggere-me o dever de tambem fazer uma simples manifestação dos meus sentimentos de brasileira e de professora.

Diz um grande escriptor que o amor da Patria é, na primeira infancia, confundido com o amor da familia e, á medida que a intelligencia infantil vae-se desenvolvendo, por meio das instrucções civica e moral, esse sentimento é melhor comprehendido e ampliado. Como na primeira educação dos seres humanos, essa inclinação sempre se avigora pela imitação e, para exemplo, lembramos o exercicio da linguagem, pois a criança não a aprende com os livros, mas sim com as dedicadas mães.

E' na escola que o amor á Patria deve ser incessantemente fortificado no espirito da criança e que esta, trazendo-o já em embryão, vem a justifical-o pela idéa ou pela instrucção, para obter bons resultados. Este ensino, entretanto, não é facil nem rapido; elle reclama da criança conhecimentos geraes do seu paiz, devendo saber que todos os cidadãos que vivem sob o mesmo ceu, têm os mesmos direitos e interesses, falam a mesma lingua e que a Patria, centralizando os poderes, os protege e defende com o mesmo ardor com que um pae defende um filho. Devem ser bem instruidos no ensino da historia e da geographia, para que possam conhecer a tradição do povo e a situação e riqueza do paiz.

A unidade geographica é um laço poderoso entre os habitantes de uma nação.

De que valeria a riqueza de um paiz se ella fôsse desconhecida ou inaproveitavel? E por estes salutares conhecimentos as almas despertam seu verdadeiro patriotismo innato com sentimentos esclarecidos e vontade consciente.

Tambem fortifica o sentimento patriotico o ensino do canto, pelo enthusiasmo dos hymnos e canticos de guerra; as festas civicas, pelo sentimento de solidariedade e orgulho nacionaes, pelas organizações de batalhões ou dos centros sportivos em acção. Sobre este assumpto é preciso chamar a attenção dos moços para o prestigio da raça, desenvolvida, embellecida e fortificada pela gymnastica e outros exercicios physicos. Todavia, para ser bom patriota não é somente preciso defender a Patria com as armas, em tempo de guerra, mas engrandecel-a por meios de trabalhos uteis. Assim, o operario que trabalha na usina, o lavrador que fe-

cunda a terra, o funccionario que labuta com devotamento, o sabio que inventa, finalmente, todos que semeiam a verdade e o bom exemplo, que combatem o horror, a violencia, o abuso do alcool, do jogo e o proprio estudante que se prepara para a vida nacional, cumprem os deveres de patriotismo. E, hoje, que as nações lutam denodadamente, em uma concorrencia terrivel, é necessario que o patriotismo domine todos os corações com interesse utilitario e não como puro sentimentalismo e que o povo seja forte, destemido e educado. E' preciso que nós, os filhos deste amado Brasil, empreguemos todos os esforços para o alevantamento da nossa raça, educando-a e instruindo, tornando-a digna de uma grande Patria.

Muitas são as difficuldades que nos cercam; mas, nós que temos tradições honrosas, unamo-nos com ardor, de norte a sul, espalhando, por exemplo, pelo nosso immenso e rico sertão, escolas para combater o analphabetismo dos nossos irmãos, lembrando-nos que é pela educação que um paiz attinge a supremacia entre os congeneres.

Lembremo-nos tambem do grande problema do saneamento, afim de acabar com as terriveis epidemias que flagelam as nossas terras do interior, libertando o nosso povo, tornando-o saudavel e forte para trabalhar pela grandeza do nosso querido paiz. E' das crianças de hoje, como toda gente sabe, que se formam as gerações de amanhã.

Maria Barroso.

(Professora do Curso Primario).

Reminiscencias...

No arduo decorrer da vida, onde tantas vezes somos alcançados pela dor, pelo desgosto e pela desillusão, é sempre suave recordar os poucos e fugazes momentos de alegria! Recordando, esquecemos as maguas presentes e revemos o venturoso passado, atravez do saudoso véu das reminiscencias, á proporção que vamos crescendo e adquirindo novas idéas e conhecimentos, na bella phase da adolescencia.

Ficamos a principio como offuscados pelo esplendor da mocidade; nossos campos de acção tornam-se mais vastos, a natureza mais activa e a imaginação mais ardente.

Então creamos um ideal.

Mas, com o decorrer do tempo, nuvens escuras toldam os horizontes da vida, perturbando assim a doce tranquilidade em que viviamos e os planos imaginados, os castellos erguidos pela phantasia são lentamente derrubados aos golpes da terrivel realidade. E' então que suspiramos como o poeta patricio:

«Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida,
Que os annos não trazem mais!».

Tudo concorre para isto: os brinquedos, as travessuras, as alegrias e certos casos são recordados e, ás vezes, basta um logar, um objecto, uma data, para despertar saudades. Foi o que commigo succedeu no dia do anniversario da fundação do conceituado Collegio «Progresso Paraense», modelar casa de ensino creada e dirigida pelo Dr. Arthur Porto.

Ha cêrca de dez annos, mais ou menos, pelas 7,30 da manhã, conduzida por meu pae, penetrei neste estabelecimento recebendo logo optima impressão. Depois de ser matriculada, fui examinada e classificada no 4.º anno elementar, onde se reunia uma turma numerosa, tendo por mestra a normalista Maria Telles, distincta moça, de trato discreto e muito carinhosa. Nesse primeiro dia, não tive aula e somente recebi a nota dos livros adoptados, sendo-me permittido brincar no parque que ladêa o edificio. A's 10 horas voltava para casa, satisfeita e animada. Passadas algumas semanas, estava completamente habituada ao horario do curso e, á proporção que hauria novos conhecimentos, sentia-me pos-

suida de extraordinario gosto pelo estudo, talvez provocado pelo estimulo de obter sempre bôas notas e não ser supplantada pelas collegas.

Dentre estas, uma havia que me inspirava grande sympathia e, apezar de ser das mais velhas, era ingenua, meiga e mediocre, como tambem excessivamente nervosa. Talvez, por isso é que eu a estimava tanto.

Sempre, nas aulas, era chamada e, embora tivesse estudado as lições, atrapalhava-se muito. Já se vê que desta eu nada tinha a receiar. De uma feita, interrogada sobre as denominações anatomicas dos dedos, deu esta *rata:* «o 1.º chama-se mata-piolhos; o 2.º fura-bolos; o 3.º pae de todos; o 4.º seu vizinho e o 5.º dedo minguinho». Abusaram da credualidade della, coitada...

Oh! Quando terminou a aula, as alumnas riam-se a mais não poderem e até a professora nos acompanhou na caçoada. A pobresinha, envergonhada, chorava copiosamente.

Como este, outros casos engraçados se passaram, de modo que, assim alegres, decorriam os mezes e cada vez mais eu gostava da vida collegial, tão activa e feliz, sendo com verdadeiro pezar que vi chegar a época dos exames e, seguidamente das ferias.

No anno seguinte, á abertura das aulas, fui a primeira a comparecer e, com immensa satisfação, abracei o nosso querido Director. No 1.º e 2.º annos complementares encontramos como professora a normalista Raymunda Ferreira da Silva, que nos captivava pela sua admiravel intelligencia, doçura e capacidade. Todas as horas passadas no Collegio eram bôas, mas preferiamos o intervallo entre as 7 e as 8 da manhã; nas segundas e quintas-feiras brincavamos em commum, no bello parque, onde muitos folguedos eram organizados; nas terças e sextas faziamos gymnastica callisthenica, sob a direcção da eximia Annita Müller e, finalmente, nas quartas e sabbados, tinhamos aula de canto coral onde as nossas almas juvenis expandiam-se entoando patrioticos hymnos e mimosos canticos.

As tardes das sextas-feiras eram por mim ansiosamente esperadas, por serem as marcadas para as sessões ordinarias do Gremio civico e litterario «Joaquim Nabuco», pois nessa gloriosa instituição collegial, que tem por fim o desenvolvimento da cultura geral de seus associados, os alumnos ensaiam os primeiros passos para a vida pratica, ora dissertanto sobre uma these, ora fazendo a critica de livros nacionaes, ora debatendo, em jurys, sobre personalidades historicas. Todas as sessões eram, como ainda hoje, alegres e animadas.

Assim, foram felizes os meus estudos complementares e com tristeza, depois de prestados os exames finaes do 6.º anno, deixei o curso primario, tão risonho, para frequentar o secundario. Isto, porem, foi passageiro. Submettida a exame de admissão, obtive matricula no 1.º anno do Curso Normal. Uma alegria immensa invadiu-me a alma, um mundo de cousas novas mostrou-se aos meus olhos deslumbrados; e foi então que comprehendi verdadeiramente o valor do estudo e a sua importancia na vida, quer no campo das sciencias, quer no das artes e dahi deduzi:—não ha força, não ha belleza, não ha riqueza que supplante a divina essencia do saber. Este é tudo na vida.

Dominada por um animo extraordinario, dediquei-me com todo o ardor aos novos estudos para poder assim melhor cumprir as minhas obrigações para com Deus, com a Patria e com a Humanidade. Passei assim pelos tres primeiros annos do curso, sob a orientação competente dos mestres, preparando-me para o curso especial, constituido pelos dois ultimos a vencer. Nestes, as aulas tornaram-se ainda mais agradaveis pela natureza das bellas materias, todas lecionadas por verdadeiros sacerdotes do Ensino que, com desvelo, mostraram-nos o caminho luminoso da verdade, alliados ao Dr. Arthur Porto que, illustre e bem formado espirito de educador, affrontando lutas, sacrificando interesses, commodidades e, algumas vezes, a propria saúde, somente para bem servir a Patria e desenvolver a instrucção, tem sabido manter brilhantemente o famoso collegio, que orgulha os paraenses e honra o Brasil. Effectivamente, não é só como soldado que uma pessoa serve o seu paiz. O educador, por exemplo, é tão valoroso na vida pratica como o militar do campo da batalha. Se um a defende do inimigo, o outro forma-a e modela, porque desenvolve o intellecto e os sentimentos daquelles que a compõem, ensinando-lhes a amal-a, servil-a e engrandecel-a.

Com o patrimonio do meu passado, cheguei ao presente, orgulhando-me de me ver formada professora neste modelar collegio, onde passei a phase mais feliz da minha vida.

Maria Coimbra

(Professora do Curso Primario e de Gymnastica).

O ensino da Historia do Brasil

Na classe infantil

Nossa historia patria carece de ser ensinada com muito criterio, nos primeiros annos da Escola Primaria, porque desse primeiro passo provém a comprehensão verdadeira que se deverá fazer dessa disciplina, cujo estudo deve ser o mais attrahente e interessante possivel, tendo em vista a idade e os conhecimentos das crianças das primeiras classes.

Serão palestras variadas e feitas em linguagem familiar para melhor attenção e interesse pelo assumpto, não excedendo, nos primeiros dias, de um quarto de hora, para não fatiga-las.

Não devemos tão pouco acostuma-las a decorar lições em compendios ou pontos, pois isso prejudicaria todo o valor educativo do ensino em que se requer assimilação para o bom julgamento dos factos, tendo ainda a desvantagem de fazer esquecer as lições passadas.

As primeiras noções de Historia devem-se harmonizar com a Geographia Patria e a Instrucção Civica, ministradas sempre intuitivamente. Por essa methodologia, começaremos falando aos alumnos em face de estampas de monumentos que relembrem os factos mais importantes da nossa historia, como propoz o nosso prezado Director em sua ultima conferencia publica, aliás muito applaudida, ou á vista de fitas cinematographicas pelas quaes seriam apresentadas em tal relêvo que se gravariam com muita facilidade na consciencia de nossos alumnos; esses jamais esqueceriam os grandes vultos que devemos honrar e venerar, sem vexames para o seu cerebro.

Devemos facultar-lhes, igualmente, a liberdade em nos interrogarem sempre sobre qualquer duvida que tenham ou lhes aguce a curiosidade, comtanto que tudo se faça dentro dos limites do assumpto e da disciplina escolar.

Antes de narrar os factos, devemos explica-los por seus antecedentes, indicando os logares onde se passaram e contando a vida das personagens principaes que devem ser apresentadas como representantes de idéas e acções duma sociedade e nunca como seres milagrosos ou magicos. A maioria das crianças do meu tempo decoravam as lições, tornando-se incapazes de discutir o assumpto e julgar as personagens ou responder á perguntas. Hoje o ensino é outro.

Deste modo, pode-se ir, gradativamente, adensando os conhecimentos num circulo, que se alargará de mais em mais,

tendo por centro o interesse pelo conhecimento real da nossa Patria e o orgulho de lhes pertencermos como filhos duma região, tão bella quanto digna.

Para melhor exprimir as minhas idéas sobre a methodologia a empregar no ensino dessa materia, passo a esboçar o summario duma lição sobre o descobrimento do Brasil:

Partindo do conhecido, eu chamo a attenção dos alumnos para a importancia do nosso paiz como potencia maritima, citando os nomes das suas principaes bellonaves e como paiz militarizado até pela classe de estudantes, como esses voluntarios do exercito e dos batalhões de tiro que brilham e são admirados nas paradas dos dias de Festa Nacional; e bem assim como paiz exportador de borracha, cacau café, assucar e outros generos de primeira necessidade.

Mostraria, no album dos monumentos historicos, as telas relativas a Cabral, sua frota, avistando o monte Paschoal, a primeira missa no Brasil, etc.; depois ensinaria a situação e a extensão territorial de nossa terra, á vista dum planispherio ou mappa de geographia commercial onde estejam traçadas as linhas ou roteiros de navegação e logo as crianças comprehenderiam a viagem de Cabral para as Indias, singrando o Oceano Atlantico, entre Africa e America do Sul, desviando-se para o Occidente, bem antes de dobrar o Cabo da Bôa Esperança, a escala pela Bahia e o proseguimento da viagem até á India.

Os paizes do Sul e Occidente da Europa, a costa da Africa e as terras do nosso Continente seriam bem fixadas e com elles os costumes e baixa civilização dos indios, a superioridade dos portuguezes, a differença dos navios daquelle tempo, etc. E continuariamos assim, explicando a origem da nossa raça proveniente do cruzamento com outras, nossa evolução, nossa grandeza, até os tempos actuaes.

Maria L. Rego.

(Professora do Curso Primario)

A memoria das crianças

Ao iniciar a minha vida no magisterio paraense, ouvi algures, nas palestras entretidas com antigas professoras, dizerem estas que tal menino não tinha memoria porque não retinha por muito tempo as lições explicadas ou não conseguia reter o trecho do livro que lhe davam a decorar, ao passo que aquelle outro era forte retentor e bom estudante.

Com o decorrer do tempo, porém, após profundas observações e haver compulsado alguns livros de pedagogos, seguindo os conselhos e methodos differentes por elles recommendados, conclui que era erronea a opinião dessas educadoras, por concordar com Farias de Vasconcellos, que affirma não possuirmos uma memoria só, mas memorias parciaes dependentes das diversas modalidades psychicas. Estas memorias, diz elle, são correspondentes ao numero de sensações: memoria auditiva, visual, motora, tactil, olfactiva, gustativa, soffrendo então ainda subdivisões taes como: memorias das fórmas, das distancias, das côres, dos sons, etc., para todas as quaes se deve voltar, ao mesmo tempo, a vista do professor.

Que seria, pois, duma creança que não tivesse memoria? Não passaria de uma infeliz cuja existencia se resumiria nas sensações do momento, fadada a não poder, como nós, avivar recordações de scenas agradaveis desenroladas em nosso viver, reter uma paizagem deslumbrante e encantadora que, por vezes, nos commove a alma suggerindo o amôr ao Bello.

Assim, nessa criança classificada sem memoria, poderia, como diz Queyrat, predominar um typo de imagens determinadas e esse predominio asseguraria á sua intelligencia uma superioridade numa direcção determinada. Porquanto, a verdade patente é que todas as creanças têm memoria sob uma de suas modalidades. Haja vista o facto de nem todas ellas fixarem no cerebro, nem reproduzirem as impressões da mesma forma e sim de maneiras particulares. Umas as retem melhor ouvindo, outras vendo e outras, afinal, pronunciando ou escrevendo.

Segundo Farias de Vasconcellos, emquanto umas podem representar visualmente, de um modo muito nitido, um objecto qualquer, sendo entretanto incapazes de evocar uma representação auditiva, outras reproduzem melhor os sons, uma phrase ou sentença ouvida. Quantas vezes, em nosso labor escolar, não temos encontrado esses typos dif-

ferentes de memoria, não nos têm sido dado observar a repugnancia de certos alumnos por materias de estudo que a outros attrahem, repugnancia essa provocada pela citada differença!

Cumpre, então, ao educador variar, segundo os typos, o methodo de ensino. Assim, em se tratando dum auditivo, não deve exigir delle uma lição baseada na observação ou na escripta, quando pelo systema da arguição poderá colher melhores resultados dando logar a uma evocação das imagens predominantes no alumno.

Não deve, tambem, o educador consagrar-se á cultura exclusiva de uma ordem de imagens e sim, como pensa ainda Gueyrat, esforçar-se por desenvolver, igualmente, aquellas que são inferiores, porquanto, o desenvolvimento exclusivo ou exaggerado de um certo genero dellas, embora vantajoso para um espirito, não deixa de o expôr a graves perigos. E esse desenvolvimento harmonico se consegue suscitando ou excitando todas as energias, augmentando o capital de forças, chamando á actividade todas aquellas que fracas ou adormecidas, lhe poderão servir de auxiliares poderosos na lucta pela vida, tornando o ensino variado e attrahente, vivaz e interessante, sem o que nada se fixará no cerebro.

Todo o esforço do educador deve procurar, portanto, manter um equilibrio nessas funcções de memoria, e cultival-as simultaneamente. E o ensino, para esse fim, deve ser complexo, heterogeneo, de modo que possa pôr em actividade o maior numero dellas.

Como meio pratico de obtel-o, offerecem-nos vasto campo de acção as sciencias physicas e naturaes, o desenho, a escripta, a leitura, o ensino das linguas, pois são tratadas em conjuncto tanto a memoria visual, como a auditiva e motora, etc.

Seguindo o educador esta trajectoria, vencendo os obstaculos que diversos typos offerecem, sem perder de vista o physico e a sensibilidade dos educandos, sobre os quaes devem assentar os alicerces da verdadeira educação, terá elle desempenhado, a contento, a sua missão na sociedade, terá ganho os louros do seu bom exito e o reconhecimento da Patria.

As nossas palestras

Li, annos passados, nesta «Folha Escolar», um artigo de saudosa e distincta collega, cujo assumpto visava os con-

tos moraes e patrioticos, apontando-nos como um meio recreativo e pratico de educar o caracter das crianças.

Com effeito, de ha muito se vem praticando esse methodo na escola primaria deste collegio aproveitando as professoras de cada classe as aulas de Moral para contar algumas historias de interesse educativo ou ainda, fazendo-o occasionalmente, para ensinar-lhes as regras de hygiene, corrigir um mau habito que descubram no alumno ou levando-o a examinar e julgar por si proprio uma falta em que incorrêra.

Pois bem, hoje, a exemplo das escolas suissas e belgas, essas lições deixaram de restringir-se ás classes, para serem dadas, semanalmente, em palestras assistidas por todos os alumnos e divididas em series, que abordam e desenvolvem o mesmo assumpto escolhido. Assim é que já se tem tratado da hygiene em geral, das riquezas do Brasil, da educação physica e moral, dos tres reinos da natureza e de outros assumptos, achando-nos actualmente empenhadas em indicar aos alumnos quaes os livros que devem preferir para recrear o seu espirito, quando em ferias ou nos intervallos dos estudos.

Estas palestras, feitas em estylo claro, em linguagem simples e accessivel ás intelligencias infantis, entremeadas de conselhos e historietas, já aconselhadas e postas em pratica por Gauthier e outros educadores, são de grande merecimento pedagogico, porque, a par do bom humor que despertam nos alumnos, aproveitam não só a estes, fazendo-os adquirir o habito da attenção indispensavel ao bom exito do ensino, desenvolvendo e cultivando as suas virtudes pelos exemplos apontados, ensinando-lhes a maneira de viver bem, incutindo-lhes o amor pelo trabalho, o interesse pela leitura de bons livros, como tambem á professora, que terá de estudar, praticar e aprender a melhor maneira de se fazer comprehender pelos seus pequeninos ouvintes, augmentando, ao mesmo tempo, sua cultura.

Falar e escrever para crianças demanda muito estudo, pois suas intelligencias embryonarias ainda não podem esmerilhar, por entre o rendilhado de poesia, o sentido verdadeiro do facto que se lhes narra. Não é, portanto, com flores de rethorica nem com um estylo redundante que se obtem dellas a attenção ou se faz vibrar a sua alma. E' preciso, para que comprehendam o que se lhe diz, empregar palavras familiáres, e só assim poderão reproduzir na sua linguagem infantil o que ouviram e a lição será proveitosa, satisfazendo os nossos ideaes de educadores.

A principio, nos dias convencionados para tal fim, ellas

constavam de uma conversa breve, onde commentavamos os factos semanaes, censurando as más acções e louvando as bôas, porem, pouco a pouco, foram tomando um caracter novo, mais attrahente e productivo, quando começámos, por exemplo, a tratar da nossa terra, de suas riquezas e bellezas, seu progresso e prosperidade, quando iniciámos as historias moraes e patrioticas, sempre ouvidas com enthusiasmo e attenção e gravadas por elles durante muito tempo.

E assim vamos proseguindo na trilha abençoada que nos traçamos, em beneficio da instrucção primaria de nosso Estado, cheias de novas esperanças, velando pelas pequeninas almas a nós confiadas, satisfeitas e crentes de termos cumprido sempre o nosso dever de brasileiras.

Julia Teixeira.
(Professora-secretária).

A collaboração dos alumnos

Antes de tudo, é de justiça consignarmos aqui os nomes dos alumnos que mais se esforçaram pela manutenção de nossa imprensa escolar, não só como redactores designados pelo «Gremio Joaquim Nabuco», mas tambem como operarios da pequena officina typographica installada no Collegio.

Dentre elles, José Rabello Antunes, José da Costa Queiroz e José Sardinha, bem cêdo se extinguiram, deixando-nos a todos uma saudade profunda e sincera, pelo muito que valiam e promettiam. Alem do merecimento moral, José Antunes já era academico de Direito, José Sardinha completára o Curso Commercial e José Queiroz, alem disso, obtivera uma medalha de honra, premio de grande merito escolar, que raramente é conferida, com a effigie do Dr. Lauro Sodré. Todos tres tambem foram commandantes do Batalhão Escolar.

Os demais auxiliares, destacados annualmente pelo «Gremio» para o serviço da nossa imprensa, foram os seguintes: Adalberto Pinheiro, Antonio Santos, Francisco Castro, Francisco Castro Ribeiro, Carlos Hygino da Silva, Francisco Brasil, José Torquato, João Pedro Sevalho, Eladio Lima Filho, Leandro Maués Tocantins, José Brasil, Francisco da Silva, Jacob Moysés Ezagui, Paulo Silva, Mario Fernandes, Oscar Oliveira, Antonio Weything, Leon Peres, Leão Ezagui e Christovão Sequeira.

Os trabalhos publicados pelos nossos alumnos mais adiantados, e que passamos a transcrever formam uma parte minima de quantos mereceram a nossa approvação, e nem seria preciso consignal-os todos para demonstrar a capacidade de seus auctores, com o progresso obtido em nosso Collegio.

*
* *

O nosso Gremio

Perguntando-me, certa vez, um dos meus professores, qual a mais bella e mais proveitosa instituição do nosso Collegio, respondi-lhe que todas me pareciam optimas, mas que, sem duvida, nenhuma era mais necessaria e perfeita do que a do nosso Gremio civico e litterario «Joaquim Nabuco».

De facto, é uma verdade incontestavel essa, porque no seu seio, nós, os alumnos, cultivamos com o maximo interesse a educação civica, moral, physica e intellectual, desen-

volvendo assim as nossas bôas qualidades, fazendo como que um aperfeiçoamento methodico da nossa individualidade e desembaraçando-nos para que, mais tarde, tanto na vida publica como particular, possamos corresponder correctamente ás exigencias sociaes.

Portanto, não é para admirar que grande seja o enthusiasmo de todos nós quando se approximam as sessões ordinarias, nas quaes se verifica o producto do esforço de cada um, ora na declamação de poesias diversas, ora na leitura de trechos escolhidos, em dissertações de theses de grammatica vernacula, geographia, litteratura, lições de cousas, em juizos criticos sobre obras litterarias de valor consummado, no relato dos factos mais importantes decorridos durante a semana e, finalmente, nos jurys historicos onde sempre se debatem dois contendores, um no papel de promotor e o outro no de orgão de defesa, ambos animados daquelle calor que dão as bôas discussões e cada qual empenhado em conseguir convencer o conselho de jurados em dar absolvição ou condemnação merecidas.

Quantas gerações de rapazes e moças, que hoje estão formados e no desempenho de suas profissões, não devem a grande somma de seus conhecimentos a esses exercicios praticos que tiveram a rara felicidade ne encontrar no nosso Collegio! E nós, quantas razões temos de nos orgulhecer por pertencermos a elle, sentindo os effeitos salutares do seu mistér!

A cultura civica é talvez aquella mais prestigiada pelo Gremio. Elle promove constantemente festas civicas nos dias commemorativos das grandes datas nacionaes e nós todos comprehendemos perfeitamente o alcance desses festejos nos quaes todas as nossas almas se estreitam e, religiosamente, ao som do nosso bello Hymno Nacional e á vista do auritro central do parque de recreios, como pulsações no proverde pendão que paneja garbosamente, hasteado no masprio coração do Collegio, quedamos estaticos, relembrando os feitos heroicos dos nossos antepassados.

Não ha, pois, instituição mais bella, mais atrahente e proveitosa. As outras a secundam e todas juntas constituem para o nosso querido Collegio um penhor que honra uma affirmação de gloria.

Ernestino S. Rodrigues.
(do Curso Gymnasial).

O Jornalismo e a Escola

Avolumam-se intelligencias sobre intelligencias, que se debatem no expandir dos seus vôos. Quantos esboços de um pensamento que nos parece bello e deixamos evadir-se, receiosos de causar reparos; quantos quadros naturaes se nos deparam tão formosos que, se a barreira do receio não se formasse, os descreveriamos tão bellos, como se fôssemos um José de Alencar; quantas amarguras nos attingem que, se as escrevessemos, talvez alliviariamos a nossa dor, como compartindo-a com o leitor; quantas opiniões visamos sem que possamos tornar publicas essas idéas!...

Tudo isso porque? Porque nós, os estudantes, não temos um jornal.

Que, então, as escolas fundem os seus jornaes litterarios, dirigidos por associação, tambem litterarias, como fizeram os alumnos do Collegio «Progresso Paraense», levantando em seu seio o Gremio Civico e Litterario «Joaquim Nabuco» e o seu orgão «Folha Escolar» e logo expandindo os nossos pensamentos, pouco a pouco, não mais teremos esse receio expiatorio que nos difficulta o caminho das Lettras! Veriamos em cada um de nós uma esperança do futuro crystalisado nas Lettras. Sentiriamos o cerebro livre, falando em toda a parte, doutrinando sobre idéas, no seio immenso da Natureza.

E a Escola evolvendo no decorrer do tempo tornar-se-ia mais sã, mais alegre e mais sabia que a da velha rotina.

Active-se a penna de um estudante e os seus conhecimentos crescerão na razão directa dos seus escriptos. Que o jornalismo seja adoptado em todas as escolas, e então vel-as-eis tão sabias, tão bellas e tão vivazes, merecendo que se diga com enthusiasmo: «ahi da gloria sôa a trompa eternizada»!

Avante, pois, para o jornalismo escolar!

José Zagury.
(do Curso Gymnasial).

A tarde nos arrabaldes

Num dos mezes de minhas ultimas férias, resolvi fazer um passeio a um arrabalde. Tomei o trem e, durante a viagem, avistavam-se muitas barracas, muitos terrenos cultivados e alguns camponezes que voltavam para as suas casas.

Ao chegar á parada ou apeadeiro, os passageiros desceram e eu fui andando até chegar á casa onde ia ficar. Então, senti uma especial e nova impressão: Estava tudo em silencio; os trabalhadores iam entrando em suas casas, onde eram recebidos com as caricias dos filhos. Os passarinhos voavam ligeiros para aquecer os ninhos. A jurity, pulando de ramo em ramo, suspirava tristemente e o sabiá soltava as suas notas inspiradas pelo crepusculo.

O sino da capella soava a «Ave-Maria». Neste momento de saudades parece que o meu coração se transformava num vacuo de solidão!

Além da floresta, deslisava um rio, em que se avistavam as canôas dos pescadores, com as velas enfumadas pelo vento que soprava. Apreciei a entrada de um trabalhador no humilde lar, mas onde o esperava a felicidade entre os beijos dos filhos. Como era encantadora a scena! A esposa cantava, embalando o filhinho, uma dessas canções saudosas que nos levam á melancolia, mas era uma canção ungida de amor.

Na cozinha, o lume aquecia a ceia e o pobre trabalhador esquecia as fadigas para gosar as venturas do seu lar feliz. Lá fóra passava um bando de vaccas e de bois num passo cadenciado e lento.

Eu então, abysmado nesta contemplação, suppunha que a solidão augmentava, acabrunhadora. Mas não succedeu assim. No terreiro das casas, as familias se reuniram para conversar e os filhos mais velhos tocavam flautas e violões, acompanhando modinhas saudosas. Ao anoitecer, em outros sitios, tudo adormece e mergulha na escuridão.

Mas alli por onde passei, ao lume das estrellas, toda aquella gente pobre e simples parecia feliz e tranquilla e este espectaculo reconfortou-me e inspirou-me para o trabalho.

Aproveitemos sempre os nossos lazeres em passeios como este, pois que dão saúde e coragem para continuação da luta do estudo.

Clodomir Valle.
(do Curso Primario).

Má acção punida

O facto deu-se em nosso collegio.

Um dia de tarde, á hora do recreio, alguns alumnos se divertiam em perseguir uns inoffensivos lagartos que costumavam estender-se aos raios do sol como para banharem-se deliciosamente e adquirirem calor confortante.

Ora, como é sabido, esses animalejos têm as suas tócas nos troncos carcomidos das velhas arvores e é natural que, ao serem perseguidos, se recolham, para assim fugir á sanha de seus algozes.

Foi o que aconteceu, quando esses collegas, por brincadeira, os corriam. Entretanto, ao vêl-os se refugiarem, nem por isso deixaram de perseguil-os; muito ao contrario, resolveram matal-os, fazendo uma fogueira na abertura inferior da arvore ôca, com o fim de exasperal-os para sahirem pela parte superior, onde um camarada já havia trepado, prompto para esmigalhar com um pau os fugitivos.

Mal sabiam elles o que lhes estava reservado!

Logo á primeira baforada da fumaça, pula pela outra extremidade uma formidavel mucura, completamente desnorteada pelo fumo suffocante; faz despencar quem lá estava empoleirado e lança-se no meio dos outros que, em confusão, destroçaram, fugindo espavoridos.

Passado o susto, quando o bicharôco já se tinha mettido num buraco do muro proximo e todos davam expansão á hilaridade, notaram a falta do collega que estava trepado e cahira. Então, contaram tudo ao inspector e foram com este até junto á arvore, onde jazia o infeliz que, na queda havia partido um braço e, sem sentidos, achava-se pallido como um cadaver.

Todos os outros, penalisados, carregaram-no para a enfermaria, onde o Director, sciente do caso, considerou-o um castigo bem merecido, pois não deveriam maltratar os animaes inoffensivos, por mais asquerosos que pareçam, e antes, proteger principalmente aquelles que, como os lagartos, nos são uteis, porque destroem muitos insectos damninhos, inimigos das arvores.

Alem desta severa reprehensão do Director, ainda tiveram por castigo a incumbencia de tratar do enfermo, fazendo tudo quanto elle precisasse: mudar-lhe a roupa, levantal-o, dar-lhe de comer, ageital-o, emfim, servil-o dedicadamente até convalescer.

Joaquim Telles.
(do Curso Primario).

A alegria das crianças do campo

Por sobre o veludo verde, ainda coberto de um orvalho crystalino, quando passa pequena e delicada aragem, nesse mar de esmeraldas, ao longe, de uma casinha modes-

ta surge um bando de criancinhas alegres, contentes e fortes, com direcção ao curral. Vão tomar leite, como é de costume, todos os dias.

Quando sahem de lá, vêm, como da primeira vez, correndo e pulando de um lado para outro, ora correndo atraz duma borboleta azul, ora para apanhar alguma flor sylvestre. E assim, correndo, se dirigem para um lago. Ahi é que a alegria é maior.

Entram nagua, nadam, atiram areia umas nas outras e assim passam o tempo. Depois do banho, cada uma sae com um balde cheio dagua para regar suas plantações, serviço este que fazem voluntariamente. Ah! Como é bello admirar as crianças alegres do campo!...

De noite, que prazer vêl-as nos terreiros, formando grandes rodas e cantando cantigas innocentes! Amemos todos o campo, onde reinam a simplicidade e a abundancia da Natureza!

Eratosthenes Prado.
(do Curso Primario).

A desobediencia

(Como causa de grandes males)

Não sei se fui desobediente, mas, pelo que dizem meus paes, devia ter sido em criança de uma docilidade incontestavel. Julgar-me-ão immodesta talvez, mesmo até orgulhosa, porem vou provar o contrario. Apezar de toda a minha pacatez infantil, não deixei de ser um pouquinho desobediente, pois não ha criança que o não seja. E senão vejamos:

Morava com minha familia na aprazivel estação balnearia do Chapeu Virado, em um chalezinho confortavel, bem proximo do mar, que incessantemente beijava a praia de finissima areia, com suas ondas pardacentas, mas de uma belleza para mim incomparavel.

Certa manhã, em que o ceu, despido completamente de nuvens, sorria para a terra em todo o seu esplendor, pedi licença á minha mãe para ir, em companhia de muitas amiguinhas, até ao igarapé proximo colher fructas e brincar num bote que lá se achava. Minha mãe, a principio, receiosa da nossa pouca edade, negou-se a satisfazer-nos esse capricho, porem consentiu mais tarde, pois não nos cansavamos de pedir-lhe. Depois de longos conselhos e repetidas advertencias, deixou-nos ir.

Que alegria para nós! Sahimos a correr, a pular, como um bando de passarinhos, a cantar a nossa liberdade! E assim fomos, durante todo o caminho, até chegarmos á margem do igarapé que, totalmente cheio, fazia reflectir, no espelho de suas aguas, o denso alvoredo que o marginava. O silencio era completo, e, só de vez em vez, ouvia-se o estalido secco do cahir duma folha ou o grito estridulo de algum passaro, que assustado com a nossa chegada, levantava o vôo para mais longe. Tudo corria bem; o prazer enchia-nos os corações. Colhemos muitas flores e fructas e brincámos á farta, até que uma das minhas amigas teve uma idéa que nos pareceu genial, mas que, entretanto, ia desfazer aquella relativa felicidade: —«Vamos passear a bote?...».—Vamos, respondemos todas. E, uma apoz outra, entrámos na pequena embarcação. De repente, soltei um grito de mêdo; a mais travessa de todas nós, ao entrar no bote, falseou o pé e cahiu nagua. Nós, aos gritos, chegamos á borda. Então é que foi maior o desastre: a fragil embarcação adernou e metteu agua, afundando-se em seguida. Lembrei-me dos conselhos de minha mãe e tremi...

Não soube mais o que foi feito de nós, pois só recobrei os sentidos quando me vi confortadamente installada na cama, ardendo em febre e presa de forte resfriamento. Minhas amigas, do mesmo modo, ficaram doentes.

Contaram-nos depois que fômos salvas por dois fortes cabôclos, que, na occasião do desastre, passavam pelo logar.

E' tudo quanto me lembro, não esquecendo os ralhos de meu pae e as lagrimas de minha mãe...

Nesse interim accordei: tudo tinha sido um sonho, um sonho phantastico, mas que me serviu de muito.

Eis a prova de que, até sonhando, eu fui em criança um pouquinho *desobediente*...

Helena Steiner.
(do Curso Normal).

No mar

Vae entardecendo. O mar, immenso lençol de escuma, calmo como se fôra um lago, começa a agitar-se, ao sopro de uma rigida nortada, presagio de terrivel tempestade. E' quasi noite. Os ultimos raios do astro-rei que já desappareceu no poente deixam ainda ver uma faixa avermelhada no horizonte. O ceu torna-se acaçapado de nuvens negras e co-

lossaes que vêm fazer mais tetrico o espectaculo dessa noite de borrasca.

Subitamente, fulge no espaço um raio illuminando por um momento toda a abobada celeste, deixando vêr um pequenino barco que se debate denodadamente com os elementos revoltados; ousadamente e veloz como uma andorinha, salta quasi a submergir-se, de onda em onda, em busca de um porto ou abrigo.

Quem seria que, tão arrojadamente, em fragil batél, afrontava o turbilhão das aguas?! Quem, despresando as commodidades de seu lar, iria em busca da morte, no negro seio daquelle mar revolto?! Algum louco temerario, talvez; algum maritimo apaixonado ou suicida! Não. Aquelle que tão heroicamente alli se debatia era um joven, filho duma patria livre e que, commissionado pelo governo de seu paiz, levava uma mensagem ao exercito que longe, muito longe acampava.

Mas, que importancia teria essa mensagem?

E' que ella encerra o lenitivo para muitas mães, irmãs e filhas que choram a desgraça de sua nação, quasi invadida pelo inimigo, que não cansa de praticar atrocidades contra todas as leis da humanidade.

E' por isto que esse moço lançou-se tão arrojadamente no abysmo insondavel.

Vae com o coração palpitante, as mãos crispadas no leme e com os ouvidos atordoados, como se ainda escutasse as queixas e as maguas cruciantes daquelles que a essa hora talvez já estivessem victimados pelo barbaro inimigo.

.....

Como se fôra milagre, chegou elle são e salvo junto do seu exercito. E mal teve tempo para descansar, porque voltou incorporado ás fileiras, combateu com bravura durante muitos dias a fio, até que o inimigo, batido, abandonou a cidade em fuga desordenada. Estava salva a Patria! Estavam livres os seus. Que alegria! Que jubilo! Viu fluctuar o pavilhão nacional embalado por brisas bemfazejas e o heróe, como um roble que se abate tombou fulminado por terra, feliz por ter dado a sua vida pela gloria de sua terra natal.

Geminiano Farias.
(do Curso Commercial)

Para ser mestre

Não ha, de certo, idéa mais nobre, tarefa mais santa que a da instrucção. E' um problema difficil de resolver; é um grandioso campo de batalha, onde resolutamente lutamos, procurando para isso uma base solida, um fim decisivo, para que sejam sempre obtidos os mais convenientes resultados.

De facto, o ensino deve ser encarado seriamente, sob todos os pontos de vista.

A delicadeza, o bom caracter e a bôa norma de conducta devem ser o caracteristico de todo o pretendente a uma cadeira de mestre, porque isto será a segura orientação dos que aprendem. O bom methodo é um factor de maxima importancia, pois o professor que o não possue pode ser muito preparado e não saber ensinar.

E' grande a utilidade da instrucção em todo e qualquer meio onde seja ella cultivada com esmero; de sua elevação depende o futuro da vida intellectual, porque é do cerebro humano que brotam as verdades.

Pelos correctos habitos e a moderação em tudo, é que se poderá adquirir a forma especial do ensino, dando aos alumnos o exemplo salutar dos proveitosos principios, encaminhando-os na rota difficultosa da existencia.

Podemos comparar a instrucção duma criança á cultura duma planta. Assim como o cultor trata cuidadosamente a planta dando-lhe a forma que pode, tambem o desvelado mestre deve cultivar o intellecto da criança, procurando obter um resultado lisongeiro.

Ensinar tambem é educar; de accôrdo com a edade e sexo dos alumnos deve-se tambem pôr em pratica o meio energico do ensino. Uma aula de crianças não se compara em absoluto a uma de rapazes; naquella, o professor estuda o caracter de cada uma, vendo quaes as mais timidas, applicando suavemente a disciplina, sem que o alumno perceba que no estudo tem uma obrigação firme a cumprir, mas comprehenda ser-lhe preciso em qualquer occasião; nesta, deve procurar um meio mais amplo para dirigil-a, pondo de parte toda a restricção.

E, deste modo, é que se vem a conhecer as vantagens do ensino. Um bom methodo e uma bôa applicação das regras pedagogicas e eis o problema resolvido.

O nosso querido mestre e Director, Dr. Arthur Porto, disse escrevendo o hymno do nosso Collegio: «Trabalhar é seguir nobres trilhos. Aprender é ganhar mil thesouros».

Pois bem. Procuremos conquistar galhardamente esses

thesouros, que só o estudo constante pode dar, lembrando-nos sempre, para nosso encorajamento, que as pessoas notaveis, ao morrerem para o mundo physico, nascem para a immortalidade.

Diva Cardoso.
(do Curso Gymnasial).

O Touro e o Jaguar

(Interpretação de uma poesia)

Ao pôr do sol. Uma brisa suave e fresca sopra; o regato deslisa e o poetico rumor produzido pela corrente assemelha-se a gemidos. Na floresta nenhum passaro sequer entôa os seus gorgeios.

Por uma encosta escarpada, um touro vae saciar a sêde suffocante. De repente, os juncos estremecem e, por traz duma arvore, salta um jaguar, soltando um grande urro. Em vão o touro curva-se e pula para evitar o golpe. O jaguar, mais agil, salta sobre o dorso do animal e este corre veloz levando-o comsigo. Arquejante, a lingua pendente, os olhos injectados, lá vae o touro a correr pelos logares ermos, urrando dolorosamente. A féra crava-lhe na carne as garras e os dentes e um grosso jacto de sangue sae das veias dilaceradas, deixando no caminho uma longa fita rubra. Defende-se heroicamente o animal martyrizado, mas o impiedoso carrasco segue-o causticante.

Correram mais e mais... Que loucura! Que scena horrorosa passada na solidão da floresta sombria e tenebrosa! Mas, na sêde de sangue do jaguar e na dor lancinante do touro, nem um nem outro via o abysmo que os esperava, alem!... E, num momento, ambos rolaram, fragorosamente, baquearam e perderam a vida no precipicio.

Florinda Lopes.
(do Curso Normal).

O Trabalho

Surgem as manhãs brancas da vida e, pela estrada azul do trabalho, passam os vultos sublimes dos lutadores diarios. Aqui é a mulher que dirige uma escola cultivando,

com arte divina, os lucidos espiritos da infancia; alli o homem que lavra a terra para ganhar o pão de cada dia, acolá são os preceptores e além grupos de empregados, desde o mais rustico ao mais polido, que vão em busca do labor continuo e proveitoso.

Trabalho! Quão valioso é o trabalho!

O trabalhador é um ente preciosissimo; o indolente um ente desprezivel. O trabalho dá vigor á existencia. Sem elle tombariamos fatigados de ociosidade, sem termos uma sombra onde nos abrigar!

Eis porque dizemos com enthusiasmo em nosso bello hymno escolar: «Trabalhar é seguir nobres trilhos».

E não é somente por estricta obrigação que devemos trabalhar; o patriotismo manda tambem que, para as lutas da vida, sejamos vigorosos, quer como soldados valentes e destemidos, quer como patriotas e brasileiros, quando desejemos ter o nome aureolado de louvores.

Trabalhe o pobre, o rico, o moço, o velho, trabalhemos todos, exemplifiquemos ás gerações futuras, que de nossas bôas acções brotem proveitosos ensinamentos para os dias que hão de vir.

E todos trabalham!

Os passaros, de azas multicores, procuram o trabalho e delle tiram a ração que levam para os ninhos; os insectos tambem detestam a ociosidade, procurando o labutar feliz no calix das flores ou no fabrico do mel. Dahi se comprehende que o synonimo da palavra Vida devia ser Trabalho!

Sim, porque desde os bancos escolares começamos dizendo:

Nós que somos da Patria esperanças
Trabalhemos, gentis companheiros,
Formulemos um céu de bonanças
Para orgulho de nós, brasileiros!

E nunca ficaremos exhautos; o trabalho é o protector da saúde.

Nas graves lutas de todos os dias, onde raros tombam indifferentes, quanto é sublime erguer-se o vulto delicado da mulher na arena gloriosa e proficua do trabalho!

Não desanimemos, pois, carissimas conterraneas! Trabalhemos tambem, tornemo-nos heroinas fortes nas batalhas, sejamos inquebrantaveis!...

Ainda é pouco o nosso labor—o estudo. Devemos aperfeiçoal-o, estudando com denodo, porque, dentre a estrada azul do trabalho, destaca-se nas manhãs da vida o roseo marmore da Casa da Instrucção onde, soberbo, domina o

Ensino em todos os ramos da missão honrosa, sagrada, sublime, divinal, que redime, vivifica e anima.

O ensino é o trabalho pelo trabalho : nelle se aprende, nelle se educa. Haverá profissão mais deslumbrante ?!

Instruir é ensinar; ensinar é educar; educar é trabalhar! Todo labor é difficultoso, dá valiosos proveitos; mas o do ensino multiplica-se divinalmente. E' como uma semente geradora espalhada na terra. O ensino tem raizes profundas!

Ave, trabalho! Ave, instrucção!

Cecy Cardoso.
(do Curso Normal)

Durante as ferias

Roberto volvêra ao lar. Após os exames, viera passar as ferias. Era um rapaz vivo, alegre, intelligente, de alma pantheista. Elle via na Natureza a manifestação mais ampla da vida; comprehendia o murmurio de um ribeiro serpeando entre cedros gigantes, adorava o despontar do dia esbatendo sua luz scintillante no dorso do rio!

E como elle amava o pôr do sol!

Afigurava-se lhe que a ultima illusão do dia era a morte. O crepusculo purpureo era para elle um pranto de sangue, do estertorar do Sol. Fundia su'alma á agonia do dominador das alturas. Esperava que a noite viesse, que a Monja do Claustro das Trevas surgisse com o seu rosario de estrellas...

Elle amava tambem a noite! E como não ser assim, se era um idolatra da Natureza!... Fitando as estrellas, beija-flores de luz suspensas no infinito, murmurava os versos de Bilac:

«Quando uma virgem morre, uma estrella apparece
Nova no velho engaste azul do firmamento...»

Elle sentia a vida complexa palpitar nas flores e nos fructos, nos troncos e nas folhas, nas aguas e na terra e julgava-se feliz em auscultar a alma das cousas, em libar a seiva forte e intensa da vida pura e sincera dos campos e das mattas... Horas inteiras se internava na floresta, gosando, ora o quadro alegre do chilrear dos passarinhos, ora admirando extranhas orchidéas de flores raras, ora sentindo

uma sensação indefinida ao estralejar das folhas seccas quebradas pelos seus pés.

Certa manhã, todo satisfeito, fôra Roberto dar o costumado passeio. Tomara a estrada á esquerda, que ainda não conhecia. O orvalho perolava as folhas verdes e, ao calor do sol que fulgia vagarosamente, rolava, cahia como uma chuva de gottas d'ouro. Ruflando violentamente as azas, assustara-o um inambú que, áquella hora, dormia. Ao longe avistara uma clareira. Para lá se encaminhou. Era o roçado do Francisco, um pobre cearense que viera, acossado pela secca, entre lagrimas e saudades, deixando o sertão onde nascêra e onde tantas vezes vaquejara, ao sol ou á sombra dos grandes cajueiros, procurar nas terras fartas e exuberes da Amazonia, a sua sorte e a sua vida.

Francisco estava sentado numa arvore cahida, tostada pelo fogo, tendo a enxada ao lado, triste e pensativo, com o olhar no chão e o cigarro nos labios.

—Eh! Francisco, que é que tens homem? Bom dia!

—Bom dia, «seu» Roberto. Então, por aqui!... Ah! «seu» Roberto. A minha vida é triste como o arrulho da jurity.

—Saudades do teu sertão, das noites claras de luar, do desafio á viola sob os olhares quentes das morenas! Eu bem sei o que é isso...

—Sim, «seu» Roberto, saudades do meu velho sertão. Mas ha uma cousa que me arrasa mais, mais me preoccupa e que eu não posso remediar.

—Que é então?

—E' eu não ter tido instrucção; não saber ler nem escrever. O homem que não aprende é como aquella pedra que «seu» Roberto vê acolá!...

—Mas, Francisco, não te lastimes. Vives em contacto com a natureza, sentes palpitar-lhe o coração. Sentes o cheiro forte da terra, da terra virgem que tu possues e gosas. Tu lês no grande livro dessa mãe commum. Entendes o queixume da rôla, o bramir da onça, o reboar do trovão, o clangor da tempestade.

—Mas «seu» Roberto, eu sei que vejo tudo isso que me cerca; vejo, apalpo, sinto. Mas não comprehendo. Eu só me distingo da pedra, porque sinto, das arvores porque ando, dos animaes, porque eu tenho saudades... E' por isso, «seu» Roberto, que sou infeliz. De tudo que me cerca eu quasi nada sei!

—Tens razão. Todos os phenomenos que se dão em redor de nós têm a sua explicação, são regidos por determi-

—Já vê que eu tenho razão em me lastimar da minha ignorancia!

—Não te queixes da sorte, Francisco; ha outros mais infelizes que tu. Adeus! Apparece em casa para conversarmos. Talvez te possa dar um bom conselho.

Roberto volveu para casa, pensando nas justas apprehensões de Francisco, repetindo, de vez em quando, a phrase do sertanejo:—O homem que não aprendeu é como aquella pedra que «seu» Roberto vê acolá!...

Antonio R. de Almeida.
(do Curso Gymnasial).

Alguns annos de acção meritoria

Hoje a todos que aqui vivem o jubilo avassala. Não é uma simples alegria de mocidade, nascida de um facto pueril ou de uma celebração futil; o que hoje nos assalta o coração, enchendo-o, fazendo-o transbordar em manifestações sinceras, justificada, aureóla um facto para nós grandioso que, se por um lado nos orgulhece, por outro ennobrece esta terra.

Completa este Collegio alguns annos de acção, arrancados ao tempo com trabalho honrado e util, através das sébes de dilacerantes espinhos da maldade humana e da cruel fatalidade dos acontecimentos. Mas nada detém o homem, quando, pela virtude, busca a sublimidade de um ideal; então, a obra que empreende torna-se duradoura, solifica-se e, alcandorada, no cimo inviolavel do merecimento, embalde arremette-lhe a maledicencia e inveja inconscientes.

Ha poucos dias, revendo uns amarellecidos livros do tempo em que ainda era criança, encontrei escripto em lettras femininas estas linhas: «O caminho da virtude é longo, estreito e bordado de espinhos».

Esta verdade não é das que nascem do amalgama de illusões tomadas como hypotheses, atravez das quaes apparecem uma imagem diafana e indefinivel que, graças a raciocinios puramente artificiaes, vae pouco a pouco tomando uma forma como da argila maleavel arranca o esculptor a imagem de uma deidade jamais existente, producto legitimo de sua phantasia. Não; nós aqui vivemos com a verdade e as idéas sãs, e não somos mais uma massa informe, exposta ao rude cinzel do pedagogo antigo: o alumno aqui é o futuro homem a encetar consciente sua viagem pela estrada da vida, tendo o mestre como simples guia, mostrando-nos o futuro

real e verdadeiro e incitando-nos a seguir o exemplo destes que venceram o tempo e conquistaram a posteridade por seus serviços immortaes, como José Bonifacio, Osorio, Barroso, Rio Branco e outros que veneramos juntamente com Joaquim Nabuco, nosso patrono idolatrado.

Hoje que as nossas almas vibram pelo feliz evento que festejamos, não podemos deixar de relembrar o nome deste grande brasileiro, cujo espirito paira sobre nós.

E' a Arthur Porto, ao auctor desta obra meritoria que é o Collegio «Progresso Paraense», traçada com firmeza e impulsionada por uma vontade inquebrantavel, é a elle que devemos dar todos os nossos applausos e manifestar todo o nosso jubilo, fazendo votos para que perdure esta obra de virtude, para o bem da mocidade desta terra.

Salve, pois, 3 de julho!

Francisco Silva.
(do Curso Gymnasial).

Iniciativas honrosas

Estamos atravessando, actualmente, uma das phases mais ingratas da vida publica do nosso grande Estado nortista, em vista do desfallecimento que se vae verificando, progressivamente, em torno de todos os ramos da sua organização civil, politica e militar,

Disse muito bem, portanto, o illustre litterato paraense Rocha Moreira, num ligeiro artigo que escreveu n'«A Semana» de 25 de Maio, sob o titulo «Tudo Passa» : ... «ao que parece, a fé religiosa está mais arraigada no coração do povo do que os grandes dias da Patria».

Realmente, a passagem de 24 de Maio, assignalando o brilhante feito das armas brasileiras, na batalha de Tuyuty, quasi aqui seria despercebida, sem uma unica demonstração civica, se não fôssem os festejos isolados promovidos pelo 26.º Batalhão de Caçadores e pelo nosso querido Gremio Civico e Litterario «Joaquim Nabuco».

Passado o periodo da guerra européa, em que o povo brasileiro chegou a vibrar de enthusiasmo e patriotismo e a mocidade radiante correu pressurosa a se congregar sob o pavilhão sagrado da nossa nacionalidade, como a desafiar o resto do mundo em luta, parece que recahiu no indifferentismo aniquillador da nossa soberania, entregando-se, então, ao prazer das festividades religiosas.

Mas, seja como fôr, em todas as épocas e situações,

nunca se disse que os educandos do Collegio «Progresso Paranaense» deveriam, uma unica vez, de menoscabo, com desrespeito e respeito, os verdadeiros dias sanctificados dum povo, que são os dias historicos da Patria, patrimonio sagrado que nos legaram nossos avós e de quem o Governo Civico e Litterario «Joaquim Nabuco» recebeu o seu cunho religioso.

Assim é que, todos esses dias, são lembrados com carinho e acatados com fervor, demonstrando-se já com a bonomia do gaiteiro batalhão escolar que nesses dias vae mostrar ao publico paranaense o seu valor ou incorporando-se as grandes paradas militares, já com palestras civicas que lerão sobre a data que transcorre, já com festas litterarias, esportivas, etc.

É que temos a frente como guia, o espirito alevantado, intelligente e incansavel do grande educador e pedagogo que é o benemerito patricio Dr. Arthur Porto, a quem o Brasil deve este bello monumento, formado pelo Collegio e que o Paraná honra-se em possuir.

Jacob Moyses Kogan.
(do Curso Commercial).

Uma these de Portuguez

(Numa sessão de provas)

Deslumbrada pela correcção e desembaraço, distinctivo dos membros desta proveitosa, importante e bella associação de civismo e lettras, que são acertadamente nomes o nome do insigne bellettrista e diplomata Joaquim Nabuco, sinto-me pequena, mesquinha mesmo, para dissertar sobre qualquer assumpto, ante vossa presença. Reconheço o meu pouco ou nenhum cultivo intellectual, eis o motivo da minha perturbação. É este meu acanhamento, esse meu amor augmenta na proporção do intricado do assumpto a desenvolver. Os competentes, os mestres sentem difficuldades em responder á pergunta que era me cabe por sorte. «Ha razão para classificar os verbos em substantivos e adjectivos?» Os grammaticos de Port-Royal, auctores de tal classificação, basearam-se no principio erroneo de que o «verbo é a palavra que exprime a affirmação e o verbo ser o unico que subsiste por si só, sendo, portanto, substantivo». De accôrdo com

elles, os outros nascem da combinação deste com um adjectivo encerrado em seu radical. Assim, o verbo *amar* originar-se-ia de *amante ser*, brilhar de *brilhante ser* e, deste modo, muitos outros. Darmsterter se levanta contra esta theoria, porque, diz elle, «contra isto se ergue o desenvolvimento da lingua e a analyse dos factos».

De certo, caros collegas, remontando á antiguidade, completando os documentos historicos, estudando a formação das linguas e seu desenvolvimento, passando uma vista geral em todos os idiomas da America, China, Polynesia e Africa vamos encontrar algumas que não possuem o verbo ser.

Ora, uma lingua que não possue o verbo substantivo, como possuirá os outros, se estes são o resultado daquelle com um adjectivo?

Ainda mais: ser amante, ser brilhante, não significa absolutamente amar, brilhar. Vêde, pois, collegas, que a classificação dos verbos em substantivos e adjectivos pecca pela base, se destróe por si mesma, sendo, portanto, inacceitavel.

O elemento primordial, fundamental do verbo, é, sem duvida alguma, a acção. Logo o verbo ser, que apenas affirma, exprime uma acção, é certo, porem uma acção passada anterior, sendo, por isso mesmo, um verbo de estado.

Senhores. Os verbos para mais racionalmente ser classificados, devem obedecer á seguinte ordem: quanto á conjugação, quanto ao sujeito, ao predicado e á significação.

Quanto á conjugação, o verbo pode ser: regular, periphrastico, impessoal, unipessoal, etc.; quanto ao sujeito: activo, passivo, reflexivo e neutro; quanto ao predicado: transitivo, intransitivo, relativo e bitransitivo; e quanto á significação: augmentativo, diminuitivo, imitativo, frequentativo, e inchoativo.

Esta é a classificação mais corrente a acceitavel.

Podia definir cada uma dessas divisões, mas o não faço para não me tornar por demais extensa, abusando assim de vossa benevola attenção.

.....

Denise de Figueiredo.
(do Curso Normal)

Os symbolos da Patria

Toda Patria guarda em si, santificando-a, honrando-a e exaltando-a os seus symbolos: o escudo de armas, a bandeira e o hymno.

O Brasil, Patria estremecida e muito amada, revive e scintilla no céo das nossas mais puras crenças pelos seus symbolos.

O nosso escudo de armas, onde se destacam as divisas da nossa Patria—uma espada atravessando um polygono estrellado, ornamentada dos emblemas de nossa flora—o café e o tabaco, é enfaixada por uma fita com o emblema: «Estados-Unidos do Brasil—15 de Novembro de 1889»—data memoravel, em que o grito de «Viva a Republica» vibrou em todas as almas.

A bandeira é de todos os symbolos o que mais fala ao coração, encorajando-o, acordando em nós o sentimento do dever, do enaltecer a Patria. Os desenhos que o formam têm mudado conforme os governos da Nação. Nos tempos monarchicos, o que hoje é a esphera armillar com a constellação do Cruzeiro e a insignia de «Ordem e Progresso», era, nesses tempos, o emblema da realeza: uma corôa encimada por uma cruz. Mas ha nella um *que* imutavel que é nosso, que representa verdadeiramente o Brasil: —o verde e o amarello!

O verde—a esperança jocunda do brasileiro—recorda o verde magnifico das nossas immensas florestas; o amarello —o sol fulgurante e benefico que tambem o fecunda, lembra o ouro das nossas minas inexploradas.

Quanto ao hymno, é o symbolo que nos canta n'alma, que nos povôa a crença de sorrisos, que chora, se a Patria periga, que psalmodía glorias quando, ella se exalta, que nos arrebata e fortifica na esperança, que abençôa os nossos bons designios. O hymno é o Brasil sorrindo, cantando, louvando e abençoando os seus amados filhos.

Viva o Brasil!

Guilherme Barata.
(do Curso Normal).

Dever e caridade

A educação não prospéra sem o concurso dos bons mestres que nos fazem cultivar a intelligencia, o coração e nossa vontade em embryão.

E' o primeiro passo a dar para que sejamos bons cidadãos, sendo por tal modo que se alcançará mais tarde as reputações solidas, que se conquistam as posições, os triumphos, em qualquer carreira franqueada á actividade humana.

O problema da vida se vae, dia a dia, tornando mais complicado e difficil; é necessario, portanto, que todos nos preparemos para esse fecundo combate do trabalho contra a miseria e o vicio, da intelligencia contra a rotina, abusos e preceitos sociaes.

E' uma luta sem tregua; mas ha sempre logar para todos os corações alentados e para todos os braços vigorados para o trabalho. Combate renhido, e comtudo sem uma gotta de sangue, onde não ha canhões, nem trincheiras, nem ambulancias, mas o suor que fecunda as terras, as fabricas, as officinas, as escolas, os cursos profissionaes, os certamens de competencia, as academias e, no meio disto, o vapor e a electricidade vinculando e unificando os povos! Não ha ahi o estrepito das guerras que destroem, nem o triumpho da fôrça que aniquila; é a batalha pacifica da civilização em campo aberto a todos os esforços, a todas as energias!

E o combate da vida se torna mais facil, mais fecundo e mais apreciavel com o cumprimento do dever, que é a base de tudo. A maior felicidade do ser humano consiste em cumprir o seu dever pelo dever: «Cumpre o teu dever succeda o que succeder» é um proloquio popular.

De certo, caros collegas que, por vezes, tendes visto um batalhão desfilando garbosamente ao rufo marcial dos tambores, ao toque estridente dos clarins. A' voz do commandante, os soldados voltam-se para a direita ou esquerda, marcham, calam bayonetas, ensarilham armas, obedecendo todos á mesma ordem, submettidos á mesma disciplina, á mesma lei!

Entrae em uma escola ou em uma officina bem organizada e notareis a mesma disciplina, a mesma lei, e assim, na familia como na sociedade, onde ha uma ordem a que todos obedecem sem excepção.

Todavia, existe uma lei anterior a todas as outras, dominando todos os homens, desde o mais rico ao mais pobre; ella deve estar gravada em todas as consciencias—é a lei moral ou o dever.

Eis, pois, a divisa a embraçar; para qualquer lado que nos volvamos, encontraremos a imposição do dever, hoje como hontem e em toda parte, até ao ultimo instante da nossa vida.

A caridade é tambem um sentimento moral que todos nós devemos possuir com orgulho, imprimindo nalma o sêllo da bondade. Não expulseis o pobre que, impellido pela miseria, vem bater á vossa porta, pedindo uma migalha de alimento para saciar a fome.

A cousa que mais me impressiona e commove é a supplica da miseria. Esta symbolisa uma mulher feia, desgrenhada, que vive a chorar eternamente pela estrada cruel dos desenganos!

Partilhae com o proximo necessitado o que tiverdes a mais.

Todavia, direis vós: Como havemos de exercer essa beneficencia se nos faltarem tambem os necessarios recursos? E eu vos respondo: Ainda assim o podereis muito bem, caros collegas: basta desejar a felicidade dos outros evitando praticar qualquer acto em prejuizo delles!

Orlando Castro.
(do Curso Gymnasial).

Divagando...

O silencio

Pela vidraça embaciada escorriam gottas d'agua, como lagrimas silenciosas de alguem que andasse a chorar.

Atravez desses humidos e baços vidros, puz-me a olhar e escutar. Como se me tivesse erguido dum somno lento e entristecido, recostada molemente a uma poltrona, sentia-me extranha ao mundo exterior. A não ser o ruido gottejante da chuva e monotono bater das ondas na praia, tudo era silencioso e deserto. Compondo e decompondo idéas, quedei-me silenciosa a relembrar o que diz certo poeta a respeito duma tarde como aquella e a observar com rara attenção as veridicas e simples expressões com que elle soube exprimir toda a corrente de sentimentos que surgem n'alma num entardecer humido e chuvoso. E tambem como elle, que escrevêra nos embaciados vidros, tracei algumas palavras; logo, porem, vi as lettras, em perolas finas transformadas, escorrerem gottejantes. De quando em vez, ao soprar da brisa, o arvorêdo inclinava-se lentamente, deixando cahir como fructo prateado os bagos crystalinos da chuva.

Lá fóra a mesma calma, a mesma solidão. Entre a casa e o mar passa a estrada, erma e tristonha, coberta de capim e pedregulhos soltos. E, então, adeante, estende-se a immensidade—o mar e o céu. A noite descêra, envolvendo, nos seus negrumes intimos e no seu regaço voluptuoso, a natureza chorosa. Com a corrente da maré, passavam, frouxamente illuminadas, em demanda de outras paragens, velas

á brisa, á espera da lua ausente e timida que, com seus argenteos clarões, reflectia sobre o espelho das aguas aquella cabana altiva e donairosa.

O céu negro, com pharoesinhos envolvidos por um denso veu acizentado e, mais além, um circulo mal traçado, uma mancha côr de braza, raiada de differentes tons prateados. Na linha do horizonte já desapparece um paquete, que segue com destino ao sul. Quantas almas saudosas lá vão derramando lagrimas ardentes, calmas, resignadas ou desesperadas! E o silencio continúa envolvendo cousas tão diversas: terra, ceus e mar... Em cada logar, uma nova acção se desenvolve; os pensamentos e sentimentos mudam, de mente em mente, de organismo em organismo, de logar em logar!

Oh! silencio da noite, és o mais grandioso: gosas prazeres e alegrias, tristezas e penas alheias, dás consolo, desespero, alegria e solidão. E's o mais admiravel e o mais odiado; enlevas e arrebatas, destróes e aniquilas. Mas, para mim só és bom, quando me aconchego ao teu regaço, durmo confiante e sonho as mais encantadoras scenas de visão, em tua presença carinhosa e meiga.

Sara Malcher.
(do Curso Normal).

As grandes potencias e o internacionalismo

Chamam-se grandes potencias aquellas nações que, apercebidas para meios superiores de existencia, estão aptas, mais do que quaesquer outras, para orientar os destinos da civilização, servindo de arbitrio valioso ao sobrevir desses factos anormaes contra a harmonia que deve haver no mundo, como formula fundamental e necessaria á coexistencia social.

Uma nação é grande principalmente pela superioridade dos seus meios de defesa. Uma nação desarmada, sem exercio e sem marinha, não pode occupar um logar proeminente no concerto internacional. Haja vista a China, paiz ferazcissimo e opulento de riquezas, mas preso dessa lethargia acabrunhante e dessa timidez inferior, que é o distinctivo dos pusilanimes, dos inconscientes e dos fracos. São 420 milhões de individuos, que, com a sua organização velhissima e defeituosa, não vale, sob o ponto de vista da civilização, os poucos milhões da culta nação Suissa.

Desapercebida para a defesa, sem fôrças e sem iniciati-

vas, não lhe é sufficiente a vastidão do territorio nem a riqueza natural, para resarcir a inferioridade congenita que provém da sua inaptidão para a vida vertiginosa do internacionalismo.

Na conferencia de Haya, o conselheiro Ruy Barbosa, nosso eminente embaixador, bateu-se por um criterio mais elevado, baseado na moral, no que diz respeito á classificação das potencias.

No seu modo de ver, não é o preparo para a guerra, a organização militar e a disciplina dos quarteis que fazem as grandes potencias.

A ser assim, a barbara Turquia estaria, nessa classificação, acima de nosso querido Brasil, por isso que é militarmente melhor organizada do que este.

O ideal seria que todas as nações fôssem, como os cidadãos de uma patria liberal, iguaes perante a lei. Mas essa idéa não foi vencedora e são potencias superiormente organizadas, sob o ponto de vista defensivo, que teem pêso na balança do internacionalismo. Essas nações são as seguintes: Inglaterra, Allemanha, França, Estados-Unidos, Austria, Italia e Japão. No momento actual, estão em luta com excepção dos Estados-Unidos, e essa luta, conforme abalisadas opiniões, provém do entrechoque do Imperialismo Britanico com o Germanico.

As nações agem differentemente quanto aos meios de colonisação, no tempo e no espaço. Antigamente, o descobrimento de uma região dava ensanchas á difusão do ideal religioso e do ideal politico. Hoje, cogita-se da prosperidade do commercio e da industria. Os Estados são competidores, e toda a competencia traz a luta e toda essa luta traz o reinado do direito.

Raymundo Nobre.
(do Curso Gymnasial.)

Juizo critico

(Lido numa sessão do Gremio "Joaquim Nabuco" sobre o livro "Ouro sobre Azul")

Infelizmente, um imperioso dever, visto ser sorteada, obriga-me a fazer o juizo critico do romance «Ouro sobre azul», de Sylvio Dinarte, pseudonimo de Alfredo D'Escragnole Taunay, depois Visconde de Taunay.

Disse, infelizmente, porque é para mim um sacrificio criticar um escriptor da tempera de Taunay, litterato de inspiração ardente e dos mais fecundos novellistas do Brasil.

Para ser sincera, prefiro passar por zoilo e, embora sem cabedal scientifico e litterario, ouso dizer o que penso sobre o apreciado e delicioso polygrapho, auctor de uma das mais bellas obras que tenho lido—«Innocencia»—creação circumdada de uma belleza e encanto mysteriosos.

Intima e humana é a trama dessa historia commovedora, urdida á luz de um ar ambiente perfumado e sylvestre e de payzagens repletas de poesia.

Nenhum outro soube produzir as bellezas naturaes como Taunay, tal a sua familiaridade com a natureza sertaneja e conhecimento profundo da psychologia dos habitantes dos nossos sertões. Nesse romance «Innocencia», litteralmente nacional, ficamos enlevada com os panoramas vivos, arrebatadores e verdadeiros das regiões selvagens, da vida no interior, nesses campos illimitados, descripta com tanta naturalidade, doçura e delicadeza. As scenas succedem-se naturalmente, captivantes, leves, reaes, singelas, decorosas.

O mesmo não me é possivel dizer do livro «Ouro sobre azul», pois nelle predominam dialogos e coloquios amorosos, genero de prosa para mim incolor, monotomo e desagradavel. As scenas: o jogo de salão—amigo ou amiga—e o naufragio da canôa de Laura, no lago, de alternativa comica e commovente, são de effeito commum ás fitas cinematographicas, isto é, arranjos scenicos para encher papel e tempo.

O auctor do «Retraite de Laguna», se existisse, não permittiria, de certo, nova edição dessa sua producção, por estar fóra de moda, requisito este por elle justamente emittido, quando consultado para consentir n'outra edição, vinte e quatro annos depois da primeira.

O meu juizo critico refere-se apenas ao enrêdo da confecção do trabalho, pois, emquanto ao mais, que poderei diser senão que o auctor dos «Céus e terras do Brasil» é de um estylo severo, elegante, sobrio, vigoroso e de reaes detalhes?!

Pedindo perdão por externar o que senti, lendo «Ouro sobre azul», curvo-me respeitosamente á memoria do sublime e operoso brasileiro, cuja actividade intellectual brilhou como estrella de primeira grandeza no jornalismo, na tribuna parlamentar e em todas as modalidades da litteratura, em diversos generos de producção artistica.

Na historia, no theatro, no romance, nas bellas artes, (na musica sobretudo) o auctor do «Ouro sobre o azul» re-

vela facilidade de concepção, rapidez de execução e sobriedade de adjectivos retumbantes.

Em todas as suas obras é intensamente sentido o sôpro de sua inspiração ardente e patriotica.

Ilná Carvalho.
(do Curso Normal).

Sobre a nossa lingua

(Numa sessão do Gremio)

«Existe o dialecto brasileiro? Formará elle, num futuro proximo, uma lingua independente da portugueza?».

As linguas são superorganicas e, obedecendo á mesma lei da evolução, que preside a todos os phenomenos sociaes, desenvolvem-se atravez do tempo e do espaço, numa trajectoria logica e fatal. Poderiamos comparar um dado idioma com o proprio individuo, membro da sociedade. O homem nasce, cresce pouco a pouco e, depois das ingenuidades do periodo infantil, sente-se avigorado no estádio da juvenilidade, quando a sua imaginação lhe pinta aos olhos bellezas innarraveis. Depois, chegado á virilidade, longe do periodo da infantilidade e dos enthusiasmos insensatos, elle sente o espirito amadurecido pela reflexão, até começar a enfraquecer-se com o proximar da velhice, que o levará á senectude, que é o periodo em que todas as energias se aniquillam, até o sobrevir da morte, ou o esphacelamento completo da personalidade physica.

Assim, tambem, as linguas nascem, têm o seu periodo de ensaio, de madureza. As antigas duraram de 2.000 a 2.500 annos, quando o Portuguez tem apenas cerca de 1.000 annos; é uma lingua que está na apogeu do seu florescimento. Ora, como se poderá dar razão a um Theophilo Braga que considera o Portuguez falado no Brasil um simples dialecto, muito differente da lingua mãe? Como se poderá dar razão aos que pretendem que, no futuro proximo, esse dialecto se tornará independente do Portuguez, quando sabemos que o idioma do Brasil, sem ser mais suave e menos energico do que o de Portugal na prosodia, na esphera da syntaxe não apresenta differença alguma da lingua da antiga nação dos

luzos? E' certo que o Portuguez conta alguns dialectos, entre os quaes o angolez e o cassange. Mas são dialectos, porque differem radicalmente da lingua principal, tanto na syntaxe como na phonetica, o que não acontece com o Portuguez falado no Brasil, que poderemos considerar a forma mais aperfeiçoada que pode culminar a lingua de Camões, no decorrer da sua evolução.

De accôrdo com esta opinião está Ruy Barbosa, «o expoente maximo da mentalidade latina», que se revolta contra esse chamado dialecto brasileiro, que é nada mais do que «surrão amplo onde cabem á larga todas as escorias da preguiça, da ignorancia, do mau gosto» dos que não consideram com justiça a nossa cultura.

Por isso, mau grado a doutrina de certos grammaticos portuguezes, não existe o dialecto brasileiro.

O Portuguez de Portugal é o mesmo que se fala no Brasil.

.....

Alyrio Dias Maia.
(do Curso Gymnasial)

Na grande guerra

Um heróe brasileiro obscuro

Na mais desesperada hecatombe é que se avalia a tempera moral daquelles que a ella estão sujeitos.

O mal foi creado para comparar e definir energias. E, se na luta pelo bem desinteressadamente, o infortunio tentar deter o lidador que avança, audaz e destemido, rasgando-se em arestas aguçadas, ferindo-se em gumes ameaçadores, cobrindo um passo que dá com um jacto de sangue, uma esperança colhida por uma desillusão cruel, se este lidador, escapo ás armadilhas, incolume das traições, mas, ainda com o solo a percorrer juncado de vertiginosos abysmos, se elle, sciente de tudo que o aguarda, mas tambem crente naquillo que procura, persiste em seguir no caminho que trilha, impávido e resoluto; este lidador, este homem é um heróe e, como tal, credor das nossas homenagens e respeitos.

.....

O caso que passo a relatar deu-se com um homem que, posto voluntariamente ao serviço duma causa, na Legião Extrangeira, em França, sahiu do turbilhão tremendo, que

conflagra uma parte do globo, envolto numa aureola redemptora do heroismo.

O seu esforço, contudo, como todos os grandes esforços, não foi sufficientemente aquilatado e comprehendido pelos seus semelhantes e, á excepção desse brilhante chronista que transcreve o facto, a Patria ignorante da posse dum tão grande filho não o foi arrancar á penumbra do esquecimento, para projecta-lo nas ondas de luz duma estonteadora gloria.

Uma modesta local da «Illustration», porem, bastou para revelar-nos esse homem superior que, com a vida a fugir-lhe pelo corpo retalhado, conservava inalteravel e primitiva, a vontade que noutro talvez já fosse moribunda...

A faina era grande nessa pequena ambulancia de campanha. De momento a momento, macas despejavam nos leitos dezenas de feridos que gemiam fortemente. O medico e seus auxiliares estavam de serviço e, naturalmente, muito occupados, quando um cabo de 24 para 25 annos, animado ainda da bella febre do combate, sentou-se e disse simplesmente:—«Tenho um pequeno ferimento na espadua esquerda; dê-me uma injecção anti-tetanica». Alem disso, julgava desnecessario ser examinado, visto que um camarada já o havia pensado e tinha pressa de voltar para o combate...

Não lhe fizeram a vontade e, quando, ao despil-o, o enfermeiro descobriu a espadua, não pôde conter um grito: achava-se em presença dum enorme rasgão de 6 centimetros no minimo, de comprimento e 3 ou 4 de profundidade.

Consultado o medico, este ordenou que o ferido désse baixa. Mas o cabo, num tom decidido, declarou que não o faria senão quando não restasse mais um soldado da sua esquadra. Entretanto, dada a injecção e renovado o penso, o enfermeiro notou-lhe na manga esquerda da camisa uma mancha de sangue.— «Que tens ahi?» perguntou. —«Nada, uma arranhadura, já passou».

Desfeito este segundo penso, encontraram uma ferida bastante profunda que foi desinfectada e tratada. Então, este extraordinario homem, num tom calmo, accrescentou: —«Olhem, já que estão aqui, vejam o que tenho na perna direita, que me espeta; deve haver alguma coisa... De facto havia *alguma cousa*, uma bala de «shrapnel», meio enterrada na barriga da perna. O medico, posto ao corrente do caso, zangou-se e disse-lhe terminantemente que ia dar-lhe baixa.

—«Não, não, senhor major, já lhe disse, conheço o meu dever; não posso ser retirado, se não prejudico a ninguem».

E este heroico homem, tendo assim reivindicado o di-

reito de voltar e, talvez, o de encontrar a morte, enfiou o dolman, repoz a mochila, o lidão e fuzil no hombro e voltou, sangrando por todo o corpo, mas em passo firme. Era um brasileiro!

.....

Saibamos, pois, pleiade de moços patriotas, punhado de almas crentes e sinceras, prestar as nossas homenagens e o culto do nosso respeito admirativo a esse nosso bravo compatriota—heróe obscuro, mas sublime!...

Léo Constanti. (Eladio Lima Filho.)
(do Curso Gymnasial).

Sciencia e litteratura

(Numa sessão do Gremio)

Explanar com exactidão a affinidade da litteratura com as sciencias é assumpto cuja vastidão e importancia merecia um estudo acurado ao lado de uma intelligencia robusta e de uma cultura possante. Que a litteratura tem relação directa com todas as sciencias é um facto ou uma verdade irrefutavel. Imaginemos, senhores, que um qualquer livro de sciencia é escripto sem obedecer ás normas racionaes, bellas, deleitaveis, empolgantes mesmo, da forma litteraria. Imaginemos que o escriptor é infenso, inimigo irreconciliavel da forma, das flores de rhetorica, de um dizer gracioso. Que sahiria, senhores, de tudo isso? Phrases aridas, palavras duras duma sciencia aspera.

Dizem que os livros allemães, não obstante nelles predominar o espirito de sua litteratura, não nos agrada porque a raça latina não se pode coadunar com a teutonica no modo de dizer as cousas. Estamos habituados a adoçar, por assim dizer, de tal maneira as nossas palavras que desprezamos tudo aquillo que não seja dito com graça, com propriedade e, portanto, com certo sainete litterario de nossa lingua.

A litteratura tem relação directa com a psychologia, com a historia, emfim, com todas as sciencias. Com a philosophia ella se completa, porque, na qualidade de coordenadora dos conhecimentos humanos ou em sua feição de sciencia que trabalha na materia prima desses conhecimentos, esta não pode prescindir da esthetica ou da arte de dizer, que é a litteratura.

A sciencia, sem a esthetica, seria desagradavel, da mesma maneira que esta sem aquella. Logo, teriamos a conclusão logica de que a litteratura se relaciona com a sciencia, da mesma maneira por que esta vive com aquella. Vejamos mais detalhadamente:

Litteratura é o conjunto das producções verbaes do espirito humano e isto dizemos em seu sentido amplo e geral. Mas, se apreciarmol-a sob o ponto de vista restricto, veremos que a litteratura é a sciencia das bellas idéas. Ora, senhores, se não nos foi possivel prescindir da palavra *sciencia* nessa definição, como poderemos desprezal-a em todas as outras manifestações litterarias? A psychologia tambem tem o mais proximo parentesco com a litteratura. De facto, não podemos estudar as manifestações subjectivas do nosso eu, sem objectival-as por meio de palavras e estas, para poderem produzir effeito, necessitam de um certo buril. Sabemos que de duas especies são os factos psychologicos e em cada uma destas formas é sempre a palavra burilada que os manifesta.

A historia necessita, igualmente, da litteratura e, da mesma maneira que a precedente, ambas se completam. Era minha vontade dizer ou falar de todas as relações que a litteratura mantem com cada uma das sciencias, para assim vos mostrar que a aridez de A mais B relacionava-se directamente com ella, que a medida das figuras não podia abrir mão della, que a anatomia, a physiologia, a physica, a chimica, e historia natural, a pathologia, bromathologia e, emfim, todas as sciencias têm a sua litteratura.

E de que natureza seriam estas relações, senhores? Seriam, por ventura, um complemento da litteratura, uma necessidade das sciencias? Eu vol-o affirmo, de accôrdo com os mais competentes auctores, que as sciencias não podem subsistir sem o achego intimo e fecundante da litteratura. Esta é o estudo das producções do espirito e o complemento dos nossos conhecimentos. Alem disto, quando estudamos a historia da civilização dos povos, vemos em sua litteratura a synthese de sua sciencia e arte, de suas idéas, sentimentos, de suas aptidões, de seu genio. Portanto, toda a sciencia tem a sua litteratura media e todo o producto litterario, ainda mesmo o mais commum, como uma novella ou romance, deve encerrar conhecimentos scientificos, como os da psychologia humana.

Othon Mendes.
(do Curso Gymnasial).

Juizo critico

(Memorias de um sargento de milicias)

Fazer o juizo critico de uma obra litteraria é tarefa muito difficil, sobretudo quando se trata de um estudo conscencioso. Quero falar das «Memorias de um Sargento de Milicias», da lavra de Manoel de Almeida, um dos escriptores mais antigos que começára a cultivar a nossa litteratura nacionalista e de quem o grande José Verissimo já se occupou no prefacio do livro, dizendo que o seu grande defeito é a forma sem arte, nem belleza e mais rebuscadas elegancias de estylo; ao passo que o seu melhor elogio é a pintura da côr local, a descripção dos typos e a naturalidade dos factos. Eu, porem, embora não tenha ainda competencia para julgar tal obra, comtudo sinto o desejo de mostrar, com sinceridade, a impressão que me ficou de sua leitura. Assim é que vos digo :—Não gostei desse romance, que melhor merecia este titulo: «Travessuras de um menino mal educado»; porque, effectivamente, trata-se de um menino infeliz, filho de um casal portuguez que se encontrou num mesmo navio em que imigraram para o Rio de Janeiro. Os paes eram tão estupidos que se *agradavam* pisando o pé um do outro ou trocando beliscões. Mais tarde, a portugueza fugiu de casa, depois de uma surra que levou de Leonardo Pataca, pae do menino.

O auctor descreve as diabruras deste, quando faz do chapeu do pae, que era official de justiça, vassoura da casa, e rasga os seus documentos para fazer cartuchos.

Seu padrinho, que era barbeiro, adoptou-o. Na loja o pequeno aperriava os freguezes, fazendo-lhes carêtas no espelho ou escondendo a navalha do padrinho para deixar a cara dos freguezes cheia de sabão. Até mesmo na egreja, quando foi empregado como ajudante de sacristão, Leonardo divertia-se em queimar as mantilhas das beatas com cêra das velas e enganando o padre-cura para que faltasse ao sermão. Este menino não podia estar em parte alguma! E, quando, mais tarde, começou a metter-se nas pandegas da vagabundagem, foi preso, mais de uma vez, até que, um dia. obrigaram-no a ser soldado.

O romance termina com a promoção do vadio á Sargento de Milicias e seu casamento com uma viuvinha, sobrinha de uma velha rica. Elle se occupa de uma sociedade de maus costumes, do tempo de D. João VI, e pinta algumas scenas interessantes e os habitos dessa época, como, por exemplo, o de sentarem-se as familias em esteiras, na porta da

rua, em noites de luar, o dos pic-nics, que se chamavam *sucias*, o das procissões dos Ourives, etc.; descreve bem o typo de Leonardo Pataca, vestido de marinheiro, do Major Vidagal, delegado de policia e seus granadeiros; de Vidinha, cantora de modinhas etc.

Agora, perguntareis: Porque tem tanta fama esse livro? Simplesmente porque foi escripto numa época em que não havia escriptores da escola realista que se occupassem da vida popular. Portanto, para mim, o melhor mérito delle é ter descripto factos que foram bem observados, mostrando o estado da sociedade do seu tempo, com muita graça.

Adalgisa Nogueira.
(do Curso Normal).

Vantagens e desvantagens do canal do Panamá

O grande poeta allemão Goethe, que se interessava por tudo, desejou, pouco antes de sua morte, viver mais 50 annos para que pudesse ter o prazer de ver os primeiros navios atravessarem os canaes de Suez e Panamá.

Segundo as suas idéas, deviam com isto a navegação, o commercio, as communicações, etc., tomar um enorme impulso. Somente, então, dizia elle serem possiveis as negociações proveitosas com todas as regiões do mundo. Estas esperanças, que floreciam naquelles tempos, têm dado, entretanto, os seus fructos; nós hoje gozamos as consequencias que sempre um novo canal pode trazer para as prosperidade do mundo civilizado.

Assim, tivemos o canal de Suez, construido pelo celebre engenheiro francez Lesseps. Este isthmo, que liga o Mediterraneo ao Mar Vermelho, abriu uma porta de entrada para os mais ricos paizes da terra.

Annualmente, mais de 6.000 navios vêm dos longinquos paizes do Oriente trazer para a Europa tudo aquillo que ella não pode produzir.

Como tornou-se curto o caminho para as Indias, Persia, Japão e China, depois que se conseguiu cortar aquella faixa de terra que separava os dois mares, hoje unidos num só! Somente quem algum dia fez a viagem do Oriente, contornando o continente africano e depois seguiu o mesmo destino transpondo o canal de Suez, poderá dizer quão grande e utilissima é a vantagem duma tal passagem.

Porem, tantos e tão proveitosos resultados, como trouxe comsigo o canal de Suez, já podemos prever do novo

canal do Panamá. E se tal é o caso, o que se deve esperar desta nova estrada que une hoje o oceano Atlantico ao Pacifico?

Emquanto houver um commercio mundial, sempre occupará o seu centro a Europa. Todos os paizes e ilhas do oceano Pacifico que o commercio procura antes de tudo, com excepção da Australia e da Asia Oriental, são attingidos muito mais facil e rapidamente por Suez, do que pelo novo caminho.

No emtanto, si o trafico com as duas regiões citadas será mais conveniente pelo canal de Panamá, é muito duvidoso, pois elle possue, ao contrario de seu competidor, a desvantagem de não encontrarem os navios, durante a travessia, nenhum porto onde possam transbordar mercadorias e principalmente fazer provisão de carvão. Os navios são, portanto, obrigados a conduzil-o em grande quantidade, o que geralmente se procura evitar a todo custo, pois o carvão occupa muito espaço e toma assim o logar destinado á carga, diminuindo, deste modo, consideravelmente o provento da viagem.

A utilidade da situação do canal só é visivel, si deixarmos de parte todo o velho mundo e considerarmos apenas o continente americano, principalmente a sua costa oeste. São Francisco e Valparaiso parecem ser os pontos mais favorecidos e, antes de tudo, ainda será talvez a California a região do ouro que até hoje está escondida atraz das montanhas, que tirará os melhores proveitos do novo canal. Porem, taes resultados só serão obtidos quanto ao lado commercial, pois quanto ao trafico de pessoas e serviço postal, que necessita e precisa ser praticado com urgencia isto será, como até hoje, feito pelas estradas de ferro que cortam os Estados-Unidos de leste á oeste, offerecendo ainda a vantagem das viagens serem muito mais curtas e agradabilissimas.

O transporte de mercadorias, no emtanto, que nada tem a ver com a rapidez e sim com o preço modico da viagem, adapta-se melhor por mar que por terra. Outras considerações podem-se fazer a respeito do trafico pelo canal de Panamá e a costa occidental da America.

Os portos do Norte, como Bogotá, Guayaquil e Calláo tirarão proveitos com o novo caminho; porem com as cidades chilenas, como Valparaiso e Iquique, tão importantes pelo seu commercio e que ficam mais ao sul, já não acontecerá o mesmo, pois muitos vapores, em lugar de atravessar o canal, para o que é preciso pagar enormes impostos, preferirão um trajecto mais longo, em compensação muitis-

simo mais barato, pela entrada de Magalhães, tendo ainda a vantagem de passar pelos importantes portos do Brasil e Argentina, onde certamente acharão meios de fazer excellentes negocios.

Sabemos muito bem que os americanos não mandariam construir um canal, que custou tanto dinheiro e tantos annos de trabalhos, somente para depois delle prompto só colherem prejuizos. Na minha opinião, elles guardam comsigo a causa de mandarem fazer tão admiravel obra de engenharia moderna e um dia saberão mostrar ao mundo quanto vale o canal de Panamá.

O que, porem, elles não podem negar é que esse canal foi uma obra de defesa, para quando, algum dia, rebentar essa guerra que já ha muito se está preparando, entre os Estados-Unidos e o Japão, bem poderem rapidamente transportar a sua frota do Atlantico para o Pacifico e assim mostrarem que são os primeiros do mundo, mesmo na rapidez do transporte de tropas.

A prova de que o canal é um ponto estrategico muito grande e que os americanos o abriram em seu interesse, verse-á nas possantes fortificações construidas em Colon e Panamá, duas cidades que guardam, como dois terriveis gigantes, a entrada do isthmo.

Se Gœthe hoje pudesse reviver, veria que as suas idéas, por um lado, eram verdadeiras, porem quanto ao outro, só o tempo lhe daria a resposta.

Carlos Mendonça.
(do Curso Gymnasial).

Pelo mundo antigo...

Athenas

Segundo as tradições, foi o gigante Theseu, um dos heróes da nação grega, que reuniu doze pequenas povoações denominadas *demos*, da antiga Attica, região situada na Grecia e banhada pelo mar Archipelago, formando um unico estado que teve por capital Athenas. Porem, esta narração está envolvida pelas phantasias da lenda, meio facil que os gregos frequentemente empregavam para explicar certos factos de que não tinham cabal conhecimento.

Não importa saber por quem ou como foi fundada essa cidade e sim o brilhante papel que representou na antiguidade como vanguarda dos idéaes nobres e alevantados, como

abrigos dos artistas e litteratos e, finalmente, como solicita mestra que foi, legando sabias lições á posteridade.

Estudando Athenas, revendo Athenas, parece-nos estudar e rever a Grecia e os gregos, tão indelevelmente estes deixaram impressos na sua gloriosa capital as suas excepcionaes aptidões estheticas.

Vamos achal-a no momento em que o genio emprehendedor de Péricles a soergueu das ruinas em que a barbaria persa a tinha soterrado.

Antes delle, ainda o illustrado filho de Milciades, Cimon, já tinha dado passos nesse sentido, chegando a empregar em obras o producto da pilhagem das cidades inimigas e a sua propria fortuna.

Por este tempo, que marca o apogeu da civilização grega, Athenas era formada de duas cidades distinctas: o Pireu e a cidade alta, cujo coração parecia ser a Acropole. O Pireu, que primeiramente tinha sido mandado adaptar por Themistocles, embora com a opposição dos espartanos, estendia-se onze leguas em redor e comprehendia tres partes: um porto de guerra, um de commercio e uma cidade maritima. Um extenso mólhe offerecia segura atracação aos navios, facilitando-lhes a descarga; grandes estaleiros attestavam o movimento do porto e os caes, atulhados dos mais variados productos, patenteavam a actividade do commercio, cujo centro era Athenas.

Erguiam-se aqui e alli estabelecimentos apropriados ás necessidades commerciaes: depositos de trigo, armazens; a Bolsa para as transacções, bancos, tribunaes, alfandegas, policia, hospedarias, lojas, botequins por toda a parte e o templo de Aphrodite, protectora dos marinheiros. Athenas era, ao mesmo tempo, entreposto e porto franco e vasos de guerra defendiam-lhe a entrada. A Acropole dominava o Pireu; era um rochedo abrupto por todos os lados, á excepção de um, onde estava situada a antiga cidadella e os templos de Minerva e Neptuno.

Desdobrava-se dahi um bello panorama, aos olhos do observador extasiado: o Pireu com as fortificações, os caes, as casas e o circulo de columnatas formavam um conjuncto de bella grandeza para o qual se sentia attrahida irresistivelmente. A entrada era facultada por uma bella escadaria de marmore no alto da qual havia um esplendido vestibulo formado por um duplo portico tambem de marmore. Columnas da mesma pedra espalhavam-se symetricamente pelo recinto.

A' esquerda da *Via Sagrada*, que passava pela porta do centro, erguia-se a colossal estatua de Athené, objecto

de especial culto dos athenienses, empunhando uma lança de ponta dourada e dominando ao longe o mar.

O *Erechtéion*, dedicado á deusa deste nome e a *Poséidon*, apresentava uma graciosa entrada por um portico, cujo tecto era sustentado pelas *Cariatidas*, enormes e elegantes estatuas de moças que revelavam no harmonioso contorno de suas linhas a nunca cedida pujança de imaginação da arte grega. Era no *Erechthéion* que se achava a estatua da Pallas, ao culto da qual eram, semelhantemente ás Vestaes romanas, votadas as jovens.

Após outros santuarios, chegava-se ao *Parthénon*, templo dedicado a *Athenas Parthénos* ou Minerva, o principal monumento da Acrópole e o mais celebre da arte grega. Era completamente construido de marmore e com tanta perfeição que só parecia feito de um só bloco, tal a pericia com que os sobrepuzeram, a ponto de não se lhes descobrirem as divisões. As fachadas eram ornadas com esculpturas alludindo a scenas da mythologia. No interior, havia duas salas desiguaes: a maior com a estatua de Athené, uma das obras primas do consagrado Phidias; a menor, mais atraz, reservada ao thesouro publico. Baixos relevos, profusamente espalhados pelas paredes, reproduziam os typos athenienses, na procissão dos *Panathenéas*.

Foi no lado sudeste da Acrópole, perto do theatro de *Dyonisios*, o qual diziam conter facilmente 30 mil pessoas, que Péricles mandou construir o *Odéon*, uma especie de conservatorio de musica, com cursos de cantos, lyra e cithara. Apezar de não ter sido possivel suprimir na cidade alta o dédalo de ruas estreitas e tortuosas, aquella embellezou-se e augmentou, graças aos melhoramentos nella introduzidos pelo seu sabio reformador.

Um dos bairros mais elegantes era o *Ceramico*, todo arborisado, deixando transparecer no estylo confortavel, nada sumptuoso, antes «coquette» das casas, o gosto aprimorado dessa raça que alem da arte que era a sua essencia, possuia o sublime dom de imprimir ao seu «menage» alguma cousa que contrastava da rigida opulencia romana e da monotonia barbara dos persas. Um outro bairro, a que grandemente affluiam, os passeantes, era o da «Academia», cujo caminho pela via dos tumulos fazia lembrar heroicas recordações. Os gymnasios, o Lyceu, cercados de bosques que exhalavam das ramarias um ar fresco e purificante, tendo fachadas artisticas, rodeados de uma multidão de columnatas elegantes, eram tambem concorridos logares de reunião. A praça do «Ágora» verdadeiro centro de vida atheniense, com as suas fileiras de estatuas symetricamente dispostas e

as sumptuosas edificações, entre as quaes a casa do Conselho, o «Pecilo», o «Portico» onde estavam cuidadosamente conservadas as leis de Solon e uma columnata de marmore dedicada a Deus, era digna da multidão de artistas que ahi se reunia.

Os estádios, os hypodromos, os circos e mais outros divertimentos attrahiam grande concorrencia. Mas ainda não é tudo. O céu azul que coroava esta cidade «bijou», as collinas verdejantes que a cercavam, como muralhas, e outras minudencias que contribuiam para o supremo acabamento desta obra, que os seus habitantes affirmavam de deuses e não de mortaes, não ha penna que as descreva, não ha palavras que as exprimam.

Basta dizer que o Atheniense, admirando em extase o fructo do seu genio, alliado ao rico patrimonio com que a natureza o dotára, parecia ver, no seu enlevo mystico, a sua bella cidade transformada na capital celeste, nymphas vagando pelas ruas de par com enamorados tritões; o Parthénon abrigando sob os tectos decorados, o olympico Jupiter, fero Marte, a audaz Diana,..

Leandro M. Tocantins.
(do Curso Gymnasial.)

O "Guarany"

Juizo critico

(Numa sessão do Gremio)

Ouso apresentar-me aos vossos olhares fulgentes de culta intelligencia; ouso falar-vos de litteratura, a vós que tão bellos conhecimentos ides haurindo da soberba materia. O meu intento é desempenhar o meu papel, assim como qualquer um de vós o fazeis quando é preciso; portanto, sêde condescendentes; perdoae-me o arrojo. Contemplae a asphyxiante immensidão da minha tarefa e comprehendei como me sinto insignificante e como fui louco e immodesto, confiando ao mesquinho saber de minha humilde personalidade a difficil empresa de elaborar a critica do «Guarany», considerada como a obra prima do grande romancista brasileiro José de Alencar. Porquanto, é no «Guarany» que podemos apreciar o caracter essencialmente patriotico do auctor e profundamente amador e admirador desta nossa natureza, cujos segredos e bellezas unicas elle nos relata em estylo

singelo e puro como as aguas dos nossos regatos virgens!

Pery, o heróe de indigenas peripecias e commoventes aventuras, possue qualidades notaveis: gratidão, obediencia, devotamento, coragem e perspicacia. Todos vós sabeis o drama commovente, passado nas selvas, que é o romance do «Guarany», cujo interesse ainda se revela na opera musical do nosso immortal Carlos Gomes, revivendo todo esse romance heroico e poetico.

José de Alencar foi buscar á nossa historia colonial um dos episodios mais bellos, tirados das lutas entre os bons colonizadores e os Aymorés, os ferozes Aymorés da capitania do Espirito Santo. De facto, D. Antonio Mariz e sua esposa representam um typo veneravel de velhas virtudes e de uma coragem indomavel. D. Alvaro é a bravura personificada no portuguez daquelles tempos; Cecilia, a filha do chefe portuguez, a moça romantica e religiosa, que se deixa amar por um indio Guarany que, inspirado de paixão pela senhora branca, arrisca, mais de uma vez, a sua vida por ella. Ayres Gomes, o homem de confiança, embora um pouco ridiculo nas suas bravatas, é um bom auxiliar de D. Antonio Mariz.

Em sentido contrario, o elemento hespanhol é representado num troço de aventureiros chefiados por um mau caracter, Loredano, ambicioso e trahidor, que só não leva a cabo a sua negregada empresa de dominar os portuguezes e apoderar-se de Cecilia, por causa do vigilante e bravo Pery e, sobretudo, do assalto dos Aymorés. E' uma luta bem dramatizada aquella do ataque da casa de D. Antonio Mariz, no meio da qual se distingue a bravura e sacrificio de Pery em tomar veneno para entregar-se aos inimigos, matando-se depois, quando comessem a carne do prisioneiro; e o perdão concedido aos bandoleiros, no momento em que D. Antonio resolvêra fazer voar a casa pelos ares, para não cahirem vivos os seus defensores, em poder dos selvagens raivosos e ávidos de vingança.

Este romance commove a nossa alma, porque nelle são descriptas as paixões humanas tão bem que, ao lel-o, jamais esqueceremos a scena do attentado de Loredano, penetrando no quarto da moça adormecida, mas logo punido por Pery, lançando-lhe um seta que o attingiu na mão ousada. Principalmente a ultima scena ou desfecho do drama é uma das creações mais bellas que um poeta poderia imaginar: Pery salva a sua senhora, fugindo para as selvas e desta para um barquinho. Alli os dois, unidos, falam de coisas de religião, esperando ficar sempre unidos até na immortalidade; e Cecilia, num rasgo de magnanimidade ou talvez de

amor, repele a canôa, um dia, para não ser entregue aos parentes de seu pae, preferindo ficar nos bosques com o seu amigo. E quando dá-se a calamidade da grande cheia, que tudo vae submergindo e o heróe do Guarany mergulha até á raiz duma palmeira para desprendel-a, fazendo-a fluctuar sobre o mar immenso das aguas, e sobre a sua copa, como se fosse um ninho, deslisam os dois amigos arrastados pela corrente, terminando o romancista por dizer que assim foram, seguiram, diminuiram de tamanho, até que a palmeira sumio-se no horizonte...

Como se vê, senhores, são o sentimentalismo e o heroico as duas notas que dominam o romance de J. de Alencar. Elle faz do nosso indio um ente extraordinario, como se fosse um heróe dos tempos gregos, quasi um Hercules ou quasi um Theseu. Mas é que Alencar pertencia ao seu tempo e á época chamada *romantismo*, que adaptou o indio a uns tantos processos de paixões e sentimentos heroicos ou generosos. Lembrae-vos de Gonçalves Dias, que tambem procurou fazer o que Sylvio Romero chamou *indianismo*, na litteratura. Quanto ao mais, sobre a sua maneira de dizer, todos vós sabeis como Alencar foi um mestre da sua lingua.

Eis, senhores, tudo quanto posso dizer pelo pouco que valho e pelo pouco que sei desta materia: Admiro J. de Alencar e a minha admiração vae ao ponto de vos aconselhar a ler todas as suas obras, que têm o merecimento de ser brasileiras e de palpitar como pela alma do seu auctor, devendo fazel-o de preferencia a muitas outras extrangeiras, que não têm o mesmo valor.

Francisco de Castro.
(do Curso Gymnasial).

Dissertação de these historica

(Numa sessão do Gremio)

«Seriamos mais felizes se fossemos colonizados pelos hollandezes?»

A enorme divergencia que infelizmente surgiu entre abalisados historiadores a respeito do assumpto, que neste momento nos preoccupa, torna immensamente difficil a formulação de uma resposta susceptivel de acolhimento. E essa divergencia inaccessivel á explicações suggere a amplitude de difficuldades, que neste momento me cercam, obstando

assim a satisfazer, de um modo razoavel, os meus illustres collegas. Por esse motivo, limito-me unicamente a trasladar para estas linhas as opiniões valiosas dos diversos escriptores que se empenham ardorosamente no combate ás densas trevas que envolvem este precioso capitulo da historia patria.

João Ribeiro, que bem merece o titulo «de critico dos historiadores brasileiros, em sua importante «Historia do Brasil», sob o titulo o «Brasil perdido para os hollandezes», escrevendo os prodigios de administração que o conde Mauricio de Nassau praticou, quando governador do Brasil Hollandez, punge-nos ao discrepar das opiniões contrarias dos outros escriptores e a ser favoravel á administração hollandeza ou, por outra, admittir que seriamos mais felizes se fôssemos colonizados pelos hollandezes.

A época do Brasil Hollandez foi realmente grande e sumptuosa em todos os pontos de vista e, principalmente quanto ao exemplo de cultura liberal e de civilização que a nossa terra jamais conhecera; os grandes beneficios que nos foram prestados, transformaram a aversão que a principio isolava os dois povos, brasileiros e hollandezes, em agradecida sympathia. Ninguem mais se lembrou de reagir contra o invasor, pois elle ennobrecia e cumulava de beneficios a terra conquistada.

O nosso paiz avançava rapidamente em todos os ramos do progresso: Artes e lettras floresceram velozmente, pois uma multidão de artistas, pintores, architectos, esculptores e mechanicos, emigrou para o Brasil, afim de, á sombra do sceptro de Nassau, traduzir com os dotes de seus officios as bellezas naturaes do opulento paiz. Recife e Olinda, os principaes centros daquelle tempo, progrediam assombrosamente: palacios esplendidos ornavam as ruas, pontes sumptuosas foram lançadas sobre os rios. Emfim, a concordia parecia abençoar a união dos dois povos, brasileiro e hollandez.

Admittindo a continuidade dessa benefica administração implantada em nosso paiz pelos hollandezes, caso tivessemos continuado sob o seu dominio, somos obrigados a affirmar que teriamos progredido mais, se fôssemos a principio colonizados por elles.

Tambem tomando em consideração os assombrosos progressos, que tem alçado a raça germanica acima de todas as outras, e á qual pertencem os hollandezes, é licito estarmos de accôrdo com essa opinião.

Porém, precisamos ouvir as doutrinas dos outros escriptores, submetter á justas medidas as suas razões, para então dizer com justiça e sciencia aquillo que é verdadeiramente historico.

Dentre os eminentes vultos que se oppõem a essa primeira exposição, sobresae José Francisco da Rocha Pombo. Este illustre historiador, em sua «Historia do Brasil», discorrendo sobre os elementos secundarios, que influiram na organização do Brasil, aponta a colonização dos hollandezes revestida de insignificancias.

O illustre homem de lettras reconhece no hollandez um povo laborioso, perseverante e honesto, porem nega que elles tenham governado bem o Brasil, quando sob seu dominio. Elle explica este contraste, estudando o exclusivismo do espirito hollandez que, segundo elle, foi a causa principal da perda quasi geral das suas innumeras conquistas, taes como New Amsterdam, que haviam tomado dos suecos, Cabo, que conquistaram aos portuguezes e o Brasil, que tanto cubiçavam. O escriptor, depois de mencionar estes varios desastres e querendo dar mais vigor ao que escreve, interroga:

—«Como se explicam taes vicissitudes em raça de qualidade tão excellente, de moral tão sã e de proverbial espirito constructor?».

Deante destas duas valiosas opiniões oppostas, que acabo de expor, ficamos inhabilitados a dar uma solução justa do difficil problema, cujos dados acho insufficientes para tornal-o soluvel.

Eu creio bem que, se estivessemos naquelles tempos em que o nativismo brasileiro lutava contra os filhos de Portugal, todos nós optariamos pelas excellencias da colonização hollandezas. Hoje, porem, vivendo num paiz livre e independente, cujos filhos precisam da cooperação de todos os elementos ethnicos e cosmopolitas para a prosperidade do Brasil, já não temos os mesmos sentimentos; e, se por um lado o imperio portuguez das Indias Occidentaes e Orientaes sossobrou restringindo-se a umas parcellas reduzidas, por outro lado ao dominio hollandez vae succedendo o mesmo. Alem disto, na qualidade de descendentes, pela maior parte, da raça portugueza, nós estamos mais ou menos incompatibilizados para responder definitivamente sobre o problema proposto. Que saia de outros povos o critico, o psychologo ou o pensador que venha fazer perfeita justiça, resolvendo a questão.

Conscio do cumprimento de meu dever, termino agradecendo aos meus illustres collegas a attenção que me dispensaram e penitenciando-me pela ausencia de brilhantismo com que me portei no decorrer desta oração.

Antonio Santos.

Como devemos estudar nossa historia para sermos bons patriotas

(Numa sessão do Gremio)

Neste nosso Gremio, nossas lutas são incruentas e as difficuldades que sinto representam as de uma pugna em que é preciso heroicidade para não succumbir.

Relevae-me, pois, se eu não tenho ainda a disciplina de soldado veterano ou a arte da bôa technica; pois apenas venho trazer aqui hoje o concurso de minha bôa vontade e o esforço de minha dedicação. Meus senhores, como devemos estudar a nossa historia para sermos bons patriotas? Nesta these ha dois pontos a considerar, a saber: Em que sentido entendemos o patriotismo e em que accepção entendemos a historia. Ser patriota é um dever de todos os filhos duma nação livre; ser patriota é defender essa nação contra todos os ataques á sua liberdade; é defender a obra e o esforço dos nossos antepassados! Em summa, como nos ensinou o nosso presado Director, em uma de suas conferencias neste Collegio, esse amor da patria não deve ser entendido com o exclusivismo da velha escola sectaria, mas de accôrdo com as idéas dos grandes pensadores, segundo as quaes devemos amar a nossa patria não somente por instincto, mas tambem pela razão, porque é só na patria e por causa della que nos poderemos tornar entes verdadeiramente sociaes para participar da obra de civilização, de que cada povo é um agente original. O contrario disso, isto é, falar em nome da patria, levianamente sem amar a nossa terra conscientemente, sem conhecer as suas excellencias sobre as demais, sem sentir a influencia de suas nobres tradições, sem comprehender a extensão de sua grandeza ou de seu valor material, não é ser patriota no sentido restricto da palavra. Para sermos bons patriotas, senhores, devemos estudar a sua historia e as suas instituições politicas. A nossa historia, por sua vez, sendo uma sciencia concreta dos factos importantes que respeitam a nossa vida moral, intellectual e physica, a nossa historia tem um conceito tambem especial de accôrdo com as idéas modernas; essa historia é um estudo de critica e de philosophia; é, sobretudo, um estudo de moral social, é uma sciencia que mostra a nossa evolução de povo livre e progressivo e, para fazel-a bem, ha mister de recorrer ás sciencias auxiliares de cujo conjunto e harmonia nasce a verdade historica.

Nesse sentido, estudando a nossa historia atravez de tantos factos civilizadores, desde os economicos, moraes, politicos e sociaes, estudando a nossa historia atravez de sua

evolução democratica, até a proclamação da Republica, de accôrdo com o meio ambiente e com os meios que a formaram, etc., chegaremos a receber uma lição de verdade e de civismo, tão nitida e tão convincente, que não hesitaremos em honrar a nossa Patria por actos de valor nem defendel-a em todas as occasiões com o maximo denodo e enthusiasmo.

Eu peço venia para citar alguns trechos de uma lição de instrucção civica que, por sua eloquencia, vem mostrar a verdade de minha these. São considerações historicas sobre a bôa formação do povo brasileiro, mas desde que as comprehendamos bem, poderemos concluir dellas tambem a bôa formação dos patriotas. Eil-as: «Sob o ponto de vista historico, o Brasil nada tem que invejar de outras nações mais felizes. E' certo que se tivesse sido colonizado por hollandezes, por exemplo, teriamos feito a nossa independencia com vantagens superiores. Entretanto, os elementos formadores da nossa nacionalidade, portuguez, africano e indigena, logo ao se fundirem, produziram uma geração brasileira que nunca degenerou. Em resumo, pode-se dizer que a nossa raça, descendente do povo portuguez, glorioso de tantos feitos heroicos, do elemento indigena que tem sobre os outros a excellencia de uma origem nobre e do elemento africano, adaptado á nossa terra e civilização, não podia deixar de ser destinada a grandes commettimentos. Devemos, pois, nos honrar em ser brasileiros e confiar no futuro que está reservado á nossa raça como a primeira nação livre da America do Sul».

O Gremio civico «Joaquim Nabuco» já conhece a nossa historia, já tem uma cultura geral que se vae affirmando, em cada sessão, pelos trabalhos multiplos em sciencias e lettras; eu não tinha, pois, necessidade de expender theoria sobre o patriotismo, porque esse Gremio é um centro de acção patriotica, é um nucleo de civismo, é um ninho de pequenas aguias, que mais tarde irão, por certo, abrir as azas poderosas para marcar alto e bem alto os horizontes da nossa patria. Como humilde consocio e solidario em tanta dedicação pelo trabalho, em tanta vibração de patriotismo, eu tercomeçando pelo que vós fazeis, isto é, estudando os nossos factos e as nossas instituições sociaes e politicas, festejando as nossas grandes datas nacionaes e fazendo o sacrificio dos nossos folguedos ou dos nossos lazeres para vir aqui trabalhar, para nosso bem e pela grandeza de nossa Patria.

Octavio Rayol.

(do Curso Gymnasial)

Como devemos estudar a geographia patria para sermos patriotas

(Numa sessão do Gremio)

.....

Na sua simplicidade e concisão, esta importante these, que me coube por sorte, é hoje, mais do que nunca, a preoccupação de todos instantes dos educadores brasileiros, dignos desse nome. O conhecimento da geographia, como é intuitivo, abre largos horizontes á intelligencia humana.

Fortalece o intellecto, purifica o moral e habilita a qualquer pessoa, que conviva em roda selecta a descretear acerca dos assumptos mais curiosos e interessantes á investigação humana, sem recahir na insulsa banalidade das phrases sem interesse. Principalmente porque essa bella sciencia como que comprehendia todas as outras, porque ha um pouco de tudo, nas paginas de um tratado de geographia, o individuo que a conhece profundamente pode considerar-se um membro valioso da sociedade em que vive, apercebido por uma dose invulgar de estudos geraes e por uma comprehensão mais nitida dos factos e problemas sociaes.

Por isso, o pedagogo allemão consagrou uma phrase que se tornou quasi sediça, a respeito do bom exito que sua patria obtivera em 1870 contra a França. «Sedan, dissera elle, não foi obra dos generaes mas sim do mestre escola». Isto significava que, emquanto o soldado francez daquella época se achava quasi desprovido das luzes da instrucção, o allemão havia, com o auxilio de professores habeis, aprendido com os rudimentos da lingua que, alem das fronteiras da patria, havia outros povos, outros costumes, outras leis; acostumaram-se a percorrer com a vista meditativa os mappas abertos á sua curiosidade, annotando, verificando, aprendendo muita cousa, que mais tarde lhes havia de servir e aproveitar.

Depois do estudo da lingua patria é, sem duvida alguma, o estudo da geographia o que mais deve interessar o estudante brasileiro. A historia ficará para ser aprendida depois, quando estiver perfeitamente estudado o seu scenario. Infelizmente, na nossa terra, dá-se o inverso do que acontece na Inglaterra, na França, na Allemanha. Os naturaes desses paizes, não saberão bem a geographia do resto do mundo; terão dessa sciencia uma idéa vaga, o quanto seja sufficiente para o seu conhecimento relativo, que visa a utilidade. No emtanto, no que diz respeito á propria geographia, tanto se esmeram e trabalham nas investigações desse estudo, que não é facto esporadico encontrar-se verdadeiros

homens de sciencia geographica e estatistica entre os membros das classes mais bem aquinhoadas pela fortuna.

O povo ensinado por emeritos professores tem as noções mais pormenorizadas acerca dos accidentes physicos como da vida social e economica de sua patria. Entre nós, abrindo raras excepções, os estudantes se inclinam mais ao estudo da geographia alheia do que da propria, o que traz em consequencia o enfraquecimento gradual do sentimento civico. Não é custoso encontrar um alumno que se dê ao trabalho de saber, por exemplo, com todas as minudencias, o percurso de um rio secundario da França, equivalente ao mais estreito dos nossos igarapés, ignorando onde fica a cachoeira Paulo Affonso e que Cuyabá é capital de Matto-Grosso! Perdem, assim, um bello ensejo de educar o espirito, porque, se todos nós nos capacitassemos do nosso valor como povo privilegiado que somos pela natureza, sentiriamos verdadeira delicia ao considerar essas bellezas incomparaveis da nossa terra, esses accidentes gigantescos da nossa natureza ambiente, essas regiões feracissimas, nas quaes o veio aurifero serpenteia quasi aos olhos do observador e a terra virgem só espera ser aproveitada pelo homem, para lhe dar a melhor recompensa que elle possa conceber. E' certo que hoje, ao impulso de brasileiros benemeritos, vamos deixando a antiga incuria, neste assumpto. Muito ha, porem, a fazer. E' necessario que, cada vez mais, se comprehenda que o unico estudo salutar da geographia patria, como formador de cidadãos patriotas é o que se fundamenta na critica historica, relegando o methodo rotineiro do decorar, para se tornar mais liberal e philosophico, considerando todos os factos de um ponto de vista humano e, sobretudo, nacional. Ao tratar, por exemplo, dos rios, deve o professor, ao referir-se ao Amazonas, falar dessa grande data que assignalou a abertura da maior via fluvial terrestre á livre navegação; ao falar no rio da Prata, deve remontar a Solis; ao referir-se ao modesto Riachuelo, reviver, ao espirito do alumno, o quadro desta luta tremenda, que foi a batalha naval que nas suas aguas se desenrolou...

Ao tratar das montanhas, deve associar, ao passo que as for enumerando, a idéa do nome á do facto historico que, por ventura, nella ou á sua vista se tenha perpetuado. Assim, o monte Paschoal, o morro do Alecrim, os Guararapes, o morro do Cabrito, entre tantos outros, merecem a doutrinação civica do professor.

Os compendios de geographia, genuinamente nacionaes, não são muitos; auctores extrangeiros, mais do que os nossos, têm estudado o Brasil pelo interesse que lhes des-

perta esta bella zona do globo, que mereceu os elogios de Victor Hugo, de Humboldt e tantos outros. Haja vista o que sobre a nossa patria escreveu Elizeu Reclus.

Todo estudante brasileiro deveria ter essa obra, como um guia valioso e indispensavel. O Dr. Ramiz Galvão traduziu-a para o portuguez, dada a importancia e necessidade que de sua orientação havia. Outro grande geographo que estudou a nossa terra foi Wappoeus.

Costumam citar outros, o que vem pôr em relevo a nossa pobreza bibliographica. Mas tempos melhores estão prestes a surgir. Teremos os nossos auctores geographos; teremos o estudo acurado dessa disciplina, como norma civica; teremos gosto pela investigação geographica da nossa terra!

Desta geração que se prepara hão de surgir essas capacidades, porque, felizmente, já se acha bem encaminhada nessa direcção, no ambito deste estabelecimento, onde o ensino da geographia patria visa exactamente crear na pessoa do homem ou da mulher cultos brasileiros patriotas.

Gloria Corrêa.
(do Curso Normal)

"Nossa Patria"

Por Virgilio Cardoso de Oliveira.
Livro adoptado nas escolas.

(Numa sessão do Gremio)

Fazer critica de um livro didactico, litterario ou scientifico não é tarefa para todos os intellectuaes, quanto mais para mim que enceto apenas os primeiros passos no caminho dos estudos secundarios e não tenho ainda idéas precisas para louvar ou reprovar qualquer obra.

Entretanto, é dos nossos estatutos que tentemos sempre todas as empresas por mais arduas que sejam e que a sorte nol-as imponha e eis, senhores, porque ouso accupar a vossa attenção, lendo os traços rapidos de uma apreciação feita sobre o livro do Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, intitulado a «Patria Brasileira», reeditado com o nome de «Nossa Patria». Não é um extranho para nós o Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, porque já exerceu neste Estado os notaveis cargos de Secretario do Governo e Director do extincto Instituto Civico Juridico, destinado a dar instrucção gra-

tuita aos filhos do povo, durante a noite, e ainda hoje exerce o de Administrador dos Correios.

Dedicado ao ensino desde muito moço, elle comprehendeu que uma das lacunas mais importantes a preencher entre nós era a de um bom livro de leitura, um verdadeiro livro que, no dizer de José Verissimo, por elle citado, seja brasileiro pelos assumptos, brasileiro pelo espirito, brasileiro pela anthologia e pelo sentimento nacional que tambem o deve animar.

Foi assim que elle confeccionou a sua obra, que se acha dividida em 15 longos capitulos e grandemente illustrada. O 1.º se intitula Patria e Escola; o 2.º Territorio e População; o 3.º occupa-se dos nossos limites e fronteiras legaes; o 4.º trata de uma synthese historica da nossa nacionalidade; o 5.º expõe as divisões; o 6.º descreve os nossos grandes rios Amazonas, Tocantins, S. Francisco Negro e outros, com todos os detalhes chorographicos, terminando pelo Paraguay, a cujo proposito refere os episodios mais patrioticos da guerra em que estivemos com a republica do mesmo nome; o 7.º estuda os nossos portos, lagos e bahias, fazendo ao mesmo tempo as mesmas referencias patrioticas sobre as invasões franceza, ingleza e hollandeza no nosso paiz; o 8.º trata dos cabos, pontas e ilhas e, do mesmo modo, de alguns episodios patrioticos correspondentes, como o de D. Maria Quiteria, e da occupação da ilha da Trindade pelos inglezes; o 9.º versa sobre serras, montes e montanhas; o 10 sobre o nosso clima e suas excellencias; o 11 encerra as nossas producções e riquezas, a par das bellezas naturaes e, no meio disso, vem a descripção da cidade de Belem do Pará, da nossa floresta, do diamante «Estrella do Sul», da nossa fauna, dos episodios de D. Anna Nery; o 12 occupa-se das vias de communicação, industria e commercio; o 13 encerra um estudo ethnographico com referencias ao Marquez de Pombal, á questão da liberdade dos captivos, á nossa litteratura e aos nossos aeronautas Bartholomeu de Gusmão, Augusto Severo e Santos Dumont; o 14 comprehende assumptos de religião e instrucção e o 15 a nossa defesa nacional, terminando por descrever a batalha de Riachuelo.

O livro se fecha com a celebre allegoria de Pedro Americo, imaginando o magnifico templo da Paz e Concordia, que elle adopta como remate e como grande e nobre aspiração de um povo: «Que esta allegoria, meus caros meninos, fique bem gravada no intimo de vossas consciencias e que todos vós, fortalecidos pela instrucção e unidos pela fraternidade escolar, vos prepareis, desde a infancia, para mais tarde, no convivio social, mantendo inquebrantaveis a soli-

dariedade nacional, o imperio da Lei e a supremacia do Direito, trabalhardes com amor e civismo pela gloria do Brasil».

Bem se vê, senhores, que foi grande e extraordinario o esforço do seu auctor, ao publicar o livro de que ora me occupo; basta lembrar que, de permeio á materia por mim summariada, elle teve que inserir os retratos dos nossos patriotas, alem de artigos, como Placido de Castro, Barão do Rio Branco, Fernandes Vieira, Tiradentes, Visconde de Cayurú, José Bonifacio, Visconde de Magé, os Andradas, Benjamin Constant e seus companheiros de jornada republicana, Floriano Peixoto, Prudente de Moraes, Manoel Victorino e mais politicos do 1.º e 2.º imperio, o sabio Couto de Magalhães, Henrique Dias e os nossos bravos guerreiros, como Tamandaré, Silvado, Porto Alegre, Inhaúma Vital de Oliveira, Cordovil, Maurity, Caxias, Argolo, Menna Barreto, Pelotas, Custodio de Mello, Saldanha da Gama, Joca Tavares, Altino Corrêa e até a lendaria D. Maria Quiteria.

Os nossos grandes poetas como Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Castro Alves, Porto Alegre e Magalhães, assim como os nossos grandes estadistas, e bem assim os heróes da companha da abolição, como José do Patrocinio, Joaquim Nabuco, Leonor Porto, João Alfredo, estão todos retratados; e os nossos homens de sciencia como Oswaldo de Farias, Augusto Severo e Santos Dumont, etc.

Os nossos litteratos como José de Alencar, Manoel de Macedo, Machado de Assis, Visconde de Taunay, Graça Aranha, Agrario de Menezes e Arthur de Azevedo, os nossos juristas, Teixeira de Freitas e Nabuco Araujo, pae do nosso patrono, o orador grande sacro Mont'Alverne, o nosso immortal Carlos Gomes; os grandes educadores Barão de Macahubas; a divinal cantora Clotilde Maragliano, os pintores Victor Meirelles, Pedro Americo, os celebres ornamentos da igreja D. Romualdo de Seixas e D. Antonio de Macedo Costa, etc., ornam o livro com as suas imagens sugestivas. Alem disto, ainda ha mappas, vistas de cidades, quadros de batalhas, estatuas, paisagens originaes, acampamentos de mineração, scenas historicas, etc., de monumentos, pelos quaes os leitores acabarão de ficar bem instruidos sobre o assumpto. E o que dizer da escolha dos primores da nossa litteratura, principalmente em sua parte poetica?

Elle joeira versos como os de Magalhães sobre o Amazonas, de Paulino de Brito sobre o rio Negro, a bella descripção de Affonso Celso sobre a Cachoeira de Paulo Affonso, a poesia de Emiliano da Fonseca sobre o tumulo do seu irmão, as estrophes de Castro Alves sobre o 2 de Julho, as de José Bonifacio, «O corneta da morte», Casimiro

de Abreu, sobre a nossa terra (Canção do Exilio); e os nossos hymnos e nossa musica, e tudo mais que, contamos de sublime e patriotico!

Senhores, eu não poderia, ainda mesmo que o soubesse, fazer uma critica completa deste livro; é uma obra dignamente ambiciosa, encerra o Brasil inteiro. Entretanto, peço venia para critical-o, declarando apenas que, por isso mesmo, elle encerra assumptos que poderiam dar outros tantos livros e que só um espirito de alumno bem adiantado poderá lel-o e estudal-o sem ser levado pela simples curiosidade de apreciar as illustrações.

Todos nós deveremos possuil-o em nossa bibliotheca como um archivo de nossas cousas e de nossas tradições honrosas. Quanto ao mais, nada posso dizer sobre o seu estylo e merecimento pedagogico, porque julgo-me incompetente e termino apenas affirmando que este livro é um inspirador de outros livros brasileiros e que seu auctor, já pela sua bella instrucção, já pelo seu trabalho, merece todos os nossos louvores.

Apenas como paraense lastimo que tratando da propaganda republicana no Pará e dos seus estadistas, não tivesse elle incluido os retratos e os serviços prestados por Justo Chermont e Lauro Sodré, quando tratou de Antonio Lemos, Paes de Carvalho e Augusto Montenegro. Se o fizesse seria mais completo e mais justo.

E' quanto vos posso informar, depois de alguma meditação, que os poucos momentos de descanso de meu estudo permittiram.

Por isso, peço-vos muitas desculpas, sob protesto de maior proveito em melhor occasião, isto é, quando a sorte me seja mais propicia.

Thereza Coutinho.
(do Curso Gymnasial).

Adhesão do Pará á independencia nacional

Commemorar as nossas grandes datas é um dever civico que se cumpre nesta casa com uma espontaneidade tão simples como encantadora.

E' bello ver como, em todos os dias de festa nacional ou estadual, o nosso nucleo escolar se manifesta em demonstrações de jubilo patriotico, cumprindo á risca os singelos programmas dos festivaes.

Quinze de Agosto, como todas as outras grandes datas da historia brasileira, é festejada patrioticamente pela mo-

cidade neste grandioso recinto escolar, pois esta data representa um dos mais gloriosos feitos daquelles que como Rosmualdo Antonio de Seixas, Patroni, João Balby, Baptista Campos e muitos outros, fizeram repetir o echo alviçareiro, atravez das florestas e das plagas amazonicas, do brado de «Independencia ou Morte».

Portanto, não foi sem motivo justificavel que se perpetuaram os nomes desses heróes, que sobranceiramente arrostaram os preconceitos da epoca em que era um crime reagir contra a tyrannia dos poderosos inimigos da nossa nacionalidade ou do nosso nativismo. Foram elles que levantaram o povo do Pará nesta cruzada de liberdade e que se sacrificaram pela terra natal ou pela independencia da bella região amazonica, que lhe deve o regimen constitucional e cuja população hoje os acclama como se deve acclamar os heróes das nobres façanhas.

Antes de 15 de Agosto de 1823, o Pará vivia immerso no marasmo e na subserviencia, não tinha progresso economico nem instrucção publica. O governo colonial mantinha, propositalmente, esse regimen, para que o nosso povo continuasse a trabalhar para a metropole e não abrisse as azas para a luz e para a liberdade. Assim, quando Felippe Patroni conseguiu fundar o primeiro orgão da imprensa com o modesto nome de «Paraense», logo se organizou naturalmente o partido brasileiro, pois logo se começou a fazer a analyse da administração dos negocios publicos, com a critica dos actos injustos e prepotentes do Governo.

Diz-nos a historia quanto soffreram esses obreiros da liberdade; ella mostra-nos como foram subornados os typographos, como foi encarcerado Felippe Patroni, o redactor chefe, e deportado Baptista Campos, seu substituto, para logares inhospitos, e como, finalmente, os tyrannos confiscaram a typographia para a publicação de um jornal que abraçasse a causa da prepotencia, sob o nome de «Luso Paraense».

Tratando-se deste evento maravilhoso, eu não poderia ter idéas originaes, nem vos expôr os brilhantes successos que assignalam esta grande data, por uma forma differente e por uma versão mais patriotica do que aqui tem sido feito, neste instituto, pelo nosso prezado Director. Por isso, para desempenhar-me sufficientemente e com mais desembaraço e confiança, lhe peço venia para repetir os conceitos emittidos a respeito, no orgão do nosso gremio ou nesta «Folha Escolar» que, tratando do movimento que expulsou a Junta do governo colonial desta terra, a 15 de Agosto de 1823, disse com razão:

«Se Greenfell não tivesse vindo officialmente ao Pará

proclamar a Independencia do Brasil, nem por isso deixariamos de fazer a adhesão ao grande acontecimento redemptor, expulsando os elementos absolutistas, partidarios do antigo regimen, como succedeu nas provincias do Rio de Janeiro, Pernambuco e outras.

O Pará fôra propositalmente segregado da communicação com os nucleos brasileiros, só recebia as noticias que lhe eram enviadas de Lisboa, de accôrdo com as conveniencias e eis o motivo por que o movimento de Independencia deixou de ser antecipado ao dia da proclamação official.

Muitos foram os seus illustres filhos que viveram, como os de Minas Geraes, conspirando pela liberdade e jamais se apagarão de nossa memoria os seus nomes.

Louvemos, pois, todos esses grandes heroes e guardemos com veneração a data de 15 de Agosto, conscientes de que o Pará tambem deu apostolos á nossa liberdade politica, tambem concorreu com os seus martyres para a Independencia do Brasil».

E agora, que estamos em vespera da commemoração do Centenario deste grande evento paraense, iremos reviver aquella epoca de lutas heroicas e, mais uma vez, prestar com todo enthusiasmo a nossa homenagem civica aos vultos que levantaram bem alto esta terra, pugnando por sua independencia e assim se tornando dignos brasileiros. Aguardemos, pois, as festas que se auspiciam brilhantes de tão justa commemoração.

Armando Bordallo da Silva.
(do Curso Gymnasial).

A' memoria de Ruy Barbosa

Ruy Barbosa! Oh! genio immortal, mestre dos mestres, apostolo insigne do saber, a Patria, essa mãe carinhosa e bôa, prantea a tua perda irremediavel!

Como já disse alguem, em vida tua: «As mil vozes da raça e da historia clamam. Sobem, como volutas, as preces commovidas, de que teu nome se evola, como o fumo biblico do nardo».

Fôste a estrella scintillante, irradiadora da justiça e da verdade e o fulgor do teu brilho jamais se apagará da memoria dos brasileiros, pois teu nome está, em lettras permanentes, gravado em nossas consciencias e delle brotam lagrimas perennes de saudade!

Os heróes não morrem: desapparece a materia, mas o

nome passa á posteridade, tornando-se um monumento immorredouro, verdadeira estatua do Exemplo.

Fôste grande entre os grandes do mundo. O que muitos fizeram por meio da força, fizeste-o com a sabedoria e eloquencia ascencional e persuasora.

Infelizmente, emmudeceu a bocca facunda do maior dos brasileiros, ó immortal Ruy Barbosa!

Não chora somente a alma nacional, mas a propria civilização occidental que te coroou como mestre dos mestres.

* * *

Desde o berço que Ruy Barbosa trouxe na fronte o signal do genio ou dos eleitos do Senhor; desde logo brilhou nos estudos superando as difficuldades do ensino do seu tempo. Bem cêdo diplomado, logo se impoz á admiração dos contemporaneos na tribuna, na imprensa e na politica; e, dahi em diante, pode-se dizer que Ruy Barbosa collaborou em nossa evolução democratica e liberal, porque tomou parte activa nas campanhas travadas para a solução de todos os graves problemas nacionaes. Assim foi sob o Imperio: bateu se pela liberdade religiosa, pela eleição popular, pela abolição dos captivos, pela federação das provincias, pela reforma do ensino, pela propaganda da Republica. E assim foi neste regimen politico: desenvolveu uma actividade assombrosa, no campo do Direito, a começar pela elaboração da vigente Constituição Republicana e continuou pela promulgação do Codigo Civil e pelos trabalhos da Conferencia de Haya, até o seu ultimo esforço pela defesa dos direitos dos cidadãos de que era um advogado sem rival. Portanto, Ruy Barbosa deixa uma obra estupenda em sabedoria que, na phrase do nosso prezado Director, ha de resistir ao tempo como as pyramides do Egypto.

* * *

Ruy Barbosa! tu que fôste um evangelizador da liberdade, um valoroso batalhador do Direito, um pregador incansavel do saber, perdôa-me se o estylo deste escripto não corresponde á excelsa personalidade, que apenas tentei bosquejar.

Irene Teixeira.

(do Curso Gymnasial).

INDICE

INDICE

		Pags.
	Prefaciando	5
Cap. I	—A Paixão e a Finalidade do Ensino	13
» II	—O Ensino Educativo no Pará	37
» III	—Processos Pedagogicos	67
» IV	—Methodologia no Curso Primario	95
» V	—Palestras Semanaes	135
» VI	—Suggestões Moraes	183
» VII	Imprensa Escolar	215

A' guisa de errata

A mingua de tempo com que lutamos não nos permittiu rever a materia, aliás tracejada por varias pennas, com o cuidado indispensavel, para dar-lhe rigorosamente aspecto coherente e unidade orthographica. Por isso, escaparam muitos lapsos que, numa segunda edição, poderemos corrigir.

Na collocação dos pronomes obliquos desviamo-nos, algumas vezes, da doutrina imposta pela grammatica actual, porque, neste particular, sempre seguimos a orientação preconizada pelo saudoso philologo paraense Dr. Paulino de Brito.

Finalmente, inserindo a lettra do Hymno do Pará, á pagina 210, escapou-nos a declaração, que ora fazemos, de que foi inspirada no mesmo motivo da poesia de Carlos Dias Fernandes, musicada por Milano, a qual substituimos por achal-a pouco accessivel ás crianças.

O AUCTOR.

AM
F 240

ESTADO DO AMAZONAS

A Instrucção Publica

no quadriennio do

Presidente EPHIGENIO DE SALLES

1926 — 1929

2

Manáos — Maio, 1929

IMPRENSA PUBLICA

B I B L I O T E C A

ESTADO DO AMAZONAS

IGHA
FOLHETO
REG. 240 ex. 2
DATA 20 / 11 / 84

A Instrucção Publica

no quadriennio do

Presidente EPHIGENIO DE SALLES

1926—1929

AmM
F 240

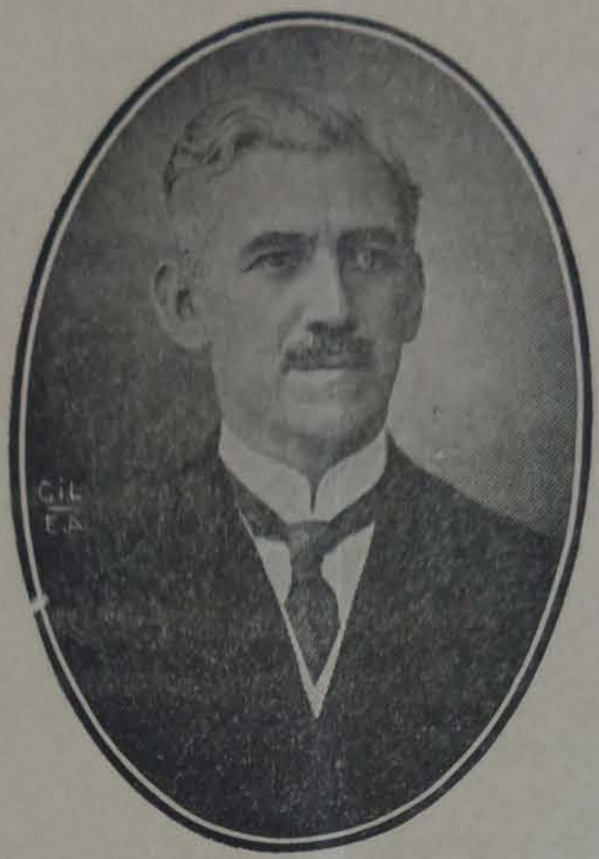
IGHA
FOLHETO
REG.
DATA / /

INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DO AMAZONAS
BIBLIOTECA
REGISTRO
Ref. as
Rodhen H 56
REGISTRO No 22 ff em 15/06/22

Manáos—Maio, 1929

IMPRENSA PUBLICA

Dr. Ephigenio Ferreira de Salles



Presidente do Estado

Dr. M. O. Sá Antunes

Secretario Geral do Estado

Prof. Agnello Bittencourt

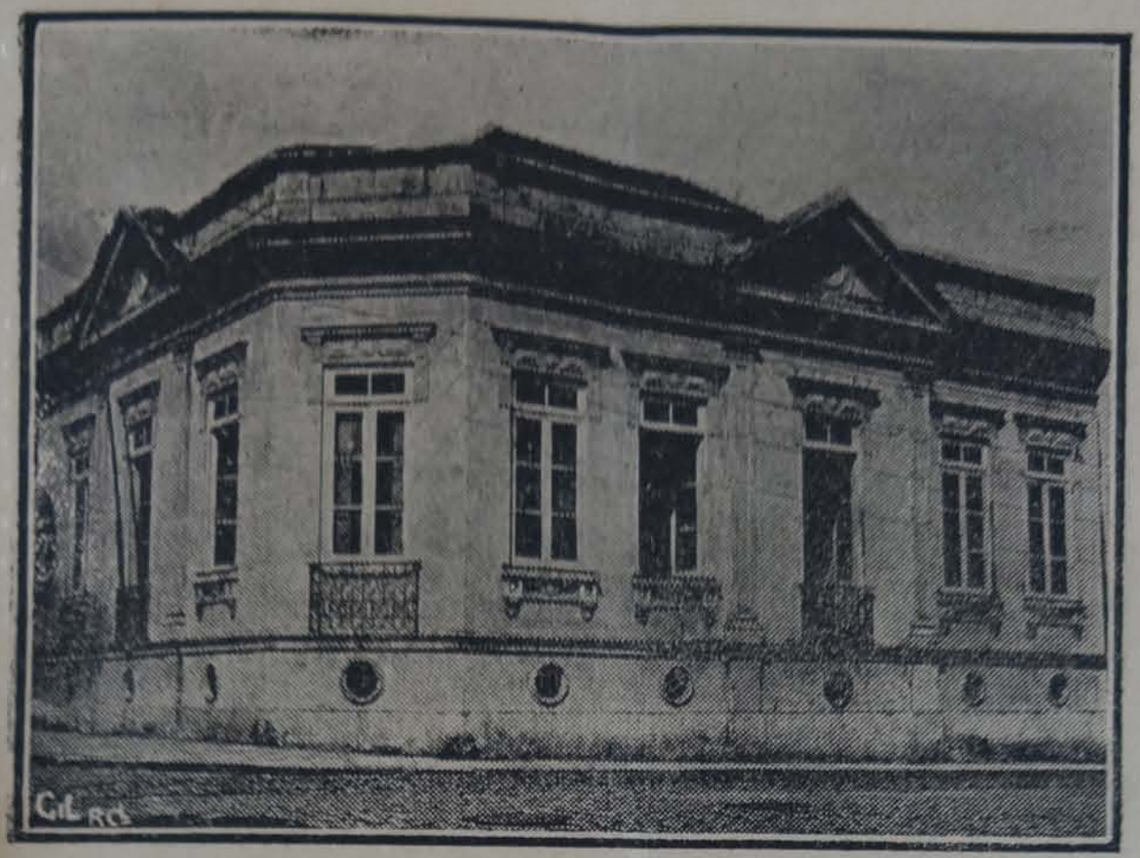
Director G. da Instr. Publica

Directores da Instrucção Publica do Amazonas, de 1901 a 1929, com o tempo de serviço de cada um

	Annos	*Mezes*	*Dias*
Dr. Joaquim P. Teixeira	1	4	19
Dr. Guilherme G. da Silveira	1	2	15
Dr. Raphael Benayon		1	8
Dr. Francisco T. da Cunha Mello		3	26
Dr. Jorge de Moraes		6	7
Dr. Antonio Monteiro de Souza		3	28
Dr. José da S. de Souza Gayoso	1	1	20
Dr. Guilherme Catramby	1	10	17
Dr. Placido Serrano P. Andrade			10
Dr. Geraldo de S. Paes de Andrade	2	3	26
Dr. Anchises Cabral R. da Camara		5	3
Dr. Adriano A. de Araujo Jorge		5	26
Prof. Agnello Bittencourt	1	2	
Dr. Rodrigo Costa		6	23
Torquato Antonio Ribeiro		8	25
Dr. Jorge de Moraes		6	6
Dr. Virgilio Ramos		8	6
Dr. Jonathas Pedrosa Filho		2	3
Theophilo Alexandre de Carvalho			23
Dr. Placido S. Pinto de Andrade	1	2	22
Dr. José Francisco de A. Lima	2	8	6
Dr. Theogenes da Silva Beltrão	1	3	22
Dr. José de Britto Pereira	1	10	8
Dr. Adelino Cabral da Costa	1	8	15
Prof. Marciano Armond		4	3

O Prof. Agnello Bittencourt (actual), nomeado por acto de 3 de Dezembro de 1924, assumindo o exercicio a 4 do mesmo mez e anno, contando até a presente data (20 de Julho de 1929), 4 annos, 7 mezes e 16 dias de exercicio.

Edificio da Directoria Geral da Instrucção Publica



Funccionarios da Directoria Geral

Director—Prof. Agnello Bittencourt
Secretario—Dr. Gentil Augusto Bittencourt
Officiaes—Dr. João de Oliveira Freitas e Francisco Rebello de Souza
Amanuenses—Francisco Augusto Alves de Mello e Elisa Uchôa
Almoxarife—Jonathas Ribeiro Madeira
Porteiro—Luiz Maia da Rocha
Continuos—Benedicto Ferreira Catão e Manoel Ferreira da Silva
Servente—Cornelio Paulo de Araujo

Além destes funccionarios, tem mais a Sta. Carmen Mello e D. America do Sul Campos Pereira, como praticantes e Sta. Zuleika de Castro Caminha, como auxiliar de gabinete.

QUADRO geral das matriculas, frequencias

ESCOLAS	
ENSINO PUBLICO	
1 Escola Modelo	
92 escolas de 1.ª entrancia (cap.) em 14 grupos escolares	
8 » isoladas de 1.ª entrancia (capital)	
2 » regimentaes (1.ª entrancia »)	
14 » de 2.ª entrancia (cidades) em 4 gráos escolares	
10 » isoladas de 2.ª entrancia (cidades)	
26 » » 3.ª » (villas)	
126 » de 2.ª cathegoria (ruraes) povoações	
279 Escolas	Somma
Ensino particular inscripto	
27 Collegios e escolas	
Ensino particular não escripto	
13 Collegios	
Ensino Municipal	
20 Escolas	
339 Escolas	Total

e alumnos alphabetizados em 1928

MATRICULA			Frequencia	Analphabetizado
Masculino	Feminino	Total		
18	156	174	164	—
1.873	3.025	4.898	2.737	732
213	296	509	264	93
110	—	110	48	18
398	498	896	567	107
157	336	493	363	78
747	493	1.240	841	98
2.599	2.314	4.913	3.315	657
6.115	7 118	13.233	8.299	1.783
1.095	762	1.857	1.303	255
509	317	826	695	—
1.331	768	2.099	1.335	—
9.050	9.965	18 015	11.632	2.038

Grupo Escolar "Silverio Nery" em 1928

Matricula 462 alumnos. Frequencia 285. Alumnos approvados 198

Grupo Escolar "José Paranaguá em 1928

Matricula 376 alumnos. Frequencia 188. Alumnos approvados 176

Distribuição da matricula nas escolas publicas, por sexo

Masculinos	6.115
Femininos	7.118
Total	13.233

Idem, idem, por naturalidade

Naturaes do Amazonas	12.403
Idem de outros Estados	739
Estrangeiros	91
Total	13.233

Idem por etapas do curso primario

Curso preliminar e jardim da infancia		7.535
Curso elementar :		
1.º anno	2.540	
2.º "	1.519	
3.º "	1.003	5.062
Curso medio		461
Curso complementar Escola Modêlo		175
Total		13.233

Completaram o curso medio em 1928, alumnos	390
Completaram o cyclo do curso primario (Escola Modelo), alumnos	91

—A verba da Instrucção Publica para o exercicio do corrente anno de 1929 é de 1.882:500$000. Esta verba não comprehende as despezas de construcção de predios escolares.

—Foram creadas pelo actual governo 41 escolas.

Grupo Escolar "Presidente Bernardes" em 1928

Matricula 363 alumnos. Frequencia 186. Alumnos approvados 145

Grupo Escolar "Saldanha Marinho" em 1928

Matricula 707 alumnos. Frequencia 377. Alumnos approvados 270

Movimento escolar comparativo de 1924 a 1928 (Escolas estaduaes, municipaes e particulares)

ANNO	N.º de escolas	Matr.	Freq.	*N.º de alumnos por escolas*	
				Matr.	Freq.
1924	162	5.725	3.166	34	19
1925	278	11.374	6.009	40	21
1926	337	14.920	9.266	44	27
1927	368	17.914	11.279	48	30
1928	338	18.015	11.632	53	34

De 1925 a Maio de 1929 foram fornecidos ás escolas publicas do Estado os seguintes materiaes:

Bancos-carteiras para 2 logares	65
" " " 1 logar	50
" " restaurados	52
" simples para 10 logares	10
" " " 4 "	1.032
" " sem encosto	95
Estantes para livros	2
Cadeiras para professores	52
Cadeirinhas para o Jardim da Infancia	43
Carteiras escrivaninhas	24
Carteiras magistraes	4
Mesas magistraes	82
Idem para filtros	2
Idem de centro	2
Idem para o Jardim da Infancia	4
Harmonium portatil	1
Piano americano	1
Filtros	12
Quadros arithmeticos	2
Porta-mappas geometricos	2
Relogios para parede	12
Quadros negros	120

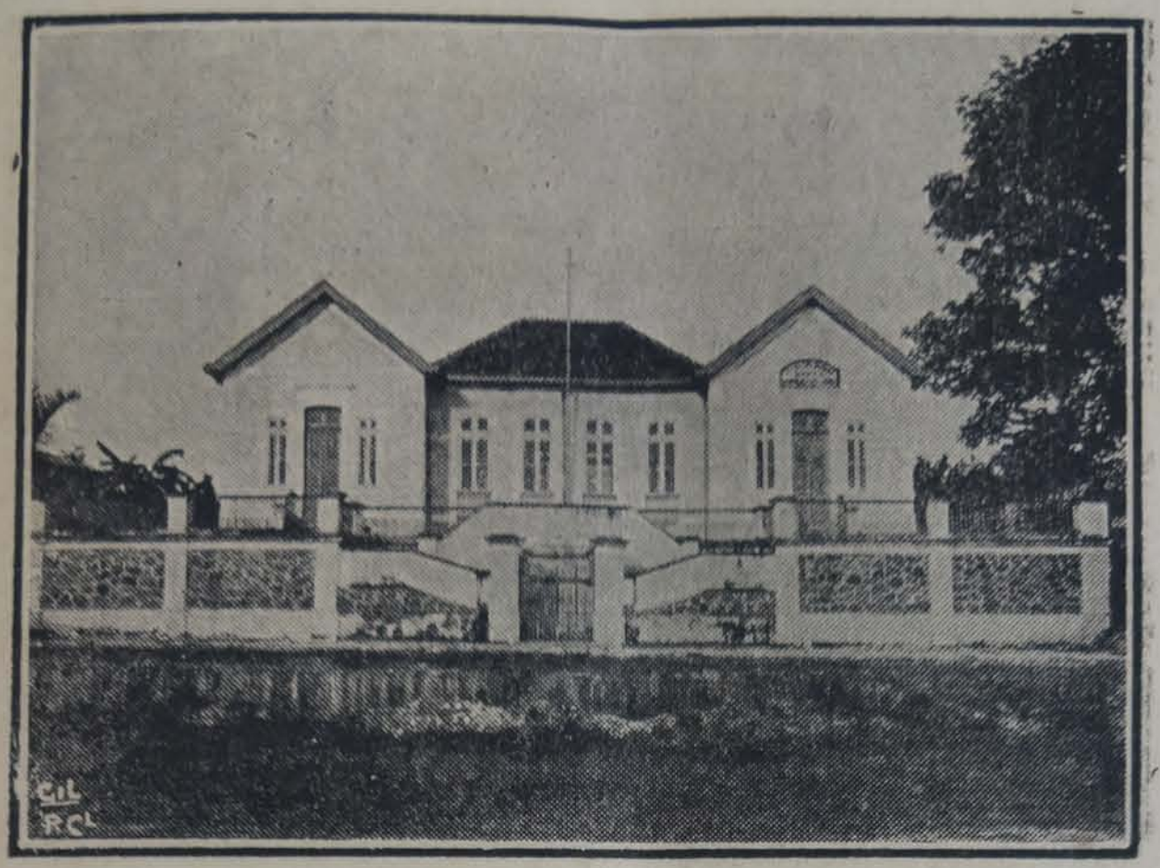
Collocação dos Municipios pela ordem de matricula

Ensino primario e normal do Estado do Amazonas

Anno de 1928

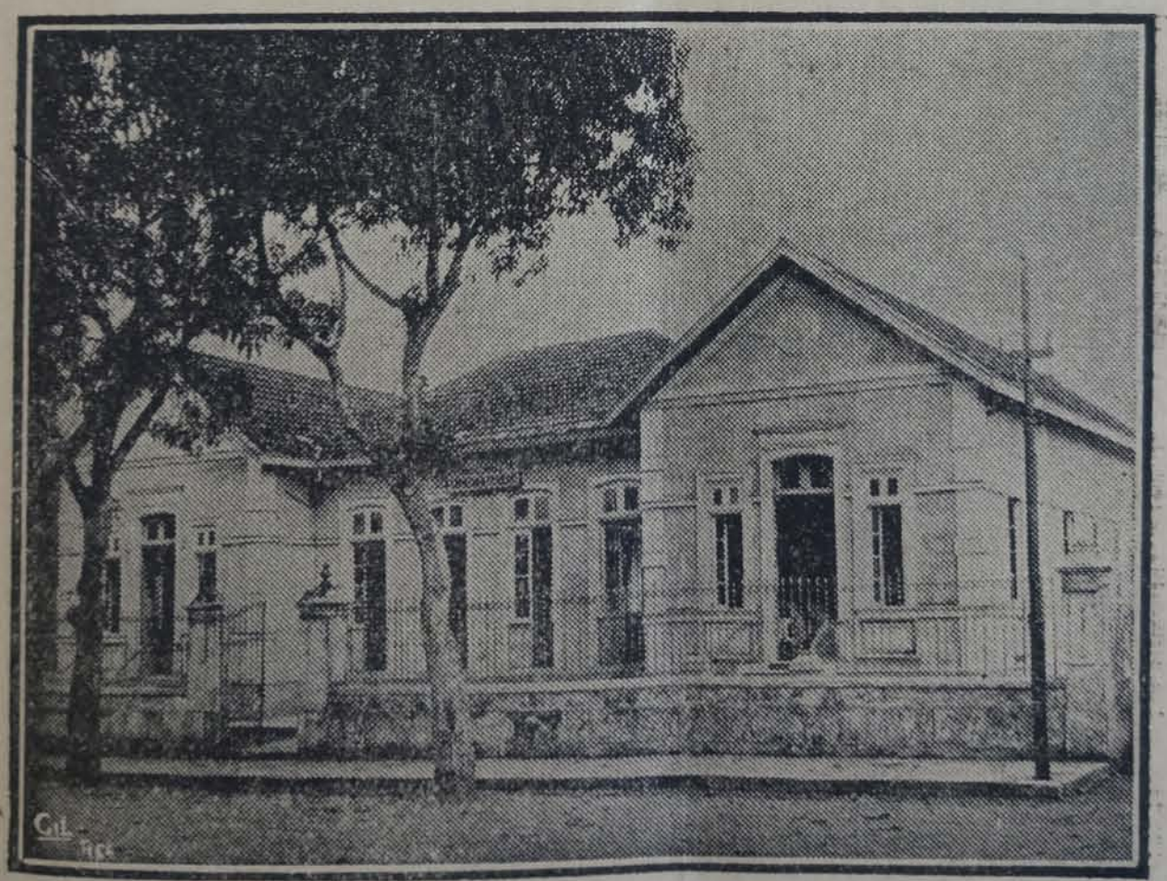
N.º	MUNICIPIOS	Numero de Esco.as	Matriculas	Frequencia
1	Manáos	158	7 989	4.630
2	Itacoatiara	16	707	486
3	Manacapurú	15	605	425
4	Parintins	8	484	300
5	Teffé	8	406	290
6	S. Gabriel	4	320	274
7	Humaythá	6	236	155
8	Porto Velho	3	203	147
9	Codajás	5	192	135
10	Silves	4	179	130
11	Maués	5	179	122
12	Borba	5	163	108
13	Urucará	2	163	94
14	Fonte-Bôa	4	156	105
15	Manicoré	3	140	89
16	S. Paulo de Olivença	4	134	103
17	Barreirinha	4	134	92
18	Coary	3	131	92
19	S. Felippe	3	107	84
20	Floriano Peixoto	3	102	67
21	Bôa Vista do Rio Branco	3	101	75
22	Labrea	3	98	82
23	Carauary	3	84	62
24	Benjamin Constant	2	70	44
25	Urucurituba	1	50	44
26	Barcellos	1	48	31
27	Urbanopolis	2	30	18
28	Moura	2	22	15
	Somma	280	13.233	8.299

Grupo Escolar "Gonçalves Dias" em 1928



Matricula 307 alumnos. Frequencia 159. Alumnos approvados 148

Grupo Escolar "Conego Azevedo" em 1928

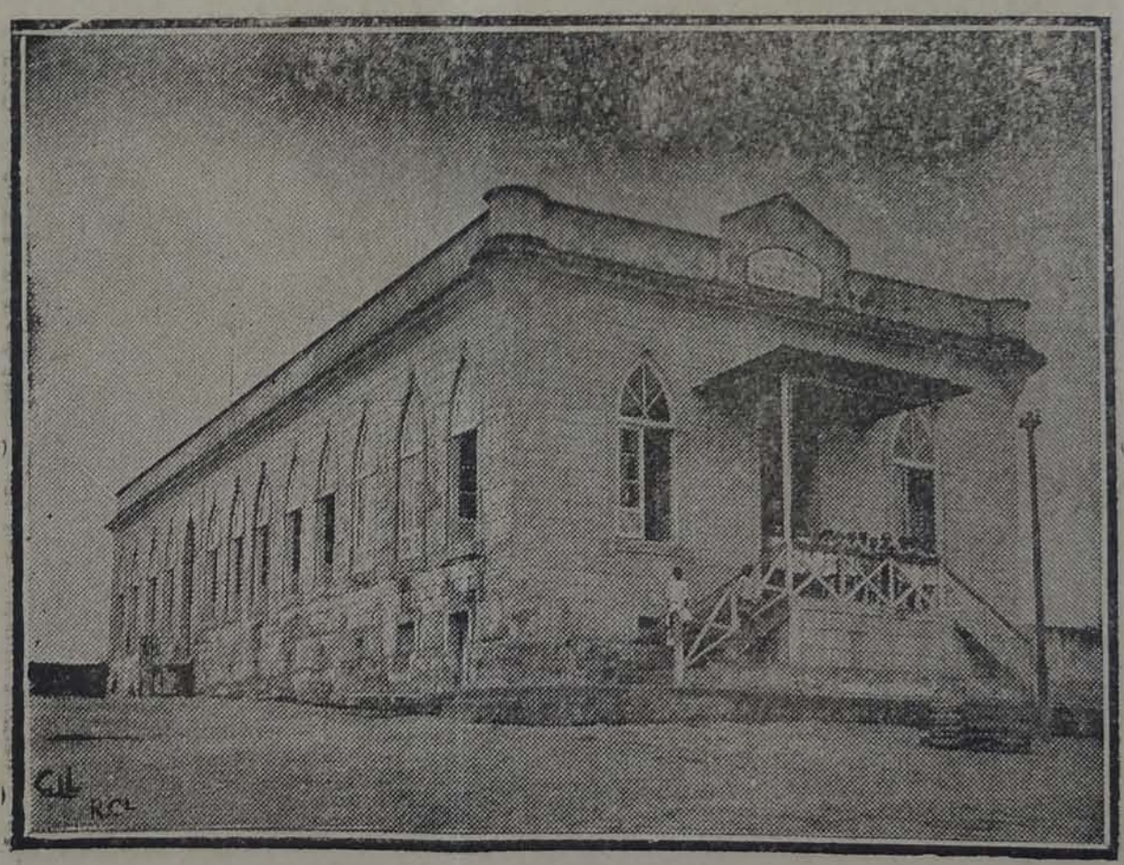


Matricula 310 alumnos. Frequencia 159. Alumnos approvados 110

Grupo Escolar "Marechal Hermes" em 1928

Matricula 406 alumnos. Frequencia 237. Alumnos approvados 169

Grupo Escolar "Machado de Assis" em 1928



Matricula 268 alumnos. Frequencia 137. Alumnos approvados 90

Matricula na Escola Normal, de 1925 a 1929

ANNOS	SERIES					
	1.a	2.a	3.a	4.a	5.a	Total
1925....	31	12	11	22	19	95
1926....	58	31	10	11	23	133
1927....	77	36	24	12	13	162
1928....	127	60	39	24	22	272
1929....	167	64	52	34	40	357

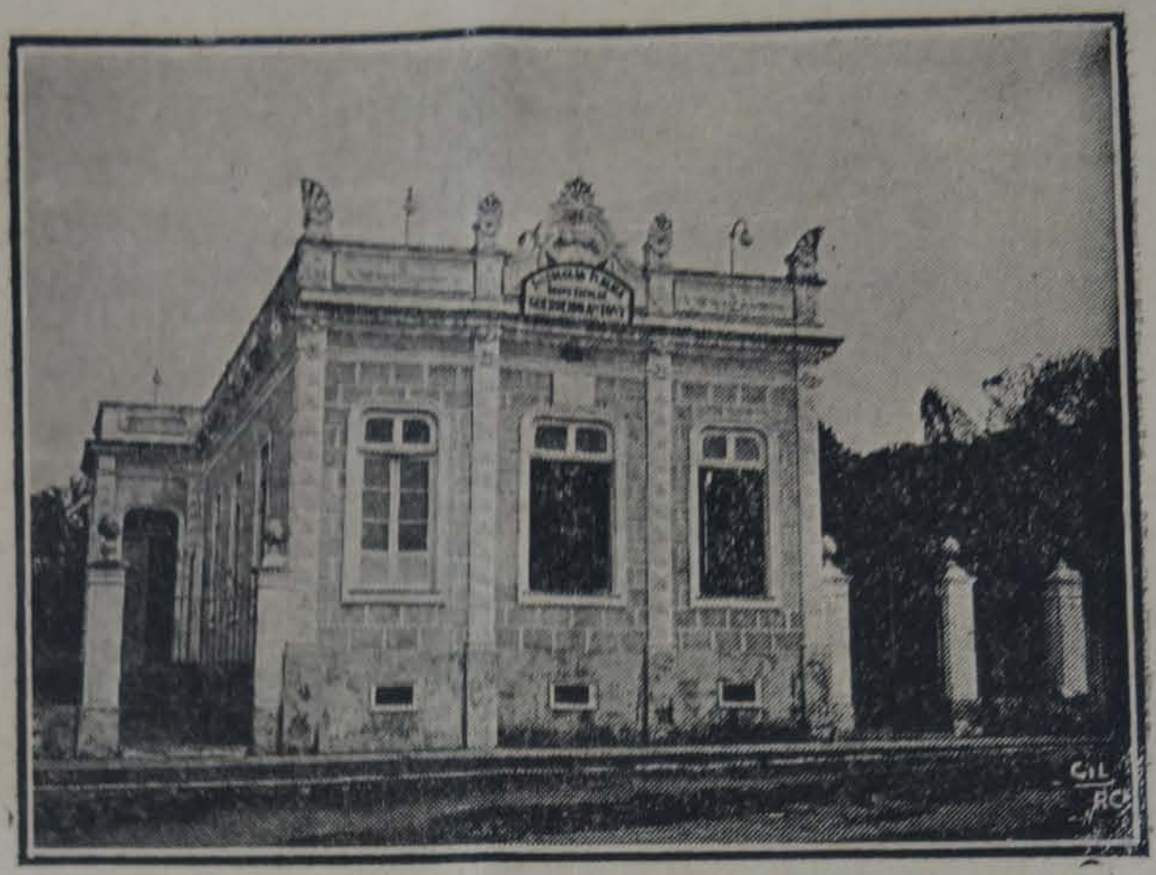
Matricula na Escola Modelo, de 1925 a 1929

ANNOS	SEXOS		
	Masculino	Femininos	Total
1925.....	15	88	103
1926	9	102	111
1927.....	10	149	159
1928.....	18	156	174
1929	29	213	242

A Escola Normal diplomou, de 1925 a 1929, 78 alumnos, sendo em:

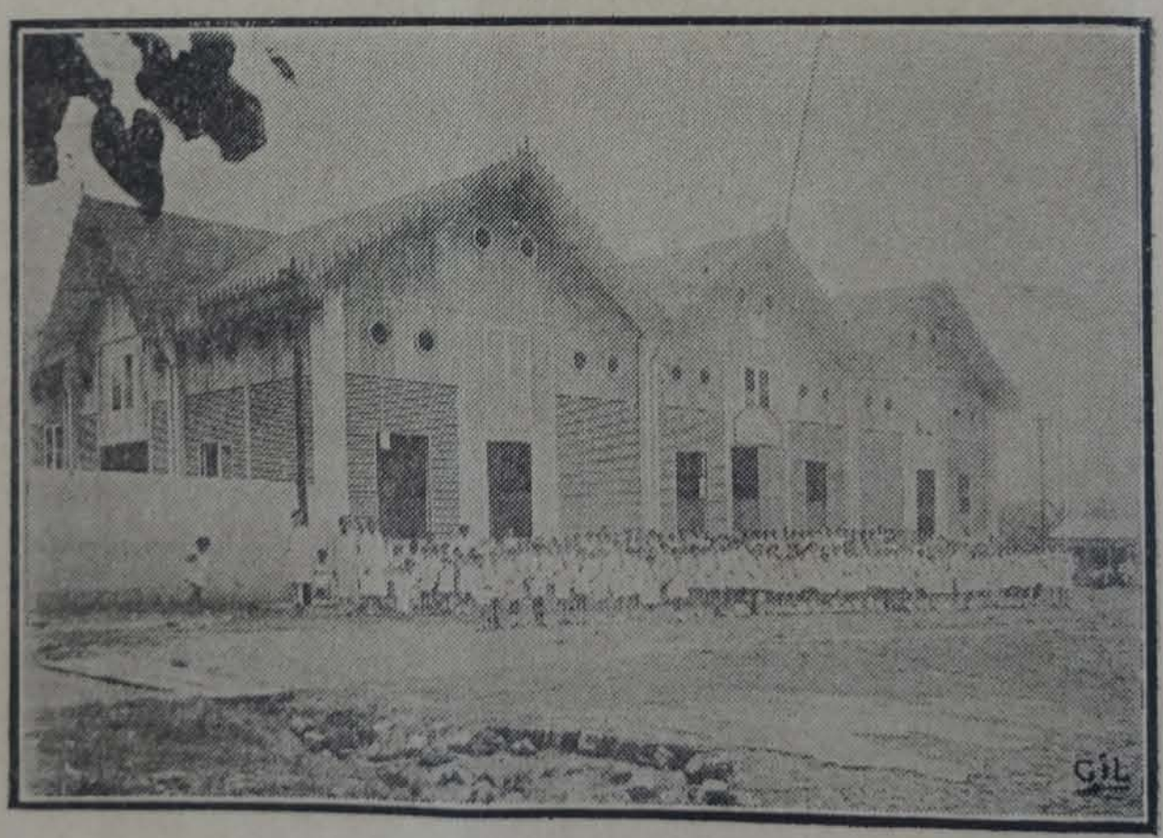
ANNOS	SEXOS		
	Masculinos	Femininos	TOTAL
1925.....	—	9	9
1926.....	2	16	18
1927.....	—	23	23
1928.....	—	11	11
1929.....	2	15	17

Grupo Escolar "Guerreiro Antony" em 1928



Matricula 203 alumnos. Frequencia 93. Alumnos approvados 86

Grupo Escolar "Olavo Bilac" em 1928

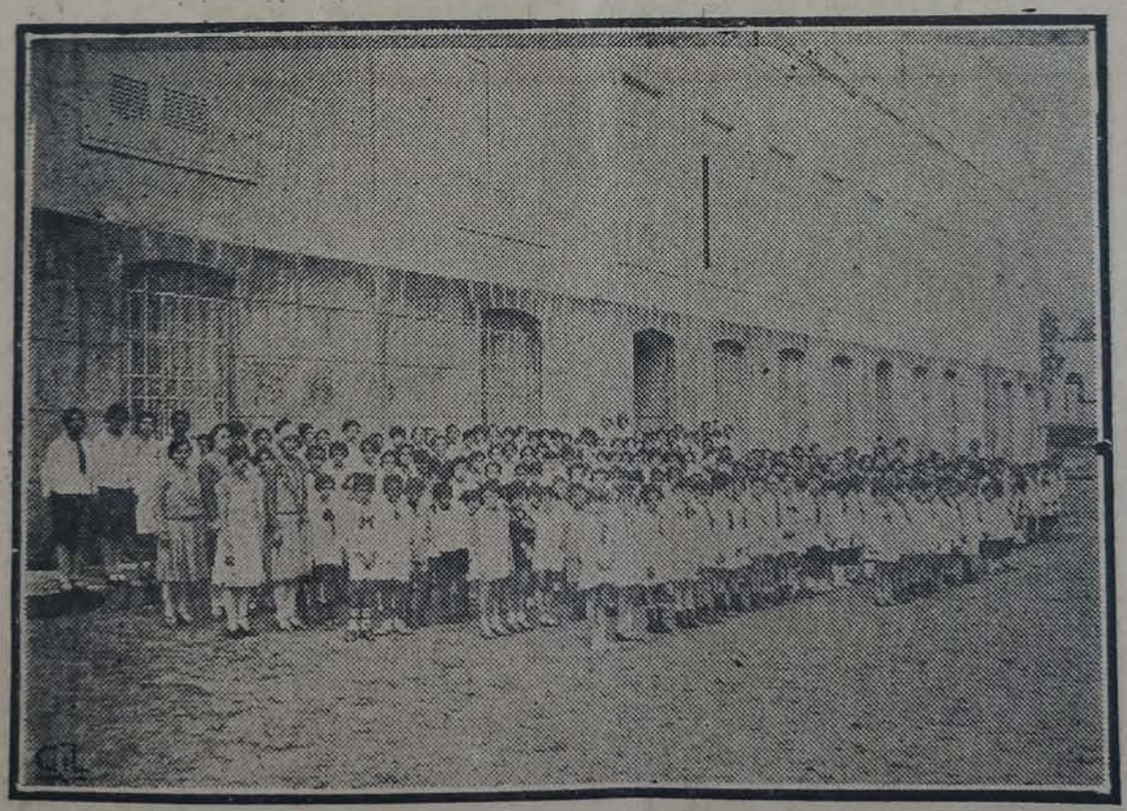


Matricula 406 alumnos. Frequencia 226. Alumnos approvados 105

Grupo Escolar "Antonio Bittencourt" em 1928

Matricula 407 alumnos. Frequencia 178. Alumnos approvados 187

Grupo Escolar "Barão do Rio Branco" em 192[illegible]



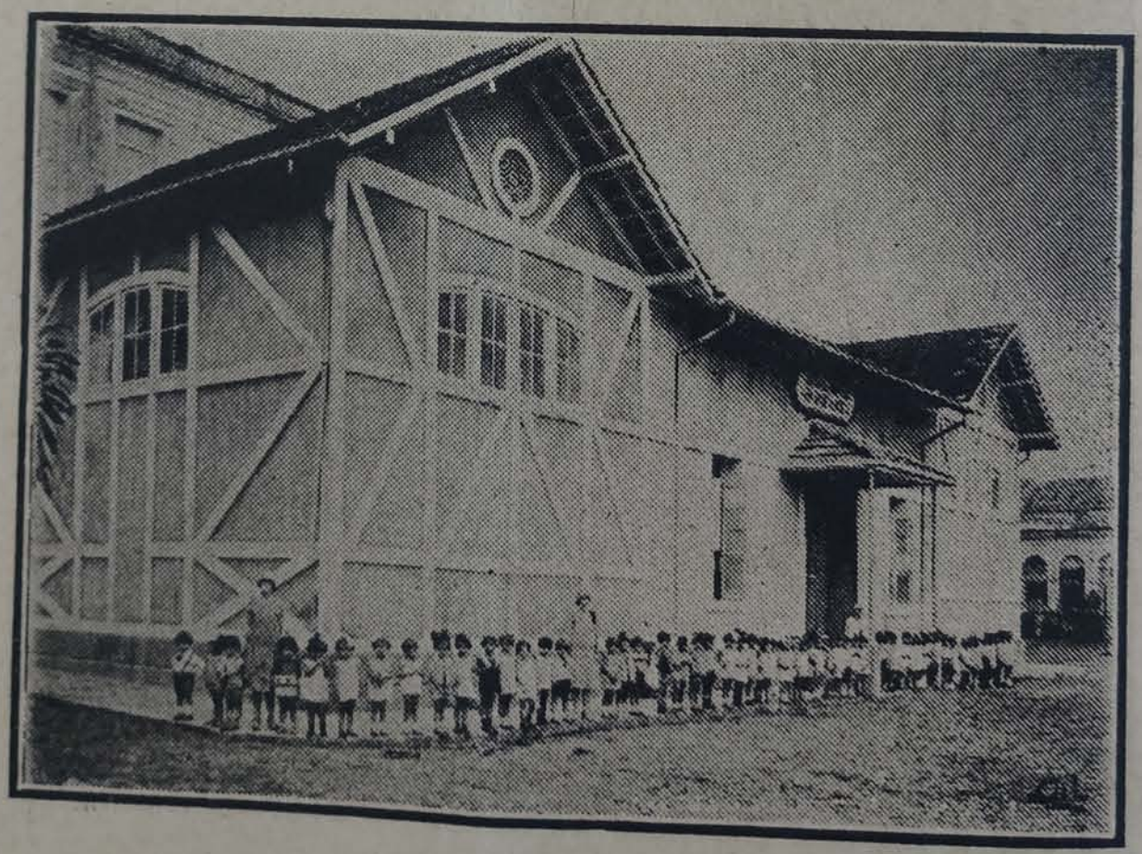
Matricula 424 alumnos. Frequencia 314. Alumnos approvados 23[illegible]

Grupo Escolar "Carvalho Leal" em 1928

Matricula 103 alumnos. Frequencia 68. Alumnos approvados 61

O Grupo do Instituto Benjamin Constant, em 1928, matriculou 156 alumnos. Frequencia 134. Alumnos approvados 100.

Jardim da Infancia "Visconde de Mauá"



Alem dos 14 grupos escolares da capital, mantem o Estado mais 10 escolas isoladas, que são: "Agnello Bittencourt", "Barão de Macahubas", "Carlos Pinho", "Carneiro Ribeiro", "Florêncio Peixoto", "Libania Ferreira", "Paulino de Britto" & "Rivadavia Corrêa", Joaquim Nabuco e "General Osório"

—A matricula nessas 10 escolas foi em 1928 de 619 alumnos, com uma frequencia de 312.

—Foram approvados 274 alumnos.